# LAMPIÃO, MARIA BONITA E O CANGAÇO

## SOB O OLHAR DOS LITERATOS NOS JORNAIS E REVISTAS

(CRÔNICAS, POESIAS, CRÍTICA LITERÁRIA, OPINIÕES)

Antônio Corrêa Sobrinho

## APRESENTAÇÃO

Jornais e revistas brasileiros, a respeito do CANGAÇO, o banditismo que imperou nos sertões nordestino, do final do século 19 até meados do século 20, capitaneado, nas décadas de 1920 e 1930, pelo mais célebre de todos os cangaceiros que já existiram, o pernambucano do vale do Pajeú, Virgulino Ferreira da Silva, o LAMPIÃO, e, lustrado romanticamente, digamos assim, pela cangaceira baiana, MARIA BONITA, companheira deste famanaz bandoleiro – trouxeram, em profusão, ao público leitor, não raro em grandes e sensacionais reportagens, notícias, informes e relatos das ocorrências relacionadas à este período de sofrimento e dor porque passaram as populações sertanejas.

Jornais e revistas que, concomitantemente, também divulgaram vasta literatura sobre este fenômeno social, mais das vezes pela pena de grandes escritores, na forma de crônicas, poesias, opiniões, crítica literária, entrevistas, etc.

Cangaço, onde história, literatura e outras expressões, andam juntas, de mãos dadas, simbioticamente ajustadas, formando um todo, de saberes, ideias, percepções, de interpretações, conceitos; cangaço que foi, de um certo ponto de vista, o último dos grandes "gritos" que se ouviu no Sertão.

Resolvi, neste 2019, transcurso de 100 anos que Lampião iniciou a sua ilíada de fugas, correrias, lutas e práticas criminosas, pelas terras áridas do Nordeste, resgatar, para os dias atuais, das páginas da nossa imprensa, alguns artigos, não meramente noticiosos, mas aqueles que trazem no âmago certa literatura, alguns dos quais de cunho eminentemente literário, versando justamente sobre cangaço, Lampião e Maria Bonita.

E sobre literatura, permitam-me esta divagação: Que as notícias dos fatos e acontecimentos produzidos por este banditismo, permaneçam nas páginas da imprensa, eis que não há nenhum prejuízo para elas, uma vez que foram e continuam sendo reproduzidas nas inúmeras obras a respeito deste fascinante tema.

Porém, quanto aos artigos literários, não posso concordar que fiquem sepultos, inertes, como a décadas estão, jazendo num esquecimento que dá pena; muitos dos quais, relíquias, ricos de substância e beleza, verdadeiros quadros produzidos com pinceis de sabedoria, de eloquência, e cores nascidas das palavras, quando harmônica e esteticamente arrumadas. Literatura. São construções quase que existências vivas, ávidas por interlocução, empatia, desejosas por motivar, ensinar - ainda que escritas ligeiramente, em artigos curtos, para leitura rápida, como as produzidas principalmente nos jornais. Não, deixarmos tais esquecidas como estão, desprestigia e desrespeita seus autores e priva as gerações futuras de valiosos conteúdos, elementos essenciais, constitutivos do conhecimento sobre o cangaço.

Uma outra coisa: A respeito destes textos, que ora apresento, esclareço que, no que diz respeito à fidelidade factual, a verdade dos fatos, eles não devem ser vistos de forma absoluta como algo essencialmente histórico, pois isto é próprio da história, enquanto narrativa das ocorrências passadas, a "ciência humana que estuda o desenvolvimento do homem no tempo", muito embora a literatura seja uma transmissora de conhecimento, de informação, e instrumento, mesmo, no processo de edificação e de formatação da própria história.

Não confundir, portanto, literatura e história.

Literatura é a grande reveladora de sentimentos e de emoções. É estilo, estética, ritmo, beleza textual, manuseio escorreito e fogoso da língua. Literatura, de fato, mais do que a histó-

ria e qualquer outra ciência, é quem verdadeiramente nos conduz ao interior de nós mesmos, às complexas e profundas dimensões da nossa mente, da nossa alma; é ela que nos faz perguntar, responder, duvidar; nos faz assistir mais de perto ao outro; enxergar o outro em nós, como se diante do espelho.

Sobre a literatura, esta magistral ferramenta da expressão humana, diz o escritor e jornalista José Castelo: "Vivemos imersos em um grande mar que chamamos de realidade, mas que a literatura desmascara isso – que não passa de ilusão. A realidade é apenas um pacto que fazemos entre nós para suportar o real. A realidade é norma, é contrato, é repetição, ela é o conhecido e o previsível. O real, ao contrário, é instabilidade, surpresa, desassossego. O real é o estranho. A literatura tem o poder de interrogar, interferir e desestabilizar a existência. É nas frestas do real, como uma erva daninha, que a literatura nasce. A literatura não é um divertimento; tampouco é um saber especializado. Ela é um instrumento, precário e sutil, de interrogar a vida. Desloca nossas certezas, transformando-as em incertezas. Em vez de nos oferecer respostas, nos faz novas perguntas – desagradáveis e perturbadoras."

Que os textos enfeixados neste e-book, compilação que fiz com gosto, elaborada com a pretensão única de trazer ao público dos nossos dias, um conjunto de expressões, pareceres e sentimentos, leve-nos pela empatia para mais perto de Maria Bonita e de Virgulino Lampião; faça-nos entender e compreender o cangaço, os seus símbolos, as suas representações, os seus significados – pelo olhar de grandes literatos, extraordinários pensadores, escritores de escol, romancistas consagrados, grandes cronistas, escritores que, em relação a esses seus trabalhos, foram lidos apenas por alguns leitores, quando da edição dos diários e periódicos; para, depois, serem degustados apenas por um ou outro frequentador de acervos.

Pelo olhar de um Rubem Braga, de um Graciliano Ramos, Coelho Neto, José Ferreira Lima, José Lins do Rego, Alceu Amoroso Lima, Austregésilo de Athayde, Tristão de Athayde, Aurélio Buarque de Holanda, José Ferreira Lima, Rachel de Queiroz, Antônio Callado, Roberto Lyra, João do Norte (Gustavo Barroso), Manuel Bastos Tigre, Cypriano Lage Hermeto Lima, Mucio Leão, Luís luna, Affonso Romano de Sant'Anna Costa Rego, Rangel Alves da Costa, Alberto Frederico Lins, Archimedes Marques, Leonardo Motta, Joel Silveira, Prado Ribeiro, João Ribeiro, Zozimo Lima, Humberto de Campos, Medeiros e Albuquerque, Robério dos Santos, Freire Ribeiro, Nelson Maia Machado, Afonso Arinos, João Ribeiro, e tantos outros, em pseudônimos, anônimos.

São mais de trezentas composições, 551 páginas, extraídas dos mais importantes jornais e revistas do país, todas por mim digitalizadas, com tão somente a necessária atualização ortográfica, distribuídas em ordem cronológica de publicação, desde 1925, conforme Sumário a seguir, com seus respectivos títulos, nomes dos autores, dos jornais e revistas, e datas em que vieram à luz.

Encerro, informando que a parte maior do material desta coleção colhi na hemeroteca digital da Biblioteca Nacional, e o restante, nos acervos virtuais dos jornais *Folha de S. Paulo*, *O Globo* e o *Estado de S. Paulo*, além dos jornais sergipanos disponibilizados no site da Universidade Federal de Sergipe (UFS).

Um obrigado especial ao meu filho Thiago Correa, pelo tanto que me ajudou nesta construção.

Antônio Corrêa Sobrinho

**SUMÁRIO**

O DRAMA DO OUTRO BRASIL – *A.B.C.* (RJ) - 20.06.1925..... 22

O LOGRO (Carlos Mota) – *Vida Policial* (RJ) - 18.07.1925.....23

"LAMPIÃO" QUE SE APAGA – *O Paiz* (RJ) - 24.10.1925.....24

CANGACEIROS (Esmarado de Freitas) – *A Manhã* (RJ) - 21.02.1926.....25

LAMPIÃO (Zé da Selva) – *A Imprensa* (PI) - 25.02.1926.....29

É O PRÍNCIPE DOS CANGACEIROS (RJ) – *Gazeta de Notícias* (RJ) - 04.04.1926.....30

ESTRANHA CONFRATERNIZAÇÃO – *Correio da Manhã* (RJ) - 06.04.1926.....31

UM BANDIDO GLORIFICADO – *O Jornal* (RJ) - 06.04.1926.....32

SILVINO E LAMPIÃO (Gonçalo Jorge) – *Jornal do Brasil* (RJ) - 07.04.1926.....33

SALVE! BANDIDOS! – *O Jornal* (RJ) - 07.04.1926.....34

LAMPIÃO – O FACÍNORA – *Vida Policial* (RJ) - 10.04.1926.....35

OS LAMPIÕES DE CÁ... – *O Paiz* (RJ) - 10.04.1926.....36

A REPRESENTAÇÃO DO CANGAÇO – *Correio da Manhã* (RJ) - 17.04.1926.....37

O NORDESTE E O CANGAÇO – *Gazeta de Notícias* (RJ) - 18.04.1926.....39

DE MONÓCULO – *Rua-Nova* (PE) - 08.05.1926.....41

DAS TERRAS DO NORDESTE – *Rua-Nova* (PE) - 15.05.1926.....41

O CASO DE LAMPIÃO – *Fon Fon* (RJ) - 15.05.1926.....44

UM SÍMBOLO (Mario Rodrigues) – *A Manhã* (RJ) - 25.05.1926.....45

O SR. LUZARDO NA CÂMARA – *Correio da Manhã* (RJ) - 26.05.1926.....46

ANIMADOS OS DEBATES DE ONTEM NA CÂMARA FEDERAL
– LAMPIÃO FOI AINDA O ASSUNTO PRINCIPAL DAS DISCUSSÕES
– *Correio da Manhã* (RJ) - 28.05.1926.....48

IMITADORES (Antônio) – *O Farol* (MG) - 01.06.1926.....51

GATOS POR LEBRES – *Gazeta de Notícias* (RJ) - 27.06.1926.....51

FÁBRICA DE CANGACEIROS (João do Norte) – *Folha de S. Paulo* (SP) - 21.07.1926.....52

O LAMPIÃO (José Ferreira Lima) – *O Sacy* (SP) - 23.07.1926.....54

LAMPIÃO, O MAIS ALTO PROBLEMA NACIONAL – *O Social* (RJ) - 30.07.1926 .....63

POLÍCIAS MALDITAS (João do Norte) – *Folha de S. Paulo* - 12.08.1926.....64

PAROXISMO PARTIDÁRIO (Assis Chateaubriand) – *O Jornal* (RJ) - 19.08.1926.....67

LAMPIÃO E OS JORNAIS DE RECIFE – *O Imparcial* (RJ) - 25.08.1926.....68

UMA OPORTUNA ENTREVISTA – *A Imprensa* (CE) - 08.09.1926.....70

CARTAS DE LAMPIÃO – *A Província* (PE) - 23.09.1926.....72

A CONSAGRAÇÃO DO BANDIDO – *O Imparcial* (RJ) - 24.09.1926.....74

MÍSTICOS E BANDIDOS – *A Gazeta* (SP) - 25.09.1926.....74

MAGIAS AQUI E ACOLÁ – *O Imparcial* (RJ) - 30.09.1926.....75

DUAS SÍNTESES (Jarbas Peixoto) – *Fon Fon* (RJ) - 02.10.1926.....76

A CULPA É DELES... – *Folha de S. Paulo* - 02.01.1927.....77

SE LAMPIÃO ENTRASSE EM FEIJOAL... (Pedro Afonso)
– *A Província* (PE) - 07.01.1927..... 78

HERÓIS-BANDIDOS (Coelho Neto) – *A Federação* (RS) - 31.01.1927.....81

O CASO DE LAMPIÃO E O CEARÁ – Revista *Fon Fon* (RJ) - 1927.....83

LAMPIÃO – *Folha de S. Paulo* (SP) - 10.02.1927.....84

*LAMPIÃO*, de Erico de Almeida (João Ribeiro) – *Jornal do Brasil* (RJ) - 15.03.1927..... 85

DELENDA LAMPIÃO! – *A.B.C.* (RJ) - 26.03.1927.....86

POLÍCIA DE BANDIDOS (João do Norte) – *Folha de S. Paulo* (SP) - 27.03.1927.....87

GESTO MÁSCULO – *O Imparcial* (RJ) - 06.04.1927.....88

SERÁ VERDADE? – *O Imparcial* (RJ) - 10.04.1927.....89

LAMPIÃO – *O Imparcial* (RJ) - 27.04.1927.....90

UM CREPÚSCULO (Rubens Damasceno) – *Folha do Povo* (PR) - 14.05.1927.....90

SUA MAJESTADE LAMPIÃO I – *Jornal do Brasil* (RJ) - 21.05.1927.....92

LAMPIÃO E O SEU BANDO – *O Imparcial* (RJ) - 12.06.1927.....93

O DESTINO DE LAMPIÃO (Gonçalo Jorge) – *Jornal do Brasil* (RJ) - 16.06.1927.....94

LAMPIÃO – *A Gazeta* (SP) - 18.06.1927.....95

A POLÍTICA DE BRAÇOS DADOS COM O CANGACEIRISMO
– *A.B.C.* (RJ) - 25.06.1927..... 96

O FENÔMENO LAMPIÃO – *O Imparcial* (RJ) - 26.06.1927.....97

DA MESMA POLPA – *O Paiz* (RJ) - 26.06.1927.....98

O SÍTIO DE LAMPIÃO – *O Combate* (BA) - 28.06.1927.....99

UM GRANDE GENERAL (Gonçalo Jorge) – *Jornal do Brasil* (RJ) - 29.06.1927.....100

O CANGAÇO INVENCÍVEL! – *O Combate* (BA) - 30.06.1927.....101

A RESERVA DE BANDIDOS – *O Imparcial* (RJ) - 30.06.1927.....102

A REAÇÃO DA VERGONHA – *A.B.C.* (RJ) - 02.07.1927.....102

LAMPIÃO – *O Imparcial* (RJ) - 06.07.1927.....103

*ULTIMA RATIO* (João Rialto) – *Careta* (RJ) - 16.07.1927.....104

EVOLUÇÃO DO CANGACISMO – *Diário de Pernambuco* (PE) - 19.07.1927.....106

TROVAS – *Careta* (RJ) - 1927 a 1938.....106

A ESMO (Rosalina Coelho Lisboa) – *Jornal do Brasil* (RJ) - 21.07.1927.....107

CAUTELA, MENINAS!... – *Folha de S. Paulo* (SP) - 21.07.1927..... 108

OS AUTORES DO CANGAÇO – *O Combate* (BA) - 25.07.1927.....109

LAMPIÃO ENTRE REFLETORES – *Braz Cubas* (RJ) - 30.07.1927.....110

LAMPIÃO, HERÓI DA LEGALIDADE (Chico Lapada) – *A Rua* (RJ) - 17.08.1927.....111

OS LAMPIÕES (Hermeto Lima) – *Jornal do Brasil* (RJ) - 21.08.1927.....115

*LAMPIÃO SANGUINÁRIO – Para Todos* (RJ) - 27.08.1927.....117

ENTRE MATAR E REGENERAR – *A Reforma* (AC) - 18.09.1927.....117

QUAL O RESPONSÁVEL PELO CANGAÇO? (Santelmo de Barros)
– *Diário da Tarde* (PR) - 24.10.1927.....119

VERSO, PORÉM VERDADE – *O Combate* (BA) - 23.11.1927.....120

EVITEMOS COMPARAÇÕES – *O Imparcial* (RJ) - 01.12.1927.....120

PIOR QUE LAMPIÃO – *Fon Fon* (RJ) - 1927.....121

O IMPÉRIO DE LAMPIÃO (Cícero Virgulino Romão) – *A Esquerda* (CE) - 15.02.1928.....122

O PRIMEIRO LAMPIÃO (João do Norte) – *A Esquerda* (CE) - 03.03.1928.....123

UMA REVELAÇÃO (Tristão de Athayde analisa *A Bagaceira*,
de José Américo de Almeida) – *O Jornal* (RJ) - 18.03.1928.....125

DO SERTÃO – *Diário de Pernambuco* (PE) - 20.03.1928.....130

QUEM FAZ ANOS HOJE? (Leonardo Motta) – *O Ceará* (CE) - Março de 1928.....132

LAMPIÃO PASSA FOME (Mucio Leão) – *Jornal do Brasil* (RJ) - 22.03.1928.....133

BANDITISMO – *A Esquerda* (CE) - 25.04.1928.....134

QUER CARINHO (Agapito Bicudo) – *O Paiz* (RJ) - 31.08.1928.....135

CANGACEIROS DE FARDA (João do Norte) – *Correio da Manhã* (RJ) - 07.09.1928.....136

MANIA QUE LEVA À MORTE – *República* (SC) - 11.09.192.....139

OS CANGACEIROS DO NORDESTE – *O Rebate* (AC) - 04.11.1928.....140

A MORTE DO CANGAÇO EM PERNAMBUCO (Ribeiro Couto)
– *Jornal do Brasil* (RJ) - 17.11.1928.....142

LAMPIÃO (M. Paulo Filho) – *Correio da Manhã* (RJ) - 11.01.1929.....144

SANEAMENTO SOCIAL – *A Gazeta* (SP) - 11.07.1929.....146

LAMPIÃO, NO NORDESTE (Prado Ribeiro) – *Correio da Manhã* (RJ) - 25.07.1929.....147

RABISCANDO – *O Combate* (MA) - 30.08.1929.....148

RAINHA LUZIA – *O Que Há* (RJ) - 05.09.1929.....149

A TRAMA FACINOROSA – *Tacape* (PE) - Setembro de 1929.....150

LAMPIÃO EM CAPELA (Zozimo Lima) – *Correio de Aracaju* (SE) - 29.11.29.....151

O CANGAÇO DE LAMPIÃO – *A Gazeta* (SP) - 06.12.1929.....154

LAMPIÃO – *Diário de Pernambuco* (PE) - 24.12.1929.....155

A GLÓRIA DE LAMPIÃO – *A Gazeta* (SP) - 24.12.1929.....157

PADRE CÍCERO E O BANDITISMO DO NORDESTE (Anderson Magalhães)
– *A República* (PR) - 24.01.1930.....158

"O CANGAÇO É UM PROBLEMA SOCIAL E NÃO UM CASO DE POLÍCIA"
– *Correio da Manhã* (RJ) - 26.01.1930.....160

TODAS AS MANHÃS – *Correio Paulistano* (SP) - 01.02.1930..... 162

O GOVERNO E O "LAMPIÃO" (Milanes Filho)
– *Estado do Rio Grande* (RS) - 05.02.1930.....162

PRA TIRAR RAÇA – *Vida Capixaba* (ES) - 13.02.1930.....163

O NOVO ALIADO – *Crítica* (RJ) - 02.04.1930.....165

LAMPIÃO É MELHOR... – *O Combate* (MA) - 05.05.1930.....166

LAMPIÃO, O FORTE!... – *O Imparcial* (MA) - 06.06.1930.....167

ORIENTAÇÃO E PRÁTICA DA POLÍCIA NA BAHIA
– *Correio Paulistano* (SP) - 23.07.1930.....168

VIVO SIM. MORTO É QUE NÃO (Antônio Vasconcelos)
– *O Imparcial* (MA) - 29.08.1930.....169

À CAÇA DO LAMPIÃO – *A Gazeta* (SP) - 03.09.1930.....170

O INVENCÍVEL BANDIDO DO NORDESTE – *O Imparcial* (MA) - 04.09.1930.....171

QUEM ESCREVEU A PATENTE DE LAMPIÃO (Leonardo Motta)
– *Vida Capixaba* (ES) - 1930.....174

LAMPIÃO É UM SÍMBOLO – *A Gazeta* (SP) - 20.03.1931.....176

LAMPIÃO (Nagaika) – *Careta* (RJ) - 23.05.1931.....178

ENVERGONHEMO-NOS (Sandoval Ornelas) – *A Imprensa* (CE) - 24.05.1931.....178

O FLAGELO DO NORTE – *A Imprensa* (CE) - 28.05.1931.....179

LAMPIÕES – *República* (SC) - 17.06.1931.....180

COMO CAPTURAR LAMPIÃO? (Seth) – *A Noite* (RJ) - 22.06.1931.....181

LAMPIÃO (Dr. Sá Pinto) – *República* (SC) - 25.06.1931.....182

LAMPIÃO CONTINUA ATERRORIZANDO (Zozimo Lima)
– *A Tribuna* (SE) - 07.07.1931.....183

POEMAS DE VOCÊ (Eneida) – *O Município* (AC) - 19.07.1931.....184

NOTAS DE UM DIARISTA (Humberto de Campos) – *A Esquerda* (RJ) - 04.08.1931.....189

MACHIAVEL BRONCO... – *A Esquerda* (RJ) - 04.08.1931.....189

GRANDE CONFUSÃO – *Monitor Mineiro* (MG) - 18.10.1931.....189

NO ESCURO... (Vargas Neto) – *A Federação* (RS) - 22.10.1931.....190

O RECORDE DA MALVADEZ (Odilon Fernandes) – *República* (SC) - 19.05.1932.....191

A CABEÇA DE LAMPIÃO – *República* (SC) - 28.07.1932.....191

CANGACEIROS PARA COMBATER CANGACEIROS (E. M. Rosa Ribeiro)
– *Excelsior* (RJ) - Agosto de 1932.....193

LAMPIÃO, O BANDIDO DE ÓCULOS, TERROR MÁXIMO DOS SERTÕES NORDESTINOS – *Correio de S. Paulo* (SP) - 12.08.1933.....195

AREIA E SILÊNCIO (Humberto de Campos) – *O Combate* (MA) - 10.11.1933.....197

OS COITEIROS E O CANGAÇO (José Mendonça)
– *Lavoura e Commercio* (MG) - 13.02.1934.....198

UMA EXCURSÃO A ANÁPOLIS – *O Estado de Sergipe* (SE) - 25.05.1934.....201

O BANDITISMO NO NORDESTE (José Firmo) – *O Operário* (MG) - 30.06.1934.....203

*OS BRUTOS*, romance de Wanderley (Antônio P. Nunes)
– *Correio Paulistano* (SP) - 04.08.1934.....204

CANGAÇO (Rubem Braga) – *Diário de Pernambuco* (PE) - 02.02.1935.....206

VERGONHA NACIONAL – *Jornal do Commercio* (MT) - 17.02.1935.....207

LAMPIÃO, "CAFÉ PEQUENO" – *Jornal do Commercio* (MT) - 14.03.1935.....208

O FIM DE LAMPIÃO – *Correio Paulistano* (SP) - 14.06.1935.....209

LAMPIÃO DIRIGE-SE A ITARARÉ – *A Manhã* (RJ) - 09.08.1935.....209

LAMPIÃO E O CANGAÇO, NO CONCEITO DO SR. LUIZ CARLOS PRESTES
– *Jornal do Commercio* (MT) - 18.08.1935.....210

DE RELANCE (Ataualpa) – *Correio Paulistano* (SP) - 25.08.1935.....211

LAMPIÃO TEM RÁDIO... – *Excelsior* (RJ) - Novembro de 1935.....212

LAMPIÃO E PRESTES (R. Barros) – *Correio de S. Paulo* (SP) - 12.12.1935.....213

CANGACEIROS NUMA TERRA SEM JUSTIÇA
– *A Federação* (RS) - 15.04.1936.....215

LAMPIÃO – *A Federação* (RS) - 27.05.1936.....216

HERÓI OU BANDIDO? (Nelson Maia Machado) – *República* (SC) - 20.08.1936.....217

APREENSÃO DO FILME – *Correio Paulistano* (SP) - 06.04.1937.....219

SUA EXCELÊNCIA O GOVERNADOR LAMPIÃO
– *Correio Paulistano* (SP) - 21.04.1937.....220

UM ESTADO EXPERIMENTAL – *Careta* (RJ) - 01.05.1937.....221

UMA ENTREVISTA COM LAMPIÃO (Jean-Gerard Fleury)
– *O Imparcial* (MA) - 17.11.1937.....222

O OLHO DIREITO DE LAMPIÃO (Piá dos Campos)
– *Diário da Tarde* (RJ) - 11.01.1938.....225

LAMPIÃO (Benjamim Costallat) – *Jornal do Brasil* (RJ) - 12.01.1938.....226

LAMPIÃO MORTO; LAMPIÃO POSTO (Austregésilo de Athayde)
– *Diário da Noite* (RJ) - 12.01.1938.....227

MORREU LAMPIÃO!!! (Martins de Andrade) – *A Notícia* (SC) - 13.01.1938.....228

MAIS UM GENERAL QUE MORRE NA CAMA – *A Gazeta* (SC) - 15.01.1938.....229

LAMPIÃO NÃO MORREU... (Juca Trombone) – *O Fluminense* (RJ) - 16.01.1938.....230

CARTAS CARIOCAS – *Correio Paulistano* (SP) - 16.01.1938.....231

LAMPIÃO FELIZ... (Eloy de Montalvão) – *O Dia* (PR) - 16.01.1938.....233

LAMPIÃO DO MEU DESTINO (O. Pombo) – *Correio do Paraná* (PR) - 22.02.1938.....234

O SR. LAMPIÃO – *O Ibiraci* (MG) - 29.05.1938.....235

LAMPIÃO (Ulysses Lins de Albuquerque) – *O Malho* (RJ) - 28.07.1938.....236

ESTRELA QUE SE FOI... (Namyro) – *Sergipe-Jornal* (SE) - 30.07.38.....237

LAMPIÃO MORREU, MAS O CANGAÇO SOBREVIVE
– *O Imparcial* (RJ) - 30.07.1938.....238

APAGOU-SE O LAMPIÃO (Bastos Tigre) – *Correio da Manhã* (RJ) - 31.07.1938.....238

A MORTE DE LAMPIÃO – *O Imparcial* (RJ) - 31.07.1938.....241

BANDITISMO (Fernando Silveira) – *Gazeta de Notícias* (RJ) - 31.07.1938.....241

A MORTE DE LAMPIÃO (João da Gávea) – *Correio Paulistano* (SP) - 31.07.1938.....242

A SEGURANÇA DOS SERTÕES – *O Jornal* (RJ) - 31.07.1938.....243

TROFÉUS SOMBRIOS... (Nelson de Souza Carneiro)
– *Jornal do Brasil* (RJ) - 31.07.1938.....245

MARIA BONITA – *A Noite* (RJ) - 31.07.1938.....246

O TERRÍVEL CENÁRIO (Benjamim Costallat) – *Jornal do Brasil* (RJ) - 31.07.1938.....248

CARTAZ (Astolfo Serra) – *O Imparcial* (MA) - 02.08.1938.....248

"QUE FARIA VOCÊ DE LAMPIÃO?" – *Diário da Noite* (RJ) - 03.08.1938.....250

A INVULNERABILIDADE E BRAVURA DE LAMPIÃO E SEUS ASSECLAS
– *O Nordeste* (SE) - 03.08.1938.....252

OS HERÓIS – *O Imparcial* (RJ) - 03.08.1938.....254

SENTIMENTALISMO MÓRBIDO (Américo Palha)
– *Diário Carioca* (RJ) - 04.08.1938.....254

NO CERNE DA NACIONALIDADE (Nascimento Moraes)
– *O Imparcial* (MA) - 04.08.1938.....256

COMENTÁRIO (Sergio D. T. de Macedo) – *Gazeta de Notícias* (RJ) - 04.08.1938.....256

A ENDEMIA DO CANGAÇO (Assis Chateaubriand) – *O Jornal* (RJ) - 05.08.1938.....257

LAMPIÃO (Eloy de Montalvão) – *O Dia* (PR) - 05.08.1938.....259

LAMPIÃO, LAMPARINA E OUTROS LUMINARES (Astor Vianna)
– *Jornal de Lafayette* (MG) - 06.08.1938.....260

LAMPIÃO – *Revista da Semana* (RJ) - 06.08.1938.....261

LAMPIÃO, QUALQUER QUE FOSSE O MEIO EM QUE VIVESSE,
SERIA UM GRANDE DELINQUENTE (Moniz Sodré)
– *Correio da Manhã* (RJ) - 06.08.1938.....263

LAMPIÃO APAGOU-SE – *O Clarim* (SE) - 07.08.1938.....265

O CASAL DA SEMANA (A. C. Callado) – *Correio da Manhã* (RJ) - 07.08.1938.....266

LAMPIÃO DEGOLADO (Celso Vieira) – *A Noite* (RJ) - 05.08.1938.....268

UM TEMA BRASILEIRO (Afonso Arinos de Melo Franco)
– *O Jornal* (RJ) - 07.08.1938.....270

A PROPÓSITO DE LAMPIÃO (Galeão Coutinho)
– *Correio Paulistano* (SP) - 07.08.1938.....272

OS DOIS TIPOS (Costa Rego) – *Correio da Manhã* (SE) - 08.08.1938.....274

O AMOR INFELIZ DE MARIA BONITA (Freire Ribeiro)
– *Correio de Aracaju* (SE) - 08.08.1938.....276

CANGAÇO E CANGACEIROS (Pe. Assis Memória)
– *Jornal do Brasil* (RJ) - 09.08.1938.....277

UM MÉDICO LEGISTA DIFERENTE (João da Gávea)
– *Correio Paulistano* (SP) - 09.08.1938.....278

LAMPIÕES... APAGADOS! (Lelis Vieira) – *Correio Paulistano* (SP) - 09.08.1938.....280

CIVILIZAÇÃO, BANDITISMO E CRIMINALIDADE (Beni Carvalho)
– *Jornal do Brasil* (RJ) - 10.08.1938.....281

A CABEÇA DE LAMPIÃO (Oto Prazeres) – *Jornal do Brasil* (RJ) - 10.08.1938.....283

MARIA BONITA (Raquel Prado) – *Jornal do Brasil* (RJ) - 10.08.1938.....284

LAMPIÃO (Osmar R. da Silva) – *A Notícia* (SC) - 10.08.1938.....286

BASTA! – *Correio da Manhã* (RJ) - 11.08.1938.....287

QUERO VER A CABEÇA! (Alexandre da Costa) – *A Notícia* (SC) - 12.08.1938.....288

A HISTÓRIA DE MARIA BONITA (Rachel de Queiroz)
– *Pacotilha* (MA) - 13.08.1938.....289

LAMPIÃO E O ABC – *Revista da Semana* (RJ) - 13.08.1938.....290

MARIA BONITA E OUTROS PEDACINHOS (Paulo Gustavo)
– *Jornal do Brasil* (RJ) - 14.08.1938.....293

OUTROS LAMPIÕES VIRÃO... (Pontes de Moraes)
– *O Momento* (RS) - 15.08.1938.....294

MARIA BONITA (Cypriano Lage) – *A Noite* (RJ) - 16.08.1938.....295

CABEÇAS E MAIS CABEÇAS (Fontes de Moraes)
– *Correio do Paraná* (PR) - 17.08.1938.....296

OS "LAMPIÕES" (Armando Gonçalves) – *O Fluminense* (RJ) - 18.08.1938.....297

O AMOR DE MARIA BONITA (Roberto Lyra)
– *Revista de Semana* (RJ) - 20.08.1938.....299

A CABEÇA DE LAMPIÃO – *Jornal da Manhã* (SE) - 26.08.1938.....301

LAMPIÕES DE GRAVATA (L. Campos Sobrinho) – *Sergipe-Jornal* (SE) - 27.08.38.....302

LAMPIÕES E CORISCOS (Morel) – *Sergipe-Jornal* (SE) - 27.08.1938.....303

EPITÁFIO (João Rialto) – *Careta* (RJ) - 27.08.1938.....304

REVERBÉRIOS (Raul de Oliveira) – *Pacotilha* (MA) - Agosto de 1938.....305

LAMPIÃO (Mário Cabral) – *Sergipe-Jornal* (SE) - 29.08.1938.....306

APAGA-SE O PRIMEIRO LAMPIÃO (Osvaldo da Silveira)
– *O Imparcial* (RJ) - 31.08.1938.....307

MARIA BONITA – *Correio Paulistano* (SP) - 03.09.38.....308

LAMPIÃO APAGADO – *Careta* (RJ) - 10.09.1938.....309

MARIA BONITA (Eloy de Montalvão) – *O Dia* (PR) - 11.09.1938.....310

CANGACEIROS E "COITEIROS" (Bastos Tigre) – *Excelsior* (RJ) - 15.09.1938.....312

A CABEÇA DO MORTO! (Mota Filho) – *Diário de Notícias* (RJ) - 18.09.1938.....315

FOLCLORE (Gondim Fonseca) – *Correio da Manhã* (RJ) - 07.10.1938.....317

O VENCEDOR DE LAMPIÃO – *O Imparcial* (RJ) - 08.10.1938.....319

O QUE SE ESCREVEU SOBRE LAMPIÃO (Alvarus de Oliveira)
– *Sergipe-Jornal* (SE) - 15.10.1938.....319

CABEÇAS (Graciliano Ramos) – *Correio de Aracaju* (SE) - 24.10.1938.....321

MARIA BONITA (Ângelo Cibela) – *Correio de Aracaju* (SE) - 27.10.1938.....322

A GESTA DE LAMPIÃO (Leonardo Mota) – *A Noite* (RJ) - 30.10.1938.....323

O CANGAÇO EM DELÍQUIO – *Correio Paulistano* (SP) - 16.11.1938.....329

TRISTE FIM... (Ricardo Pinto) – *Diário de Notícias* (RJ) - 04.12.1938.....330

LAMPIÃO, O REI DO CANGAÇO (Carlos de Mecejana)
– *Revista da Semana* (RJ) - Julho de 1939.....331

ERA O FIM! – *A Noite* (RJ) - 28.07.1939.....340

BANDITISMO NORDESTINO – *Correio da Manhã* (RJ) - 29.11.1940.....341

CRÔNICA DA VIDA (Garcia Junior) – *Diário de Pernambuco* (PE) - 15.12.1940.....342

MARIA BONITA E A POESIA DO SERTÃO – *A Noite* (RJ) - 14.01.1941.....345

AS AVENTURAS DE UM CANGACEIRO (João do Mundo)
– *Gazeta de Notícias* (RJ) - 28.02.1941.....350

HISTÓRIA PARA SER ESQUECIDA (L. Teixeira de Castro)
– *O Imparcial* (RJ) - 07.05.1941.....352

*BANDOLEIROS DA CATINGA*, de Melchiades da Rocha (Alceu Amoroso Lima)
– *Vamos Ler* (RJ) - 11.06.1942.....354

"TAMOS QUITES" (Oragá) – *A Noite* (RJ) - 11.06.1942.....355

MARIA BONITA (Vitalino Fonseca) – *Gazeta de Paraopeba* (MG) - 09.04.1944.....356

O POEMA DAS MARIAS – *Carioca* (RJ) - 10.03.1945.....357

O LAMPIONISMO – *Correio Paulistano* (SP) - 29.03.1946.....359

DETALHE PARA A COMPOSIÇÃO DE UM RETRATO
– *Diário de Pernambuco* (PE) - 26.03.1948.....359

CANGAÇO E COITEIROS (I) (Oswaldo Lamartine)
– *Diário de Pernambuco* (PE) - 27.06.1948.....361

CANGAÇO E COITEIROS (II) (Oswaldo Lamartine)
– *Diário de Pernambuco* (PE) - 29.08.1948.....364

SOBRE O CANGAÇO (José Lins do Rego) – *O Jornal* (RJ) - 07.10.1948.....365

O ÚLTIMO DUCE (Costa Rego) – *Diário de Pernambuco* (PE) - 14.07.1949.....366

PERSEGUIÇÃO DE LAMPIÃO PELAS FORÇAS LEGAIS (José Cordeiro)
– *Jornal de Letras* (RJ) - Julho de 1950.....367

AQUI COMO LÁ – *Diário de Natal* (RN) - 07.07.1950.....384

LAMPIÃO NO SEU TEMPO – *Correio da Manhã* (RJ) - 22.06.1952.....384

*LAMPIÃO* (Rachel de Queiroz) – *O Combate* (RJ) - 29.07.1953.....386

LAMPIÃO – *Correio da Manhã* (RJ) - 09.08.1953.....387

A NOVA ESTREIA DE RACHEL DE QUEIROZ (Lucia Miguel Pereira)
– *Correio da Manhã* (RJ) - 22.08.1953.....388

OS CANGACEIROS DA MODA E OS CANGACEIROS REAIS (José Lins do Rego) – *O Globo* (RJ) - 04.09.53.....390

*CANGACEIROS*, de José Lins do Rego – *Jornal do Brasil* (RJ) - 04.09.1953.....391

JOSÉ LINS DO REGO E OS CANGACEIROS – *Correio Paulistano* (SP) - 05.09.1953.....392

UM TEMA DO MOMENTO – *Correio da Manhã* (RJ) - 05.09.1953.....392

*CANGACEIROS* – *Correio da Manhã* (RJ) - 13.09.1953.....393

LAMPIÃO HOJE PERDERIA O CARTAZ (Alvarus de Oliveira) – *Diário da Tarde* (PR) - 15.10.1953.....393

*LAMPIÃO*, de Optato Gueiros – *O Jornal* (RJ) - 20.10.1953.....394

TRANSFIGURADOS NA ARTE UNIVERSAL (Austregésilo de Athayde) – *O Cruzeiro* (RJ) - 24.10.1953.....395

SOBRE LAMPIÃO (José Lins do Rego) – *O Globo* (RJ) - 25.11.1953.....396

*O REI DOS CANGACEIROS*, de Nely Cordes (Zozimo Lima) – *Correio de Aracaju* (SE) - 15.07.1954.....397

LAMPIÃO (Sebastião Fernandes) – *Ilustração Brasileira* (RJ) - Outubro de 1954.....398

CANTIGAS DE LAMPIÃO (Leonardo Arroio) – *Folha de S. Paulo* (SP) - 27.01.1957.....400

*LAMPIÃO*, de Ranulfo Prata – *O Estado de S. Paulo* - 19.10.1957.....401

DESCANSO ÀS CABEÇAS – *Correio da Manhã* (RJ) - 29.04.1958.....403

SEM SEPULTURA – *Correio da Manhã* (RJ) - 01.05.1958.....404

*CANCIONEIRO DE LAMPIÃO* – *O Mundo Ilustrado* (RJ) - Ano de 1958.....405

LAMPIÃO (Silvio Figueiredo) – *Careta* (RJ) - 04.07.1959.....408

*LAMPIÃO* (João Martins de Athayde) – *Tribuna da Imprensa* (RJ) - 05.09.1959.....408

CONFISSÕES DE UM "CANTADOR" (Nertan Macedo) – *Tribuna da Imprensa* (RJ) - 17.10.1959.....412

A REVOLTA DO CAPITÃO (Fernando Souto)
– *O Estado de Florianópolis* (SC) - 29.11.1959.....414

VIRGULINO FERREIRA (LAMPIÃO) VERSUS CARYL WHITTIER
(Marco Aurélio do Vale Pereira) – *O Estado de Florianópolis* (SC) - 16.06.1960.....415

DUAS GRANDES CABEÇAS (Djalma Costa)
– *Diário de Pernambuco* (PE) - 24.06.1961.....416

*LAMPIÃO E SEUS CABRAS*, de Luís Luna – *Diário de Notícias* (RJ) - 27.08.1961.....417

ETA, CABRAS DA PESTE! (Nonato Masson) – *Jornal do Brasil* (RJ) - 06.12.1961.....418

REMÉDIO PIOR DO QUE A DOENÇA (Mucio Leão)
– *Jornal do Brasil* (RJ) - 23.12.1961.....425

LAMPIÃO E MARIA BONITA (Luís Luna)
– *Diário de Notícias* (RJ) - 14.01.1962.....426

*SERROTE PRETO* (All Right) – *Correio da Manhã* (RJ) - 15.07.1962.....429

*SERROTE PRETO* (Mucio Leão) – *Jornal do Brasil* (RJ) - 07.08.1962.....430

O CANGACEIRO E A GLÓRIA NACIONAL (Renato de Mendonça)
– *Diário de Notícias* (RJ) - 19.08.1962..... 431

A BONITA MARIA BONITA – *Jornal do Brasil* (RJ) - 26.09.1962.....434

O OUTRO LAMPIÃO (Nonato Masson) – *Jornal do Brasil* (RJ) - 24.01.1963.....438

LAMPIÃO E OS POETAS (Cesar Leal)
– *Diário de Pernambuco* (PE) - 17.03.1963.....439

APELO AO AUTOR DE "SERROTE NEGRO" (José Gomes Bezerra Câmara)
– *Jornal do Commercio* (RJ) - 21.04.1963.....441

BRASIL PRA SEU GOVERNO (Nonnato Masson) – *Lampião*, de Ezequias da Rocha
– *Jornal do Brasil* (RJ) - 03.05.1963.....444

ENTREVISTA IMAGINÁRIA COM LAMPIÃO (Antônio Callado)
– *Jornal do Brasil* (RJ) - 20.05.1964.....445

UM LIVRO SOBRE A CHEGADA DE LAMPIÃO A CAPELA (Zozimo Lima)
– *Gazeta de Sergipe* (SE) - 23.06.1964.....450

JÁ CANTEI COM LAMPIÃO (Eurícledes Formiga)
– *Correio Braziliense* (DF) - 14.11.1964.....451

*SERROTE PRETO* (A. Casemiro da Silva) – *Jornal do Commercio* (RJ) - 03.10.1965.....454

*LAMPIÃO, O ÚLTIMO CANGACEIRO*, de Joaquim Góes (Zozimo Lima)
– *Gazeta de Sergipe* (SE) - 22.05.1966.....455

CANGAÇO NORDESTINO TEVE EM MARIA BONITA SUA RAINHA
– *Diário de Pernambuco* (PE) - 30.10.1966.....456

MARIA DÉA, MARIA BONITA OU SANTINHA – A BONNIE BRASILEIRA
– *Jornal do Brasil* (RJ) - 21.04.1968.....458

LAMPIÃO ESTARIA VIVO? (L. Paes Barreto)
– *Jornal do Commercio* (RJ) - 29.06.1968.....461

*CAPITÃO VIRGULINO DA SILVA LAMPIÃO*, de Nertan Macedo (Zozimo Lima)
– *Gazeta de Sergipe* (SE) - 11.07.1968.....463

NO TEMPO DE LAMPIÃO (Zozimo Lima)
– *Gazeta de Sergipe* (SE) - 28.05.1969.....464

O VELHO SIMPÁTICO E GENTIL, O MAIS FEROZ E TEMIDO
MATADOR DE CANGACEIROS – *Jornal da Tarde* (*O Estado de S. Paulo*) - 31.07.1973.....465

A HISTÓRIA QUE NOS PERDOE. MAS POR QUE
NÃO SE CONTA DE UMA VEZ A VERDADE SOBRE O CANGAÇO?
(Higino José Belarmino) – *Jornal da Tarde* (*O Estado de S. Paulo*) - 31.07.1973.....466

LAMPIÃO (Regina Chagas Pereira) – *Tribuna da Imprensa* (RJ) - 13.10.1973.....468

LAMPIÃO AINDA É HERÓI – *O Estado de Mato Grosso* (MT) - 06.11.1973.....469

UMA OBRA À PROCURA DE UM EDITOR (José Rafael de Menezes)
– Sobre o livro *Lampião, Seu Tempo, Seu reinado*, do Pe. Frederico Bezerra Maciel
– *Diário de Pernambuco* (PE) - 04.02.1974.....470

LAMPIÃO (Rachel de Queiroz) – *Diário do Paraná* (PR) - 18.01.1975.....471

FEIRA DE CABEÇAS (Aurélio Buarque de Holanda)
– *Tribuna da Imprensa* (RJ) - 17.07.1976.....473

ANTÔNIO AMAURY – *O Globo* (RJ) - 27.11.1976.....476

DA TELEVISÃO AO LIVRO, UMA SÓ VERDADE (Alberto Silva)
– *O Globo* (RJ) - 06.02.1977.....478

O CERCO DE MOSSORÓ (Marcos de Vasconcelos)
– *Tribuna da Imprensa* (RJ) - 23.03.1977.....479

O FLAGELO DOS CORONÉIS – *Movimento* (RJ) - 31.07.1978.....482

SOBRE O REINADO DE LAMPIÃO (Alberto Frederico Lins)
– *Diário de Pernambuco* (PE) - 14.10.1979.....484

MARIA BONITA (Cancioneiro popular) – *Diário de Pernambuco* (PE) - 11.05.1980.....485

RAUL MOSTRA LAMPIÃO SEM FANTASIAS – *Poti* (RN) - 05.10.1980.....487

ROBIN HOOD, NÃO – *Jornal do Brasil* (RJ) - 07.02.1981.....488

LAMPIÃO (Gilberto Vilar de Carvalho) – *Jornal do Brasil* (RJ) - 16.05.1981.....490

SÓ LAMPIÃO PRA DAR UM JEITO NA CULTURA (Severino Francisco)
– *Correio Braziliense* (DF) - 27.09.1981.....492

A HISTÓRIA DE UM POVO TAMBÉM É A HISTÓRIA DE SEUS BANDIDOS
(Affonso Romano de Sant'Anna) – *Jornal do Brasil* (RJ) - 08.11.1981.....494

RASO DA CATARINA: ONDE LAMPIÃO É MEMÓRIA VIVA (Marisa Pontes)
– *Diário de Pernambuco* (PE) - 01.12.1981.....498

ÚLTIMOS DIAS DE LAMPIÃO, O REI DO CANGAÇO (Severino Barbosa)
– *Diário de Pernambuco* (PE) – 18.07.1982.....500

O GRANDE DEBATE DE LAMPIÃO COM S. PEDRO (José Pacheco - cordel)
– *Correio Braziliense* (DF) - 17.04.1983.....503

OS CABRAS DE LAMPIÃO E O NATAL (Jorge Medauar)
– *O Estado de S. Paulo* (SP) - 20.12.1986.....505

*GUERREIROS DO SOL*, de Frederico Pernambucano de Mello
(Gilberto de Mello Kujawski) – *O Estado de S. Paulo* (SP) - Abril de 1987.....508

MEU NOME É VIRGULINO, APELIDO LAMPIÃO
– *Correio Braziliense* (DF) - 24.07.1988.....512

MEMÓRIAS DO CANGAÇO (Marcos de Vasconcelos)
– *Tribuna da Imprensa* (RJ) - 19.11.1988.....515

LAMPIÃO EM TACARATU (Nertan Macedo)
– *Tribuna da Imprensa* (RJ) - 18.08.1989.....516

JÁ NÃO SE FAZEM MAIS BANDIDOS COMO ANTIGAMENTE
(Rachel de Queiroz) – *O Estado de S. Paulo* (SP) - 11.01.1991.....517

DIÁLOGO COM O HOMEM QUE MATOU CORISCO (Ruy Guerra)
– *O Estado de S. Paulo* (SP) - 10.10.1993.....518

O CRIME É BONITO (Carlos Heitor Cony)
– *Jornal do Commercio* (RJ) - 15.06.2000.....520

OS ROUXINÓIS DE SERGIPE (Joel Silveira)
– *Jornal do Commercio* (RJ) - 19.09.2000.....521

PESQUISADOR TRILHA CAMINHOS DOS BANDOLEIROS
– *O Estado de S. Paulo* (SP) - 14.06.2002.....523

UM OUTRO LADO DO CANGAÇO (Marcos Bragatto)
– *Tribuna da Imprensa* (RJ) - 15.07.2002.....524

A CAVALARIA E O CANGAÇO, sobre o livro *Lampião & Lancelote*,
de Fernando Vilela (Alexandre Pilati) – *Correio Braziliense* (DF) - 13.01.2007.....525

LAMPIÃO NÃO MORREU! – Resenha do livro *Lampião, o invencível*,
de José Geraldo Aguiar (por Ana Clara Brant) – *Correio Braziliense* (DF) - 14.05.2010.....527

A ERA DO COURO (Carlos Marcelo) – entrevista Luiz Bernardo Pericás,
autor de *Os Cangaceiros – ensaio de interpretação histórica*
– *Correio Braziliense* (DF) - 14.08.2010.....529

NO CANGAÇO ERA ASSIM, análise de *Estrelas de couro: a estética do cangaço*,
livro de Frederico Pernambucano de Mello – *Correio Braziliense* (DF) - 22.08.2010.....533

CANGACEIROS DE ITABAIANA – LAMPIÃO ARRUDIANO ITABAIANA
(Robério Santos) – *Revista Omnia* (SE) - Maio, junho e julho de 2011.....534

HOMENAGEM A MARIA BONITA (Mariana Moreira) – Sobre o livro
*Bonita Maria do Capitão*, de Vera Ferreira e Germana Gonçalves de Araujo
– *Correio Braziliense* (DF) - 14.04.2012.....540

TRAIÇÃO E MORTE NO CANGAÇO (Archimedes Marques)
– *Gramado Site* (RS) - 14.05.2012.....542

LAMPIÃO: ESTRATÉGIA E PERMANÊNCIA HISTÓRICA (Rangel Alves da Costa)
– *Jornal Do Dia* (SE) - 02.07.2014.....544

LAMPIÃO: AS FACES E AS VERSÕES (Rangel Alves da Costa)
– *Jornal Do Dia* (SE) - 18.06.2017.....545

IMAGEM DO CANGAÇO – A DUPLA FACE DE LAMPIÃO
– *Folha de S. Paulo* (SP) - 13.12.2017.....547

A ETERNIDADE DE LAMPIÃO (Rangel Alves da Costa)
– *Jornal Do Dia* (SE) - 19.08.2018.....550

## O DRAMA DO OUTRO BRASIL

Osório Lopes

Lacônicos telegramas transmitidos do Ceará dão notícia da campanha movida contra o fanatismo de Juazeiro, pelo padre Manoel Macedo, brilhante organização de moço culto e patriota. Acabo de receber *O Nordeste*, órgão católico que se publica em Fortaleza, em cujas páginas sadias o sacerdote ilustre vem mostrando as misérias do recanto infeliz, onde predomina a ignorância maléfica de Floro Bartolomeu. Para o jornalista compenetrado da sua honesta missão, é sempre grata qualquer oportunidade que se lhe ofereça para focalizar certos aspectos da vida política, econômica e social do país. O caso do Ceará, isto é, a questão de reintegrar-se a zona do Cariri à ordem, à lei, à verdade, é complexa, curiosa e dolorosamente triste para ser comentada. Há alguns anos, rebentou ali um movimento sedicioso, que convulsionou todo o organismo vital do Estado. A complacência do governo federal de então, fez com que o bacamarte e o punhal tripudiassem sobre a civilização, sobre o sentir unânime de um povo. E Franco Rabelo, presidente constitucionalmente eleito e empossado foi deposto. A luta desenrolada no sertão cearense foi cruenta, antipatriota, satânica. Consumado o crime do cangaceirismo de Floro Bartolomeu com plena aquiescência do governo central, fez-se ouvir a voz austera, nobre e respeitável de Rodolfo Teófilo, velho historiador de minha terra natal.

Coube-me, dizia ele, "a tarefa de ser o cronista dos infortúnios do Ceará nesse meio século. Tive de contar a fome de todas as secas naquele período. Não sei qual foi mais terrível: se a seca de 1877, se a sedição do Juazeiro. A seca é um fenômeno climatérico que o homem não pode evitar. A sedição, aqui, um caso mórbido de sociologia determinado pelo poder público".

A leitura deste período tortura o meu espírito de moço consciente da finalidade das coisas. Traz ao pensamento desânimo e resolução. Desânimo, a lembrança da investida contra o forte determinante daquele caso; resolução, a ideia de que não é possível estacar ante as raízes do mal a curar-se (sedição). E o previdente historiador concluiu: "Que as gerações futuras fortaleçam melhor a educação cívica, mais sã, impedindo assim que voltem dias atribulados, como os da sedição do Juazeiro, são os meus votos". Rodolfo Teófilo escreveu, há dez anos, precisamente, e já se esboça uma campanha cujos resultados não se podem prever. O padre Manoel Macedo, ex-vigário de Juazeiro, não podendo compactuar com as misérias que assistiu, viu-se obrigado a denunciar ao país o segregamento em que vive aquele ponto do território nacional, asfixiado pelas garras de um bandoleiro audaz. Em Juazeiro a palavra liberdade não tem significação. O voto popular é um mito e, consequentemente, a eleição uma lenda. A vida – qualquer coisa inútil que pode ser subtraída sem prejuízo para a família, para a pátria.

Assim, é justo, natural, humano e patriótico o seu gesto desassombrado que prefere o combate ao parasitarismo, a luz à treva, o sacrifício da própria vida ao *dolce far niente* de uma cadeira na Câmara Federal. O heroico povo cearense está ao lado da causa justa de que o padre Macedo é o bandeirante intrépido. O Ceará intelectual, o Ceará católico pronunciara-se pelas vozes de brilhantes causídicos e da totalidade do clero. A série de artigos "Juazeiro em foco" assinados pelo padre Macedo, é deveras impressionante. No artigo 5º, que tem o subtítulo Mortes, o articulista comenta, depois de citar diversos crimes: "Matam-se os homens a título de acabar com o banditismo. Note-se, de passagem, que o doutor Floro, desde muito, afirma não haver banditismo em Juazeiro. Aqui o apanhamos em flagrante. Mata para acabar com os

bandidos. Então, há bandidos no Juazeiro! E, se não são bandidos, por que mata? Os verdadeiros bandidos estão dentro!... Matam-se os que roubam um martelo, umas calças de caqui, uma cana, uma galinha. No entanto, um dia, eu me vi na porta da Matriz diante de um tronco de negro forte, que se apresentou como cabra de Lampião. – Cangaceiro, aqui? Disse-lhe baixinho.

E você não tem medo de ir para rodagem? (Rodagem: estrada que vai para o Crato).

Ele riu-se e respondeu:

– Qual, seu padre, eu estou aqui é porque os grandes disseram que precisam de mim."

É assim o Juazeiro!

Rio, 15.06.1925

*ABC* (RJ) – 20.06.1925

## O LOGRO

Carlos Lopes

Anoitecera.

Matinha de Água Branca, o tranquilo pedaço de terra sertaneja, preparava-se para o repouso quotidiano, respirando em largos haustos a sua quietude raramente perturbada.

Uma cidade sertaneja à noite assim: depois que o sino bimbalha lenta e tristonhamente à meia dúzia de pancadas que anuncia a Ave Maria, os transeuntes começam a rarear e desaparecem.

E tudo fica deserto e silencioso. Às vezes cortam o espaço, voando, em grazinada, as jaçanãs que procuram os açudes; mas estas passam, e novamente o mutismo envolve a cidade.

Matinha de Água Branca estava naquela noite taciturna e deserta.

Aqui e ali, divisavam-se no lençol da penumbra, quadriláteros de uma luz cor de zarcão que faziam filhas, às vezes, pequenos pontos luminosos que cintilavam, dispersos.

Eram as suas casas que iluminadas, tinham ainda as janelas escancaradas.

Súbito, qualquer coisa de emocional, de triste, abalara-lhes os pacatos moradores. Eram os gritos de alguém que suplicava em voz roufenha:

– Chega, irmão das almas! Chega, irmão das almas!

Gritos lúgubres, pertinentes, que deixavam todos entristecidos e atemorizados.

E cabeças que chegaram ex-abrupto nas portas, nas janelas, viram o préstito macabro: era a rede amarrada pelos punhos no caibro de pereiro, conduzindo o cadáver de alguém.

Diversos vultos empunhando tochas fumi-flamantes de facheiro, aqueles gritos constantes e aquela rede muito alva, despertara a superstição daquela gente.

E já muitas pessoas preparavam-se para atender à súplica que quebrava de quando em quando o silêncio da noite:

– Chega, irmão das almas! Chega, irmão das almas!

E o saimento ia caminhando aos poucos, lentamente, em direção à calçada da ermida.

O sertanejo tem um respeito profundo aos mortos. Descobre-se reverentemente quando

passa junto a uma cruz na estrada, e nunca deixa de atender ao grito tradicional que soltam aqueles que acompanham um enterro noturno.

Assim, quando os condutores daquela rede colocaram-na na calçada da igreja de Matinha de Água Branca, numerosas pessoas seguiam para lá movidas pela piedade, pela ânsia de cumprirem um dever que eles julgavam sagrado, inviolável.

Mas, aquela rede, aquele préstito, aquele arremedo de enterro, tudo fora uma farsa, a farsa de um bandido astucioso, uma das numerosas farsas de Lampião.

Arreada a rede na calçada, caboclos possantes retiraram-lhe de dentro o "defunto" que eram quatorze "Winchester", quatorze rifles carregados até à boca, e uma saraivada de balas implantara o terror, impossibilitara aquele povo para a reação, para a defesa dos lares.

E Matinha de Água Branca foi saqueada, enquanto os bandidos chefiados por Lampião cometiam as maiores atrocidades, zombando da ingenuidade e da crendice dos que lá moravam, cantando, embriagados, o *tururu*, que é o seu hino de guerra:

*Ei muié rendeira*
*Ei muié renda*
*Quem chora por mim não fica*
*Saluçô vai no borná!*

*Vida Policial* (RJ) – 18.07.1925

## "LAMPIÃO" QUE SE APAGA

Lampião, poucos o sabem, é o nome de um terrível bandoleiro do Nordeste. Nos sertões da Paraíba, de Pernambuco e do Rio Grande do Norte, Lampião é um símbolo de maldade e um rebate de terror.

Longe, porém, de corresponder à função que o nome lhe assinala, Lampião, ao invés de iluminar, adensa as trevas do cangaceirismo, imerge grande zona do Nordeste na noite da barbaria e da incultura.

Ainda há poucos meses, à frente de seu grupo de facínoras, Lampião enfrentou uma força policial da Paraíba e, por artes do demônio, conseguiu fugir incólume, depois de ter ferido mortalmente o bravo comandante da força.

Os governos daqueles Estados, alarmados com as proezas de Lampião, resolveram conjugar os seus esforços no sentido de prender, de vez, nas malhas da justiça o famigerado bandoleiro.

Expedições foram enviadas em todos os sentidos no intuito de pôr termo às aventuras do sucessor de Antônio Silvino. Como se sabe, uma das maiores dificuldades da caça aos cangaceiros é o conhecimento que estes possuem de todos os caminhos e atalhos por onde manobram com incrível rapidez, fugindo ao contato com a força policial.

Somente policiais afeitos, também, ao palmilhar dos sertões podem lutar em condições de igualdade, com os terríveis bandidos volantes. Daí o critério especial adotado pelos governos nordestinos na escolha de forças destinadas ao combate com os bandoleiros.

Chega um dia, enfim, em que o grupo facinoroso, pilhado a jeito, tem que morrer ou entregar-se.

O dia fatal de "Lampião" parece não vir muito distante. Telegrama de ontem diz ter havido um encontro entre o terrível bandoleiro e a polícia cearense, resultando daí ter "Lampião" um olho vasado.

É sem dúvida um signo fatal: um "Lampião" de olho vasado significa um "Lampião" que se apaga...

Quando teremos, enfim, nos sertões brasileiros, de todo apagados esses "Lampiões" da morte e do crime?

*O Paiz* (RJ) – 24.10.1925

## CANGACEIROS

Esmarado de Freitas

O ladrão de estradas brotou no Brasil, segundo bem-intencionado foliculário nortista, de mudas trazidas pelos desbravadores da colônia; e foi a princípio o indivíduo desgarrado das bandeiras, notadamente das que se meteram pelos sertões onde não havia ouro.

Pegou assim de galho o bandido brasileiro, que se transplantou de mentalidade já formada. Aqui aliciou índios, afez-se à terra propícia em esconderijos opíparos e decidiu-se a pleitear os proverbiais cem anos de perdão, vitimando os antigos comparsas das aventuras protegidas pelos alvarás do reino e pelos funcionários do rei longínquo.

Quando os negros fugidos e os encapetados mulatos forros, infensos à disciplina das fazendas buscaram mais tarde os sem fins do país, tiveram já de cobrir rastos. Para as corridas da justiça, que surgiram com as primeiras taturas de organização política, o homizio sertanejo não foi mais que seio de Abraão, procurado com roteiro mais ou menos preciso, e às vezes até com cartas ou recados de recomendação...

O nosso passado regurgita de salteadores, e no presente esses indesejáveis campeões do crime comum perambulam ainda, especialmente no Nordeste, onde cortam chapadas, fazem fogo às margens sombrosas dos riachos ou descansam em tocas usurpadas às feras. Cobertos de fama e armamentos, é nesses sítios que eles se escondem da polícia e se oferecem à apreciação do Sr. Gustavo Barroso e de outros folcloristas menos fecundos...

O banditismo é, pois, instituição velha. De novidade tem apenas a denominação de cangaço que, penso, deu para ser usada sistematicamente depois que Antônio Silvino se firmou na admiração ingênua e no pavor fundado das gentes do interior.

Esse malfeitor que modificou e enriqueceu a tática do cangaço, chamava-se Manuel Baptista de Moraes; Antônio Silvino é pseudônimo, é nome de guerra.

Dele sabe-se ao certo que nasceu no município paraibano de Teixeira e conta na sua família alguns tipos façanhudos, cousa aliás comum naquelas paragens abandonadas, outrora mais que hoje, a deplorável (...) sob a influência de crenças complexas, que abusões conspurcaram e à mercê de um sistema de justiça de pesos e medidas sem conta.

Criou-se ali, à lei da natureza. Mal se fez homem, tinha já culpas no cartório. Movera-o ao primeiro delito, dizem, o dever de vingar, de conformidade com o ponto de honra sertanejo, o assassínio impunido de seu pai. Fez justiça pelas próprias mãos e depois reclamou para essa façanha a indiferença lograda pelo atentado que a motivara. Desatendido, reagiu, fugindo para as serras e matas com que se familiarizara no seu aprendizado de vaqueiro, a arriscada profissão em que o velho João Brígido só enxergava transes tendentes a endurecer o coração humano.

Começa, então, a guerra sorrateira e constante do jovem delinquente à civilização caprichosa em cujo benefício o querem encarcerar.

Reunindo em torno de si, um grupo acintemente reduzido de capangas afeitos, quase todos com jus à inscrição em róis de culpados, angariou sem demora renome terrível e, a vencer distâncias consideráveis, em espaços de tempo exíguos, salientou-se como uma edição nacionalizada daquele Ahasverus, de cuja lenda Castro Alves foi o primeiro a abusar entre nós. Por uma fatalidade talvez, etnográfica o brasileiro errante tinha de ser sanguinário...

Assim, aparecia, ora nesse, ora naquele lugarejo de Paraíba e Pernambuco, e até de Rio Grande do Norte e Ceará, intervindo nas questões locais, assaltando abastados, perturbando a vida dos fazendeiros amedrontados.

A imaginação do sertanejo enredou, logo e logo, de tantas versões os cometimentos do andarilho sinistro, que ainda hoje se torna difícil apurar a verdade da sua acidentada história.

A imprensa periódica andou colhendo e divulgando parte dessas versões de que ressaltava haver propósitos em que o nômade perigoso se fixava, nunca variando. Por isso caturrava em professar o respeito dos lares e em fazer-se mesmo defensor eficiente da honra das donzelas, matutas; e nada o obrigava a sair da desconfiança florianesca que o induziu a pernoitar sempre, cautelosamente, em lugares ignorados dos seus próprios companheiros.

No mais, apresenta aspectos enigmáticos, cada vez mais desconcertantes. Aqui exerce sobre infeliz subdelegado de polícia que lhe cai nas mãos crueldades de espantar o rei justiceiro de Portugal, ali manifesta-se perversíssimo ao roubar uma propriedade; acolá, faz exigências despropositadas a um viajante imbele.

Entrementes, surge, de supetão, às primeiras horas do dia, numa velha fazenda pernambucana e dá-se como convidado para almoço; à mesa mostra-se respeitoso e bonacheirão, impondo apenas que alguém da família do fazendeiro prove, antes dele, a iguaria a ser servida. Após a refeição, sem nada pedir ou aceitar, confessa-se agradecido e retira-se.

Há, como esta, outras partidas do cangaceiro, inofensivas ou picarescas. Num domingo gordo entra desassombrado em pequena cidade paraibana e confraterniza com a população indígena, brincando o carnaval. Também em terras da Paraíba, coage certa ocasião o encarregado de uma estação telegráfica a transmitir um despacho desaforado ao presidente do Estado (honrado monsenhor Walfredo Leal). E de outra feita consegue apoderar-se de um quartel de destacamento, mediante bem aplicado truque que constituiu em aparecer enfatiotado de capitão da força estadual, seguido dos homens do seu bando, também fardados de policiais.

As gazetas da época transcreveram, outrossim, de uma revista francesa, delicioso eco,

em que Antônio Silvino era dado a sério, como governador de Pernambuco: "um governador original que, ao invés de ficar no seu palácio, andava pelos matos a perquirir das necessidades dos seus governados".

Durou cerca de quinze anos a atividade desse bizarro governador. Mas um dia a fortuna cansou de coadjuvar-lhe a audácia e o herói-negativo, surpreendido à bala por doze ou quatorze sofríveis escopeteiros da polícia pernambucana, comandados por um tenente ativo e brioso, caiu prisioneiro do governo!

Foi-lhe dessa forma Waterloo, conforme o pernosticismo de uma reportagem contemporânea, uma campina do município de Taquaritinga e Santa Helena, por consequência, a penitenciária do Recife, onde o exótico Napoleão das caatingas aprendeu a ler e encaneceu quase repentinamente.

Antônio Silvino, que é de estatura mediana e compleição rija, vai pelos seus quarenta e muitos anos e representa o tipo branco da península ibérica, assinalado pelo nosso sol em mais de uma geração; fala morosamente e gosta de estar encostado ou agachado sobre o seu todo pesadão de sertanejo nordestino, o homem-cilada sempre pronto a irromper da aparência preguiçosa que o afez para admiráveis estropelias de agilidade e afoiteza. Todavia as suas afeições revelam-se normais, falecendo lhes estigmas de criminalidade. Qualquer discípulo de Lombroso, que o examinasse desapontaria...

O famoso gavião vive, de ordinário, enfezado na gaiola, certamente porque não se pode acostumar nos acanhados limites de uma cela pouco asseada para quem levou a vida tendo um mundo vasto e saudável por menagem...

Momentos, há, porém, em que se expande, dizendo-se protestante e germanófilo e dando extravaso ao seu ódio razoável aos jornalistas que define, com desprezo, como "uns molequinhos sujos que conversam com ele e vão depois publicar o contrário do que ouviram".

Perante mais de uma pessoa tem declarado peremptoriamente que se fosse governo, acabaria com a imprensa...

Incorrem também nos seus furores os chefes políticos de municípios: atribui as mais feias ignominias à classe onde se suspeita tenha tido sócios leoninos e pérfidos.

Em quase todas as ocasiões que visitei a Penitenciária de Recife, e foram várias, sucedeu-me encontrar o famigerado recluso pouco comunicativo, preferindo desconversar a conversar...

Lembro-me, contudo, que o interroguei uma vez sobre quanto tempo ficaria ali detido e o cangaceiro, somando as diversas penas à que fora condenado pelo júri, respondeu-me:

– Duzentos e dez anos.

E respondeu isso com um pouco caso eivado de uma ironia fatalista de evocar a Napoleão (não o de Waterloo: o de Sedan) condenado à prisão à vie, a perguntar quanto durará uma perpetuidade em França...

Faltam na verdade, à pessoa de Antônio Silvino, pitorescos abundantes: vendo-o e conhecendo-lhe a vida, porém, é-se levado à convicção de que esse inculto caviloso e arteiro que reúne no seu eu um pouco de Cid, Torquemada, Sancho, e de alguns meliantes anônimos de cadastros policiais ibéricos, se não se predestinara a ser o homem-bondade do pernicioso Rousseau, também não nasceu *homini lupus* de Plauto. Houvessem-lhe cercado o berço e a adolescência outras circunstâncias e a estas horas talvez, tivéssemos nele um cidadão apto a viver harmoniosamente na sociedade, um profissional de qualquer cousa, um tolerável presidente de comuna e até um parlamentar disciplinado ou mesmo um desses caudilhos acomodados, com raras intermitências de bravura...

Reduzido à inação do cárcere, o diabólico cavaleiro andante perde por completo o interesse que despertava. Mas a praga que intensificou persiste, sendo de nenhum êxito os tentames até agora postos em prática para debelá-la.

Os governos dos Estados atingidos pelo banditismo, justiça se lhe faça, desde que lhes chegou aos ouvidos o aqui del-rei do fazendeiro aflito, agiram, organizando forças volantes e apelando para a União que os auxiliou presto. Daí haver um contingente do exército avançado meses e meses, sertões à dentro escandalizando homens e bichos do mato com as suas calças "garances", à cata canhestra de fantasmas nunca lobrigados.

Os cangaceiros de Antônio Silvino, aos primeiros acenos da repressão legal, trataram de destinar à pobreza das cercanias onde operavam, parte dos valores saqueados aos ricos, criando com essa esperteza de alto alcance, um aliado precioso, posto que inerme e dissimulado, no pária do sertão.

E a verdade é que a simpatia das populações humildes do interior ou pelos cangaceiros, concorreu grandemente para neutralizar as diligências das forças de linha, como das pequenas expedições policiais que lhe sucederam...

Porque, cessada a peregrinação do exército, a perseguição legal prosseguiu. Prosseguiu e caracterizou-se por contraproducente ferocidade, sobremaneira depois que o nordestino deslumbrado pelo maldito figurino parisiense, viu, nos jornais, Lépine dinamitando Bonnot...

A repressão civilizadora degenerou, então, sem rebuços, numa caçada desumana de homens, com o abandono absoluto das formalidades legais, luta interminável de cangaceiros contra cangaceiros.

E apesar dessa energia desbragada de que tem resultado inúmeros homicídios e algumas capturas, o cangaço progride e os cangaceiros multiplicam-se. Agora mesmo Lampião, um patife ordinário e malvado espalha o terror pelos campônios de Pernambuco e Estados circunvizinhos.

E diante de tudo isso ainda se teima em não ver que a experiência de vinte anos de fracassos impõe alterações radicais no programa do "saneamento criminal do *hinterland* e não se cogita ao menos, de tentar o aniquilamento do cangaço por processos indiretos. É errar e persistir no erro...

No entanto, o Brasil civilizado não se pode furtar ao dever de conquistar com urgência o meio favorável aos vencidos, abarrotando-o de toda sorte de assistências educativas, socorrendo-o com vias de transportes e comunicação e instituindo, de fato, naqueles rincões segregados, uma magistratura esclarecida e prestigiada e apta à proteção permanente do pobre diabo e à simultânea punição dos potentados malignos que condescendem com os criminosos. Nos próprios Estados interessados não faltarão Lapalisses sinceros e argutos para completar estas breves sugestões com alvitres úteis e aproveitáveis.

E pondo assim, dentro do generoso traçado, muito brasileiro, que vem do padre Anchieta ao general Rondon, o grave problema do Nordeste, é bem possível que se consiga a sua solução, suprimindo de vez, das selvas brasileiras a figura retardatária e sinistra do cangaceiro, incontestavelmente prescindível na nossa história.

*A Manhã* (RJ) – 21.02.1926

## LAMPIÃO

Zé da Selva

A morte de Lampião, o famigerado bandoleiro nordestino trouxe, certamente, à alma dessas populações indefesas do interior, o alívio de um grande tormento, o desafogo de sobressaltos contínuos. A sua morte foi como que a queda de uma dessas colunas do banditismo. Vivendo à custa dos sacrifícios alheios, em cavalgatas e aventuras rocambolescas, em torno do seu nome de guerra as famas e bravatas que praticou, tomaram o aspecto lendário de um grande e devastador ciclone. Lutando sem tréguas com a justiça dos homens desejosa de lhe reprimir os desmandos, viu-se afinal em contingência amarga dura, em que a sua própria vida pagou o tributo de sangue de que tanto fora devedor! Caiu lutando, como em geral acontece a esses famanazes do sertão, criaturas (vá lá o termo) taradas que do mal fazem um Símbolo e da vida nômade de perversidades um objetivo e um fim. Bom prêmio esse, imposto à tão limitada audácia, justo e enérgico castigo que a pontaria benéfica de um fuzil militar, trouxe ao *senhor* do baraço e cutelo dos áridos sertões nordestinos. Bravos à justiça terrena, tão poucas vezes feliz como agora.

Os esgalhamentos da malta sinistra, espalhados por este vasto cenário interior, campo aberto aos garimpos da maldade e do saque, ficaram ainda, continuadores dessa obra selvagem de destruição e malefícios. A ação dos governos contra esses Calabrescos bandidos tem sido mais ou menos platônica, incolor, descurada às vezes, quando as melhores oportunidades de extinção ao mal aparecem propícias e vantajosas. O predomínio desses males não deve se opor à tranquilidade remansosa das cidades e vilas, constantemente penitenciadas pelo abandono que os sagitários dos seus direitos e da sua honra, displicentemente lhes votam. E que a ação dos governos estaduais, os mais de perto interessados na repressão desses males, seja intensificada pela ação decisiva de medidas radicais, é o que os humildes campônios nossos patrícios esperam em benefício da paz dos seus lares e do labor fecundo dos seus esforços e labutas. Morreu moço ainda o grande famanaz; trinta anos talvez de idade, e a sua história de crimes em uma vida tão breve, é um desenrolar de atrocidades negras páginas de homicídios que só mesmo a disposição congênita da tara, poderia escrever com a tinta rubra do sangue e com a passividade enervante do indiferentismo pelo sofrimento, pela tortura alheias.

*A Imprensa* (PI) – 25.02.1926

## É O PRÍNCIPE DOS CANGACEIROS

A LENDA E A POPULARIDADE DE "LAMPIÃO",
QUE É ÀS VEZES UM ÍDOLO DE POPULAÇÕES...

O cangaceiro Lampião é hoje uma figura central nos sertões de Pernambuco, da Paraíba e do Ceará.

O seu nome temido corre mundo. A sua carabina infalível projeta-se sobre aas fronteiras de três Estados. O seu vulto inquieto de "cabra" trefego e mau avança nos horizontes rasos do Nordeste como uma dessas silhuetas de lenda, desenhadas pela imaginação ardente do tabaréu e perpetuadas no verbo monorrítmico de suas quadras...

É o pavor dos "gerais". Na história do cangaço nordestino tem um destaque formidável, cavaleiro que é, quase à moda antiga, que campeia de acordo com os rudes códigos dos sertões.

Lampião tem à sua conta dezenas de mortes. Não sabemos, porém, se a ele caiba com precisão o nome de bandido. É apenas o cangaceiro.

Lampião não é um homem sem qualidades aproveitáveis. As populações de muitos arraiais entre Pernambuco e Ceará o admiram com ruído. Aplaudem a sua extrema valentia, o seu arrojo de guerrilheiro, a prudência do fugitivo e as astúcias de salteador.

Ainda agora temos sob as vistas uma fresca notícia de Juazeiro, a região cearense dominada pela batina venerável do padre Cícero, que nos descreve o afetuoso acolhimento dispensado pelos camponeses a Lampião.

O cangaceiro foi recebido com demonstrações de amizade, mimado, lisonjeado, cantando em prosa e verso, e até um retrato seu saiu à estampa, muito disputado e elogiado.

E o "cabra" falou a jornalistas... Concedeu, o que cá chamamos um *cavaco*. Disse cousas de si. E também opiniões cívicas.

Porque, deve o leitor saber que o Lampião é melhor cidadão do que muita gente boa... Assim, por exemplo, não está absolutamente de acordo com as sortidas do pequeno grupo de rebeldes que lá andam foragidos, a correr dos perseguidores. Garantiu a toda gente que sertanejo de sangue e brio não deixava passar desertor malandro...

O jornalista fez-lhe esta pergunta:

– Que acha dos rebeldes, Lampião?

– São uns bandidos que tudo devastam – respondeu o caipira.

E Lampião pensa com o Nordeste!

É, enfim, um homem de tradições, um nome destinado a não parecer, uma figura de romance, esse atrevido capitão de cangaço que tanto deu que falar de si.

Publicamos o retrato de Lampião, ao que presumimos, desconhecido até agora do público, que há largos anos lê no noticiário da imprensa façanhas e rasgos do príncipe dos bandoleiros.

*Gazeta de Notícias* (RJ) – 04.04.1926

## ESTRANHA CONFRATERNIZAÇÃO

Chegou à Meca do padre Cícero, chefiando um grupo de meia centena de bandidos, o celebérrimo cangaceiro "Lampião", cuja participação no cangaço daria para escrever já alguns volumes. Diz a imprensa do Ceará que os habitantes da localidade estão alarmados com as novas atitudes belicosas do improvisado cabo de guerra, que, ao contrário do que faria supor a marcha dos acontecimentos, entrou em Juazeiro como em casa amiga...

A cidade do padre Cícero é, como se sabe, o quartel-general das tropas improvisadas para impor, ao sertão, o regime da lei... Lá se encontram, ao que se diz, oitocentos homens em postura de tremenda ofensiva, ainda com os rifles fumegantes das últimas escaramuças empreendidas contra brasileiros. São os esteios da chamada ordem, que desembainharam as suas facas e descarregaram as suas espingardas, quando há pouco formavam nas hostes do generalíssimo Floro Bartolomeu. Oitocentos eram, assim, os representantes da lei que alguns devotados amigos da segurança constitucional armaram para que a defendessem, como se fossem a guarda cívica do direito e da justiça. Subitamente, esses guardas de um sacrário defensores do dogma da moral política, se encontram frente a frente, lado a lado, com uma récua de bandidos, de heróis da tragédia façanhuda, campeões da desordem e partidários extremos da proscrição da lei, cuja conservação seria o seu aniquilamento. Era o momento para que as duas antíteses se repelissem. O choque seria formidável, dada a veemência dos contendores; mas conhecida a superioridade numérica dos representantes da invocada legalidade, não restaria dúvidas sobre o desfecho do encontro: seriam aniquilados os cangaceiros, os bandoleiros, cuja odisseia, escrita com o sangue das suas vítimas, tem revoltado as almas puras do sertão; encontrariam, ali, o seu merecido castigo, o seu fim almejado... Nunca mais a anarquia campearia naquelas paragens; a ordem jurídica, a ordem civil, seriam finalmente restabelecidas nas famílias do sertão.

Mas, contra aquilo que mandaria prever a lógica dos fatos, Lampião, a encarnação da desordem e do latrocínio, alma do crime, foi recebido pelas hostes do padre Cícero, como se volvesse, com os seus facínoras, à casa doméstica após uma campanha sagrada. Mostrou as suas credenciais, entendeu-se com o ex-cura e foi quanto bastou para que aos perigosos bandidos, terror dos sertanejos honestos, se abrissem as portas da cidade sagrada, hoje convertida em fortaleza da lei. Não se movera, contra ele, a polícia do padre Cícero, tão numerosa quanto excelentemente municiada.

Lampião não se dirigiria, seguramente, àquele campo de soldados, improvisados para defender a ordem e as instituições que ele sempre desrespeitou, senão sabendo que aquelas oitocentas carabinas não seriam despejadas sobre os seus companheiros de armas. Se ele procurou o acampamento do padre Cícero, foi por saber que ali encontraria aliados seus... Assim se explica o seu desassombro; assim se compreende o seu cinismo, ostentando uma farda de coronel do Exército, e cercado de um verdadeiro estado-maior. Os facínoras adivinhavam que espécie de acolhimento lhes seria dado... Nem a sua declaração de que havia incendiado uma propriedade rural, uma fazenda na Paraíba, despertou a consciência legalista dos soldados acampados em Juazeiro... Nem a sua confidência de que ia atacar uma cidade importante de Pernambuco, acordou aqueles defensores da ordem e do regímen...

Um dia, quando soprarem outros ventos sobre os horizontes do país, a nação poderá examinar a verdadeira explicação desse fenômeno: um bandido em arma, fardado de coronel

do Exército, é recebido dessa forma pelos representantes da chamada organização constitucional. Por ora basta que relatemos os fatos, deixando aos moradores do Nordeste que antevejam os perigos que esses surpreendentes episódios anunciam para a sua paz doméstica...

*Correio da Manhã* (RJ) – 06.04.1926

## UM BANDIDO GLORIFICADO

### Lampião, o Sucessor de Antônio Silvino, no Nordeste

Lampião, Cândido Lampião, entrou na cidade de Juazeiro. Decerto o Brasil civilizado pensará que o famoso bandido, o assassino e ladrão profissional, o salteador de estrada, que tantas vidas há ceifado, entrou aqui escoltado entre dois ou mais soldados de polícia. Puro engano. Lampião entrou "legalmente", homenageado como um herói pelo que o Juazeiro tem de mais poderoso e influente. O governo local, representado pelo prefeito e pelos vereadores; a magistratura, representada pelos juízes; as classes conservadoras, representadas por comerciantes e fazendeiros; a Força, a própria Força Oficial, mantenedora pelo seu comandante, e até a religião – arrimada ao bordão, quase centenário do padre Cícero – tudo, toda Juazeiro assistiu o triunfal desfilar de Lampião e do seu bando.

Olhando, de longe, a janela da minha casucha, a cidade e o oficialismo prosternados ante o bandido que passava, sob o fulgor de uma límpida manhã de sol, eu tinha a impressa nítida da glorificação do crime. Porque outra coisa não era a recepção maldita.

Lampião, acompanhado do tenente Chagas, comandante da 3ª companhia do Batalhão Patriótico de Juazeiro, e seguido de 49 companheiros de correrias e crime, chegou e hospedou-se na fazenda do deputado Floro Bartolomeu, nos arredores. Dias depois, pela manhã, penetrou na cidade, onde o esperava, trêmula de emoção e de cumplicidade, a fina flor do oficialismo.

O padre Cícero, batendo-lhe paternalmente ao ombro, disse-lhe: "Oh menino! Quando voltar da campanha (?) há de deixar essa vida de desordens".

Lampião não respondeu, mas disse depois a várias pessoas, que "só daqui há três anos poderá abandonar o cangaço". Algum juramento? Alguns crimes a cometer? Alguns sonhos a mais, de maneira a juntar determinada quantia? Isto, certamente, Lampião fardou toda a sua gente, em zuarte, e enfarpelou-se de caqui, uniforme militar. Por nada do mundo, o facínora abandona um lenço encarnado, traçado ao pescoço, com as pontas para a frente, à gaúcha. Anda armado até os dentes, como todos os seus companheiros. Traz, à cintura, faca pernambucana e garrucha, e, a tiracolo, o rifle. Lampião, que se hospedou aqui na cidade, em casa do Sr. João Mendes de Oliveira, repartiu para o norte. Ao seu bando reuniram-se outros "candidatos ao cangaço", perfazendo o total de 78 bandidos em excursão.

*O Jornal* (RJ) - 06.04.1926

## SILVINO E LAMPIÃO

Gonçalo Jorge

O diabo, de vez em quando, se faz ermitão. Lampião acaba de alistar-se na fileira dos homens honestos. E ainda ontem teve as honras de um retrato em folha carioca, mostrando-nos um rosto de Harold Lloyd sertanejo, com óculos de tartaruga e um vasto chapéu na cabeça. E uma lenda de cavalheirismo, de bravura e de generosidade, começa a aureolar o nome do bandido...

Temos, frequentemente, esses arremessos românticos: escolhemos facínoras sombrios e os cercamos de uma idealidade brilhante e pura. Criamos assim, para nosso uso, uma espécie de cavalaria medieval, um grupo de paladinos, uma corte de Távola Redonda, onde avultam, com um resplendor de verdadeiros Quixotes, os mais ferozes celerados.

Com Antônio Silvino foi a mesma coisa. Era o maior e o mais terrível dos bandidos do Nordeste. Quatro Estados tinham os seus sertões dominados pelo monstro do cangaço. E, de cidade em cidade, de município em município, ele rondava, com o seu grupo sinistro. E depredações sobre depredações, assassinatos sobre assassinatos, crimes sobre crimes, iam assinalando a sua trágica passagem. Enquanto isso, nas cidades do litoral, iam-se criando romances. Diziam que Antônio Silvino era um espírito de cavalheiro, um remanescente das Cruzadas, um paladino, corrigindo os erros do mundo. Emprestavam-lhe atitudes de herói, endireitando malefícios. Feiticeiro ele próprio, era inatingível ao poder dos feiticeiros. Era todo um período da grande epopeia de Cervantes, a impressionar as ingênuas imaginações do povo. Mas não era do povo somente. E havia letrados que se deixavam deslumbrar pela figura do lúgubre campeador. O Sr. Carlos Fernandes chegou a tomar Silvino para tipo de um dos seus romances; e o devastador dos sertões aqui aparecia cheio de qualidades, emoldurado de virtudes. Verdade que, mais tarde, tendo ocasião de visitar Silvino, quando ele já se achava recolhido a uma cadeia de Recife, o romancista reconheceu o erro que cometera em sua novela. E deu, de público, o testemunho desse reconhecimento.

Também tive ocasião de visitar Silvino, na penitenciária de Pernambuco. E, talvez porque nunca houvesse cercado a sua figura de um fulgor romântico, não tive com ele nenhuma decepção. Achei, diante de mim, um homem imenso, de ombros de atleta. Os olhos vesgos, as pernas côncavas. Não tem crânio quase. Seu divertimento, depois de preso, é ler a Bíblia, da qual sabe de cor vários trechos, inclusive páginas e páginas dos Evangelhos. Quando eu o vi, ele estava com a mania de criar pássaros. Não sei se ainda conserva o hábito poético. Sei que ele havia habituado de tal jeito as aves à sua pessoa, que estas vinham comer o alpiste à mão celerada. Sucedeu que um desses pássaros morreu. E Silvino chorou como uma criança.

Ele é respeitado como um chefe e temido como um príncipe, na penitenciária em que se encontra. Não sabem os leitores que há uma aristocracia do crime, nas cadeias? Pois há. Quanto maior e mais impressionante é o temor que o nome de um criminoso espalha, maior é a consideração que ele tem na prisão em que se achar recolhido. Eu deixo esse ponto para ser esclarecido pelo Dr. Evaristo de Moraes que com a sua longa prática do assunto, bem interessantes observações terá a transmitir-nos sobre ele.

Mas fui apresentado a Silvino. E confessei, candidamente:

– Há muito tempo que eu desejava conhece-lo, coronel.

E Ele:

– Por que não me foi conhecer lá nos sertões?

Tive de confessar a verdade: não fora, porque não me queria arriscar as suas balas.

Silvino não se irritou. E, como não deixa de ter as tintas de humor, pretendeu demonstrar-me que os crimes que lhe são imputados não lhe pertencem – mas sim às forças policiais, que o perseguiam.

A solução desse problema somente a poderá conhecer a Divina Providência, o Onisciente Saber.

Como quer que seja, parece que o grande bandido está regenerado. Eu, contudo, não confio muito nessa regeneração. E se tivesse que passear no interior do Norte pediria aos destinos que não me dessem esse doce domesticador de passarinhos para meu companheiro de viagem.

Com Lampião está acontecendo o mesmo que aconteceu a Silvino. Já hoje douram a sua fronte de um certo resplendor de generosidade. Não tardará talvez o dia em que o façam uma vítima de qualquer tragédia doméstica, um homem doce e bom, vivendo sob a lei do cangaço pelo imperativo de um fado mau, para vingar a honra de um ente querido, e sentindo, sob os rifles bem carregados, bater, de saudade e de amor, um grande coração de poeta.

Será um Lampião-paladino, um Lampião-trovador, um Lampião-quase santo. E será esse, talvez, o lado pelo qual o bandido há de ficar, um dia perpetuado na história.

Talvez outras grandes glórias humanas, outros heróis, não tenham sido senão isso: monstruosos celerados, poetizados pela ingenuidade das lendas...

*Jornal do Brasil* (RJ) – 07.04.1926

## SALVE! BANDIDOS!

O bandoleiro Lampião, chefe de perigoso grupo de assassinos e salteadores, o bando mais em evidência dos malfeitores do Nordeste, acaba de ser consagrado pela política dominante do Ceará, e tudo indica que, qualquer destes dias, será chamado a algum posto de governo ou de representação.

Até ontem o noticiário ocupava-se desse celerado para contar das suas façanhas e das providências dos governos daquela região contra a sua horda devastadora. Mais de uma vez os governos de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará tiveram de entrar em ação comum para repeli-lo e fazer-lhe perseguição sistemática. Várias vezes assim aconteceu, sendo ainda recente a última expedição para esse fim organizada.

Agora é diferente: Lampião e os seus sequazes figuram como heróis glorificados, entrando pelos sertões do Cariri em procissão triunfal, quase sob o pálio, entre palmas verdes e entre nuvens de incenso do turíbulo oficial.

Os representantes da mesma autoridade que há pouco mandava todas as suas forças militares dar combate a esse sinistro cangaço, rende agora homenagem ao seu chefe, a quem o padre Cícero lança a sua benção e exorta a que, de hora em diante, deixe-se disso...

Sim, de ora em diante, Lampião pertence ao número dos novos valores da política militante na antiga e gloriosa metrópole do abolicionismo, e é preciso não esquecer a sua nova categoria de legítimo expoente de uma vasta porção dos elementos vitoriosos desta hora única

da história do Brasil.

Como um dia depois do outro é a lei eterna, chegou o dia de glória do bandido; a força militar da polícia do Ceará não parte mais, sertão afora, no encalço dos bandoleiros que assaltam, roubam e matam, perturbando a ordem e agoniando a vida dos que trabalham a rude terra que a seca faz tão ingrata. A polícia militar forma em ordem de marcha, não para combater mas para desfilar em revista perante Lampião, entronizando na benemerência e guindado ao palanque onde se repimpam os seus amigos e correligionários, felizes e fartos dominadores do momento.

Salve! Bandido! Saúdam-te as tuas vítimas por entre os aplausos dos teus cúmplices e comparsas.

E os teimosos a insistirem que, em político, a nossa, principalmente, não há lógica...

O Jornal (RJ) – 07.04.1926

## LAMPIÃO – O FACÍNORA

O "cangaceiro" é um dos grandes problemas com que lutar os Estados do Norte. Desde tempos bem remotos, talvez desde as épocas em que a civilização brasileira apenas bruxuleava, já os indivíduos fora da lei, vivendo sob o "cangaço", causavam o pavor das populações pacíficas do interior nortista. Um desses bandidos, de nome Cabeleira, deixou uma tradição de tamanha ferocidade, que ainda hoje o seu nome é relembrado com pavor. Antônio Silvino, facínora não menos célebre, hoje presidiário em Recife, tem uma glória igualmente monstruosa.

O grande pavor dos sertões do Nordeste é, hoje, o bandido Lampião. Trata-se de uma das organizações mais negras que ainda se pôde conceber um homem. Esse indivíduo é um monstro.

Ele leva o seu prazer de matar, de assassinar, de depredar, a um requinte de fera.

Agora, comunica-se do Ceará que Lampião, com 49 cabras, devasta a região do Juazeiro. É mais uma das dessas terríveis e trágicas incursões que o célebre "cangaceiro", iludindo a perícia e a coragem das polícias dos Estados, leva a cabo, com um sucesso impressionante.

Porque, cumpre que se saiba, às forças policiais dos Estados do Nordeste em vão dão combate a esse bandido. E por que? Porque, lutando essas forças isoladamente, e sem uma ação conjunta, não podem ter, nesses combates, a eficácia que era de esperar tivessem.

Parece que deveria ser feito um acordo entre os diversos governos dos Estados, no sentido de ser organizado um combate sem tréguas, definitivo, contra esse grande celerado.

*Vida Policial* (RJ) – 10.04.1926

## OS "LAMPIÕES" DE CÁ...

### Como Eles Mal Disfarçam a Mágoa da Regeneração do Confrade.

Causou estranheza a certos matutinos a notícia de que famoso bandoleiro do Nordeste, sobre cuja consciência pesa o confessado remorso de vários crimes, se havia recusado a aliar-se aos seus comparsas, réus de atrocidades inomináveis, que sob a esfarrapada capa de rebeldia às leis constitucionais fogem, perseguidos pela intrepidez das armas legais, naquelas mesmas paragens.

Eram, realmente, de esperar essas explosões de incontido despeito pelo inesperado malogro de uma aliança que, pela aparente identidade de sentimentos e de objetivos, se lhes afigurara certa. Mas "Lampião", o bandoleiro famoso, em um gesto que não é uma ironia, porque é um esplêndido exemplo de regeneração, longe de enfileirar-se entre os dilapidadores vandálicos do sertão brasileiro, que lhe obscureceram e apagaram todas as decantadas proezas, voltou-se, em súbito esclarecimento do seu espírito brutalizado, no crime, para o campo em que se ostentava a bandeira republicana. É que o façanhudo cangaceiro teve a clara visão dos seus próprios erros, dos seus trágicos crimes, vendo-os reproduzidos, em proporções fantásticas, em requintes monstruosos de perversidade, de cobiça, de ódio e de vingança.

Em face das atrocidades sem nome, dos apavorantes atentados, das crestadoras e incineradoras devastações, que esses bandoleiros, disfarçados em rebeldes, praticaram no sertão brasileiro, o célebre *bandit des grands chémins* nordestinos sentiu, arrepiado, o horror de toda a sua vida, e encontrou, então, institivamente, o meio mobilíssimo de resgatar todos os seus crimes – alistou-se entre as armas legais. Nas suas fileiras, procura, intrépido, conquistar, pelo preço do seu sangue e, talvez, de sua vida, a integral regeneração.

Mas o gesto do bandoleiro famoso, que não poderia ser acolhido como uma manifestação sincera, apesar, ou por isso que foi imprevista, de reabilitador arrependimento, o seu gesto exemplar desgostou, amargurou, angustiou, exasperou os seus comparsas, de lá e de cá... "Lampião", regenerando-se, é um traidor. Enquanto o bandoleiro, arrependido, incorpora-se às fileiras vitoriosas da lei, oferecendo a vida para resgate dos seus erros, os seus comparsas, fieis obstinados ao seu código de crimes, prosseguem na faina sinistra e feroz de destruição, de assassínios covardes, de fratricídios malditos, de vinganças supliciadoras, de ódios cruciantes, de devastações e de incêndios infernais. "Lampião" é um traidor; "Lampião" desertou, covardissimamente, humilimamente, das fileiras intrépidas do crime...

É justo, portanto, o clamor e o desespero dos talhadores dos campos sertanejos, dos dilapidadores de lugarejos, de vilas e cidades, dos devoradores de rebanhos, dos violadores de lares, dos insufladores covardes, desses vanguardeiros da morte. "Lampião", para os lampiões, de cá e de lá é um traidor. A sua regeneração, segundo o código comum, é uma infâmia. O verdadeiro criminoso, o criminoso de fato, o criminoso de verdade, o criminoso legítimo, autêntico, incorruptível, o criminoso inato, de puríssimo sangue – não se regenera nunca. Prosseguir, continuar, persistir, obstinar friamente, no crime, é o seu inviolável dever de honra. Improvisem-se os obstáculos, arregimentem-se resistências, opunham-se barreiras, ergam-se intransponíveis muralhas das leis, é preciso avançar, sorrateiro, discreto, covarde, na senda larga do crime, e recuar, escapar, fugir... As armas legais varreram por toda a parte os *Lampiões* civilizados, mascarados de patriotas, destroçando-os, desmoralizando-os, desbaratando-os!

Os *Lampiões* não se regeneram. Reconstituem-se em grupos esfrangalhados para per-

correr o sertão e prosseguir, continuar, persistir no crime! É esta a lei reguladora suprema de sua vida. A encorajá-la na sua ronda, macabra, eles até têm imprensa, tem certos jornais de insaciável voracidade monetária, que tudo leiloam, ainda mesmo a integridade, a honra, a glória da Pátria...

Quem dá mais? Positivamente, "Lampião", para eles, é um traidor...

*O Paiz* (RJ) – 10.04.1926

## A REPRESENTAÇÃO DO CANGAÇO

O cangaço é, não há negar, uma instituição nacional. Será uma instituição maléfica, ignominiosa, que nos diminui, nos humilha, nos degrada perante a civilização, mas nem por isso deixa de ser uma instituição. Fenômeno de involução social, o cangaço explica-se pela ignorância, pelo mandonismo, por sentimentos retardatários, enquistados em mentalidades embrutecidas, onde jamais penetrou a luz de um ensinamento cívico ou moral. Os que vivem essa vida errante e aventureira, na desolação das caatingas do Nordeste, só obedecem aos seus instintos, às suas paixões, aos seus ódios, aos seus desejos de saque e de rapina. Desconhecem a justiça, não respeitam autoridades, nem códigos, nem leis.

O paraíso desses seres inferiores e degradados é o Juazeiro do Cariri e a divindade a que adoram é o padre Cícero. Veneram-no como a um Deus, dele solicitam e proclamam os milagres, prosternam-se diante dele, fazem-lhe oferendas e sacrifícios. A lenda da sua santidade, dos seus milagres corre sertões em fora, cada dia aumentada pelas imaginações fanatizadas. Certo do prestígio que daí lhe advém, o referendo acoroçoa a crença na sua estranha taumaturgia, rebelando-se contra os que a recusam, como aconteceu no caso da hóstia, que se avermelhava de sangue na boca da beata Maria de Araújo, caso que a própria Igreja condenou como um embuste, submetendo ao mesmo tempo o padre à uma suspensão de ordens. Aumentada, em vez de diminuída, com essa condenação, a sua aureola de santidade, ele continuou a estender cada vez mais o seu renome e a sua ascendência, fazendo do Juazeiro a Meca para onde acorrem, desde os confins da remota Bahia, as populações fanatizadas, ansiosas por beijar-lhe, genuflexas, a fimbria da estamenha.

Na estranha cidade, disposta em acampamento, onde chegam todos os dias, incessantemente, as caravanas dos romeiros, todos se sentem sob a proteção do solícito Padrinho de toda a gente. Criminosos de toda espécie, perseguidos de todas as justiças, ali se sentem tranquilos, livres de qualquer constrangimento. Os mais célebres bandidos daqueles sertões adustos penetram desprevenidos as trincheiras da cidade santa, e ali procuram o padre, pedem-lhe a benção e são ouvidos em confissão, retirando-se depois a salvo de qualquer perigo. Recentemente era o Lampião que ali acampava com todo o seu bando e ao mesmo tempo com a certeza de não ser incomodado. E o famoso bandido, terror daqueles sertões, tomava então ares de grão-senhor, deixava-se fotografar, dava entrevistas aos jornais de Fortaleza e fazia frases. Entrementes conferenciava com o Padre, ouvia-lhe os conselhos paternais, agraciava-se talvez com a absolvição no confessionário e depois de receber a benção com todos os seus sequazes, partia

rumo a novas façanhas de rapina e de sangue.

Convém observar como nota elucidativa que em Juazeiro, cidade cearense, há autoridades, polícia, juízes, e ninguém ignora que Lampião e os do seu numeroso bando são autores de assassínios e roubos sem conta, nos sertões de Pernambuco, Paraíba e do próprio Ceará. No entanto a incursão dos famosos bandidos em Juazeiro nem sequer foi percebida pelas autoridades! Eles entraram e saíram a salvo. Por que? A razão é evidente e é que ali impera uma só verdade, soberana e inflexível, a que todos estão adstritos, inclusive as próprias autoridades. Esta vontade é a do padre Cícero e este não permite que, nos seus domínios, no seu clã, sejam perseguidos os que vão render homenagem à sua onipotência. O Juazeiro transformou-se assim em um valhacouto de bandidos, em um território neutro, onde os criminosos se sentem seguros, a salvo da lei e da justiça dos homens.

Essa situação de fato que apresenta o Juazeiro como um corpo estranho, verdadeiro Estado no Estado, é conhecida e tolerada. No Ceará houve apenas um governo que quis reagir contra ela, incorporando aquele município e suas autoridades à obediência comum que todos devem à lei, à Justiça e aos poderes supremos do Estado. Este governo foi o do coronel Franco Rabelo, o único que teve a coragem de destituir o Padre milagreiro das funções que exercia, transmitindo a outro a gestão do município. Mas ninguém ignora que essa ousadia foi rudemente castigada. O Padre arregaçou a batina, fez-se revolucionário e aliado ao caudilhismo de general Pinheiro Machado, conclamou as suas hostes e mandou que elas partissem, em pé de guerra, a vingar o infame ultraje. A horda sinistra desses outlones, proscritos da honra, da lei e da Justiça, arrebanhada por toda parte, desde os sertões da Bahia, reuniu-se um dia no Juazeiro e abençoada pelo Padre, partiu rumo de Fortaleza. Espalhando a desolação, a dor, o luto por onde passava, ela foi vencendo as etapas da sinistra empreitada e passou pelos sertões, transidos de horror, como uma maldição de Satã, incendiando, matando, saqueando, devastando. Franco Rabelo resistiu enquanto pôde, e por alguns meses, mas perseguido do governo federal, que se aparceirara com o padre renegado, para preparar a queda do governo constituído e implantar no Ceará uma política à feição do pinheirismo, teve de ceder afinal, entregando o Estado à sanha dos bandoleiros. E a rude lição ficou para escarmento de todos os governos futuros, e para que não haja eles de perturbar jamais a doce paz daquele recanto abençoado, paraíso dos cangaceiros do Nordeste.

Aumentado assim o seu prestígio, com o apoio das armas homicidas e o fulgor dos combates sangrentos, esse estranho sacerdote de um Deus de Paz, de Justiça e de Bondade, vê-se hoje de posso de um poder quase absoluto. E como esse prestígio e esse poder precisam de uma maior consagração, cogita-se agora de dar-lhe representação mais alta no cenário da vida política nacional. Está anunciado que o Padre Cícero vai ser eleito deputado federal pelo Ceará. Não é motivo para estranheza essa apresentação. Antes, ela se nos afigura natural e lógica. Se o cangaço é, como dissemos, de início, uma instituição nacional, deve ter uma representação no Congresso, e nenhum melhor representante tem a designar que o seu expoente máximo, o taumaturgo octogenário. Muito menos, é de estranhar que a politicalha venha a lançar mão de elementos de tal jaez. Desamparada da opinião pública, sem norte, sem princípios, sem ideais, ela precisa para viver e prosperar do apoio desses réprobos das leis de Deus e dos homens – os asseclas do Padre Cícero.

*Correio da Manhã* (RJ) – 17.04.1926

## O NORDESTE E O CANGAÇO

Os jornais desta Capital e talvez de todo o País vem pondo em foco o problema do cangaço no Nordeste, com a narração de episódios em que figura o célebre "Lampião", como já figurara Antônio Silvino, e como figurarão outros homens corajosos daquelas paragens, que se disponham a chefiar outros, dispostos, por sua vez, a viver fora da lei. Envergonha-nos isto, que é uma demonstração ostensiva do descaso com que os governos do Nordeste deixam de cumprir os seus deveres.

O cangaço é uma diátese meio política, meio social daquelas terras, onde não surgem grandes vontades de incrementar o desenvolvimento da civilização do País. Pensa-se no litoral, mais ou menos civilizado, que ele resulta de "maldade inata" dos sertanejos. É um erro. As suas origens perdem-se na criação do mandonismo político do Segundo Império, quando chefes conservadores e liberais, não contando com o apoio da opinião eleitoral do interior dos Estados, porque ela não existia, resolviam os seus dissídios pela boca do bacamarte.

Quem quer que haja procurado conhecer o que, naquele trato da nossa evolução política, representava a opinião no interior, no Nordeste especialmente, não alimenta a menor dúvida de que ela era constituída, menos por qualquer coisa de significação rigorosamente política, do que pelos bandos armados, de centenas de homens à disposição dos chefes graduados dos partidos em luta.

Originou-se daí o gosto à ociosidade por parte de homens válidos, que podiam perfeitamente entregar-se aos misteres dos campos, transmitindo-se a tara da desordem de geração para geração, assim como as lutas de famílias inteiras a se entredevorarem, oriundas de mero jogo da politicagem.

Essas causas, como se vê, diferem um pouco de qualquer influência da "crueldade ingênita" dos sertanejos. Derivam-se da ação dos dirigentes, que ainda agora não desprezam a eficácia de algumas centenas de homens armados ao serviço dos seus ódios e ambições, embora isso constitua um tristíssimo testemunho deprimente para a nossa civilização.

De ordinário o sertanejo, no seu aspecto e nas manifestações primitivas da sua atividade, é nobre e generoso. Nas incursões dos cangaceiros, em que há revolta contra a ordem, mas também um grande espírito de vingança em ação contra a politicagem, a falta de justiça e o domínio do caciquismo repugnante em que vegetam os sertões, são comuns os casos em que respeitam eles pobres ranchos de viúvas, crianças e donzelas desamparadas, enquanto violam, saqueiam, depredam, incendeiam os lares abastados dos poderosos das localidades atingidas. Aí está um sintoma a considerar, para o julgamento do que são e representam esses homens, herança da politicagem do Império infelizmente transmitida à República.

Pode-se acabar com esse estado de coisas? Não há dúvida, e em condições de dotar os sertões de elementos da civilização que é o orgulho da faixa litorânea do país. Devemos lembrar mesmo que já se tentou um severo esforço neste sentido, ao tempo em que as "salvações" dos Estados do Norte, orientadas pelos amigos militares do marechal Hermes da Fonseca, deram também em resultado uma combinação dos governos estaduais, no intuito de não dar tréguas ao cangaço.

O general Dantas Barreto e os coronéis Franco Rabelo e Clodoaldo da Fonseca, concertados com outros governantes estaduais, empreenderam a tarefa de dominar os cangaceiros das unidades federadas que respectivamente dirigiam e de não consentir que os de outras nelas se acoitassem. As providências determinadas nesse objetivo patriótico começaram a dar os

necessários resultados, quando o coronel Franco Rabelo, em consequência dos interesses da política central, foi apeado do poder. E como a luta armada, contra ele desencadeada, fora sustentada precisamente pelos cangaceiros aliciados nos sertões pelo extinto Partido Republicano Conservador, é bom de ver que, daí por diante, seria inútil prosseguir na execução dos acordos interestaduais destinados a debelá-los. O cangaço consolidara-se, preparando-se para mais tarde servir de apoio ao Sr. Manoel Borba contra o presidente Epitácio Pessoa, e assim por diante, numa evidenciação positiva de que conserva a sua existência num extravagante paralelismo com a política militante.

Só por isso, ninguém se iluda, é que ainda se fala em "Lampiões" e outros tipos da mesma categoria, revoltados contra a lei e a ordem legal, dispondo de uma facilidade de movimentos verdadeiramente espantosa. Quando deputado, o Sr. João Cabral lembrou a ideia de se tentar a civilização intensiva no Nordeste com a criação de regiões militares nos sertões, desde a Bahia até ao Maranhão. Se não nos enganamos, os sociólogos da avenida Rio Branco e adjacências levaram ao ridículo essa sugestão feita aos poderes públicos pelo então representante do Piauí. Nela, entretanto, estava o germe de uma modificação facílima do regime político e social em que se anula o "cerne da nossa nacionalidade", porquanto não pode haver dúvida de que a penetração militar, por mais que clamem os "pacifistas" contra o "militarismo", ainda é um excelente fator de civilização, porque à sua frente leva ordem, desconhecida das organizações rudimentares ou delas banida pelos manejos da politicagem.

E nós vemos, naquele acordo de combate ao cangaço, promovido por três governadores militares do Nordeste, o reforço preciso às ideias do Sr. João Cabral. Seja como for, a verdade é que os cangaceiros recrudescem de tal sorte na sua atividade, com o "Lampião", ou sem ele, porque, se ele cair, para logo será substituído, que já não há como ocultar a necessidade de um igual movimento conjunto de todos os governos do Norte para uma repressão da natureza daquela que, infelizmente, não pôde ser concluída.

Muito poderá também, na espécie, o governo federal ou melhor dizendo, ele é que deve colocar-se à frente dessa repressão, se não determinando, pelo menos incentivando a sua realização, com reunir aqueles governos em torno de tão alto objetivo patriótico. Só esse governo não tem interesse imediato ou remoto na existência dos cangaceiros, essa é que é a verdade. Logo, com ele está a autoridade moral incontrastável para encaminhar os estaduais a uma solução conveniente às superiores injunções da civilização brasileira em jogo. Como quer que seja, não faltam fórmulas para que se proceda ao desaparecimento dos "Lampiões", produto do seu próprio meio, que infestam os sertões do Nordeste. Parta do centro, do governo federal, da sede política e administrativa da República, a palavra de ordem tendente a combatê-los, e, dentro em pouco, deles só restará a memória, a triste memória com que se têm celebrizado.

Trata-se de uma grande obra de saneamento dos sertões e da política do Nordeste. Convirá tentá-la?

*Gazeta de Notícias* (RJ) – 18.04.1926

## DE MONÓCULO

João da Rua Nova

Lampião...
Aqui só se fala no terrível bandoleiro.
O assunto da gente humilde, por todas as porteiras e estradas é Lampião.
E suas barbaridades. Sanguinário e monstruoso bandido.
E como dói a ironia destes versos sertanejos, a refletir, na sua rusticidade, a ignorância, a ingenuidade ou os maus instintos de quem os compôs e que, de estrada a estrada, de fazenda a fazenda, de rancho a rancho vão celebrando a sombria e sinistra personalidade do feroz salteador dos sertões nordestinos:

*Minha mãe, quero dinheiro*
*pra comprar um cinturão.*
*Eu quero ser cangaceiro*
*do grupo de Lampião.*

Ao que o meu caro Ascenso Ferreira, o poeta de "Catimbó", a aparecer, breve, para o melhor êxito, estribilha, com um jeito e um ritmo todo seu num de seus poemas característicos:

*É Lampe... é Lampe... é Lampe... é Lampe...*
*É Virgulino Lampião.*

*Rua-Nova* (PE) – 08.05.1926

## DAS TERRAS DO NORDESTE

Seve-Leite

A D. João Moura, com a minha profunda admiração.

I

A MALDIÇÃO

Anátema dos céus pesa sobre as terras adustas do Sertão.
A boca do Criador para só se abriu para lançar o verbo da maldição sobre o povo bárbaro.
E os olhos, parece, lhe fuzilaram dentro das órbitas, labaredando ódios, se é que Deus pode ter ódios.
Porque – é certo – o primeiro homem que ali apareceu, deve ter sido um assassino, um

egresso dos cárceres dessa Lusitânia aventureira, só cheia de Albuquerques e Vascos da Gama e Cabrais, que novos mundos descobriram, para fazê-los desgraçados e novas terras conquistaram, para torna-las infelizes e outros povos criaram, para que se fizessem os réprobos da Humanidade.

Que Deus criou o Nordeste, do barro que o Demônio amassou no alto do Tibidabo, quando enganava a Jesus.

E as águas, que não dessedentam e ali caem e rolam, tirou-as do balde de Minas, nas bordas de lodo e fel, do Aqueronte.

E a luz, coloriu-a das primeiras chamas que o Vesúvio vomitou.

E o ar, fluidificou-o ao primeiro hálito que o brasilisco da igreja de Santa Lucia arrotou ao tempo de S. Leão, na Roma dos papas e dos césares.

Destes elementos desordenados, é que o Criador criou o Nordeste brasileiro.

Porque a terra ali escalda e as águas guardam todo o sal do Maelstram e o sol é cor de sangue e o ar envenena e empesta.

E o homem quer continuar a ser a fotografia ampliada de Caim – o primeiro assassino...

## A Expiação

Átila está calçando com o pé de chumbo, a erva que já não crescia, desde o "Moxotó", pelo "Navio", e até ao "Pajeú".

Átila é Lampião – o segundo "flagelo de Deus".

Os hunos de 1926 no Brasil – no Nordeste – não pedem messes aos que, em 434, invadiram a Gália soberba e lhe talaram os campos cultivados e a assolaram e a incendiaram, ponta a ponta.

O Criador está dando o castigo à obra que criou, ao homem que ele quer fazer à sua semelhança, à terra que ele quer purificar.

Mas os que sobrevieram, encheram-se de erros e digladiam-se e matam-se, até hoje.

Deus, por Jesus, salvou-os pela segunda vez.

O sangue derramado do Messias, lavou a terra de impurezas.

Mas há lugares em que uma gota só do sangue do Nazareno não caiu.

E o nordeste brasileiro está sendo banhado pelas águas do Letes.

Às secas periódicas, às estiagens tremendas, sucedem as cheias que desolam e arruínam cidades e matam as pastagens e aguçam o desespero e o ódio e as cóleras do sertanejo.

E a obra da destruição não para e a mão do destruidor não cansa.

Se Virgulino Ferreira busca o refúgio em terras remotas, para uma trégua de dias, surge Prestes, obedecendo a outros motivos, mas sempre castigando o homem das caatingas e lhe roubando a fortuna e lhe desonrando a mulher e a filha.

Que raça maldita teria habitado o Nordeste e quais os crimes cometidos para tamanha expiação?!...

## A Redenção

Já no nordeste brasileiro os cárceres se fecham e as trilhas indecisas e sinuosas como serpentes, se alargam.

E o homem civilizado penetra o Sertão com o livro aberto, como Amon penetrando as cem arcadas de Tebas – a boca escancarada para exprimir a Verdade e os olhos claros alumia-

dos pelo fulgor da luz da redenção.

O rifle já não retumba pelas quebradas e a voz gutural e colérica do cangaceiro, já se não escuta, chamando à razia, ordenando o saque.

O arado retalha os campos, a semente cai das mãos do lavrador, a árvore grela, cresce, abre a copa viride, enflora-se e o fruto bom vai saciar a fome do homem que a plantou e dos filhos que o colherão, para as novas sementeiras.

Deus olha o Nordeste com o seu melhor olhar de misericórdia.

E não mais por Jesus, mas pelo homem culto e honesto, o Sertão se desbrava e se redime.

Redime-se, porque as escolas se abrem e as estradas se cruzam e as habitações se multiplicam e as distâncias encurtam diante do auto veloz que as consome, diante do animal de ferro que bufa o vapor dos pulmões monstruosos e a terra circula e contorna e rasga e penetra, na vertigem maravilhosa com que o pássaro da civilização abre as loucas asas formidáveis, por todo o infinito escampo da terra brasileira.

E nunca mais se dirá que os guerreiros de mitindates atravessarão as terras do Nordeste.

Porque, para redimir, a nova cruzada só se fará com o livro, com o arado e com "os dois vergões de ferro" que parelhamente correm, terras a dentro.

E o sertanejo ingressará pelas portas de uma outra Vida, com o aprumo de um forte, a serenidade de um justo e o orgulho de um vencedor.

E redimido de todos os erros...

*Rua Nova* (PE) – 15.05.1926

## O CASO DE LAMPIÃO

Velhos livros ingleses contam-no hoje o que foi o prestígio esplendoroso do bandido Robin Hood, no século dezesseis. Quem ler a obra de Jusserand verifica que poder extraordinário era o desse salteador de estrada, que encarnaria as reivindicações do povo, pois este é sempre partidário dos perseguidos e dos fora da lei. Às portas de Londres, Robin Hood apresentava-se à frente de seu bando, nas pequenas cidades e era recebido com música, bandeiras e festas.

Iam ao seu encontro até as autoridades locais e o *ont law* antes parecia magnífico senhor do que um simples inimigo do poder público.

Outro exemplo semelhante foi o do célebre Mandrin, em França, na época do Rei Sol. A ousadia desse contrabandista, que comandava um regimento de salteadores, chegou a tal ponto que um dia aprisionou o próprio ministro da Guerra de Luís XIV e obrigou-o a passar a sua tropa em revista. E a alta autoridade confessou que nunca vira no Exército francês unidade de cavalaria que manobrasse tão bem.

As populações campesinas amavam e protegiam esse bandoleiro como amaram e protegeram Cartouche e muitos outros, como os ingleses amavam e protegiam Robin Hood.

Não nos admiremos que isso se tenha passado em países civilizados como a França e a Inglaterra. A gente do campo só conhece dos governos a polícia e o imposto. Ele não lhes dá o conforto e os melhoramentos de que goza a gente da cidade. Daí a sua oposição sistemática. O bandido encarna esse espírito e, se pratica crimes, seus feitos de coragem e astúcia o aureolam de prestígio tão romântico que os horrores praticados desaparecem da imaginação popular para nela só viver a memória das suas ações gloriosas.

Eis como se podem explicar os casos de Robin Hood e de Mandrin, para não falar nos heiduque slavos, nos bachibuzuks turcos, nos palikaros albaneses, nos Klephtos regos, nos assassínios da Síria e nos próprios thugs do Industão.

Não desapareceram na Europa os bandidos desse gênero heroico. Ainda há dia os jornais publicavam este curiosíssimo despacho telegráfico de *United Press*:

"Ajaccio, 29 – O enterro do bandido Romaneti, morto pela polícia depois de vinte e cinco anos duma vida de crimes, deu motivo a grandes manifestações de pesar por parte do povo corso, que o considerava um protetor. Cerca de trinta mil pessoas acompanharam os restos do terrível aventureiro ao cemitério.

As autoridades, por precaução, manaram recolher a polícia aos quarteis, para evitar qualquer conflito com o povo."

O telegrama não comenta o fato extraordinário, mas a sua simplicidade é suficiente para nos pintar a exacerbação do povo, tão grande que as autoridades procuraram evitar qualquer conflito, que seria capaz de degenerar em séria rebeldia. E é preciso, antes de tudo, não esquecermos que a Córsega, apesar dos seus magnis, correspondentes às caatingas do nosso Nordeste, e das suas vendetas, é um departamento da República francesa.

Iguais aos bandidos corsos e a todos os que acima enumeramos, na sua vida de crimes e de heroísmos ao mesmo tempo, são os cangaceiros do Centro-Norte do Brasil. Eles nascem do abandono em que os governos têm deixado mergulhado os sertões. São produtos da falta de moral, de instrução, de comunicações, de saúde e de justiça. Diminuam os efeitos de politicalha, abram escolas, distribuam remédios, façam estradas, construam açudes e deem justiça verdadeira a todos que o cangaço desaparecerá! Não é com espingardas e com metralhadoras

que se destruirão os Canudos e os Juazeiros; sim com cartas de ABC, com moralidade, com exemplos, com amor. E o cangaceiro é geralmente o revoltado contra a injustiça dos mandões e um chefe de rude socialismo, que prega pelo trabuco o despojamento do rico em favor do pobre.

Daí o prestígio de Jesuíno Brilhante, de Antônio Silvino e de Lampião.

Contra a entrada triunfal deste os jornais cariocas, sempre ignorantes dos assuntos que tratam, clamaram aos céus. Não vejo porque. Eles pensam que a moral de Cariris deve ser a da avenida Rio Branco, sem se lembrarem que na polícia do Distrito Federal tem havido gente pior do que a do Lampião.

O cangaceiro foi ao Juazeiro a chamado de Floro Bartolomeu. Quando lá chegou, este já havia morrido. Haveria o padre Cícero de prender quem procurasse a sua cidade na *fé dos tratados*? Creio que não. É preciso ser coerente e ser lógico. Seria atraiçoar o bandido que vinha de boa-fé, tornando-se pior do que ele. E o chefe do Juazeiro agiu bem.

A recepção que lhe foi feita em nada difere da que tinha Robin Hood na Grã-Bretanha, Mandrin na Franca e do enterro glorioso de Romaneti na Córsega.

Nós gritamos desesperadamente contra tudo o que se passa no Brasil e não sabemos comentar nada do que se passa lá fora. Ah! se fossem as nossas autoridades que procedessem como as francesas encerrando a polícia no quartel, para o povo demonstrar o seu pesar pela morte dum salteador de estradas, que não diria a Imprensa?

*Fon Fon* (RJ) – 15.05.1926

## UM SÍMBOLO

Mario Rodrigues

É o grande vulto nacional do momento. Invejam-lhe a retumbante glória vivos e mortos. Corre nas asas da fama – rifle ao ombro, punhal na cinta, um rosário de cruzes no pescoço – de norte a sul, de leste a oeste. Quando tudo se julgava perdido lá pelo Nordeste, tornou-se o herói, o protótipo da Legalidade. As mortalhas que cortara, de estrada a estrada, através das mais tristes cenas de banditismo, transmudaram-se em troféus veneráveis, que o Brasil inteiro decanta. Vitorioso, à espera de um generalato, que mais dia, menos dia, terá, entrou em Juazeiro; até os milagres de padre Cícero empalideceram; milagres espalhou-os o augusto facinoroso; juncaram-se os campos de flores; genuflectiram as turbas maravilhadas. LAMPIÃO tomou aquela conhecida pose napoleônica, fitando os céus azuis dos sertões, cara a cara; e um coro de aplausos tonitruou no ar, encheu o espaço, os ecos atravessaram fronteiras, chegaram aqui, e inflamam hoje a tribuna parlamentar, alvoroçam a imprensa, edificam a política. Quando veremos general o egrégio patrício? Só porque, no aprisco onde domina soberano, abraçou o glorioso pontífice do cangaço, padre Cícero sentiu logo vontade de uma cadeira na Câmara Federal; mas ao bandido, sim, ao bandido repugnou-lhe essa mesquinharia; basta-lhe a sim-

ples admiração da pátria reconhecida aos triunfos do seu valor táctico e estratégico, e à sua bravura. Ceder, talvez ceda à ânsia cívica dos que desejam coroá-lo; falem-lhe numa estátua, ali na Avenida, vis a vis da de Floriano, para humilhar o marechal de ferro; assim não digo que desconverse.

Esse homem que acende os entusiasmos condoreiros de senadores e deputados, esse homem cujas façanhas deslumbram a alma dos donos disto, prestou-se a uma entrevista. Contam que, pitando o cachimbo de barro, lembrança dos períodos de suas lides com o Código Penal, policiais estaduais e a resistência das vítimas, nenhuma escapa ao alvo dos seus infalíveis tiros de retaguarda, ele se revelou modestíssimo: "Não sou mais que os outros; a gente luta enquanto pode; quando não pode, corre; o que eu sei é correr bem na ocasião". O Napoleão das fugas cautelosas, é ou não um símbolo? Herói de emboscadas, perlustrador de matas, em cujo emaranhado se resguarda, combatente de atrás do pé de pau, implacável contra os fracos, que dizima, rouba e afronta em torpes empresas, não objetiva um emblema ao correr, ao correr do perigo como os antílopes e certos conglomerados de covardia, para os quais os combates de peito franco, de atitudes intrépidas, de sacrifícios decididos se tornou pura memória histórica, apagada pelas distâncias do tempo remoto? Ao saber dos discursos bombásticos e dos hinos ridículos, das complacências indignas e das transigências criminosas, que aclamam ou abrem os braços ao general LAMPIÃO, fixo apenas a miséria moral de uma época que se define a si própria, se julga e se condena. LAMPIÃO não roubou, não assassinou, não violentou virgens, não semeou misérias e pavores, num infinito estendal de covardias e de torpezas, LAMPIÃO é, *tout court*, o sustentáculo da Legalidade. É o assunto das casas parlamentares do país. É o enlevo do Brasil.

Desgraçado Brasil!

*A Manhã* (RJ) – 26.05.1926

## O SR. LUZARDO NA TRIBUNA DA CÂMARA

A sessão da Câmara tinha ontem, o interesse que sempre desperta um discurso do deputado Baptista Luzardo. Os trabalhos foram iniciados com bom número. Não havia matéria de importância na pasta do expediente.

O Senhor LUZARDO na Tribuna.

A palavra foi logo dada ao deputado gaúcho, que continuou o seu discurso de exposição da situação do país. Pronunciou-se com muita calma e método, sendo ouvido em começo em silêncio, e com curiosidade sensível, por parte da maioria. Referiu-se aos fatos ocorridos em Carolina, na travessia do Maranhão, do Ceará, do Rio Grande do Norte, da Paraíba, sem que os deputados pelos mesmos Estados saíssem a contestá-lo. Já se referindo às ocorrências do Ceará, o seu discurso toma outros aspectos. Há apartes, e o deputado gaúcho responde com mais

veemência. O Sr. Luzardo fala do padre Cícero, e de suas relações com bandoleiros, como o famigerado Lampião.

O ambiente muda de brusco. O Sr. Flores da Cunha dá o seu testemunho de admiração ao padre Cícero, como deputado, que já foi pelos Cariris, mas acentua que não compreende qualquer consideração com bandidos do cangaço, como o salteador Virgulino. Há mesmo trocadilhos dos senhores Flores da Cunha e Luzardo, e a Câmara ri-se um pouco.

O Sr. Francisco Rocha, da Bahia, não quis ficar no seu habitual silêncio. Anima-se com um aparte do Sr. Simões Filho, em favor de Horácio de Matos, e atira golpe mais decidido. Diz que Lampião fez a vanguarda dos rebeldes, no Ceará. O Sr. Luzardo replica com energia, e desafia o deputado baiano a dar provas do que afirmou. O Sr. Francisco Rocha inquieta-se e diz que vai mostrar à Câmara como são os amigos do orador.

O deputado gaúcho, continuando a sua oração, lê documentos, busca apoio em favor do que afirma: o padre Cícero sacudiu o manto protetor da legalidade por sobre os ombros facinorosos de Lampião. Lê uma entrevista do padre Cícero a um jornal do Ceará, em que o padre político absolve o criminoso das culpas e o põe a seu serviço. O Sr. Francisco Peixoto pergunta se a entrevista é verdadeira, e acha isto importante. O Sr. Sá Filho afirma que o padre Cícero contestou formalmente que estivesse apoiando Lampião.

O Sr. Luzardo vai a minúcias. Recorda declarações do padre, empenhando-se "para alistar Lampião entre as forças legais", ou resolvido "a encaminhá-lo para Goiás, como já fizera com Luiz Pereira", Chama a atenção dos goianos para esse particular. O Sr. Luiz Silveira, de Alagoas, diz que é isto um presente de gregos. O Sr. Joviano de Castro esclarece que o recomendado do padre Cícero, mal chegou em Goiás, foi preso, e acrescenta que a mesma sorte aguardará Lampião, se para lá for.

O Sr. Luzardo aproveita-se dessas declarações, e mostra como se formaram os batalhões patrióticos. Frisa que a única preocupação desses patriotas era esvaziar o Tesouro. O Sr. Francisco Rocha arde novamente em zelos. Aparteia. "Prestes é comparável a Lampião". Há protestos, e o deputado baiano cala-se. Via-se que o deputado Potiguara se contraia, num impulso espontâneo de apartear.

O Sr. Luzardo esgota a hora do expediente, prometendo detalhar os acontecimentos do Rio Grande do Norte e da Paraíba, no próximo discurso.

Foi muito notado que o general Potiguara fosse cumprimentar com sincera simpatia o orador. O próprio Sr. Francisco Rocha observou o fato, e acalmou-se. Alguns colegas seus diziam que o deputado baiano não mais falaria.

*Correio da Manhã* (RJ) – 26.05.1926

## ANIMADOS OS DEBATES DE ONTEM NA CÂMARA – LAMPIÃO FOI AINDA O ASSUNTO PRINCIPAL DAS DISCUSSÕES

Bastante animada a sessão de ontem na Câmara. Foram os debates políticos, que ainda desta feita lhe deram vida e calor...

No expediente figuravam dois telegramas: do Sr. Rosa e Silva e do embaixador Regis de Oliveira, um comunicando e outro felicitando ao presidente da Câmara, pelo fato de ter a Conferência Interparlamentar de Comércio deliberado, por proposta da delegação brasileira, reunir-se, para o ano, no Rio de Janeiro.

### CONGRATULAÇÕES...

O primeiro orador, Sr. Fonseca Hermes, reportou-se a esses telegramas. Enalteceu a ação dos delegados brasileiros nas reuniões daquela conferência e requereu a inserção em ata de um voto de congratulações pela escolha do Rio para sede da nova conferência.

### LAMPIÃO NA BERLINDA

Seguiu-se na tribuna o Sr. Baptista Luzardo. Prosseguiu na descrição da marcha revolucionária no Nordeste, tendo, antes, se associado às congratulações da Câmara pela escolha desta cidade para sede da próxima reunião da Conferência Interparlamentar de Comércio.

O representante gaúcho respondeu, depois, a um aparte do Sr. Francisco Rocha, sobre o concurso de "Lampião" às forças sediciosas. Começou frisando que, a certo trecho de sua narrativa, fora interrompido pelo seguinte aparte: - "Lampião serviu de vanguarda aos revolucionários e foi, graças a seu auxílio, que eles conseguiram atravessar (...). Imediatamente tomara a iniciativa de reptá-lo a que, da tribuna da Câmara exibisse documentação irretorquível dessa afirmativa.

E o Sr. Luzardo prossegue:

"Cumpre-me declarar à Câmara e ao país, baseado na palavra de Luiz Carlos Prestes, chefe da coluna revolucionária no norte do país, que o famoso Lampião nunca serviu sob suas ordens; e declaro mais ainda, em nome daquele ilustre militar, que S. Exc.ª havia tomado consigo mesmo o compromisso de que, passando pelo nordeste brasileiro, se lhe fosse possível deitar as mãos em Lampião, desejaria deixar como recordação de sua passagem extirpar de vez aquele monstro, que infelicita um largo trecho daquela região brasileira. Luiz Carlos Prestes, na antevéspera de entrar em Campos Sales, no estado do Ceará, em reunião de estado-maior, delibera que, se aprisionasse o famoso Lampião, mandá-lo-ia fuzilar na frente da sua coluna. É esta afirmativa que, em nome de Luiz Carlos Prestes e com a minha autoridade, trago hoje ao conhecimento da Câmara e do país, pedindo, não só ao honrado representante da Bahia, mas também a qualquer dos meus ilustres colegas, que forneçam à Câmara qualquer documento que a possa destruir, isto é, que aquele digno militar serviu de Lampião na campanha em que está empenhado".

"Pelo menos na Paraíba, não. Prestes, bravo e inteligente como se tem demonstrado, não precisaria do auxílio de Lampião para combater as reduzidas polícias estaduais", aparteou o Sr. Otacílio de Albuquerque.

Esse aparte deu causa a fortes diálogos. Representantes da maioria procuravam em altas

vozes, contestar o deputado paraibano, mas este, pouco depois, voltou a reiterar a sua afirmativa:

– O que digo é que, pelo menos na Paraíba, Prestes não entrou no Estado com auxílio de Lampião.

Os apartes escassearam e o Sr. Luzardo pôde continuar:

"Sr. Presidente, já começam a surgir as contraditas dos ilustres membros da maioria desta Casa à exceção do nobre representante da Bahia. Tomo a liberdade, neste instante, de perguntar ao honrado colega, líder do Rio Grande do Norte, cujo nome declino com o maior respeito e simpatia, Sr. Juvenal Lamartine, para que S. Exc.ª, com a responsabilidade da posição que ocupa nesta Assembleia, responda, se sabe que Luiz Carlos Prestes se serviu de Lampião para fazer a famosa travessia dos Estados do Rio Grande do Norte, Ceará e Pernambuco?"

Ante o apelo do orador, o líder rio-grandense do Norte aparteou:

– Devo declarar a Vossa Excelência que o bandido Lampião não serviu nas hostes revoltosas.

– Serviu. Mostrarei a V. Ex.ª com documentos, margeando o Rio Branco, retrucou o Sr. Francisco Rocha.

– Pelo menos nos Estados que o orador citou, não serviu, volveu o Sr. Juvenal Lamartine.

E o Sr. Luzardo, virando-se para a bancada cearense, frisa:

– Senhor presidente, vou dirigir minha interrogação ao representante do Ceará. Pediria a qualquer dos deputados por esse Estado que afirmasse, se para isso têm elementos, para bem da nossa moralidade, se sabe que Lampião serviu de vanguardeiro a coluna de Luiz Carlos Prestes".

Nenhum representante cearense ousou falar. Todos emudeceram e, em meio ao silêncio neste momento, interveio o Sr. Flores da Cunha:

– Agora, devo declarar a V. Exc.ª que não posso, e acredito que nenhum outro deputado poderá fazê-lo, fornecer documento sobre fatos que ainda estão ocorrendo no *hinterland* do Brasil, dada a dificuldade de comunicações com a Capital da República".

Nova balbúrdia se forma, aumentando quando o orador declara:

– "Estará na consciência de todos os senhores deputados, como na do país inteiro, a certeza de que o famoso Lampião esteve em Juazeiro, sob a proteção do ex-deputado Floro Bartolomeu e do padre Cícero".

– V. Exc.ª não deve fazer acusações a um colega morto, interveio o Sr. Sá Filho.

– Qual a acusação que faço? – perguntou o orador.

– Essa ao deputado Floro Bartolomeu de proteger a Lampião. V. Exc.ª sabe que é imenso o prestígio do padre Cícero no nordeste brasileiro, principalmente na zona do Cariri, no Ceará, volveu o Sr. Flores da Cunha.

– Infelizmente, é a verdade, acrescentou o orador.

– Ele não necessitaria lançar mão do Lampião porque tem uma infinidade de servidores de valor às suas ordens. Aparteio e tomo parte nestes debates sempre de boa-fé, voltou a afirmar o Sr. Flores da Cunha.

– Acredito, não ponho em dúvida a intenção de Vossa Excelência.

– Seria uma leviandade dizer a V. Exc.ª que poderia fornecer documentos de que Lampião serviu naqueles Estados, quer aos legalistas, quer aos revoltosos. Não tenho provas para dar a V. Exc.ª disse o Sr. Flores da Cunha.

– Por isto mesmo, apelei para o nobre líder do Estado do Rio Grande do Norte e aos

representantes dos outros Estados para que trouxessem as informações que possuíssem a respeito, respondeu o Sr. Luzardo. Ninguém as trouxe; não houve uma voz. Poderia voltar-me, também, para a bancada de Pernambuco, perguntando a qualquer dos representantes daquele Estado nesta Casa, se ousaria dizer que sabe que Lampião serviu nas hostes que obedecem ao comando dos revolucionários.

Nova troca de apartes se sucede, seguido do seguinte diálogo:

– O único deputado que poderia prestar informação de algum valor seria o Sr. Juvenal Lamartine, que pegou em armas, aparteou o Sr. Bergamini.

– Acho que os demais deputados líderes de bancadas, acrescenta o orador, poderiam prestar seu depoimento.

– Eles não sabem coisa nenhuma, afirmo a V. Exc.ª, interveio um deputado mineiro.

– O aparte do nobre deputado, disse o orador, é muito elucidativo; afirma que os ilustres representantes da Nação, líderes de suas bancadas, não sabem o que vai pelos Estados. O aparte é feliz.

– Naturalmente.

Não há dúvida. Nenhum dos deputados, afirma o Sr. Luzardo, tem conhecimento dos fatos. Suas Excelências vivem na maior ignorância do que se passa nos Estados. Os representantes do Ceará ignoram os acontecimentos desenrolados naquela unidade da Federação que Suas Excelências representam nesta Casa.

– Devo dizer a Vossa Excelência que, quando os revoltosos penetraram na Paraíba, Lampião travava combate com a polícia de Pernambuco e perdeu um de seus bandidos, em cujo bolso foi encontrado um envelope endereçado para ele, Lampião. Por isto, ocorreu o boato de que ele havia feito parte da polícia da Paraíba, volveu o Sr. Juvenal Lamartine.

– É preciso, continuou o orador, que o país inteiro saiba, à evidência, que não é verdadeira informação trazida pelo nobre deputado pela Bahia de que Lampião serviu como vanguardeiro de Prestes. Os deputados das bancadas a que tomei a liberdade de me dirigir contestam a asseveração de Sua Excelência.

– Lampião foi festejado e abençoado pelo padre Cícero, que vai ser deputado legalista muito em breve: – já foi nomeado, interveio o Sr. Azevedo Lima.

Os diálogos ameaçavam eternizar-se. Nesse ponto, o Sr. Raul Sá faz um apelo ao orador: que, na Câmara, não mais se trate de Lampião. O Sr. Luzardo atende ao apelo e prossegue na narrativa da marcha revolucionária através o Nordeste, de quando em quando aparteado por um ou outro deputado da maioria. E, nessa série de considerações, o orador foi até ao término do expediente.

(...)

*Correio da Manhã* (RJ) – 28.05.1926

## IMITADORES

Antônio

*Há um tamanho barulho*
*nessa  Câmara vazia,*
*tão ruído vozeirão,*
*que se diria*
*sempre na ordem do dia*
*– o Lampião.*

*Talvez sejam disparates,*
*gentilezas é que não:*
*agressões o quantum satis*
*para a bela confusão...*
*Quem ilumina os debates?*
*– O Lampião.*

*Luzardo, sempre falando,*
*repetindo uma canção,*
*todo dia ali vai dando*
*a mesma coisa em porção,*
*que os outros já estão clamando*
*por uma libertação...*
*É que ele sempre falando*
*com tanta repetição,*
*está na câmara "bancando"*
*o Lampião.*

*O Farol* (MG) – 01.06.1926

## GATOS POR LEBRES

O Sr. Francisco Rocha ocupou, na última sessão da Câmara, todo o tempo do expediente, com a veemente contestação, que produziu, da incompreensível sentimentalidade de alguns Senhores da "esquerda", para os quais são criaturas perfeitas, senão seráficas, os poucos revoltosos que andam, foragidos, por longínquos sertões.

O deputado Francisco Rocha é um intemerato sertanejo, que sabe dizer com franqueza e bravura a verdade, seja ela qual for.

E disse-a, com abundância de dados, prodigalizando provas, numa exuberante demonstração, irrespondível e cabal.

De acordo com os documentos, as informações, os testemunhos exibidos pelo orador,

bem pouco fica do propalado heroísmo, da pretendida correção, das lendárias virtudes daquele malfadado grupo que, a pés de ganso, percorre os desertos do coração do país.

Mais interessante, sobretudo, é a colaboração do "Lampião", o bandoleiro célebre, na obra dos "republicanizadores"...

O assassino perigoso das fronteiras da Paraíba militou nas hostes de Prestes, fraternizou com os tais "legionários da libertação", abriu-lhe caminho e lhes fez, obsequiosamente, com uma extrema simpatia e uma esplêndida benevolência, a vanguarda cheia de riscos. Lampião foi o alto protetor, o precioso conselheiro, o braço forte da horda.

O mais da história se reduz a uma horripilante relação de crimes torpes, de abusos inqualificáveis e de iniquidades de fazer chorar as pedras.

Tudo – coisa digna de "Lampião" e camaradas.

E são, ou foram, os ... republicanizadores.

Valha-nos Deus, que deles nos livrou a tempo!

*Gazeta de Notícias* (RJ) – 27.06.1926

## FÁBRICA DE CANGACEIROS

João do Norte
(Da Academia Brasileira)

De quando a quando, numa das duas casas do Congresso volta à baila o nome do famigerado de Lampião. Em torno de suas tropelias bordam-se comentários de simples exploração política e nenhum pseudo representante da nação aproveita o ensejo para pôr em foco, à luz dum seguro critério sociológico, o sério problema do banditismo entre nós. Que incultura!

Rápido estudo do fenômeno, sobretudo na zona nordestina, demonstra que uma das melhores fábricas de cangaceiros são as polícias estaduais, na maioria composta de egressos do crime, nas fileiras, e de homens broncos e adstritos às politiquices regionais, nos comandos. O sertanejo detesta o policial. Vê nele o seu maior inimigo. Chama-lhe "cachimbo", "macaco", "pitéu", "mata-cachorro"! Enquanto o bandido, quase sempre de fundo romântico, quixotesco, saqueia o rico e distribui o que tem com o pobre, o soldado de polícia persegue o pobre e ajuda o rico, os chefões das vilas e cidades, nas suas vinganças e tiranias. Além disso, como mercenário, falta-lhe mesmo a coragem, o denodo do cangaceiro que as canções popularizam e a alma popular admira comovido.

Há uma gesta paraibana em que pela boca de Antônio Silvino, o cantor aponta a falta de justiça dos sertões e as barbarias policiais – duas das maiores fábricas de cangaceiros:

*No bacamarte eu achei*
*Leis que decidem questão,*
*Que fazem melhor processo*
*Do que qualquer escrivão...*

*Meu pai fez diversas mortes,*
*Porém não era bandido;*
*Matava em defesa própria,*
*Quando se via agredido,*
*Pois nunca guardou desfeita*
*E morreu por atrevido.*

*No tiroteio, os soldados*
*Seis cangaceiros mataram*
*E pegaram nove às mãos*
*Que também assassinaram:*
*Como se sangram animais,*
*Eles aos homens sangraram!*

Eis aí o bacamarte substituindo a justiça, o amor próprio medieval levando ao crime e os processos odiosos das polícias acendendo as fogueiras dos ódios.

Como Jesuíno Brilhante, como Antônio Silvino, como Adolfo Meia Noite e tantos outros, Lampião, o discutidíssimo Lampião, é uma vítima do seu meio. Numa das suas carreiras pelo sertão, a polícia pernambucana, segundo me informam pessoas do interior, matou o pai de Lampião e deu na sua mãe tamanha surra, que ela faleceu três dias depois.

Ébrios de indignação e de raiva, sem ter para quem apelar, vendo impunes os réus fardados de tamanha barbaridade, Lampião e um irmão tornaram-se cangaceiros. De acordo com o espírito da rapsódia matuta, eles procuraram no bacamarte as leis que decidissem a questão por falta de outras.

Soldados da mesma polícia, nessa diligência, salvo engano, encontraram na estrada um pobre sertanejo conduzindo uma burra. Deram-lhe muita pancada e tomaram-lhe a azêmola. Ele foi também, naturalmente, procurar a lei, a sanção penal contra a violência, a vingança no bacamarte. Sabem quem é ele? Chumbinho, um dos mais famosos comparsas de Lampião.

O tenente Germano, da citada polícia, cercou a casa humilde duns matutos idosos sob o pretexto de procurar criminosos, porém por servir a vinganças pessoais da política do lugar, e deu formidável tunda no dono da mansão. O filho desse velho recorreu ao bacamarte para desforrar-se: é Navieiro, outro companheiro de Lampião.

A lista do bando do cangaceiro célebre é muito curiosa. Seus apelidos lembram os dos chuaus e os dos heróis dos ciclos carlovingios, recordam as alcunhas dos salteadores da Serra Morena e os nomes dos indígenas americanos. Além de Antônio Ferreira, irmão de Lampião, e de Sabino, cabra de confiança deste, são: Maçarico, negro moço, corneta da tropa; Três Cocos, Pai Velho, Cobra Verde, Bom de Veras, Chumbinho, cujo verdadeiro nome é Hermínio Xavier da Silva; Três Pancadas, Gato, Mormaço, Beija Flor, Nevoeiro, Azulão Segundo, para distinguir-se do outro Azulão afamado, Navieiro e Antônio Caboclo.

Todos esses criminosos são indivíduos, cujas energias morais e físicas excepcionais se perdem no crime por causa da ignorância dos que legislam e dos que governam. A supressão das polícias atuais dos Estados do Nordeste, prodígios de péssima organização, seria um grande passo para a diminuição do cangaço. E a organização dum serviço de policiamento do interior nos moldes adotados ao novo meio, da célebre Polícia Montada do Canadá, que a República Argentina está sabiamente imitando, daria outro golpe de morte no banditismo.

Mas, incapazes de alinhavar duas ideias, os deputados nordestinos, na sua maioria, deixam que se explore politicamente o caso de Lampião, porque não sabem mostrar que o cangaço é uma resultante e não uma causa. E, assim, sobre o banditismo se enchem os anais de palavreados à toa, não se encarando a questão de face com ânimo para resolvê-la.

*Folha de S. Paulo* (SP) – 21.07.1926

## O LAMPIÃO

José Ferreira Lima (Poeta popular)

*Nesse grande Pernambuco*
*a sua população*
*só vive preocupada*
*com os bandidos do sertão*
*o antigo Antônio Silvino*
*o moderno Lampião.*

*Tem mais uma mania*
*todo bandido assassino,*
*tem um nome por alcunha,*
*como o célebre Silvino:*
*seu nome é Manoel Baptista,*
*o Lampião Virgulino.*

*Tivemos notícia certa*
*da sua biografia,*
*naturalidade e nome*
*e de que forma vivia,*
*onde, quando e porque*
*por Lampião acudia.*

*Soubemos da convivência,*
*quando era cidadão,*
*o lugar onde nasceu,*
*nome dos pais e irmão,*
*nome próprio Virgulino,*
*por alcunha Lampião.*

*Apesar que noutro livro*
*constava ser cearense,*
*porém é Pernambuco,*
*de Ceará ninguém pertence,*
*ele é nosso conterrâneo,*
*ou bom ou ruim nos pertence.*

*Fechamos aqui leitores*
*esta página original,*
*abramos as páginas tintas*
*do sangue Nacional,*
*escritos por Lampião*
*com o rifle e o punhal.*

*O Lampião tem escrito*
*com sangue da humanidade*
*seu mapa bem adiantado,*
*por fazenda e por cidade,*
*alguns trechos já escritos,*
*só em ler faz piedade.*

*O seu punhal é a pena,*
*o tinteiro a criatura,*
*o sangue humano é a tinta,*
*a terra é a escritura;*
*recebe o sangue por letra,*
*abre o corpo a sepultura.*

*Lampião tem como pasta,*
*ou bem assim por carteira,*
*onde carrega o selo,*
*as balas da cartucheira,*
*ele tem um escritório,*
*com a escrivaninha inteira.*

*E ele ali afigura*
*na banca o tabelião,*
*não dá penada perdida,*

*quando faz a petição,*
*qual médico na consulta,*
*ou bacharel na questão.*

*Lampião em Vila Bela,*
*onde faz mais proeza,*
*o estado de Alagoas,*
*sempre ataca de surpresa,*
*passeia na Paraíba,*
*de Cajazeira a Princesa.*

*É mister narrasse aqui,*
*a tática de Lampião,*
*quando entrou na Cajazeira,*
*de palmatória na mão,*
*deu bolo em toda polícia;*
*lesou a população.*

*Avisou na Cajazeira*
*o dia da sua entrada;*
*a polícia empiquetou-se*
*onde tinha beco e estrada,*
*disseram os soldados dele:*
*– Capitão não se faz nada!*

*Uma rede nova e grande*
*arranjou o Lampião,*
*botaram todo armamento,*
*a roupa e a munição,*
*tratava-se de um enterro,*
*como se faz no sertão.*

*Entraram assim na cidade,*
*todos lhe davam passagem,*
*foram à porta da igreja,*
*aí tomaram coragem:*
*desta tática Lampião*
*tirou sublime vantagem.*

*Logo que se acharam armado,*
*no coração da cidade,*
*avançaram contra a força,*
*fizeram fogo a vontade;*
*foi da vez que levou bolo*
*a polícia e autoridade.*

*Saquearam a cidade,*
*fizeram numa boa feira,*
*fazendo joia e miudeza*
*e dinheiro na algibeira,*
*o farol de Lampião*
*incendiou Cajazeira.*

*Gritaram no território:*
*Ou briga ou morre ou arriba,*
*Lampião de Pernambuco*
*Acendeu na Paraíba,*
*Da Cajazeira saiu,*
*Queimando velas de libra.*

*Lampião quase se apaga*
*com o sopro do major*
*Teófanes, em Pernambuco,*
*em bravura é o maior,*
*Lampião viu diabo solto,*
*os diabinhos em redor.*

*Lampião daquela vez*
*ainda saiu ferido;*
*também feriu os soldados,*
*disse o major destemido,*
*"ainda perdendo a força,*
*eu não me dou por perdido".*

*Vantagem de ambas as partes*
*ouve nesta ocasião,*
*feriu e saiu ferido,*
*o major como um dragão,*
*o sopro do major Torre,*
*quase que apaga o Lampião.*

*Lampião acautelou-se*
*e meteu-se em tratamento;*
*pôde restabelecer*
*sendo leve o ferimento;*
*entrou no samba de novo*
*sendo o rifle o instrumento.*

*Grassando pelos sertões,*
*de quando em vez um ataque,*
*uma morte, um tiroteio,*

*uma emboscada ou um saque,*
*por lá soldado por gosto*
*não há um só que destaque.*

*Combinaram três governos,*
*de três vizinhos estados,*
*tendo em consideração*
*todos os danos causados,*
*mandar força em seu encalço*
*pois são todos aliados.*

*A Paraíba escolheu,*
*no seu bravo batalhão,*
*um tenente destemido,*
*mandou em perseguição;*
*este disse na saída:*
*– Ou eu fico ou vem Lampião.*

*Atravessam os sertões:*
*a força paraibana,*
*quando no interior,*
*a força pernambucana,*
*já com a outra aliada,*
*chegou outra alagoana.*

*Três forças já reunidas*
*formou quase um batalhão,*
*disse o tenente Salgado*
*– Vem ou não vem Lampião?*
*Nós todos somos capazes*
*de pegá-lo até a mão.*

*Das três forças reunidas,*
*era tenente Salgado,*
*da força da Paraíba,*
*o mais disposto e animado:*
*andava com carta branca,*
*entrando em qualquer Estado.*

*No estado de Alagoas,*
*interior mata grande,*
*disseram não há um mês,*
*que Lampião já não ande,*
*agora mesmo ele está.*
*Senhor tenente ou vá ou mande.*

*Disse o tenente Salgado:*
*– saí para persegui-lo,*
*a minha missão é esta;*
*com bandido eu não cochilo,*
*ou ele destrói a mim*
*ou verão eu destruí-lo.*

*Reuniu-se toda força,*
*seguiu tenente Salgado,*
*chegando na mata grande,*
*cercou o famigerado,*
*se viu instantaneamente,*
*o valor de um delegado.*

*Ouve um grande tiroteio,*
*a morte ninguém temia,*
*trocaram bala sem tempo,*
*bala vinha, bala ia,*
*nem o tenente afracava,*
*nem Lampião se rendia.*

*Depois fizeram uma pausa,*
*já baleado um tenente,*
*Lampião franzia a cara,*
*Salgado rangia os dentes;*
*tinha na força e no grupo*
*baleados gravemente.*

*Disse o tenente Salgado:*
*– Eu disse ao presidente:*
*eu só volto à Paraíba,*
*Lampião vindo na frente,*
*ou deixa de ser Lampião,*
*ou deixo de ser tenente!*

*Resolveu pegá-lo a mão,*
*antes que se escapulisse,*
*mostrou a coragem heroica,*
*para que a força visse,*
*e precisava provar,*
*na Paraíba o que disse.*

*Porém foi malsucedido*
*o precário delegado,*
*pelo grupo de bandidos,*
*foi o tenente assassinado.*

*Ele morreu mas deixou*
*o nome imortalizado.*

*Dizem que o Lampião*
*recuou com os bandidos,*
*os que pertencia ao grupo,*
*tinham diversos caídos,*
*o Lampião rijo e forte,*
*carregava os feridos.*

*Vamos agora, leitores,*
*ler a vida e o destino,*
*o princípio a descendência,*
*o nome Antônio Silvino,*
*porque chamam Lampião,*
*sendo o nome Virgulino.*

*No Pajeú no Xotó,*
*distrito de Vila Bela,*
*no riacho São Domingos,*
*de um casal bom ele e ela,*
*o célebre Virgulino*
*ali nasceu dele e dela.*

*José Ferreira e Maria,*
*felizes pernambucanos,*
*fazendeiros agricultores,*
*ordeiros retos e humanos*
*pais de oito e o criaram*
*até os dezoito anos.*

*Até aquela idade*
*o Virgulino era ordeiro,*
*obediente a seus pais,*
*e dos mais camaradeiro,*
*muito esperto para o campo,*
*era dos outros vaqueiro.*

*Naquele remoto tempo,*
*um tal José Saturnino*
*propôs questão com o velho*
*José, pai de Virgulino,*
*cuja questão foi avante,*
*fez o rapaz assassino.*

*Haviam mais dois irmãos,*

*Levino e Antônio Ferreira,*
*foram um dia a vaquejada,*
*daquela mesma ribeira,*
*quando José Saturnino*
*emboscou numa trincheira.*

*A vaquejada tornou-se*
*num tiroteio medonho,*
*dos irmãos de Virgulino*
*saiu baleado Antônio,*
*foi quando abriu o inferno,*
*para soltar-se o demônio.*

*Esmoreceu Saturnino,*
*perdeu toda esperança,*
*por ter perdido um dos cabras*
*em que tinha mais confiança;*
*Virgulino, de olho aberto,*
*pé ligeiro e vigilância.*

*Voltou José Saturnino,*
*o grupo desinteressado.*
*José Ferreira ainda foi*
*pela polícia cercado,*
*Levino brigou bastante,*
*porém saiu baleado.*

*Deste cerco da polícia*
*e desastre de Levino,*
*por terem sofrido muito,*
*tomaram novo destino,*
*apagou-se o batismo,*
*e o nome de Virgulino.*

*Parece que até ali*
*Virgulino era pagão,*
*o rifle serviu de padre,*
*o punhal foi sacristão,*
*batizou-se Virgulino*
*com o nome de Lampião.*

*Tomou ali este nome,*
*por ser muito escopeteiro,*
*quase incendiava tudo,*

*por detonar tão ligeiro,*

*parecia um lampião*
*ou um farol de mosteiro.*

*Daí a missão perversa,*
*o Lampião abraçou,*
*a bandeira branca da paz*
*ali mesmo ele rasgou,*
*o Lampião se acendeu*
*e nunca mais se apagou.*

*Disse Lampião aos seus pais:*
*Minha derrota está feita,*
*a dita não me quer mais,*
*sei que a desdita me aceita,*
*aquele que o Deus não quer,*
*o diabo não enjeita.*

*A questão está decidida:*
*eu mesmo sou o juiz,*
*meu rifle ninguém o compra,*
*dele advogado eu fiz,*
*me fizeram desgraçado,*
*não faço ninguém feliz.*

*O mesmo Antônio Silvino*
*me ensinou a viver,*
*o advogado disse,*
*sabia se defender,*
*estar preso porém estar vivo,*
*pior poderia ser.*

*Leitores nós não podemos*
*dar a bandido razão,*
*se é como a história conta,*
*a vida de Lampião,*
*ele ainda está provando*
*que é filho do sertão.*

*Louva-se ação dos governos*
*que tem sua autonomia;*
*perseguem quem for bandido,*
*prova que não auxilia,*
*porque se assim não fosse,*
*ai do sertão que seria!*

*Apesar que pelas praças*

*e onde mais eles estão,*
*apenas não podem ter*
*atitude do sertão,*
*Silvino neles tem muito,*
*e não falta Lampião.*

*A cadeia o cemitério*
*é palácio dos valentes,*
*o hospital também serve*
*de hotel para os doentes,*
*deram fim ao pecadores*
*dando vida os inocentes.*

*O Sacy* (SP) – 23.07.1926

## LAMPIÃO, O MAIS ALTO PROBLEMA NACIONAL

A Câmara vem gastando um tempo precioso com a personalidade de Lampião, um bandido salteador, homiziado no nordeste brasileiro, sob a proteção do celebérrimo Padre Cícero.

Sessões e mais sessões daquela casa do Legislativo têm sido gastas com tão importante personagem, enquanto jazem no olvido os mais altos problemas nacionais e os mais sagrados interesses da coletividade.

O comércio asfixiado sob o preso de onerosos encargos fiscais, e lutando com a falta de capital, provinda da retração dos Bancos, a lavoura paralisada pela falta de transporte e as indústrias em vésperas de falência por outras tantas dificuldades, não merecem a menor atenção dos senhores deputados que, na posse mensal do principesco subsídio, desconhecem por completo as aflições porque passam as classes conservadoras que, aliás, são as que com as suas contribuições ao Tesouro, lhes pagam.

Não há quem não se revolte contra a atitude dos representantes da nação que em tão melindrosa fase econômica, projetam o aumento de suas diárias já vultosas, e empregam o resto do tempo a discutir as façanhas de Lampião, como se estivesse neste bandido a solução do gravíssimo problema da economia nacional. Na atual sessão legislativa ainda não apareceu uma só vez um projeto tendente a melhorar a situação do comércio, facilitando-lhe os meios de aquisição de numerário; entretanto quase que diariamente surge um deputado na tribuna para justificar um projeto de aumento de vencimentos.

Parece que as propostas de gastos ou de esbanjamento dos dinheiros públicos são tanto maiores quanto crescem as cifras dos déficits orçamentários.

Por melhor que seja a vontade de um governo de nos minorar a crise, como estamos certos de estar acontecendo ao atual, ele terá sempre as intenções embargadas pelo Legislativo que fazendo ouvidos de mercador à grita da população, diverte-se a discutir a audácia criminosa de Lampião, o "Ban-ban-ban" dos sertões, o "Sete-Coroas" do Nordeste!

Que importa à Câmara que o Comércio esteja a correr em massa para os cartórios a fim

de declarar a sua falência, que as fábricas se mantenham fechadas por falta de capital, que a lavoura se transforme em matagal por falta de braços e de transportes, que o povo grite de fome, si um outro problema nacional – Lampião – a empolga muito mais que tudo isso?!

Pobre coletividade esta que outorga poderes a duzentos e doze homens que custam uma fortuna, para discutirem no Parlamento Nacional os feitos "heroicos" de um celerado!

*O Social* (RJ) – 30.07.1926

## POLÍCIAS MALDITAS

João do Norte*

Um leitor curioso deste jornal escreve-me uma carta duvidando do papel que atribuí às forças policiais dos estados do Nordeste na produção de cangaceiros.

Como nunca faço asserções no ar e estou sempre documentado sobre o que escrevo, terei grande prazer em dar provas irrecusáveis ao gentil missivista, que diz gostar dos meus artigos, mas achar exagerado o sobre "Fábricas de Cangaceiros".

Em primeiro lugar, devo afirmar-lhe que sou cearense, de família oriunda de Pernambuco, mas domiciliada na Terra da Luz há mais dum século e que viveu até a penúltima geração da agricultura e da pecuária; que habitei a minha terra natal 22 anos, que por ela viajei muito e nela observei o mais que pude observar; que fui secretário do Interior e conheço de sobra a sua administração; que fui deputado federal e fundamento desprezo ao seus homens políticos. Nessas condições, estou apto a escrever sobre o assunto de que tratei com perfeito conhecimento de causa.

Mas vamos às provas da ação nefasta das polícias.

Ela é velhíssima. Lê-se nas *Viagens* de Koster, ao Norte do Brasil, em 1819, salvo engano, que uma autoridade mandava buscar as cabeças dos indivíduos que devia prender! O professor Ximenes de Aragão narra nas suas *Memórias* que um tal Andrade, juiz na Uruburetama, no Ceará, em 1824, fuzilava em pessoa os presos. À página 75 do meu livro *Heróis e Bandidos*, que é fartamente documentado, escrevi o seguinte: "Para os Quebra-Quilos aprisionados, havia os coletes de couro molhado que se lhes cosiam, ficando os braços ao longo do corpo. Ao sol das caminhadas, o couro encolhia, engelhava, tolhia a respiração. Os homens caiam arroxeados, resfolegantes. Eram levantados a aguilhão e a pau!"

Liberato Nobrega, delegado de polícia do Teixeira, na Paraíba, acabou por ser terrível cangaceiro. Um dos célebres bandoleiros paraibanos do grupo dos Guabirabas, João, morreu apunhalado pelos policiais que o capturaram. Em 1873, no Pão de Açúcar, Alagoas, morria com as armas na mão o celebrado cangaceiro José Brilhante, perseguindo uma quadrilha de ladrões de cavalo, cujo chefe era o delegado de polícia do lugar!

Em 1877, a polícia paraibana atacou a fazenda do pai de Jesuíno Brilhante, para servir a

fins políticos, matou-lhe a tiro o irmão Lucio Alves, deu uma surra de coronha de espingarda na mulher do mesmo, invadiu a casa, danificou os móveis, roubou o que pôde e levou o velho e outro filho, maltratados, presos para a cadeia da cidade próxima de Pombal.

Em mil oitocentos e oitenta e tantos, Athayde, delegado de polícia no interior do Piauí, mandava açoitar pelos soldados do destacamento a pano de sabre, diante da casa da namorada, um rapaz que lhe caíra no desagrado.

Foi um subdelegado de polícia quem assassinou, em janeiro de 1896, Baptista, pai de Antônio Silvino. Como o governo não puniu esse homicida, o filho recorreu ao bacamarte e fez-se cangaceiro.

Quando fiz parte do governo cearense, em 1914, vi de perto um batalhão de polícia, constituído pela intervenção federal, constando de mais de quatrocentos jagunços da pior espécie, que matavam pessoas pacíficas nas próprias ruas de Fortaleza, como o pobre negociante José Artur de Vasconcelos, batalhão esse que teve de ser dissolvido pelo presidente do Estado, porque era uma vergonha e uma ameaça constante à ordem pública.

Não há muitos anos, quando da luta entre Carvalhos e Pereiras, no sertão pernambucano, um oficial de polícia partidário dos primeiros apanhou na estrada de Belmonte o jovem Sebastião Pereira, rapaz morigerado e de ótimos costumes, e obrigou-o, cercando-o de carabinas e picando-o de baionetas, a engolir três cigarros acessos. Antes depredara fazendas e vilas, e surrara outros Pereiras. Sebastião, então, para vingar-se da afronta, tornou-se um cangaceiro terrível.

O Progresso, jornal dum grêmio de moços que pensam e escrevem, de Fortaleza, no seu número de 3 de julho último, sob o título "ESTARÁ EM VIGOR A PENA DE MORTE? Publica uma notícia que vem apoiar de modo completo as minhas afirmações no artigo "Fábricas de Cangaceiros". Transcrevo-a na íntegra, *ipsis litteris*, para melhor elucidação dos leitores:

"Todos nós já sabemos que a polícia em vez de manter a ordem nos nossos sertões, que estão entregues aos celerados, que roubam, saqueiam e incendeiam os bens dos nossos desventurados patrícios – os sertanejos, em vez de agir dentro da esfera do Direito e da Justiça; pelo contrário, usa da violência, e assim contribui de um modo assombroso para a instabilidade da ordem.

Para evidenciarmos o que acabamos de proferir, passamos a historiar o horrível crime cometido pelo destacamento policial de Tanhá:

Há menos de dois meses atrás, um grupo de facínoras, tendo à sua frente o terrível bandido Antônio Jerimum, atacou inopinadamente a residência do coronel Joaquim Solano.

A "heroica" polícia seguiu no encalço dos famigerados, matando dois homens dos que obedeciam ao tal Jerimum.

Animados por este sucesso, os nossos policiais revestidos com a couraça da "barbaridade" e convencidos dos seus deveres partiram para Arneiroz, de onde trouxeram um indivíduo, que se chamava Asa-Branca (por infelicidade tinha nome de pássaro).

O "valente" cabo Joaquim Maria foi o chefe da "canoa", que além de maltratar o criminoso que levava em sua companhia (Asa-Branca), manchou com letras de sangue a farda da nossa Polícia.

Retirado o bandido da infesta cadeia de Arneiroz, rumaram em direção ao Tanhá. Depois duma longa caminhada cheia de trabalhos penosos, porque a cada passo que davam esbofeteavam a pobre vítima, chegaram afinal à Barra do Piriu, onde se arrancharam.

Aí, em lugar de minorar, ou melhor, diminuir os seus padecimentos, pelo contrário, os aumentaram.

Os "valorosos" soldados que mantêm a ordem naquela infeliz região levaram as suas violências ao extremo. Tiraram-lhe os olhos e em seguida obrigaram-no a caminhar.

Os nossos "mantenedores" da ordem riam e troçavam diante daquele ato que acabavam de praticar.

E para diminuírem os seus padecimentos e o seu crime restava apenas um meio – era assassiná-lo, e foi o que fizeram.

Poucos dias depois, os incumbidos de capturar o referido bandoleiro chegavam àquela localidade e depositavam no cemitério os restos mortais da infeliz presa.

Entretanto, esses que perpetraram tão horroroso crime, talvez que ainda lá estejam cientes e conscientes que desempenharam do melhor modo e com o mais "sacrossanto" patriotismo a missão que lhe fora imposta, e estão prontos a repeti-la, si preciso for.

Agora, sim, podemos exclamar que a polícia é o verdadeiro terror dos sertões!

Parece até que estamos assistindo a uma das ferocíssimas cenas das conquistas assírias, ou das invasões turanianas de Átila, de Gengis Khan e de Tamerlão! E isso se passa num país civilizado!

Não achará o simpático missivista agora que eu tenho carradas de razão em apontar as polícias do Nordeste como fábricas de cangaceiros, em lembrar as vantagens duma organização policial apropriada ao meio e capaz de combater com resultado o crime, em lugar de ajudar a produzi-lo pelo horror que espalha? Não achará que é tempo de varrer o império nefasto da politicagem, de pugnar pelo reinado da lei, da ordem, da justiça, e de condenar de vez a existência dessas polícias malditas?

* Peseudônimo de Gustavo Barroso, advogado, professor, museólogo, político, contista, folclorista, cronista, ensaísta e romancista brasileiro.

*Folha de S. Paulo* (SP) – 12.08.1926

## PAROXISMO PARTIDÁRIO

Assis Chateaubriand

O ministro da Justiça, que tem a seu cargo a censura dos jornais, e que a exerce ainda sobre tantos fatos, defesos à publicidade jornalística, deveria, já que estamos em sítio e que o sítio serve para essas coisas, deveria não tolerar que a crítica de alguns diários se faça com uns tantos excessos de linguagem e de paixão, que envolvem o descrédito de instituições do país. Quando o Dr. Bernardes tanto se empenhou pela lei de imprensa, o seu intuito era limpar as colunas dos nossos diários do doesto, do baldão, da injúria, em que permanentemente eles, aos olhos da opinião, se degradam menos a si do que a profissão que com tanta indignidade enxovalham. Veio a lei de imprensa, e são alguns jornais do presidente, que mais procuram

desmoralizar a lei de imprensa, pois que resvalam agora pelo mesmo terreno em que descamba a imprensa amarela, a qual bate moeda sobre a honra alheia, para explorar as más paixões da plebe.

Ontem, por exemplo, um dos jornais que mais se jactam de traduzir o pensamento íntimo do governo, se permitia à ignomínia desta comparação: Lampião é o capitão Luiz Prestes; o capitão Prestes é Lampião. Ora, Lampião é um bandido; é um salteador vulgar; um miserável que assassina para roubar; um degenerado, que se fez cangaceiro a fim de dilapidar os bens e tirar a vida dos seus semelhantes. O capitão Prestes é um revolucionário; e enquanto não foi julgado por um conselho de guerra ou um juiz civil, faz parte do Exército brasileiro. Dizer que um grupo de oficiais que se fizeram revolucionários, e que mantém lutando a bandeira da sua causa (a qual é, aliás, o programa de um chefe civil e de um partido organizado, no Sul, a Aliança Libertadora) emulam com aquele celerado repugnante e com ele se nivelam, fazendo-lhe concorrência – é dar a quem se revolta por uma causa política o epíteto de bandido. Neste caso, o almirante Alexandrino de Alencar foi um Lampião; o general Santa Cruz é um Lampião; o general Potiguara é outro Lampião.

Pois esses três soldados, que se tornaram depois esteios da legalidade, não foram antes na sua mocidade, como o capitão Prestes, revolucionários?

Para quem enverga uma farda de soldado do Exército brasileiro (e eu já tive o orgulho de trazê-la, seis meses) é duro ouvir que das fileiras do Exército nacional saíram vinte Lampiões, com o fito único de assaltar e de roubar a fortuna dos seus semelhantes. Que dirá o estrangeiro, que lê esses jornais desvairados, vendo escrito em diários de responsabilidade da capital do país que as nossas Escolas Militares, que o nosso Exército produzem bandoleiros da espécie dos piores réprobos da criminalidade?

Não. A imprensa não tem o direito de escrever isto, por amor, antes de tudo, das classes armadas da nação. Do Exército nacional, que é uma escola de honra, não podem sair Lampiões, para pilhar a fortuna privada. Pode-se dizer que o capitão Prestes, um moço, o qual não tem ainda 30 anos, se transviou; que ele não deveria ter-se envolvido num motim; que o papel do Exército é preservar a defesa nacional; mas apresentar o chefe dos revoltosos como o concorrente de salteadores é uma vilania que só mostra no anônimo que o escreveu o desconhecimento da caserna brasileira. O ódio político tem um limite. Nós não deveremos ultrapassá-lo, sabendo que no seu paroxismo poderemos ofender instituições dignas do nosso culto.

Ainda há dias ouvi de um dos mais eminentes deputados baianos, governista *enragé*,

que as populações do interior do seu Estado temem agora não as incursões do capitão Prestes, mas sim as dos batalhões patrióticos de um caudilho Rocha (não lhe guardei todo o nome), precisamente destinados a enfrentar aquele. Não é o depoimento de pessoa da mais alta autoridade invalidando o urro de ódio político do jornalista oficial?

*O Jornal* (RJ) – 19.08.1926

## LAMPIÃO E OS JORNAIS DE RECIFE

Parece-nos curioso reproduzir nestas colunas as referências feitas por alguns dos jornais pernambucanos ao bandido "Lampião", cujo bando assassino infesta os sertões do grande Estado.

Diz a esse respeito *A Província*, de que extraímos um trecho do artigo "Em defesa do Sertão":

"Temos, hoje, pelo interior, bandos de cangaceiros a que se incorporam outros ainda não revelados. De pedestres, agora, pelo menos, Lampião e o seu séquito tenebroso, passaram a transitar em cavalos. E não lhes falta dinheiro nem armas!

Por quem foram armados esses bandidos?...

O critério usado, à falta de força regular da mobilização de "patriotas" para combater os rebeldes, sem resultado até hoje – é esta a verdade – foi, está sendo um erro crasso. Noutro país, onde já exista a necessária educação política para a vida normal e evolutiva, quanto mais em o nosso onde a política se exerce pelo trabuco e demais processos que atentam contra os princípios do Direito e da Justiça.

Já existia no Brasil para a autonomia constitucional da União, a anomalia das forças das forças públicas com efetivo armamento e instrução que rivalizavam com os do Exército – força legal e defesa constitucional da nação dentro e fora do território pátrio. Essa anomalia estava constituindo uma permanente ameaça da periferia para o centro; novas repúblicas dentro da república dos Estados do Brasil.

Dada a atual situação anárquica criada pela revolução, não faltaram elementos políticos dos que tinham dentro do Estado de sua atuação uma posição esquerda, que se oferecessem à legalidade para defendê-la. Era-lhes o meio viável de se defenderem a si mesmos, se subtraírem à violência da política situacionista; de terem o prestígio oficial para os seus excessos, os seus erros, porque afinal de contas cá e lá más fadas há, e máxime no sertão, a política, do governo e da oposição, não é nem mais nem menos do que exclusivamente uma questão de autoridade ou de detenção do poder para mandar, abusar, errar sem freios."

—

Com o título "Troféus do Lampião", o *Jornal do Commercio* da mesma cidade, assim se manifesta:

"Quando de uma de suas incursões no estado da Paraíba, em junho último, o perigoso

grupo de Sabino foi acossado muito de perto pela polícia paraibana.

Em Conceição do Piancó, tiveram os bandoleiros um encontro com a força policial, que era chefiada pelo subdelegado Raymundo Quintino, sendo obrigados a bater em louca retirada, e deixando fora de combate três companheiros seus, entre os quais João Mariano.

A força atacante pôde apreender várias armas, inclusive um grande punhal-estoque e um ferro de marca.

São dois curiosos troféus de Lampião, afirmou João Mariano.

O Punhal, que é uma perigosa arma de três quinas, mede 35 centímetros de folha. Foi oferta de Lampião ao negro Sabino, quando este pertencia ao grupo.

O ferro de marca constitui um eloquente atestado da vida de ignominias e torpezas do sinistro bando, através das infelizes zonas sertanejas sob sua perniciosa ação. Tipos caprinos e lúbricos, os bandidos praticam toda série de atentados à honra de indefesas mocinhas, assinalando-as após, com a marca a fogo do ferro em apreço, que tem as iniciais J. J., que quer dizer José Juriti, lugar-tenente de Lampião.

Conforme praxe entre os malfeitores, cada morte praticada com uma arma branca é registada por um dente na sua lâmina. O punhal que temos em mão conta oito marcas, quer dizer: "Já matou oito".

Punhal e ferro, que foram prestantemente trazidos a esta redação pelo Sr. Otílio Buarque, intelectual conterrâneo, acham-se ambos em exposição numa de nossas vitrinas."

—

*A Noite*, também de Recife, escreve:

"Lampião, com o seu grupo sinistro, aumentado com um efetivo de cerca de 80 homens, anda agora próximo de Sant'Ana de Ipanema, no vizinho estado de Alagoas, onde dizem ser tenaz a sua perseguição. Antes, porém, de para ali se transportar, mandou ele buscar na casa do major Alexandria, ex-chefe político de Leopoldina, a importância de 40 contos e bem assim as duas filhas mais moças do referido major. Apavorado com a intimação recebida, o pobre fazendeiro foragiu-se em poucas horas, com sua família, para Petrolina, onde chegou à meia-noite, em uma barca, ficando ali, residindo, com prejuízo de seus haveres.

Em Paulo Afonso, para onde o rei do cangaço seguiu, no trajeto matou e sangrou um cabo da polícia alagoana. Ao sangrar o cabo, Lampião dizia que soldado só se matava sangrando. Feito o assassinato, Lampião retirou as divisas e entregou-as ao viajante da Standard Meira de tal, para ser entregue ao governador Costa Rego, acrescentando que dissesse ao Dr. Costa Rego que estava acostumado a tapar riachos, quanto mais rego. Feito isto, Lampião queimou o automóvel do viajante Meira, que escapou de ser queimado juntamente com o cabo Vila Canuto, chefe do lugar Olhos d'Água das Flores, onde se deu o fato.

Lampião, audacioso e afoito, ao sair daí declarou que em breve iria a Penedo e a Pão de Açúcar, terra onde há muita gente de dinheiro."

—

O *Correio Jornal*, em artigo, diz:

"De uma época de lutas assombrosas está na iminência de ser teatro o vasto sertão pernambucano, caso os poderes competentes não tomem as providências necessárias a evitá-la.

É causador desta tremenda expectativa em que se acha a população sertaneja, o bandido Lampião, que com o seu grupo sinistro, verdadeiros legionários da morte e da miséria, campeiam através das nossas "caatingas", implantando o terror, deixando o luto.

Num povoado denominado Nazaré, no longínquo município de Floresta, situado no centro do nosso território, existe uma enorme família, cujo nome geral é Nazareno.

Não tem sido poucas vezes que o facínora Virgulino da Silva, acompanhado dos seus asseclas, penetrando nas propriedades desta numerosa família, cujos sentimentos são de gente boa e honrada, ali pratica os atos mais bárbaros, ora depredando ora assassinando, oura deflorando mocinhas indefesas, ora incendiando e roubando...

Junto aos dirigentes do município, aquela família tem feito chegar os pedidos de providências no sentido de evitar tão deploráveis cenas. E forças já tem passado pelo rincão querido onde nasceram os seus componentes, em perseguição ao terrível bandoleiro, mas ele risonho e feliz, após a passagem das mesmas, reaparece a cometer os crimes costumeiros.

A dor, a tristeza, o luto, a desgraça, enfim, tudo mofina aquela gente, desde há algum tempo a esta parte.

Que fazer?!

*O Imparcial* (RJ) – 25.08.1926

## UMA OPORTUNA ENTREVISTA DE DR. LUIZ VIANA

Ultimamente, com os discursos proferidos na Câmara pelo deputado gaúcho Sr. Baptista Luzardo, muito se tem falado do banditismo do Nordeste. Os comentários, partindo do célebre Lampião, que tem fornecido matéria para muitas crônicas, depressa se generalizaram, entrando mesmo no terreno das doutrinas antropologistas.

Assim, encontrando-nos fortuitamente com o Dr. Luiz Viana, um espírito lúcido e um estudioso beneditino, não quisemos perder a esplêndida oportunidade para uma entrevista certamente interessante em torno do assunto. Nordestino, convivendo por longo tempo na zona onde melhor se delineia a personalidade do jagunço-cangaceiro, e mesmo tendo opinião definida em livro que deverá sair a lume proximamente, ele nos atendeu amavelmente, referindo-se logo aos belos e elegantes conceitos emitidos sobre o tema pelo *Jornal do Brasil*, de 2 do corrente.

E prosseguindo disse-nos.

### O "Coronel" - Fator Anticivilizante

Preliminarmente continuou: O "coronel" é um fator anti-civilizante. Ignorante, imbuído de praxes antiquadas, pleno de amor-próprio, cioso do mando, não quer ele abaixar-se ao império da lei. Por outro lado, a política da capital, com o fim de captar a sua simpatia e apoio, é de uma complacência criminosa, deixando que as coisas no sertão sigam ao critério ou a vontade de tal individualidade. De sorte tal que, no ponto de vista ético, não divergem fundamentalmente sertão e praia.

O "coronel" no centro, no *hinterland*, é prefeito, é advogado, é médico, é farmacêutico, é agrimensor, é, finalmente, tudo. Ora cidades centrais populosas de cinco mil almas e mais, que poderiam guardar organização social mais compatível com a época; que poderiam ter um médico, um advogado, um farmacêutico, todos residentes no lugar, se veem privadas desses

elementos de educação social, de levantamento do nível intelectual, porque a vontade do "coronel" não suporta restrições. Exemplos de profissionais que abandonam vilas e cidades devido à prepotência do chefe local, são inúmeros em todo o sertão brasileiro; máxime ao norte do país. Desta guerra aos elementos bons, aos elementos de escol, surge fatalmente o sentimento de paz de apoio a elementos outros mais próximos da entidade do "coronel"; surge o franco entendimento com o cangaceirismo. A despeito da facultação da lei, nenhum elemento de escol faça representação contra tais mandões, visto como os detentores da justiça, os políticos profissionais, cruzarão os braços. E como poderão agir contra o falso médico, o falso farmacêutico, se são eles os detentores do poder? Como, se são eles os parceiros que cooperam na manutenção de uma *status quo* de velharias?

Destarte ver-se como o saneamento moral de nossos sertões exige medidas complexas, medidas que deveriam assentar base em reforma radical que anulasse completamente a ação do "coronel" no ponto de vista político-administrativo.

## O Cangaceirismo é Adstrito ao Ambiente

– Realmente, o cangaceirismo, em rigor, é adstrito ao ambiente. Não devemos, todavia, confundir jagunço e cangaceiro, no momento atual. Mais amplo o campo de ação do jagunço, por força, os seus fatores são de índole mais uniformizada; não quer isto dizer que haja completa dissociação dos dois elementos. Apenas, devemos sempre, no estado do jaguncismo, encarar um problema sociológico ou de psicologia coletiva, enquanto o cangaceirismo – ressalvando o fator meio, encontrará vários pontos de contato com a criminologia. Daí a individualização, a responsabilização, portanto, dos fatos concernentes ao cangaceirismo. Quanto ao jaguncismo, aparecendo de Norte a Sul, é fato notável – guardando determinada distância do litoral, foge do critério regionalista, tomando feição franca de nacionalismo. E tomado nesse ponto de vista, não na maneira de firmar uma imputação direta ou restritiva, desde que os seus fatores estão entranhados nos outros que presidem o nosso evoluir. Em seus diversos movimentos, o jaguncismo representa uma força reacionária irmanada à própria virgindade das terras sertanejas; daí a sua fixação por trás do litoral. O cangaceirismo reflete muito das qualidades atinentes ao vaqueiro, o que explica a sua caracterização regionalista. A norma de condução de nossa política, máxime no Nordeste, assegura ao cangaceiro a convicção de ser uma individualidade harmônica, no ponto de vista do bom senso, jurídico, portanto, com o meio social em que viver. Entre as milícias e o cangaceirismo existe um verdadeiro intercâmbio de indivíduos. De sorte que o saneamento moral daqueles sertões nordestinos se torna inviável, diante dessa circunstância que anula fatalmente todos os esforços neste sentido. Duas individualidades oferecem mão forte ao bandido ou cangaceiro. Uma está no litoral consciente de seus deveres para com a sociedade e para com o semelhante; é o chefe político que habita a capital; a outra está no sertão, é o chefe do interior, inculto, cioso de mando absorvente: – é o "coronel".

## A Impunidade e Injustiça

Após uma ligeira pausa, acrescentou o nosso amável e sempre lúcido entrevistado:

– O banditismo, ou melhor, o cangaceirismo impenitente, firma-se, graças a múltiplos fatores; sendo, porém, o da impunidade consciente, protegida por métodos políticos postos em prática um fator de grande valia. Ao lado da impunidade, como elementos catalisantes, se perfilam as individualidades dos fanáticos revolucionários, tais como foram Antônio Maciel

(Antônio Conselheiro), na Bahia; José Maria, no Contestado Paraná; Campelo e padre Romão Batista, no momento atual.

Sem conta é o número de indivíduos que, com o fito de vencer nos pleitos eleitorais. Dos fatos privados, do sucesso entre famílias, se originam conflitos que em vez de encontrarem solução na alçada da justiça, entram a figurar no rol de fatos puramente políticos. É assim que temos um sem número de famílias que se odeiam, que se chacinam, aí pelo interior, só porque a politicagem da mão forte, arranja o perdão aos criminosos, e se encarrega através de patranhas e mentiras, de manter o estado de belicosidade entre as mesmas.

A biografia de quase todos os grandes cangaceiros está ligada a um caso de impunidade; está ligada a um caso de injustiça, não convindo, neste caso repisar fatos derramados nas crônicas de todos os tempos. Fazendo estas considerações, em torno de assunto ventilado no momento, queríamos evidenciar à luz dos fatos que, evolutivamente, o cangaceiro e o jagunço não guardam o mesmo nível. O primeiro é mais consciente de sua entidade e do lugar que ocupa socialmente; e o segundo reflete um estado consciencial, natural biológico.

Da *Folha* do Rio

*A Imprensa* (CE) – 08.09.1926

## CARTAS DE LAMPIÃO

Carlos Escobar

Compadre amigo. – Desde que nós teve junto, no Juazeiro, pra batizar o Toniquinho, não tive mais o prazê de me encontrar com o padrinho de minha cria. Mas um cabo da polícia de S. Paulo me informô que o compadre tá escrevendo pra um jorná muito brabo – U Cumbate, e me lembrei de lhe propô um negócio muito vantajoso para nós dois ambo. Vai esta carta por mão própria, e o compadre pode pôr as pontuação onde quisé e mascar os verbo como burro o emborná vazio.

Nós nasceu para andireitá o Brasil. Eu como rei e o compadre como Papa. Vamos fazê esta obra de caridade.

Nós tem de começar pela Constituição do Catete. Nós tem de muda o nome daquilo. Chamaremo a Constituisebo que vamos dá aos brasileiros; o primeiro dever do cidadão é trabaiá pra nós, ainda que tenha de tirá o pão da boca de seus fios. Só nós reconhece um dereito que é calá a boca, para não apanhã com canos de borracha, no corpo da guarda.

O equilíbrio financeiro nós faz mandando os cafezais de S. Paulo pro amazonas e os seringais do Norte para o Sul. O Instituto do Café ficará sendo o esqueleto do organismo político. Representará uma caveira de boi na roça de mio. Pra pagamento dos empréstimo, adotaremo a ideia de Lenine: fintá os acredor.

Não há voto secreto. Voto aberto como no tempo em que (...) cantava nos costado do eleitor. A nossa Constituição ordena que se vote em quem nós mandá e que o deputado só fale o que nós quisé.

Não haverá lei de prensa. A única que nós admite é que os jornais tragam diariamente o retrato de Lampião. E si encherem as colunas com tesoura, pagarão dois cobres por linha, sob pena de força e depois prisão na sala comum, por toda a vida.

A única escola boa é não saber ler. Convidaremo o conde de Afonso Celso pra reorganizar a instrução pública. Não admitimos outra arte senão o tambor e a viola. O Menotti del Picchia será aclamado o primeiro poeta brasileiro, para escrever o poema de tia Rita, quando ela tinha dezoito anos e ponhava o lencinho vermeio no pescoço. O Carlito passava para a viola a "Bela Adormecida".

A única religião que nós admite é a reza na capelinha do Senhor Bom Jesus do Arrocho, com foguetes, café e biscoito, caninha do Ó e bate-papo. Os padre pode ser nossos os governos. Consentiremos que andem de saia preta e recolham as esmolas das igrejas.

Nada de "cabeça seco". Tenho raiva de soldado como de dor de dente. O nosso exército se comporá de jagunços. E pra homenagear em vida o padre Cícero, pregaremos o bicho num pedestal de cimento armado. Quando ele morrer passaremos lhe por cima uma camada de piche.

A fim de abaixar os fretes da Ingresa, restabeleceremos as tropas de burro na Estrada Vergueiro. E sobre os trios da Central, para se evitarem desastres, correrão carros de boi. A Light terá, como prêmio, os (...) do Ceará, para as suas represas. Suprimiremo os banco. Guarde cada um o seu dinheiro num lenço amarrado à barriga da perna.

Tal será a Constituisebo desta República, que se poderá chamar monarquia, à vontade dos contribuintes.

Aceita o negócio, compadre? Vai, para ajuda de custas, uma pele de onça.

Viva a República!

Viva a Constituição!

Viva nós!

Lampião."

Eis a carta que recebemos do famigerado sertanejo. Ela promete, como todas as cartas de políticos na evidência. Tenham os brasileiros as esperanças de melhores dias. Lampião fala como o Messias dos estudantes do Rio Grande.

(Do *Combate*, S. Paulo, 7 de setembro)

*A Província* (PE) – 23.09.1926

## A CONSAGRAÇÃO DO BANDIDO

A fama de "Lampião" cresceu tanto que o seu nome de projeta além das nossas fronteiras.

Um jornal argentino tece comentários em torno da figura sinistra deste bronco comandante de tropas que passeia, há dois anos, a sua bravura feroz nos sertões do Nordeste.

Como não podia deixar de ser, a figura de "Lampião" projetada no estrangeiro, aumentou exageradamente.

Fazem-no comandante de uma coluna de "patriotas", chefe de pequeno exército.

Só mesmo quem não conhece a tática de guerra do cangaceiro do Nordeste é capaz de admitir "Lampião" comandando tropas.

O bandoleiro, o profissional do cangaceirismo não opera com mais de 30 homens. A tropo é pequena, mas brava, uma, fiel. O seu êxito contra a polícia está justamente na mobilidade dos grupos restritos, no conhecimento topográfico da zona, nas lendas de terror que o cercam e no acolhimento de que gozam por parte dos chefes locais.

De qualquer modo, a imprensa estrangeira consagrou o nome do bandido – o que, afinal, não é de admirar depois da consagração que lhe fez o próspero Congresso Nacional.

*O Imparcial* (RJ) – 24.09.1926

## MÍSTICOS E BANDIDOS

As últimas notícias vindas do Nordeste, dando como ferido o famigerado "Lampião", deixam prever o fim próximo desse perigoso corsário dos sertões.

Depois dos flagelos da natureza, seca, enfermidades endêmicas, falta de recursos, analfabetismo, o cangaço é o medonho complemento desse conjunto de calamidades, é a resultante, talvez, da extrema penúria moral e material em que vivem as longínquas populações abandonadas aos seus próprios infortúnios e tangida pelos políticos ao sabor dos seus cavilosos interesses.

"Lampião" tem sido, nestes últimos tempos, para a grande região nordestina que compreende a "caatinga" cearense e os Estados limítrofes, uma como revivescência cabocla de Átila, o furacão humano, encarado pela remota antiguidade como um castigo do Céu.

Ao pronunciar a alcunha desse bandoleiro, tremem as mães, aconchegando ao colo os filhos raquíticos, no fundo das choças; mesmo os fortes corações dos sertanejos pacíficos palpitam receosos. "Lampião" é a morte, o estupro, o incêndio, a pilhagem.

O seu bando é sinistro como as bordas de bárbaros que rilhavam os dentes no fundo tenebroso da Germânia, avançando em direção a Roma.

É tempo de liquidar, porém, com a auréola legendária que fica prestigiando o nome desses heróis sanguinários que periodicamente assolam as terras do Norte. É necessário, juntamente com a repressão oficial a ferro e fogo, iniciar o saneamento mental da gente sertaneja.

O bandido deve ser tratado como bandido, como força cega da natureza a que é preciso dar combate sem tréguas, e não como a que aqui tem sido poetizado pelos cancioneiros populares, que o romantizam com a indulgência perniciosa que advém dessa tendência natural dos fracos em cultuar a força, mesmo a serviço da crueldade e da tirania. É preciso criar na consciência sertaneja a prevenção contra os ciclones periódicos que, revestindo a forma humana, desencadeiam sobre os lares indefesos, tudo arrasando inexoravelmente. Se assim não for, morto "Lampião" e integradas na lenda as suas façanhas, elas irão provocar nas disposições malévolas latentes na alma infantil dos sertões, por força da sugestão empolgante das narrativas aventurosas, a explosão de horrendas taras facinorosas.

E novos "Lampiões", novas tormentas humanas surgirão, estabelecendo a sequência flageladora do cangaço nas terras desoladas das secas.

E como formar esse estado de consciência imunizante? Como predispor as gerações que vão florescendo, lá, à sombra sinistra dos exemplos de banditismo, evitando que esses exemplos se infiltrem como peçonha maligna no obscuro e alarmado subconsciente da infância sertaneja? Pela disseminação de escolas. O que o governo precisa é mobilizar um exército de professores, que são os desbravadores da "selva hórrida" que é a consciência dessa gente retrógrada, evitando-se, assim, que no futuro se mobilizem homens de fuzil Máuser e metralhadoras para prosseguir na obra de devastação sempre baldada. "Lampião" e seus terríveis sequazes deixam por onde passam a semente prodigiosa do mau exemplo, criando por toda a parte a floração inextirpável do mal. Os professores, em tais casos, conseguirão o que os soldados jamais hão de conseguir.

*A Gazeta* (SP) – 25.09.1926

## MAGIAS AQUI E ACOLÁ

O cangaço ocupa entre nós um espaço insofismável e está ligado à história da nossa evolução político-social. É tema literário, assíduo no folclore nacional, entremeado com a vida palpitante e a crônica substanciosa do nordeste brasileiro. Alguns tipos desse meio cresceram de tal modo nos postos da região que se ampliaram, prendendo a atenção de todo o Brasil pelos seus feitos heroicos e atrocidades sem par. Conquistaram fama, irradiaram lendas e comparecem em efigio nas colunas da imprensa, com mais garbo e sobranceria do que muito graúdo da política ou do dinheiro. Seria lacunoso, e prova de ignorância desairosa, não citar desde logo Antônio Silvino e "Lampião", nomes que a miúde repercutem nas epígrafes dos jornais mais acatados. Nem sempre estão na galeria dos malfeitores mas têm biografia e fortuna pessoal.

Acabamos de ler a notícia de que foi submetido à Câmara dos Deputados na Itália, um projeto, acompanhado de um relatório, estabelecendo métodos policiais e dispositivos de exceção para a Sicília. Essa iniciativa visa a situação daquele trecho do território italiano, o qual está a exigir a máxima vigilância e salienta que durante muitos anos a inatividade dos anteriores governos criou contingências em que se torna impossível dominar organizações criminosas como a Máfia, sendo mister por isso dotar a polícia de faculdades excepcionais e sumárias, consistindo elas nos meios de expulsão da ilha de todos os indivíduos que constituam um perigo para a ordem pública.

Dir-se-ia que o relatório e o projeto se referem aos estados nordestinos e miram nos nos-

sos cangaceiros. Se há causa que necessite uma extirpação urgente, de caráter cirúrgico, é essa mancha que tão aviltantemente macula a nossa civilização. A insegurança das famílias naquela região está em absoluto desacordo com as nossas preocupações de merecimento e prestígio no seio dos povos cultos. Oxalá seja isso em curto prazo sentido com a profundeza a que faz jus a questão, a bem dos nossos foros de civilizados.

*O Imparcia*l (RJ) – 30.09.1926

**DUAS SÍNTESES**

Jarbas Peixoto

Estiveram em evidência, faz pouco, duas figuras altamente interessantes: "Lampião" e Padre Cícero...

Representam, ambas, o índice mais perfeito da ideologia bárbara do sertão. O resumo avançado das suas virtudes e das suas depressões. Uma, é a bravura ardilosa e guerreira do jagunço; outra é a remanescente atávica do fanatismo, construindo cidadelas, provocando romarias e trazendo numa inquietude permanente a fragilidade temporária dos governos.

Chama-se a primeira, Antônio Silvino ou "Lampião" e é o protesto violento do caipira ao abandono que lhe vota a gente que governa; a segunda, Santa Dica, Padre Cícero ou Conselheiro, e é o castigo bárbaro que desfaz, no laconismo dum despacho telegráfico, toda a pose de país civilizado da nação que a abandona e entrega à fermentação perigosa das suas próprias tendências desencontradas.

Ambas são u'a mancha. E trazem, ambas, na sua configuração chocante, a idiossincrasia de um caldeamento desastrado.

Padre Cícero e "Lampião" podem muito bem representar toda essa longa teoria sociológica da formação cabocla. E da resultante anárquica de uma infinidade de causas preexistentes.

O cangaceirismo e o fanatismo são elementos desencontrados que no sertão se completam e transfundem na mesma organização de combate e resistência contra o meio hostil e bárbaro; resistência contra a pressão oficial representada pelo "chefe político"; resistência passiva, inapercebida, mas contínua, contra as variantes sociais que enxergam no banditismo sertanejo a maior praga da nação.

E é uma escola rude de energia essa, a das selvas nordestinas.

O homem traz das gerações anteriores a tara que o há de imolar a bem do preconceito. O meio instiga-o. E quando ele age, desencadeia-se no seu encalço o mecanismo burocrático que o há de asfixiar: as tropas volantes, esfaimadas e violentas, massacrando por onde passem; o "chefe político", quando não é seu aliado e, por último, como agora, o furacão tremendo da revolta, arrastando na sua passagem os resquícios de vida que o auxiliava ainda na manutenção de uma existência levada sabe Deus como!

E se resume nisso a mentalidade sertaneja: ou se é cangaceiro – ou fanático. O meio termo ou a neutralidade são estágios incompatíveis com a natureza mesma do ambiente.

"Lampião" é o símbolo de uma facção; Padre Cícero de outra.

Equivalem-se: o prestígio fanático de um e o terror que o outro espalha.

Nada mais típico, porém, do que essa disparidade irmã.

E, por isso, não me admira a entrada de "Lampião" em Juazeiro. E a acolhida fidalga que lhe deu o "padrinho Padre Cícero". Conveniências recíprocas... A aspereza do meio físico e o coordenado contraditório das condições sociais, geram dessas aproximações e as justificam, até.

Há uma espécie d'aliança no perigo...

O sertão visto das cidades, do brunido lustroso das avenidas, do recesso quente e confortável dos gabinetes – é um outro sertão, era pavoroso, cheio de lendas inverossímeis d'homens feras, ora benéfico, todo descantes e histórias de violeiros andejos no cume das chapadas...

O sertão real, na sua crueza de costumes, é desconhecido no litoral. Rara gente o conhece. E quem já o cruzou uma vez, dormindo pelos ranchos perdidos na solidão, merendando à sombra escassa dos umbuzeiros retorcidos do verão, justifica plenamente a aliança paradoxal de Padre Cícero e "Lampião" – no âmbito largo da *cidade santa* de Juazeiro.

Há dois anos passados, quando a curiosidade me levou para a aspereza do sertão, pude ver de perto e *in loco* o fanatismo beato que cerca a figura octogenária do vigário de Crato.

Nas taperas mais humildes e nas fazendas ditas abastadas, à beira dos caminhos e pelas capoeiras batidas, o nome do Padre Cícero é uma reza contínua. Dizer mal dele é ofender cruamente aquela gente. Um novo Cristo, resignado e meigo, não alcançaria maior adoração.

O prestígio de "Lampião" é uma antítese. Ele também conta os seus admiradores, os seus fanáticos, os seus detratores. O terror que espalha, sobrepuja, em parte, a maledicência de arraial.

E ficam, assim, equivalentes, as duas lendas: a de bravura e crueldade de um e a de santidade do outro.

Para muitos foi uma decepção a entrada de "Lampião" em Juazeiro. Para outros, apenas a afirmação de celebridade e adoração...

*Fon Fon* (RJ) – 02.10.1926

## A CULPA É DELES...

O capitão Virgulino (o Lampião) continua sendo o "homem do dia".

Herói da "legalidade", ontem, o eminente cangaceiro vê-se, hoje, combatido pelas polícias que já foram suas aliadas. Dois governos estaduais o perseguem. Mas, o capitão Virgulino resiste. Resiste, foge, gambeteia, ataca...

Sempre de ânimo levantado, sempre, corajosamente, afrontando o perigo, vai crescendo, afrontando o perigo, vai crescendo, aumentando, agigantando-se na exaltada fantasia popular. E, presentemente, um nome de formidável repercussão nacional. E o cabotinismo mórbido de muita gente sofre, horrivelmente, com isso.

Quanto não dariam esses infelizes para ser uma das "lamparinas" satélites de "Lampião"?

Sofrem e desabam a dizer nomes feios contra o valoroso ex-lugar-tenente da coluna do general Floro Bartolomeu.

Ora, isso é uma falta de compostura lastimável. De compostura e coerência. Como é que se atrevem a chamar facínora a uma das forças restauradoras da "ordem legal" no nordeste brasileiro? A um defensor do "princípio de autoridade", da "integridade do regime"?

Positivamente, a crise de cinismo que atravessamos toca ao paroxismo.

E tem razão o famoso Virgulino, quando afirma: "estou defendendo a minha bandeira! Os governos são os culpados da minha atitude!"

E são mesmo...

*Folha de S. Paulo* (SP) – 02.07.1927

## SE LAMPIÃO ENTRASSE EM FEIJOAL...

Pedro Afonso

Feijoal, o pitoresco povoado de F..., situado numa colina, dá uma ideia de um vergal cultivado pelas mãos dos anjos.

De uma rocha alcantilada, deriva-se um tênue fio d'água, que deslizando pela terra, em forma de um minúsculo arroio, refresca a alcatifa de relva perfumada.

Ali, tudo é alegria; tudo canta, tudo ri: as aves, as águas e o homem.

Dir-se-ia aquela nesga de terra uma benção do Senhor; onde não chegavam os gritos frenéticos das ambições, que tantas vítimas arrastam ao sorvedouro mundano.

Gente simples de costumes patriarcais que vive em perene harmonia.

Naquele meio tão restrito, pontificava o professor de primeiras letras Sócrates de Miranda, moço inteligente, diplomado pela Escola Normal de Recife. Abandonara seus estudos na Faculdade de Direito, já no 3º ano, porque o atraíra o nobre mister de preparar o caráter de pequeninos seres.

Sócrates repetia, constantemente, que, dos Evangelhos, o que mais o sensibilizava, era a sublime exclamação do Cordeiro de Deus:

"Deixai vir a mim as crianças."

Era casado com a moça mais formosa daquela zona sertaneja. Chamava-se Mirto sua esposa, como uma das mulheres do imortal Filósofo que lhe dera o nome.

Mirto era tímida como uma criança. Por um tudo nada, suas faces esbraseavam-se no calor de pudor excessivo. Seus olhos velados por longos cílios negros, tinham a suavidade misteriosa das violetas. Pouco falava, quando reunidas em sua casa ou na do farmacêutico, ex-militar expulso das fileiras do Exército, depois de processado por ato de rebeldia, atentatório aos poderes legalmente constituídos; as principais personalidades de Feijoal, em noites plácidas, discreteavam sobre variados assuntos.

Quase sempre, no decorrer da palestra, conservava a vista baixa, mergulhada em profundo cismar, como que sondando misteriosos arcanos. Entretanto, quando se elevava, fremente de entusiasmo a voz do esposo, seus lindos olhos erguiam-se, tomando subitamente singular expressão; de sua pupila irradiava-se um clarão que ia iluminar a fronte vitoriosa do venturoso professor.

Numa dessas noites tranquilas do povoado, discutia-se a torva personalidade de Lampião, o famigerado e feliz bandoleiro, que tudo tem levado a ferro e fogo, nestes últimos tempos. O feroz salteador que zomba de Deus e vem desmoralizando a nobre tradição do sertanejo nortista, magistralmente descrito por Euclides da Cunha.

– Meus amigos. Dizia num surto de sinceridade o farmacêutico. – Todos vós sabeis que não sou cobarde.

Em Copacabana, ao lado de Siqueira Campos, Newton Prado e outros heróis, ofereci meu peito condecorado com um retângulo da bandeira brasileira, às balas dos inimigos do povo e, como de uma rocha viva, dele jorrou sangue nobre, capaz de fertilizar o solo pátrio e fazer germinar flores de civismo! Entretanto, se aquele bandido que sempre tem encontrado guarda nos solares dos barões de chinelas, deste novo feudo desmoralizado, ameaça-se invadir Feijoal; tomaria o bordão e os alforjes e assim jornadearia dias e noites, até me ver dezenas de léguas distante desta terra querida.

Em quem podemos confiar? No governo?! No povo? Na imprensa?!

O governo tem-no como aliado!

O povo canta-lhe loas, atribuindo-lhe, imbecilmente, rasgos de generosidade.

A imprensa sempre incondicionalmente ao lado do povo, registra seus supostos feitos heroicos, quando esse "Vampa-grotesco, não passa de um cabra perverso e mofino; estampa quotidianamente seu retrato, que algumas moçoilas sertanejas ocultam furtivamente ao seio palpitante de singular emoção, enquanto os pais acometidos de terror e pânico, mal se sustem nas pernas bambas...

Felizmente, para honra de Pernambuco, existem lugares de seu vasto território, onde Lampião não pisará jamais e Garanhuns e Correntes, cujo povo altivo e forte, o castigaria primeiro a chicote, para depois entregá-lo generosamente à Justiça, pertence a este número, infelizmente bem limitado!

– É certo que ele intrigado com a moda à La garçonne, viola as moças de cabelos cortados? Esta pergunta foi feita pela senhora Mirto, enlevada em longínqua miragem, acariciando os cabelos negros, sacrificados na véspera ao despotismo da moda.

– Isto, respondeu o herói de Copacabana, não passa de mais uma tola invencionice do povo. Ele arrebata a todas, porque o seu bando é numeroso e bestial.

Sócrates, com os olhos incendiados, as cordoveias latejantes, fremente, ergueu-se lentamente e, cheio de dignidade, como um líder da maioria replicou:

– São modos de encarar o assunto meu ilustre e valente amigo.

Nunca peguei numa escopeta, nunca disparei um tiro, nem sequer de bodoque, quando criança. O sangue alheio causa-me vertigens. Compreendo que, ao povo do Nordeste, cabe maior soma de responsabilidade, nesta tristíssima e vergonhosa situação. O governo temeroso de perigos mais graves que o entibiam e o faz meditar na frase pungente do malogrado coronel Tamarindo, quando, gravemente ferido em Canudos: "É chegado o tempo de murici, cada um cuide de si".

Mas, vai longe o tempo em que o vaqueiro não guardava para o dia seguinte uma desafronta, hoje, quando muito, zurzido pela peia de nó dobrado de algum barão de chinelas, no dizer chistoso do meu amigo, muda-se de lugar. Outrora, o queixo de um sertanejo, (...) valia por uma sucursal de um banco e, (...) pelo de sua barba, representava um choque. Hoje, eles também depilam meticulosamente...

Amo com acendrado amor a minha virtuosa esposa. (Mirto escutava-o em êxtase). Contudo, se Lampião entrasse em Feijoal, encontrar-me-ia mais feroz que ele, para vingar a afronta feita a um povo, que em outros tempos repeliu com sublimado valor aventureiros ilustres e bravos, que naquela época dominavam o mundo.

– E eu morreria ao teu lado, ó meu querido Sócrates! – E Mirto ao prenunciar estas palavras, cingiu com um olhar de fogo o busto varonil do seu esposo. Sócrates, comovido, levou

a manga do seu alparcão aos olhos minados.

– Este teu gesto, Mirto, é digno de uma matrona antiga; de uma Siomara, uma Cornelia! Sim, meus amigos, se o celerado então me ferisse, me torturasse, deixando-me ainda com vida; embora na sua vesânia do crime, conspurcasse o corpo de minha jovem e estremecida esposa, tornando-a desse modo uma mártir do dever conjugal, em vez de repudiada, o meu amor duplicaria de intensidade.

—

Dias depois dessa edificante palestra num domingo em que teria lugar a festa de Santo Antônio, padroeiro de Feijoal, a modesta igrejinha, recentemente caiada, amanhecera engalanada, repicando alegremente o seu pequeno e sonoroso sino.

O Santo Antônio (Deus me perdoe), há muito fora decapitado pelo alfanje do tempo. Era idoso como um dos varões bíblicos; talvez tivesse aportado a Pernambuco com a comitiva de Duarte Coelho.

Um dia, Mirto, piedosamente aflita pela devastação da imagem do taumaturgo, rogou ao marido que mandasse restaurá-la. Sócrates respondeu-lhe com aquele tom dogmático, muito seu "'Filhinha', os santos não precisam de cabeça, do que eles carecem, é de corações, felizmente o nosso excelente Santo Antônio tem-no à beça!"

O padre Ximenes, padrinho de Mirto, convidado para celebrar a missa, chegou no sábado, hospedando-se em casa da afilhada, que o acolhera com transportes de alegria. Ainda assim, o santo homem, mansamente, ao abraçá-la, repreendeu-a pelo despropósito de ter mandado cortar os cabelos. "Imoralidades"! resmungou o vigário, enquanto acendia um grosso "Caxias"!

Pela manhã muito cedo, consoantes seus hábitos inveterados, o reverendo ergueu-se da cama, e foi dar uma vista d'olhos à igreja, quase tão pequena e alva, como um ovo, de duas gemas. Logo ao cruzar os batentes, lobrigou o vulto de Mirto, que, ajoelhada aos pés do santo, orava fervorosamente.

Vaidoso de semelhante afilhada, sua antiga educanda, aproximou-se e, cautelosamente, ouviu estarrecido o original apelo que ela fazia: " – Meu divino Santo Antônio de Lisboa, faze com que Lampião entre em Feijoal!

– Céus! O que ouço, minha querida filha?!... Pois imploras ao Santo, para que inflija semelhante flagelo a esta inocente terra?!

– Padrinho de minh'alma, não se sangue. É que se Lampião entrasse, o amor de meu marido seria dobrado!...

Correntes, 1926

*A Província* (PE) – 07.01.1927

## HERÓIS-BANDIDOS

Coelho Neto

Fala-se em constitui, com elementos do Partido da Mocidade, uma comissão que, em nome da Pátria, vá parlamentar com os revolucionários, chamando-os, com boas palavras, à ordem.

Não sou dos que aplaudem tal ideia, posto que veja, diariamente, louvados, exaltados, glorificados esses devastadores de cidades, esses corredores de campos que, a pretexto de salvarem a Pátria, que segundo afirmam, se acha à beira de um abismo, empurram-na, à mão armada, para um precipício, cujo fundo ninguém vê.

Divididos em hordas, aquadrilhados como salteadores, fazem tais heróis, os raids trágicos que miserabilizam os nossos sertões. Onde chegam, impõem o aboletamento, instalando-se no que acham de melhor, de mais confortável e logo, consideram-se senhores da propriedade, *par droit de conquete*, ou digamos: de assalto, arrebanham o gado, colhem o que encontram em lavoura, abarcam tudo que acham na despensa, avexam com tributo o rico e o pobre, arrasam o comércio e, como é necessário que a caixa da farândola esteja sempre provida de ouro, porque a gente de tais badernas não faz a coisa de graça, lançam mais dos depósitos dos cofres, deixando, como documento ou recibo da levada, um papelucho gatafunhado.

Tal sucia (para a qual já não há adjetivo inédito, celebriza-se, segundo os seus encomiastas, por atos de heroísmo diante dos quais empalidece tudo quanto a história refere dos grandes conquistadores, desde Alexandre e César até Napoleão), está preparando, e com os maiores sacrifícios, uma pátria nova, que há de ficar como modelo aos futuros construtores de pátrias.

O que faz tal gente – pelo menos é o que se vê – é transformar um país de índole ordeira em garganta perigosa, na qual o trânsito é hoje, tão arriscado como o era outrora no pinhal d'Azambuja.

O farrancho cívico acabou com as garantias, derrubou os marcos de propriedade, pôs abaixo o Direito. A coluna da Ordem, em cuja base se assentava a República como, na Idade Média, se assentavam os reis, à sombra dos cavalos senhoriais para distribuir Justiça, foi transformada em picota infamante ou ainda pior – seu poste de suplícios onde são atacadas as vítimas para a degola, quando tal operação não é sumariamente feita em campo aberto, no meio da cavalhada que pasta e dos bandoleiros que farreiam churrasqueando e tangendo acordeonas e violas.

A Pátria que tal gente sonha lembra o acampamento descrito por Prisco quando, como embaixador de Bizâncio, atravessou o aquartelamento sórdido dos hunos para entender-se com Átila.

Que reformas propõem esses homens que exploram a indústria das revoluções, contrabandeando o interesse com o rótulo de patriotismo? Que o digam as suas vítimas.

Não há de ser com a depredação e a chacina que eles hão de conseguir levantar o Brasil à altura do princípio... que não tem fim, porque as revoluções sucedem-se filauciosamente engranzadas no mesmo plano de exploração, como se entrosam contas no mesmo fio: hoje com um caudel, amanhã com outro.

Um dos efeitos mais nefastos de tais movimento é o exemplo com que iniciam sicários a imitá-los. A indisciplina alastra, estende-se por todo o país, como se propaga inificionadoramente o vírus da peste. A prova da marcha assoladora dessa epidemia é o surgimento, aqui e

ali, de pandilhas como as desse Lampião que traz em sobressalto as povoações do Nordeste.

Lampião, o ignaro, é tido por bandido, assacam-lhe todas as injurias, infamam-no com os mais vis epítetos, reclamam para o famanaz dos carrascos e caatingas as penas mais rigorosas, por que? Porque Lampião, que é um bruto, um sugestionado do cinema, entra por engenhos de roldão, à maneira de Tom Mix com os seus cowboys, mata, polui, devasta e rouba.

Mas Lampião é um bruto, que atrai a si a ralé sanguinária dos sertões, um degenerado em cujo cérebro obtuso o crime lançado em gérmen pelas fábricas de Los Angeles, senão produto espontâneo da tara original, é cultivado pelos tais patriotas com os exemplos que dão.

Se o sertanejo bronco vê aplaudidos e glorificados como heróis altas patentes do Exército e pessoa instruído, que outra coisa não fazem senão pilhar e assolar, que muito é que faça o mesmo, em menor escala por não dispor de tanta força como os seus modelos?

Só faz jus a louvores tal gente porque se há de abrir exceção para o cangaceiro do Nordeste?

Lampiões, são todos – uns de azeite, como o que dizem ser acendido pela politicalha da qual faz parte, como maiorais um ungido do Senhor, espécie de Cura Santa Cruz, não de guerrilhas, mas de catervas; outros são Lampiões... elétricos, Lampiões agaloados, diplomados, combustores de luxo que, infelizmente, em vez de iluminarem, incendeiam, flamejando em curtos e em longos círculos de rapinagem masorqueira.

É necessário acabar de vez com essa propaganda, com esses anúncios vergonhosos de feitos que nos degradam, com esses cartazes que só servem para deprimir-nos aos olhos do estrangeiro. Basta de acoroçoar o crime – não recuemos à era dos *condottieres*.

Atualmente os homens de governo não adotam o sistema que Rômulo aplicou na fundação de Roma – escolhem os seus cidadãos nas elites, não os vão recrutar nas Falperras.

Não há de ser com tal gente que o Brasil assumirá o posto que pretende no grupo das nações cultas.

Hordas não representam a força de um país, atestam apenas, como a vérmina, a sua putrefação. Que os revolucionários atirem a primeira pedra aos que eles chamam – demolidores do Brasil e estou certo de que tal pedra ricochetará sobre eles. Que a mocidade evite o contato de tais patriotas. É sempre de mau aviso entrar em sítio em que há infecção.

*A Federação* (RS) – 31.01.1927

## O CASO DE LAMPIÃO E O CEARÁ

Nunca é demais insistir sobre a verdade. Eis por que, enquanto toda a imprensa brada contra os cangaceiros do Nordeste, nós clamamos contra as causas que as produzem. Esses facínoras são meros efeitos. Eliminá-los não resolve definitivamente o problema. Outros surgirão mais hoje mais amanhã.

O caso de Lampião é um fenômeno sociológico. Fazê-lo desaparecer é um dever dos governos. Não há maior vergonha para esses do que se declararem impotentes perante meia centena de sertanejos armados.

Não se sabe como comentar a fraqueza indecente do governo do Ceará, onde parece que Lampião é mais poderoso do que o pobre presidente do Estado. Os fatos são do domínio público e não vale a pena insistir sobre eles. Mas diante do que se passa naquela infeliz unidade da Federação a gente fica até receando que um dia Lampião, Silvino Gomes, Massilon e seus comparsas desçam pela larga estrade de Cascavel, passem o Aquiraz, atravessem Mecejana e entrem na capital, na risonha Fortaleza, sendo logo pelo chefe do governo considerados hóspedes do Estado, albergados no palácio presidencial e tratados a vela de libra. Toda a gente receia essa vergonha ou pior; Lampião depondo o Sr. Moreira da Rocha e encastelado na presidência do Estado.

Isso não é estranhável. Outros chefes de cangaceiros têm sido ali deputados estaduais, intendentes, secretários de Estado, comandantes da polícia, etc. Aliás seria coisa coerente com os hábitos políticos da terra.

Possui o Ceará no Rio de Janeiro dez deputados e três senadores. Nenhum desses paredros até agora se lembrou de estudar essa praga do cangaço e de propor as medidas necessárias ao seu desaparecimento.

Do assunto se têm ocupado representantes de Pernambuco, Bahia, Alagoas, etc., e os cearenses moita. Coitadinhos! Eles moram na Lapa, vivem *depaysés* nesta grande cidade, atordoados com o movimento, desconfiados, tratando das barbas provincianas, sem relações, sem prestígio, inteiramente *off side*, de maneira que não se acham com coragem de abrir o bico.

Felizmente! Se o abrissem, talvez fosse pior. Pelo menos é o que se tem visto... Enquanto o Maranhão, Pernambuco, Paraíba, Alagoas, Sergipe, Bahia escolhem seus representantes entre os intelectuais de valor e de nome, prestigiando a Viriato Corrêa, a Humberto de Campos, a tantos outros que seria enfadonho e desnecessário enumerar, o Ceará não tem na sua bancada uma individualidade conhecida. A única personalidade de valor que o representa não é cearense, o Sr. Sá. O resto é anônimos.

Agora mesmo acaba de aparecer um projeto na Câmara sobre localização de forças do Exército no sertão como um fator de combate ao banditismo. O projeto não é completo e condena ideias já unicamente discutidas pelos que se têm ocupado do fenômeno do cangaceirismo no Nordeste. Tratou disso o Sr. Gustavo Barroso há mais de dez anos. Reproduziu essas ideias, recentemente, o Sr. Xavier de Oliveira. Enfim, foi a mesma parar na Câmara.

Pois ainda assim coube a um representante do Rio Grande do Norte, o Sr. Deoclecio Duarte manifestar-se por essa ideia nada original. Nem isso a bancada cearense soube fazer.

Enquanto isso, Lampião vai e vem pela região do Jaguaribe, mata, estupra, saqueia, toca fogo nas fazendas e nas pontes. Deus permita que se não aclame presidente do Estado, senão passaremos pela vergonha de ver na Câmara, como representante daquele Estado: Massilon, Sabino Gomes, Cobra Verde, Jacaré, Dente de Ouro e outros que tais...

### Ainda os Cangaceiros

Há poucos números, estampamos aqui um comentário um tanto esporeante contra o pouco valimento e prestígio da bancada do Ceará e contra o silêncio ante os abusos do cangaceirismo nos sertões da sua terra.

Deram no vinte as nossas palavras. Os dez deputados cearenses tomaram o pião na unha e resolveram mostrar que a nossa crítica não os atingia, que a bancada tinha força e gente capaz de apresentar projetos admiráveis. Delegou a pobrezinha poderes a um dos seus sapientes membros e o rapaz, com demonstrações admiráveis de cultura sociológica, jurídica, científica e literária, dispondo de rara eloquência, apresentou um projeto tendente a terminar o banditismo e a punir os seus protetores.

Se tivéssemos muito espaço para poder com as coisas políticas do Ceará, que só nos interessam pelo seu lado altamente ridículo e cômico, iriamos analisar detidamente esse trabalho admirável. Mas não o pudemos. Temos mais o que fazer. E por isso recomendamos insistentemente aos nossos leitores que procurem ler essa peça jurídica assombrosa nos anais do Congresso. Raramente ali tem aparecido coisa de tão alto valor. É uma maravilha. Tão estupefaciente que já resolveu o secular problema do cangaceirismo. Dizem que, mal lhe leram um telegrama com o seu resumo, Lampião e Massilon depuseram as armas.

*Fon Fon* (RJ) – 1927

## LAMPIÃO

Os senhores que são amantes (com perdão da irreverência) dos estudos sociológicos, hão de convir em que o fenômeno Lampião é um dos mais curiosos do Brasil atual.

A gente podia fazer aqui uma porção de considerações cheias de pedantismo, sobre as causas múltiplas e complexas desse mal que aflige os sertões do Norte, batizado com o nome de cangaceirismo, a gente podia bancar, nesta coluna repassada sempre de tanta alegria, a sabença mal cozida que é tão encontradiça nestes Brasis, principalmente no meio de alguns ilustres jornalistas-sineiros do Pombo-Correio, a gente podia, afinal de contas, fingir de pernilongo na paciência do leitor, mas não vale a pena.

O tempo vai passando, há outros artigos para escrever, cada qual mais importante, e esta coluna do Juca Pato não comporta o edifício da Sociologia, onde o Sr. Oliveira alugou um quartinho no último andar, com janelas sobre os fundos...

Por conseguinte, deixemos as causas transcendentes do fenômeno Lampião e vamos estudá-lo ali na piririca da observação positiva.

Senhores jurados! Palavra de honra que essa cantiga de prender o Lampião, tá, tá, tá, tá, tá, que o Lampião fugiu pra direita, que o Lampião fugiu pra esquerda, que o bando do Lampião está sendo perseguido pelo delegado Fulano, que o chefe de polícia Sicrano está no encalço do "perigoso cangaceiro", e mais isto, e mais aquilo, palavra de honra que essa cantiga já vai ficando cacete, mais ainda, já vai ficando ridícula.

O Lampião, segundo as últimas notícias, já está cego de um olho, como Camões, paralítico de um braço, como aquele sacristão da Igrejinha Política Internacional, senhor Pé dos Erres Pezes.

Apesar de tudo isso, os seus heroicos perseguidores, bem munidos, bem comidos, bem bebidos, não lhe conseguem deitar as unhas.

Que raio de soldados, que banazolas, que pixotes, que molengos, que almofadinhas são esses, que não puderam até hoje aproximar-se desse Lampião bruxuleante e apagar-lhe a chama revolucionária dom – Fu...?

Ora vão plantar batatas em Taubaté!

*Folha de S. Paulo* (SP) – 10.02.1927

## *LAMPIÃO*

João Ribeiro

O – *Lampião* – de Erico de Almeida compõe-se de excelentes "notas de reportagem" colhidas flagrantemente nos lugares visitados pelo terrível bandido, que a polícia ainda persegue sem resultado até agora.

Acompanha a vida de Virgulino, o "Lampião", vaqueiro aos treze anos, na região do "Navio" um dos berços do cangaço (na região do S. Francisco, entre os rios Moxotó e Pajeú), ladrão e assassino precoce, foi alcunhado pelos seus comparsas de Lampião.

Vestido de cowboy com uns laivos de parecença com o Tom Mix dos cinemas, de largo chapéu, Lampião traz às costas centenas de mortes bárbaras; facinoroso cruel e sanguinário, incorporou-se ao batalhão patriótico de Juazeiro, em operação contra o exército revolucionário de Prestes, desonrando as milícias da legalidade que bem poderia evitar o concurso desse elemento infamante.

Há uma tradição, suspeita, mas talvez crível, de que ao bandido movia a sede de vingança por haver sido assassinado o seu velho pai em uma escaramuça com a polícia.

Como quer que seja, no dizer do seu biógrafo o bandoleiro do sertão "mata por esporte, rouba por devoção, desonra para humilhar e incendeia para deleitar-se".

Outros tipos se veem desenhados no livro: Sinhô Pereira, o Jurema, Sabino Gore, José Cachoeira, o "Meia Noite", Cipriano Queiroz, cangaceiros famosos.

O livro de Erico de Almeida termina com uma lista e resenha de pessoas vitimadas pelo bandido, onde figuram 132 indivíduos mais ou menos qualificados de Pernambuco, Alagoas e Paraíba.

O – *Lampião* – do Sr. Erico de Almeida é um documento digno de registro na história dos bandoleiros do Nordeste. Parece-nos um pouco vacilante a sua imparcialidade, pois que se associa inteiramente às forças policiais que combatem o cangaço, forças recrutadas em grande parte entre indivíduos de igual farinha.

Em qualquer caso, não temos autoridade suficiente para aprovar ou condenar os métodos de extermínio aconselhados.

A ordem pública deve pairar acima de considerações liberais, sempre ineficientes no combate à perigosa endemia.

*Jornal do Brasil* (RJ) – 15.03.1927

**DELENDA LAMPIÃO!**

A aventura do capitão Prestes deu origem a uma eclosão bizarra de heróis e gênios guerreiros. Formaram-se legiões, improvisaram-se exércitos em toda parte, e o talento bélico da raça eclodiu, afinal, num surto empolgante. Havia um andarilho arrojado cruzando os sertões, desafiando as investidas noturnas das onças. Sua tática de guerra resumia-se, confessadamente, em negaças e correrias. Sem embargo, os boletins do legalismo flamejavam de heroísmos românticos e feitos de armas sensacionais... Lampião reproduz, nas caatingas do Nordeste, o fenômeno Prestes. O bandido ubíquo e invisível tem criado uma infinidade desconcertante de heróis.

Falam os jornais da região, com um luxo extraordinário de reportagens sensacionais, dos planos guerreiros urdidos entre as polícias estaduais para extinguir o lampionismo.

Há meses que os fios telegráficos vibram conduzindo notícias, veiculando confidências sherloquianas e projetos estratégicos fulminantes... E Lampião subsiste, impalpável fugidio como um duende.

Reúnem-se conferências interestaduais de polícia, os Javerts provincianos, despacham as hostes de Tartarin para os sertões... E Lampião subsiste. O chefe de polícia de Pernambuco falou há dias à imprensa, medindo e encarecendo as palavras, reticente e cauto, para não comprometer com uma indiscrição a maravilha tática do seu convênio secreto com as polícias dos outros Estados.

Enquanto os chefes parlamentam, surdem os heróis no sertão. O último revelou-se no Piauí. Até a terra mansa e patriarcal das boiadas teve a sua floração de heróis. Um bravo miliciano realizou, por determinação da conferência de chefes de polícia, este feito épico: a captura da família de Lampião. Sobre quatro velhos e nove mulheres, ascendentes do facínora, caiu implacável a sanção do código contra o cangaço, desafiando, como se vê, o instituto do habeas corpus...

*ABC* (RJ) – 26.03.1927

## POLÍCIAS DE BANDIDOS

João do Norte
(Da Academia Brasileira)

Tendo escrito neste jornal, há tempos, um artigo sob o título "Fábricas de Cangaceiros", no qual dava à falta de justiça nos sertões e nos crimes praticados pelas polícias do Nordeste a maior culpa na origem do banditismo naquelas regiões, recebi várias cartas de protesto contra a minha asseveração.

Continuo a não lhes ligar importância e a pensar da mesma maneira, cada vez mais me capacitando de que as polícias dos Estados do Nordeste são, geralmente, compostas de criminosos e capazes de cometer as piores tropelias.

Já no meu livro *Heróis e Bandidos*, publicado em 1917, eu dizia que elas eram piores do que os cangaceiros que caçavam.

Todos os dias, os documentos e os fatos fortalecem-me nessa opinião. Há algumas semanas, recebi jornais de Fortaleza e, no *Correio* do Ceará de 4 de fevereiro, deparei a minuciosa notícia dum dos mais bárbaros crimes cometidos no nosso país e do qual foram autores as polícias da Paraíba e da minha terra natal. É, pois, com grande tristeza que publico isto.

Tendo sido anunciada nos últimos dias de janeiro a entrada de Lampião, à frente do seu grupo, no território cearense, correu a nova de que ele atacaria Brejo dos Santos, dentro de cujos limites municipais cometeu roubos e outros crimes. Não confiando absolutamente nas providências do imbele governo do Estado, a população armou-se para repelir os bandidos, chefiada pelo prefeito.

Francisco Chicote, irmão deste, homem de cabedais e de importância no lugar, ficou na sua fazenda Guaribas, perto de Brejo dos Santos, com um troço de gente armada. Traçaram, ele e o prefeito, o seguinte plano: desde que Lampião atacasse a cidade, ele cairia sobre os cangaceiros pela retaguarda, com a gente de "Guaribas". Tomados entre dois fogos, os atacantes seriam facilmente derrotados, embora Francisco Chicote não dispusesse de mais de doze homens de confiança, contando com os filhos e genros.

Duas forças de polícia da Paraíba e do Ceará, aproximavam-se de Brejo dos Santos, em perseguição dos Lampiões. Da primeira faziam parte vários criminosos de morte pertencentes à família Salviano, naturais de Brejo dos Santos, onde tinham cometido crimes e de onde, perseguidos pela justiça, fugiram para o território paraibano. Tais elementos tinham antigas contas que justar com os Chicotes e por isso convenceram os comandantes das forças policiais que os cangaceiros de Lampião estavam escondidos na fazenda Guaribas.

Na madrugada de 2 de fevereiro os dois destacamentos de polícia cercaram a casa daquela fazenda. A gente de Francisco Chicote cuidou fosse o bando de Lampião e atirou. Travou-se o tiroteio, que durou trinta horas. O heroísmo de resistência dos atacados, sem exagero, só encontra símile naquele de Carlos XII da Suécia cercado pelos turcos dentro duma casa.

Mas, no infeliz sertão cearense, o número venceu a bravura. Os policiais facinorosos da Paraíba e do Ceará penetraram na fazenda e mataram todos os sobreviventes exaustos daquela luta titânica. Vararam de bala o seio virtuoso da esposa de Francisco Chicote e trucidaram os filhos menores do pobre fazendeiro!!!

Estava satisfeita a vingança dos Salvianos, réus da polícia arvorados em membros da polícia! E a umas três léguas dali, tranquilamente acampado e entrincheirado, olhando o calmo

fumo das fogueiras em que os seus asseclas preparavam a comida ascender para o céu azul, Lampião apurava o ouvido, admirado daquele tiroteio de trinta horas...

Noticiando o espantoso caso, o jornal a que me referi clama: "Nós chegamos, infelizmente, à deplorável situação de termos de suplicar do governo da União providências, não mais contra Lampião e sim contra aqueles que fogem diante dele para irem saciar sua sede de sangue na pessoa de homens úteis à Pátria e à Humanidade!"

Tudo isso não precisa de comentário e de tudo isso se conclui somente o que tenho concluído: o cangaceiro é um revoltado contra a injustiça que a necessidade torna bandido. Não o julguemos com olhos e razão acostumados ao cosmopolitismo das nossas capitais. Encaremo-lo sob o prisma da sociedade sertaneja e veremos que a companhia de Lampião é menos perigosa do que a dos policiais que o perseguem, salvo honrosas e raras exceções.

Daí a solidariedade do sertanejo com o cangaceiro e o seu ódio ao polícia. Este é o "macaco", o "pitéu", o "mata-cachorro". Aquele é o herói das "gestas" e dos cancioneiros. É o mesmo fenômeno da Inglaterra dos séculos XIV e XV, quando Fulk FitzWarin se revoltou contra as leis, merecendo ser cantado em verso pelos trovadores com a sua querida Mahaud; quando o *outlaw* Guido de Warwick, que morreu eremita, penetrava na literatura e no teatro; quando o bandido Hereward era celebrado em latim na "De gestis Herewardi Saxonis"; quando Robin Hood amava no fundo dos bosques a bela Mariana, entrava nas cidades engalanadas para a sua visita e distribuía com os pobres o que pelas armas tomava dos ricos. Agora mesmo, o cinema encarrega-se de continuar-lhe a glorificação com uma fita de grande montagem. Entretanto, vida e proeza desses cangaceiros ingleses não são melhores coisa alguma às dos *outlaws* do sertão nordestino. A poesia sertaneja, todo o rude folclore do Nordeste já os celebra e dia virá em que a literatura e a tela, o mármore e o filme sejam ocupados pela memória de Jesuíno Brilhante e de Antônio Silvino.

Eu não duvido e não vejo nisso injustiça, porque para tal gente conservo os olhos que viram o sertão, malgrado o fato de há três lustros eles só verem a cidade.

*Folha de S. Paulo* (SP) – 27.03.1927

## GESTO MÁSCULO

O caso, se se houvesse passado no Rio ou em qualquer grande capital, não merecia um comentário. Nas cidades cosmopolitas, cheias de progresso e de ideias novas, o esporte e a luta quotidiana pelo pão nivelaram o homem à mulher. O cinema, com as suas heroínas americanas – mulheres de gestos másculos, ágeis e belas – acabou de aplainar as diferenças psicológicas de sexo para sexo. O próprio físico da "garçonete" do dia é um físico dublo de efebo, onde as curvas tentadoras de Vênus pouco a pouco se esbatem e se anulam em músculos rígidos de Apolo. Mas, o fato surpreendendo pelo ambiente em que ele se passa, ambiente no qual a mulher é apenas o anjo da guarda do lar, a doce companheira do homem, resignada e boa, que lhe não faz concorrência, antes o ampara e o ajuda, com o consolo e o incentivo da sua bondade. Mas, não façamos mistério do caso.

Em telegrama do Ceará diz-nos que uma senhorita de Barbalho se alistou ao lado dos que vão em perseguição ao bando de cangaceiros do famigerado Lampião. Mas, alistou-se como simples combatente, soldado que entra em todas as refregas e participa de todos os perigos e de todas as agruras de uma caçada humana em plenos catingais inóspitos do Nordeste.

Já o dissemos: aqui no Rio não admirava o gesto da mulher-homem. Pois se nós já temos até uma de barbas!

Mas, lá para os sertões, onde tudo é bravio e a alma das mulheres constitui o único oásis de mansidão e doçura, o fato é rato, sai fora do comum e vale a pena de um comentário.

*O Imparcial* (RJ) – 06.04.1927

## SERÁ VERDADE?

Houve época em que a imprensa repisava a mesma tecla de banditismo no nordeste brasileiro. Era assunto obrigatório e amplamente discutido. É que os bandos sinistros percorriam cidades, vilas e povoações, praticando o roubo, o assassinato, o crime. Fazendas, estâncias, engenhos, viam-se despojados da noite para o dia, sem encontrar recursos para sua defesa.

Nós clamávamos, em nome da moralidade do país, repercutindo a opinião geral como eco dos sentimentos humanitários da Nação.

As milícias estaduais de fato tornavam-se impotentes. Ninguém ousava enfrentar as falanges dos criminosos na sua fúria sanguinária e macabra.

As coisas chegaram mesmo a extremos. No cenário da vida mansa, pacata, calma dos sertões, povoados por gente simples e boa, onde a natureza expandia-se em toda exuberância de vida, a figura satânica de "Lampião" surgiu.

Ele, mais ousado, aliciava maior número de adeptos e fazia a ronda covarde do interior brasileiro.

Pernambuco, sacrificado também, tentou agir e reagiu. Foi lembrado, então, o célebre acordo entre os Estados prejudicados.

Por eles, todas as polícias perseguiriam os bandidos em qualquer lugar onde fossem encontrados. Estabeleceram-se mesmo as bases preliminares da campanha. Todos julgavam solucionado o problema. Depois, um silêncio prolongado se fez em todo do caso. Não se tratou mais do assunto. Aos poucos, porém, foi revivendo, reanimando, voltando ao cartaz. Notícias agora vindas de Alagoas registam a morte de um oficial pelo bando sinistro de Lampião.

Volvamos, pois, os olhos para o Norte, em expectativa e em dolorosa interrogação.

Será verdade ou, apenas, rebate falso, para excitar os nossos nervos?

*O Imparcial* (RJ) – 10.04.1927

## LAMPIÃO

Houve um tempo em que Lampião foi a mais falada personalidade em todo o território nacional.

Entrou no Congresso Nacional pela mão do Sr. José Pires Rebello. Do Congresso pulou facilmente para a coluna dos jornais cariocas e destes pelos telégrafos e pelo correio, viajou o resto do Brasil. Na própria terra onde ele campeava como um flagelo da natureza torturada daquelas plagas, entre a gente pacífica de que se fizera o pesadelo e a inquietação, só então o seu nome ganhou força e se aureolou da fama sinistra de Antônio Silvino.

Daí para cá o Brasil acompanhou, passo a passo, as manobras e as tropelias do bandido.

Viu-o no Juazeiro, vangloriando-se do prestígio que lhe dava a ignorância dos que o cercavam; acompanhou-o através dos sertões, depredando, matando, violentando; assistiu às escaramuças hábeis com as forças policiais que o perseguiam; ouviu-o em entrevistas; apalpou-lhe a alma rude; auscultou-lhe as ideias.

De certo tempo, porém, a esta parte, a estrela do bandido começou a esmaecer; empalideceu-lhe a triste popularidade. Foi relegado para as últimas páginas, escondido entre a multidão de telegramas que falava de todas as coisas.

Agora, o cangaceiro célebre, quase cego, descansa entre poucos fieis que não abandonaram o bando. Aposentou-se. E até o dia em que cair definitivamente, Lampião será apenas um nome que o tempo retirou de carta.

*O Imparcial* (RJ) – 27.04.1927

## UM CREPÚSCULO

Rubens Damasceno

No delicado missal da vida há duas páginas apenas.

Uma tem a brancura luminosa de auroras, e a outra, silenciosa, sutil, assim indecisa, bruxuleante, vaga, debuxa o colorido sombrio e nostálgico dos crepúsculos...

É o dia, esplendente, e a noite, turva e melancólica!

São dois extremos únicos. Sol e sombra...

Vibram, no primeiro, as doiradas rutilâncias da vida, quando trabalhadas nas sutilizas dos seus misteres, e meditada nos arcanos dos seus mistérios.

Murmura, no segundo, cantarolante, queixosa, plangente e lúgubre, a dolência final da consumação humana, nesse transe inexorável de seres dominados, vencidos, arrebatados, e de vidas aniquiladas, ceifadas.

Um crepúsculo lembra sempre tristezas, mágoas, queixumes... É a imagem sombria, profunda pelos mistérios, mas impressionadora pela eloquência patética da mudez, das cousas que se acabam na languidez fenecida, tão rápida e tão dolorida, de um suspiro, de uma prece, de um soluço, às vezes, de uma confissão.

Resume-se nele a última instância de uma vida... O adeus tremulante de um sol radioso, evolando pelo infinito sob a carícia do beijo frio e silencioso de sombras que se intensificam, de agonias que padecem e se esvaem e de violáceas ondas de saudade!

E, assim, a natureza encerra, impiedosa, desconfortante, vaga, cheia de máculas, de sulcos, de oscilações, a página da sua vida aberta com a harmonia luminosa de uma loira madrugada.

Também, assim, é a existência humana.

Sol e sombra!

– Dizem-nos as últimas notícias que Lampião está quase cego.

Que fim tão triste!

Mas é sempre assim que se extinguem os que vivem cheios de maldade, de afetos mesquinhos, implantando desgraças, semeando aflições e dores e gozando o desenrolar das misérias que a perversidade não poupa disseminá-las, no regaço, mesmo dos lares.

Quase cego...

Que de concentrações, de dúvidas, de pesadelos, não vai na alma já obumbrada por paixões insidiosas, desse facinoroso terror do nordeste brasileiro!

Que de desenganos, sofrimentos, de mágoas lhe não atormenta, agora, o espírito – esse indício tão entristecedor de cegueira, que o inutilizará para o avante dessa obra nefanda, das tragédias sangrentas da sua missão de devastador, de assaltador, de réprobo que se alimenta da pobreza alheia, roubando-a de assalto, e de bandido que atraiçoa, subjuga e vence, e seduz, perverso e ignominioso, e banqueteia a honra vilipendiada, ofendida e a miséria e o desconforto e a dor e as lágrimas dessa infeliz gente que não escapou à sanha dos seus atentados!

E agora, desprestigiado pelos asseclas, seus auxiliares, que, dia a dia, diminuem, recolhendo-se, adinâmico, incapaz de galopar, indômito, regiões pátrias para a conquista de novas desgraças – à solidão de um reduto.

E aí, doente e só, tendo na alma o ensombrar tenebroso da sua iniqua missão, e as manchas de dor e melancolia de um crepúsculo a lhe envolverem a vista, tomando-a de assalto, traiçoeira, como reflexo silencioso dos seus atos, bruscos e ofensivos, ficará, quem sabe, por força de circunstâncias, à espera dos que o procuram para companheiro, num vasto recolhimento, de Antônio Silvino, de quem, talvez, haja aprendido a série das façanhas efetivadas, dando-lhe, porém, colorido mais sanguinolento.

Encerram-se, agora, os seus desígnios. Calam-se os vitupérios da sua iniquidade. Não mais blasonará assaltos e intimidará espíritos amedrontados. Não mais conquistará vitórias façanhudas, nem correrá regiões para assaltar, para ferir, para seduzir, para matar.

Baqueiam as suas forças, porque declina a visão da sua consciência, que só se deslumbrara nos andrajos dos infortunados, no desconforto dos desprotegidos e na polidez horrível, lânguida e purulenta dos espectros insepultos.

Quase cego.

Lampião não meditou nunca na tristeza dessa eventualidade. Ele que viveu num ambiente de vícios e depredações e corrupção, que balizou a existência na vertical da degradação moral, consorciando-a ao trivialismo insidioso das paixões que tudo corrompem e degeneram, não assestou nunca o seu pensamento nos longes da sua vida para vislumbrar, ao de leve, ao menos, a visão pungente da cegueira e sentir, sequer o murmurar da voz de Deus, como a dizer que bem triste é o crepúsculo dos que semeiam desgraças, misérias, dores, e matam para saciar desejos de vingança, ou, simplesmente, para se apossar de cousas indevidas.

Mas Lampião, em nada refletiu.

Devastou a sua própria Pátria, degradando-a, aviltando-a, desolando-a. Assaltou lares, corrompeu ambientes de paz, espalhou terrores.

Agora – quase cego. E talvez nem, ao menos, lhe seja dada a satisfação de ler, como Antônio Silvino, páginas da Bíblia, para que, meditando profundamente na grandeza das parábolas e na segurança ilimitada dos ensinamentos, eleve aos céus a sua consciência de encarcerado, em confissões de mágoa e angústia, suplicando paz, e implorando misericórdia à sua alma tão cheia de indignos instintos, que ofendeu e maculou a sua própria Pátria, fazendo correr o sangue brasileiro que, também, lhe estua no coração.

Que Deus se apiede dessa alma, agora em declínio, sob a bruma vaga e indecisa de um crepúsculo da mais profunda tristeza!

Só e quase cego – que fim horrível!

*Folha do Povo* (PR) – 14.05.1927

## SUA MAJESTADE LAMPIÃO I

Há fatos de interesse público, sobre os quais nunca é demais se falar, se os comentários em torno deles são para se pedir providências a quem de direito, para fazerem cessar irregularidades e males, e principalmente se essas providências nunca aparecem ou são ineficazes.

É o caso do banditismo no nordeste do país, hoje um problema nacional, como temos dito aqui, que está a exigir a ação enérgica e eficaz do governo federal por representar uma vergonha para nós brasileiros, e um entreve à vida e ao progresso de grande parte da nossa pátria.

O temor ou uma triste confissão de fraqueza, parece existir entre as autoridades de certas regiões do país atingidas pelo mal do banditismo. Um telegrama recente do Ceará, narrando a entrevista que o delegado de uma cidade desse Estado nortista teve com Lampião, é bem uma prova disso.

Lampião, aproximando-se de uma cidade cearense, mandou ao delegado dessa, uma "embaixada amigável" pedir permissão para atravessar as suas ruas com o seu bando, garantindo nada fazer em consideração ao respeito que tem pelo Ceará, respeito esse naturalmente devido àquela célebre recepção com todas as honras que a Lampião e aos seus homens, fez um certo governo do Estado...

O delegado em questão, convidou então Lampião a ir à sua casa e ali depois de saborear uma xícara de café, Lampião, todo poderoso, palestrou amigavelmente com aquela autoridade.

Disse, entre outras coisas, que devia estar rico, mas não está, porque ou seus "oficiais" estão muito caros. Há dias pagara numa "festa" na Paraíba, trinta contos de réis a um desses "camaradas"...

Declarou depois, que ia seguir ao encontro de colegas para juntos fazerem uma "visitinha" à Cajazeiras, onde tem um "negócio" para liquidar... E nada mais disse, nem lhe foi perguntado...

Sua Majestade Lampião I, despedindo-se risonho das autoridades da cidade cearense, não menos risonhas certamente, foi se juntar aos seus súditos e seguiu calmo e glorioso, rumo à fronteira da Paraíba para as suas "visitinhas"...

É triste, muito triste!...

*Jornal do Brasil* (RJ) – 21.05.1927

## LAMPIÃO E O SEU BANDO

Continua, até agora, sem ter avançado um passo, a caravana policial para a captura de Lampião. Parece que o tenebroso facínora tem o dom diabólico da ubiquidade, desaparecendo, entre o fumo dos tiroteios cerrados, pela catinga a dentro, para logo surgir além, léguas distantes, mais ousado e feroz. Como Antônio Silvino e tantos outros bandidos de marca dos sertões nordestinos, Lampião, a par de uma audácia sem limites, possui um fato sutil de momento que se lhe oferece para escapulir-se dos seus perseguidores agora engrossados pela junção das polícias de quatro Estados. Mais de uma vez, anuncia o telégrafo do interior, pressuroso, alvissareiro, achar-se ele cercado em dado lugarejo, só faltando deitar-se a mão, ou acuado entre serrotes, por onde não há por onde safar-se. Dois ou três dias depois, esse mesmo telégrafo noticia assaltos a um povoado, o incêndio de uma fazenda, assassinatos, estupros, o que em crueldade excede o nível de delinquência comum. O certo é que quanto mais se exacerba a luta entre as expedições armadas e o bando, chefiado pelo bandoleiro mais audaz, mais violento, mais torvo se torna ele, como se estivesse jogando a última cartada com o destino. Aliás, dos irmãos que o acompanhavam na jornada sinistra, não resta um só: morreram em combate, de sorte que é bem natural esteja certo de que, mais dias, menos dias, lhe tocará idêntico fim. Por outro lado, as forças de polícia têm redobrado de energia, se não de ferocidade, fuzilando os que elas conseguem apanhar; são, sumariamente, fuzilados, segundo ouvi de um soldado há pouco de regresso dos sertões, onde tomou parte em mais de uma escaramuça com os cangaceiros de Lampião. Muitas vezes, entre os que caem varados, logo após a prisão, se contam rapazes novos, dignos de mais piedade que de repulsa, e que, depois, com o tempo, poderiam regenerar-se ou antes reeducar-se, pois produtos imediatos do meio, transportados a outro ambiente, poderiam vir a ser homens honestos, vivendo do seu trabalho. A maioria deles, ou quase todos, se portam à hora de morrer com um sangue frio e uma altivez diante dos executores da sumária e bárbara sentença, de causar pasmo a estes, sem, contudo, movê-los à comiseração.

Relatou-me um amigo que habitualmente viaja pelos sertões de Pernambuco, que um jovem de 19 a 20 anos, ao ver tremer apavorado um preto que deveria ser passado pelas carabinas policiais, invectivou-o veemente, exclamando que ele, o preto, *estava desmoralizando a classe...* Quando chegou a sua vez, disse para os soldados: – "Agora vou mostrar como morre um homem!" e ofereceu o peito à descarga que o abateu.

A um observador de sociologia criminal todo esse afã para debelar o cangaço em parte resultará improfícuo: porque, exterminado Lampião com o seu bando, outros surgirão no cenário sangrento, frutos que são de um conjunto de circunstâncias que a nenhuma polícia do mundo é dada remover. Só com uma profunda modificação do meio sertanejo, modificação de mentalidade, de costumes, de caráter, enfim, das populações, mirrar-se-á essa vegetação exótica, extinguindo-se para sempre. Até lá, continuará, infelizmente, o banditismo a marcar uma etapa na história social do país, análogo à que no evolver de todos os povos precedeu a civilização, a começar pelo povo de Israel, eleito de Deus...

*O Imparcial* (RJ) – 12.06.1927

## O DESTINO DE LAMPIÃO

Gonçalo Jorge

Enquanto não volta a ser um homem útil à República, o bandido Lampião devasta o Nordeste.

Toda gente recorda que, não há muito tempo, esse celerado tinha belas honras na imprensa carioca. Seu retrato aparecido em folhas que aqui se editam. E ele era, mesmo, apontado como um elemento precioso à ordem e à tranquilidade.

Mas o ermitão às vezes também se faz diabo. E é o que agora está acontecendo. Lampião esqueceu essas boas perspectivas, e voltou a ser aquilo que, na profundeza de sua alma, a fatalidade dos destinos o fez: um monstro.

Suas incursões agora têm um caráter mais sério. Noticia-se que ele ameaçou Mossoró. E grande favor será da sorte se ele não procurar invadir Natal, Paraíba e Recife.

O fenômeno do cangaço tem inspirado páginas eloquentes, ou justas, ou enérgicas, à nossa literatura e à nossa imprensa. Euclides da Cunha estudou-o, rapidamente, mas impressionantemente, com aquele clarão de verdade e de crítica que sabia dar a tudo. Atico Leite, a propósito da monstruosa carnificina que irrompeu, em certa época, em Pedra Bonita, sertão de Pernambuco, também o estudou com argúcia. Mais recentemente, o Sr. Xavier de Oliveira, que é um conhecedor minucioso dos sertões, nos deu a biografia de alguns desses homens estranhos; e em suas páginas, cheias de pitoresco, encontramos figuras singulares, figuras que mais parecem pertencer a alguma canção de gesta bárbara, sugestiva e tenebrosa.

Lampião, hoje, tem o espectro do banditismo no Nordeste. É alguma coisa, isso.

Há alguns anos, era Antônio Silvino o rei dos bandidos. Mas esse criminoso foi vencido. E hoje, na cadeia de Pernambuco, atravessa melancolicamente os dias, criando pássaros e lendo, para edificação de sua alma, as páginas da Bíblia. Para o tempo em que ele medita os livros santos, já a sua alma deve estar bem edificada. E não duvido que o principal desejo seu seja possuir a liberdade e um rifle, para ir, por sua vez, combater, nas caatingas, contra as quadrilhas celeradas.

As pessoas que conhecem o Nordeste, e que têm uma alma cheia de malícia, asseguram que não são somente os Silvinos e os Lampiões os "cangaceiros" temíveis que ali existem.

Ao governador de um dos estados do Nordeste é atribuída uma frase pitoresca, segundo a qual o primeiro "cangaceiro" de toda a região é um seu colega, governador de um outro Estado, o segundo é um eminente senador da República, o terceiro é o Lampião e o quarto é o Silvino.

Por aí vemos a situação medíocre, inferior mesmo, que têm, no conceito dos homens da região, esses dois bandidos – para os quais, entretanto, nós olhamos daqui do Rio de Janeiro, com respeito e até mesmo com certo pavor...

Aqui, na Câmara, há ilustres figuras, nas quais a imprensa encontra malignamente dignos êmulos do sertanejo que ora causa tantas angústias a quatro Estados brasileiros. Não esposo, de forma alguma, o conceito. Mas o registro, porque o acho interessante e também porque muitas vezes a verdade está precisamente naquilo em que nós menos a queremos enxergar.

Se o conceito for verdadeiro, os maus instintos desses pais da pátria não os terão poupados a alcançar as altas situações; e talvez até os tenham auxiliado a chegar ao prestígio que hoje têm. Muito não tardará, que eles sejam erguidos às mais altas (?) da República. E um dia virão a ter estátuas nas praças.

Esse talvez seja, também, o fim de Lampião. Agora o vemos perseguido, considerado o mais terrível dos flagelos que malsinam o Norte. Mas ninguém nos diz que amanhã ele não seja chamado, como estava sendo ainda há poucos meses, para uma missão de confiança das gentes conservadoras. E depois de haver posto à disposição do país, as suas forças e as suas energias, bem ele poderá ser proclamado um benemérito da pátria.

*Jornal do Brasil* (RJ) – 16.06.1927

## LAMPIÃO

O público brasileiro parece deveras impressionado, neste momento, com as sangrentas correrias do cangaceiro Lampião. Os governos do Nordeste lançam pelo sertão fortes e numerosas colunas de polícia em seu encalço e, segundo telegramas que parecem autênticos e bem fundados, o próprio presidente João Suassuna, da Paraíba, resolveu tomar pessoalmente, a direção da grande batida nas terras do seu Estado. Apesar de tudo, até agora, malgrado os repetidos tiroteios, em que o solerte cavalheiro do bacamarte se tem empenhado com os seus perseguidores, nenhum mal sério lhe adveio, além da perda de dois ou três sicários da sua quadrilha que, por espírito esportivo, ele, naturalmente, logo julga compensada pela morte de outros tantos soldados da Polícia. Lampião zomba das patrulhas e tem a certeza de que nenhuma delas se transformará em escolta para leva-lo às grades da cadeia. Filho do sertão e bicho da caatinga, ele, em cada gruta, em cada volta de caminho ou rancho de vaqueiro, encontra sempre um aliado que lhe proporcione abrigo ou lhe facilite a fuga. O diabo o protege, sem dúvida, e na mente simples e romântica dos sertanejos, ele avulta e resplandece como um herói da "História de Carlos Magno", ou da "História da Imperatriz Porcina"... Entretanto, se refletirmos bem nessa aventura, logo nos convenceremos de que Lampião não passa de um sinistro valdevinos, que jamais teria nome nem faria medo, se, à primeira vez que experimentou a sua faca de ponta na barriga do seu próximo, houvesse sido imediatamente levado ao xadrez por um simples cabo de polícia, e condenando como manda a Lei. Mas, Lampião, como todos os da sua espécie, uma vez praticado o primeiro crime e ainda emocionado e trêmulo da estreia, não teve mais do que correr à fazenda do primeiro chefe político do seu sertão e aí homiziar-se, na mais perfeita segurança. Depois, a mão se lhe fez no próprio serviço do protetor. Nas épocas de eleição, o seu concurso de homem feroz tornou-se precioso e, nos intervalos, sempre se tinha a expulsar um sitiante ou dar uma boa lição num atrevido... Dentro de algum tempo, Lampião sentiu necessidade de um campo de ação mais desafogado. Foi em romaria a Juazeiro, e, tendo-se feito abençoar pelo Padre Cícero, dali voltou provido de um breve que "fecha o corpo" e acompanhado de uma meia dúzia de sevandijas de igual quilate, para iniciar o seu trabalho de grande estilo. Daí por diante, não lhe faltaram amigos e protetores. Além do padre Cícero, que nunca mais o perdeu de vista, ele pôde contar, nos chefetes daquele recôncavo, com toda uma ordem de protetores menores, em cujas propriedades o pouso de lhe tornou cômodo e garantido. Como poderíamos prendê-lo os soldados de um governo que prestigiava

no sertão, os mesmos chefes que o hospedavam, recebiam à sua mesa e proviam-no do necessário para prosseguimento da jornada? Assim, tornou-se Lampião lendário e invulnerável. O cangaço, nos sertões do Nordeste, é apenas a feição mais ativa e enérgica dos políticos locais. É principalmente nele que elas se baseiam. Cangaceiros, são todos os chefes e cabos eleitorais do sertão, o mesmo aqui, no nosso Sul tão orgulhoso do seu progresso, nós não sabemos que nome dar aos provimentos do Sr. Borges de Medeiros que tão lindas cousas andam a praticar pela fronteira. Quem sabe lá, quantos cangaceiros se teriam revelado no território de S. Paulo, quando das últimas eleições federais, se não fosse a polícia intransigente e calma do Sr. Roberto Moreira? Amigos, Lampião é um expoente. Não fora o perigo de uma sua incursão no Rio de Janeiro, e nós lembraríamos o seu nome para a última cadeira vaga na Academia...

*A Gazeta* (SP) – 18.06.1927

## A POLÍTICA DE BRAÇOS DADOS COM O CANGACEIRISMO

As explicações tardias e sucintas do Sr. Moreira da Rocha não conseguiram desfazer a impressão de que a horda de facínoras capitaneados por "Lampião" encontra refúgio e resguardo no Ceará, à sombra das respectivas autoridades. A convergência de esforços dos governadores de Pernambuco, Alagoas, Paraíba e Rio Grande do Norte defronta um obstáculo irredutível na indiferença e na licença com que se anulam as operações contra os bandidos, no território cearense. Logo que a campanha assume uma fase de intensidade, o grupo de cangaceiros se interna no sertão em que predominam o Padre Cícero e outros correligionários do Sr. Francisco Sá e do presidente Moreira da Rocha. Insinuação, a princípio, denuncia, em seguida, o que se alega, neste caso, contra o governo e a política desses dois homens corresponde a uma versão cuja veracidade os conhecedores do fenômeno partidário cearense não dissimulam. Se o hábito é uma segunda natureza, como hesitar em admitir que os aciolystas sejam solidários com o elemento cangaceiro, quando é certo que este sempre constituiu um fator dos sucessos da antiga oligarquia? A grande prova foi tirada por ocasião da revolta contra a situação rabelista. Naquela época, os malfeitores do sertão em massa marcharam sobre a cidade de Fortaleza, sob a inspiração do bizarro beato do Juazeiro e debaixo do comando de um dos *factótuns*, o Sr. Floro Bartolomeu. Em nenhuma circunstância, os salvados da oligarquia aciolyana dispuseram de melhores aliados. Não seriam, portanto, os remanescentes da família Acioly, conduzida atualmente pelo Sr. Francisco Sá, o fator solidário de que necessitam e a que fazem instantes apelos Estácio Coimbra e Costa Rego, João Suassuna e José Augusto, persuadidos de que na presidência do estado do Ceará se encontra um homem culto e, sobretudo, leal aos próprios compromissos. O problema do banditismo está sendo protelado na sua solução pela atitude incorreta e apática do Sr. Moreira da Rocha, que, ao menos, por omissão, se inscreve entre os patronos da Mamméa jagunça que ora ensanguenta e envergonha o nordeste brasileiro. Enquanto a polícia cearense não oferecer combate a sério aos bandidos, castigando os chefes apanhados em serviço clandestino dos criminosos, subsistirá a convicção de que os Aciolys, Sás

e Moreiras estão mancomunados com os saqueadores e sicários do *hinterland*. E, confirmada essa versão corrente, só um remédio restará: o apelo à autoridade dos poderes federais, para poupar ao país a humilhação de um *contubernium* repelente entre políticos, que se presumem educados, e salteadores de estrada, que a polícia tem empenho em capturar.

*A.B.C.* (RJ) – 25.06.1927

## O FENÔMENO LAMPIÃO

Quando se deu a prisão de Antônio Silvino pareceu a muitos que o cangaceirismo entrava na sua fase crepuscular. O famoso bandoleiro, revivescência dos caudilhos das "montoneras" do pampa, uma vez abatido entre as paredes de um cárcere, permitira às populações nordestinas um momento de tranquilidade. Essa calmaria, porém, foi transitória. Porque o mal não estava propriamente num indivíduo de prodigiosa capacidade de ação nas guerrilhas, mas num fenômeno peculiar ao meio, oriundo da incultura do nosso campônio, fenômeno que gerara o episódio trágico de Canudos e que não muito mais tarde viria saltear-nos de novo com esse Lampião façanhudo e destemeroso, diabólico à sua conta para incorporá-lo ao hagiológio dos místicos de má nota que povoam a nossa história.

O que é preciso é cuidar do combate, menos aos cangaceiros do que aos fatores do seu surto vitorioso. Dois instrumentos potentes de civilização possui o Estado para extirpar as últimas radículas da barbaria naquelas regiões infelizes do Nordeste: o soldado de linha e o mestre escola. Em vez de atacar periodicamente os transviados, o exército pode ser um elemento magnifico de catequese atraindo à caserna, para as unidades localizadas no sertão, as criaturas que, soltas e sem "controle", serão fatalmente os serviçais do cangaço. Ao lado do quartel a instrução primária. Ensine-se a essa gente nas suas aparições como um espantalho que tivesse o dom da ubiquidade.

Para que recordar o drama que ninguém desconhece e que a todos assusta desde que o cabecilha de bandidos, armado até os dentes, bate as catingas crestadas dos Estados perseguidos pelo flagelo?...

Os acontecimentos são quotidianos e se repetem com uma dolorosa monotonia. E agora o malogro da campanha das milícias provincianas afrontando o facínora veio por em foco a necessidade urgente de medias de outro gênero, no sentido do extermínio dessa praga.

Deixemos de lado a controvérsia dos governos que atiram de seus ombros a responsabilidade do fracasso da investida. O caso não é para contendas literárias. Lampião abandonado com a sua horda crescerá e a legenda tomá-lo-á a leitura e dê-se lhe disciplina e educação e em pouco tempo não se reproduzirão mais as lamentáveis ocorrências que agitam o Ceará, a Paraíba, Pernambuco e o Rio Grande do Norte, prejudicando lhes as atividades econômicas e tornando os trabalhos agropecuários uma empresa de graves riscos.

O fenômeno não é apenas brasileiro. Ele é do continente, e no Prata até 1852 impediu o progresso da Argentina e do Uruguai. Nós ajudamos aos nossos vizinhos a eliminar essa doença na luta de que resultou a queda de Rosas. As províncias posteriores, a difusão do ensino, a estrada de ferro, e o sorteio militar orientado, deram aos portenhos a paz fecunda que eles desfrutam e sobre cujos alicerces edificam a sua grandeza.

Façamos o mesmo aqui. Intervenha a União decisivamente e estamos certos de que o cangaceirismo tem os seus dias contados. Fora daí não há salvação.

*O Imparcial* (RJ) – 26.06.1927

## DA MESMA POLPA

Nos últimos dias a atenção pública vem sendo vivamente atraída para a situação da zona do Nordeste, onde as forças policiais de três Estados se empenham em luta de extermínio contra as hostes de bandoleiros que ultimamente redobraram de insolência nas suas habituais façanhas sertanejas.

É preciso desde logo acentuar que os cangaceiros do Nordeste encontraram maior estímulo ao desmandamento dos seus instintos de depredação e rapina no exemplo calamitoso que receberam dos bandos de rebeldes, que durante quase dois anos percorreram o sertão, talando e saqueando barbaramente.

Enquanto talavam e saqueavam, esses maus brasileiros diziam-se idealistas e regeneradores, de modo que os bandoleiros de Lampião nada mais tinham do que tomar-lhes de empréstimo esses títulos vistosos, dando-se como autorizados, assim, por indivíduos decorados com a condição de revolucionários, a acobertar os seus crimes à sombra daquele pomposo e cínico resguardo.

Por que não havia de ser também idealista e regenerador o bando de Lampião, quando o era a gente de Prestes, praticando os mesmos excessos selvagens de assalto, depredação e morticínio?

Aliás, cumpre esclarecer que aquele sinistro cangaceiro tinha talvez sérias razões para não tolerar a concorrência.

Era ele o rei inconteste do cangaço e campeava no sertão, quanto possível, frutuosa e impunemente. Não haveria de gostar, pensamos, que lhe usurpassem os processos e os proventos.

Daí, provavelmente, o ter-se ele voltado contra os idealistas e regeneradores intrusos, sem que para isso houvesse mister de outro incitamento, senão o do próprio instinto de conservação...

Os jornais que acusam o passado governo de ter utilizado Lampião na defesa da legalidade esquecem que era perfeitamente prescindível atrair o sicário para atirá-lo contra os outros vândalos da hinterlândia; ele o faria por si mesmo, para defender-se da competição desleal e, nesse caso, enquanto o malfeitor entrava em luta com os outros, deixava de flagelar as populações pacíficas e indefesas do interior.

Mas o que é indubitável, o que é positivo, notório, categórico, é que os cangaceiros hauriram forte alento na sua audácia com o estímulo proporcionado pelos bandos volantes dos idealistas e regenerados de Prestes, Miguel Costa e demais cabecilhas, cujas últimas proezas contra as beneméritas missões salesianas de Mato Grosso – documentados recentemente no *Paiz* – deixam terrivelmente evidente a semelhança entre os seus processos e os do flagelo ora perseguido com energia pelas forças militares de três Estados.

Quem negar esta verdade, terá coragem para negar a luz do sol.

*O Paiz* (RJ) – 26.06.1927

## O SÍTIO DE LAMPIÃO

Em todo o nordeste brasileiro e principalmente nos seus maiores centros, vibra de contentamento a alma popular.

Anima esse entusiasmo a notícia de que o bandido Lampião está cercado por grandes contingentes policiais, acrescentando-se que ele cairá, fatalmente, desta vez...

As suas forças ainda resistem, mas não poderão se manter assim por muitos dias.

Nem por muitas horas – afirma-se – tal a perspectiva da iminência de sua queda.

Ainda, entretanto, não estamos pelo otimismo dos que assim encaram os acontecimentos.

A caatinga é inesgotável de recursos para o cangaceiro. Em cada vereda que se abre no âmago do capão cerrado o jagunço encontra uma trincheira magnífica. Os campos de macambira, em cujo tapete torturante os soldados caem, lacerados de espinhos e exaustos de fadiga, são para os homens rudes que vivem do rifle excelentes protetores de retiradas.

A fome não os abate enquanto há raiz de umbuzeiro para alimento; a sede não os vence porque a fibra do caruá é um refrigerante completo e o caruá não falta naqueles rincões adustos.

Depois, o "caibra" não combate nos tabuleiros, não se arrisca a refregas nas várzeas.

Luta no labirinto dos carreiros tortuosos, surgindo de improviso aqui e além, fazendo fogo e desaparecendo por detrás das umburanas, dos facheiros, dos lajedos formidáveis...

Pelas matas, pelas escarpas das montanhas, atravessando pântanos, como búfalos, em grupos, um a um, conforme exijam as circunstâncias, os cangaceiros sabem agir com uma habilidade diabólica.

Bom será que se não realize a nossa previsão e que se destrua, por uma vez, a horda assassina.

Seria um acontecimento para corresponder a uma legítima aspiração nacional.

Mas, se assim não acontecer, o que, em verdade, será muito para se lamentar, não seremos nós os surpreendidos...

*O Combate* (BA) – 28.06.1927

## UM GRANDE GENERAL

Gonçalo Jorge

Lampião é o pavor do Nordeste. Nestes últimos dias, o telégrafo não tem cessado de comunicar para o Rio notícias que a ele se prendem.

Algumas deveriam ter ficado anotadas pelas pessoas que se interessam pelo pitoresco das cousas: eram aquelas que narravam como as populações do interior dos estados de Ceará e Rio Grande do Norte estavam mais aterrorizadas com as tropas da polícia do que com as tropas do bandido.

Isso, evidentemente, revela uma extrema fala de consideração pelas forças das polícias estaduais.

Os mesmos telegramas que atribuíam tais sentimentos às populações do Nordeste explicavam a razão em que ele se baseiam: é que os soldados manifestavam uma fome insaciável, e mais, queijos comiam do que muitos milhões de ratos juntos. No entanto, eu não posso compreender que seja mais terrível do que um batalhão de assassinos e ladrões um batalhão de homens que, em sua ingenuidade, apenas devoram queijos.

De resto, essa história de atribuir-se às polícias, nos sertões, um pouco ou muito daquilo que fazem os cangaceiros, parece que é um velho hábito. Lembro-me que, certa vez, visitei, na Penitenciária de Recife o célebre Antônio Silvino. E, em conversa comigo, ele me confessou candidamente que a maioria dos crimes que lhe eram imputados não tinha sido cometida por ele – mas sim pelas forças policiais dos estados do Nordeste, que saiam em sua perseguição. Não obstante toda a boa vontade que qualquer indivíduo tivesse para acreditar nas palavras de Silvino, não seria fácil jurar sobre essa sua afirmativa como sobre um *Evangelho*. Limitei-me a aceitar numa parte insignificante o que o antigo chefe dos bandoleiros assegurava.

Nesse novo período de atividade de Lampião, uma cousa existe que nos impressiona: é que parece estarmos diante de um grande general.

Vários Estados se coligaram para combatê-lo; mandaram para dar-lhe batalha os melhores elementos de suas polícias; o bandido ficou fechado dentro de um círculo de ferro, de onde parece que somente sairia aprisionado ou morto. E eis que de repente o vemos varar o cerco em que o conservavam, escapar-se com grande perícia, sem que o pudessem deter os orgulhosos capitães que o perseguiam.

A história do cangaço tem isso, que é sumamente curioso: a habilidade, a perícia com que iludem as polícias estaduais esses sinistros devastadores. Talvez seja o minucioso conhecimento que eles têm da região onde lutam; talvez seja a facilidade de recursos e de solidariedades com que contam. É possível também que não seja uma cousa nem outra, a razão da fácil vitória deles – mas apenas a inabilidade, a imperícia, a falta de disposição das tropas que os perseguem.

Se o Brasil se vir qualquer dia envolvido em algum conflito internacional, e tiver os seus sertões invadidos esses capitães selvagens e celerados lhe prestarão talvez bons serviços. Há neles, um elemento de barbaria e de crime, que, posto em ação numa época de paz e em uma guerra civil, revolta e compunge profundamente.

Mas a guerra tem a virtude de transformar em heroísmo o que é crime, de tornar sublime o que é monstruoso.

Mercê dessa alquimia sinistra das qualidades lastimáveis desse bandido poderão ser aproveitadas, um dia, num sentido de utilidade. Para combater os fanáticos de Canudos, houve-se de fazer apelo a novos elementos sertanejos, peritos na (...) e na depredação. Para uma eventualidade semelhante àquela, os atuais devastadores do Ceará e do Rio Grande do Norte bem poderão ter a sua utilidade.

Nesse dia heroico é possível que o terrível bandido de hoje, Lampião, o trágico chefe do cangaço, tenha a sua estátua numa praça pública. O herói dos sertões, o grande general, num monumento equestre, terá perpetuada a sua glória...

*Jornal do Brasil (*RJ) – 29.06.1927

## O CANGAÇO INVENCÍVEL!

Dizem as últimas notícias de Fortaleza que Lampião rompeu o sítio em que estava metido.

Burlou, assim, como esperávamos, a atividade guerreira dos seus numerosos inimigos.

Foi sempre esse o resultado das lutas contra o verdadeiro cangaço organizado.

Mas não o têm querido ver, por esse modo, os nossos homens de governo, sempre imprevidentes.

No entanto, di-lo a nossa história, e todos os acontecimentos existentes pela tradição popular dos nossos sertões o confirmam.

Os cangaços, ou são combatidos, imediata e energicamente, nos primeiros períodos de sua formação, ou se tornam forças poderosíssimas.

Senão inexpugnáveis – que, em verdade, não o foram jamais, nem o serão nunca – pelo menos de uma resistência terrível.

O cangaço domina pela valentia de seus membros e pela habilidade selvagem e terrorista com que se irradia nas localidades próximas dos seus centros de atividade nefasta, onde cria cúmplices e compra simpatias.

Tudo isso, resultado certo da ação morta dos nossos governos.

Canudos foi assim.

O mesmo se observou com os fanáticos de Santa Catarina e é o que se está verificando com a história do cangaço nordestino.

Mas, se os governos, compreendendo bem as suas responsabilidades, tivessem combatido, no seu começo, os núcleos de bandoleiros em formação, onde eles surgissem, como quase sempre surgem, a serviço da politicagem regional, não proliferaria o banditismo dos Lampiões.

O padre Cícero, no Ceará, com o seu fanatismo, sua gente, seu dinheiro, seu prestígio, é um exemplo modelar.

Bem que ainda poderá se constituir em perigosa atividade contra a ordem pública.

Ninguém se engane a semelhante respeito.

E porque assim vemos as coisas, nos seus aspectos verdadeiros, foi que não acreditamos que Lampião se deixasse prender pelo sítio em que estava envolvido por grandes forças policiais.

Dará, ainda, possivelmente, muito pano para as mangas...

*O Combate* (BA) – 30.06.1927

## A RESERVA DE BANDIDOS

Ao redor da figura e das façanhas de "Lampião" um cronista fez o elogio ao banditismo. Fazendo uma análise perfunctória do cenário e do meio social em que se agita o conhecido bandoleiro, o jornalista discorda do combate das autoridades ao malfeitor e sua gente, e opina pelo aproveitamento de tais capitães para serviço de guerra...

Para esse curioso filósofo o heroísmo depende das circunstâncias e o que é crime nas lutas internas é glorioso e épico nos conflitos internacionais. Nesse caso a utilização inteligente dos facínoras pode ser um elemento de êxito nas batalhas...

Como, porém, manter esses indivíduos, dentro da ordem em tempo de paz?... O cronista não o ensina. Ele vê a região favorita das razias de Lampião a uma distância considerável e não lhe sofre os horrores da presença tenebrosa. Pode bordar conceitos de bom humor que fazem sorrir aos acéticos da Avenida, mas que não devem passar sem uma réplica numa hora em que todas as penas deviam trabalhar em prol do extermínio dessa praga que nos envergonha.

A ideia do cronista, ao que parece, é a de constituir uma reserva de criminosos e mantê-la aguerrida pronta para qualquer eventualidade...

*O Imparcial* (RJ) – 30.06.1927

## A REAÇÃO DA VERGONHA

A polícia do Ceará saiu, finalmente, do esplêndido isolamento em que se vinha mantendo vis-à-vis ao bando de cangaceiros do Lampião. Não se compreendia a inanidade de uma tropa de que, justamente, mais se devia esperar no movimento de reação contra os bandidos. Milícia constituída, em grande parte, de elementos sertanejos, afeitos à vida rude dos campos e aos embates com os grupos malfeitores, a tropa cearense desmentiu, nos primeiros recontros, a expectativa do país, oferecendo a mais frágil, a mais tímida colaboração à campanha inspirada pelo Sr. Estácio Coimbra. Havia um fator obscuro, ignoto, contrariando as disposições enérgicas do acordo firmado pelos governos do Nordeste. As acusações já se levantaram visando a pessoa do presidente do Ceará. Os vínculos políticos do Sr. Moreira da Rocha, inclinado para a facção aciolysta, autorizavam as suspeitas depressivas. De repente, o chefe do executivo cearense começou a sentir-se perturbado com os vivas que o capataz dos sicários erguia ao seu nome, ao penetrar nos vilarejos da sua terra sob as vistas inofensivas indulgentes das

autoridades locais. O Sr. Moreira da Rocha, provavelmente, foi advertido por algum telegrama do centro, talvez do Catete, talvez do Sr. Matos Peixoto, seu indigitado sucessor e que, do Rio, observando os fatos por outro prisma e com uma mentalidade clara, entendia que a milícia cearense estava desacreditando o seu Estado. A mutação que se observa, operada ainda oportunamente, pode reabilitar o governo de Fortaleza e a varonilidade dos oficiais e praças que ele pôs no encalço dos bandoleiros. Na verdade, o desembargador cearense não podia aspirar o papel de êmulo dos parentes do coronel Felisdoro Gaya, fornecedores notórios de farinha, rapadura e demais víveres a horda assassina perseguida pelas forças volantes de cinco unidades da República. As vitórias da polícia cearense, que agora é o elemento mais forte da repressão contra o bandoleirismo, são vitórias de um presidente que despertou para a realidade, alijando os conselheiros desleais. É pena que o governante cearense abrisse os olhos um pouco tarde, sem tempo de evitar o repto veemente do Sr. Estácio Coimbra. Ainda assim, é justo reconhecer a importância dos serviços que o magistrado cearense está prestando ao país, depois que se convenceu de que a opinião pública jamais aplaudiria o *contubernium* de um governo com os inimigos da civilização e das leis...

*A.B.C.* (RJ) – 02.07.1927

## LAMPIÃO

Lampião, o famigerado Virgulino Ferreira, que, no posto de capitão patriota, serviu nas forças legalistas do negregado Bernardes, esteve, estes últimos dias, mais em foco do que já se achava.

Resolvendo "vê" o "má", o petulante bandoleiro rumou a Mossoró, onde encontrou tenaz resistência e, por isso, não viu as burras dos muitos milionários daquela opulenta cidade Potiguar.

Recuando, foi ter à nossa cidade jaguaribana de Limoeiro, onde foi recebido diplomaticamente pelo prefeito local e por toda a população, inclusive o vigário, que o trataram a "vela de libra". Jantou bem, bode nove e galinha de cabidela, e fez um susto dos demônios às populações de Russas e Aracati, dizendo, pelo telégrafo, viria almoçar paçoca com o coronel Ramalho e jantar sururu com o coronel Costa Lima. Felizmente cá não veio. Milagre, talvez, do Senhor do Bomfim.

Acossado por forças policiais de três Estados, Lampião subiu, embrenhou-se nas serras, foi cercado várias vezes, esteve por um fio, "faltava o último reduto", mas... cadê Lampião.

Durante o nefasto governo de Bernardes vigorou, entre os seus fâmulos, a "indústria da legalidade". Agora, ao que parece, vigorará a "indústria lampiônica". Esta começou pelos jornais, que nas últimas semanas têm arrancado niqueis "à beça" da incauta população citadina, ávida por informes respeito ao "último cerco" do quase lendário salteador nordestino.

*O Imparcial* – 06.07.1927

***ULTIMA RATIO***

João Rialto

*Misterioso Lampião, que vais zombando*
*Do cerco que te põem teus inimigos,*
*Provado está que a todos os perigos*
*Se contrapõe o teu poder nefando.*

*Qual um mágico, inflamas o teu bando,*
*No qual escravos tens mais do que amigos,*
*E no sertão adusto achas abrigos*
*Onde forças haurir de quando em quando.*

*Pois bem: um golpe só se te desfeche,*
*E a tua resistência talvez deixe*
*Mostrar que longe está de ser eterna.*

*Que se suspendam logo as investidas*
*E a ti, que de algodão usas torcidas,*
*Se mande sem demora uma lan...terna.*

*Careta* (RJ) – 16.07.1927

**EVOLUÇÃO DO CANGACISMO**

Escreve o *Jornal do Brasil*:

O banditismo está assumindo proporções inéditas, na história do cangacismo no nordeste do país.

Assim, ele perde o seu caráter regional, para erigir-se em um problema nacional, tais os prejuízos decorrentes, daí, para todo país, como veremos mais adiante.

Esta evolução, que foi repentina, nós antecipamos, aqui, a sua possibilidade, que hoje, infelizmente, é uma realidade, há pouco mais de um ano.

Com efeito, os revolucionários, na peregrinação de seu ideal pelo interior do país, andavam a cavalo. Na sua marcha, iam substituindo a cavalhada trôpega e "cansada" por outra que encontravam, nas fazendas ou estâncias, à margem do caminho. Assim, prosseguiam nas suas idas e voltas.

Ora, a esse tempo, mostramos que tal tática, pela sua originalidade e adaptação ao meio, serviço de um ideal justo, ou não, conforme queiram, mas ideal, poderia degenerar a serviço do banditismo regional, ou cangacismo.

Foi o que aconteceu, não falhando as nossas previsões. O cangacismo aproveitou o exemplo dos revolucionários se locomoverem para a prática do crime.

Desta sorte, está aí a explicação de como os cangaceiros, em grupos, se transportam de um Estado para outro com facilidade. A cavalo e com a possibilidade de trocar de montaria mais adiante, a empresa é simples.

Com essa tática, varejam os sertões, passam de zona a zona, vão de cidade a cidade, levando o pavor e a destruição, onde bem lhes pareça.

Assim o problema assume um aspecto desconcertante. Ao que estamos informados, com máxima segurança, pessoas há que se retiram do lugar onde moram, transportando-se para outros, até em Estados diferentes, por imposição dos cangaceiros.

Ora, chegado o problema a esse termo de desolação, é impossível a vida econômica nessa vasta região nacional.

O país, que já conta com tantos problemas a resolver, há que contar com mais este, que lhe afeta a produção, com por exemplo, a do algodão, nos altos sertões. Pois a condição primária à produção, é a ordem, é a segurança, numa palavra, a paz ambiente.

O problema do cangacismo tomou uma evolução tal que, conquanto a destruição do grupo do famigerado Lampião seja um benefício, tem, no entanto, uma importância relativa. É que "o meio encontra-se cheio de indivíduos com vocação a Lampião", ao que nos disse pessoa vinda do Nordeste e lá radicada, e que, por sinal, nos pediu não declinar o seu nome, com receio de ver as suas propriedades e famílias serem atacadas, por vingança e represália.

Quando uma questão atinge a esse ponto, mostra como é crítica a situação e de maneira a não poder continuar.

Enquanto isso, já não é sem exemplo o caso de famílias, que deixam o interior do Nordeste, seguindo-se para outros Estados, inclusive aqui para o sul do país.

O fenômeno é simples e tem a sua explicação. As famílias, no Nordeste têm entrelaçamento de sangue por todo o Brasil. Filhos e parentes, devido às secas e à propriedade do meio, vieram fazer a vida em outros Estados.

Ora, as famílias, que se mudam no Nordeste, sem querer deixá-lo e prestando-lhes utilidade de esforço, abandonam-no, em tal emergência, acedendo aos velhos e reiterados convites dos seus, localizados em outras regiões nacionais.

É o que está acontecendo em escala de mudar, de maneira a não dar na vista presentemente, mas com o tempo poderá avolumar-se, ganhar maiores proporções, o que reverterá em prejuízo para os sertões nortistas porquanto se trata de famílias prestantes regionalmente, gente de "elite" e possuída do espírito de empresa.

Dada a evolução que tomou o cangacismo, requer-se evolução nas medidas a debelá-lo. É o que faz a Argentina, criando uma polícia montada, destinada a atuar no norte da república.

O nosso problema, porém, é mais complexo, pela vastidão territorial.

Sem indicar sugestões, já que urge atuação, achamos, no entanto, que o nosso caso só poderá ser resolvido à satisfação com a cooperação do governo da União, seja do ponto da expressão material, seja, sobretudo, do ponto de uma melhor coordenação política.

*Diário de Pernambuco* (PE) – 19.07.1927

**TROVAS**

*Se o Lampião continua*
*Trabalhando à luz do Sol,*
*Merece ser promovido*
*Incontinenti a farol.*

*Depois que o Agache a foi ver*
*Toda gente fala nela,*
*E, vindo ao Rio, o Lampião*
*Há de ir morar na Fa...vela.*

*É tamanha a rapidez*
*Da evolução feminina*
*Que em breve junto ao Lampião*
*Surge alguma Lamparina.*

*Menina dos lábios rubros,*
*Belezinha, tentação,*
*Temo mais teu bico aceso*
*Do que temo o Lampião.*

*Diz o Virgulino, infrene,*
*Ao ver o destacamento:*
*– Sou lampião de querosene*
*Mas não me apago com o vento.*

*No nosso Museu Histórico*
*Pergunto quando entrarão,*
*Como cousa assaz preciosa*
*Os óculos de Lampião.*

*A luz do grande Lampião*
*Já estaria reduzida,*
*Se por ele não houvesse*
*Ainda muita torcida.*

*Se quereis, oh governantes,*
*Extinguir o Lampião,*
*Uma turma de profetas*
*Mandai já para o sertão.*

*Na medalha do relógio*
*O Lampião vou trazer,*
*A fim de ver se afugento*
*Quem tencionar me morder.*

*Se acaso eu fosse obrigado*
*A viajar pelo sertão,*
*Faria primeiramente*
*Compadre meu o Lampião.*

*Passam semanas e meses,*
*Passam inverno e verão,*
*E afinal não há torcida*
*Que possa com o Lampião.*

*O teu chapéu a Lampião*
*Te assenta tão bem, menina,*
*Que até ficas parecendo,*
*Palavra! Uma lamparina.*

*Fiquei danado ao saber,*
*Lampião de novo em fugida,*
*Pois já tinha feito aqui*
*Uma tremenda torcida.*

*Aqui jaz o Lampião*
*Que, em vez de iluminar, escurecia*
*E só dava clarão*
*Quando do rifle um tiro lhe partia.*
*Apagou-se afinal,*
*Coisa que foi das mais extraordinárias,*
*Tanto assim que, em sinal*
*De prazer, se acenderam luminárias.*

*Careta* (RJ) – 1927 a 1938

**A ESMO**

Rosalina Coelho Lisboa

Os telegramas que nos dizem das perseguições ao substituto de Antônio Silvino, nem sempre relatam fatos dignificantes, feitos à altura de gente que, em nome da lei e da civilização, perseguem para castigar.

A tentativa de envenenamento contada pelos jornais de hoje, entristece e revolta. Por que lança mão de crimes a lei para impor seu domínio? Por que se servem os civilizados de traição para vencer um transviado da aparência civilizada?

Todos os que sabem das perseguições possíveis nas grandes cidades, contra os mais humildes, todos quantos reconhecem as injustiças de que os poderosos cercam a vida aos simples nas grandes capitais, imaginarão, sem esforço, que universo de injustiças e perseguições deve ter acendido na alma dos caboclos de Lampião a fogueira de ódio que ora se tenta apagar. Os reis das cidades pequeninas, os donos das selvas imensas são dignos rivais, em crueldade e inconsciências, aos cruéis potentados de toda civilização do mundo.

Assassino e incendiário, saqueador e atrevido, Lampião encontraria sempre, ante um juiz humano, atenuantes para seus crimes.

Que são os conquistadores, afinal, que são os heróis das guerras invasoras, estudadas à luz desencantante do raciocínio despido de fraquezas partidárias, senão criminosos glorificados pelo aspecto grandioso de seus crimes? Cada erro obedece a uma necessidade de acertar; em todo acerto há um erro inconsciente e inevitável. E a vida, zombeteira, e os homens, de que a vida zomba, castigam virtudes como recompensam erros. Por isso é que existem tantos irmãos de alma de Lampião exaltados pela terra, e tantos discípulos de Cristo conhecem os amargores da cruz...

Demais a mais, não é ridículo e mesquinho combater cangaceiros com auxílio de crimes a que os bandidos do Norte não saberiam baixar?

*Jornal do Brasil* (RJ) – 21.07.1927

**CAUTELA, MENINAS!...**

Estão, no Rio, duas jornalistas norte-americanas. Duas senhoritas que se apresentam com o nome simpático de Irmãs Craward.

São redatoras do *New York World*, um dos mais populares diários de "yankeelândia". Que vem fazer nestas selvas brasileiras, essas duas irrequietas jornalistas da terra do "Charleston" Ora, o que vem fazer?!... Colher notas. Quem é que se atreve a visitar estes domínios do Romano Antigo, senão para colher notas?... Notas de todo gênero...

Miss Ruth e Josephine Craward, porém, trazem mais um intuito. Chegou-lhes, lá no país dos arranha-céus, a fama de um bandido brasileiro. Um tipo fabuloso que reproduzia, a valer, no sertão do Brasil, isso que o sensacionalismo cinematográfico desenrola, fingido, no Far-West.

E as duas arrojadas jornalistas desejaram ver, de perto, esse assombro.

E aí estão dispostas a entrevistar "Lampião'.

O nome do ex-capitão "legalista" já transpôs as fronteiras da pátria. "Lampião" já preocupa S. M. o Dólar.

E aí estão as desembaraçadas Miss, dispostas a ver o "batuta".

Até aqui tudo vai bem. A aventura até aqui é interessante e divertida. Conhecidos, no entanto, os antecedentes de Lampião e sua gente, em relação às senhoritas que encontram no seu caminho, cumpre-nos aconselhar às colegas a não insistir na intenção.

Não brinquem com fogo, meninas!

Ninguém se responsabiliza pelo quilate das impressões que levarem...

*Folha de S. Paulo* (SP) – 21.07.1927

## OS AUTORES DO CANGAÇO

A polícia no sertão, pelos odiosos processos mercê dos quais a desenvolvem os governos, não pode prescindir do auxílio criminoso e violento do rifle.

O regímen de perseguições mesquinhas, inaugurado e mantido há muitos anos naqueles longínquos e rudes rincões, criou, naturalmente, a necessidade do jagunço desabusado e mau.

São os próprios responsáveis pela ordem pública, os responsáveis, também, pela insegurança que flagela o Nordeste.

O "caibra" é uma consequência das injustiças flagrantes de que são vítimas os sertanejos.

O homem que bateu em vão às portas da Justiça, e não achou o acolhimento devido, arma outros homens de condição inferior, municia-os, e constitui a sua falange defensora.

Mantem-se nesta atitude mais ou menos pacata durante algum tempo. Vão-se lhe as reses da fazenda para o sustento da cabroeira. Vai-se lhe o dinheiro em moeda para diária dos rapazes... E diante dele abre-se, então, um terrível dilema: - roubar, manter a todo transe o can gaço iniciado, ou dissolve-lo, entregar-se às possibilidades de novas injustiças, mais atrozes, ainda, porque a sua pobreza animará a sanha dos inimigos... Na grande maioria dos casos o caboclo opta pela primeira resolução: e atira-se ao saque, e faz-se mestre do crime.

Poderá puni-lo a Justiça que o obrigou a enveredar pela trilha condenada?

É claro que não. Sentem-no todos. Ela própria o sente.

E queda-se inativa. Recrudesce, por isso, a audácia do chefe, já resignado, e quase satisfeito com o destino...

Torna-se conhecido.

As tiranas choradas ao som saudoso e triste das violas celebram-lhe as façanhas.

Discutem-se, nas calçadas, nos balcões das lojas, nas tavernas, os feitos arrojados do jagunço... E ele consegue, assim, rapidamente, a sua celebridade – a celebridade dolorosa dos criminosos, toda ela feita de ignominias...

É assim, quase sempre: nos grandes bandidos do sertão encontram-se as grandes vítimas da Justiça desvirtuada pelos interesses políticos ou pessoais dos mandões.

Diz-se que Pernambuco homizia, agora, o sinistro cangaço de Lampião.

É o terceiro Estado que sofre esta acusação infamante – e, desgraçadamente, aceitável.

O governo da Bahia, de atalaia, espera que o cangaceiro se descubra, para, no caso de pretender invadir o nosso território repeli-lo, a golpes de fuzil, socá-lo caatinga a dentro, para bem longe das fronteiras...

Pretende, com isto, eximir-se da coima que tem pesado sobre os seus demais colegas nordestinos.

Faz muito bem. Não lhe neguemos aplausos.

No entanto, muito maior seria o nosso contentamento se, de cambulhada com o novo Átila caboclo, os senhores Góes Calmon e Madureira de Pinho banissem dos sertões da Bahia os oficiais de caveira de que tantas vezes tem se servido o poder público estadual para a execução de vinganças e caprichos miseráveis.

Há muitos Lampiões por aí afora para que se fixe a atenção em um só...

*O Combate* (BA) – 25.07.1927

## LAMPIÃO ENTRE REFLETORES

Nestes tempos de refletores, projetores, focos elétricos e holofotes, um lampião que consegue saltar da sua posição humilde de lume antiquado, para alcançar que em torno da sua chama, circulem camadas várias de atenção e curiosidade, merece sem dúvida ser elevado a um posto de inconfundível destaque. Não obstante, faltar-lhe luz de maior intensidade, a pouca que lhe resta, bruxuleante, é dotada de um poder maravilhoso para atrair as mariposas fardadas das polícias estaduais, que infelizmente embriagadas pela suavidade terna do fogo permanente, coado através um vidro límpido, tem não raro as asas crestadas ao primeiro contato com labaredas tão misteriosas e destruidoras.

Depois de quase relegado ao depósito das coisas inúteis, de ser considerado verdadeiro alcaide no sistema de iluminação hodierno, de perder completamente a cotação no mercado da fosforescência, de ter seu nome abolido ou pelo menos afastado, do vocabulário nacional, o "Lampião" ressurge lampeiro e dominador, ultrapassando em brilho e luz a todos os seus congêneres, e ostensivamente lança um réstea incandescente pelos longínquos sertões, que incendiados brutalmente pelo fogo ressurreto da candeia passadista, clamam desesperadamente, debatem-se em febre rubra e exterminante e apelam para os bombeiros do governo federal, a fim de que venham extinguir a grande e cenográfica fogueira nordestina.

O espetáculo dantesco que o caboclo nortista assiste, e de cujas consequências se faz vítima imediata, dá para os que distante estão do local abrasador, uma ideia de fato lendário, onde fala mais alto o espírito impressionista do narrador, que mesmo a verdade fiel dos acontecimentos.

Poucos e raros acreditam, na conflagração voraz que apavora a gente campesina dos quatro Estados infiltrados por tão diabólica queimada. Mesmo esses, ainda procuram dar um devido desconto às narrações, e, pretendem diminuir as proporções do cataclismo. Não concebem tamanho banditismo. Não acreditam em tão grande calamidade...

E assim, Virgulino Ferreira, "Lampião", o rei do cangaço e dominador absoluto da imensa gleba nordestina, em audaciosas e faroestinas cavalgadas, qual um Tom Mix celerado do crime, vai de facho em punho, ateando o incêndio, a desordem e a destruição, em toda a zona interior que medeia de Alagoas ao Ceará.

Mata, saqueia, rouba, estupra, destrói, comete uma série contínua de crimes, levando a dor e a desgraça aos lares que estão dentro do perímetro onde exerce as mais nefandas e execráveis selvagerias.

A princípio, Virgulino Ferreira, desembaraçadamente agia, e os facínoras medonhos que obedecem ao seu comando, tinha ampla liberdade para a criminosa empreitada que exploram, sem a mais leve perseguição dos policiais estaduais, que apavorados ou coniventes, nunca tomavam conhecimento das tropelias de "Lampião".

Agora, recrudesceu de tal maneira as façanhas do perigoso bandoleiro, que, por iniciativa dos governos de Pernambuco, Alagoas e Paraíba, o terrível Virgulino já está sendo perseguido pelas milícias desses Estados, e mais a do Ceará, malgrado a oposição tenaz do Padre Cícero, que procura apadrinhar o terrível bandido, de quem é amigo e correligionário.

Perseguido por numerosas forças, "Lampião" e seus sequazes têm oferecido formidável resistência, e por diversas vezes tem rompido as linhas policiais, zombando com certeza da estratégia infantil dos soldados que o combatem.

"Lampião" continua ardendo no Nordeste. Por quanto tempo ainda? Quando será cap-

turado? Quando terminará de vez, as horripilantes façanhas, com que infelicita as populações ordeiras e laboriosas daquele pedaço da terra nacional?

Os possantes refletores policiais, procuram, segundo dizem, dar caça ao bandido. Mas "Lampião" com o seu brilho estranho, um clarão apavorante, continua ainda iluminando as matas do Nordeste!

*Braz Cubas* (RJ) – 30.07.1927

## LAMPIÃO, HERÓI DA LEGALIDADE

Chico Lapada

### PÉS QUEBRADOS

I

*As gazetas do Sul, do Norte e Leste*
*De toda parte, enfim, destes Brasis,*
*Andam dizendo que o Nordeste*
*É o covil, o recesso mais tremendo*
*De bandoleiros, grandes celerados,*
*Estando todos muito bem armados,*
*Dos mais modernos tipos de fuzis.*

*O Ceará, entretanto, é quem suporta*
*O peso bruto das acusações,*
*Sacrifica a sua gente,*
*Gasta o seu dinheiro,*
*Depois se espalha pelo mundo inteiro*
*Que ele conserva sempre aberta a porta,*
*Querendo se fazer muito inocente,*
*Ao bando de sicário e ladrões.*

*Não é tudo. Os Estados seus vizinhos,*
*Cada qual tendo à frente o seu tuxau,*
*Dão-lhe provas cabais de seus carinhos,*
*Metendo-lhe o pau;*

*E de um modo cruel, irreverente,*
*Desrespeitoso e sem educação,*
*Atacam-lhe a polícia, o presidente.*
*E o reverendo Cícero Romão!*
*O Ceará não recebe como injúria*
*Às nobres tradições de seu Estado,*
*A covardia, a desprezível fúria*
*De qualquer malcriado,*
*Ali, naquela terra idolatrada,*
*De verdes mares e de ardentes dunas*
*E sertão adusto,*
*Não há quem tema a flecha envenenada*
*Já da tribo feroz dos Suassunas,*
*Já do bravo guerreiro Zé Augusto.*

*II*

*De longe, gritar muito e falar grosso*
*Não é prova, a melhor, de valentia,*
*O valente que o é, de carne e osso,*
*Só no braço e no muque se confia.*

*III*

*Essa história de crimes e delitos,*
*Que o bandido Lampião tem praticado,*
*Discutir se não pode, assim aos gritos,*
*Merece mais cuidado,*
*O que, porém, parece verdadeiro,*
*E de tanto já me acho convencido,*
*É que o bandido,*
*O chefe cangaceiro,*
*É talvez um dos grandes patriotas,*
*É talvez um dos grandes brasileiros,*
*Neste País de míseros ilotas,*
*Neste chiqueiro enorme de carneiros!*
*Matar, só por matar, quem não matou*
*Se a morte foi preciso praticar?*
*Furtar, só por furtar, quem não furtou*
*Dessa virtude pode se ufanar,*
*Se Lampião já tem morto tanta gente*
*E centenas de roubos cometido,*
*Porventura quem foi o presidente*
*Que em lúcido momento, comovido,*
*De um bandoleiro, fez um capitão?*

*Diga do povo a voz onipotente,*
*Diga do mundo a franca opinião,*
*Qual deles dois seria o mais bandido*
*O presidente ou o Lampião?*
*Lampião, que no tempo de Bernardes*
*Era um monstro, cruel facinoroso,*
*Um assassino, o chefe perigoso*
*De um bando de sicários e ladrões,*
*Vivia como a fera perseguida,*
*Afrontando o perigo, expondo a vida*
*Nas matas e catingas dos sertões,*
*Certo dia, porém, homens covardes*
*Mais ferozes que ele, os figurões*
*Da tal legalidade*
*Chamam-no à cidade,*
*Alugam seus serviços*
*E cheios de ternuras e derriços,*
*Fornecem-lhe fuzis e munições.*

*Lampião legalista era de fato*
*Um grande herói da megalomania,*
*Tinha as manhas do gato,*
*A ligeireza da cotia,*
*E o faro do cão;*
*Nas suas grossas mãos o bacamarte,*
*Que nunca tinha errado a pontaria,*
*Tinha as volúpias da arte,*
*O ritmo da canção*
*A trama impressionante da magia.*

*Se Lampião a Prestes tem matado,*
*O que graças a Deus não sucedeu,*
*O saudoso doutor Bartolomeu,*
*Seu bom amigo e grande protetor,*
*Teria dele feito um deputado,*
*Talvez um senador!*
*Bernardes com certeza lhe daria,*
*"Europa, Portugal, França e Bahia"!*

*IV*

*Queixam-se agora. O fero cangaceiro*
*Não merece ser mais um brasileiro,*
*Nem tem honras de um grande capitão,*
*É apenas um ladrão,*

*Um celerado,*
*Que vive de comer o alheio gado*
*Espalhando o terror pelo Nordeste,*
*Uma praga, uma verdadeira peste*
*No seu pungente e doloroso império,*
*Fazendo dos sertões, um cemitério!*

*Eu penso que não há razões de sobra*
*Para tanto gritar, tanto alarido,*
*Pois quem pode matar, não mata a cobra,*
*Por ela, um dia se arrisca ser mordido,*
*Lampião quando esteve em Juazeiro*
*Lá esteve desarmado, e andava só,*
*Se o tivessem feito prisioneiro,*
*Como era justo e ele o merecia,*
*O bandido mais tarde não faria*
*O que fez em Mossoró.*

*Agora... não tugir e não mugir,*
*Calar a boca... suportar a taca,*
*Por que razão mataram Jararaca*
*E deixaram Lampião escapulir?*
*Pois bem, cada um que agora se acautele,*
*E bote as barbas, se tiver, de molho,*
*Lampião que como dizem só possui um olho,*
*Enxerga muito mais que os raio xis,*
*Pois quando mata não estraga a pele*
*Atira no nariz!*

*V*

*O Ceará nos seus tempos já passados,*
*Dou de si tanto quanto ele podia,*
*E agora nos combates do Nordeste*
*De justiça não há quem lhe conteste*
*A grande intrepidez e a valentia;*
*Como pois afirmar, no torvelinho*
*Das paixões que o momento tanto agita*
*Que o Ceará tenha sido asilo e ninho*
*De bandidos, ladrões e celerados,*
*E que tudo o que fez, só fez por fita!?*

*Não sou por Zé Moreira contratado,*
*Nem falo como seu procurador,*
*Mas cearense que sou, com muito agrado*
*Dele me faço humilde defensor;*

*O presidente que em suas mãos encerra*
*Dos poderes do Estado a hegemonia,*
*Sendo o emblema dos brios de minha terra,*
*Não seria capaz de covardia.*

*VI*

*Amando, como eu amo, a terra amada,*
*Sentindo como eu sinto o que ela sente,*
*Enxoto a pontapés a canzoada*
*Que raivosa lhe quer meter o dente.*

*Seu Suassuna – que recolha as patas*
*Seu Zé Augusto – vá cavar minhocas*
*Ambos – que deixem de contar potocas*
*Não sejam tolos, vão plantar batatas.*

*A Rua*: Semanário Ilustrado (RJ) – 17.08.1927

## OS LAMPIÕES

Hermeto Lima

A absoluta ausência de justiça que lavra por esse sertão afora é a causa, senão a principal, pelo menos a mais importante, da existência dos muitos Lampiões que andam a causar o terror pelos lugarejos longínquos do nosso Brasil.

E o caso não é de hoje. Vejamos:

Em 1834 – estávamos então em plena Regência permanente eleita a 17 de junho de 1831 e dirigida por Lima e Silva, Costa Carvalho e Bráulio Moniz – foi barbaramente assassinado em Quixeramobim, no Ceará, Luciano Domingues de Araújo, membro de uma importante família daquele lugar. O assassino fora um sertanejo de nome Estácio José da Gama, que já tinha nas costas um assassinato impune. O mandante fora um Miguel Maciel, da família dos Macieis, de Quixeramobim, inimigo terrível da família dos Araújo, de um lugar próximo chamado Boa Viagem. O motivo do assassinato foi uma futilidade; Luciano, o assassinado, ajustara casamento com uma moça aparentada dos Macieis e Miguel Maciel, achara que isso era uma afronta à sua pessoa. Na ocasião em que Luciano partia a cavalo por uma estrada, a fim de efetuar seu casamento, Estácio que o esperava atrás do toco de um pau no momento achado dá-lhe um tiro de bacamarte.

Ninguém viu o assassino, ninguém mesmo viu de onde partira o tiro, mas foram tantas as provas circunstanciais contra Estácio, que ninguém duvidara de que só ele podia ser autor de tão bárbaro crime. Preso, Estácio a princípio negou a pé firme ter sido o assassino, mas, afinal pilhado em contradições, acabou confessando tudo e até pormenorizando como o fato se dera.

Submetido a julgamento foi Estácio condenado a morte, consoante a lei do tempo.

A 15 de março de 1834, às 17 horas, com todo o cerimonial da lei, foi ele executado, pronunciando antes as seguintes palavras: " Eu só matei a Luciano porque a Justiça de Quixeramobim me deixou impune pela morte que fiz na rua da (...) e por ter tentado assassinar a Luiz Raymundo Caeté Monteiro.

Só lamento ir morrer por ter morto a um, quando entre os 10 que me vão atirar não há um que já fez oito mortes".

Debaixo do ponto de vista jurídico foi esta execução muito censurada por não ter sido feita com as formalidades da lei.

Em primeiro lugar, o conselho de sentença que julgou Estácio fora presidido por um cunhado do assassinado; depois, não se concedeu ao réu tempo para impetrar recurso ao poder moderador e, finalmente, o réu fora fuzilado, quando devera ser enforcado conforme mandava o Código.

Mas ao mandante do crime que foi que aconteceu?

– Nada.

Era Miguel Maciel de família conceituada e prestigiada no Ceará de sorte que não fora incomodado nem sequer para um simples interrogatório.

Resultado: continuaram os ódios entre as duas famílias cearenses, ódios que de quando em quando, redundavam num assassinato.

Era da família Maciel, Antônio Conselheiro que tanto se celebrizou em Canudos. Era voz corrente que ele mesmo fora assassino, tornando-se depois um religioso fanático, com a mania de construir ou reparar igrejas nos lugares onde assentava a tenda. Deixando crescer a barba, vestindo uma longa túnica, Antônio Maciel, tal influência exerceu no ânimo do povo dos sertões que o tinham por Bom Jesus. A fama dos seus milagres, que só existiam na imaginação do povo, espalhou-se sertão afora e ele em breve seguido por uma multidão de peregrinos, que abandonavam os seus lares para o acompanhar.

Lampião é, pois, uma espécie de Miguel Maciel o mandante do crime cuja história acabamos de contar. Mandante de crimes a princípio, assassino muitas vezes, deixaram-no impune e quando a Justiça quis pôr-lhe as mãos em cima, embrenhou-se nos matos e foi ser bandoleiro.

Agora, que trabalheira para o pegar!

*Jornal do Brasil* (RJ) – 21.08.1927

## *LAMPIÃO SANGUINÁRIO*

O bandido famoso que assola com o seu bando criminoso os sertões nordestinos, constituiu-se fonte inesgotável de assunto para a imprensa sensacionalista como para os escritores imaginosos. Está neste último caso o jovem autor de *Lampião Sanguinário*, que esconde a sua verdadeira identidade de brasileiro e sertanejo – conhecedor do meio em que Virgulino Ferreira da Silva, o "Lampião", faz as suas proezas de bandoleiro valente e audacioso – com o pseudônimo de Jean Grataquês.

Entretanto, *Lampião Sanguinário* é um livro forte, de cores realistas, um livro em que se estuda a mentalidade doentia de um degenerado explorado por políticos sem escrúpulos, uma obra vibrante de psicologia humana – e, por isso, capaz de dar renome ao seu autor.

*Lampião Sanguinário* é um estudo subsidiário de valor histórico, feito para o povo, mas útil para os que desejem escrever a verdadeira história política da época que atravessamos. Os cronistas da última revolução brasileira, sobretudo, encontrarão neste pequeno volume indicações preciosas para pesquisas em torno da moral esquiva e abastardada dos nossos homens públicos, açuladores de cangaceiros ferozes contra a coluna heroica e idealista de Luiz Carlos Prestes. Conhecerão os curiosos dos nossos costumes políticos, essa personalidade lendária e bizarra do Padre Cícero, do Juazeiro, piedoso homiziador de depredadores da honra e da propriedade, quando não de assassinos confessos.

É um romance perfeito, com lances horrendos, uns, outros humorísticos, da vida real; e é um panfleto sereno e comedido, para o qual deveriam se voltar as vistas os responsáveis pelos destinos do nosso país.

*Para Todos* (RJ) – 27.08.1927

## ENTRE MATAR E REGENERAR

Segundo um comunicado recebido de Jaguaribe pelo Sr. Jacinto Guimarães, chefe interino deste distrito telegráfico e pelo mesmo entregue à redação do *O Nordeste*, Lampião consegue burlar a vigilância das forças, que o cercavam, tendo passado pela serra do Teodósio, em rumo do sul do Estado.

O grupo, conforme ainda o Sr. chefe do distrito telegráfico relatou a *O Nordeste*, compõe-se agora de trinta homens, viaja a pé, maltrapilho e com pouca munição. Por onde passa, pede roupas e se não houver quem lhe tome à frente, o caminho lhe está aberto pelo município de Icó, podendo assim o bandido escapar mais uma vez.

Outra informação ministrada pelo Sr. chefe do distrito telegráfico, ao referido jornal, acrescenta que Lampião teria passado, ontem, às 11 horas, em Saco Grande, a légua e meia de Pereiro.

Apesar do *Diário do Ceará*, órgão do governo do Estado, haver declarado que não há confirmação oficial dessas notícias, temo-las como certas, não só porque são as mesmas telegramas de serviço transmitidos pelos encarregados das estações, à chefia do distrito, e por esta facultada, especialmente, ao jornal que as veiculou de fonte oficial, como também porque estão, em parte, no despacho do nosso correspondente, em Jaguaribe.

Verifica-se, portanto, que o bando sinistro escapou à pressão de, aproximadamente, quinhentos soldados das polícias congregadas para exterminá-los.

Homens afeitos à gleba, que para eles não têm segredos, organismo atavicamente familiarizados com a natureza da região, dentro mesmo da sua miséria moral, esses bandidos assombram pela argúcia, surpreendem pela resistência.

Quarenta e dois cangaceiros, apenas, conforme tem acentuado o Sr. presidente do Estado, em seus telegramas para as autoridades, cercados por centenas de bravos soldados nordestinos, que os perseguem em nome da lei, ainda assim encontram eles coragem para enfrentar o fogo e recursos estratégicos para fugir, iludindo a rigorosa vigilância dos sitiantes.

Ali está, dentro daqueles monstros irresponsáveis pelas trevas de seu destino, a organização formidável da raça dos valentes.

Transviados da moral, aberrações psíquicas capazes das mais horripilantes crueldades, os bandidos de Lampião, se hoje aterrorizam por estar ainda quente o sangue de suas vítimas, amanhã, atenuada pelo correr dos tempos a sua feição criminosa, talvez consigam impressionar o historiador da época em que eles encheram de sombrias preocupações os governos de quase metade do Brasil.

A tese demonstrada de que o banditismo é um efeito dos erros político-sociais da atualidade, impõe o corolário de uma série de reflexões que o momento infelizmente não permite.

Mas os bandoleiros de Lampião, como os de Antônio Conselheiro, hão de encontrar os seus historiadores, aqueles que virão mais tarde, com o ferro em brasa, deixar o estigma na fronte dos verdadeiros culpados.

Porque eles derivaram, quase todos, de uma revolta contra a conspiração de seus direitos, pegaram das armas jurando vingança, ao pé dos cadáveres de seus maiores, cujo sangue correu indiferente, diante dos olhos vendados da Justiça.

No despenhadeiro do crime, rolou o sentimento de humanidade impulsionado pelo ódio contra os executores omissos da lei.

Despertou-se lhes o instinto da ferocidade, num retrocesso aos tempos das cavernas.

No dia em que houver instrução e justiça, nesse dia, desaparecerá o último bandido.

Mas a sociedade criou esses cangaceiros para manda-los depois matar, como indignos da condição humana de viver.

A Antônio Silvino, o bárbaro salteador, que talou os nossos sertões, por mercê de sua fortuna, pouparam-lhe a vida.

Expiando os seus crimes no fundo de um cárcere, o Estado deu-lhe a instrução, que ele não tinha e a fera começou a experimentar uma transformação nas suas tendências.

Hoje, o detento Antônio Silvino educa seus dois filhos e trabalha com o corpo e com o espírito.

Não é mais o salteador que destruía e matava pelos sertões. É o recluso que estuda e constrói.

Eis porque nos arriscamos a pensar que maior glória nos adviria de prender Lampião e seus bandidos do que de matá-los.

Seria mais humano.

Concite o governo os bandoleiros a entregarem-se à justiça.

Garante-lhes a vida, que eles não poupam às suas vítimas.

Ofereça-lhes o amparo da lei.

Evitará, destarte, que a vida do bandido, no campo da luta, nos custe tantas outras úteis à sociedade.

(D' *O Ceará*, de Fortaleza)

*A Reforma* (AC) – 18.09.1927

## QUAL O RESPONSÁVEL PELO CANGAÇO?

Santelmo de Barros

De Norte a Sul e não é de hoje, vive o Brasil a braços com esse mal aviltante – o cangaço.

No Nordeste está à testa do cangaceirismo o famigerado "Lampião", sobressaltando as populações de vários Estados com as suas façanhas.

No nosso Estado Fabricio Vieira, procurando esconder a sua verdadeira profissão de bandoleiro, evoca a intenção PATRIÓTICA de libertar o território que constituiu o ex-Contestado, e assim vai rapinando, trucidando.

"Lampião" e Fabricio gargalham das medidas legais tendentes a captura-los, improfícuas que todas elas têm sido.

Arregimentam-se polícias e até exércitos, o diabo enfim... e ninguém consegue pôr a mão nesses homens profissionais do crime.

Proteção? Falta de coragem para ataca-los? Talvez...

"Lampião" pelo menos dizem as más línguas que conta com preciosos protetores...

Mas qual o responsável por essa espécie de gente?

O governo, dirão todos os espíritos lúcidos, todos os que sabem distinguir o trigo do joio, o bem do mal, a água do leite, Curitiba de Piraquara... etc...

Sim, o governo, que ainda da última revolução chamou-os bandoleiros para auxiliar no esmagamento dos rebeldes, governo que organizou "batalhões patrióticos" com criminosos de toda a espécie, assassinos, ladrões, tudo enfim!

O governo fardou, armou, municiou, deu galões e dinheiro a esses cangaceiros, e o resultado aí está. Os frutos estão aparecendo sazonando, formosíssimos, tentadores como maçã da Califórnia...

O governo nunca deverá ter abdicado do bom senso, fazendo seleção na escolha dos seus partidários, o que se não verificou nos últimos abalos revolucionários que fizeram oscilar os alicerces do edifício republicano...

*Diário da Tarde* (PR) – 24.10.1927

## VERSO, PORÉM VERDADE

O brilhante sertanista Sr. Leonardo Mota disse ontem, para uma dúzia de pessoas que se interessam por essas cousas de mote, uns episódios da vida nordestina.

E falou de Lampião, o terrível guerrilheiro caboclo, cujo rifle, vertiginosamente manejado, vomita com rapidez diabólica, profusas legiões de balas assassinas.

A figura sinistra do bandido apareceu, em traços largos e coloridos de uma exatidão magistral, tal como se ele houvesse deixado o dédalo da caatinga rude que palmilha, e se apresentasse, em pessoa, aos olhos pasmados do auditório.

Porque tudo que Leonardo Mota falou sobre o cangaceiro audaz, fê-lo através dos cantadores daquelas terras adustas, e nada mais expressivo do que a sincera poesia sertaneja.

Mas Lampião passou, mero capítulo da palestra excelente, e cedeu lugar a cousas humorísticas.

Passou – para muitos.

Na mente de outros, porém, permaneceu impagável, como um símbolo da impunidade criminosa e até da proteção infame que, no Brasil, desfrutam os clavinoteiros profissionais.

*Lampião é bicho home,*
*Venceu a revolução...*
*O governo gostou dele*
*Mandou dar-lhe três galão!*

Não é invencionice do violeiro imaginoso: – é uma triste verdade que ele gravou na memória da raça, e que servirá, daqui a muitos anos, para vingar, num traço profundo e vivo, aquele abominável período do governo calamitoso...

*O Combate* (BA) – 23.11.1927

## EVITEMOS COMPARAÇÕES

Quando se fala hoje em lampião, a fisionomia se aviva, os olhos assuem novas expressões, há como que um calafrio pela espinha, porque desenha-se, na tela da inteligência, a enormidade de crimes, assaltos, roubos, praticados por esse "Antônio Conselheiro" dos nossos dias.

É perigoso, pois, reproduzir-se a palavra, para não irritar, excitar os nervos do leitor, que tem todo o direito de ler tranquilamente o seu jornal da manhã.

Nós também nos enfileiramos na mesma forma e não queremos falar de bandoleiro.

Vamos, sim, tratar de outro lampião, daquele que ilumina e enche a cidade de orgia de luz.

O Rio desfruta, há muito, a primazia de cidade mais bem iluminada do mundo, pelo perfeito sistema de distribuição e número de lâmpadas empregadas.

Se era assim, nas vésperas do Centenário, julgou-se conveniente modificar o formato dos candelabros públicos.

Começaram pela Avenida, passando depois para as ruas centrais, invadindo os bairros elegantes e chegando mesmo quase aos subúrbios.

Não houve quem discordasse da ideia e daí os aplausos verificados.

Os tempos se passaram, os resultados foram os melhores.

Entretanto, ao lado dos postes novos, em quase todas as praças e vias públicas, existem os velhos, num evidente atestado de péssimo gosto.

Seria tão fácil retirá-los de onde estão, contrastando com a elegância dos outros e quebrando de alguma forma a estética da cidade.

*O Imparcial* (RJ) – 01.12.1927

## PIOR QUE LAMPIÃO

O governo cearense, que tem sido ultimamente acusado com carradas de razão por não dar combate aos cangaceiros, que fazem do território do seu Estado refúgio e base de operação contra os outros, enviou aos jornais desta capital notícias horríveis sobre a força da polícia paraibana que penetrou em Limoeiro, cidade do Ceará, perseguindo Lampião.

Segundo essas notícias, esses soldados saquearam, praticaram violências, deram surras e até desrespeitaram senhoras. Diante da entrada calma, disciplinada e correta dos facínoras de Lampião naquela mesma cidade, a desses policiais é pavorosamente odiosa.

Será verdade?

Deve ser. As polícias do Nordeste, sem exceção, são piores que os cangaceiros, quase sempre fabricados por elas próprias, vítimas resultantes da sua violência. Jesuíno Brilhante foi uma, Antônio Silvino outra. Lampião outra.

Acreditamos piamente no que fizeram os policiais paraibanos no Ceará. É do estilo. Tanto assim que o sertanejo prefere mil vezes o bandido cavalheiresco ao mata-cachorro indecente e covarde. Lampião encheu o cofre da matriz de Limoeiro de esmolas, tantas que os seus sequazes empurravam as cédulas para dentro dele, pela estreita abertura, com as pontas dos punhais. Lampião distribuiu à porta da igreja três contos de réis, de esmolas. Lampião sabe respeitar com galhardia as avenças de paz.

As polícias nunca souberam, por qualquer motivo mandam "baixar o flandre" nos paisanos. Exige a estupidez e a violência em nome de conduto e vão semeando pelo seu caminho consciências revoltadas, que, não podendo obter o revide legal, entregam-se ao cangaço para se vingarem... Todos os cangaceiros são energias nobres que se perderam no crime pela culpa das circunstâncias, são heróis abortados em bandidos.

Dessa teoria, que poderá parecer paradoxal, porém que é mais do que verdadeira, pois os fatos se encarregam de à saciedade demonstrá-la, resulta que (...) o seguinte:

"Para acabar com os cangaceiros no Nordeste, acabemos primeiramente com as polícias..."

– E para acabar com as polícias? – pergunta o leitor.

É fácil a resposta:

– Acabemos com a politicagem.

– E para acabar com a politicagem?

– Exerçamos com consciência o direito do voto.

*Fon Fon* (RJ) – 1927

## O IMPÉRIO DE LAMPIÃO

Cícero Virgulino Romão

Nas atrevidas e recentes façanhas de Lampião e dos cangaceiros do seu sinistro bando põem, de novo, em pleno foco o cangaço, afrontando impávido e invencível o poder público.

Uma vergonha para o nosso país e um degradante atestado de incapacidade de quem o governa para a elementar, mas essencial e imprescindível função de o policiar, já não diremos policiar em toda a extensa acepção do termo, mas ao menos, para colocá-lo em condições de relativa segurança interna de modo a assegurar a propriedade e o trabalho.

Desde a fronteira do Maranhão a do norte de Minas dilata-se o império de Lampião, rei dos bandidos, sagrado pelo Padre Cícero, aliado aos governadores do Nordeste e pelo ex-presidente Bernardes, comissionado em general legalista, formando a frente da sua horda, ombro a ombro, com as forças, chamadas legais, do Exército regular, da polícia militar dos Estados, dos arregimentados *ad hoc* do Rio Grande e da Bahia, tão bom, depredando, também, e requisitando, ao seu modo, que é o modo mais simples e sumário.

Lampião é quem manda, e quem domina, naquela extensa redondeza, sobre meia dúzia de Estados, que bem merece o nome de Estados Unidos do Cangaço Brasileiro.

Nos últimos oito ou dez dias, tais e tantas são as proezas do bandido e dos vários núcleos em que se repartem a sua coluna de salteadores e assassinos, que dariam para despertar e fazer agir o governo da República, se este não se deixasse absorver na contemplação de si mesmo, da sua estatura triunfal, das suas roupas, dos seus sucessos esportivos e das suas vitórias, no terreno das estabilizações, a começar pela da fome, que já está quase definida e definitiva.

No Ceará, na própria capital do Estado, afronta a sociedade, de mãos dadas com a polícia, uma embaixada especial composta de três bandidos do estado-maior de Lampião, vistos por toda a cidade, coberto do arsenal que costumam trazer, abancados nas mesas dos cafés e botequins, nos cinemas e em outros sítios de diversões...

Embora não diga o telégrafo, por desnecessário, esses enviados do rei dos cangaceiros serão hóspedes do governador Zé Moreira, que depois de ter sido o principal protetor do bando é agora seu protegido.

Da Paraíba referem o caso incrível de um celerado que, ultimamente desgarrado, talvez licenciado ou em disponibilidade ativa, de um dos grupos de bandoleiros, anda escudado em uma ordem de habeas corpus, apesar de ser autor conhecido de dezoito mortes – dezoito!

Os despachos de Pernambuco – o Estado onde foi celebrado o famoso tratado de perseguição aos cangaceiros, até a extinção completa do cangaço – dizem que o próprio Lampião assalta, em insolentes investidas, a zona que está percorrendo, a esta hora, o chefe de Polícia do Estado.

Cartas de diversos pontos da região sertaneja e do vale do Cariri contam ao abandono de propriedades agrícolas e do êxodo dos respectivos proprietários, por absoluta falta de garantias.

De sorte que, em face de tais notícias, uniformes e de várias procedências, transmitidas por correspondentes de jornais e agências telegráficas e por particulares, fica-se sabendo e envergonhado de saber que o cangaço firmou o seu império no Nordeste, só faltando exigir que o reconheça o governo da União.

Pelos modos, não há de tardar...

*A Esquerda* (CE) – 15.02.1928

## O PRIMEIRO LAMPIÃO

João do Norte

Há poucos anos, houve no interior da Paraíba, na conhecida cidade de Souza, alguns fatos de caráter grave, que pintam a vida bárbara dos nossos sertões e que demonstram como ali se desenvolve o fenômeno do banditismo.

O governo nomeou uma comissão especial para apurar o que se havia passado e um de seus membros, o promotor público de Guarabira, apresentou fundamentada denúncia contra os indivíduos indigitados como antes desses fatos, denúncia essa que é uma peça curiosíssima e verdadeiramente preciosa para quem estuda naquelas regiões.

Setenta cangaceiros, segundo ficou provado, invadiram no dia 27 de junho de 1924, a cidade de Souza, sob a chefia de Levino Ferreira, vulgo Lampião. Divididos em vários grupos, atacaram diversos pontos da cidade ao mesmo tempo, tiroteando com alguns habitantes que se entrincheiraram nas casas e cercando a residência do juiz de direito, Dr. Archimedes Souza Maior.

O magistrado defendeu-se a tiro, valentemente; porém os bandidos, guiados pelo subchefe Paizinho, conseguiram arrombar uma janela e por ela penetrar na casa, que saquearam e depredaram. Os facínoras prenderam o juiz e levaram-no em sua companhia, em trajes caseiros, maltratando-o, até que, defronte da residência do major Gadelha, o coronel João Albino Gomes de Sá conseguiu, com pedidos e promessas, que lhe entregassem o prisioneiro. Levou-o, então, para sua casa, onde já se achava recolhida a sua família.

Enquanto isso, os cangaceiros, senhores das ruas, feriam e maltratavam, arrombavam casas particulares e comerciais; extorquiam dinheiro de seus proprietários, carregavam mercadorias, extorquiam dinheiro e punham a resgate, sob ameaças terríveis, as senhoras que aprisionavam.

Uma delas só teve liberdade depois de mandar buscar quinhentos mil réis em casa de um compadre.

Depois desse assalto, cheios de dinheiro e carregados de mercadorias, os setenta bandoleiros retiraram-se da cidade, cuja população ficou entregue à desolação e ao terror.

Pelas estradas do sertão, os cangaceiros foram arrebanhando os cavalos e burros que encontravam.

Os prejuízos causados à cidade de Souza foram avaliados em mais de cem contos de réis.

Esse grupo de cangaceiros fora formado por Levino Ferreira dum modo bastante curioso. Trinta e quatro bandidos vieram diretamente de Pajeú de Flores, em Pernambuco, depois de Juazeiro, o maior valhacouto de cangaceiros dos sertões nordestinos, chamados por um tal Francisco Lopes, que desejava tirar uma desforra do Dr. Otávio Muniz, o qual lhe dera uma surra dias antes, num hotel da cidade. Em Nazaré, esse bando se reuniu a um pequeno grupo chefiado por Francisco Pereira e Levino Ferreira, o Lampião, e em São Gonçalo com outro, dos irmãos Bispo. Então, Levino Lampião deu a ideia de saque de Souza e conduziu a malta à cidade.

A polícia paraibana perseguiu os bandidos, cercando-os, feriu e matou alguns em combate, capturando os restantes em cujo poder ainda encontrou dinheiro e mercadorias do saque. Processados devidamente, foram todos condenados e recolhidos à prisão. Assim terminou sua rápida, ensanguentada e violenta aventura.

Recentemente, o notável folclorista Landulfo Gomes, no seu belo livro *Nihil novi*, nos dá interessantíssima página de nomes de cavalos, burros, cães e bois no interior do Brasil. O processo dos cangaceiros que assaltaram Souza contém uma página não menos curiosa, senão mais, de alcunhas características de bandidos nordestinos. Copiemo-la dos autos:

"Levino Lampião, Chico Pereira, Rufino Meia Noite, Felix da Mata Redonda, João Cajueiro, Ignácio Jurema, Severino Paizinho, José Clemente Estrela do Norte, Romualdo Chá Preto, Jorge Salu, João Vereda, Massilon, Quincas, Zé Cosme, Pedro Bento, Margarida, Lindauro Luz Branca, Merdalha, Juriti, Jandaia, Cocada, Relâmpago, Patativa, Serra Negra, Maçarico, Corró, Bem-te-vi, Corisco, Trovão, Tempestade, Capuxu, Moitinha, Asa Branca, Curió, Chumbinho, Perigo, Ventania, Caboré, Coqueiro, Jordão, Estrela d' Alva, Joaquim e José Bispo." Ao todo, 44.

Os outros 26, tinham nomes comuns, na maioria sem sobrenome. O processo arrola-se sob a rubrica "de tal". Todos eles, vagabundos, salteadores, ladrões de cavalo, desertores da força pública e um "turco" (sírio), o Jorge Salu. Quem sabe já não era essa a sua profissão nas alforjas do Monte Líbano? Senão, a forma do ambiente sertanejo arrastou-o para o crime. Nada mais natural.

A observação mais curiosa a fazer-se é a de que, nesse processo, pela primeira vez aparecem os nomes de Lampião e de Massilon, que são nos dias atuais o terror dos sertões do Nordeste. Ignoro se Massilon do ataque de Souza fugiu da cadeia e tornou à vida antiga, sendo, portanto, o mesmo dos ataques de Mossoró, de Rio Grande do Norte, e de Limoeiro, no Ceará. Chamava-se Levino o primeiro. Chamava-se Virgulino, o segundo. Mas, naturalmente, o nome deste provém do daquele. É uso entre os cangaceiros tomar o que inicia a carreia um nome de guerra, já famoso na tradição oral dos ribeiros ou o do chefe sob cujas ordens combateu, do mesmo modo que o bando toma a alcunha do seu capitão.

Os sequazes de Jesuíno Brilhante e de Viriato eram os Brilhantes e os Viriatos; Manoel Baptista de Morais, passou a ser Antônio Silvino, em memória de Silvino Ayres, seu chefe. Virgulino talvez tenha decidido chamar-se Lampião, entusiasmo com o *raid* e a razia do primeiro Lampião a Souza, na Paraíba.

*A Esquerda* (CE) – 03.03.1928

## UMA REVELAÇÃO

Tristão de Athayde

Temos um grande romancista novo. Não sei se velho ou novo de idade. Sei apenas que autor de um livro sensacional.

José Américo de Almeida – *A Bagaceira*, Imp. Off. Paraíba, 1928.

Tomei desse volume com desconfiança. Livro feio, mal impresso, em papel ordinaríssimo, repelindo o contato com as mãos e com os olhos. A dedicatória, escrita numa letra tremida, de velho ou de doente, numa letra de homem abalado e de nervos exaustos. O título provocando troças. "O livro deve ser como o título" não deixei de dizer de mim comigo.

E entretanto...

Não há nada mais gostoso para o crítico do que ser castigado de um preconceito. Encontrar o contrário do que esperava. Ser vencido pelo livro. E sentir, pouco a pouco, que vai nascendo um sol debaixo de seus olhos. Qualquer coisa de definitivo. Qualquer coisa de ora avante vai fazer parte do seu espírito e da sua realidade. Até minutos antes a literatura brasileira estava vazia desse livro. E de agora em diante já não pode viver sem ele. Seria diferente se ele não existisse. Como que pedia de certo modo esse livro para completá-la.

E garanto que não estou escrevendo debaixo de um entusiasmo passageiro. Ainda não tive tempo de reler o romance por completo. Mas o que já reli, excedeu à impressão recebida. A imagem do livro ficara aquém do que ele vale. Do que ele passa a valer, definitivamente, para a nossa literatura. E muito especialmente para o mais original dos nossos ciclos literários: a literatura das secas.

—

Pois esse livro é o romance da seca, o embora a considerando apenas em suas repercussões e não diretamente – talvez o grande romance do Nordeste pelo qual há tanto tempo eu esperava. Se não completo, ao menos intenso. O romance que Euclides da Cunha teria escrito se fosse romancista. De um Euclides da Cunha sutil e bárbaro a um só tempo. O romance daquilo de que *Os Sertões* foi a epopeia.

Nem apenas um romance social; nem apenas um romance de instintos, embora exagerando um pouco esta face em prejuízo daquela. Ambas as coisas, ao mesmo tempo e ambas com tal originalidade, tal firmeza de traço, tal angústia de sentimentos profundos, bárbaros, primitivos, e ao mesmo tempo tal requinte de psicologia em recolher a cada passo gotas de verdade profunda – que acabei o livro sentindo que nascera realmente alguém para exprimir não apenas o horror do inexprimível daquela terra do Nordeste, mas um pouco de todo o homem brasileiro de hoje. E dizê-lo duramente, mas sem grosseria. Asperamente, mas sem brutalidade. Dizê-lo com o coração ferido e ao mesmo tempo com a alma apaixonada e uma inteligência extraordinariamente penetrante.

Nas palavras que o autor traçou, nessa letra tão estranhamente tremida de que falei, ele diz o seguinte: – "Se nem mesmo a época admirável de Euclides da Cunha, pôde ainda traduzir o "horror da realidade", eu, bicho do mato, não alcançaria exprimi-lo. Mas senti-lo, senti-o como ninguém".

Pois eu posso afirmar que isso não é apenas uma história sentida até o sangue. Quanto é possível exprimir "o horror da realidade" – esse romance o exprimiu de uma maneira impressionante, talvez inexcedível.

—

Há, portanto, nesse livro a síntese em que eu vejo o que já pode haver de realmente nosso, de realmente novo em nossa arte literária: a inteligência e o instinto, a natureza bárbara da terra e dos homens do interior da terra – e a natureza civilizada, requintada do espírito que vai transformando essa terra, que se vai fundindo com ela e transfigurando-a para uma unidade futura.

Há nesse livro as duas correntes. E de tal jeito espontâneas que se fundem. Que não se anulam nem se sobrepõem. Confundem-se mutuamente. Penetram-se inextricavelmente como as sebes de espinheiro do sertão ou as ramas dos cajueiros de que ele fala em uma pequena página admirável que procurarei citar.

Antes de começar propriamente a narrativa, o autor expôs alguns conceitos – "antes que me falem". Pois bem, não tinha eu lido essa primeira página, que todo o preconceito inicial se desvanecera, e sentia vivamente o pulso de um grande escritor. Ainda não do grande escritor bárbaro, que ia traduzir mais adiante, em páginas dantescas, o drama da terra queimada e da gente triturada até os ossos pelo fogo e pela desgraça – mas o escritor sutil e penetrante, capaz de emparelhar com os psicólogos mais agudos do romance moderno.

A terceira dessas reflexões iniciais, por exemplo, é uma frase que não só exprime, concisamente, duas verdades extremamente incisivas, mas ainda define o que é o Sr. Américo de Almeida, como desvendador de realidades – "O naturalismo foi uma bisbilhotice de trapeiros. Ver bem não é ver tudo: é ver o que os outros não veem".

E transcrevo mais algumas dessas reflexões, pois resumem a estética do autor e o modo como ele concebeu essa sua grande tragédia brasileira.

– "Se escapar alguma exaltação sentimental, é a tragédia da própria realidade. A paixão só é romântica quando falsa. E o que há de exaltado no livro, nunca é falso, nasce da própria exasperação da realidade terrível, da natureza e dos homens semibárbaros. E eis o que diz dessa alma do Nordeste e de sua expressão literária:

– "A alma semibárbara só é alma pela violência dos instintos. Interpretá-la com uma sobriedade artificial seria tirar-lhe a alma."

E o livro soube conservar intacta, toda a violência e toda a verdade dessa alma nativa, ao par da delicadeza e do requinte da alma nova do civilizado, que ele encarnou em Lucio, o filho do velho Dagoberto, o bárbaro senhor de engenho, em que decorre grande parte da narrativa.

Mas do romance, como na epopeia de Euclides, a natureza é forçosamente uma personagem da tragédia, aquela que modela as almas e os corpos dos pobres homens que vivem sob o seu jugo. E ele o justifica em duas palavras:

"Um romance brasileiro sem paisagem seria como Eva expulsa do Paraíso. O ponto é suprimir os lugares comuns da natureza."

E conseguiu essa supressão de lugares comuns. Nunca é banal ou artificial quando descreve essa natureza indescritível.

E explica finalmente a linguagem que vai empregar e que é, a meu ver, um dos triunfos do livro.

– "A linguagem nacional tem rr e ss finais... Deve ser utilizada sem os plebeísmos que lhe afeiam a formação. Brasileirismo não é corruptela nem solecismo... A plebe fala errado; mas escrever é disciplinar e construir."

E todo o livro é escrito em brasileiro. Ora culto, ora bárbaro, mas sempre em brasileiro, sem transição brusca e artificial entre a linguagem dos que sabem e a dos que não sabem. Uma

língua só e nova, em todas as suas gradações. De um sabor e de uma vida admiráveis.

Termina afinal esse pequeno introito dizendo a sorrir:

– "Valem as reticências e as intenções."

Quando terminei esse prefácio, tinha a certeza de ter comigo um espírito finíssimo. Ia começar a revelação do romancista extraordinário.

—

Por meu gosto, limitava-me a transcrever tudo que pudesse. Pois seria o melhor documento para as afirmações ousadas que fiz e que o leitor inevitavelmente está achando exageradas e sentimentais. Só há um remédio: leia o livro. Pois é preciso lê-lo. Lê-lo todo. Eu não saberei dizer nada sobre ele. A não ser alguns adjetivos sonoros e inócuos. E só o livro saberá dizer de si o que é, o que representa de considerável em nossas letras.

Os grandes romances são como os povos felizes: não tem história. A gente não sabe o que dizer deles... de tanto que teria a dizer. Eu, por exemplo, anotei página a página desse livro. Cada uma despertando um bando de reflexões. E agora fico tolhido na preferência e não sei o que dizer.

Teria de dizer, por exemplo, que o livro sendo uma epopeia regional, não tem nada de regionalismo, "o pé-de-fogo da literatura", como diz o autor. Não fica ao pé do fogo. Lança labaredas por todos os lados. E é ao mesmo tempo um livro estreitamente brasileiro, menos do que isto – nordestino – e largamente humano.

Basta lembrar o seguinte. Há dias, um amigo meu reparava aterrado, como desde a Revolução Francesa tem crescido a oposição dos filhos contra os pais. Como se vê em William Blake, em Samuel Butler, em Julien Green. "É como se os homens já não se lançassem apenas contra Deus, mas contra a própria natureza". (É o fim de todas as civilizações...).

Pois bem, esse livro estuda exatamente, em "um de seus temas", essa terrível incompreensão entre pai e filho, entre o brutal e rotineiro Dagoberto e o fino e inquieto Lucio, que remodela o engenho depois da morte do pai.

E desde que toquei nesse ponto, antes que o espaço me falte, permitam que mostre já como no espírito do autor coexistem a expressão dos fenômenos sociais brasileiros, em sua forma mais nativa e ao mesmo tempo a reflexão psicológica mais penetrante.

Morto o pai, Lucio transforma o velho engenho, em que a escravidão sobrevivera à escravidão, numa exploração agrícola moderna. E diz o autor: – "Só pelo nome se reconhecia o antigo Marzagão... Esse oásis representava um molde de prosperidade, um modelo de técnica agrícola, o núcleo eficiente contrastando com a desorganização primitiva... A obra de um homem era maior que toda a obra de um povo. O fator espiritual que o vitalizava tinha aparelhado essa transformação. Lucio achava o sentido da vida, amando-a... Seu segredo de otimismo era viver dentro de sua esfera... Dizia com o orgulho de um pequeno deus; eu criei o meu mundo. Não procurava os grandes prazeres que solicitam prazeres maiores até chegarem às desilusões arrependidas. Antes de ensinar o filho a falar, ensinava-se a rir, etc."

Qualquer romancista social brasileiro, poderia ficar aí com vantagem. Era um sentido de nossa vida. Era uma solução do nosso problema, para tantos que acreditam que o progresso mecânico é o segredo do nosso futuro.

Mas o autor é mais inteligente. Mais penetrante. Vê mais longe, porque conhece mais a fundo a alma humana. E páginas adiante, registra também as novas mágoas e desilusões de Lucio, trazidas pela inevitável engrenagem da natureza humana. E diz essas coisas profundamente verdadeiras:

"Quando o Marzagão começou a ser feliz, passou a ser triste. A alegria civilizava-se. Já não era o povo risão dos sambas bárbaros. Tinham sido abolidos os cocos. E as valsas arrastavam-se, lerdamente, como danças de elefantíase. Lucio notava que havia gerado a felicidade mas suprimira a alegria. Observava a nova psicologia da ralé redimida. Impaciências vagas. A cultura do estímulo originara ambições exageradas. A inspiração dos brios humanos convertia-se na indisciplina do trabalho. A personalidade restaurada era um assomo de rebeldia... Os que aprendiam a ler na escola rural achavam indigna a labuta agrícola e derivavam para o urbanismo estéril. A geografia era uma noção de vagabundagem. A higiene o horror à terra impura.

Palavras de uma profunda psicologia social. E o resultado é que o pessoal do engenho, no dia em que Lucio foi receber de novo os retirantes da nova seca, revoltou-se e intimou-o a não receber os intrusos que lhe vinham tirar uma migalha do conforto farto. E termina o livro com essas palavras profundas e tão humanas de Lucio:

– "A vossa submissão era filha da ignorância e da miséria. Eu vos dei uma consciência e um braço forte para que pudésseis ser livres." Relanceou a vista pela paisagem do trabalho organizado. Só a terra era dócil e fiel. Só ela se afeiçoara ao seu sonho de bem-estar e de beleza. Só havia ordem nessa nova face da natureza educada por sua sensibilidade construtiva.

E recolheu-se com um travo de criador desiludido: – Eu criei o meu mundo; mas nem Deus pôde fazer o homem à sua imagem e semelhança."

E com essa frase de conformidade à imperfeição humana – que não é um convite à inércia e sim um aviso de clarividência necessária ao otimismo excessivo –, termina esse livro admirável, que não é, já agora, possível a um brasileiro deixar de ler e deixar de sentir até as entranhas na sua terrível verdade.

E essa verdade terrível, quanto ao problema central do romance – a seca e o abandono do sertanejo –, o autor a exprime em um capítulo pequeno, com as próprias palavras, eloquentes mas nunca enfáticas, com que Lucio foi defender, no júri, o velho sertanejo que matara para defender a sua honra. São palavras candentes, que lembram as conclusões de Euclides, nos *Sertões*, aquela terrível evocação dos "crimes das nacionalidades"...

– "O Dr. Marçal (o Lucio) entrou a orar neste tom:

– O promotor acusou o réu em nome da sociedade e eu acuso a sociedade em nome do réu. Quem é mais criminoso – o réu que matou um homem ou a sociedade que deixou por culpa sua morrerem milhares de homens? E, antes de ser réu, ele é vítima da falta de solidariedade da raça. A seca chegou a aprazar suas irrupções com a lei da periodicidade. Todo o mundo tinha a previsão da catástrofe em datas fatais. E os poderes públicos não a atalharam; não procuraram corrigir os acidentes da natureza incerta que dá muito e tira tudo de uma vez, etc., etc.. " Quem não for brasileiro que não sinta um arrepio ao ler isso...

—

E antes de terminar, já que não posso comentar página por página como quisera, desejo citar um trecho descritivo, que considero já agora como um dos mais sugestivos de nossas letras, em que se vê, ao vivo, toda a originalidade de suas descrições naturais, e ao mesmo tempo a doçura de uma intervenção humana, tão verdadeira e tão comovente. Era uma noite, em que o luar era tão vivo que acordou Lucio e o tocou para a casa de Soledade, a sua apaixonada trágica, a Helena dessas paragens rústicas.

– "A manhã entrou no quarto de telha vã. E Lucio esgueirou-se dos sonhos convulsivos e das visões rebeldes da insônia. Mas estava tudo dormindo. A lua bonita – lugar comum dos

céus brasileiros – era um romantismo inédito nessa hora ambígua... A noite nua, sem o maillot das nuvens, nas negligências da solidão, tomava um banho de leite. E a brancura tangível escorria molhando as coisas adormecidas. A coruja, desconfiada, recolheu-se ao seu esconderijo. E o céu mostrou que também sabia cantar. Pegou a cantoria das estrelas escondidas. Parecia um delírio dos astros. Lucio escutava maravilhado a consonância sideral. Eram as cigarras que tomavam a lua pelo sol. Toda a amplidão rechinava numa loucura estrídula, zínia na fanfarra de milhões de silvos que cresciam num grito uníssono fantástico de mãe-da-lua. Um ruidoso meio dia à meia noite.

Estonteado dessa zoeira fora de hora, Lucio abeirava-se da casa de Soledade. E notou que uma sombra – a única sombra dessa vibração luminosa – lhe seguia as pisadas. Era a mãe preta – a noite indormida de sua infância com a cabeça toda branca, como coroada de luar. Ele abraçou-a, alisando-lhe a carapinha de algodão. E imaginou que ela, em paga de tantos sacrifícios, ia ficando alva, toda branquinha, do cabelo pixaim aos pés.

Milonga falou-lhe com um beijo no ouvido: – Vá dormir, Ioiozinho: a noite é pra gente se esquecer. Feche os olhos, faça de conta que está dormindo. Se vier a lembrança, faça de conta que é sonho que não faz mal a ninguém.

E, levando-lhe a mão à testa febril: – Não perca a cabeça meu filho: coloque ela por cima do coração como Deus colocou, como quem coloca um peso em cima de uma coisa que quer voar.

Ungiu-se, afinal, de todo o mistério noturno: – Mulher é como fruta: quando cai, apodrece..."

Bastava essa cena maravilhosa para consagrar de vez um escritor.

Não posso entrar em mais detalhes. Não quero privar o leitor do gosto de desvendar a trama angustiosa, esse entrechocar de instintos bárbaros e primitivos que o autor sabe fazer viver com tanta paixão e tanta sutileza.

E nem toquei nas cenas curtas, apenas entrevistas, mas terríveis, da passagem dos retirantes pelo engenho. Nem na rivalidade entre os homens do sertão e os do brejo, entre sertanejos e brejeiros. Tanta coisa!

Só noto um defeito sério, além de certa parcialidade no realismo dos sentidos: a falta de impressão de "tempo". O livro se passa entre 1898 e 1915, os dois períodos de seca. E, no entanto, não se sente bem a passagem do tempo. Talvez que a narrativa pedisse mais de um volume. Como teve de fazer Proust para colocar o leitor no tempo vivo.

Mas isso mesmo é um senão, apenas, ao lado de tudo o que contém o romance.

—

Eu afirmo sem hesitar: este livrinho de um desconhecido pode ser colocado, com vantagem, ao lado dos maiores romances brasileiros. Pois não é apenas um grande livro nosso: é um grande livro humano.

*O Jornal* (RJ) – 18.03.1928

**DO SERTÃO**

Nestes dias quentes, a sombra dos tamarineiros florestanos é um doce refúgio aonde os homens vêm jogar o seu gamão, conversar sobre política e fuxicos locais, contar as bravatas dos cabras valentões de Moxotó e do Navio e olhar o horizonte a ver se está chovendo na serra d'Umã ou na serra do Aripuá.

Aos fortes calores do meio-dia, a cidade adormece num morno entorpecimento. Barbeiros ambulantes servem a freguesia dentro das lojas onde raros clientes aparecem.

Os negociantes recostados molemente nos balcões cochilam sobre os jornais, relendo notícias velhas de dez dias. E toda gente espera que chova e que venha o "verde", a única aspiração do sertanejo, isolado do mundo.

À porta das pequenas fazendas, mulheres debruçadas sobre almofadas trocam bilros nos dedos ágeis.

Tangerinos conduzem lentas boladas enquanto vaqueiros buscam pelas caatingas reses tresmalhadas.

—

Floresta tem uma celebridade triste: é o berço de nascimento de Virgulino Ferreira. O bandido nasceu a 4 de março de 1898 e foi solenemente batizado em setembro na capela de São Francisco pelo cônego e vigário Torres que eu ainda conheci no Recife em casa do Dr. Sergio de Magalhães. Teve pais legítimos e não lhe faltaram padrinhos.

Até os vinte e poucos anos, foi um pacato almocreve e muitas vezes andou tangendo burros carregados de peles e de algodão para Rio Branco. A sua vida de cangaço vem do dia em que lhe mataram o pai. Ao primeiro crime, sucederam-se outros. E a alma embotou-se completamente. Hoje Virgulino Ferreira passa por ser o bandido mais temível que já assolou os sertões de Pernambuco, depois de Casemiro Honório. Antônio Silvino nunca passou o Moxotó.

Só ele conhece a palmo as caatingas e os tabuleiros de Pernambuco, Alagoas, Ceará e Paraíba.

A sua mobilidade é espantosa.

Quem lhe terá metido nas mãos o tapete mágico da lenda?

—

A poesia popular integrou Virgulino Ferreira no seu patrimônio. Os cantadores sertanejos celebram as suas façanhas, como os troubadours medievais celebravam os feitos de Carlos Magno e dos doze pares. E cantam-nos as suas lutas com a polícia, as suas fugas, os embates violentos com o inimigo.

Virgulino Ferreira não deixa de lhes despertar entusiasmos. É o "home valentão" que impõe respeito e se faz temer. Por vezes crivam de ironias à polícia.

Mas não deixam de exaltar, por outro lado, a bravura dos inimigos do bandido:

*As moças de Nazaré*
*São pobre mas têm ação*
*Botam bala no fuzil*
*Pra atirar em Lampião.*

E satirizam a covardia dos que não se atrevem a combatê-lo:

*Os home de Fuloresta*
*Não digo com todos não*
*Botam bebida no carro*
*Vão levar a Lampião.*

*Belmonte eu já comprei,*
*Vila Bela eu vou compra*
*Só não compro Fuloresta*
*Pru que o dinheiro não dá.*

O que impressiona ao sertanejo e o que o entusiasma é a valentia. Não importa onde ela apareça e que a rodeiem requintes de crueldade. E nisso vale a pena fazer ressaltar a mentalidade dominante no meio ambiente.

Essa mentalidade é que o homicídio deixa de ser crime quando busca uma desafronta. Um homem afrontado ou mata o inimigo ou desaparece.

A vedeta corsa impera nessas regiões onde a própria natureza é contundente e áspera.

A noção de honra tem qualquer cousa de primitivo e de bárbaro. Arestas que a civilização irá polindo até dulcificar os costumes e impor o suave domínio das boas maneiras.

Nesse dia o cangaceirismo terá o seu inevitável declínio com a modificação de uma mentalidade que os Códigos não justificam mas que as leis sociológicas explicam.

A. F.

Floresta, 15.3.928

*Diário de Pernambuco* (PE) – 20.03.1928

## QUEM FAZ ANOS HOJE?

Leonardo Motta

Eu não hesitaria em apostar, dobrado contra singelo, como não há quem saiba, aqui, por estas bandas do Sul, qual a notabilidade nordestina que nesta data "colhe mais uma flor no jardim de sua existência"...

Ele sim, uma notabilidade, aquele que faz anos hoje. Tanto assim que o seu nome enche, de um a outro extremo do país, as colunas dos jornais e a sua presença é objeto de preocupação de alguns milhões de criaturas. Oh! a indiferença dos cronistas cariocas pelas celebridades provinciais!

Nenhum deles registou em canhenho esta efeméride e, no entanto, em dias de dezembro passado eu divulgava, pela *A Amanhã*, que Lampião, o celebérrimo capitão Virgulino veio ao mundo aos doze de fevereiro de 1900.

Viva! Lampião faz hoje 28 anos: está na legítima "flor da idade"... Quem nos revela é o cantador biógrafo José Cordeiro.

*No centro de Pernambuco,*
*No nordeste brasileiro,*
*No ano de novecentos,*
*A 12 de fevereiro,*
*No termo de Vila Bela*
*Nasceu esse cangaceiro.*

Como festejará naqueles sertões este seu aniversário natalício o famoso capitão da legalidade bernardista? Tendo começado a vida como reles ladrão de chocalhos, Virgulino terá motivos de ufania, se hoje se der ao luxo de balancear a sua trajetória pela ampla estrada do crime.

Chegar à situação de poder, entrar livremente nas cidades, onde extensivamente se deixa fotografar com seus asseclas... sentir o orgulho de ter um Vigário a lhe implorar, como a uma potestade, uma esmola para a reconstrução da matriz local, saber-se necessário aos políticos e satanicamente enrodilhá-lo na abjeção de seus atentados... não se arrecear da perseguição de policiais venais e romper-lhes os cercos caricatos e espetaculosos... saber-se glorificado pela musa dos cantadores... ter a consciência de empolgar a atenção nacional... suceder a Cabeleira, Brilhante e Silvino: o pináculo da glória na história do cangaceirismo...

Com efeito, sobram razões a Lampião para uma grossa farra neste dia venturoso. Salve 12 de fevereiro! O capitão Virgulino saberá festejar-te condignamente e a cavalheiro de qualquer desagradável surpresa que lhe estrague a festança. Não lhe há de faltar terreiro para o samba em regra, nem gordo peru para o bródio, nem cachaça para lhe acender os instintos bestiais, nem donzelas sertanejas para a lascívia suas e de seus cabras! As salvas do estilo serão dadas por armas adquiridas para o Exército...

E, enquanto isso, engazopa-se a opinião brasileira, transmitindo ridículas notícias de desbarato do bando sinistro do Rei do Cangaço...

Mas, ó senhores do governo, até quando Lampião comemorará impunemente o advento de seu dia genetlíaco?

*O Ceará* (CE) – Março de 1928

## LAMPIÃO PASSA FOME

Mucio Leão

Senhores, uma coisa cruel, uma coisa que confrange os corações mais juros, está-se passando no Nordeste: "Lampião", com o seu bando de gentilíssimos cangaceiros, está passando fome!

Esta notícia contristadora agora nos chega do Ceará; e, segundo acrescenta o telegrama em que a leio, é provável que o pobre facínora se veja forçado a abandonar a região onde se homizia, para buscar outro rumo.

Lampião, herdeiro dos nomes invictos de "Cabeleira", "Brilhante" e Silvino, é, sem dúvida, um dos nomes preclaros do Brasil de hoje.

Ele o reconhece muito bem, e até já tirou um retrato, com os seus óculos de Harold Lloyd, cercado dos seus fiéis sequazes; e austeros jornais do país tiveram ensejo de publicar essa fotografia, enaltecendo Lampião com belos elogios.

É, pois, evidente que ele é um herói. E se ele é um herói, por que razão esquecê-lo na hora em que ele está necessitado, a ponto de passar fome?

Nunca tive a honra de ser um cangaceiro – mas me parece cousa de assombrar que um bando de patifes dessa ordem chegue a uma situação tão mesquinha, que não lhe permita nem um pouco de carne para comer com um pouco de farinha. Isso qualquer cidadão honesto tem – mesmo sendo o homem mais incapaz de cometer os atos gloriosos de um cangaceiro.

Será, então, que os indivíduos que abraçam a profissão de cangaço fazem antes o voto de não se apropriar das coisas alheias?

Essas reflexões, que nos ocorrem ao lermos o telegrama a que aludo, demonstram que a situação em que Lampião se acha é comovente. Fala quase romanticamente às almas sensíveis esse bando de assassinos e de ladrões de estrada que se vê de repente, sem um pouco de charque duro e nem um pouco de macaxeira ordinária para devorar.

Parece má política de um correspondente mandar um telegrama de tal ordem.

Se Lampião é, mesmo, um acelerado, se é conveniente que nós mantenhamos vivo contra ele um ódio salutar – esse ódio que as pessoas honestas têm tão gostosamente pelos patifes – não devemos difundir informações em que o bandido apareça quase simpático, à força de necessitado; antes devemos propagar aos quatro ventos que Lampião está sempre, e cada vez mais, munido de excelentes fortunas – das fortunas que ele vai arrecadando a toda gente cujas fazendas depreda.

Se o telégrafo insiste em remeter notícias comoventes sobre a penúria em que Lampião se encontra com os seus companheiros de banditismo, não tardará muito que assistamos a uma coisa pitoresca: os brasileiros, que já se têm de tanta maneira entusiasmado com a obra do célebre bandoleiro, os brasileiros que são tão sentimentais na obra, estabelecerão bandos precatórios, para pedir auxílios para o devastador do Nordeste. Uma a uma cairão sobre uma bandeja estendida as moedas reluzentes que hão de servir de lenitivo aos pobres bandidos necessitados.

E, provavelmente, ao ser enviada a Lampião a soma arrecada, haverá quem ponha, no caixote que a leve, este dístico eloquente: "A Lampião, o mais amável dos bandidos, que é também o mais insigne dos brasileiros, o povo reconhecido".

Nas Repúblicas, onde predomina o sufrágio do povo ignaro, todas as coisas são de esperar.

Enquanto aguardamos, porém, esse momento sublime, eu aconselho os meus amáveis confrades, que enviam para os jornais de outras cidades as notícias estampadas pelos diários do Rio que não reproduzam o telegrama em que Lampião aparece quase simpático pelo contraste que lhe emprestam: o de ser um bandido que rouba tão pouco que até passa fome, como um... estava a dizer funcionário público...

*Jornal do Brasil* (RJ) – 22.03.1928

**BANDITISMO**

O banditismo tem suas raízes profundas, na sociedade sertaneja.

Dão-lhe uns, como causa primordial, o analfabetismo.

Intelectualmente cego, o homem do interior, vencido pelo ambiente, cederia assim à fatalidade do instinto. Faltaram, em tempo, as luzes que haviam de aclarar-lhe os caminhos do bem e do mal.

Outros, sentindo mais de perto a extensão da calamidade, sondando-lhe os fatores principais, adiantam ser o bandoleirismo o resultado de males concomitantes: ausência da autoridade legal, o mandonismo, tudo isto aliado à índole belicosa das gentes do sertão.

No Ceará, o caso assume aspectos interessantes, si bem que antigos. Entre nós, o cangaceiro aparece já como uma instituição. A sua origem perde-se à noite dos tempos. No Império e na República, o "chefe" matuto não pôde dispensar o concurso do capanga. Ele é necessário na eleição. Nas empreitadas sinistras, fruto de questões políticas, de família ou de terra, o bandido desempenha papel salientíssimo. Acostumado à indolência, pois ele, enfeitado de punhais e cartucheiras, se torna a "menina dos olhos" do patrão, daí por diante o trabalho lhe será encargo desgracioso.

Um dia, já famanaz, a função de "guarda-costas" aparece-lhe mesquinha. Há necessidade de despertar os campos, as fazendas, ao troar do trabuco. A vida do bandido profissional é das mais fáceis e galantes. E surge Lampião, agindo por conta própria, à frente de um bando.

Na crônica do banditismo, não deixam, contudo, de haver pequenas variantes.

Antônio Silvino, por exemplo, fez-se salteador para vingar a morte de um parente.

De modo geral, porém, o cangaceirismo provém da situação excepcional em que nos encontramos para criá-lo e atrai-lo. O vale do Cariri, onde mais intensa e dramática exsurge a história dos inadaptados à vida social, constitui um habitat magnífico. Oásis perdido na semiaridez do Nordeste, a sua riqueza econômica facilita ao chefe político o amparo indispensável do cangaço. Aqui a gênese do protetor de celerados. Perseguidos das polícias estaduais, estes sempre encontraram, no Cariri, o refúgio salvador.

Não será simplesmente com o ensino do ABC que os governos hão de extinguir a praga do banditismo. Faz-se mister a educação do povo, o que não se dará de uma hora para outra.

A educação há de vir lentamente, naturalmente, obedecendo a processos lógicos, con-

dizentes com o meio e o tempo. Educação moral, educação cívica, educação política – eis o problema.

Nunca desaparecerá o cangaceiro, enquanto subsistir o mandão.

Compenetrem-se os governos de seu papel, difundindo e respeitando a lei; desarme-se o interior do Estado; procure-se, entre os bandidos capturados, salvar os que não gemem sob o peso das taras; coonestem-se e limpem-se os processos políticos; anule-se o prestígio dos reguletes sertanejos – prestígio oriundo do número de homens que mantêm armados; dê-se ao povo, com o ABC, a educação necessária – e o canoro, com certeza, ficará extinto.

*A Esquerda* (CE) – 25.04.1928

**QUER CARINHO...**

Agapito Bicudo

Diz um telegrama da Bahia que o pavoroso Lampião, acompanhado de seu séquito sinistro, se encontra no interior daquele Estado cheio das *massas* – e zangado. Por que andará zangado o bandido?

O telegrama explica-o: – Lampião dispõe de vastos pacotes em notas de 500$, e não encontra troco. Oferece trocar por 400$ uma pelega de 500$, e ninguém aparece. O ágio, assaz sedutor, não tenta. Talvez porque as *lonas* de 500$ sejam produto da mesma guitarra que serviu a uns patifes que recentemente quiseram comprar diamantes aos garimpeiros de Goiás com cédulas falsas de 500$, mas que pagaram com a pele a canalhice, pois foram sumariamente justiçados pelas vítimas.

Entretanto, é admissível que Lampião esteja atochado de ervas legítimas. Há muitos anos que ele depreda, confisca e rouba sertão afora e, como não tem em que empregar a bagalhoça, deve possuir um respeitável pé de meia.

Comuniquei ontem a notícia ao Sr. Filomeno Rabotorto, cuja digna profissão é emprestar sobre faturas consulares, com aval de três proprietários, a 50% ao dia, numa saleta lôbrega do Beco dos Barbeiros. O Sr. Rabotorto farejou um bom negócio:

– Vou telegrafar para a Bahia. Se, realmente, o Lampião dá uma de 500$ por duas de 200$, e se a de 500$ não é *reclame* do Peitoral de Jataí, toco-me para o sertão com 100 pacotes em miúdos. É já.

Estranhei a precipitação. O Sr. Filomeno Rabotorto não mostrava os atributos de ponderação e cautela que são apanágio indefectível da sua classe. E, se o Lampião, sabendo-o portador de 100 contos, lhe surripiasse os fundos? Comuniquei-lhe o meu raciocínio e ele obtemperou:

– Não há perigo. Deixarei os fundos num banco da capital baiana. Só comparecerei com os fundilhos diante do celerado. Tenho o meu plano. Não falha.

E o honrado homem sorria, mostrando um dente acareado com outro. Repetiu:

– Não falha.

– É possível.

– É certo. Digo-lhe mais: conseguirei que ele me aceite como seu banqueiro no Rio. Pagar-lhe-ei juros de 5% ao ano sobre toda a pacotada que o bandido possui sem giro e se renda, e reforçarei, assim, os meus fundos, colocados a 50% ao dia. Não é um negócio?

– Da China. Pelos modos, o sicário, cheio das notas, quer carinho...

O Sr. Rabotorto reacendeu o toco do charuto, salivou no lenço e disse, depois, pensativamente:

– Só receio uma coisa.

– Qual?

– A concorrência. Se esses malandros de agiotas, que por aí abundam, farejam a pepineira, será um verdadeiro êxodo no encalço do Lampião. Pelo amor de Deus, não diga uma palavra! Jura?

– Por Sylock, juro!

Ficam, pois, sabendo os dignos colegas do Rabotorto que não fui eu quem disse que o Lampião troca por 400$ uma de 500$...

*O Paiz* (RJ) – 31.08.1928

## CANGACEIROS DE FARDA

João do Norte

As polícias nos Estados do Brasil são tudo, menos polícias. Organizadas por oficiais do Exército, escolhidos pelas conveniências políticas do momento, elas apresentam aos olhos do observador imparcial grandes feitos, porque são verdadeiras unidades de infantaria de linha sem nada de especial, embora seja outro o seu destino. Nos estados do nordeste brasileiro flagelados pelo banditismo, os batalhões de polícia chamam-se geralmente de *Segurança* (polícia é nome pouco decente...), tem o mesmo número de companhias e praças que os do Exército, obedecem aos mesmos regulamentos de exercícios, manobras e serviços, vestem quase o mesmo uniforme e são, portanto, inúteis ou prejudiciais para a missão que têm a cumprir.

Esses arremedos de batalhões do Exército, recrutados geralmente entre os piores elementos, dão guarnição nas capitais dos Estados, formam em parada e são passados em revista pelo governador, têm grandes galas espaventosas, fornecem capangas disfarçados para surrar jornalistas e, na hora do perigo, derretem-se como por encanto. Eu conheci uma faustosa polícia dessa natureza, a do presidente Nogueira Accioly, que o deixou sozinho no dia em que o povo de Fortaleza se revoltou. Alguns rapazes do comércio e estudantes o depuseram após um pequeno tiroteio.

Até hoje não tiveram os Estados nordestinos um homem de governo que os livrasse do

ônus financeiro e moral dessas caricaturas da tropa de linha. Esses aparelhos militares policiais custam milhares de contos e são nocivos. De que forças precisa um presidente nordestino? Examinemos a questão com inteligência. O policiamento de sua capital deve ser feito pela guarda-civil. Aliás esta existe em quase todas as capitais. Uma companhia de estabelecimento, bem disciplinada, constituída de veteranos de boa conduta, é bastante para a guarda dos estabelecimentos públicos e para as guardas de honra ou outros serviços dessa natureza. Um pequeno esquadrão de cavalaria basta aos serviços de ronda, escolta, etc. E, em lugar do tal batalhão de segurança, algumas companhias volantes no interior, de infantaria montada, organizadas analogicamente à guarda rural, tão famosa, do Canadá, e ao regimento sertanejo de São Paulo. Homens do sertão, escolhidos a dedo, bem pagos, vestidos à maneira do sertão, montados, armados e exercitados do mesmo modo. Eis aí a tropa capaz de combater o cangaceiro e de vencê-lo.

Poderão essas ideias medrar um dia na cabeça dum *estadista* nordestino? Em todo o caso, aí fica a semente.

O que é uma vergonha e não pode continuar é a polícia composta de bandidos e praticando atos piores que os bandidos. Muitas vezes, os cangaceiros nascem das violências policiais. Entre as causas do banditismo sertanejo a ação violenta, injusta, brutal da polícia não pode deixar de ser computada. Em inúmeros casos, o bandoleiro é um revoltado contra a infâmia política, administrativa e repressora.

Não exageramos. Os jornais nordestinos diariamente nos dão conta da ação nefasta dessas polícias sanguinolentas e indisciplinadas, famintas e ladras. Abramos o *O Ceará*, de Fortaleza, do dia 9 de agosto último:

*"Espancado por nove soldados de polícia, enlouqueceu* – Granja 7 – Meu marido foi barbaramente espancado por nove soldados de polícia, ficando muito doente. Depois de tamanha atrocidade, permaneceu trinta e seis horas na cadeia. Dois dias após ao espancamento, ficou louco. Chamado o médico, doutor Jacome de Oliveira, este atribuiu a perturbação mental a fortes pancadas vibradas no crânio. Pedi providências ao Dr. chefe de polícia, de quem espero ação enérgica. – *Rosa Pereira de Lima*."

Amanhã, os filhos ou parentes dessa vítima matam o responsável direto, por esse espancamento, que não foi punido. Persegue-os a justiça. Eles amontam-se e tornam-se bandidos. Quem os gerou? A polícia.

"Verificou-se, sábado último, noticia ainda o referido jornal estúpida cena de sangue, que teve por teatro a pitoresca vila de Guaramiranga e da qual foi vítima o trabalhador de nome João Branco da Silva, com 28 anos de idade, casado, empregado no sítio do Dr. Hélio Caracas, naquela localidade."

"Achava-se João Branco um pouco alcoolizado, em certa bodega do povoado, acompanhado de um colega de trabalho, quando, apeando-se do cavalo em que vinha montado, entrou inopinadamente no estabelecimento e sargento de polícia Tito, conhecido ali por militar desordeiro e de caráter atrabiliário."

"João Branco, nesse momento, encontrava-se com o juízo completamente transtornado pelos vapores alcoólicos.

Ao pedido do amigo para que não mais bebesse, puxou violentamente a faca que trazia no cinto e a cravou com força no balcão, vergando-a até quebrá-la em dois pedaços.

Nesse interim, apareceu o sargento Tito, que brutalmente agarrou a João Branco pelo braço, enquanto, dando-lhe voz de prisão, lhe encostava no ombro direito o revólver e disparava.

Atingido pelo projetil, o desditoso operário conseguiu desprender-se das mãos do militar, refugiando-se, em seguida, na residência do merceeiro, próxima à bodega.

Raivoso por não ter satisfeito a sede de sangue que caracteriza os assassinos, o miliciano foi a procura da sua vítima, penetrando na residência do merceeiro, a despeito dos rogos deste, que queria evitar qualquer abalo moral à sua mulher, que se achava de resguardo.

Surdo aos pedidos, o violento militar arrastou a João Branco de dentro do quarto onde o mesmo estava escondido, trazendo-o, desse modo, para fora.

– "Neste momento não obedeço nem mesmo aos meus superiores", foram as palavras do sargento ao ser-lhe pedida pela segunda vez a vida do operário pelo comerciante.

Sabendo, porém, que o trabalhador era empregado do Dr. Hélio Caracas, o furibundo militar largou a sua presa, deixando-a retirar-se para a casa dos seus patrões.

O ferido foi transportado, domingo, para Baturité, em automóvel, onde lhe foram facultados os primeiros curativos.

A bala alojou-se na região torácica, não sendo ainda extraída.

João Branco foi recolhido, anteontem, à Santa Casa, para ser procedida esta operação.

A polícia não tomou conhecimento do fato."

Guaramiranga não é uma localidade perdida no fundo dos sertões; mas a princesa da serra de Baturité, a Petrópolis de Fortaleza, com estrada de ferro próxima e estrada de rodagem, distando da capital mais ou menos uns cem quilômetros. O fato é por si só tão eloquente que dispensa quaisquer comentários.

Os resultados dessas violências são outras violências. Amanhã, esse truculento inferior será assassinado por vingança como há pouco tempo foi morto à noite, à porta de sua casa, em Fortaleza, um tenente de polícia.

No mesmo número, o jornal acima referido, noticiando o passamento do chefe político sertanejo Isaias Arruda, dá-nos esta vívida página do cangaço cearense:

"Pesavam-lhe, como ninguém ignora entre nós, terríveis acusações de chefe de cangaço, de protetor de Lampião e seu sócio, de incendiário da ponte do rio Salgado, de vários assassinatos por ele mandados praticar friamente, na sua maior parte, para a ocultação de hediondos delitos.

Isaias morou no Cedro e Aurora em cujas localidades, com os seus irmãos, abriu várias lutas com os destacamentos locais.

Ele e os seus eram tidos como valentes e, por isso mesmo, temidos.

Há seis anos mudou-se para Missão Velha.

Assumindo o governo o desembargador Moreirinha e precisando desbancar o partido democrata, começou por ali a tarefa, com a deposição, à mão armada, do coronel Manoel Dantas de Araújo, chefe, ali, do mesmo partido, empresa essa que foi confiada a Isaias Arruda, pelo então chefe de polícia, Dr. José Pires de Carvalho e pelos dois filhos do presidente.

Essa combinação se deu, em 1925, na própria vila de Missão Velha, quando se inaugurava a estação da estrada de ferro e quando o coronel deposto recebia, com festas, o presidente do Estado e luzidia comitiva que então, foi a Juazeiro e Crato.

Dada a deposição o coronel Dantas tentou reconquistar seu posto e, então, teve, com armas nas mãos, para sua defesa, os seus amigos, de Ingazeiras e Aurora, os Paulinos.

Estes, homens valentes, brancos, eram uns quinze, que formavam uma espécie de guarda para a defesa dos seus interesses, naquele pedaço do nosso sertão onde ainda não raiou o sol da justiça e onde sempre imperou o direito do mais forte.

Isaias, que com eles mantinha relações de amizade, dada aquela atitude ao lado do coro-

nel Dantas, passou, então, a hostilizá-los, contando para isso não só com os seus cangaceiros como francamente, com a força pública.

Invadindo Ingazeiras certa vez, à frente de bandidos e soldados conquistou-a, roubou-lhe as mercadorias de quatro lojas e ateou fogo nas suas casas, naquele povoado.

Numa emboscada, posteriormente, dirigida por José Gonçalves, delegado de polícia de Missão Velha, foi assassinado João Paulino, o chefe do bando.

Depois seguiram-se os assassinatos de outros Paulinos e de três moradores seus.

Continuando a tremenda perseguição, os Paulinos restantes, com as suas famílias, mudaram-se para a Paraíba, onde, em Princesa, se sentiram garantidos, sob a proteção do deputado estadual coronel José Pereira.

Dois desses, passado algum tempo, vieram da Paraíba à Fortaleza.

Vieram pedir garantias ao governo para reverem os seus haveres, propriedades e gados em Aurora e Ingazeiras.

O governo não lhes prestou a devida atenção, tendo eles ainda sido presos aqui pelo tenente Manoel Gonçalves de Araújo, então inspetor de veículos e cunhado de Isaias.

Não obstante isso esses dois Paulinos conseguiram ir à sua terra, às escondidas, e lá verificaram que nada mais possuíam.

Tudo que lhes pertencia, os gados, móveis, etc., haviam sido roubados!

As casas, os currais, os cercados, haviam sido devorados pelo fogo.

Naquelas paragens ninguém há que desconheça estes fatos.

Agora, eis que Antônio e Francisco Paulino cortaram a Isaias Arruda, o fim da sua existência."

Os exemplos mostram que os bandidos sertanejos procuram fazer por suas mãos a justiça que se negaram os magistrados, as polícias e os governos. De mim, sei que prefiro os cangaceiros aos policiais.

*Correio da Manhã* (RJ) – 07.09.1928

## MANIA QUE LEVA À MORTE

Há criaturas que vivem obcecadas por manias às vezes ridículas e tiques mais ou menos absurdos.

O abade Prévost, espírito dos mais altos e ourives dessa joia sentimental que é Manon Lescaut, fugia das galinhas porque se tinha na conta de um grão de milho e temia ser engolido!

E Sarah Bernhardt compenetrou-se tanto de que era doente e, aí, que morreria repentinamente se ingerisse sopas quentes, que passou o resto da sua vida sem tomar esse alimento.

E quem não conheceu aqui o "Júlio dos brilhantes" ou quem já não sorriu com as galeras invisíveis do Ouro Preto?

O pior, de resto, é que muitas dessas manias descem dos domínios das suposições para o terreno dos fatos concretos.

Pessoas há que não seguram em fósforos de cera, como outras existem que não consentem no quintal uma galinha arrepiada e fogem de uma cabra malhada.

Se essas manias assaltam e dominam homens superiores, quantos males não devem causar aos indivíduos ignorantes?

Há tempos foi morto em Jaguaribe, no Ceará, um pobre diabo que se fazia passar por um capanga do Lampião.

Usava grande chapéu desabado, alpercatas de couro cru, duas garruchas convincentes e quando alguém o olhava de soslaio – procurava dar à fisionomia uma expressão feroz.

Viram-no uns homens demasiadamente decididos.

Interpelaram-no.

E ele, com aves de engole-mundos, respondeu: – Sou um cangaceiro. Sou um capanga de Lampião.

Deram-lhe um tiro na boca.

Depois, de indagação em indagação, verificaram tratar-se de um louco ambulante, cuja mania absorvente era o ser cangaceiro!

As curiosidades com que ele amedrontava os sertanejos – eram duas velhas armas sem gatilho!

Pobre louco que teve, assim, um ponto final decisivo à sua mania – uma bala!

E enquanto isso Lampião percorre as caatingas do Nordeste como a vingá-lo, embora ignore a sua tragédia.

*República* (SC) – 11.09.1928

## OS CANGACEIROS DO NORDESTE

Vítimas que são, os nordestinos, de constantes embates da natureza, que ora os ceifam com terríveis enfermidades, ora os acabrunham com o pesadelo cruel das devastadoras secas, eles, os filhos heroicos do meio norte ainda lutam, há dezenas de anos, com a endemia política do cangaceirismo.

O que a doença poupou e a seca não abateu é presa infalível dos bandidos que tem como bandoleiro Lampião.

E, em passando, tudo abocanha, tudo depreda. As vidas humanas são-lhe um brinquedo nas mãos nefastas; as honras das donzelas mero divertimento com que sacia a lubricidade de crápula.

A imprensa bate-se de há muito contra esse banditismo que estiola o *hinterland* brasileiro, da Bahia ao Ceará; o povo que habita esses centros em que domina hoje o trabuco de Lampião, herdeiro famoso do não menos afamado Antônio Silvino, grita socorro e acaba chorando, como Jeremias, a sua desventura, sem que vislumbre um meio de desvencilhar-se para sempre da figura satânica desse malfeitor.

Os bandidos, ao contrário, cônscios de que têm aas costas quentes, de que ninguém consegue prendê-los, dominam pelo medo, pelo saque, pelo terror, essa vasta região onde Lampião, ostentando comando é por sua vez comandado, dirigido e quiçá insuflado pelos déspotas e *petits rois* dessas paragens.

Antônio Silvino também, enquanto achou quem o avisasse da aproximação das forças, vivia tranquilo e feliz, matando, roubando, desonrando.

Um dia porém, diz o ditado, a casa cai.

E hoje esse malfeitor expia tantras maldades no calabouço de Pernambuco.

Há quem afirme até que de tão regenerado é atualmente um piedoso e santo homem. É possível que o seja por convicção, mas também é de crer que pense, com o seu novo modo de encarar a humanidade, n'algum livramento condicional. Como quer que seja, porém, o mais acertado é deixá-lo lá e, o mais cedo possível, dar-lhe por companheiro de presídio o seu irmão em crimes – o execrando Lampião. Parece que não longe está esse dia.

O novo governador do Ceará, em uma entrevista, diz que Lampião ainda não foi preso apesar das grandes forças volantes que o procuram, porque goza da proteção medrosa ou calculada dos chefetes do interior. Que esses chefetes do sertão é que lhe dão armamento e o trazem ao corrente do que contra ele se trama.

Daí o insucesso das polícias que sempre chegam ao lugar em que o devem prender... depois dele passar.

Mas com as verdades, amargas e desiludidas que o novo presidente cearense acaba de proferir, é quase certo que saberá afastar do seu prestígio e apoio esses pequenos régulos, grandes na maldade com que protegem o bandido.

É por aí que ele começará, certamente. Expurgado o interior desses *valientes* protetores do banditismo é inevitável a queda desastrosa da bastilha maléfica do sanguinário Lampião.

Ele mudará de ofício. Ao invés de lampião de estrada passará a lamparina de presídio.

Que o nobre governante do Ceará consiga derrotar e prender o bandido, ainda que derrubando a "igrejinha" de muita gente que passa por "santo", e terá prestado um dos mais valiosos e imorredoiros serviços ao seu invicto e glorioso torrão e ao Brasil inteiro.

*O Rebate* (AC) – 04.11.1928

## A MORTE DO CANGAÇO EM PERNAMBUCO

Ribeiro Couto

O brasileiro do Sul dificilmente pode compreender o fenômeno cangaço, tão característico do Nordeste. Este Brasil é de fato sortido. No seu território há de tudo, inclusive uma espécie de banditismo da idade média europeia, com o mesmo tipo volante e terrorista daquela época.

Não há também quem ignore que nos Estados Unidos, em certas províncias de sertão, ainda subsiste o banditismo salteador, que determinou o advento dessa figura de herói da legalidade, cheia de bondade e bravura, que é Búfalo Bill. O cangaço é, no entanto, diferente de tudo isso, porque não tem por objeto exclusivo o dinheiro. Baraúna, companheiro de Virgulino Lampião, dizia-me na Casa de Detenção, no Recife:

– Quando a gente precisava de dinheiro, pedia ao chefe.

– Quanto no mês, vamos ver?

– Assim de mil réis, vinte mil réis...

Baraúna é um cangaceiro de vinte anos, baixo, seco, com uma cara patibular de (...) feroz. Usa o cabelo abundante comprido, que lhe dá um ar de foragido. Está aprendendo o ofício de sapateiro, enquanto espera que escoe o tempo a que foi condenado: trinta anos...

O Sr. Estácio Coimbra, coadjuvado pela energia moça do Sr. Eurico de Souza Leão, chefe de polícia, realizou em Pernambuco, em menos de dois anos, uma obra notável: o extermínio do cangaço. Praticamente, o banditismo está liquidado no sertão pernambucano. Desde os primeiros dias do seu governo os telegramas que chegavam ao palácio eram aflitivos. De municípios como Floresta, Rio Branco, Triunfo, choviam os apelos em tom supremo. Era todo o Nordeste que estava debaixo da planta audaciosa do bandoleiro. Zonas enormes de cinco Estados (Ceará, Paraíba, Rio Grande do Norte, Alagoas e Pernambuco) viviam, há longos anos, à mercê do trabuco e do punhal. O mais famoso de todos os bandos era o de Sua Excelência Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião. Havia, porém, vários bandos: o dos Melões, o dos Marcelinos, o dos Patriotas, o dos Marinheiros, o de Bom de Veras, o de Elias Zum, o de Jararaca e tantos mais.

Muita gente boa do sertão, negociantes, políticos, poderosos de toda conta, protegia certos bandidos. É o próprio Sr. Eurico de Souza Leão, num magnífico relatório, quem o escreve: "O problema não se resumia, nem se resume, como a muita gente parece, em aniquilar este ou aquele bandido. Tem um elastério mais complexo. O mal, assim, foi atacado por todos os lados, nas suas raízes mais fundas: o protetor de bandidos, acobertado, vezes, pelo manto de situações políticas ou a cumplicidade velada de autoridades inescrupulosas, o asilador dos grupos, o agenciador de víveres e munições, o e criminoso impune, à sombra de poderosos, prestes a ingressar, por sua vez, nas hordas saqueadoras".

Ouvir do próprio Sr. Eurico de Souza Leão como ouvi, a narrativa do que foi essa campanha ingente, é interessante como um filme de aventuras no Far West norte-americano. O chefe de polícia de Pernambuco é um rapaz. Irradia essa força audaciosa, essa disposição saudável, essa coragem bem humorada tão própria da juventude. A guerra ao cangaço foi para ele extremamente fatigante, porque lhe exigiu um trabalho contínuo de dedicação, solicitude, atenção pronta e espírito de sacrifício. Os destacamentos policiais que encontrou espalhados

pela zona assolada eram deficientes e desmoralizados: constantes fracassos lhes haviam quebrado toda a força moral. Isso tudo, longe de o entregar ao desânimo, criou na sua vontade a decisão firma de atacar o mal por todas as formas, fosse como fosse.

A situação topográfica do sertão pernambucano é adversa a uma ação fácil contra os bandoleiros. O sistema destes é aproveitar-se das caatingas, serrados e tabuleiros para fugir aos cercos e perseguições profícuas. Conhecem o mato palmo a palmo, porque é quase no mato que moram. Ali se emboscam, ali se defendem, ali se escondem. O Sr. Eurico de Souza Leão apôs, porém, o veneno da cobra ao veneno da cobra; e aos numerosos grupos de cangaceiros, espalhados por todo o sertão, ofereceu um estilo de combate análogo, disseminando forças volantes, com apoio em destacamentos reforçados nas cidades e povoações que os bandoleiros costumavam transformar em objeto de saque. Os tabuleiros e as caatingas começaram assim a ser devassados. Os primeiros encontros foram derrubando bandidos famosos: e em breve os Bem de Veras, os Marinheiros, os Patriotas, os Sabiás caiam mortos. O grupo de Lampião compunha-se de uns cem homens. Ao todo, os bandoleiros que tinham o sertão pernambucano como campo de ação subiam a mais de trezentos. Esses trezentos cangaceiros rústicos e valente, lutando pelo gosto de lutar, mais do que pelos frutos do saque e do latrocínio, levavam sobre a polícia pernambucana e dos outros Estados a vantagem extrema de estar na própria casa, conhecendo todas as portas falsas para um recuo, tendo além disso as costas quentes pelos coiteiros (protetores). A polícia precisa, assim, lutar contra os inimigos visíveis e os invisíveis... que são às vezes um bocado piores.

Creio que foi também obra do governo de Pernambuco a convocação do convênio policial para a repressão conjunta do banditismo. Qualquer que seja a ação desempenhada pelas polícias dos Estados limítrofes, é inegável que o elemento preponderante na vitória contra o cangaço foi o de Pernambuco, tendo à frente o entusiasmo ardente do Sr. Eurico de Souza Leão.

E, no fim de pouco mais de um ano de campanha, ele pôde oferecer ao país o espetáculo de um extermínio quase completo de banditismo no seu Estado, a ponto de ali subsistirem somente uns dez ou quinze bandoleiros, refugiados no recesso de longínquas caatingas. E eram trezentos... O Sr. Virgulino Lampião, que a imaginação popular pretende dourar com uma aureola de herói (esquecida de que ele brinca de embrulhar gente viva em cobertores e pôr fogo em tudo) vive agora no sertão da Bahia. Seus companheiros quase todos estão ou mortos, ou na Casa de Detenção, como Beija Flor, Ventania, Mourão, Gavião, Baraúna...

– Você ganhava muito dinheiro naquela vida, Baraúna?

– Não sinhô.

– Gostava?

Baraúna dá de ombros. É homem de poucas falas.

– Por que entrou para o cangaço?

– Iludido.

Hum! Baraúna não está falando a verdade... Será possível que um homem se iluda entre a vida do trabalho e a do trabuco? E que pegue na última, pensando ser a honesta, a verdadeira, a limpa?

O Sr. Eurico de Souza Leão, o organizador dessa guerra ao banditismo que desgraçava o sertão da sua terra, está tranquilo agora. Serviu ao seu governo; apresentou um resultado esplêndido ao fim da luta e recomendou-se à estima pública. O sertão sofreu uma varredura em regra: cento e noventa e oito bandoleiros presos e quarenta mortes em combate.

Sua Excelência Virgulino Ferreira da Silva, herói sangrento das caatingas, incendiário,

saqueador e assassino, não pôde ser agarrado vivo. Essa mágoa o Sr. Eurico de Souza Leão não esconde.

– Enfim, Lampião agora está na Bahia... Lá é difícil pegá-lo... Parece que está em paz...

*Jornal do Brasil* (RJ) – 17.11.1928

**LAMPIÃO**

M. Paulo Filho

No nordeste brasileiro, Lampião não tem individualidade própria. Não chega mesmo a ser um tipo de bandido original.

A sua força e a sua evidência, as atitudes de audácia e de desassombro que ele assume, correndo de um lado para o outro, do Ceará às Alagoas, vadeando, não raro, pelos arredores do Maranhão e do Piauí, repetem fatos históricos que o meio social e político vem perpetuando. Analfabeto e embrutecido pela vida errante dos sertões agrestes e inóspitos, deu-lhe a natureza selvagem o hábito de ser mau e sanguinário, hábito que a ferocidade dos instintos predispôs ao latrocínio como indústria rendosa, a margem das prevenções e das sanções das leis penais em vigor no país. Fê-lo assim o ambiente em que se criou. Os governos constitutivos, locais, estaduais e federais que o têm estimado e o têm aproveitado, dele já se valeram, se valem ainda e, com certeza, se valerão amanhã, se for necessário, como instrumento de ambições facciosas, manobrando-o ao sabor das conveniências do momento. Pagam-no, e depois deixam-no, para mais tarde, conforme as circunstâncias, contratarem-no de novo. Vivendo exclusivamente do cangaço, a esse salteador vulgar, que a imaginação do povo vai cercando de lendas absurdas, tanto importa servir a esta ou àquela situação. Não lhe interessam os motivos, nem as consequências dos atos, interessando-lhe unicamente o preço pelo qual lhe custeiam as aventuras, que cobra mais caro quando são mais arriscadas. A princípio, dedicou-se às questões de família, à satisfação de vinganças entre inimigos particulares, pondo a sua faca e o seu trabuco à disposição do mais forte contra o mais fraco. Depois, consolidando a fama e arregimentando o seu grupo do Roubo e da Morte, tornou-se *monarquista, empenhado na Restauração*. Era assim que ele se confessava a um jornalista, que o encontrou em Princesa. "A monarquia se lhe afigurava a volta do Brasil de D. Pedro II, com o Padre Cícero restaurando, no poder, a divisão equitativa entre os pequenos, das riquezas dos grandes fazendeiros."

Não sabendo ler, não sabe pensar, ou se pensa, da sua boca jorram alternativamente tolices e monstruosidades. Não tem nem a poesia dos bandidos insulares da Córsega, cujos dramas e tragédias inspiram romances e epopeias impressionantes.

A sua irrupção data de poucos anos. Tem sido o terror de paragens abandonadas e flageladas de misérias humanas, mas ainda não forneceu tema seguro a um escritor, nem se compara a *Mota Coqueiro*, trabalhado por José do Patrocínio, ou a *Antônio Conselheiro*, superiormente estudado por Euclides da Cunha. Lampião não passa de uma curiosidade pitoresca para narradores mais ou menos medíocres de casos regionais. Fala-se dele, como se falaria de Lucas da Feira, de Montalvão, Luiz Padre, do bacharel Santa Cruz e de Antônio Silvino. É o tipo comum dos bandidos do interior incompatibilizados com a Justiça e explorados pela Política.

Agora, pela vigésima ou trigésima vez, se anuncia que, no começo deste ano, as forças dos três Estados – Bahia, Pernambuco e Alagoas – irão agir conjuntamente contra ele e os seus bandoleiros. "Chegou-se à conclusão, acrescenta uma correspondência de Recife, ontem divulgada, de que é esta a única maneira eficaz de se combater o *profissionalismo do crime*, pois que os bandidos, rechaçados de um ponto qualquer, têm abertas as trilhas que os levarão a homiziar-se, são e salvos, na vizinha unidade da Federação, a cujas fronteiras os policiais que os perseguem, são obrigados a deter-se."

Lendo as linhas acima, a primeira ideia que se tem é a de que da Paraíba para o norte, os salteadores poderão permanecer com o seu quartel-general em o Juazeiro, onde, segundo João Brígido, para serem pegados os criminosos, "basta cercá-lo de uma forte muralha porque todos que dentro ficarem serão dignos de cadeia. Visto como o que não for ladrão é assassino." E, serenada a refrega, quando as polícias baianas, alagoanas e pernambucanas se considerarem satisfeitas e se recolherem aos seus alojamentos, na suposição de estar morto o profissionalismo do crime, Lampião ressurgirá, descendo pela mesma rota por onde tranquilamente subiu.

Aliado do bernardismo e associado a generais do Exército que com ele se ajuntaram na caça aos revolucionários de Luiz Carlos Prestes, Lampião tem pela Polícia um soberano desprezo. E com razão. Se ele já foi útil ao princípio da autoridade constituída encarnada na pessoa do Sr. Arthur Bernardes, presidente da República dos Estados Unidos do Brasil, se ele já deu ordens ao Ministério da Guerra através dos mais graduados chefes da tropa federal que em 1925 sustentaram a Lei e defenderam a Ordem no Nordeste, abonada a sua colaboração preciosa pelo fanatismo religioso dominante na serra do Araripe, é claro que está acima, muito acima, das superstições policiais. Não sendo um ingênuo, não espera pela gratidão dos seus antigos correligionários, o que é mais um argumento sólido para que se precavenha e enfrente resoluto as surpresas do destino.

Nada lhe acontecerá, e de lado a lado todos acabarão contentes. Com os juros acumulados do dinheiro que também ganhou na indústria da *dívida flutuante*, ele se aparelhará de homens, de munições e de condução. Outras sortidas felizes lhe trarão mais recursos após os assassínios e os saques. Por sua vez, com o pretexto de aparatosas e repetidas diligências, os governos, que o querem combater, arrancarão do pobre povo escorchado mais alguns impostos de emergência, que gastarão na instalação da vasta máquina eleitoral, à espreita da campanha, que se aproxima, pela sucessão do Sr. Washington Luís. E as populações sobressaltadas terão a consolá-las mais uma, duas ou três lendas, nascidas do choque das emboscadas que fatalmente os beligerantes armarão pelas encruzilhadas perigosas.

A democracia rude do Nordeste, onde o Ford ainda não substituiu o carro de boi e onde os vaqueiros ignoram a existência de Tom Mix, carece espiritualmente do culto desses lances bárbaros e semi-heroicos. Está na índole da sua própria inferioridade a reverência aos seus ídolos confusos e misteriosos, simultaneamente covardes e bravos no manejar do punhal e do bacamarte...

*Correio da Manhã* (RJ) – 11.01.1929

## SANEAMENTO SOCIAL

Nenhum exemplo é mais contagioso do que o do banditismo. Quando surgiu nos sertões do Nordeste esse temível facínora "Lampião", observamos destas colunas que, mais tarde ou mais cedo, a história um tanto romanceada do terror das caatingas havia de propagar-se de forma assustadora pelas regiões do Sul. Não tardou que um telegrama de Minas nos anunciasse o aparecimento de um bando da mesma espécie, em tudo por tudo sugestionado pelas notícias divulgadas através dos jornais, sobre as façanhas do bandoleiro nordestino.

Não diremos que esse exemplo se tenha propagado acentuadamente pelo interior do estado de São Paulo, pois o banditismo, sob certas modalidades mais ou menos agudas, sempre medrou em alguns pontos mais afastados desta Capital. Para dar-lhe combate, urgia um aparelhamento especial por parte da nossa polícia; urgia, o que é mais delicado, uma invencível isenção de ânimo dos poderes públicos, esquivando-se a toda e qualquer interferência da política. Porque, é preciso que se diga, a política de arraial sempre foi e será um dos estímulos do banditismo. É à sombra do partidarismo que ele floresce e vive. Para esmagá-lo, um dos primeiros cuidados é cerrar os ouvidos aos pedidos dos chefetes locais, o que não é tão fácil como em geral se supõe. Saber vencer as insinuações da amizade é um dos maiores heroísmos de que é capaz o homem. Foi a amizade, a consideração pessoal, a injunção das ligações de campanário que deram origem ao flagelo do cangaceirismo nos Estados setentrionais do Brasil. Geralmente, a capangagem acaba por estabelecer tão sólidos vínculos entre o assalariado e o mandante das chacinas políticas, que quando um dia estes pretendem voltar atrás e ter mão na sua gente, é tarde, muito tarde. Acredita-se que os chefes regionais não se utilizam dos capangas para ordenar-lhes a depredação, o roubo, a prática de todos os horrores. Utiliza-os pura e simplesmente para fins eleitorais, muitas das vezes. Mas essa aliança gera compromissos sérios. Quando um dia o mandão de aldeia desperta e procura limitar a atividade criminosa dos seus homens, nada consegue. É que estes já estão senhores da situação. A sua vontade se sobrepõe a do próprio chefe, que tudo tolera, que tudo acoberta, por fim, não só para manter a ilusão do prestígio de sua autoridade, como para não vir a morrer às mãos dos asseclas, dando-se a inversão do "feitiço contra o feiticeiro". Não são raros os casos dessa natureza. Neste ponto, os facínoras assalariados, como as espadas de gumes, se tornam duplamente perigosos, tanto para o adversário como para quem as maneja.

As autoridades de S. Paulo não têm atendido a razões de nenhuma espécie na campanha saneadora que vão levando a efeito por onde quer que reponte a hidra infernal do banditismo. Essa verdadeira cruzada já apresenta resultados muito satisfatórios. É grande o número de assassinos presos e que serão submetidos a processo regular. Com esta medida, os lugares infestados outrora pelos mesmos, readquirem a calma necessária ao progresso rural, inteiramente livres das constantes ameaças em que viviam. Não há palavras que possam encarecer semelhante empresa. Graças a ela é possível ao homem do campo prosperar em sua propriedade, é possível atravessar as regiões mais longínquas, sem temer as incursões dos celerados que enchiam de pânico as laboriosas populações roceiras.

Mas a campanha, assim conduzida, com férrea energia, sem desfalecimentos, sem atender às conveniências da politicagem aldeã, alcança também o efeito benéfico de servir de escarmento aos indivíduos repontões, aos que se preparavam para ingressar na vida de tropelias pelas terras distantes. O banditismo, onde quer que se exerça, faz logo prosélitos. É um dos seus grandes perigos. Conta-se de um fazendeiro, homem decidido em certa zona do Sul,

que tendo dado cabo de vários bandidos, que de vez em quando invadiam a sua propriedade, mandou amontoar os cadáveres e os reduziu a uma grande fogueira. Depois disso, mandou enterrar as cinzas numa fossa profundíssima. Interrogado sobre a prática original, afirmou que estava apenas tomando uma providência ditada pela mais elementar prudência. O banditismo, afirmou, tem tão boa semente, que mesmo depois de reduzidos a carvão e cinza, os miseráveis que viviam a depredar, a semear por toda parte a inquietação, brotam da terra com redobrado viço, como erva maligna.

É claro que não se vai recomendar às autoridades de São Paulo remédio tão violento. O nosso sentimentalismo racial repele a pena máxima, a eletrocussão de uso na América do Norte para esse gênero de bandoleiros. O que se torna necessário, de quando em quando, é uma vigorosa capina como essa que está sendo feita no sertão, a fim de limpá-lo por muito tempo da praga nefanda.

*A Gazeta* (SP) – 11.07.1929

## LAMPIÃO, NO NORDESTE

Prado Ribeiro

É preciso que se descerre aos olhos do país, o tablado em que se estão desenrolando tragédias e dramas sangrentos. "A Bahia de há muito vem sofrendo silenciosamente um doloroso martírio, o qual está dessangrando as fontes da sua vitalidade. Os maus governos que ela tem tido, durante quase toda esta época republicana, é uma das causas do seu retrocesso e estacionamento em meio da sua evolução política.

Os seus sertões se estão despovoando no êxodo doloroso para os Estados do Sul, êxodo forçado pela falta de trabalho, pelas secas periódicas, pelo banditismo endêmico, pela politicalha desordenada e estreita, pelos impostos escorchantes e pela inação do governo. Ninguém melhor do que eu, que fui juiz e delegado regional, durante cinco anos em diversas zonas do *hinterland* baiano, poderá traçar o verdadeiro quadro de angústias que a Bahia reflete em meios dos seus estertores.

A situação dos sertões baiano, falemos com sinceridade e lealdade, é de verdadeiro desespero. Asfixiados por um imposto ladravaz a que dão o nome de territorial, os sertões vivem em verdadeiro atonia, corroídos de todos os males tropicais e mais os oriundos da perversidade humana. Além desses outros males externos lhes têm afligido dolorosamente, como sejam a passagem dos rebeldes e depois a dos famigerados *batalhões patrióticos*. Na região do Nordeste, então, o sofrimento tem atingido ao mais alto ponto. Um bandido de nome Antônio Souza, distante da minha fazenda 12 quilômetros e da cidade de Juazeiro 6 léguas, trucida canibalescamente dois parentes meus e depois, calmamente, atravessa o São Francisco e foge para o Ceará, onde tem como protetor o célebre Padre Cícero. Agora Lampião, com 7 homens,

há quase um ano, corta esta região em todas as direções, completamente impune, zombando dos contingentes policiais com o total de quase 600 praças mas sem atacá-lo, talvez receosos de perderem as propinas que lhes estão sendo dadas. Depois é a própria polícia que sangra cobardemente três pobres homens indefesos na volúpia dos verdadeiros sicários, revelando assim a sua cobardia e os seus instintos sanguinários. O chefe de polícia Dr. Madureira de Pinho, a quem não nego uma brilhante inteligência a par de uma bela cultura jurídica, não é o homem do momento, pois lhe faltam os requisitos imprescindíveis de ação e de energia para debelar o estado de coisas, existente. Além disso, S. S. é político e o político é mais que incompatível com a direção de uma Secretaria que trata de assuntos delicadíssimos de ordem pública. Na Bahia existem ainda verdadeiros feudos medievais onde o próprio governo tem receio de penetrar. Lençóis, Mucugê, Pilão Arcado, Maracás, Guanamby, são verdadeiras cidadelas rebeldes, obedecendo somente aos seus chefes que são bastantes conhecidos no Estado. Há quatro anos, deu-se um choque entre o governo e o coronel Horácio de Matos e o primeiro teve que recuar, fazendo um acordo indecentíssimo e deixando impunes os assassínios praticados pela jagunçada. Por aí se vê o estado de impotência do governo baiano. Eu teria muita coisa a dizer e talvez o faça se para isso for provocado. E não preciso dizer mais nada. De forma que os sertões baianos estão sendo, neste momento, massacrados por e esse antigo esteio da legalidade – Lampião – celerado terrível que não recua nem mesmo ante o berço da criança e a fraqueza da velhice. E para quem podermos apelar nesta emergência? Para o governo do Estado? Para o chefe de polícia baiana? Para o presidente da República? Este está assoberbado com um problema que lhe toma todo o tempo. Ao menos disso tenha conhecimento a opinião pública.

*Correio da Manhã* (RJ) – 25.07.1929

## RABISCANDO

No Brasil, tudo o que não presta, toma logo um caráter de séria epidemia.

É raro o dia, que os jornais não dão uns mais e outros menos espalhafatosamente, notícias de um suicídio, de um crime, de um escândalo social, de uma indecência política e etc.

Li há tempos, não me lembro em qual jornal, um apelo à imprensa geral do País, no sentido de serem veiculadas notícias de suicídios, assassinatos e etc. (as indecências políticas não figuravam) de maneira discreta e sem grandes comentários. Fez-se o que pediam. O resultado operou-se logo. Diminuto consideravelmente o número dessas desgraças...

Agora, porém, a "cousa" está novamente tomando vulto.

Os suicídios repetem-se diariamente. Os crimes, os escândalos, sucedem-se, reproduz-se, como se houvesse, no gênero, disputa de algum record. Será a influência dos *raids*?...

As indecências políticas, essas desde 89 que progridem assustadoramente...

"Lampião", a vergonha do nordeste brasileiro, graças aos seus *heroicos* feitos, anunciados por grandes letras que dominam a atenção geral, adquiriu, para descredito nosso, uma celebridade extraordinariamente funesta, que é, certamente, o incentivo e a origem às suas novas façanhas.

Amanhã, quando *milagrosamente* desaparecer o celebérrimo *herói* dos sertões nordestinos, e que os seus feitos sejam cantados em prosa e verso, ou mesmo que sabe, tenha em homenagem aos seus bons serviços uma estátua de *eterna gratidão*, imortalizando o seu *utilíssimo* passado, surgirá, no mínimo, algum "lamparina" para continuação de suas obras tão *meritórias* e fazendo fé, talvez, a uma estatuazinha – ao Cangaceiro desconhecido...

Oxalá que tal não aconteça!...

A imprensa diária, é o maior transporte propagador de ideias. Ela, entendemos, deve ocultar esses fatos, pregando incessantemente o combate a essa série ilimitada de infelicidades, educando, alimentando, arrancando o mais possível o povo à miséria, contribuindo assim, não só em benefício do engrandecimento do nosso nome de civilizados, como também da nossa sociedade tão vergonhosamente corrompida.

Quanto à politicalha, só Deus, só Deus!...

*O Combate* (MA) – 30.08.1929

**RAINHA LUZIA**

Raul Bopp

*Rainha Luzia*
*Onde que você está?*
*me diga logo*
*que eu quero te encontrá.*

*Sou Lampião*
*Roubo moços na estrada*
*tenho faca de ponta*
*já tou por conta*
*de tanto te procurá.*

*Rainha Luzia*
*Onde que você está?*

*O Que Há* (RJ) – 05.09.1929

## A TRAMA FACINOROSA

Acautele-se o doutor João Pessoa e preparem-se para correr em seu auxílio, não só os paraibanos, mas todos os brasileiros dignos da sua pátria: o senhor Washington Luiz acaba de contratar com o padre Cícero e a sua gente a reprodução da tragédia representada no Ceará contra o governo do coronel Franco Rabelo.

A metrópole da superstição e do banditismo, a asquerosa e sanguissedenta fera, cuja persistência no sertão no Nordeste representa uma clamorosa prova de covardia e um crime dos nossos dirigentes, já se assanha e afia as garras na expectativa da chacina e da pilhagem.

Não significa outra cousa a visita feita há poucos dias a Juazeiro pelo general Malan, logo seguida da declaração do Padre Cícero de que apoiará candidatura – Prestes Vital Soares.

De longa data o valhacouto de todos os cangaceiros dos sertões está largamente abastecido de armas e munição e provido de sólidas fortalezas, que outra coisa não são as suas igrejas, uma delas com paredes de onze palmos de espessura além de fossos e valados que contornam toda a cidade; da deposição do Franco Rabelo, porém, para estes dias o material bélico do pernicioso antro avolumou-se e aperfeiçoou-se muito, graças às frequentes remessas dos presidentes da República que têm precisado dos serviços do sacerdote católico arvorado em chefe supremo de salteadores.

Viu-se como o famigerado Lampião foi ali acolhido festivamente e retratado com todo o seu bando, forte, de 150 homens, quando o governo Bernardes procurou impedir a marcha da Coluna Prestes.

Afirma-se que o celerado recebeu então farta munição e carabinas das adotadas para o nosso Exército, além de roupa nova, cavalhada e dinheiro para a sua gente, conferindo-se lhe por fim, suprema torpeza!, o posto de Capitão das forças nacionais...

Não será de admirar que o Juazeiro esteja provido até de metralhadoras e de peças de artilharia, talvez mesmo de aviões e gazes asfixiantes...

Armem-se desde já para a resistência as cidades paraibanas do interior, se querem evitar os saques e os massacres de que foram vítimas, não faz muito tempo, as mais belas e prósperas cidades do Ceará.

Enquanto não adotarmos a prática, usual em outros povos, de decapitar ou fuzilar os chefes de estado que abusam do seu cargo, os nossos presidentes da República não recuarão diante dos mais monstruosos crimes para conservarem o poder.

*Tacape* (PE) – Setembro de 1929

## LAMPIÃO EM CAPELA

Zozimo Lima

INFORMAÇÕES INTERESSANTES COLHIDAS PELO CORRESPONDENTE DO CORREIO – A ATITUDE DIGNA DO INTENDENTE ANTÃO CORRÊA – LAMPIÃO ACHA QUE A VIDA DO CANGAÇO É BEM DIVERTIDA – OUTRAS NOTAS

Segunda-feira, 25, esta cidade teve o seu dia máximo de vibração e emoção popular. Precisamente às 20 horas, quando se encontrava funcionando o cinema municipal, portas adentro da popular casa de diversão capelense surgiu a figura temível de Lampião que, acompanhado do prefeito local, vinha à procura do encarregado da estação telegráfica da cidade com o fim de intimá-lo a não se comunicar com as demais estações correspondentes. Igual procedimento tivera, posteriormente, para com a encarregada do posto telefônico e do Telégrafo da estrada de ferro.

Historiemos os pormenores dos seus receios e tentativas de assalto à cidade, o que se verificou.

Às 19 h 40 min, à casa do coronel Antão Corrêa, intendente local, justamente quando este distinto cavalheiro acabava de jantar com sua família, apareceu, de automóvel, o Sr. Otacílio Azevedo, negociante em Dores. Vinha procurar o jovem prefeito para uma conferência. Tinha por fim esta lhe dar conhecimento de que Lampião e o seu grupo, em número de dez ao todo, exigiam a sua presença no lugar denominado Sobradinho, à entrada da cidade, onde todos se encontravam parados por se ter furado uma câmara de ar do carro que conduzia o audacioso bando.

O Sr. Otacílio trazia-os de Dores à força, em seu automóvel. Juntamente com mais três carros daquela cidade, aonde chegara, procedente de Carira, às 16 horas, para rumar em direção à Capela, às 19 horas.

O intendente Corrêa, depois de ouvir o Sr. Otacílio Azevedo, improvisado de chofer, deu ciência à sua esposa do que ocorria, tomou rápidas providências, em sigilo, para que o minguado destacamento local não saísse ostensivamente à rua em virtude da insuficiência de forças para um ataque, e foi ter com o grupo que o esperava.

Antão Corrêa foi recebido por Lampião que lhe disse desejar entrar à cidade sem outro intuito que o de angariar uns cobres, prometendo não cometer depredações.

O jovem intendente pediu-lhe manter-se em atitude pacífica e, entrando no automóvel ao lado de Lampião, às 20 horas chegaram todos à cidade.

Lampião mandou Arvoredo tomar o telefone, de passagem, e rumou para o Telégrafo. Corrêa fez-lhe ver àquela hora que o telegrafista estava no cinema e não deveriam ir à cidade-repartição, pois lá só se encontrava a família do respectivo funcionário, Sr. Zozimo Lima. As senhoras eram nervosas e podiam ter uma crise de consequências desagradáveis.

– Tá direito, disse Lampião, mulher é bicho danado pra dar chilique.

E rumaram para o cinema. Ali, o intendente Corrêa entrou logo no cinema e chamou o telegrafista para apresentá-lo a Lampião. Este assomou logo na sala de projeções e foi gritando – "não corram!" Foi um pânico medonho, indescritível! Os demais companheiros foram entrando aos poucos.

O povo, apavorado, não se mexeu mais. O operador em dois minutos quebrou mais de trinta metros de fita. A música perdeu o compasso e os instrumentos começaram a engasgar. Um grupo quis sair mas Moderno, cunhado e secretário de Lampião, gritou – "se saírem eu dou um tiro pra vocês verem como a coisa é boa". Logo aí Lampião ordenou ao telegrafista que não fosse mais à repartição sob pena de responsabilidade. Mandou logo quatro companheiros esperar o trem, que chegaria às 21 horas.

Estabelecida confiança do povo que entrou logo de simpatizar com Lampião, que se mostrou sobremodo atencioso, delicado, palestrador incansável, bem como os seus companheiros, começou a população em peso cercar a horda temível. Mandou logo que o intendente organizasse a lista das pessoas que deviam entrar com dinheiro, exigindo, porém, quantia não inferior a vinte contos. O Intendente fez lhe ver a impossibilidade de arranjar aquela quantia, visto o comércio estar exausto e estarmos sendo perseguidos por três anos de seca. Diante desta ponderação Lampião respondeu – "É, major, eu também venho atravessando uma seca de 14 anos. Arranje pelo menos uns seis contos".

Depois de ter comparecido à presença de Lampião, por exigência deste, o delegado de polícia, foi-se tratar de arranjar, entre os negociantes e usineiros, a importância exigida. Não se encontrou má vontade. Pudera! Lampião com aquela espetaculosa indumentária, não é para brincadeira.

Conseguidos os cinco contos e pico, o famanaz Moderno, por ordem do chefe, contou, emaçou e guardou a bolada no mocó, que estava recheado de dinheiro.

E daí em diante, pela noite adentro, as ruas em desusado movimento, Lampião e seu bando percorriam as praças em automóveis, espalhando-se pelas ruas frequentadas pelo meretrício, entrando em casas de bebidas para constantes libações.

Arvoredo, Volta Seca (uma criança quase) e Ponto Fino contavam trágicas façanhas aos grupos numerosos que os cercavam.

Visitaram as casas dos ourives Alfredo Assis e Euclides Silva, onde fizeram compras de joias, pagando-as. Foram depois ao estabelecimento comercial de Jackson Alves, adquirindo por 500$000 uma gabardine e um revólver. As compras efetuadas eram pagas pelos preços estipulados, sem relutância por parte dos compradores. Todo mundo queria ver, ouvir, dar dois dedos de prosa com o célebre campeador nordestino e era imediatamente atendido com satisfação. Lampião, depois das 23 horas, foi ao telefone intermunicipal para falar diretamente com o chefe de Polícia, não se conseguindo, àquela hora, obter a comunicação desejada, apesar da insistência da respectiva funcionária com as estações intermediárias, dormindo àquelas horas. Pelo esforço da telefonista Lampião gratificou-a com 50$000.

Às 3 horas da manhã, sempre acompanhado do povo, Lampião tocou reunir, com um apito estridente. Pouco a pouco foram chegando os companheiros dispersos. Feito isso, tomaram os automóveis e dirigiram-se ao povoado Pedras, onde se demoram pouco tempo, seguindo rápido para Aquidabã, a cavalo, pois fizeram dali seguir os autos para Dores.

A força que chegou de Aracaju, de manhã, depois de ligeiras e indispensáveis preparativos para combate, seguiu no encalço dos bandidos. Se se não tomaram, da capital, providências imediatas para a vinda, em tempo, da força, é claro, foi porque todas as comunicações estavam interceptadas pelo bando sinistro.

Lampião, se bem que inculto é, não resta dúvida, um sujeito arguto e inteligentíssimo.

Sejamos imparciais e justos – os nossos últimos e indesejáveis visitantes, pelo trato ameno, pela atenção e cordialidade, deixaram boa impressão ao público.

Essas qualidades aqui exibidas pelos bandoleiros foram, não há negar, devido à maneira porque, na situação em que nos encontrávamos, se portou o digno intendente Antão Corrêa, desenvolvendo fina diplomacia para conter os impulsos latentes que moram nos corações de gente de tal jaez. Não há exagero em se afirmar, e disso todos estão gratos e cientes, que a tranquilidade pública repousou na ação eficaz, ordenada e destemerosa do jovem prefeito que, por esse gesto, mais conquistou as simpatias dos capelenses.

Afrontar um bando aguerrido como o de Lampião, com quatro soldados, desmunciados, porque o complemento do mesmo tinha seguido para o sertão, dois dias antes, com o tenente Elesbão de Brito, seria um sacrifício inútil.

O Sr. Antão Corrêa embora sem a proteção da força, com as responsabilidades especiais do seu cargo político e administrativo, alvo principal das vistas tigrinas do bando trágico, sem saber a sorte que lhe aguardava, não atendeu a rogos de parentes sentimentais, não poupou sacrifícios para salvar a cidade de um saque provável, defender a honra da família capelense e seguiu, aventurosamente, para negociar com o celerado a paz de que tanto ansiávamos.

Porque fosse outro o Sr. Antão Corrêa, seguisse o exemplo de muito valiente que conhecemos, teria Sua Senhoria, após receber o convite de Lampião, sem saber das suas intenções, se metido no seu automóvel com a família e azulado por esse mundo afora, deixando a cidade entregue à sanha do audaz e facinoroso grupo.

—

Não podemos, também, deixar de elogiar a ação do cônego José Cabral, que muito nos auxiliou, impondo-se, pela sua correção moral e seus conselhos, no meio do bando de Lampião. Dois sequazes ao vê-lo, pediram-lhe a benção.

O cônego desejou-lhes regeneração. Eles sorriram.

—

Lampião mandou, por dois dos seus companheiros, buscar de automóvel o delegado, major Pedro Rocha, que, no momento de sua chegada, se achava na estação esperando o trem. Felicitou-o por conhecer mais um colega.

—

Gato foi jantar na Pensão Cabral. Interrogado pela proprietária sobre se era verdade não suportarem as mulheres, teve como resposta: – “Não gostamos das mulheres fuxiqueiras”.

—

Interrogado Lampião pelo autor destas notas se não pretendia deixar a vida que levava, teve como resposta: — “Qual moço, não há mais jeito. Deixe lá que a vida do cangaço é bem divertida”.

—

Ao Dr. Ozório Ribeiro disse Arvoredo que só tinha dois amigos: a Providência e o seu fuzil.

—

Conhecido diretor de importante repartição federal, que se encontrava na estação férrea, ao saber que Lampião tinha entrado na cidade, foi para a casa com as calças "pesadas", infeccionando as ruas, fazendo os transeuntes, raros, levarem o lenço ao nariz.

*Correio de Aracaju* (SE) – 29.11.1929

## O CANGAÇO DE LAMPIÃO

O cangaço, de que Lampião se fez hoje o melhor expoente, continua, nos infelizes estados do Nordeste, cada vez mais desenfreado. Talvez haja exagero nas notícias, mas, de qualquer modo, se sente aqui que quem tiver necessidade, presentemente, de transitar pelo estado de Sergipe, terá de usar das mesmas cautelas de que se cercam os viajantes europeus para atravessar certas zonas do Marrocos. O saque será inevitável! A população nordestina – outrora a rural, mas hoje também a urbana – desprovida de todos os meios de defesa, espera resignada os atos de pilhagem dos bandoleiros. As vítimas dão-se por muito felizes quando conseguem dos assaltantes a suprema graça de poupar-lhes a vida, entregando à horda dos salteadores, como presa de guerra, os seus mais preciosos haveres, produto de árduos labores, colhidos naquela terra periodicamente calcinada pelo látego de fogo das secas inclementes.

Está provado que o cangaço, como as bactérias, exige os seus focos de infecção para se manter. Nas zonas povoadas, prósperas, semeadas de escolas e providas de outros fatores de progresso; nas zonas, cujas populações não vivam corroídas pela maior miséria orgânica e moral e mergulhadas no mais grosseiro fanatismo, as ervas daninhas e venenosas desse gênero, se não chegam sequer a germinar, muito menos conseguirão criar profundas raízes e alastrar-se, conforme temos visto naqueles largos tratos de terras brasileiras, ora retalhados, já não diremos mais pela cavalhada amotinada, mas pelo automóvel resfolegante dos bandos rapaces. Precisamos, também, acentuar, que as populações, tal como descrevemos acima, quando entregues à sua própria sorte, tarde ou nunca se libertarão daquela situação só compreensível nos povos primitivos. Os seus melhores elementos, em virtude da própria lei de seleção natural, cedo emigrarão. Outros de imaginação doentia, à força de ouvirem falar, onde criança, nas aventuras dos bandoleiros, por eles se tornarão de admiração beata, quando poderiam tornar-se um eficiente fator econômico do seu torrão natal ao receber o batismo de sangue da maldita seita do cangaço.

Um apaixonado folclorista que se dedicasse ao estudo dessa praga, hoje quase inexpugnável, das nossas regiões nordestinas, encher-se-ia de admiração ao ver em todas as mansardas que percorresse nos altos cariris, o modo francamente emotivo, abeirando mesmo para a mitomania, porque são descritos os feitos de armas dos cangaceiros, mortos e vivos. Não há festa, não há agrupamento daquela gente rustica em que se não decantem nos desafios e "emboladas", as "gloriosas" façanhas dos cangaceiros, que por ali passaram, deixando, como foco de deletérias fermentações, o seu rastilho de sangue.

Em cada trova popular, em cada narrativa, tem sempre o cangaceiro um ramilho de louro para a sua coroa de herói. Dizem-no, invariavelmente, alvo das perseguições de um régulo qualquer que lhe arrebatou os haveres, raptou-lhe a esposa ou seduziu-lhe a filha. A justiça falhou ou ficou surda aos seus gritos de desespero e então o homem se transformou em fera, entrando irremediavelmente para o regímen do *homo homini lúpus*. Compete, pois, aos agentes tutelares do Estado, sanear, primeiro, esse ambiente irrespirável, porque, com a sucessiva penetração das rodovias e do rádio, a vida dos campos rapidamente se transformará e a "profissão" de bandido tornar-se-á das mais ingratas e por isso mesmo mais rara. Em um Estado nordestino forças volantes de policiamento das zonas perigosas fazem aplicação do rádio, libertando-se, destarte, da surpresa de se verem desprovidas de comunicações com as populações ameaçadas, pois que os bandoleiros têm o cuidado de evitar as indiscrições dos cabos telegráficos.

Precisamos estender até àqueles párias da civilização os últimos benefícios da ciência. Mas o que estamos vendo é justamente o contrário. Lampião, com seu estado-maior, repoltreado em seu automóvel, assiste à sessão de cinema quase nos arredores de Aracaju e promete visitar, quando "tiver tempo", aquela capital.

O Cangaço vai, como se vê, tornando-se um Estado dentro de outro Estado.

*A Gazeta* (SP) – 06.12.1929

## LAMPIÃO

O município de Capela, no estado de Sergipe, é habitado por uma população laboriosa, honesta e de inexcedível correção de proceder.

Tão ciosa de seu renome é a linda circunscrição territorial sergipana que um rapaz que dentro de suas lindes contrai certas ligações amorosas, dificilmente encontra noiva nas famílias modelares da terra.

Em festas arrojadas, que atraem milhares de pessoas, como a de Nossa Senhora da Purificação, não se vê na Capela um ébrio, nem se observa um conflito.

A índole do capelense é ótima, e leva-o sempre a ser um trabalhador esforçado.

Nos engenhos sitos no município até as moças do escol social se identificam com certas operações agrárias, que praticam sem repugnância, empregando nelas o maior esforço.

Entretanto, essas mesmas senhorinhas, possuidoras muitas vezes de elevado número de

apólices da dívida pública, títulos pelos quais o sergipano tem a maior predileção, se exibem na cidade com muito luxo e as provas mais decisivas de abastança.

Na tradicional unidade do Estado vizinho reina sempre a ordem mais notória, havendo louvável empenho pela causa pública.

A sua praça principal tem a forma de um hexágono e dentro dela se levanta um templo modesto e bem tratado. A cidade conta, há muitos anos, um hospital, possui um paço de intendência muito decente, mercado vastíssimo, cadeia, excelentes prédios particulares, estabelecimentos de ensino, fontes públicas, florescente comércio e indústria fabril incipiente.

É, portanto, uma das mais importantes do Estado, tendo uma população de cerca de 8.000 habitantes.

Surpreende, por conseguinte, que, assaltada por Virgulino Ferreira, seguido de um grupo de 12 asseclas, o tenha recebido entre ovações oriundas de uma parte da assistência do cinema, e chegado a permitir que o capitão dos bandoleiros, acompanhado do juiz de direito e do chefe político situacionista, passeasse orgulhosamente pelas ruas, fazendo-se em favor da choldra infamíssima uma coleta de dinheiro, que montou a 6 contos de réis.

Por mais infensos que sejam os capelenses ao espírito de violência, custa a crer em semelhantes fatos, constantes de uma carta inserta no *Correio da Pedra.*

Para ele se encontra uma explicação: os governos nordestinos e dos estados limítrofes tomaram o alvitre de desarmar os habitantes de nossa hinterlândia em momento inoportuno, quando sobre eles corvejava a mais sinistra das ameaças, representada por esse facínora de instintos diabólicos, tipo aparentemente bronco, de figura repulsiva, linguagem torpíssima, libidinagem caprina: Lampião.

Infelizmente um preconceito muito generalizado fez com que se visse no sertanejo, sem distinção de espécie alguma, um indivíduo fadado inelutavelmente ao crime, que, entretanto, prolifera no interior dos Estados, sob os estímulos dos magnatas das capitais, consoante tem sido sempre o nosso caso.

A polícia, por motivos que vem a peito esquadrinhar, não correspondeu, no caso de Lampião, às esperanças depositadas nela.

Mas, se os particulares tivessem elementos de resistência, que seria razoável conceder-lhes temporariamente sob certas cláusulas, já teriam debelado a quadrilha que há seis anos infelicita tantas localidades.

Para mostrar o acerto de nossas palavras basta lembrar que em Alagoas, na vigência da seca de 1977, o coronel Ulisses Luna extinguiu, sem auxílio do governo, o grupo numerosíssimo dos Calangros, e, posteriormente, o dos Guelas.

Também não foram policiais que deram frutuoso combate aos Canários e, não obstante, eles não prosseguiram em suas fainas.

Outro tanto ocorreria a respeito de Lampião, se os poderes públicos tivessem confiança no sertanejo.

Essa confiança teria preservado a Capela da humilhação a que se submeteu.

*Diário de Pernambuco* (PE) – 24.12.1929

## A GLÓRIA DE LAMPIÃO

O destino bafeja os malfeitores. É uma verdade um tanto perigosa, aí é que pode haver algum perigo nas verdades que se propalam depois que por si mesmas se tornam evidentes. A boa moral manda que se adiem certas revelações para o instante oportuno em que aproveitem à coletividade ou às partes interessadas. Não é este o caso da escandalosa proteção que a Previdência está dispensando ao famigerado Lampião, que há muitos anos vem assolando alguns Estados do Norte. O certo é que, se se tratasse de um benfeitor, de uma criatura da qual dependessem a tranquilidade e o sustento de milhares de pessoas, já a estas horas a morte o teria levado. Todos os dias, pacatos cidadãos, chefes de numerosa família, malgrado as mil cautelas de que se cercam nas grandes cidades, perdem a vida embaixo de um automóvel, num desastre ferroviário ou a um simples golpe de ar de que resultam os resfriados malignos. Entretanto, outra cousa não se faz senão proteger a vida dos que habitam grandes centros populosos. O governo despende somas vultosas com a manutenção de milícias bem organizadas, inspetores de veículos, bombeiros, polícia. Tudo se faz para poupar a vida dos habitantes e, no entanto, é abrir os jornais e ver a série de acidentes em que sucumbem dezenas de pessoas, velhos, moços e crianças. Ora, confronte-se tudo isso com os perigos a que se expõem Lampião e o seu bando sinistro. Sem ponto certo, sujeitos às vicissitudes de uma existência aventurosa, ao sol e à chuva, atravessando regiões inóspitas, perseguidos pela polícia de várias circunscrições, nada lhes acontece, absolutamente nada. Continuam a passar bem de saúde, muito obrigado... São de rija têmpera, não há dúvida, e não há mal que lhes entre. De vez em quando, enviam aos jornais, ou aos amigos da cidade, a fotografia em grupo, onde se destaca a figura ousada de Virgulino, vulgo "Lampião". Bandidos distintos, como se vê, bandidos que gostam de figurar em revistas e jornais, posando para a objetiva dos fotógrafos como quaisquer figurões da diplomacia, das letras e da política. Uma vez por outra, o chefe do bando, o temível cabranaz Virgulino, carteia-se com as autoridades e com outras pessoas de destaque no norte do país. Ainda aqui, esse bandoleiro se mostra cioso dos seus foros de grande homem, porque, digam o que disserem, Lampião se julga um grande homem. Querer é poder, afirma um velho conceito. Nestas condições, Lampião pode alguma cousa, pois ninguém contesta que ele quer ser notável, deseja o fastígio, a fama, o renome. E a verdade é que, em parte, lá a seu modo, conseguiu essa aspiração dominante. É um vitorioso dentro do seu ponto de vista. O telégrafo não cessa de ocupar-se de Lampião e ainda neste ponto ele se emparelha com as notabilidades mundiais. Como certas notabilidades, também o famigerado Virgulino ama os eclipses periódicos. Recolhe-se para concertar planos e estudar novas obras. Durante meses, e mesmo anos, os jornais não se ocupam dele e do seu bando. Quando, afinal, todos o julgam morto, pelo menos para os efeitos da publicidade ruidosa, eis que surgem notícias das incursões violentas, tropelias, chacinas praticadas pelo sertanejo implacável. De novo a sua projeção empolga as atenções do país. O telégrafo informa sobre o movimento de tropas que partem no encalço do terrível aventureiro. Passam-se dos dias, somam-se os meses e nada! Nem a sombra de Lampião é alcançada pelas forças que o perseguem por montes e vales, como quem rastreia as pegadas de uma fera traiçoeira e arisca. Que acontece por causa de tudo isso? Acontece uma coisa tão perigosa quanto a própria crueldade de Lampião, que prossegue na sua faina vandálica, depredando, tripudiando sobre a pobre gente dos sertões: a sua fama adquire laivos de superstição. A alma simples das caatingas começa a ver no homem temeroso contra o qual tem sido inútil a ação das autoridades, uma espécie de predestinado. E a lenda não tardará a apoderar-se dele,

transformando-o num mito arrepiador, indivíduo que tem pacto com o diabo, que tem o "corpo fechado" e dispõe de outros poderes sobrenaturais. Tudo isso está na índole sertaneja, que bem poucas modificações sofreu de Antônio Conselheiro até os nossos dias. O fanatismo é ainda o substrato dessas populações abandonadas ao tormento de sua imaginação. Antes de mais nada, é preciso ir dando combate a essa cousa monstruosa e incoercível que há de acrescentar o prestígio do grupo de bandidos que está inquietando as populações setentrionais – a glória de Lampião.

*A Gazeta* (SP) – 24.12.1929

## O PADRE CÍCERO E O BANDITISMO DO NORDESTE

Anderson Magalhães

De tempos em tempos, sempre que o país se agita numa questão política de interesse geral, o banditismo no Norte recrudesce. É o que está acontecendo ainda agora. Neste momento, Lampião, nos sertões de Sergipe e da Bahia, alarma as populações pacatas com os seus bandos sinistros.

O presidente João Pessoa, da Paraíba, entrevistado aqui sobre o assunto, declarou que os culpados principais pelo banditismo do Nordeste eram os governadores dos Estados encravados naquela região. Ele, João Pessoa, tinha querido pôr cobro a atividade dos bandoleiros, mas não havia encontrado quem o ajudasse nessa obra de patriotismo. Uma ação conjunta de vários chefes dos Estados, vem cujos territórios os criminosos de quando em quando se instalavam, era o único meio de acabar os salteadores; infelizmente, porém, nenhum dos governadores do Nordeste, além dele, interessava-se sinceramente pelo extermínio dos Lampiões *et caterva*.

O Sr. Juvenal Lamartine, do Rio Grande do Norte, imediatamente formulou o seu protesto e o jornalista Matos Ibiapina, numa interessante palestra com o *Correio da Manhã*, procurou defender o Sr. Matos Peixoto, do Ceará, cuja administração não tem sido perturbada, como fora a do seu antecessor, pelos assaltos dos bandidos à propriedade alheia.

A parte mais curiosa, porém, da entrevista do Sr. Matos Ibiapina é aquela em que ele se mostra disposto a repor a verdade sobre o padre Cícero. Esse sacerdote é visto pelo sul do país como um protetor de criminosos. Falando a esse respeito, disse aquele jornalista cearense: – "Devo esclarecer esse ponto. O patriarca de Juazeiro é o cidadão de maior prestígio pessoal deste país. Em todos os sertões do Nordeste, e até mesmo nos da Bahia, Goiás e Mato Grosso, a sua palavra é acatada como a de um oráculo, sendo de notar que onde ele tem mesmo força sobre os mesmos é no Ceará.

O modo porque conquistou as simpatias da população sertaneja é demasiado complexo para ser estudado em uma ligeira entrevista, mas o fundamento da enorme ascendência que aquele sacerdote exerce sobre a alma simples do sertanejo é a sua proverbial bondade.

O padre Cícero recebe, em Juazeiro, o bandido mais terrível, pelos mesmos motivos porque acolhe o político perseguido ou a decaída que recorre a seus conselhos.

Vou citar-lhe um fato, que esclarece a mentalidade do fanático e fanatizador de Juazeiro.

Estávamos o padre Cícero, o ex-presidente desembargador Moreira e eu, em Juazeiro, e, provocada por mim, a palestra se orientou sobre a maneira de combater o banditismo.

O padre, que é um grande *causer*, tomou a palavra e começou a discorrer sobre o problema.

De entrada, manifestou a sua divergência dos pontos de vista dos governos.

Disse que os mais célebres bandidos eram vítimas das injustiças ambientes.

Geralmente, o seu primeiro crime era um ato de reação contra violências das polícias ou dos elementos políticos protegidos pelos governos.

Vendo inúteis os seus esforços para obter reparação dentro da lei, eles, porque eram fortes resolviam fazer justiça por suas mãos.

Praticado o primeiro crime, tudo o mais era consequência do movimento inicial.

Perseguidos, eles reagiam, a princípio individualmente e depois reunidos em grupo.

Os roubos, os assassínios, que se sucediam a esse passo, eram impostos pelas necessidades de defesa.

Eles são vítimas do meio.

E acrescentava:

"Quando eles me procuram nas suas aperturas, eu os mando para Goiás, recomendando-os a amigos que ali possuo. Ao abrigo das perseguições policiais, os bandoleiros compreendem que a vida honesta é menos trabalhosa e dedicam-se à profissão de criadores, logrando, frequentemente, fazer fortuna".

Nessas palavras do padre Cícero está a psicologia do banditismo nordestino.

*A República* (PR) – 24.01.1930

## "O CANGAÇO É UM PROBLEMA SOCIAL E NÃO UM CASO DE POLÍCIA" ASSIM PENSA UM POLÍTICO NORTISTA

O deputado Antônio Bento de Araújo, autor de alguns ensaios cuidadosos sobre as condições sociais das populações e do trabalho nas regiões do Nordeste, concedeu à Agência Brasileira uma interessante entrevista sobre a repressão policial ao banditismo, cujo representante mais célebre e mais danoso é atualmente Lampião, que ainda em vida já tem o seu nome ligado a inúmeras canções sertanejas.

O deputado Araújo Lima encara a questão do ponto de vista sociológico. Diz ele:

– É erro fundamental fazer-se da repressão ao cangaceirismo um caso exclusivo de polícia. Caça-se o bando de cangaceiros a tiros de fuzil-máuser: morre um ou outro, dois ou três são agarrados, julgados e condenados a 30 anos de prisão celular – e está resolvido o problema. É evidente que essa solução simplista não é somente ineficaz como também desumana, a exemplo do caso de Canudos. Mas, desde Canudos até hoje, os processos não mudaram. Como a gente do cangaço está preliminarmente fora da lei, a caçada policial é considerada o remédio legal contra a "praga do cangaceirismo". Não se procura saber da natureza do fenômeno nem da maneira por que ele se processa socialmente. Ninguém estuda esse fenômeno, que é apenas combatido do ponto de vista puramente individual, como constituindo um delito à parte, para o qual parece resolvido que não basta a simples sanção da lei penal...

### As Causas do Cangaço

– Entendo eu – prosseguiu o Sr. Araújo Lima – que a guerra policial ao cangaceiro, como é praticada, não constitui de modo nenhum o remédio melhor indicado contra esse mal dos sertões. Um fenômeno social dessa natureza, decorrente da própria estrutura econômico-política regional e diretamente ligado ao seu processo de desenvolvimento social, não deve ser considerado simples caso de polícia. Não será pela violência que se poderá exterminar o cangaço. Só um método de transformação social poderá fazê-lo desaparecer. Mais do que se imagina, o cangaço está ligado à terra, ao regímen da propriedade existente, à luta pela posse da terra, etc. Ao verificarem-se as condições de ordem objetiva da eclosão do fenômeno, vê-se que há duas espécies de cangaceiros: os que o são por consequência de questões de terra, da qual se viram esbulhados, e os que se formaram dentro das próprias fazendas dos grandes proprietários rurais do sertão, frequentemente chefes municipais de influência nos partidos políticos oficiais. Até nas brigas tradicionais entre duas famílias, terminando muitas vezes em guerra de cangaço, o móvel inicial do conflito é em regra a luta pela posse da terra.

Até há pouco, certas fazendas nordestinas eram autênticos viveiros de formação e treinamento de bandidos, exercitados militarmente em verdadeiros arsenais ali existentes, tornados atiradores temíveis, de uma precisão de pontaria quase científica, como é o caso de Lampião e outros cangaceiros graduados.

Essas milícias do crime viviam agregadas às fazendas de alguns chefes e protetores de cangaceiros, cujos serviços eram explorados nessas "diligências" de que os encarregavam e a que Lampião ainda agora aludia pitorescamente.

### Os Cangaceiros e os Protetores do Cangaço

Quando, em 1927, Lampião atacou a cidade de Mossoró – onde não existem cangaceiros – um dos seus homens, preso pela polícia do Estado, confessou que fora o político cearense Isaias Arruda, do Cariri, o inspirador e organizador da "expedição" contra Mossoró. O próprio Isaias Arruda havia traçado o plano estratégico da marcha através do Rio Grande do Norte, dizendo a Lampião: "Se Massilon, atacando Apodi com vinte homens, "arranjou" quarenta contos, você com cinquenta "cabras" decididos arranjará em Mossoró quatrocentos contos. Depois você volta pra cá, e nós dividiremos os 'lucros' pela metade."

Ora, o ataque de Mossoró se fez realmente segundo o plano traçado por Arruda, estando todo o grupo de cangaceiros dirigido por Lampião bem armado com carabinas do Exército que, tempos antes, tinham sido entregues no Ceará ao falecido Floro Bartolomeu para o combate aos revolucionários da Coluna Prestes...

Na fazenda onde vive, o cangaceiro goza de regalias especiais. Não trabalha em certos dias da semana, escapando ao regime de quase servidão, comum a uma grande parte dos sertões. Não é portanto um proletário rural. A sua vida de quase parasitismo lhe dá o gosto pelos encargos aventurosos e cheios de lances dramáticos.

Junta-se a essas condições de ordem objetiva a simpatia popular, essa irresistível fatalidade psicológica e sentimental com que o homem nordestino encara a vida do cangaço, determinado pela luta de classes, condições de vida, de trabalho, salários, etc. Esse estado do espirito coletivo é favorável ao cangaceiro, é demonstrado pelo caso de Lampião, cuja sangrenta nomeada já atingiu feição mitológica. A famosa toada de guerra de Lampião é cantada em todo o Nordeste. Nesse coco guerreiro, as proezas do grande cangaceiro são celebradas em ambiente sempre lendário. Um jovem sertanejo pede à mãe que lhe dê dinheiro para comprar uma cartucheira cheia de balas porque:

*A melhor vida do mundo*
*É andar mais Lampião!*

Assim concluiu o deputado Antônio Bento de Araújo Lima:

– Por tudo isso, o combate ao cangaceirismo não pode ser resolvido como simples caso policial. Nem o cangaceirismo pode ser motivo de vergonha para esta região brasileira, como se publica geralmente sem conhecimento de causa. A China não se sente coberta de opróbrio porque lá vivem a militar numerosos grupos de bandidos, nem as grande Nações ocidentais se consideram bárbaras porque, arrastadas no seu imperialismo à disputa dos mercados coloniais, bombardeiam cidades abertas... O cangaceirismo é um fenômeno social, cuja extinção depende de outros processos que não a caçada dos cangaceiros à bala.

*Correio da Manhã* (RJ) – 26.01.1930

## TODAS AS MANHÃS

Hermes Lima

Lampião, em São Paulo, foi até agora pretexto para que o gênio artístico de Piolin criasse duas farsas admiráveis – e o bandido, no seu ajuste de contas com a justiça divina, pode alegar este serviço para atenuar as suas culpas. Os jornais do Norte trazem frequentemente notícias interessantes acerca do "Capitão Virgulino".

Os seus expedientes táticos são pitorescos. Para dar a impressão que o seu bando não diminui, que todos nele têm o corpo fechado a bala, todo cabra desaparecido ou morto, ele o substitui por outro com o mesmo nome antigo de guerra. Sua experiência do cangaço dura há 14 anos e certa vez deixou carta para um inimigo, avisando que o mataria nem "que lhe encontre rezando", acentuava.

A polícia baiana apreendeu como troféu de combate um livro oferecido a Lampião, em Capela, cidade sergipana, de três ou quatro mil almas, que ocupou e dominou durante um dia inteiro, acompanhado apenas de dois cabras.

O livro é uma *Vida de Jesus*, de White. Traz a seguinte dedicatória: "Ao intrépido forasteiro Capitão Virgulino Ferreira, vulgo Lampião, com um abraço do amigo Jackson Alves". De tão longe é impossível dizer se foi o medo ou a blague que inspirou a Jackson Alves a curiosa lembrança da oferta. Porque o medo tem formas deliciosas de expressão. No sertão da Bahia, é muito conhecida a história de certo maioral que, surpreendido com a visita de outro Lampião, o tratou tão bem que, depois do jantar, como insistisse para que o seu hóspede repetisse o café e ele recusasse, lançou mão deste argumento de gentileza convincente:

– Pode tomar. Tome que foi nossa mulher quem fez!

*Correio Paulistano* – 01.02.1930

## O GOVERNO E O "LAMPIÃO"

Milanes Filho

Enquanto a fantasmagoria da "política" dos governadores "concentristas" se exercita, com uma fertilidade de pasmar, na forjadura de conspirações contra a "legalidade" de que o presidente da República é árbitro supremo, o felizardo "Lampião", com o divertido bando que lhe segue as ordens, fez valer, no norte do País, o prestígio da sua autoridade.

Ainda na recente passagem pela Vila de Queimadas – segundo anunciam os telegramas – depois de extorquir à desventurada população os parcos recursos que a rudeza dos elementos lhe permitiu reunir, ordenou aquele "Chefe" o trucidamento de sete dos oito homens que constituíam a polícia da localidade. Após mais alguns cometimentos de igual jaez, retirou-se, triunfante, o dominador dos sertões nordestinos, rumo a outros povoados que, como Queimadas, terão de render o seu tributo de suor e sangue à desídia dos responsáveis pela verdadeira ordem desta República de mentira.

Entrementes, o Sr. ministro da Guerra, desobrigando-se da sua patriótica missão de superintendente da defesa nacional, concerta planos de captura e imagina suplícios, os mais atrozes, para os participantes das últimas revoluções – esses truculentos inimigos da lei, que não foram seus corréus simplesmente pelo capricho do tempo em distanciar o movimento de 93e os ocorridos de 22 para cá... Os correspondentes eleitorais do Sr. Washington Luís trombeteiam, aos quatro ventos, a iminente intervenção federal nos Estados proscritos da graça oficial e a Nação geme, sob o peso da crise tremenda que ameaça devorar as últimas reservas do seu crédito externo, abalado, nos alicerces, pela praxe deprimente de pagarmos empréstimos com empréstimos e pelo regime imoral de ficção econômica, sob cujo império vivemos.

Por que o Sr. presidente, ao invés de aprofundar cada vez mais o abismo cavado entre o Governo e o povo com a sua despótica intromissão nas cousas da política, não lança olhar humano à sorte dos nossos sertanejos? Por que, em lugar de alimentar a chama iconoclasta de ódio entre irmãos, não intervém – com sobrada razão – nas circunscrições onde, por impotência ou desinteresse dos governantes, os bens e a própria vida de patrícios nossos estão à mercê de grupos de salteadores como o de "Lampião"?

Experimente, Sua Excelência, e verá não ser mais venturoso incentivar o mal, do que semear o bem...

*Estado do Rio Grande* (RS) – 05.02.1930

## PRA TIRAR RAÇA

Leonardo Motta

Sempre que o coração de Lampião se abrandava num gesto compassivo, Sabino Gomes, seu lugar-tenente, resmungava, contrariado. Quando foi, por exemplo, da ocupação da cidade cearense de Limoeiro, Lampião rendeu-se às súplicas do vigário local para não saquear as casas de comércio. Sabino, este, irritado, mandava o padre rezar e cuidar da igreja, não se metendo em coisas que não eram de sua conta.

Sabino foi morto pelo próprio Lampião, que sempre o temeu e se tornou cobiçoso do cinquenta e tantos contos, que ele trazia sob a cartucheira.

– *Antes que ele me queira jantar, eu o almoço*! Decidiu Lampião, suspeitoso de que Sabino, mais hoje, mais amanhã, o abatesse com um tiro para se apoderar da centena de *pacotes* que também ele, Virgulino, acarinhava de encontro à cinta.

Uma das preocupações de Sabino, na vida de crimes a que se entregou, era vingar a morte dum seu irmão, o Gregório, rapaz pacato e benquisto, morto numa emboscada pelo Zé Favela. Nunca se pôde saber a causa desse assassínio.

Um dia, casualmente chegando a uma fazenda, Sabino e seus camaradas encontraram o Zé Favela desarmado. Reconhecê-lo e arrastá-lo para o terreiro, a fim de ser sangrado, foram coisas simultâneas. Antes, porém, que a vingança se consumasse, a dona da casa implorou do sicário, com um crucifixo à mão:

– *Seu Sabino, lhe pelo por esta image: não mate o home! É o premero pedido que lhe*

*faço e se alembre que o senhor nunca chegou nesta casa que não tivesse comidoria e arrancho, e a gente não lhe ensinasse o roteiro da poliça! Me faça isso, seu Sabino: não mate o home!*

Sabino quedou um instante e falou pro Zé Favela:

*– Cabra tu vai me dizer uma coisa: por que foi que tu matou meu irmão?*

Zé Favela, sobranceiro como um nobre condenado que altivamente aguardasse a morte, respondeu, sem pestanejar:

*– Seu Sabino eu matei seu irmão, enganado.*

*– Enganado como, cabra mentiroso?*

*– Cabra mentiroso não, seu Sabino! Eu matei seu irmão, enganado! Matei ele, enganado, porque EU IA MATAR ERA O SENHOR!*

A confissão era verdadeira, mas brutal. Os companheiros de Sabino sentiram que o Favela não seria poupado. Mas o interrogatório prosseguia:

*– Me matar por que, cabra, se eu nunca te fiz mal?*

*– Eu ia matar o senhor pra ganhar cinquenta mil réis do Joaquim Manduca, que mora na "Boa Esperança".*

De novo a mulher implorou:

*– Seu Sabino, lhe vem uma raiva em caminho e o senhor faz é matar este home numa vorta de estrada. Seu Sabino, me atenda, seu Sabino...*

*– Ora, larguemo de mamonzada! Aborreceu-se o próprio Zé Favela, em favor de quem eram os rogos da dona da casa. - O home só morre quando a hora é chegada. Quem morre de véspera é porco ou peru. Vambora, seu Sabino!*

E saiu, resoluto, a guiar o grupo de cangaceiros.

Quando avistavam a "Boa Esperança" Zé Favela pediu:

*– Seu Sabino, me dê um rifle que o SERVIÇO no Joaquim Manduca quem faz sou eu. Se o senhor me aceita, eu entro na vida da espingarda debaixo de suas orde. Lhe prometo não lhe fazer vergonha, porque eu cá sou um cabra ditriminado e tanto me faz morrer hoje como na semana que vem!*

Sabino esteve a refletir por momentos e logo, com firmeza:

*– Não! eu não posso me esquecer nunca que foi você que matou meu irmão. Mas lhe perdoo. Lhe perdoo! Agora, puxe por ali! Volte para traz e depressa se não quer que me arrependa!*

Zé Favela rodou nos calcanhares.

E aos seus cabras, estupefatos ante aquele gesto de clemência. Sabino explicou, acendendo um cigarro:

*– Eu não perdoei este peste, devido ao diabo de rogativos da mulher, não! Perdoei, porque ele teve a coragem de me dizer a verdade. Cabra macho de todos os seiscentos: tudo quanto era de faca fora das bainhas, ele me disse, de cara e sem tremer o beiço, que matou meu irmão, enganado – ia matar era a mim! Numa apertada hora daquelas, pra um home me dizer o que esse cabra me disse, precisa não saber que diabo é medo...*

E soltando uma baforada do cigarro:

*– Um cabra destes não se mata! Deixa isso viver, pra tirar raça*!

*Vida Capixaba* (ES) – 13.02.1930

## O NOVO ALIADO

"Temos de nos adaptar à civilização. Ou progredimos ou desaparecemos". Nossos destinos estão delineados nesta alternativa contundente, visionada pelo mágico plasmador dos "Sertões". É a hora das revelações extremas, hora crepuscular em que as máscaras são atiradas ao longe, como despojos inúteis... O cidadão Virgulino Ferreira, celebrizado em centenas de feitos sangrentos, cujo monumento de glória é constituído de pequeninas cruzes, singelas e toscas, pontilhando ao longo dos caminhos, a perder de vista, acaba de ingressar nas hostes remanescentes da extinta Aliança Liberal. Irmanado aos princípios do liberalismo ululante, Lampião, sustentáculo do consulado bernardesco, perseguidor implacável da Coluna Prestes, representa para a "causa" um valiosíssimo contingente, fruto da catequese sinuosa do vil Antônio Carlos e das arremetidas epileptiformes do furioso João Pessoa. No fundo, o chefe de bandidos, o criminoso fora da lei e o presidente de Estado, antecedido de um tirocínio jurídico, guardam entre si, íntimas, indestrutíveis afinidades raciais. Na mente bronca do cangaceiro tumultuam traços de uma hedionda perversidade, imutável, inacessível como a sombra secular de uma fatalidade atávica, laivos de uma ingenuidade primitiva a par de rasgos de cavalheirismo medieval. E uma inquebrantável noção de lealdade. Transplantado para a paragem da vida civilizada, o cangaceiro conserva latentes os instintos de ferocidade e de rapina, abdicando os derradeiros sentimentos de lealdade. É o caso de Epitácio; é o caso do truculento João Pessoa. E ato monstruoso, esse que entrega ao arbítrio de Lampião as cidades do interior paraibano. Terra martirizada pelo ciclo implacável da seca, na alma de seu povo habita uma linda, maravilhosa e enganadora miragem... Redimir o solo sofredor do peso de uma maldição milenária. "Pequenina e heroica Paraíba!" A nação guarda uma dívida de séculos. Já é tempo de saldá-la. Oprimida, vilipendiada, exaurida, possuis ainda reservas infinitas do heroísmo sagrado de teus heróis. O cangaceiro João Pessoa e o político Lampião sentem a proximidade de um final inglório. Saqueiam cidades indefesas, trucidam mulheres e crianças. Desbaratados, em três ou quatro combates, reportam-se à guerra de palavras, em que os projeteis são adjetivos tonitruantes. Princesa, a invicta, inacessível para as hordas famintas e indisciplinadas de teus inimigos, oh "pequenina e heroica Paraíba"" irradiará, em breve, a nova triunfal de tua redenção"! Um novo ciclo se iniciará para o teu povo, uma era de trabalho fecundo e de realização miraculosas, em que uma linda e enganadora miragem será a mais esplendorosa das realidades.

*Crítica* (RJ) – 02.04.1930

## LAMPIÃO É MELHOR...

Se outras razões fossem necessárias (e elas são sem conta), para a definitiva execração do governo, que aí está, governo autor dos maiores crimes contra a integridade da Federação e a vida da República, bastaria que se apontassem simplesmente as inomináveis violências de que estão sendo vítimas os gloriosos estados liberais de Minas e da Paraíba.

Ao analisarmos toda essa sorte de ilegalidades delituosas com que o Sr. Washington pretende "provar" ao país a sua "força" e o seu "prestígio", ficamos a procurar, através das páginas de nossa história política, desde o tempo do Brasil colônia, quem se lhe pareça na prática de violências tamanhas.

Nada. Ninguém que se assemelhe a tão arbitrário "senhor".

Mesmo ao rebuscar os arquivos da criminologia brasileira vemo-nos em sérios embaraços para achar um delinquente de tantas e tão diferentes infrações aos códigos e às leis vigentes, que tanto haja atentado contra os direitos de outrem.

Entre os contemporâneos parece-nos, a princípio, encontrar o "sócio" percorrendo as caatingas do Nordeste...

– Virgulino Ferreira, esse famoso e famigerado "Lampião", cuja sinistra atividade vem sendo, de há muito, garantida pelas oligarquias reinantes de alguns Estados "conservadores".

Mas, feito o confronto, somos obrigados a entrar na segunda série de considerações:

– "Lampião", com a complacência e, quiçá, instigado pelas figuras mais destacadas do "bando dos 17, invade povoados perdidos no *hinterland* brasileiro, rouba, mata e estropia.

É, porém, nas suas tropelias, apenas um bandido vulgar.

Tem ele sobre os homens que degradam o regímen e enodam a nossa civilização, a vantagem de agir, direta e pessoalmente, contra as suas vítimas, jogando, portanto, a vida, no indigno mister a que se votou.

O Sr. Washington Luís Pereira de Souza, o homem que a Nação suporta há quase quatro anos, age de modo diferente, se bem que as finalidades dos delitos de ambos seja a mesma: – a satisfação de personalíssimas ambições.

Ambos procuram dominar suas vítimas pelo terror.

Aquele, não dispondo de maiores recursos para a prática de suas atrocidades, limita-se a operar dentro de uma pequena zona do território nacional.

Este pratica as suas violências dentro dos largos limites dos Estados Unidos do Brasil.

"Lampião", à frente de algumas dezenas de cangaceiros, e, como acima dissemos, rouba, mata e estropia.

Sua Excelência, o César botocudo, secundado, coadjuvado pelos sobas locais, nos Estados da "Conservação", amparado por magistrados sem escrúpulos e pela fina flor da malandragem e do cangaceirismo, assalta seções eleitorais, rouba votos, refalsa eleições, mata e estropia eleitores independentes.

E, não satisfeito da obra façanhuda dos seus acólitos, arma novos grupos de bandoleiros, municia facínoras da pior espécie, conspira contra a vida da República, perturba a vida e o trabalho de Estados ordeiros e progressistas, forjica a deposição de seus governadores, criando, para o país, uma situação absolutamente intolerável e francamente revolucionária.

Felizmente, para o Brasil, uma tenaz resistência se opõe aos desmandos do déspota.

É a que, contra as arremetidas iracundas e vingativas do megalômano ocupante do Catete, oferecem os responsáveis pela autonomia e dignidade dos Estados confiados à sua guarda.

Diante dessa resistência, o *valiente* se acobarda, recua e tenta novos golpes, à traição, na tocaia.

Faça-se o confronto e ver-se-á se "Lampião" não é melhor...

(Ext. do *Diário Carioca*).

*O Combate* (MA) – 05.05.1930

**LAMPIÃO, O FORTE!...**

Vai para alguns dias, os jornais andaram noticiando as últimas façanhas do famigerado Lampião, cujo nome se tornou, em toda a vasta extensão do nordeste brasileiro, um símbolo de terror.

O temível bandoleiro, penetrando, com a sua gente desumana e carniceira, o território da Bahia, invadiu povoações, depredou, saqueou, matou e desonrou, com a mesma sem-cerimônia que sempre preside os seus atos de miserável.

E isto vem há anos.

Lampião, que um golpe de energia decisiva já poderia ter reduzido ao silêncio, tomou conta dos sertões brasileiros nordestinos, onde todos se acostumaram a temê-lo e humilhar-se, diante da sua arrogância ilimitada de criminoso.

Ele não e, entretanto, mais do que a dolorosa consequência da inércia dos poderes públicos, que o tem deixado na mais completa e reprovável impunidade, quando já o poderiam ter conduzido ao cárcere merecido.

A insegurança das populações, a chacina aviltante para os nossos créditos de gente civilizada, a teimosia repugnante do sicário ignorante, não são mais do que a triste resultante do desleixo hediondo dos governos, que menosprezam, sempre, o zelo pelos interesses vitais da Nação, que nenhum caso liga ao cumprimento do dever, por causa da preocupação mesquinha da politicagem de disse não disse, que os agrilhoa como um vício corrosivo.

Quisessem os homens de poder por um instante, ao menos, reconsiderar o desvio de atitudes e tomar a sério as obrigações a cumprir, e a figura ameaçadora de Lampião teria há muito desaparecido dos nossos sertões, reconduzidos à paz laboriosa e fecunda.

Mas o Brasil é assim mesmo...

E talvez o predomínio de Virgulino resista ainda por muito tempo, apavorando populações e populações.

Talvez mesmo ele se estenda a campos mais vastos, ao extremo norte, por exemplo, que pela falta de recursos é um céu aberto para a prática do bandoleirismo.

Tudo depende da boa vontade dos governos, que é sempre ampla e camarada para os facínoras da espécie de Lampião, tão ampla e tão camarada que não hesita em levar às poltronas do Congresso os próceres do cangaço, e não hesita em oferecer a barreira dos seus exércitos a quem ousa exterminar a gente facinorosa...

Queira Lampião e ainda poderá ser o dono do Brasil...

É uma questão de jeito...

*O Imparcial* (MA) – 06.06.1930

## ORIENTAÇÃO E PRÁTICA DA POLÍCIA NA BAHIA

Hermes Lima

Versando a "Orientação e Prática da Polícia na Bahia", o doutor Madureira de Pinho, secretário da Polícia e Segurança Pública daquele Estado, escreveu o seu relatório de 1929, que constitui uma preciosa fonte de informações sobre os trabalhos realizados na Secretaria que dirige.

O Dr. Madureira de Pinho é uma inteligência de primeira ordem, um criminalista reputado, com qualidades marcantes de brilho e agilidade mental.

Há no seu relatório alguma cousa mais do que a simples informação burocrática. Há interesse pelas questões estudadas, pelos problemas resolvidos, a alta preocupação administrativa de organizar serviços públicos que preenchem os seus fins e principalmente um desejo claro de acertar para melhor. Sente-se que o interesse público domina o administrador e lhe comunica ânimo para levar ao cabo a sua tarefa.

"Lampião" constitui hoje em dia um capítulo obrigatório da atividade policial de vários Estados nortistas. O Dr. Madureira de Pinho conta a verdadeira caça que a polícia baiana tem dado ao bandido, sem lograr, entretanto, capturá-lo. Ele sabe onde estão as malhas da rede e até agora sempre conseguiu fugir ao tiro e ao cerco dos soldados.

E, à medida que Lampião vai vivendo e resistindo, a sua lenda cresce, cheia de lances sanguinários e pitorescos. Uma cousa, entretanto, acho interessante nesses cangaceiros nordestinos. Eles não são figuras românticas de salteadores que se comovem e lamentam, desperdiçando atos de uma generosidade sentimental e lírica.

São bandidos e não mais como um leão é leão e um tigre, um tigre, há uma constância admirável na ferocidade desses grandes bichos, como na ação diuturna do cangaceiro está sempre presente e viva a sua violência espontânea, gratuita e primitiva.

Daí naturalmente é que vem esses animais e homens ferozes o instinto vigilante de conservação e defesa que os leva a suspeitar do inimigo disfarçado ou escondido.

Quando no começo deste ano passei uma semana no Norte, contaram-me um caso curioso de "Lampião".

Certo soldado se propôs liquidar o bandoleiro e para isso resolveu incorporar-se ao grupo dos malfeitores.

Um dia, encontra-os e apresenta-se a "Lampião". Este o escuta e depois diz:

– Está tudo muito bem. Quero ver se você tem coragem. Deita aí no chão de barriga pra baixo que eu vou te meter uma bala na cabeça.

O caboclo nem sequer pestanejou para cumprir a ordem. E logo a seguir, "Lampião" vara-lhe os miolos com um tiro.

Esta história pode não ser verdadeira, mas a imaginação popular a inventou certamente para retratar a psicologia do bandido. Dele não se contam rasgos de generosidade. É o tipo de mau.

O Dr. Madureira de Pinho merece ainda louvor pela coragem de dizer a verdade sobre "Lampião" não procurando esconder o trabalho que ele tem dado e as graves perturbações que tem causado. Em escala menor, ele praticou nesse relatório o que Mussolini fez, há dois anos, num formoso discurso em que relatou a atividade tenebrosa da "máfia", pois o governo não

tem que subtrair os problemas ao conhecimento público, mas simplesmente expô-los como eles são e dizer: estamos fazendo isso e aquilo para liquidar esse assunto.

Mas a organização técnica da polícia baiana mereceu ainda do Dr. Madureira de Pinho não só os cuidados de um administrador esclarecido, como as sugestões necessárias ao seu aperfeiçoamento. Sua obra na reorganização da Penitenciária do Estado é, sem nenhum favor, louvável.

Instituindo a polícia de carreira, prestou um grande serviço à coletividade baiana. Não era de esperar outra cousa de um homem dotado de requisitos invulgares de talento e atividade e que fez a sua prova de administrador com honra e brilho para seu nome.

*Correio Paulistano* (SP) – 23.07.1930

## VIVO SIM. MORTO É QUE NÃO

Antônio Vasconcelos

São assim os nossos homens públicos, na sua grande maioria.

Leigos das próprias atribuições, andam sempre metendo os pés pelas mãos e praticando, com uma inconsciência de pasmar, as piores gafes do mundo.

Ainda agora, o governador interino da Bahia está a fazer uma de cabo de esquadra.

Naturalmente cuidando que resolveu o problema gravíssimo do cangaço no Nordeste, Sua Excelência manda gritar aos quatro ventos que dará cinquenta contos a quem lhe entregar vivo ou morto, o famigerado Lampião.

O governador da Bahia ignora, com certeza, que para apanhar vivo o precioso Virgulino poderá dar quantos contos quiser, mas morto, nem por um tostão lhe assiste o direito de ir arrancá-lo aos sertões por onde passeia o terror lendário da sua figura.

Sua Excelência cuidou que podia fazer, no Brasil, tal como se faz nos Estados Unidos e de certo viu nos cinemas, sem se lembrar de que, entre as nossas leis, não há nenhuma que autorize a matar quem quer que seja.

Lampião é tudo quanto há de mais nocivo à tranquilidade pública e constitui uma inqualificável afronta aos nossos brios.

Temos o dever de coibir os seus arrojos, de reduzi-lo à inatividade e castigá-lo com a maior severidade.

De forma alguma, entretanto, poderemos decretar a sua morte, sem a realidade flagrante e injustificável do crime.

As forças dos governos, por isto ou por aquilo, são impotentes para deter na sua marcha degradante o sanguinário corredor dos sertões, que há anos assola cidades e vilas, zombando dos que improficuamente o perseguem.

Vamos então incentivar a sua captura, com a promessa de um prêmio compensador.

Mas fiquemos no limite da lei e não nos adiantemos até ao erro grave de exigi-lo vivo ou

morto, porque isso seria penetrar nos domínios do crime generalizado, uma vez que os nossos códigos não nos permitem, salvo em restritas circunstâncias muito especiais, lançar mão da vida do semelhante, que é sagrada.

O chefe atual do governo baiano, portanto, errou, ao mesmo tempo mostrando que em matéria de leis está, mais ou menos nu e cru...

Mas tem ainda, talvez, tempo de emendar o erro grave, para que amanhã não lhe doa a consciência, amargamente, pelo fato de haver punido um crime com outro crime.

*O Imparcial* (MA) – 29.08.1930

## À CAÇA DO LAMPIÃO

Medeiros e Albuquerque

A polícia da Bahia pôs a prêmio a captura de Lampião. Um jornal do Rio de Janeiro gracejou com o fato, censurando-o.

Não parece, entretanto, que tenha razão.

O método de pôr a prêmio a captura de criminosos não é, como dizia esse jornal, uma cousa do passado, que prova a incapacidade das autoridades legais, forçadas a recorrer à iniciativa particular.

O método é ainda hoje universal.

Não é raro, entrando-se em estações do correio nos Estados Unidos, encontrar editais com o retrato de criminosos e a promessa de prêmios para a sua prisão. E esses prêmios não são para desdenhar.

Assim, em 1923, houve um crime em que morreram 4 homens. Quando a polícia pôde descobrir quais tinham sido os assassinos, prometeu 15.000 dólares pela captura deles. Quinze mil dólares, ao câmbio atual, mais ou menos de 10$000 por dólar, representam 150 contos.

Agora mesmo, na Inglaterra, um cobrador de banco, William Thomas Andrews, foi assassinado por dois malfeitores. A polícia conseguiu determinar quais eles eram; mas não os pôde prender por algum tempo. Imediatamente mandou publicar editais, oferecendo 30 libras por conta dela e 100 por conta dos patrões do assassinado, a quem descobrir os bandidos.

Trata-se, entretanto, de policias admiravelmente bem aparelhadas, que são célebres no mundo pela eficácia dos seus métodos.

Ashton-Wolfe, um escritor de cousas policiais, diz no seu excelente livro *The Forgotten Clue* que a carta anônima, de denúncia, é um recurso normal das polícias: elas são recebidas às dúzias, todos os dias. A polícia não apreenderia muitos criminosos se não lhes seguisse as indicações.

É verdade que os que escrevem cartas anônimas lançam, às vezes, mão desse recurso para satisfazer vinganças, com falsas denúncias. Mas a polícia não acredita cegamente no que lhe dizem as cartas anônimas; toma-as, às vezes, como base de investigações.

Aliás, é bom não esquecer que, tratando-se da captura de criminosos, todos têm obrigação de ajuda-la. Não é favor: é dever.

O que há de mais irritante na prolongada impunidade de Lampião é que ele nem ao menos é como esses bandidos lendários, que se constituem defensores dos oprimidos e atacam os ricos para fazer bem aos pobres.

Lampião é, além do mais, um criminoso sádico.

É bem uma prova disso o que ele fez, certa ocasião, em que penetrou por surpresa em uma pequena localidade do interior. Havia nela uma casa iluminada, em que se dava um baile, para festejar um casamento que se efetuara nesse dia.

Lampião e o seus homens apareceram de repente diante da casa e intimaram todos os que dançavam, homens e mulheres, a se despir e a continuar a dançar, nus. Obedecido, divertiu-se algum tempo com esse espetáculo. Depois, entrando na sala, tomou a noiva e com ela trancou-se no quarto nupcial... Todas as demais pessoas foram intimadas a continuar a dançar, sob a guarda vigilante dos outros bandidos, cujas carabinas diziam bem, como reprimiriam qualquer tentativa de revolta.

Contra a continuação do bandido que faz tais crimes tudo o que se fizer é bem feito.

*A Gazeta* (SP) – 03.09.1930

## O INVENCÍVEL BANDIDO DO NORDESTE

### A Impunidade de Lampião Depõe Contra a Civilização Brasileira

Despoticamente, Lampião continua o seu domínio em grande parte do norte e nordeste do Brasil. Domínio trágico, ensanguentado, vergonhoso. Não há nele o traço do guerrilheiro acaudilhando uma causa, ou um partido, ou um grupo. Não há nele, mesmo, as características do banditismo clássico que se tornou lendário em diversas regiões da Itália e que a vontade, o pulso e a decisão de Mussolini extirpou. Não há nele semelhanças notáveis como o cangaceirismo eivado de fanatismo que Euclides da Cunha descreveu nas páginas maravilhosas do seu *Sertões* ao focalizar a individualidade de Antônio Conselheiro. Em todos os outros relampeja, por entre as trevas do crime e da perversidade, aqui e ali o clarão de um sentimento ou de uma generosidade, de um heroísmo ou de um ato cavalheiresco. Em Lampião tudo é negrume – a sua alma, os seus gestos, o requinte de sua crueldade. Não se lhe conhece uma atenuante, um ponto fraco. Tudo concorre para fazer dele monstro repelente, uma víbora destilando peçonha, uma fera a reclamar, da civilização brasileira, o imediato enjaulamento.

### A Ineficiência do Combate ao Grande Bandido

Destacamentos militares, forças das policiais estaduais, batidas e perseguições se organizam para perseguir esse homem que rodeado de mais uma vintena de homens, vem dominando, desde há anos já, na plenitude ampla do flagrante mais incontestável, uma parte não

pequena do território nacional. Só raramente oferece combate às forças. Esgueira-se como uma enguia, some-se como um átomo, esvai-se como um fantasma. Astuto, conhecedor das veredas, dos atalhos, das catingas, das serras, domina pela habilidade, mais ainda que pela audácia, e sobretudo pela cumplicidade criminosa e cobardíssima que lhe emprestam os elementos sertanejos.

## Tática de Combate

Ataca, fere, mata na sombra. A emboscada é o seu forte. A detonação de uma, duas, três armas de fogo, e eis que caem soldados, sargentos, oficiais. A força responde com descarga. As balas sibilam e perdem-se por entre o arvoredo ou por entre os capinzais. Só excepcionalmente um bandido cai. Ele, o chefe, dir-se-ia invulnerável. Vidas preciosas têm sido sacrificadas nesta campanha, sem o mínimo resultado.

## A Impunidade e a Acolhida do Medo

Entretanto, Lampião desaparece aqui para surgir além. É uma sombra que se torna em um espectro. Rouba, saqueia, deflora, assassina. Vinte, quinze, dez homens a seu lado, de aspecto horripilante, rifles aperrados, facas reluzentes – entram em uma povoação onde há duzentos, quinhentos, mil homens, autoridades judiciais e municipais, armas e munições.

– Aí vem o Lampião!

Quem pode fugir foge. Tremem as pernas e empalidecem os rostos. E quase toda a gente fica, e recebe os bandidos, e os serve, e não há uma reação, um ato decisivo. Parece que Lampião hipnotiza toda aquela gente, que lhes prostra aos pés e o não entrega à polícia.

## Como Lampião Brinca

Às vezes, em momentos de bom humor, a fera brinca. Não faz muitos meses, visitou uma fazenda no estado de Sergipe, onde se celebravam as bodas de um casamento. Deu ordem aos seus homens para não fazerem mal a ninguém, contanto que prontamente atendessem suas ordens. É macabro, este episódio, cuja autenticidade garantimos. Lampião mandou que se organizasse um baile ao ar livre. Até aqui tudo muito bem. Mas para que esse baile tivesse alguma coisa de originalidade inédita, ele mandou que todos ficassem nus – os noivos, os velhos pais, os convidados, os seus homens. A ordem foi obedecida sem uma palavra de protesto por entre as risadas dos bandidos. E o samba incrível começou e se prolongou até de madrugada, com toda aquela gente nua, sambando sob o ritmo do mais trágico terror.

## Por Que Lampião Campeia Impune

Aqui na capital da República, não se compreende com um só homem comandando uma tão pequena fração possa dominar impavidamente e praticar toda esse longa, espantosa, série de crimes, sem que forças militares algumas constituídas por centenas de homens, o possam-

pegar e terminar com essa vergonha.

O fato tem uma explicação aliás simples. Lampião conta com a proteção desmascaradas de alguns elementos de valor no sertão. Não sabemos se essa proteção é uma consequência do medo e da cobardia, se um vergonhoso conluio de conveniências de política. Além desses elementos, todo o sertão o protege, pelo menos implicitamente. Todo o sertão o teme. Bastava que houvesse em um arraial, em uma fazenda, uma vontade forte e meia dúzia de homens decididos, para terminar com essa excrescência que tanto nos humilha.

### O Único Meio

Viu a questão com lúcida clareza o oficial distinto que aceitaria a missão de exterminar o bandido sinistro. Lampião só pode ser pegado, vivo ou morto, pela coragem de um ou mais sertanejos, ou pela forma compreendida no plano do oficial a que nos referimos. Fortes contingentes militares nada conseguem, nada resolvem.

### Uma Injustiça Que se Faz ao Padre Cícero

É de uso, sempre que na imprensa do Rio se escreve sobre o renovamento das proezas de Lampião, salientar a proteção até à cumplicidade do padre Cícero, o curioso profeta de Juazeiro. Não há nada menos exato. Quem chamou Lampião foi o falecido deputado Bartolomeu. Padre Cícero proibiu ao bandido a entrada na povoação, mandando-o ficar em umas casas distantes, onde se avistou com ele com o fim exclusivo de o exortar a abandonar essa vida de crimes. Não podia o padre Cícero, por um conjunto de circunstâncias, ser o captor do facínora. Lampião deixou as terras de Juazeiro sem uma depredação. Não obedeceu ao padre, como se sabe, mas não é verdade que o sacerdote o tenha querido aproveitar.

### É Preciso Acabar

O sertão é imenso e imensa a habilidade de Lampião. Continua roubando, saqueando, deflorando, depredando, matando. Caem homens e mulheres às suas mãos malditas, caem os heroicos e abnegados representantes das autoridades. Tudo inútil. Prende juízes, dá ordens a intendentes municipais, e passa como um fantasma mil vezes maldito ante o silêncio cobarde das gentes das roças e dos aldeamentos. É uma vergonha nacional? É um perigo social e constante.

Não há, quer nos parecer, direito a permitir a continuação desta impunidade. Dê-se a quem mostre provada competência os meios necessários para que seja extirpado do organismo brasileiro esse tumor purulento que envenena uma civilização.

*O Imparcial* (MA) – 04.09.1930

## QUEM ESCREVEU A PATENTE DE LAMPIÃO

Leonardo Motta

### Para a História do Cangaço

Foi nos primeiros dias do ano passado, quando me internei nos sertões de Pernambuco. Não sei como, naquela calçada de hotel em Caruaru a palestra começou a girar em torno do Padre Cícero, de Juazeiro. Éramos poucos, mas tudo gente *esfarinhada* nos sertões dos estados nordestinos.

Alguém lembrou que, de uma feita, ouvira um romeiro dizer ao taumaturgo juazeirense:

– *Meu Padrim, eu queria que o Sr. me dissesse se, este ano, o sol incrisa. Lhe pergunto porque eu estou com uma filha pra casar, mas ela diz que se o sol incrisar este ano, ela não se casa...*

O padre, que já havia lido as filhinhas do ano, respondeu que a moça podia se casas, pois naquele ano não haveria eclipse do sol...

– Certos milagres que o Padre Cícero faz eu também faço!" – ajuntou outro. E exemplificou:

– "Chega um beato e lhe diz:

– *Meu Padrim, vim tomar sua bença e lhe peço também que me diga onde é que eu posso encontrar um burro meu que se sumiu.*

– Donde você é? Indaga o Padre.

– *Eu sou de Barbalha*.

– E o seu burro de onde era?

– *Comprei ele perto do Crato*.

– Pois procure de Barbalha para o Crato que você o encontra...

Com efeito, o burro, saudoso dos velhos pastos, para lá se escapulira. Isso era de fácil previsão que *pra onde era pasteiro pra ali é que o burro foge*. Mas ninguém tira da cabeça do fanático que o Padre Cícero fez o milagre de adivinhar onde o animal estava.

Ora, assim também até eu sou milagroso...

E um terceiro companheiro de prosa rememora:

– "Uma vez o Padre Cícero estava lendo uns jornais, à noite, à luz duma estearina.

Começou a cochilar e a chama da vela atingiu-lhe a manga da batina, queimando lhe bastante o braço. No outro dia, ao saberem do acidente, os romeiros fizeram sérias penitências, porque acreditavam que o Padre Cícero, como Jesus Cristo, estava a sofrer pelos pecados da humanidade.

– Você conhece as peripécias da permanência de Lampião em Juazeiro, quando foi incorporado às tropas legalistas em perseguição à Coluna Prestes? – interpelou-me o velho agrônomo Pedro de Albuquerque Uchoa, que àquele tempo, exercia na Meca sertaneja do Ceará as funções do cargo de Inspetor Agrícola.

– Conheço. Tanto que as descrevo em prosa e verso num dos meus livros.

– Mas aposto que não sabe quem escreveu a nomeação de Virgulino para, no posto de capitão, combater os revoltosos.

– Não, isso não sei. E ignorava até que do fato tivesse havido um documento escrito.

– Pois foi este seu criado que lhe está falando quem escreveu a patente de Lampião...

– É possível? diga, diga, por favor, como foi que isso se deu!

E o agrônomo Uchoa não se fez de rogado:

– "Como você sabe, porque várias vezes lá me viu, residi oito anos no Juazeiro. Quando o Dr. Floro Bartolomeu foi incumbido, pelo governo da República, de dar caça aos revoltosos no Nordeste, agravaram-se sobremodo os padecimentos cardíacos do referido deputado. Tenho lido que foi no quase delíquio de sua razão que o Dr. Floro se lembrou dos préstimos guerreiros de Lampião e seu bando, atraindo-os ao quartel general de Juazeiro. De fato não acredito que Virgulino tivesse o arrojo de ir a uma cidade então excepcionalmente armada, sem que um chamamento amistoso a tanto o autorizasse. O que sei também, entretanto, é que o Dr. Floro já se achava no Rio onde foi morrer com honras de General, quando o Padre Cícero, uma noite, me mandou chamar à sua presença, para eu lavrar a patente de Lampião. Pedi que ele ditasse e pensei que eu estivesse apenas a servir de secretário ou coisa que o valha. Supus que quem assinaria o documento comprometedor seria ele mesmo, Padre Cícero. Mas este, quando acabou de ditar, me disse:

– Agora, assine. O Floro, que é deputado federal, não está aqui e eu não exerço nenhum cargo. Você, porém, como Inspetor Agrícola, é uma autoridade federal...

Achei de bem não discutir e não tive dúvidas: firmei meu jamegão..."

Eu estava radiante com a interessantíssima informação inédita, assim inesperadamente colhida. O agrônomo Pedro Uchoa sempre foi pessoa respeitável, de conceito, e a sua sensacional revelação se impunha como fidedigna. Não se deteve, todavia, meu valioso informante e acrescentou:

– "Quem me fora chamar em casa, a mando do Padre Cícero, tinha sido o célebre bandido Sabino Gomes, acompanhado de Antônio Ferreira, irmão e também comparsa de Lampião. Na presença deles é que eu achara prudente não hesitar em assinar a patente."

E, com um risozinho significativo:

– Naquela hora eu assinava até a demissão do Bernardes, quanto mais a nomeação do Virgulino... cumprida minha missão, os dois bandoleiros, que me haviam ido buscar, se prontificaram a me fazer companhia no regresso à minha residência. Eram quase onze horas da noite. Eu tinha na cabeça um mundo de apreensões a respeito daquilo a que, moralmente constrangido, acabara de emprestar meu nome. A caminho de casa, enchi-me de coragem e fiz ver a Sabino e Antônio Ferreira que aquela nomeação, por mim assinada, não tinha valor algum, pois eu não passava de simples funcionário subalterno do Ministério da Agricultura. Mas o mano de Lampião resmungou secamente que se o Padre dissera que era eu quem devia assinar a patente, era porque era eu mesmo.

De novo me calei, conformado, resignado com os altos poderes de que a sorte naquela noite me investia... E a patente foi ter ao embornal de Virgulino, que estava pernoitando no sobradinho em que morava um seu contraparente, o cantador João Mendes de Oliveira."

– Uchoa, e o Padre não lhe disse nada a respeito de Lampião?

– "Disse. Ele me disse que Lampião era um menino bom mas doido, que Lampião queria brigar ao lado do Governo, que Lampião jurara por Nossa Senhora das Dores em como, dali por diante, havia de ser um homem, um cidadão e não um cangaceiro"...

– E que é que você dizia na patente?

– "Como já expliquei, o Padre foi quem ditou. Não guardei cópia não, mas me lembro que a nomeação era feita: "EM NOME DO GOVERNO DA REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL" e servia também de salvo-conduto, pois reconhecia ao *senhor Capi-*

*tão Virgulino Ferreira da Silva* o direito de se locomover livremente, transpondo as fronteiras de qualquer Estado, com os patriotas que arregimentasse."

E o Sr. Pedro Uchoa rematou as suas declarações:

– "Lampião e sua cabroeira passearam à vontade pelas ruas de Juazeiro, tiraram retrato, beberam, dançaram, foram visitados pelos romeiros do Padre, municiaram-se fartamente e trocaram seus rifles velhos por esplêndidas carabinas e fuzis do Exército, último modelo, tudo novinho da Silva... Mas, tinha bastado uma palavrinha do Padre e Lampião nunca mais seria gente. Não faltou quem se oferecesse para unhá-lo. O sargento cearense José Antônio até chorava de raiva" ...

*Vida Capixaba* (ES) – 1930

## LAMPIÃO É UM SÍMBOLO

Lampião representa um episódio triste na apática mentalidade brasileira dos sertões. Produto místico da incultura e do crime conjugados, Lampião também é um produto do mal político que trabalha, há quarenta anos, a nação. Os seus feitos de bandoleiro e facínora, a passividade dos sertões em suportá-lo e, muitas vezes, aplaudi-lo, o halo de lenda com que as populações simplórias dos arrais o tratam, a conivência das autoridades e a simpatia de acolhida que, em vários lugares lhe dispensam mostram que Lampião é um produto de simbiose de difícil exterminação.

Eliminar pela morte o terrível bandido do Nordeste não é tarefa difícil. Tudo está em fazer cercá-lo por homens que queiram realmente combatê-lo. E esse é o caso do capitão Chevalier. O difícil está em evitar que a Lampião suceda Lampião.

O problema consta, precisamente, em criar o ambiente onde não seja possível a continuidade, a permanência de Lampião, tenha ele o nome de Virgulino, Dantas, Zé Pereira ou Silvino. São todos uma coisa só. Representam a mesma expressão de barbaria, de rusticidade do viver dos sertões brasileiros. Constituem, inegavelmente, a maior afirmação daquela verdade elementar de que a civilização, em nosso país, é apenas uma crosta leve encobrindo a grande massa torva da nossa deplorável vida interior.

A falta de instrução, a imperfeição e exiguidade da justiça, a escassez de transportes, a pobreza de elementos educacionais, a absoluta ausência de iniciativas capazes de melhorará o viver das abandonadas populações sertanejas, geraram Lampião, como anteriormente haviam produzido Antônio Silvino e, antes deste, outros facínoras célebres, decantados na poesia e na tradição populares dos sertões.

Lampião é um acidente a ser combatido, cuja extirpação não trará, entretanto, maiores vantagens ao país. Talvez concorra para apressar o aparecimento de outros Lampiões. Tal se o grau de romanesco, o *panaché* de que se venha a cercar, nos últimos recontros, entre seu grupo e as forças que o combaterem. Se souber morrer com altivez, com denodo, com galhardia, antes mesmo de morrer já terá deixado redivivos outros Lampiões, surgidos entre os seus companheiros escapos ou, mesmo, em remotos tratos do sertão, onde hajam chegado ou rumores, as informações, naturalmente exageradas, das suas proezas finais.

---

A missão que vai combater Lampião é, assim, uma missão incompleta. Atrás do soldado justiçador deve fazer-se sentir a ação educadora, complexa, dos governos, dos Estados e da União, se é que uns e outros querem, realmente, ver-se livres dos bandoleiros e salteadores dos sertões.

Lampião é um símbolo. É preciso para vencê-lo, destruir as condições do meio em que ele se gerou e outros se possam gerar. Abater um, sem abater outro, pouco resultado produz, porque os que vierem por último serão sempre mais aperfeiçoados que os primeiros. Veja-se nesse próprio Virgulino a diferença de indumentária e de processos de combater. Enquanto Jesuíno Brilhante, o maior bandoleiro surgido nos últimos anos da monarquia, e Antônio Silvino, seu êmulo nos primeiros anos das República, trajavam as roupas comuns do sertanejo, calça e camisa de algodão grosso, chapéu de couro, alpercatas, usavam armas toscas como o clavinote boca de sino. Lampião calça sapatos finos e meias, veste roupa de brim caqui, usa chapéu de escoteiro preso pelo barbicacho, conduz armas modernas, de tiro certo e seguro, tão boas quanto as do Exército e polícia, fala ao telefone e redige telegramas, traz nasóculos e Harold Lloyd, e se intitula capitão...

Como é evidente, há um progresso sensível. O governo tem destruído os Lampiões anteriores. Jesuíno morreu lutando. Antônio Silvino envelhece no presídio de Recife. Lampião será certamente eliminado no cerco que vai sofrer. Mas o cangaço não morre. O mal não foi combatido. Os germens continuam em profunda elaboração. Somente a ação educativa, a obra construtiva poderá extirpar o mal, não deixando raízes nem germens que possam, novamente, permitir seu reaparecimento, num ou noutro ponto dos nossos remotos sertões. O professor primário, o médico, o engenheiro e o juiz devem constituir uma segunda coluna volante, se o governo quiser realmente, exterminar Lampião.

*A Gazeta* (SP) – 20.03.1931

## LAMPIÃO

Nagaika

A caça ao famoso Lampião tornou-se um tema favorito nas rodas dos candidatos póstumos às glórias extintas da decantada revolução.

Ora, o Manduca, que ofereceu os seus serviços à campanha de civismo e da civilização na caçada ao interessante terror dos sertões, e foi recusado porque não dispõe de um prestígio igual ao do herói nordestino nem credenciais que o recomendem à gratidão nacional, resolveu desvendar o segredo da existência tenaz daquele ferrabrás das brenhas.

"Lampião", diz ele por aí, é um pobre diabo que anda à procura de um emprego; ele quer ser comissionado no posto de general de brigada com o fim de acabar com o banditismo dos coronéis chefes políticos dos sertões do Norte.

Os governos, porém, não querem atender à sua proposta, e ele vai por conta própria atacando os inimigos da situação. O resultado é a fama de terror de que o cercam, em vez de cerca-lo com forças suficientes.

"Eu me comprometo a pegar o Lampião, e para isso não preciso de forças aparatosas. Basta o governo deixar-me montar no sertão um clube de jogo.

O homem vem tentar a sorte e eu o meto na cadeia como jogador.

É sopa.

*Careta* (RJ) – 23.05.1931

## ENVERGONHEMO-NOS

Sandoval Ornelas

Lampião continua sendo o rei do cangaço!

Ei-lo que se aproxima de nós, pelo lado sul do Estado. Terrível e ceifador como sempre, de viseira erguida, zombando da folia de seus amáveis perseguidores, tem ainda a petulante coragem de avisar: "agora vou campear pelo Ceará"!

O seu nome é mesmo qual um farol misterioso, cujos raios são o horror dos sertanejos.

Desdenhoso, o moderno calabreu tem se afoitado até em dirigir cartas de próprio punho para a imprensa do Rio, talvez gozando intimamente a AFOITEZA do capitão Chevalier...

– Bravos, destemido Lampião! A revolução desbancou um sem número de "lampiões políticos".

A ti, porém, ela continua tendo o mesmo respeito.

E como um fogo fátuo o épico trabuqueiro do Nordeste desaparece temporariamente para se tornar logo em seguida o homem da época, o assunto do dia, como está sendo agora.

Mais dele tem se ocupado por último os jornais brasileiros, do que do próprio Sr. presidente da República. Até a própria imprensa estrangeira, como um escárnio à nossa civilização, já o conhece. É, pois, um herói.

Se não fosse lisonja para a Pátria Nova, perguntaríamos: quem atualmente está fornecendo armas e munições à Lampião?

No regime passado havia o pretexto de dizer-se que eram os políticos situacionistas.

E agora? Serão os próprios milicionais que, desorientados e sem ética disciplinar, deixam-lhe nas estradas por ocasião das supostas caçadas que lhe tem forjadas?...

País vasto e despovoado, é verdade que o Brasil, mas não se justifica que com os foros de civilização que procuramos incutir no ânimo das velhas e novas potências reine entre nós, por mais tempo, esta praga, muito maior do que a "praga do funcionalismo", porque esta suga as seivas da nação em troca do seu suor e aquela extermina vidas e mais vidas e nem por isso sofre o terrível CORTE de morte da revolução.

O que não dirá a Argentina das nossas possibilidades guerreiras e das nossas condições defensivas? Que somos um povo cujas forças armadas não tem sequer a habilidade de combater uma leva de facínoras ambulantes.

E até quando irá o desassossego dos sertanejos nordestinos, desarmados ostensivamente pela revolução e sem a necessária defesa que lhe competia dar os governos?

Deixemos lá de cousas que no novo regímen há muito ainda a desejar, administrativamente falando.

*A Imprensa* (CE) – 24.05.1931

## O FLAGELO DO NORTE

Pela facilidade dos governantes sem escrúpulo que, durante muitos anos concorreram para o descrédito do nosso país, infesta a zona do Nordeste, campeando livremente, o célebre bandoleiro Virgulino Ferreira, vulgo Lampião.

Organizam-se diligências para a captura do bandido e nenhuma consegue apanhá-lo, ou mesmo abatê-lo, nos seus redutos.

A imprensa, por sua vez, narra constantemente episódios lamuriosos da existência atrabiliária de Lampião aparecendo ora como herói vingador da honra de sua família e ora como simples bandido, saqueador das fazendas e das cidades e vilas sertanejas.

De mero bandoleiro passa às vezes a desfrutar as honras de um guerreiro adestrado nos lances dos renhidos combates.

Durante mais de dez anos, talvez, corre de boca em boca a fama sanhuda de Lampião, sem que vez nenhuma tivesse caído em poder das forças legais que o perseguem, a serviço da justiça.

Agora, em menos de dez meses, querem todos que o novo governo apanhe logo Lampião, como se ele estivesse imóvel, a espera das tropas revolucionárias, que desejam cercá-lo.

Anunciou-se a princípio que o capitão Carlos Chevalier, herói revolucionário, autor dos "dezoito do Forte", iria organizar uma expedição para combater o facínora e seus sequazes.

A nação inteira recebeu, por entre aplausos, a alvissareira nova de que, desta vez uma expedição militar eficiente defrontaria o bandido, prendendo-o ou abatendo-o no campo da luta, para sossego e resfolego das populações nordestinas, que vivem em constantes sobressaltos.

Não mais ouvíramos falar da partida do capitão Carlos Chevalier, à cata do terror dos sertões. Parecia que a expedição redundara inócua. Agora, porém, chega-nos a notícia de que comandará em pessoa a tropa de ataque a Virgulino, o próprio major Juarez Távora, o bravo general revoltoso que levantou o Norte contra o poder constituído da velha república. O vitorioso general demonstra com esse gesto que não quer dormir sobre os loiros de sua glória. Disse-nos, quando aqui chegou, em discurso público, da sacada de Palácio, respondendo a saudação que lhe fizera o Dr. Carlos Reis, que a revolução vencera apenas a sua primeira etapa, para ir começar verdadeiramente os seus desígnios, com a reforma dos nossos costumes.

O major Juarez, tomando a deliberação que se nos anuncia, confirma as suas palavras e realiza a sua promessa ao povo brasileiro.

Vai, mais uma vez, jogar a vida para salvar o país de um flagelo igual aos maus governos que nos desacreditavam e que se mantiveram sempre repelidos pela opinião pública.

É de esperar que, desta vez, os nossos irmãos nordestinos se vejam livres de semelhante flagelo, pois que não há mais razão de ser da existência dos Lampiões.

*A Imprensa* (CE) – 28.05.1931

## LAMPIÕES

Lampião é um personagem digno de estudos. Às vezes eu duvido mesmo da existência real desse homem.

Mata e rouba. Vai à igreja e paga promessas.

É um crente. É um monstro. Para julgá-lo, devemos conhecer-lhe, antes, a história. Há quem o odeie. Há quem o adore.

Contam que, injustiçado, perseguido, fez-se bandido; que rouba aos ricos para distribuir aos pobres. Dizem que furta a ambos. Não se sabe. Lampião é um enigma.

Opera numa região árida, entre florestas e montanhas quase impraticáveis, onde a água escasseia sempre. Onde mora? Ninguém sabe.

Criaram-lhe em torno uma figura de lenda. Na hora do combate, anda à frente de suas cortes. As balas não o atingem.

Sempre fugitivo, dorme, se é que dorme, onde a noite o encontra. É estranho, anda sempre armado e municiado. Jamais lhe foram sonegados recursos bélicos. Donde os tira?

Lampião é a *mão negra* do Norte. Faz contínuas ligações com os centros civilizados. Publica até editais, convocando asseclas.

Tem a resistência heroica dos sertanejos do Norte; conhece, a miúdo, o segredo daquelas paragens inóspitas.

Lampião não será vencido à força. Ninguém o conhece, ninguém o encontra. Lampião é uma incógnita. Lampião não é um homem. Ele representa a injustiça do Norte, a consequência natural do desgoverno nordestino.

Não o abaterão, jamais, nem metralhadoras nem canhões.

Preso, morto que seja, nada adiantaremos; os Lampiões proliferam naquelas regiões. Terá sempre substitutos.

Abram-se escolas, construam-se estradas de ferro, aí sim, acabaremos de vez com os Lampiões do Norte. Lampião é o meio; criaram-no os maus governos.

O Norte é uma incubadora de criminosos. Destruamos a causa, logicamente, ficarão extintos os efeitos. Ali há feudos e senhores feudais. A escravatura ainda remanesce naquele setor do Brasil. O direito da vida, ali, é do mais forte.

O Norte é o pêndulo invertido de Euclides da Cunha – marcando um recuo do passado.

Lampião não é um homem antes, um símbolo; tem a significação da esfinge: civiliza-me ou eu te mato.

Não devemos matá-lo, mas, instrui-lo. Em vez de cadeias, escolas; em vez de metralhadoras, caminhos de ferro.

Resplandeça ali o clarão sereno da Justiça e não teremos mais Lampiões.

À luz do progresso e da civilização, Lampião baterá em retirada. Nem D. Quixote nem Sancho Pança o correrão dali.

Lampião é o Norte inculto, sem governo e sem justiça. Lampião é um símbolo: caracteriza um meio e uma época.

*República* (SC) – 17.06.1931

## COMO CAPTURAR LAMPIÃO?

Seth

Recebemos a seguinte carta:

"Amigo Sr. Redator da *A NOITE*.

Aquele cheque de 50 pacotes para quem prender Lampião, posto assim, à vista dos leitores da *A NOITE*, trouxe-me, com franqueza, água à boca! Portanto, não é demais que eu lhe venha trazer, confidencialmente, a verdadeira solução para liquidar o famoso bandoleiro, nascida dum sonho que tive...

Apesar dos 50 contos, nada quero pela minha sugestão.

O sonho desenrolou-se da seguinte maneira:

Eu ia andando por uma dessas ruas que a polícia esqueceu, quando, duma esquina surgiu, rápida, uma figura napoleônica, com óculos de Haroldo Lloyd, e me abotoou, ou por outra, me desabotoou, com uma ferocidade selvática. Vi logo que não era Napoleão, mas Lampião. Lampião de esquina só mesmo em sonho...

Se feroz foi o ataque, não menos feroz foi a defesa, no seu instinto de conservação. A

luta foi épica, foi dantesca, foi camoniana e digna do lápis de Doré. Mal, porém, o bandido sacou o seu vasto punhal-durindana, para me abrir a porta às tripas, um gesto de desespero meu, na inconsciência da refrega, fez-me arrebatar os óculos do facínora.

Foi a conta. O bandido começou a gritar e a chorar, e girando, como no jogo da cabra cega. Percebi, então, que Lampião, sem os óculos, tinha ficado às escuras. De tal sorte, pude dominar com facilidade o hediondo bandoleiro.

... E vim trazê-lo de presente ao ministro José Américo, que, destarte, viu o seu Nordeste livre do mais terrível flagelo.

Sonhos assim, Sr. Redator, são quase sempre bons prognósticos. Quem nos dirá? Um camarada hábil, que saiba arrancar os óculos de Lampião, talvez faça pelas populações sertanejas o que ainda não conseguiram as polícias nordestinas..."

*A Noite* (RJ) – 22.06.1931

**LAMPIÃO**

Dr. Sá Pinto

Temos um exército de 30.000 homens, uma polícia calculada em 120.000. Resta-nos, ainda, acrescentar uns 400 a 500 mil oficiais da antiga Guarda Nacional que certamente conservam-se perfeitamente fortes e dispostos a fazerem luzir no éter pejado da fumaça das batalhas os seus espadagões, antigos mas cortantes.

Além disso, em um grito só poderemos levantar uns quinhentos mil voluntários, desde o Contestado até as margens gritantes do Oiapoque.

Como se vê, é muita gente. Ora, em casos necessários toda essa legião marcharia firme para o cumprimento de seu dever.

Pois bem, dispondo nós de gente como formiga, tendo já feito aquela parada primaveril com que desmantelamos o *Club dos Duzentos* com todos os seus sócios e sócias, ficamos pasmos de espanto quando os jornais acentuam as barbaridades cometidas por Lampião, com os seus 49 ultra guerreiros.

Percebe-se que o valente e desumano cangaceiro tem mais poder que teve o governo passado, que se deixou apear, mais pelo medo que pela força.

O Sr. Washington, com toda a sua corte e seus ministros, em honra dos quais projetam-se estátuas na Ilha da Trindade, não pôde terminar o seu quatriênio. Entregou a rapadura quase no fim do seu governo, mas entregou.

Lampião já terminou dois quinquênios (lá no sertão o período governamental é de cinco anos) e já está no segundo ano do terceiro, sem que largue as rédeas de seu bagual escaramuçador.

Tem um ministro de lei:

O da Fazenda, vende chitas numa bodega no fundo da floresta.

O da Justiça é o degolador mais conhecido da zona.

O da Marinha é um capitão do mato que faz exercícios em canoas furadas.

O da Aviação é o melhor caçador da redondeza. Caça aves de dia e mata tatus à noite.

O da Guerra é ele mesmo, o Lampião.

O do Interior é o coveiro, quando enterra os mortos vencidos e que exerce também o ministério do Exterior, quando deixa os mortos à flor da terra, rindo às estrelas.

O da Instrução ensina a afiar a faca.

Aí está um quadro vivo do que é o governo lampiônico que manda um pedaço no sertão brasileiro.

Seu exército composto de 49 papos amarelos, caboclos que cospem no chão e mandam chegar, tem feito mais estragos que os exércitos de Átila.

Pelo que se compreende, Lampião passará à História com mais glórias do que Xenofontes com os seus mil; fará mais estragos que Xerxes atravessando o Helesponto à frente de seus dois milhões de homens pelejadores. É provável mesmo que nos seus feitos de guerra empane as glórias do autor destas linhas que, comandando sua pessoa, atravessou, em tempo de guerra, os estúpidos bambadores do sertão de Paulo Lopes, rasgado, faminto, molhado, com frio e que mesmo assim, soube trazer os seus exércitos vermelhos até à frente desta capitachitas que se rendeu ante sua espada faiscando brasas, suando sangue e vomitando raios...

Oh! Gandhi, porque não vens aqui matar o Lampião?!

*República* (SC) – 25.06.1931

## LAMPIÃO CONTINUA ATERRORIZANDO

Zozimo Lima

Lampião continua a ser um caso não resolvido.

Já se vê que eu não quero me referir à seção inegavelmente eficiente das forças estaduais. Estas têm feito tudo quanto pode; e ai de nós se não fossem elas que vêm montando guarda às nossas cidades sertanejas. Os governos de Bahia, Sergipe e Alagoas têm feito tudo quanto lhes é possível na defesa dos seus Estados.

Já tem sido feitas, entretanto, por parte do general Távora, tentativas de organização miliciana, com o título de expedição especial, para a captura do terrível bandoleiro, aliás, não levada a efeito por não permitir, no momento, a situação financeira do país.

Soldados da ativa e da reserva, marinheiros, ocupados e desocupados, médicos sem clínica e bacharéis sem clientela, funcionários aposentados administrativamente e desembargadores postos em disponibilidade pela força discricionária do Executivo, abatedores, rastejadores, aviadores e até mavórticas representantes do feminismo desiludidas das delícias conjugais, tem se apresentado às redações das gazetas, ao Ministério da Justiça, ao então ex-chefe da fracassada expedição Chevalier, oferecendo os seus serviços patrióticos em defesa das populações nordestinas perseguidas pelo mais feroz bandido brasileiro deste século.

Agora, porém, o governo acaba de ter um oferecimento que não deve recusar por ser milagrosamente econômico.

O tenente João Pinheiro, da força pública paranaense, que prendeu vários detentos evadidos da penitenciária de Curitiba, garante que prenderá Lampião, exigindo unicamente o direito de escolher apenas dois soldados de confiança pertencentes ao seu batalhão.

Poderia o bravo miliciano contar com a certeza da vitória se o proprietário de Serra Negra não levantasse protesto contra a violação daquelas terras – homizio antigo e certo do famigerado bandoleiro.

*A Tribuna* (SE) – 07.07.1931

**POEMAS DE VOCÊ**

Eneida de Morais

*Você*
*no meu destino*
*e no meu coração,*
*parece aquele*
*Virgulino Ferreira da Silva –*
*o Lampião.*
*Onde ele chega*
*(contam os jornais em letras garrafais)*
*incendeia,*
*destrói,*
*se apodera de tudo,*
*de tudo bom que encontra no rancho, na fazenda.*
*E depois, parte.*
*Parte em busca de novas conquistas, de novos bens...*
*Você é o Lampião do meu destino.*
*Entrou em meu coração,*
*incendiou-o de amor,*
*destruiu tudo que dentro dele havia de passado,*
*se apossou de tudo*
*de tudo de bom que há dentro dele...*
*E começo a sofrer desde já a pensar,*
*que depois,*
*como Lampião,*
*você partirá...*
*E eu ficarei então,*

*como um pobre rancho abandonado, triste, vazio...*
*Um rancho onde irá morar*
*a sua saudade...*
*A saudade de você.*
*Lampião do meu destino...*

*O Município* (AC) – 19.07.1931

## NOTAS DE UM DIARISTA

Humberto de Campos

### A Última Proeza de Lampião

Um telegrama da Bahia, publicado ontem no Rio de Janeiro, descreve mais um feito sanguinário do maior e mais terrível facínora que tem imperado nos sertões do Brasil: à frente de 60 apaniguados ferozes e bestiais, Lampião invadiu a vila de Curuçá, estuprou, roubou, depredou, matou, afixou, enfim, em cada rua e em cada casa, o selo fatídico e vermelho que assinala sempre a sua passagem. Quinze homens válidos e pacíficos tombaram sangrados pela sua mão. E o coração de um deles, arrancado pela garganta, foi levado em troféu entre gritos de animação, de entusiasmo e de vitória.

A princípio, ao ler a comunicação de uma destas façanhas, o país se comovia e indignava, reclamando dos poderes públicos o ponto final para o feio poema de sangue e lama. As vozes que se erguiam, foram, porém, caladas nos peitos que as emitiam. E hoje é com indiferença quase criminosa que se tem conhecimento dessas selvajarias do bandoleiro. Parece que os fatos noticiados estão correndo na China, na Armênia, na África ou no Turquestão. Ninguém os comenta. Ninguém protesta. Ninguém se comove.

E Lampião, de pavio aceso, continua desafiando o Brasil.

O governo da República tem, sem dúvida, uma infinidade de problemas a resolver e que reclamam os seus cuidados imediatos. Mas há, no organismo nacional, energias ociosas, forças disponíveis, reservas materiais e morais que podem ser empregadas no combate a essa calamidade sertaneja. Será possível, acaso, que os Estados nordestinos não possam reunir um continente de 200 homens, escolhidos entre os melhores elementos das suas milícias policiais? Os seus governos, que mobilizam sem custo algumas dezenas de soldados quando se trata de hostilizar no sertão um chefete político adversário, não poderão fazer esforço idêntico para destruir um flagelo social cuja sobrevivência é a maior vergonha para o Brasil? A sofreguidão com que se organizam forças para a politicagem dos governos, e a impossibilidade, que se encontra, em mobilizá-las para a defesa do povo e da dignidade nacional, não constituirão um índice triste e amargo da capacidade ou da incapacidade dos homens públicos do nosso tempo?

O cangaço penetrou, parece, já, no rol dos nossos males crônicos e inextirpáveis. Lampião, que há doze anos parecia uma fatalidade imprevista e inadmissível, tornou-se uma calamidade comum, ordinária, como a lepra, como a tuberculose, como as epidemias que, pela

persistência e continuidade, se tornaram familiares. Refere o velho historiador paraense Inácio Moura que, no Alto Araguaia, há quarenta anos, o bócio era tão vulgar, e se achava tão generalizado, que as pessoas sem papo eram olhadas, quase, como defeituosas. Os Estados que Lampião percorre já se habituaram, mais ou menos, com ele. E quem nos dirá que dentro de alguns anos, Alagoas, Bahia e Sergipe não venham a olhar com superioridade os Estados do Sul, cujos sertões não se achem assolados por bandoleiros?

Já é tempo, entretanto, de os homens que têm uma pena apelarem para os homens que têm pena apelarem para os homens que têm espada, em lugar de se dirigirem, apenas, àqueles que têm o mando. Há no Exército, e nas milícias dos Estados do Sul, numerosos oficiais briosos e valentes, nascidos nas regiões que Lampião castiga com a sua ferocidade e humilha com a sua depravação. São baianos, alagoanos, sergipanos, pernambucanos, cearenses, rio-grandenses-do-norte. A sua dignidade, a sua bravura, o seu patriotismo, não podem consentir que um celerado degrade a terra em que nasceram. Essas moças que ele estrupa, essas mães que ele macula, essas famílias que ele atira à miséria, esses varões que ele degola, são do mesmo sangue de centenas de oficiais cuja cultura e cujo civismo são, hoje, orgulho civil e patrimônio militar da nação. Está nesses soldados, agora, toda a esperança do Nordeste desolado. Unam-se eles, associem o prestígio e a energia, e peçam forças ao Governo da República e, por intermédio dele, aos Estados, e ponham termo a essa vergonha.

É tempo, já, de extirpar esse cancro.

A lembrança aí fica, para ser aproveitada pelos homens que têm uma espada e um coração. A esses brasileiros do Nordeste que a civilização salvou do punhal de um sicário, cabe a missão de proteger os homens da mesma terra que não tiveram o mesmo destino feliz. Se eles se não condoerem e moverem, a quem pedir, então, no Brasil, esse gesto de misericórdia?

Bato, neste momento, pela primeira vez, com a minha mão de paisano, à porta dos quartéis. E tenho quase a certeza de que meus olhos não verão em nenhuma delas o dístico da porta do Inferno, o qual ordenava aos que entravam, que deixassem, ali, toda a esperança...

---

## A Expedição Contra Lampião

Foi anunciada há dias a organização de uma coluna militar, de mil e poucos homens, para dar combate ao bandoleiro Lampião, o famoso sanguinário bandido que domina há doze anos os sertões do nordeste brasileiro. Comandadas pelo capitão Carlos Chevalier, essas forças levam canhões, metralhadoras, aviões, automóveis, o material indispensável, em suma, para uma batalha com tropas regulares. E é assim constituído, armado, municiado, apetrechado, que o pequeno exército vai entrar pelas terras adustas do Brasil nordestino, entre toques de corneta, rufos de tambores e a trepidação bárbara dos motores, na terra e no céu.

Para justificar esse aparato bélico, informa-se que a quadrilha chefiada pelo salteador se compõe de 150 homens. E há nisso, evidentemente, um exagero. O cangaço profissional, para ser exercido com eficiência, prescinde dos grandes grupos, que lhe comprometeriam a finalidade. A sua tática reside na mobilização rápida, na facilidade da dispersão no momento de perigo, e esta não seria possível se os cangaceiros dispusessem de contingentes consideráveis. Antônio Silvino jamais admitiu mais de uma dúzia de "cabras", e Lampião nunca reuniu mais de 40, e isso mesmo para entrar em Juazeiro, temendo uma surpresa do Padre Cícero. É sabido, mesmo, que o seu processo consiste em reduzir os seus contingentes à medida que é perseguido, de modo a desorientar os perseguidores, eclipsando-se em pleno sertão.

O jovem oficial revolucionário vai prestar, todavia, um relevantíssimo serviço à sua terra, com essa expedição. É possível que estão não corresponda à sua expectativa, pelo modo porque se acha organizada. Ela podia ser menos faustosa, e mais eficiente. A massa de homens que vai comandar, prejudicará, possivelmente, a sua missão, como inutilizou a ação de outras, desde que se caracterizou esse flagelo naquelas regiões. Para combater cangaceiros, faz-se mister mais habilidade individual do que a bravura, e mais perfídia vulpina do que, propriamente, arte militar. Um oficial do Exército brasileiro não pode, porém, manejar as mesmas armas a que se habituou um celerado. De modo que vamos assistir a um duelo entre a artimanha de um bandoleiro e a intrepidez de um verdadeiro soldado ou, mais caracteristicamente, um encontro entre um cavaleiro que maneja o seu florete e um bárbaro que avança contra ele sustentando com as duas mãos a sua formidável tangapema de maçaranduba.

A impunidade de Lampião constitui, sem dúvida, uma vergonha da civilização brasileira, e reclamava, de há muito, a intervenção do Exército, isto é, de forças da União, para acabar com o escândalo de sua sobrevivência. Mas não reclamava, talvez, a honra de uma expedição tão vultosa, como essa que lhe está destinada.

Quem conhece a história do reinado de Luiz XIV no que ela possui de brilhante pitoresco, não ignora, com certeza, o episódio atribuído ao bei de Túnis, por ocasião da expedição de Duquesne. Hostilizada a maior monarquia do século por esse audacioso chefe bárbaro, mandou o Rei-Sol aprestar uma frota poderosa sob o comando do vencedor de Ruyter, a qual, atingindo a costa fronteira, no Mediterrâneo, iniciou o bombardeio do velho porto africano. Ao fim de alguns dias metade da cidade se achava destruída pelo fogo. Sem recursos mais para resistir, o bei pediu paz, e, ao defrontar-se com Duquesne, a primeira pergunta que lhe fez foi esta:

– Quanto gastastes, senhor, nesta expedição, para me incendiardes metade da cidade?

– Quatrocentas mil libras – informou o grande capitão.

– Tudo isso? – estranhou o bárbaro, com a cupidez nos olhos miúdos.

E penalizado:

– Ah, senhor! Se me tivésseis falado antes, eu, pela metade dessa quantia, teria incendiado a cidade inteira!...

Amando a agitação e o perigo, o capitão Chevalier não aceitaria, sem dúvida, uma proposta de Lampião, no sentido de lhe darem a metade das despesas da expedição mediante o seu desaparecimento do cenário nordestino. O jovem oficial revolucionário é, parece, como aqueles caçadores de Lessing, que caçam a lebre não pelo interesse em apanhá-la, mas pelo prazer de correr atrás dela. O que o seduz é a aventura, e não o resultado feliz. Daí o aspecto um pouco dramático dessa expedição, em que se vão digladiar a arte militar e a esperteza, a intrepidez e a astucia, a teimosia do caçador, que quer apanhar a onça, e a ferocidade da onça, que se não quer entregar.

Eu tenho receio, entretanto, que o excesso de pares comprometa o sucesso da "contradança", e que ouçamos, daqui do litoral, a "marcação" do celerado sertanejo:

– "*Dames à droite*!... Chevalier... *à gauche*!..."

E que, como consequência, a "quadrilha" continue...

---

## As Audácias de um Celerado

Quando, há meses, o capitão Carlos Chevalier iniciou uma série de entrevistas à im-

prensa noticiando a sua partida para o Nordeste a fim de capturar o celebrado e celebérrimo bandido Lampião, eu tive ocasião de escrever aqui mesmo uma crônica duvidando do êxito da expedição. Acreditava que o jovem oficial partisse; acreditava que viesse a organizar a sua coluna de mil e tantos homens; acreditava que marchasse para o sertão com os seus canhões, com os seus aviões, com os seus tanques e com as suas metralhadoras. Mas duvidava que conseguisse o seu objetivo aprisionando o desabusado bandoleiro. Passam-se os dias, as semanas, os meses. E nem Lampião foi capturado; nem as metralhadoras repinicaram nas caatingas; nem os aviões estrondaram no céu virgem; nem a coluna se pôs em movimento; nem, sequer, o capitão Chevalier partiu do Rio de Janeiro.

Eu estou certo, entretanto, que tudo isso independeu do simpático oficial revolucionário. Não lhe faltavam, evidentemente, para tal empresa, nem bravura, nem disposição, nem temeridade. Mas faltou ao governo dinheiro para organizar e pôr em movimento um aparelho tão dispendioso. Feitos os cálculos no Ministério da Guerra, verificou-se, ao que parece, que, para mobilizar uma coluna militar com tamanho aparato, teria o Tesouro de despender quantia igual, mais ou menos, à que consumiu na guerra com o Paraguai. E como a crise dia a dia mais se agravasse, o governo dissuadiu o moço oficial do seu intento patriótico, deixando que Lampião continuasse por lá a ganhar honradamente a sua vida.

E o capitão Chevalier, soldado que cumpre ordens, desapertou o cinturão.

O insucesso do plano anunciado no Rio foi, porém, acender o olho que resta ao famigerado salteador nordestino, acirrando-lhe a índole sanguinária. Esporeando os seus cavalos árdegos e os seus instintos selvagens, desenvolveu ele a própria atividade, matando, roubando, incendiando, estuprando. A desistência silenciosa do capitão Chevalier foi, no seu entendimento de primitivo, estrondosa vitória sua. E quando chega a uma estação telegráfica dos altos sertões da Bahia, de Pernambuco ou de Alagoas, o seu primeiro cuidado consiste na transmissão deste telegrama irônico para a sede dos distritos, nas capitais: "Lampião continua esperando o capitão Chevalier".

Em seguida, sangra o telegrafista, saqueia a localidade, e reenceta, sertão adentro, a sua série de tropelias e a sua vermelha obra de devastação.

Agora, vem de Petrolina, nas margens do S. Francisco, a notícia de que Lampião instituiu em todo o Nordeste flagelado pela seca o voluntariado para composição e desenvolvimento de suas tropas. A diária é de 10$000, com cavalo, mulher e comida. Não dá casa porque o

seu quartel é o tempo, e tem por teto o firmamento beliscado de estrelas, e uma cama em cada pedra, e um armador de rede em cada árvore, e um banheiro fresco em cada riacho vadio. E a previsão, em toda a região ameaçada, é que a concorrência será enorme, pois que o bandoleiro está oferecendo ao sertanejo precisamente aquilo que o governo lhe não dá. Em breve terá ele centenas, senão milhares de combatentes destemidos. E isso sem sorteio militar nem passar cuspo em mais um selo para lambuzar a caixa de fósforo.

E agora é que vamos ver com quantas pedras se faz uma coluna. Lampião é insolente, arrogante, audacioso. Formado o seu exército de sertanejos aguerridos, não descansará. Investirá vilas e cidades. Tomará as vidas férreas, movimentará locomotivas e automóveis, e descerá para o litoral.

Quem sabe, mesmo, se não o teremos em breve no Rio, com os seus homens, atrás do nosso Capitão Chevalier?

*A Esquerda* (RJ) – 04.08.1931

## MACHIAVEL BRONCO

O nome de Lampião não desaparece do cartaz. Continuamente escreve-se sobre as façanhas do famoso bandoleiro, que assola os sertões do Nordeste, e que, nos sertões do Nordeste, vive à sombra das leis e de todas as forças repressivas do país.

Os piores, os mais horripilantes adjetivos têm sido catados nos dicionários e com a sua ajuda poderosa têm se procurado dar uma ideia do bandido, dos seus crimes, e do bando sinistro. Parece que se esgotou o manancial, porque, agora, há quem veja no Lampião uma figura de Machiavel bronco.

Cai-se, assim, no disparato. O nome do famoso criador de uma escola política, emprega-se, como se sabe, para definir uma criatura sutil, solerte, calculada, uma criatura que julga todos os meios dignos para chegar a um fim.

Emprega-se de preferência, a certos políticos que conseguem vencer, agindo na sombra, sem a coragem de leal ou de ser sincero.

A sinceridade para Machiavel devia ser um incômodo, um pesado fardo, uma coisa absurda, inconcebível, lastimável.

Para ele e para os discípulos que espalhou pelo mundo, através dos séculos.

Como é que se pode conceber, nestas condições, um "Machiavel" bronco?

Vamos abusar das invectivas contra Lampião. Mas, assim, também, é falta de camaradagem para com a glória de Machiavel...

*A Esquerda* (CE) – 04.08.1931

## GRANDE CONFUSÃO!

Há poucos dias tivemos de presenciar um espetáculo digno de nota e que tinha muito de cômico, mas que não deixou de ser brincadeira de mau gosto.

Alguém, por força, convenceu a criançada do nosso grupo escolar de que o célebre Lampião, o terror do Norte, que vem desde muito zombando da eficácia das nossas autoridades, achava-se à entrada desta cidade, com o seu bando de malfeitores.

Bastou isso para que se estabelecesse dentro de poucos minutos, verdadeiro pânico entre a petizada! Gritos de horror, cabeçadas, encontrões e... um berreiro insuportável.

E, por mais que as dignas professoras se esforçassem para contê-los, foi impossível e dentro de pouco estava vazio o belo prédio da Praça da Independência, sem que houvesse razão para isso.

Eis o fruto de uma brincadeira de mau gosto.

O que devemos, é nos precaver contra os *lamparinas* que andam por aí a fabricar boatos que prejudicam.

*Monitor Mineiro* (MG) – 18.10.1931

**NO ESCURO...**

Vargas Neto

Decididamente está em moda fazer propostas para a captura de "Lampião"...

Indubitavelmente a fonte geradora desse caudal de propostas, "a mãe da moda", que tem demonstrado tantos candidatos ao atestado de valentes, foi aquela célebre encenação do capitão Chevalier (Não é o Maurice, é o Carlos).

A notícia esteve muito tempo no cartaz. Já havia "torcidas"...

– O Chevalier pega o Lampião.

– Que esperança! Não pega.

– Pega sim.

– Pois se pegar escapa outra vez...

– Quer jogar?

E o brasileiro, que dá um dente por qualquer joguinho, já começava a botar dinheiro numa história de mula sem cabeça... ou sem pé nem cabeça...

O espetáculo prometido interessava.

Os preparativos prometiam...

Quando Carlos Chevalier passeava nas avenidas do Rio, com o ar misterioso do herói desconhecido, as melindrosas tinham arrepios histéricos...

– Ai que bom! Ali vem o capitão Chevalier! Ele vai para o mato prender Lampião.

– Credo! que homem louco!

Enquanto isso os orçamentos caminhavam. Cem contos pra isso, duzentos pra aquilo, etc., etc...

– Era preciso extirpar do Brasil, esse cancro que lhe dilacera as entranhas – o cangaço! O remédio tem de ser violento, drástico, rápido como uma intervenção cirúrgica, embora o organismo social se ressinta do choque operatório...

(Palmas no recinto e nas galerias...)

Algumas pessoas já imaginavam o desenrolar fantástico da brilhante ação.

Procuravam pintar o teatro colossal da natureza, o palco variável e bravio, onde se iria desdobrar o drama impressionante daqueles personagens de legenda.

No cenário apocalíptico do sertão, domando a terra áspera e bravia, amolgando a têmpera brutal dos cangaceiros, um regimento do Rio de Janeiro, comboiando todo o seu conforto...

Aeroplanos cortando o sopro áspero do Nordeste, ou empoleirados nas galhadas altas como urubus enormes, indicariam o rumo veloz de Lampião e seu bando, pervagando atalhos e desvios, nos seus ágeis cavalos, seguido pela matilha dos comparsas...

Como poderia escapar o facínora, dos olhos de lince de um aviador a cento e cinquenta quilômetros horários e a mil metros de altura. Impossível!

Um bandido apenas deslizando como um réptil, sob a trama insidiosa das caatingas, ou escoando na passagem cavada dos desfiladeiros, e nos leitos tapados dos arroios...

O resultado foi magnífico!

Virgulino Ferreira (o Lampião) declarou-se "governador exclusivo do sertão", e resolveu eliminar, menos espaçadamente, os seus súditos...

Quando terminou a confecção de todo aquele plano brilhantíssimo, faltavam dois mil contos para completar a obra, e resolveram passar um pano no cartaz. Ir para quê?!...

O Chevalier achou melhor tirar licença para extrair uma loteria, arrecadar uma ponta de

contos de réis, e erigir um monumento para os "heróis do forte". Muito mais prático!...

Depois dessa, muitas outras ofertas têm sido feitas ao Governo.

Agora publicam os jornais a notícia do oferecimento de um tenente comissionado de Alegrete.

Não pede aeroplanos, nem muita coisa.

Apenas o pagamento do soldo a que têm direito os soldados e ele. Com homens a cavalo. Cinquenta do Sul e cinquenta do Norte. O armamento normal e licença para agir com liberdade.

Ninguém vai acreditar nele, pois não faz encenação, nem pediu prêmio.

Francamente, um homem assim, ou tem que lhe dar a licença, ou pô-lo no manicômio. Não é comum...

E as populações do Nordeste, que continuem no escuro da pátria, onde se apaga a luz do Direito, e onde um bandido vulgar anda tarjando de negro a vida infeliz dos sertanejos...

*A Federação* (RS) – 22.10.1931

## O RECORDE DA MALVADEZ

Odilon Fernandes

Lampião, a abantesma do Nordeste, acha-se pelo menos, moralmente, derrotado.

Ele era o demônio do sertão, o pavor da caboclada, o espectro infernal do crime, em todos os seus aspectos.

Parecia não haver criatura mais abjeta, alma mais negra e empeçonhada, coração mais duro e inconfrangível.

Lampião era mais temível que Átila, mais cruel do que Procusto, mais bárbaro que Gengis-Khan.

Era a concretização do vício da maldade, da perfídia; suas mãos só se ocupavam no extermínio, em sua mente só germinavam ideias de perseguição e de morte; torturava por prazer, matava por desfastio, desonrava por passatempo.

Imaginou suplícios que não se restringiam ao momento da sua efetivação, mas que se prolongavam, inapagáveis, pela existência toda; donzelas eram ferreteadas na face com o mesmo ferro candente que o sicário aplicava ao quadril do seu gado.

Lampião vive ainda, para vergonha nossa, continua a infestar o recesso do Brasil, calamidade viva e consciente, que ainda não foi possível conjurar.

Mas...

De uns dias para cá parece-nos menos execrável o bandido sertanejo; e a nossa vergonha, a nossa tristeza acham-se um tanto ou quanto atenuadas; o nosso governo respira menos oprimido, a esse respeito.

Acaba de ficar mais uma vez provado que a maldade, como o engenho humano, não tem limites.

Vivemos na época dos *records*.

O que hoje nos causa pasmo fica amanhã reduzido à condição de insignificância, em

face de novas conquistas dia a dia operadas pelos gênios do trabalho e da ciência.

Há, infelizmente, também, os gênios do mal.

A América do Norte, na ânsia do *recordismo*, acaba de bater o da perversidade.

Diante do que ocorreu com o desgraçado filhinho de Lindbergh, cuja glória foi tão grande quanto o é hoje a própria desventura, nós não temos muito de que nos envergonhar quanto ao banditismo no sertão brasileiro e a impotência dos governos para combatê-lo.

A polícia americana, depois de andar às tontas a procurar a pobre vitamizinha por todos os recantes do mundo, teve a decepção de *encontrá-la morta não muito longe da casa de seus pais*!

Não se sabe o que mais estranhar nesse doloroso caso, se a inépcia da formidável instituição, se o triste e surpreendente destino da infeliz criancinha ou a perversidade inconcebível dos raptores e assassinos.

Nem a glória do pai, nem o clamor angustiado da mãe, nem a inocência da criança, nem o poder do ouro e a segurança da impunidade foram capazes de impedir a consumação de um dos mais diabólicos e horripilantes atentados de que há memória no mundo.

Positivamente, Lampião, ainda tem muito que aprender.

Os Estados Unidos acabam de bater um novo *record*: o da malvadez!

*República* (SC) – 19.05.1932

## A CABEÇA DE LAMPIÃO

Digno de alguns comentários o telegrama publicado recentemente pela imprensa, tratando da instituição do prêmio de 50 contos para quem fizer a *prisão* do famoso Lampião, o terror do Nordeste.

Esse despacho telegraficamente velado compromete sem dúvida o conceito moral em que deve ser tida a nossa Pátria, já civilizada, policiada, e culta suficientemente para fazer jus a um estado de adiantamento condigno com o da época atual.

Em outros tempos, seria admissível que tivessem razão de ser esses recursos extremos, nos meios onde a justiça se exercia sub-repticiamente.

Não raro acontecia então que a família de uma vítima de qualquer traição ou perseguição, vendo o seu chefe desaparecer e com ele toda a confiança nas medidas de defesa da sociedade, impotente por qualquer razão de vingá-lo satisfatoriamente – apelava, servindo-se dos seus recursos de fortuna, para único meio que lhe restava, instituindo prêmios para quem trouxesse a cabeça do malfeitor, como Herodias pedindo outrora a de João Batista.

Nós os brasileiros temos uma veneração especial pela Justiça. É que em nós está inato o sentimento da liberdade.

Nada fere mais fundo do que uma injustiça.

É por aquela, servindo-se dessa mágica palavra, que se levantam nos comícios, na imprensa, nos tribunais, os oradores mais veementes clamando, com ardor, na defesa de todos os direitos conspurcados.

É a bandeira de todas as aspirações: a justiça social.

A humanidade, mais ou menos sem distinção cultiva esse instituto com o maior carinho.

O grito da Justiça *ferida*, página brilhante da pena de Rui Barbosa, será talvez de tudo o que tenha escrito o notável gênio, o que mais enlevo, maior entusiasmo despertasse nas massas, onde o seu espírito se tenha revelado majestoso, produzindo obra tão admirável, porque sem dúvida todos estão convencidos de que para a existência da sociedade se faz preciso a prática constante dos seus ditames.

Mas nós somos um país perfeitamente constituído onde a Justiça se deve e se pode exercitar eficazmente para o bem social. Não podemos assim descrer das medidas de assistência que as nossas leis oferecem aos cidadãos e à sociedade.

O que nos será permitido é exigir por todos os meios a prática dessa garantia moral.

*República* (SC) – 28.07.1932

## CANGACEIROS PARA COMBATER CANGACEIROS

E. M. Rosa Ribeiro

Em estudo enviado ao *Jornal do Brasil*, E. M. da Rosa Ribeiro trata de "Dois problemas do Nordeste", apresentando uma solução que pode contar com a aprovação dos conhecedores das condições.

Damos a seguir o trabalho de E. M. da Rosa Ribeiro:

"A seca, com seus horrores, veio substituir, por algum tempo, as reportagens e os telegramas sobre uma não menos impressionante calamidade do nordeste brasileiro – o cangaço. É que à febre pela caça de Lampião sucederam-se providências de ordem técnica e administrativa no sentido de minorar os sofrimentos de centenas de brasileiros desprotegidos pela natureza. Aliás, não fosse um incrível descuido e uma descontinuidade nefasta em trabalhos que dizem tão de perto com os problemas da própria nacionalidade, e já teríamos, a exemplo dos ingleses no Nilo, completado uma obra admirável de humanidade e de economia.

Por enquanto, subsistem os dois problemas. As súplicas e os pedidos de proteção recrudescem; são povoações tomadas de pânico, agricultores que temem pela sorte de suas plantações e seus rebanhos, com a inclemência da seca, mães que têm seus corações cortados, vendo morrer seus filhinhos à mingua de recursos.

Lampião volta, agora, ao cartaz. Após algumas semanas de retraimento, segundo um telegrama de Paripiranga, no estado da Bahia, reapareceu mais forte e, para refazer seu bando, fundiu-o com o de "Corisco". Preenchidos os claros de suas fileiras – continua o telegrama – Lampião começou suas sortidas, surgindo no município de Jeremoabo, onde atacou uma fazenda, incendiando-a e matando grande quantidade de gado e outros animais de criação.

Pela primeira vez esses dois males que afligem o Nordeste se afiguram correlatos, muito

embora nenhum deles apresente um cunho de originalidade, se considerarmos que governos estrangeiros já se viram em face de idênticos problemas.

Se, por um lado, é a própria ciência que nos aponta o caminho a seguir em relação às secas, o mesmo não se pode dizer do cangaço. Ao que parece, de nada nos valeram as lições de Antônio Conselheiro e da guerra dos Jagunços. A Nicarágua, no entanto, nos dá um exemplo frisante da ineficácia dos meios de que vimos lançando mão para sanear o nordeste brasileiro.

Como Sandino não fosse *persona grata* dos Estados Unidos, Tio Sam supôs que seus soldados pudessem pôr termo às atividades dos revolucionários centro-americanos. E para ali se dirigiram, em possantes vasos de guerra, os fuzileiros navais estadunidenses – os "Marines" de famosa memória. Passados vários meses, e apesar dos mais modernos apetrechos de guerra, riu-se dos "Marines" o chefe dos revolucionários nicaraguenses, como dantes se rira dos seus próprios conterrâneos. O remédio, aparentemente eficaz, não produziu efeito algum. De nada valeram aeroplanos, metralhadoras, bombas e o sacrifício de muitas vidas jovens para arrebatar o cetro das mãos de Sandino.

Não se trata, evidentemente, de uma comparação de pessoas, mas tão somente de circunstancias semelhantes. Se a caça ao rei dos sertões centro-americanos fracassou, não obstante todas as forças de terra e ar que contra ele foram enviadas, quanto mais difícil não será abater o nosso Lampião, senhor absoluto dos labirintos dos sertões brasileiros...

Foi, meditando sobre os insucessos da campanha punitiva contra Sandino, que prevíramos a difícil execução dos atuais planos tendentes a exterminar o cangaço no Nordeste. Tudo faz crer que discípulos fervorosos de D. Quixote, não podendo combater moinhos de vento, se propõem a dar combate a um verdadeiro símbolo. Porque, afinal de contas, seria pueril pensar que, abatido Lampião, estariam sanados os nossos sertões; como lacraus, os cangaceiros, abatidos ou dispersados, formam, com as partes sobreviventes, novos núcleos, que tomam vida nova.

Sem instrução, os nossos cangaceiros, quanto mais perseguidos, tanto mais fortes se sentirão.

Esses homens "fora da lei", que nos nossos sertões são chamados cangaceiros, e que nas grandes cidades dos Estados Unidos se chamam *gangsteres*, geraram uma ideia genial na mente de um prefeito de importante centro daquele país; para acabar com os contrabandistas de bebidas – *bootleggars* – e suas quadrilhas, nomeou, para chefe de polícia, um famoso frequentador forçado das grandes penitenciárias. Conhecedor que era de todos os subterfúgios de seus aliados da véspera, não tardou que essa "homeopatia" produzisse os efeitos esperados.

Assim, entre nós. Ou se combate o mal com o próprio mal, e, neste caso, cumpre aliciar cangaceiros para combater cangaceiros para combater cangaceiros, ou, talvez mais acertadamente, procure-se civilizar os sertões os sertões nordestinos, cortando-os com estradas e abrindo-se escolas. Pelo modo por que se arrastam essas investidas contra Lampião – pois é Lampião, o símbolo, que se procura abater, sobre cuja cabeça se estabelecem prêmios – só teremos como resultado prover nossos cangaceiros com armas novas e novas munições, tornando-os cada vez mais numerosos e melhor aparelhados para a defesa.

Quantas estradas, quantas escolas já não teríamos construído se aplicássemos nossas energias num plano concreto de elevação do moral desses brasileiros, que não conhecem Deus, para quem a Pátria é uma inimiga, e a família uma instituição que lhes dá agasalho em troca dos mais hediondos crimes.

*Excelsior* (RJ) – Agosto de 1932

## LAMPIÃO, O BANDIDO DE ÓCULOS, TERROR MÁXIMO DOS SERTÕES NORDESTINOS

Lampião é uma figura nacional de trágico relevo. Figura negregada do crime, expoente máximo do banditismo sertanejo – o famigerado salteador, com as suas façanhas canibalescas é um desafio constante à civilização dentro da qual vivemos.

Tipo acabado de facínora, sem temor a Deus nem o mínimo respeito à vida humana, os crimes que há longos anos Virgulino Ferreira, à testa de um magote de cangaceiros temíveis, vem praticando nos sertões nordestinos constituem como que a negação completa da eficácia do poder policial de vários Estados, quiçá do próprio Governo Federal. Porque não tem havido forças, conjugada ou isoladamente, que consigam cercar o nomadismo sanguinário do "bandido de óculos de tartaruga", restringindo-lhe a sua ação na prática de barbaridades próprias somente das idades primitivas da civilização. Várias vezes se tem movimentado e saído a campo, aguerrida e bem intencionada na caça ao famigerado bandoleiro, a polícia de alguns Estados, em cujo território o sinistro criminoso leva a efeito a sua sede vampírica de sangue humano, a sua tara patológica de exterminar, matando, tripudiando, roubando, vilipendiando, saqueando, incendiando, enfim, destruindo tudo quanto lhe seja permitido destruir – vidas e coisas – como se fosse um verdadeiro gênio exterminador. E, apesar de tudo isto, não obstante a sua presença ou simples passagem por certo e determinado local ser pior, infinitamente pior que um cataclismo de colossais proporções – apesar de assim ser, Lampião é inatingível, e invencível e tem sido baldados todos os esforços, as campanhas todas da soldadesca valente para capturar, balear, prender vivo ou morto a terrível fera do sertão. Conhecedor absoluto das regiões sertanejas onde, chefiando uma quadrilha de matadores eméritos escolhe para palco das suas medonhas e pavorosas tragédias – Lampião vem conseguindo até o presente burlar os esforços dos seus perseguidores, e se locomove nos sertões nordestinos com uma facilidade pasmosa que despista, estonteia, desorienta as forças policiais que se põem ao seu encalço. E, por onde passa o espetáculo é sempre o mesmo, variando tão somente nas suas proporções. É o saque, o incêndio, o assassínio. É a ferocidade das feras carnívoras aliada à guia antropófaga dos selvagens canibais. É a ausência absoluta da piedade humana, do respeito cristão, da compaixão pela dor, pelo sofrimento, pelo martírio, pelas lágrimas dos seres viventes. E Lampião conduzindo e orientando a turba de malfeitores, vai saqueando cidades, sítios e fazendas, vai incendiando casas, propriedades e florestas, vai matando homens, mulheres e crianças. Ai de quem a desgraça colocou frente ao vampiro sugador de sangue! Não há compaixão para ninguém, nem para os velhos inválidos que, trêmulos, se ajoelham aos pés do bandido pedindo-lhe a vida entre soluços e choros, nem para as mulheres, donzelas e mães que numa alucinada carreira, intentam fugir do matador impiedoso, nem para as criancinhas que na sua inocência não fogem, antes pelo contrário se aproximam curiosas daquele monstro que tem formas de homem, mas que não é homem. Lampião, o criminoso perverso e tarado, há nada atende, para coisa alguma tem olhos, ouvidos ou coração! E quando a tragédia indescritível é consumada, e aos pés do cangaceiro maldito jazem corpos sem vida retalhados de cortes, e escombros fumegantes dos incêndios alastradores por ordem dele consumidos, ouve-se por sobre esse pavoroso espetáculo a gargalhada arrepiadora do vandálico criminoso. E Lampião parece que se acalma um pouco, como essas figuras horrendas de animais monstruosos de outras eras que tombam exaustas para um lado após um acesso furioso de destruição e morte. E, assim, Lampião se interna pelos sertões e concede dias, semanas, meses talvez de um relativo sossego

às infelizes populações nordestinas, cuja vida é constantemente sombreada e posta em perigo pelo monstro assassino que se chama Lampião.

## A História Sentimental dos Grandes Criminosos

Povo oriundo de três raças tristes, o brasileiro é um piegas impenitente, um sentimental retrógrado que vê, e se compraz em ver um fundo de miséria e de tristeza na existência de todas as coisas e até mesmo na existência de todas as coisas e até mesmo na existência dos mais cruéis criminosos. E isto o prejudica enormemente, predispondo-o a uma falsa comiseração, donde ser por outro lado um incentivo aos bandidos na prática do crime.

Conhecedores desse fundo falso da estrutura psicológica nacional os bandidos célebres criaram em torno de si ou fazem-nas criar histórias compungentes muito próprias para serem vendidas em folhetos a quinhentos réis nas casas de engraxates. São histórias complicadas, umas; outras mais simples e elementares. Algumas tocam diretamente o coração, outras despertam estranhas rebeldias em nome de uma justiça e de uma igualdade que estão ainda por ser identificadas.

O fato é que a história sentimental dos criminosos célebres consegue apaziguar a cólera que muitas vezes se ergue contra ele e, o que mais é para admirar, tem o condão de os envolver não raro em volta de um halo de mística simpatia. Oh! a história sentimental dos criminosos célebres! Ele era criança – lembra-se como se tivesse acontecido ontem mesmo – e morava com seu pai, sua mãe, uma irmã de quinze anos, linda gazela das matas, que era o pesadelo dos matutos, casadoiros, e mais um irmãozinho, que por esse tempo ainda não se despregava do colo da velha mãe sertaneja. Viviam todos, assim, numa sitioca humilde, cultivando a terra, longe de todo o convívio humano, felizes com essa segregação, trabalhando para comer, comendo para viver até que Deus fosse servido. Uma vez, à noite – é o bandido quem fala ao repórter, da grade de uma prisão – uma vez, à noite – noite de medonha tormenta, em que os coriscos acendiam fósforos enormes na escuridão do céu – a família toda se achava reunida ao pé do fogo, rezando aos santos protetores para que a livrasse de um raio no raio daquela noite infernal, quando se ouviu bater à porta e uma voz que pedia socorro. O sertanejo é pobre, mas é caritativo e hospitaleiro.

Do pouco que a sua mesa possui a maior porção é para o hóspede que o acaso trouxe à sua soleira. Por isso naquela noite de tormenta o desconhecido foi agasalhado com carinho, servido com abundância, festejado como um filho pródigo. Suas roupas encharcadas foram secas à lareira, seu corpo moído de cansaço repousou na enxerga melhor do casebre. Na manhã seguinte raiou o sol esplendidamente no céu e nem vislumbre sequer da tempestade. Os caminhos escorreram-se da chuva e o céu varrera-se de nuvens pardas.

Tudo prenunciava um dia lindo, surgindo da mais linda das manhãs.

O hóspede, porém, não partiu. Nem nesse dia, nem no dia seguinte, nem no outro, nem no outro... quando ele, enfim, se despediu e deixou o casebre hospitaleiro minha irmã era "uma pobre coitada". Meu pai enlouqueceu de dor, minha mãe morreu instantaneamente de desgosto e eu saí como um furacão no encalço do infame que arrasou uma família inteira. Era tarde, porém. Não pude encontrá-lo. Virei o sertão de baixo para cima, escarafunchei todos os recantos, as furnas todas e nem rastros vi do miserável. Fui então à vila, fiz queixa na polícia. Disseram-me, na cara – nesta cara que o senhor está vendo – que o "mundo não ia acabar só porque uma sertaneja foi afrontada!" Espumei. Senti-me alucinado e de repente o homem que

assim me ofendera estava morto aos meus pés. Foi o meu primeiro crime. O crime inicial da série enormíssima que tenho praticado. Fui preso. Amarguei, no cárcere, os melhores anos da minha vida. Quando vi de novo a luz do sol era já outro homem. Tinha envelhecido.

Tinha-me transformado. Experimentei trabalhar e viver uma vida honesta, mas de toda a parte me apontavam, dizendo: "assassino!" Fiz-me, então, por força das circunstâncias, bandido profissional. Terei ei, porventura, a culpa disto?

### Como Apareceu Lampiao

Terá Lampião, porventura, uma história sentimental semelhante a esta? Não é de crer. Mesmo porque ela não justifica nem absolve cousa alguma. Como teria surgido Lampião? A sua história está ainda por ser definitivamente narrada e só assim a luz se fará sobre essa personalidade sinistra e negregada, monstruosa e inominável, tipo padrão do criminoso tarado, que mata pelo gosto de matar e de sorver o sangue de suas vítimas.

Assim é Lampião.

*Correio de S. Paulo* (SP) – 12.08.1933

## AREIA E SILÊNCIO

Humberto de Campos

Uma das práticas mais ferozes dos povos bárbaros e sanguinários consistia na exibição, diante das tendas, das cabeças dos chefes vencidos. Comido o adversário em banquete tumultuoso, era o crânio deste enfiado em uma vara no terreira da cubata ou da maloca, vindo, em seguida, os vencedores, que haviam comido a carne, dançar e cantar em roda do osso.

Quando se leem as crônicas do Brasil primitivo e as viagens através dos sertões africanos, é essa uma das cenas que mais vivamente ferem a imaginação. Aquela caveira enfincada num pau fica-nos na lembrança como um remorso. E de tal modo, que se torna, no subconsciente de cada um de nós, o símbolo, mesmo, da barbaria.

O homem civilizado reproduz, entretanto, às vezes, nos requintes da sua cultura, o selvagem, na sua brutidão. Após alguns milênios de existência polida, o bugre que se achava acocorado atrás de nós se põe repentinamente de pé, arreganha os dentes, e pratica, em nome da ciência, da religião ou de princípios políticos, aqueles mesmos atos que praticava em nome do ódio ou da fome. E a humanidade, que perseguiu o bugre, porque obedeceu ao instinto, aplaude o homem culto que fez a mesma coisa sob o patrocínio da Civilização.

Um telegrama da Bahia, publicado ontem, determina estas reflexões. Constam, realmente, dali, terem sido expostos ao público, na Pinacoteca do Estado, os crânios dos bandoleiros do grupo de "Lampião" mortos em combate pela polícia. Despidos da sua carne, esses

despojos humanos mostram, agora, os dentes fortes ou cariados à curiosidade dos visitantes. E sob cada caveira um nome terrível: "Caninana", "Cascavel", "Jararaca", "Ventania". Apelidos que recordam morticínios, crimes horrendos, ataques famosos, encontros sangrentos com os delegados da lei. Para que, porém, tudo isso? Para que a exibição sinistra desses fragmentos da carcaça?

Para estudos? Para proveito da ciência? Se é esse o pensamento dos exibidores desses troféus macabros a ideia falha à sua finalidade. A frenologia é, hoje, o mais precário ramo da anatomia. O crânio de Gall foi o primeiro documento contra a ciência de Gall. Ademais, o banditismo no Nordeste não é um fenômeno étnico, ou patológico, mas simplesmente social. O crânio de Cascavel ou de Caninana não será diferente do que haja pertencido ao mais virtuoso e pacato varão sertanejo. O ambiente, e as circunstâncias especiais da vida, é que puseram sob aquela abóboda de osso, pensamentos de sangue e de morte. Nenhuma luz raiará, pois, daquelas caveiras, para iluminar o caminho dos vivos.

A exibição ao público dos crânios dos bandoleiros que serviram sob as ordens de "Lampião" constitui, assim, apenas um luxo da força, e um desrespeito a infelizes brasileiros que as condições do tempo e do meio desviaram para as veredas tortuosas do crime. A piedade humana pede, para eles, a paz e o repouso cristãos, no seio materno da terra. Esses despojos não têm nenhuma utilidade para a Sociedade ou para a Ciência.

Há na história popular do Imperador Carlos Magno uma passagem que todos os nordestinos conhecem. É a morte de Fredegunda, cujo cadáver se decompõe em serpentes venenosas, que saem em perseguição dos que mataram a feiticeira invencível. Da caverna de ossos formada pelo esqueleto da virago, partem as serpes em turbilhão, enchendo os caminhos.

Os crânios dos facínoras do Nordeste agora expostos na Bahia podem repetir o prodígio fatal. A desumanidade de que vem sendo vítimas nessa exposição pode despertar ódios novos, repteis vivos gerados nos ossos arrancados aos túmulos. O banditismo constitui, no Brasil, vergonha tão grande que se não devia guardar memória dele.

Esses mortos são daqueles que urge matar. Retiremos, pois, as suas caveiras das portas da nossa tenda. E deitemos-lhes por cima, em nome do Brasil e de Deus, terra e silêncio.

*O Combate* (MA) – 10.11.1933

## OS COITEIROS E O CANGAÇO

José Mendonça

O Sr. Ranulfo Prata acaba de publicar um livro esplêndido, um livro magnífico sobre "Lampião", o famigerado cangaceiro que flagela as infelizes e heroicas populações do sertão nordestino.

Vibram, palpitam, em suas páginas todas as angústias, todo o sofrimento, todo o heroísmo admirável dos nossos patrícios que habitam aquela região do Brasil. Abandonados, esquecidos, sem escolas, sem higiene, sem justiça, sem qualquer assistência do poder público, eles vêm suportando estas três calamidades: o cangaço, a seca e a força do governo!

"De uma das vítimas de Lampião, escreve o Sr. Ranulfo Prata, ouvimos, certa vez esta comparação magnífica, irônica, dolorosa: Meu senhô, meu senhô, o sertão veve debaixo de uma carga pesada. Um costa é feito de Lampião e da seca e o outro costa é só da força do governo!

Na sua imagem expressiva, queria dizer o matuto que, no balanceio dos três flagelos, Lampião e a seca pesavam tanto quanto a tropa.

Há, graças a Deus, oficiais bravos, briosos, enérgicos, esforçados, destemidos, exatos cumpridores de seus deveres, como o denodado tenente Campos de Menezes e como o infatigável tenente Arsenio de Souza, que não medem sacrifícios, por maiores que sejam estes, para aniquilar o bando de Lampião.

Mas, em grande parte, a polícia vem concorrendo para aumentar o número dos amigos do bandido, batendo, perseguindo, ao mais fútil pretexto, os pobres sertanejos!

O capítulo "Coiteiros", do livro do Sr. Ranulfo Prata, lança uma luz muito viva sobre esse assunto.

Coiteiro é aquele que dá abrigo, refúgio e amparo ao cangaceiro; é o que lhe fornece informações, alimentos, dinheiro, armas e munições.

Na ação dos coiteiros está o segredo do fracasso de todas as arremetidas contra Lampião.

Ranulfo Prata divide os coiteiros em três categorias: o involuntário, o vingativo e o comerciante.

Involuntário é o que protege Lampião por medo.

Sabe que, se ao voltar-lhe as costas, correr e contar qualquer cousa às autoridades, pagará com a vida a ousadia.

Lampião nunca esquecerá a traição e, um dia, voltará para o ajuste de contas, invadindo a casa do sertanejo, matando-o, deshonestando-lhe a mulher e as filhas, roubando-lhe o dinheiro, levando-lhe o gado e incendiando a sua moradia!

Esta espécie de coiteiro queda-se no embaraço de um dilema angustiante: se falar, morrerão ele e os seus; se não falar, ele "poderá" também morrer, porque se a força souber que ele teve contato com Lampião, não perdoará o seu mutismo: será preso, batido e, muitas vezes, fuzilado!

Conscientemente, tem horror a Lampião.

Mas tudo o que possui está no sertão!

E limita-se a sofrer dos dois lados, estoico, resignado, ente o punhal do bandido e o sabre do soldado!

No segundo grupo, estão os coiteiros que agem por sentimento de vingança.

Ordeiro, pacato, o caboclo levava uma vida sossegada.

Um dia, porém, foi preso pela escolta, que o espancou, procurando arrancar-lhe informações de Lampião, informações que ele, na verdade, não podia fornecer porque nada sabia.

Nova surra foi-lhe aplicada pela tropa, antes de retirar-se.

De consciência limpa, inocente, o homem desrespeitado sentiu dentro de si uma revolta bravia.

Era preciso vingar-se.

E, imediatamente, bandeou-se para o lado de Lampião.

E, quando não se tenha cangaceirizado, transfigurou-se em coiteiro perigoso, servindo como espia de Lampião, auxiliando-o com víveres, dando-lhe abrigo em sua casa, dificultando a campanha da Força Pública, de vários modos!

Criou, assim, a violência policial, um temeroso inimigo.

Arvoredo, um dos mais terríveis "cabras" de Lampião, fez-se cangaceiro para vingar-se da brutalidade que sofreu da polícia!

Antes, ele era o humilde e pacífico trabalhador de enxada Hortencio Gomes da Silva.

Se a polícia tivesse agido com tato, com humanidade, podia ter feito dele um excelente auxiliar da Força.

Mas, a polícia o transformou em Arvoredo!

A última categoria de coiteiros é a mais repugnante.

Trava relações com o facínora, para fins comerciais.

Negociantes, proprietários e fazendeiros, entram em relações com Lampião, para vender-lhe mercadorias.

Lampião é ótimo freguês e paga por preço triplicado.

Muitos prosperam só com a venda de doces enlatados ao bando, tal a quantidade consumida.

O coiteiro abastado vive, acoberto da prisão, da surra e do fuzilamento, desfrutando existência regalada, prestigiosa e feliz.

A polícia respeita-o.

Mas, às vezes, não se sabe porque artimanhas do diabo, o feitiço vira contra o feiticeiro.

Lampião, furioso, despeja sobre a cabeça do coiteiro poderoso, o amigo e protetor de ontem, toda a sua ira infernal, arrasando-o.

—

Lampião!

São incríveis, inenarráveis, inimagináveis as muitas centenas de crimes horríveis que ele tem praticado.

A realidade, como já disse um filósofo, vai sempre além da fantasia!

Não se compreende que um país que se diz civilizado, como o Brasil, suporte essa calamidade pavorosa: o cangaço!

Ouça o governo estas duas frases dolorosíssimas, estas duas frases de suprema angústia, que lhe dirige o Sr. Ranulfo Prata, frases que parecem sair das bocas de todos os sertanejos do Nordeste:

– "Não queremos estradas, justiça, trabalho, escolas, higiene, tudo o que constitui luxo de civilização requintada.

Mas, concedei-nos a esmola da tranquilidade e da paz!!!"

*Lavoura e Commercio* (MG) – 13.02.1934

## UMA EXCURSÃO A ANÁPOLIS

### Uma Entrevista Bizarra com o Célebre Sargento José Rufino, Comandante da Volante que Exterminou o Grupo de Azulão

Afazeres profissionais nos levaram sábado último à linda cidade sertaneja de Anápolis.

Dezesseis horas, aboletados no estreito banco de uma marinete rumamos aos solavancos, numa *prise* desabalada, estrada afora, em busca de Itaporanga, etapa que foi vencida numa bela *performance*, por uma bela estrada de esteira empiçarrada e ampla, que se nos abria, interminável, o horizonte à frente.

Salgado às 18 horas, Lagarto às 19 e às 20, afinal, avistávamos as primeiras luzes da "cidade sorriso".

O domingo em Anápolis, surgiu preguiçoso e friorento, no marasmo amolecido das cidades sertanejas.

Um café confortante e saímos a prosear com amigos do comércio que, a despeito dos raros transeuntes, trazem, àquela hora, abertas as suas portas.

O assunto é sempre o mesmo: – falta de chuvas, política, e... Lampião. A cidade acabava de passar por mais um susto pregado por Lampião. Ao apelo de seus habitantes, ameaçados pelo bandido, o governo de Sergipe havia mandado estacionar na cidade uma volante da nossa polícia que fazia, nas imediações, a caça ao bandido. Soldados baianos da célebre volante do sargento José Rufino que desciam na pista do grupo sinistro, vagavam pela cidade na sua indumentária típica. A dez do corrente haviam tiroteado Lampião na fazenda Jitaí, no sertão baiano e refaziam-se, no momento, das grandes caminhadas.

O sargento José Rufino celebrizara-se no encontro com o grupo de Azulão a 14 de outubro próximo passado, aonde morreu o chefe Azulão e mais três comparsas.

### José Rufino

Era o assunto forçado nas palestras aos poucos, talvez pela falta de outros, íamos nos interessando pelos seus detalhes, quando um sertanejo agigantado, abeirando-se do balcão em passadas largas e pesadas, pede ao caixeiro um par de sapatos número 44 que, infelizmente, não é encontrado.

Ombros largos, pescoço hercúleo, bronzeado, cartucheira ampla, pendida ao peso das balas alinhadas, o olhar frio, inexpressivo, traços fisionômicos fortes, o sertanejo dá de ombros e vai sair quando alguém lhe perguntou, quebrando o silêncio feito no momento:

– O senhor pertence à volante José Rufino?

– Sou eu o próprio José Rufino, respondeu com ênfase o sertanejo.

### Uma Entrevista

Assaltou-nos a ideia de uma entrevista com o chefe da volante mais afamada de quantos andam, neste momento, na pista dos bandidos. Notando o meu interesse o homem iluminou o olhar duro, se avizinhando da minha cadeira.

– Há quanto tempo anda o senhor na caça de bandidos? Perguntamos.

– Há três anos que entrei como "Provisório" na força baiana. Estive no encontro da Maranduba onde perdi um primo meu e um irmão do meu companheiro de agora, sargento Vicente Marques. Depois do fogo de 14 de outubro aonde acabei com o grupo de Azulão fui efetivado no posto de sargento.

Meteu vagarosamente a mão no bolso do casaco, sacou de lá a fotografia sinistra de quatro cabeças decepadas e nos foi fazendo com o indicador, a apresentação mais estranha que temos tido:

– Aqui é Azulão. Este é Canjica, aqui é Maria e este o caboclo Zabelê. *Deus me ajudou*. Foi uma boa caçada. A fotografia não está boa porque foi tirada em Monte Alegre (sertão baiano) depois de termos viajado um dia inteiro com as cabeças deles dentro de um surrão...

Tudo isto nos ia sendo relatado com uma serenidade impressionante e trágica.

– Quantos homens perdeu neste combate?

– Dois só. Um ligeiramente ferido por três balas de raspão no rosto. Era meu rastejador. Quando se abaixava para examinar um rastro, recebeu uma descarga na cara. Já está bom.

– A sua tropa tem montadas?

– Soldado meu nunca montou. Soldado montado faz muito barulho e só anda na estrada. Na estrada, bandido não anda. Soldado meu não fuma de noite nem fala hora nenhuma. A gente faz tudo por sinal. O tenente Santinho é o que mais me recomenda: – longe de rua e de estrada se quiser encontrar com os bandidos.

– Quantos encontros já teve?

– Oito, contando com o do dia dez, na fazenda Jitaí.

– Por que não teve resultados neste último encontro?

– E eu sei?... Foi a sorte deles.

Nós demos na pista no dia 9 e saímos rastejando. De noitinha, o rastro baralhou-se num intrincado de macambira que a gente perdia de vista. Do fundo, aonde a macambira era mais alta, ouvimos vozes. Lá estava a caça. Meu pessoal se arrepiou e eu cochichei com o sargento Vicente Marques: – se avançarmos mais eles ouvem o barulho e se danam no mundo. Vamos dormir aqui. O sargento Vicente Marques que é um bicho certo no ponto (boa pontaria), esperou um tempão vendo se aparecia alguma cabeça para ele vazar. Mas, nada... De manhãzinha distribuí meu pessoal e lá vai bala. Eles gritaram de lá: – aqui também tem homem, macaco!... Gritaram assim nos xingando, mas arribaram no mundo que nós, sem podermos correr no intrincado da macambira, não encontramos mais ninguém quando chegamos no coito. Vimos lá muito sangue. Parece que ferimos algum dos 22 que estavam acoitados. Deixaram lá muita coisa que carreguei para Coité. Como vê vosmicê, é uma questão de sorte.

– E para onde deram os bandidos?

– Eles estão pra ir pra serra do Capitão.

– Estarão em Sergipe?

– Não creio. Quase que lhe posso garantir que Lampião não está em Sergipe.

## SANHARÓ

Passou neste momento um soldado sergipano que, ao dar com o sargento, abraçou-o efusivamente.

– É o rastejador melhor que há neste sertão. Trabalhou comigo muito tempo. Bicho bom. Explicou José Rufino.

O soldado mirou-o com admiração, aparvalhado. Magricela, alto, pescoço fino e com-

prido, ligeiramente encurvado pra frente, seu corpo mirrava-se ainda mais, apertado à farda que vestia; rosto encarquilhado e vinculado por mil rugas, era o rastejador, o popular Sanharó, da polícia sergipana.

Outro tipo comum de sertanejo forte. Parece incapaz de uma agilidade. Resiste e age, entretanto, com uma capacidade assombrosa. Ao se abraçarem, pareceu-me um tronco de braúna que abraçasse uma vara de candeia. Braúna e candeia, o gigante e o pigmeu, resistem da mesma sorte às inclemências do meio em que vivem.

Estava satisfeita a nossa curiosidade e José Rufino e Sanharó lá se foram pela rua afora a procura dos sapatos número 44 tão difícil de encontrar como os bandidos que eles dão caça.

*O Estado de Sergipe* (SE) – 25.05.1934

## O BANDITISMO NO NORDESTE

José Firmo

Quando eu regressei, o ano passado, no Nordeste, tive oportunidade de aludir numa entrevista ao *O Globo*, ao problema do banditismo, que é, sem exagero, uma das maiores máculas atiradas à civilização e à cultura brasileira.

Entre outras causas, atribuí à injustiça a proliferação de bandidos na região calcinada.

Estudei detidamente o fenômeno e acentuei algumas observações (...). Os males persistem.

"Lampião" é o efeito lógico de várias causas.

Na chamada República Velha fazia-se ao facínora uma dispendiosa campanha negativa.

Sei de alguns oficiais nordestinos que tinham verdadeiro pavor do bandido e outros que forneciam até armamentos a Virgulino Ferreira, acumpliciando-se aos seus assaltos à propriedade alheia.

Ninguém idoso apareceu para contestar-me.

Há várias razões, todas expressivas, que me conduzem à descrença.

"Lampião" não poderá ser esmagado uma vez que o próprio sertanejo é, em regra, o mais interessado na sua existência.

A afirmativa poderá parecer estranha.

Não o é, todavia.

É que a polícia devasta e aterroriza muito mais do que o cangaceiro.

Há ainda nos bandidos a existência de determinados escrúpulos que faltam aos policiais.

Em 1929 perlustrei quase todo o sertão pernambucano. Recolhi depoimentos interessantíssimos que me conduziram às conclusões piores quanto a maneira por que se portam os contingentes policiais que vão em perseguição aos bandidos.

Trouxe à imprensa da metrópole a maioria desses depoimentos sinceros e eloquentes.

Por eles evidenciava-se porque sempre fracassaram as custosas expedições que buscavam aprisionar o facínora.

Em primeiro lugar, "Lampião" nunca foi rigorosamente combatido. Já enumerei, em síntese, os motivos determinantes. Em segundo lugar, é, como já disse, em regra, o sertanejo, o maior protetor de Virgulino Ferreira.

Protegendo-o, os habitantes dos sertões nordestinos supõem que se vingam dos soldados de governo que lhes roubam os haveres e desonram as filhas.

Eis aí as razões por que descreio na extinção de banditismo no Nordeste.

"Lampião" continuará comprometendo a cultura e a civilização desta jovem nação da América, enquanto não se adotarem medidas mais enérgicas e decentes à sua captura.

*O Operário* (MG) – 30.06.1934

**OS BRUTOS**

Romance de Wanderley

Antônio P. Nunes

"Lampião" está de parabéns. A sua famigerada vida não ficou como a de Dioguinho ou a de Antônio Silvino assunto apenas para folhetins populares. O destemido cangaceiro nordestino foi além e muito além. As suas façanhas invulgares no campo do crime e as lendas em torno de sua pessoa, propiciadas pelo ambiente, valeram-lhe a projeção de seu nome por todos os recantos do país e por todas as camadas da população brasileira.

É possível e até bastante provável, que haja por aí gente que ignore o nome do governador de seu próprio Estado, gente que não saiba quem governa o Brasil; gente que nunca ouviu os nomes de H. Ford, Mussolini, Hitler; e gente que já os tendo escutado, não saiba o que significam tais nomes.

Mas, e Lampião?

– Ah, isso todos, indistintamente, conhecem.

E não somente o seu nome, ou a sua alcunha se espalhou pela nossa terra, mas os seus exaltados e os episódios de sua existência votada ao crime também se divulgaram e difundiram com uma rapidez e uma intensidade fora do comum.

Com credenciais desse estofo, era natural e era compreensível que Virgulino Ferreira transpusesse os limites do folhetim barato. Virgulino deu um salto e entrou, como personagem real que é para a literatura nacional. E entrou triunfalmente. Pois teve a sorte invulgar, como muitos dos nossos grandes homens ainda não tiveram – de encontrar um coestaduano seu que, senhor do assunto e senhor de uma linguagem castigada e vigorosa fixou num romance empolgante, simplesmente isto: a vida de Lampião.

Fazer pura e simplesmente a narrativa das façanhas de Virgulino, fazer uma obra de reportagem, seria trabalho de somenos importância para quem, como Wanderley, maneja escorreita e fogosamente a língua.

Mas, a construção do romance desse gênero exige uma outra face de conhecimentos: a psicologia do delinquente.

Não sabemos se o autor, algum dia chegou a ver Lampião. Deve ser exato, porém, que

nunca tenha privado com o famoso bandoleiro e que nunca, portanto, o tivesse colocado sob a sua observação direta.

O autor, porém, é um conhecedor perfeito do meio e do ambiente, onde a lei é o cangaço. Já penetrou os sertões nordestinos. Observou, naturalmente, outras figuras de criminosos habituais. Com esses elementos indiretos, o autor criou o seu Lampião. Criou?

– Não. Reproduziu o verdadeiro Virgulino. Porque outra não pode ser a psicologia do bandido paraibano, senão aquela que vislumbramos nos *BRUTOS*, de Wanderley.

Lampião é uma figura de delinquente habitual. O ambiente propício e a prática habitual do crime fizeram, de Virgulino, o Lampião.

O autor atendeu admiravelmente a esse detalhe quando coloca Virgulino a confessar seu primeiro crime ao poderoso coronel Cazuza Ramalho: "Meu pai estava morto; tomei por outros caminhos, porém não me deixaram passar. Pensaram que cobardia e começaram as provocações..."

Aí está. Virgulino não trouxe consigo anomalias somáticas que o impelissem ao delito. Não. Os outros é que não lhe permitiram tomar outra vereda. E rolando pelo crime, vemos, finalmente, a sua insensibilidade moral atingida e estampada nas suas ordens como aquela:

– "Quero essas caças (crianças assassinadas) já e já tratadas, salgadas e cozidas."

Aí está a insensibilidade moral. Virgulino, que o autor nos mostra, a princípio, tão excitante para matar Leonardo, o assassino de seu pai, não se comove e não se emociona mais com o delito, por mais horrendo e canibalesco que possa parecer.

É que a sua sensibilidade moral se afrouxou e foi até o ponto de apagar-se completamente.

Mas, não se suponha que essa tarefa de traçar na literatura a psicologia de um delinquente seja coisa fácil.

É tão difícil que, quando o seu autor desenvolve essa psicologia com precisão, pode ficar certo de que o seu trabalho não será destruído pelo tempo.

Aí está Shakespeare: o Otelo e o Hamlet, ainda vivem no teatro porque ainda hoje, em face das doutrinas da escola positiva, são os exemplos perfeitos do delinquente passional e do delinquente louco.

Maior mérito, porém, nós vamos encontrar na resistência que oferecia à análise dos psiquiatras da delinquência, que em vez de examinarem o Lampião real, examinassem o Virgulino, retratado por Wanderley.

*Correio Paulistano* (SP) – 04.08.1934

## CANGAÇO

Rubem Braga

Erguerei hoje minha débil voz para louvar o Sr. Getúlio Vargas. Aprovo de coração aberto o veto que ele deu a uma lei que mandava abrir um crédito de 1.200 contos para a campanha contra o cangaceirismo.

O presidente vetou porque não há recursos, isto é, por falta de dinheiro. Eu vetaria por amor ao cangaço.

Lampião, que exprime o cangaço, é um herói popular do Nordeste. Não creio que o povo o ame só porque ele é mau e bravo. O povo não ama à toa. O que ele faz corresponde a algum instinto do povo. Há algum pensamento certo atrás dos óculos de Lampião; suas alpercatas rudes pisam algum terreno sagrado.

Bárbaro, covarde ele é. Dizem que conseguiu ser tão bárbaro e covarde como a polícia – a polícia que o persegue em todas as fronteiras. Mas é preciso lembrar que ele está sempre em guerra: e na guerra como na guerra. Retirai de seu aconchego doce qualquer de nossos ilustres e luxuosos generais; colocai-o à frente de um bando, mandai-o lutar uma luta rude, dura, de morte, através dos dias, das semanas, dos meses, dos anos. Ele se tornará também bárbaro e covarde.

O cangaço não é um acidente. É uma profissão. Nasce, vive e morre gente dentro dessa profissão. O tempo corre. Filhos de cangaceiros são cangaceiros, serão pais de cangaceiros. Eles não estão organizados em sindicatos nem em associações recreativas: estão organizados em bandos.

Ora, a vida do cangaço não pode ser muito suave. É uma vida cansativa e dura de roer. Quando centenas de homens vivem essa vida, é preciso desconfiar que não o fazem por esporte nem por excesso de "maus instintos".

O cangaceiro é um homem que luta contra a propriedade, é uma força que faz tremer os grandes senhores feudais do sertão. Se alguns desses senhores se aliam aos cangaceiros, é apenas por medo, para poderem lutar contra outros senhores, para garantirem a própria situação.

Ora, para as massas pobres e miseráveis da população do Nordeste, a ação dos cangaceiros não pode ser muito antipática. E é até interessante.

As atrocidades dos cangaceiros não foram inventadas por eles, nem constituem monopólio deles. Eles aprenderam ali mesmo, e em muitos casos, aprenderam à própria custa. De resto, a acreditar no que José Jobim, um rapaz jornalista, escreveu em *Hitler e Seus Comediantes*, agora em segunda edição, os cangaceiros são anjinhos ao lado dos nazistas.

Os métodos de Lampião são pouco elegantes e nada católicos.

Que fazer? Ele não tem tempo de ler os artigos do Sr. Tristão de Athayde, nem as poesias do Sr. Murilo Mendes. É estúpido, ignorante. Mas se o povo o admira é que ele se move na direção de um instinto popular. Dentro de sua miséria moral, de sua inconsciência, de sua crueldade, ele é um herói – o único herói de verdade, sempre firme. A literatura popular, que o endeusa, é cretiníssima. Mas é uma literatura que nasce de uma raiz pura, que tem a sua legítima razão social e que só por isso emociona e vale.

Vi um velho engraxate mulato, que se babava de gozo lendo façanhas de Antônio Silvino. Eu percebi aquele gozo obscuro e senti que ele tinha alguma razão. Todos os homens pobres do Brasil são lampiãozinhos recalcados: todos os que vivem mal, comem mal, amam mal.

Dar 1.200 contos para combater o herói seria uma tristeza. Eu, por mim (quem está falando e suspirando aqui é o rapazinho mais pacato do perímetro urbano), confesso que as sortidas de Lampião me interessam mais que as sortidas do ser Antônio Carlos.

Não sou cangaceiro por motivos geográficos e mesmo por causa de meu reumatismo. Mas dou àqueles bravos patrícios o meu inteiro apoio moral – ou imoral, se assim o preferis, minha ilustre senhora.

Rio, fevereiro de 1935.

*Diário de Pernambuco* (PE) – 02.02.1935

## VERGONHA NACIONAL

J. Arimathea Mourão
(Diretor d' *O ECO*, de Bambuhy)
(Copyright de U. J. B., para *Jornal do Commercio*)

Há uma coisa que devia envergonhar profundamente a polícia brasileira ou, melhor, que envergonha, de fato, não só a polícia como também o Brasil. É o caso de Lampião.

Esse audacioso e terrível criminoso – o mais feliz dos bandoleiros – que traz em sobressalto, quase constante, os pacatos habitantes do nordeste brasileiro, é uma prova, segundo muitas opiniões, do descaso que os governos votam ao bem, à tranquilidade e a segurança pública. E entristece, revolta até, a quantos sensatamente não podem ao editar que a captura de Lampião seja obra superior às forças das organizações policiais dos Estados onde ele, livre e comodamente, se exibe em atrevidas façanhas.

Dirá alguém, talvez, que há muito a polícia vem sustentando contra ele e sua horda sinistra, uma acentuada e contínua perseguição, e que mesmo se tem travado diversos combates, entre a polícia e seus homens, nos quais pereceram diversos membros do bando e outros muitos foram aprisionados. E que dirão do povo pensa muita gente: "que esse cangaceiro seja protegido por pessoas, de influência, na zona onde opera"?

—

De qualquer maneira, a verdade é que o caso de Lampião é uma vergonha enorme para o Brasil, é uma vergonha nacional, e um problema cuja solução o Nordeste em grandes gritos reclama.

—

De duas hipóteses, uma, forçosamente, deve ser admissível, em se tratando do caso: o Nordeste não fica livre de Lampião, porque o crime ali é protegido e a polícia não lhe quer dar

um fim; ou de verdade, a polícia não pode, não tem força, nem dispõe de meios suficientes para o fazer.

Ou não quer ou não pode.

Na primeira hipótese, a polícia será mais criminosa do que os celerados malfeitores de Lampião. Na segunda, será ainda uma grande vergonha para o país, ficando provada a incapacidade, o pouco valor da nossa polícia.

Fosse certa, a primeira hipótese seria a tristíssima afirmação de que a polícia não é mais do que um "'bando" semelhante ao de Virgulino, porém, composto de malfeitores bandidos mais hábeis e inteligentes, reunidos numa quadrilha mais de luxo e melhor organizada.

Aceitemos antes a hipótese mais decente: – não pode!

É lamentável, mas é preferível...

*Jornal do Commercio* (MT) – 17.02.1935

## LAMPIÃO, "CAFÉ PEQUENO"...

Positivamente não merecemos que os altos espíritos cultos e civilizados dos outros povos se ocupem de nós. Acocorados, na posição clássica do "Jeca Tatu", não temos acompanhado o progresso do mundo e suas arrancadas fulminantes no campo das elevadas conquistas. E na própria América do Sul, cheia de afinidades para conosco, vamos ficando isolados com essa eterna mania de estacionamento que se concretiza na frase curiosa do caboclo consolado olhando a terra vazia: – é, mas "plantando dá"...

Agora mesmo, os jornais anunciam o último fato sensacional ocorrido na Argentina e que nos passa a perna de um modo insofismável: "dois grupos de *gangsteres* em luta de morte em pleno Buenos Aires".

Sim, senhores! *Gangsteres*, legítimos assassinos, ferozes, em carne e metralhadora nas ruas da capital argentina.

O *gangster* hoje é uma figura que representa o progresso. Chicago sem gangster, Paris se apache são cousas incompreensíveis".

O apache porém perdeu para o gangster, que é um bandido moderno, elegante, que atira de smoking. Dessa forma Buenos Aires acaba de subir no conceito das nações civilizadas. E nós? Termos que nos contentar com o ridículo Lampião de óculos (imaginem um bandido)! Ladrão de cavalo, nas florestas imensas do Brasil.

Lampião, "café pequeno"...

*Jornal do Commercio* (MT) – 14.03.1935

## O FIM DE LAMPIÃO

Parece que vai em declínio a estrela protetora de "Lampião".

Foi preciso que Deus lhe acenasse com o tremendo castigo da cegueira, para que as suas vítimas começassem a sentir um desafogo. Está próximo, assim, do encerramento, o ciclo criminoso e cruel dessa vida votada inteiramente ao mal.

O homem não chega, jamais, a compreender porque a natureza cria monstros como esse e os põe no mundo para cumprir a sinistra missão de torturar e matar.

Não encerra, porventura, a vida em si mesma tormentos bastantes para tirar o sossego?

Por que, então, dar ainda essa quebra de malvadeza?

E os lugares onde "Lampião" exerceu a sua atividade funesta são já, de per si, pouco felizes.

Os homens que ele assaltava, as mais das vezes nada tinham que perder. As vidas que ele ceifava com cega crueldade é que devemos lamentar.

Se o sol, a seca e a fome, são, já, males bastantes para o sertão nordestino – para que acrescentar-lhe ainda o terror da presença odiosa, das risadas sarcásticas e inconscientes, das facas impiedosas e dos rifles traiçoeiros?

Móveis misteriosos que o homem contemplará para sempre impotente, ou capricho inconsciente dum destino cego?

E para essa humanidade flagelada pelo clima, é um motivo de alívio a notícia de que "Lampião" vai desaparecer.

Espantoso índice de que no meio da tortura periódica, mas inextinguível, há um tormento que ameaça finfar!

É o Homem-Terror, que se vai. É o homem mais temido do que o sol e a seca, porque destes, espera-se logo o fim, e porque se sabe que do céu donde cai o fogo, cairão o orvalho e a chuva que é o pão; mas daquele, das suas balas, das suas facas e dos seus sequazes, todos sabem que não se podem senão esperar, a qualquer tempo, a tortura e a morte.

Cego! Será, porventura, por demais pesado o castigo que cai sobre quem, através de toda a sua vida, só soube fazer sofrer?

*Correio Paulistano* (SP) – 14.06.1935

## LAMPIÃO DIRIGE-SE A ITARARÉ

Em afetuosa missiva, aquele franco-atirador analisa a situação em face dos inimigos. Lampião, visto por Taba, sem ser visto por Lampião.

O nosso prezado chefe acaba de receber, com carimbo fresquinho de Garanhuns, a seguinte epístola ou é... pistola:

"Seu Barão – Tou lhe escrevendo com meu cunhado Moderno junto, mode não errá na

gramática. Soube que o bestaião do senador Pacheco pediu 2.000 contos de réis pra me caçar mió. Tou rindo dele que nem Getúlio. Os macaco me deram um cerco e eu tava quase perdido; mas foi só se fala que ia havê mais cobre, eles afrouxaram o cerco e deixaram eu escapulir com os menino, porque enquanto houver dinheiro pra pagar dobrado aos oficial e dá de comer aos coronel eu ando é cantando e sobiando, porque sei que ninguém é bestas de me prender pra depois ficar sem essa renda. Assim como também peço ao Senhor pra dizer aí a esses caga-avoando da cidade que não me chamo mais Lampião, porque não quero que se pense que minha coragem é de querosene ingrez, nem quero dar lucro a esses bife safado. Quando o Brasil tiver querosene de mesmo eu volto por cima do rastro e torno a ser Lampião. Agora, por enquanto, eu fico me chamando mesmo é Pavio, ou, se não, Candeia, porque é cousa que não precisa de gringo para alumiá. Basta cera de abêia e algodão do Seridó. Como também mando pra o senhor dizer aí que é melhor não avexarem muito, porque com a graça de Deus eu acabo é pegando esses fio da mãe todos e fazendo deles paliteiro de punhá. Assina Capitão Virgulino Ferreira, antigo Lampião, atual Pavio.

Note bem – Vi dizer que aí tem um Filinto Mille que é da peste para inticar com os outro? Porque esse espaia-brasa não vem exprementar uns purgante do meu rifle? (a) O mesmo".

*A Manhã* (RJ) – 09.08.1935

## "LAMPIÃO" E O CANGAÇO, NO CONCEITO DO SR. LUIZ CARLOS PRESTES

Américo Palha

O Sr. Luiz Carlos Prestes – o famoso Cavalheiro da Esperança – foi por muito tempo um grande clarão dentro da noite dos nossos destinos e para o qual convergiam todas as esperanças do Povo brasileiro.

Um dia esse homem, tido e julgado como uma das mais fortes expressões culturais e morais do Exército Brasileiro, abandonou os seus companheiros de jornada libertadora, abraçando ideias incompatíveis com o sentimento e as tradições da nossa gente.

Nem por isso, entretanto, o bravo comandante da Coluna Invicta perdeu essa aura de admiração que o cercava, com um prestígio de lenda. Mas, longe do ambiente nacional por força do novo credo que seguira, o Sr. Luiz Carlos Prestes parece ter se esquecido de que nasceu no Brasil e a tal ponto, que vem expendendo conceitos extravagantes e absurdos sobre coisas do seu país.

É interessante como o antigo chefe revolucionário julga "Lampião" e os bandos de cangaceiros que infestam os nossos sertões, depredando, saqueando, matando, numa fúria diabólica e hedionda.

Vamos transcrever alguns períodos de um artigo assinado pelo atual presidente de honra da Aliança Nacional Libertadora e publicado no jornal *O Homem Livre*, órgão oficial da "Ação Pernambucana Antifascista".

Diz o Sr. Luiz Carlos Prestes: "Os cangaceiros são grupos mais ou menos numerosos de camponeses que perseguidos pelos senhores feudais ou pelas autoridades governamentais, não podem subsistir senão em luta. Entre outros, o mais conhecido é "Lampião" que combate vitoriosamente há mais de dez anos contra todas as forças enviadas contra ele. A crise atual, agravada no nordeste brasileiro por longos anos de secas, aumentou o número de cangaceiros e hoje, ao lado de "Lampião", formigam pequenos chefes de bandos que vivem do dinheiro e das mercadorias arrancadas aos ricos comerciantes.

As massas nutrem a maior simpatia pelos cangaceiros, que dividem com ela grande parte dos víveres e das mercadorias tomadas.

Acrescenta o Cavalheiro da Esperança: "Naturalmente os grandes senhores de terras, as autoridades e os jornais burgueses caluniam os cangaceiros, apresentando-os como bandos de malfeitores e assassinos, no intuito de amedrontar a pequena burguesia e impedir que o proletariado das cidades entre em ligação com os sertanejos rebeldes, a fim de orientá-los e organizá-los".

E termina: "No entanto, para fazer face ao furor sanguinário dos grandes senhores de terras contra as massas de camponeses que combatem no interior do país, o PCB e o Socorro Vermelho Internacional têm de executar tarefa urgente: apelar para as vastas massas trabalhadoras do mundo inteiro e realizar grandes movimentos de protestos contra o terror branco no Brasil e pelo desarmamento dos bandos policiais que devassam os sertões brasileiros".

Aí está o conceito que Luiz Carlos Prestes faz do cangaço. Se o comunismo triunfasse no Brasil, os "camponeses rebeldes" – Lampião e sua gente – tornar-se-iam inspiradores da política proletária e da regeneração dos nossos costumes...

*Jornal do Commercio* (MT) – 18.08.1935

**DE RELANCE**

Ataualpa

Lampião, a figura sinistra de bandoleiro, tão explorado, em 32, por amigos atuais do Sr. Getúlio Vargas, é um temido assolador dos sertões nordestinos.

Alguns sociólogos, perfeitos conhecedores daquelas regiões, afirmam que o cangaço é uma necessidade do ambiente.

Chegaram alguns a considerar as tropelias dos bandidos como natural reação contra as absorvências de caciquismo inexorável.

Que faz, porém, o bando de Lampião?

Percorre zonas, pouco habitadas, do sertão, no Nordeste; rouba fazendeiros e comerciantes, mata policiais e inimigos, espanca e, de vez em quando, leva a desonra a certos lares.

Está claro que, em São Paulo, tais crimes não seriam possíveis ou, praticados por tais processos, não ficariam impunes.

Mas, pergunto, qual será a extensão da zona percorrida por Lampião e seus sequazes?

Em quanto monta a população dessa pobre zona, tão assolada?

Não alcançará por certo vinte por cento da área total do Brasil e a população talvez não atinja a cinco por cento.

As extorsões dos cangaceiros devem atingir a somas bem inferiores a impostos absurdos criados para sustentar repartições inúteis, recheadas de afilhados políticos, e perseguir o trabalho honesto da lavoura, do comércio, da indústria.

Se Lampião pudesse dispor do aparelhamento compressor, cujo tipo é o executivo fiscal, abusivamente exercido, conseguiria o que tem conseguido, sem necessidade dos crimes espetaculares que pratica.

É bem possível que arrecadasse menos que o fisco e, quiçá, aplicasse melhor o dinheiro alheio. Tudo é possível.

Não me sobra espaço para ir além, de dedução em dedução, mas fica o resto a cargo da imaginação do leitor.

Tudo na vida dos homens depende apenas do *modus faciendi*, das formalidades.

Há ladrões condecorados, glorificados, adulados, embora roubem somas avultadas, enquanto outros, por um pão ou uma galinha, são desprezados e acabem na cadeia.

Tema bastante explorado. Vide Guerra Junqueira e tantos outros.

Lampião é um bandido e os seus malefícios representam uma gota d'água no oceano revolto dos abusos fiscais tão conhecidos da lavoura, do comércio, da indústria, de todos, enfim, que sofrem, direta ou indiretamente, as consequências funestas de sua bulimia.

Simples questão de *modus faciendi*.

O mundo é mesmo divertido.

*Correio Paulistano* (SP) – 25.08.1935

## LAMPIÃO TEM RÁDIO...

Quando todo mundo pensava que o famigerado "Lampião" estivesse atocaiado numa das suas muitas cavernas, no seio inóspito das caatingas, descansando, naturalmente, das suas "enobrecedoras" labutas, eis que um jornal do Recife ressuscita este famoso êmulo de Antônio Silvino com uma notícia verdadeiramente sensacional: Lampião é possuidor de uma estação de rádio de alta potência e das mais perfeitas, e por onde ele vive em contato permanente com o mundo civilizado. Esta informação foi transmitida por um engenheiro que se achava preso pelos comparsas de Virgulino e que conseguiu fugir das garras rapaces dos desumanos celerados quando estes tiveram de fugir das famosas forças volantes que os perseguem de... brincadeira.

O referido engenheiro, se é que ele existe, asseverou, mais, que Lampião sabe, pelo rádio, muito bem, quando vai ser atacado, por onde rumam os soldados, e até mesmo a hora precisa em que os seus cabras terão de enfrentar os bacamartes do governo.

Se o que foi dito acima for verdadeiro não resta dúvida alguma que Lampião pertence a algum sindicato de bandoleiros do Nordeste. Este sindicato deve ser constituído por indivíduos com responsabilidade e situações definidas na sociedade e que dispõem de Lampiões e do seu bando para cometer morticínios, roubos, incêndios, depredações, tudo isto, já se vê, por conta deles, bandidos de gravata e cartola.

As afirmações do tal engenheiro, que fugiu das unhas de Lampião, assumem, assim, um caráter grave: o de haver gente do alto que protege este bandido cruel, que tem ensopado de lágrimas e de sangue toda uma grande faixa do Nordeste, e isto de modo impune sem que ninguém lhe peça contas.

Uma estação de rádio custa dinheiro e grande.

A mentalidade de Lampião não vai além do trabuco.

*Revista Excelsior* (SP) – Novembro de 1935

## LAMPIÃO E PRESTES

R. Barros

O curioso tipo de anômalo moral que se conhece no Nordeste com o nome preciso de "cangaceiro" jamais resultou de opressão feudal ou da luta do capitalismo com o camponês ou trabalhador rural.

Estes argumentos não têm apoio em fatos concretos, nem os termos têm sentido lógico, porque a etiologia do cangaceirismo se antepõe a essas afirmativas levianas, dada a impossibilidade material da ocorrência de tais fenômenos.

E a razão é a mais convincente: não há nos sertões do Nordeste latifúndios no sentido social, nem existe capitalismo, pois todas as fazendas são pobres e a pequena fortuna que ali existe, é extremamente subdividida.

O trabalhador, o camponês ou o homem do campo, qualquer que seja a sua categoria, é absolutamente livre, submetendo-se a trabalhos organizados somente quando premidos pelos rigores das secas, de lustro em lustro, de década em década, conforme o ciclo estival.

É falso dizer de que os bandoleiros representam a classe oprimida em reação contra uma classe opressora.

A falta de repressão, o policiamento feito sem métodos racionais, a falta de vias de comunicação, constituem fatores ponderáveis na gênese daqueles delinquentes.

Lampião exercia a profissão de tropeiro, no que era auxiliado por seus irmãos Antônio Ferreira e Levino Ferreira.

Nasceu no povoado de Nazaré, município de Vila Bela, no vale do Pajeú, afluente da margem esquerda do São Francisco.

Logo cedo o mau vezo de furtar suscitou entre os "Ferreira" e um pequeno fazendeiro da vizinhança José Saturnino, encarniçada contenda.

As lutas seculares entre as famílias "Pereira e Carvalho" e a ocorrência de outros fatores regionais originaram vários grupos de malfeitores, salientando-se os de Sebastião Pereira e Luiz Padre, o cruel castrador de homens e raptor de mulheres, os quais atraíram Virgulino Ferreira ao seu bando, onde ia ser o futuro Lampião, cognome que lhe deram os seus compartes porque a presteza com que disparava aquecia o cano de 44 até o rubro.

Foi o início de sua carreia sinistra, cujas proezas à força de reproduzidas pelas notícias da imprensa, já não despertam sensações de novidade; e não obstante o verdadeiro caráter do facínora ainda está por divulgar.

Os fatos alterados pela reportagem, a informações da polícia ampliadas pelo espírito jactancioso dos perseguidores (só é herói quem combate heróis), as tendências românticas do povo, fizeram do bugre uma personalidade à parte, agindo à mercê de fatores desconhecidos.

Todo chefe de malta, que tem infestado o Nordeste, desde os "Guabirabas", "Viriatos", "Jesuíno Brilhante", "Antônio Silvino", "Pereiras" e "Lampião", aparece feito vítima de perseguições, construindo-se a sua história numa aureola romântica de vinganças a exercer, injustiças a reparar, pecados a redimir. É fora de dúvida que a ação da polícia nos Estados do Nordeste, do ponto de vista social, tem produzido efeitos positivamente contrários. Sua marcha persecutória descreve-se em sinuosidades de pavor, revoluteando no mesmo ciclo de crimes, peculiares à horda malfeitora.

Claro que elementos há que fogem à regra, substituindo, porém, os efeitos gerais contrários aos fins desejados. Podem elas destruir bandos arregimentados, mas não conseguem esfriar a temperatura propícia a novas germinações. Ao contrário, exaltam o poder genético do ambiente. Quem o diz são fartos episódios de todo ainda inéditos, mas que deveriam ser divulgados.

Mas, a despeito desses fatores, não há, na formação dos tipos malteses, o brio cavalheiresco decantado no folclore, nem justificativa romântica das ficções à Rodolfo Teófilo.

Os trânsfugas, numa lei constante, em se oferecendo a primeira ocasião, lançam-se ao crime e, céleres, tocam as lindes profissionais, demonstrando ser este o verdadeiro objetivo desses transviados, fermentos da ocorrência vultosa de fatores exógenos, que ali têm franca preponderância sobre os endógenos.

Por essas influências mesológicas, a mentalidade dominante assoberba igualmente as correntes antagônicas de perseguidos e perseguidores.

Poderíamos ilustrar o asserto com os episódios; são eles impressionantes de feição a dispensar comentários.

De sua trama ressuma a surpreendente verdade de que a erosão social se processa ali à ação de ambas as correntes.

"Lampião" sobrepuja os seus antecessores e surgiu aplicando métodos novos depois da passagem da coluna Prestes nos sertões de Piancó, Navio, Vila Bela, Floresta, zona preferida pelos salteadores.

Até então, Virgulino Ferreira desconhecia a tática de se apoderar de cavalgaduras, fazer rápidas correrias e prender pessoas que ele supunha abastadas e negociar com a família da vítima o preço do resgate...

São Paulo, 10 de dezembro de 1935

*Correio de S. Paulo* (SP) – 12.12.1935

## CANGACEIROS NUMA TERRA SEM JUSTIÇA

Lampião continua a traçar nos sertões do nordeste brasileiro, novas rotas audazes, enfrentando postos policiais e invadindo os vilarejos, pacíficos, estabelecendo o pânico e o terror.

Virgulino é um dos últimos cangaceiros do Nordeste que resiste à ação repressora exercida pelas forças armadas.

Silvino e Brilhante tiveram como ele, sua fase de prestígio e fama.

Celebrizados no crime, tão frios e tão audazes como Lampião, passaram por todas as escalas da delinquência.

Um dia, porém, caíram nas malhas da polícia. E tiveram seu fim, à sombra de uma casa correcional.

Virgulino tem sido, entre todas as celebridades do cangaço brasileiro, o mais afortunado. Foge sempre das emboscadas, escapa fatalmente aos cercos planejados.

A topografia acidentada e a mata virgem, densa e sombria, tem sido o refúgio do bandoleiro.

No seu grupo, estabeleceu-se a hierarquia do crime. Os maiores, são aqueles que anularam por completo a sensibilidade.

Bem diferentes são esses tipos de bandidos, dos que viveram, outrora, pelas nossas extensas campanhas.

Campará, por exemplo, era filantropo. Comovia-se diante da miséria. Roubava para dividir com os pobres.

Pedro Ourives, mau e satânico, respeitava docilmente a velhice. Chorava à simples enunciação do nome da criatura que lhe dera o ser. Quantas vezes arriscou a liberdade e a vida, nas fronteiras, para beijar a mão encarquilhada da única mulher que dominara os seus ímpetos de fera sanguinária e brutal.

Na vida dos cangaceiros nunca se registra um ato de nobreza, às vezes tão explicável na labiríntica psicologia de um criminoso.

Nele, é tudo ódio. Nele, é tudo revolta. Nele, é tudo perversidade, uma sede insaciável de vingança.

Alguém que estudou mais detidamente o fenômeno, atribui essa frieza do sertanejo à revolta que lhe inspira a falta de uma justiça que o ampare. Faciosa e parcial, esta é quase sempre quem o faz cangaceiro, jogando-o ao refúgio das caatingas e ao desespero de uma resistência armada.

Silvino surgiu assim. Lampião também escreveu assim o preambulo rubro da história de seus crimes.

Em nosso *hinterland*, em quase todos esses afastados recantos da terra brasileira – o homem todavia vive uma nova modalidade de escravatura: a servidão pela dívida. Ali não chegou, tão pouco, a escola e a justiça é ainda, apenas, um reflexo do mandonismo poderoso.

O homem, inferiorizado, deprimido, espoliado, revolta-se.

Muitos, morrem sujeitos a essa vida de duras provações. Outros, porém, abalam, um dia, sertão a dentro, para as aventuras e a liberdade criminosa do cangaço.

Vem o primeiro encontro. A primeira resistência. O primeiro crime.

E o trabalhador humilde de ontem, desaparece, então, na mata espessa que se lhe torna cúmplice, para a trajetória incerta de novas tropelias, de assaltos e assassínios.

Está improvisado o cangaceiro. Lampião não desaparecerá enquanto perdurem os mo-

tivos que geram esses criminosos do nordeste brasileiro. Prendê-lo, talvez seja fácil. Mas, seu aniquilamento servirá apenas de ensejo para que surja um outro nome que escale, como o de Virgulino, a mais dolorosa e triste das popularidades.

Para exterminar o cangaço, é necessário que se emancipe a justiça dos sertões de todas as influências malsãs e se abra em cada núcleo populacional uma escola eficiente, onde se ministre o ensino de todos os deveres e de todos os direitos a que a Pátria nos obriga e que a Pátria nos outorga.

Depois, então, limpe-se o sertão dos bandoleiros. E estará feito o saneamento moral do Nordeste.

*A Federação* (RS) – 15.04.1936

## LAMPIÃO

Um telegrama de Recife afirma que o bando de Lampião está novamente cercado pelas forças da polícia. Aliás, de vez em quando o bando de Lampião fica cercado pela polícia. Acontece isso com frequência. E com frequência também o grupo de facínoras consegue escapar. Parece até manobra de pura... publicidade.

Há quantos anos Lampião mata gente, saqueia povoados, assola o sertão do Norte? Já ninguém mais sabe. Porque todo mundo já perdeu a conta, não só do número de anos em que a ação do pirata sertanejo vem se desenvolvendo sem peias de qualquer espécie, como também do número de vítimas do tremendo sicário caipira.

Um observador inteligente já declarou que Lampião é apenas um caso, e que sem ele os comentadores da imprensa brasileira não teriam à mão um assunto de tamanha fertilidade romântica.

A verdade, porém, é que Lampião, fora do humorismo cruel que esquece com facilidade o rastro de sangue deixado pelo bandoleiro, constitui um escárnio aos mantenedores da ordem pública nesse trecho caipora e melancólico do Brasil setentrional. Lampião é a prova de muita mazela que vai pela vida dessa parte do nosso território, o índice do desencanto dos homens dentro de um ambiente onde as forças criadoras da civilização parece que penetram a medo, receosas dos costumes, instituições e distâncias dessa sociedade de desamparados, dessa geografia de barreiras contrárias à velocidade do progresso e da cultura na terra triste e nos espíritos resignados e fatalistas.

Esse caso de Lampião enquadra-se limites a dentro dos motivos que em qualquer outra parte do mundo ocidental determinariam uma ação violenta, de completo e definitivo extermínio. Porque lá fora, o relato das façanhas desse caipira que no sertão procede como um autêntico *gangster* bem municiado, provocam sorrisos de escárnio em cuja significação o bom nome do país sofre as humilhações da mais cortante das críticas.

As escaramuças onde morrem os soldados da polícia e os companheiros do bandido, os saques, os assassínios frios cometidos na solidão desses infelizes lugares sertanejos, podem constituir motivos fecundo para o comentário dos cronistas do dia, mas são, acima de tudo, uma acusação terrível contra o Brasil.

*A Federação* (RS) – 27.05.1936

## HERÓI OU BANDIDO?

Nelson Maia Machado

Muito se tem dito e escrito sobre Lampião e os demais protótipos de cangaceirismo que há dezenas de anos infestam os sertões nordestinos e que as crônicas contemporâneas não lhe precisam exatamente a época da origem.

As opiniões e as narrações a tal respeito, verdadeiras algumas, outras mais ou menos inverossímeis e de profundo acento épico, são de molde a produzir nos espíritos atentos ao fenômeno um certo grau de impressionismo, gerador quase sempre tal ou qual de simpatia pelas figuras singulares e um tanto românticas desses obscuros *heróis* sertanejos.

Agora, por exemplo, que uma nova e poderosa força volante se movimenta para dar combate enérgico e definitivo a Lampião e caça ao seu bando nômade, é oportuno que se diga, se repita e se acrescente algo do que se pensa relativamente à causa do fenômeno cujos efeitos têm sido funestos à maioria dos laboriosos habitantes daquelas regiões do nordeste brasileiro, abastardando-lhe o caráter e tolhendo seus impulsos de atividade e progresso.

Ora, ninguém ousará negar que a origem do mal decorre das próprias influências mesológicas, agravadas, também, pelo descaso moral dos poderes públicos, que lhes combatem somente os efeitos, sem se importarem jamais de lhes investigar e corrigir as causas. Daí a reprodução inveterada do malefício.

Destarte em vez de mandarem para lá uma bem aparelhada força de guerra, com fuzis, metralhadoras e outros petrechos de destruição transitória, deveríamos mandar para o local das incursões cangaceiras – um completo batalhão de professores, acrescido dum certo número de médicos, com livros e outros instrumentos de construção espiritual permanente, de modo a que, instruindo, moral e civicamente, os esquecidos habitantes do sertão, conseguissem enfim educá-los e prepará-los convenientemente para serem úteis ao seu país e a se mesmo.

Nada de hostilidades!

Evitemos a incidência no círculo vicioso da violência e tratemos desde logo de atenuar o mal por meio de processos pacíficos mais aconselháveis ao fenômeno, a fim de que ele vá desaparecendo naturalmente, segundo a maior ou menor intensidade de medidas empregadas para exterminá-los.

O povo heroico do Nordeste precisa mais de escolas, estradas, higiene e justiça do que de recursos bélicos para minorar seus padecimentos e prevenir as origens e as consequências de uma enfermidade crônica, e que só a difusão de um ensino consciente poderá resolver.

A solução do problema cangaceira, pertence mais ao domínio da pedagogia do que ao da polícia.

Não se modificando a situação moral do meio, o homem também não se modificará permanecendo enclausurado nessa destinação infeliz.

—

Nessas condições tentar o aniquilamento de Lampião à mão aramada é o mesmo que decepar o caule de uma planta daninha, deixando as raízes entranhadas na terra. Outros Lampiões surgirão, em seguida, aqui e ali, trazendo as populações em constantes sobressaltos, brandindo o punhal, apontando o rifle homicida e internando-se sorrateiramente no vasto seio protetor das caatingas, apenas pressintam a aproximação de qualquer elemento hostil a seus fins.

Porque para o cangaceiro, o sertão é um enorme campo – sem peias e sem limites.

Mas para quem não está habituado a palmilhar-lhe os recônditos ou rescrutar-lhe os escaninhos – ele é um pavoroso labirinto e uma ameaça aterradora.

—

A experiência nos ensina que o erro é humano. Isto, porém, não quer dizer que devemos persistir no erro, porque é ainda essa mesma experiência que nos induz a não continuarmos errando.

Consequentemente, o combate armado ao cangaceirismo, ao jaguncismo ou ao banditismo sertanejo é um erro que nos vem do passado.

Não devemos, pois, seguir as pegadas desse erro.

Devemos dar combate sem trégua ao mal, mas usando de outras armas – armas proveitosas e úteis – que são: as do ensinamento moral perseverante e ininterrupto.

Devemos mudar de tática, uma vez que só o tempo, a instrução, a medicina e uma justiça às direitas, poderão resolver a questão em definitivo.

Lampião é um produto originário do meio delituoso em que nasceu. Ele se tornou criminoso por vingança pessoal. Sua anormalidade foi consequência direta e imediata dum deplorável erro judiciário. A polícia matou-lhe o pai e espancou selvagemente a mãe que faleceu posteriormente, conforme lemos num livro de Gustavo Barreto. Ele saiu a campo, a fim de vingar a morte dos autores de seus dias, já que o júri consentiu na impunidade do delito, dando provas duma passiva conivência.

Logo, as razões despropositadas duma justiça canhestra fizeram-no ingressar no rol dos criminosos e percorrer todos os degraus do facinorismo, não se sabendo bem, portanto, se ele é um bandido ou um herói que delinquiu em virtude das condições anormais do meio em que vive, e por culpa dessa justiça às avessas.

*República* (SC) – 20.08.1936

## APREENSÃO DO FILME

A polícia cinematográfica do Ministério da Educação mandou apreender um filme que apresentava o famoso cangaceiro Lampião e seu bando de sicários, receosa de que o mesmo filme viesse a ser mandado para fora do país. As cartelas não corresponderam, de modo algum, às necessidades que o caso reclama. A vergonha não será nunca colher na película as imagens dos bandidos, que talam a ferro e a fogo as regiões sertanejas, roubando, incendiando, cometendo crimes de toda a ordem sempre impunes.

O governo revolucionário outubrista incluiu no seu programa de serviços imediatos o extermínio do cangaço. O Nordeste sofre de dois males tremendos, que resistem a todos os esforços: as secas e o cangaço. Desde longos anos que os criminosos agem impunemente nos sertões nordestinos. Ao lado deles existem os coiteiros, que são magnatas políticos, sempre dispostos a auxiliar bandidos, para efeitos eleitorais. Há grandes proprietários que hospedam e defendem Lampião e seu bando, aproveitando-os para desforços e lutas partidárias. Assim se explicam os ataques periódicos das polícias estaduais, sem resultados. Ao que parece, há mesmo tolerância da parte de certos governadores. Por isso mesmo a ditadura outubrista nada conseguiu e os cangaceiros continuaram suas correrias e aventuras ignóbeis, sem incômodos...

A vergonha, portanto, está em se saber que há partidos políticos que se apoiam no cangaço. A vergonha não estaria nunca no filme.

Há tempos, o escritor baiano, senhor Ranulfo Prata, escreveu um livro muito curioso sobre Lampião. Nesse livro se encontram narrativas que confrangem. O cangaço é flagelo que justificaria sacrifícios de uma campanha enérgica. O banditismo no Nordeste tomou caráter e proporções que reclamam providências: estas, porém, não aparecem. Por quê? O ministro José Américo, há poucos meses, no romance Coiteiros, explicou os motivos da impunidade em que vivem os cangaceiros. Os proprietários de fazendas sertanejas, os magnatas da política, os exploradores do crime encontram meios de ocultar os cangaceiros toda vez que os policiais estaduais empreendem uma campanha mais decisiva. Ora, os dois livros, que tão bem descrevem e denunciam tantas misérias, podem ser lidos aqui como no estrangeiro. O filme, que enrubesceu a polícia cinematográfica do ministério do Sr. Gustavo Capanema, reproduzia apenas as imagens reais de Lampião e seus cabras, segundo o noticiário. Cogita-se, portanto, de um documento bem curioso. Não se compreende mesmo que o filme seja abandonado. Os nossos museus históricos deveriam guardar-lhe as cópias. De futuro, quando um governo, honesto e austero, levasse a termo o saneamento moral do Nordeste, o filme do *Lampião e seus cabras* seria recapitulado com proveito.

A vergonha não é filmar os cangaceiros em liberdade, de modo algum. A vergonha é deixá-los sem castigos reais. A vergonha é saber que eles são protegidos até de governos.

Há pouco mais de uma semana, o *Correio da Manhã*, publicou denúncia contra o situacionismo sergipano. O governo de Sergipe coopera com a tolerância no surto do banditismo, que infesta o sertão do Estado. Os políticos dos municípios acoitam cangaceiros, protegem-nos, amparam-nos, servindo-se deles como ameaça aos adversários.

O *Correio da Manhã* citou diversos casos, chamando a atenção do governo. Nos dias que correm os comentários alarmados da imprensa nada valem. Os governadores se encontram em plena fase de importância política. É provável mesmo que os cangaceiros do Nordeste reclamem papel de evidência em todas as lutas que se conjecturam... Por aí se verifica que o filme, agora apreendido e condenado pela polícia cinematográfica do ministro Gustavo Capa-

nema, constitui documento precioso e de grande atualidade. Nós de cá é que nos impressionamos à-toa. No Nordeste, a vida de aventuras e lutas é uma forma quotidiana de consumir o tempo...

As vergonhas do cangaço, que flagela as populações, é problema político, que os governadores extinguiriam se quisesse. Mas ao que parece, não querem...

*Correio Paulistano* (SP) – 06.04.1937

## SUA EXCELÊNCIA O GOVERNADOR LAMPIÃO

Matias Aires

Todos os jornais publicaram, dias atrás, num telegrama de Aracaju, a seguinte informação: tendo sido presa uma das diversas mulheres jagunças do bando lampiônico, entre as declarações que lhe arrancou a polícia consta a de que o Virgulino afaga o plano de desmembrar Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia, nas respectivas zonas limítrofes, formando com os molambos um Estado, do qual se proclamaria governador, por direito de conquista.

Acredita-se em Aracaju, que isso não é invenção, nem gracejo da bandoleira aprisionada. Com certeza, ela ouviu o projeto da própria boca do malfeitor. Pode-se, pois, admitir que realmente ele nutre essa intenção.

Ora, aí temos um caso interessantíssimo. Lampião acredita-se dono daquelas vastas paragens sertanejas, onde a lei é o seu bacamarte. Perseguido intermitentemente há longos anos, nunca, porém, vencido, é incontestável que ele tem a posse das lindes dos quatro Estados e poderá amanhã, se for governo, reivindicá-la perante os tribunais, favorecido pelo usucapião, porque, na realidade, à falta de exercício pleno do domínio, vai prescrevendo o direito dos Estados referidos...

Poderemos ter, assim, um litígio sensacional. A posse de Lampião, por efeito de conquista, não levando em conta, portanto, a prescrição dominial, está fora de qualquer dúvida. A jurisdição dos governos, por ali, é precária, pois que se concretiza apenas na arrecadação de magros impostos; ao passo que a de Virgulino se exercita de maneira ampla, profunda e absoluta, pois que tudo aquilo lhe pertence, tudo aquilo depende do seu arbítrio irrestrito, da sua vontade mais desembestada do que um potro xucro.

Os governos cobram tributos timidamente, porque os seus exatores têm medo das tocais lampiônicas. Lampião arrecada aberta e ilimitadamente o que quer, quando quer, porque é proprietário das fazendas e das vilas, e livremente saqueia e tala quando lhe apraz, como livremente sangra e mais quando lhe sonegam o cobre.

Sua superioridade sobre os governos é manifesta; e só numa coisa um e outro se nivelam: é certo que o sicário não constrói estradas, escolas, hospitais no sertão; mas certo é também que não os constroem os governos.

A situação é esta: sabem os governos que praticamente não mandam nas regiões fronteiriças dos seus Estados, onde Lampião periodicamente faz pouso; o bandido, ao contrário, muito bem sabe que em tais regiões manda e desmanda, porque ao seu despotismo se curvam os habitantes, muitos deles coiteiros, cuja prestimosidade solícita o livra das ciladas policiais e colabora eficazmente para que se dilate e se prolongue o seu reinado de terror.

Assim sendo, e é, como efeito, o marechal do cangaço, leva sobre os governos toda sorte de vantagens. Em consequência, não sabendo ou não podendo vencê-lo, os governos retraem-se, aquietam-se, recolhem as patrulhas rurais e deixam em paz o temível adversário; enquanto que as populações, permanentemente inseguras entre os assaltos da horda fora de lei e a rapina assaz frequente dos perseguidores em nome da lei, já nem se importam com ser jurisdicionadas, indiferentemente, pelos governos ou pelo quadrilheiro, porque, afinal, tanto aqueles, quanto este só se lembram delas para extorquir pecúnia, ora sob a máscara do fisco, ora sob o ronco do trabuco.

Em condições tais, não serão os povos que provavelmente criarão embaraços ao plano governamental de Lampião. Tirando uma nesga de Pernambuco, outra de Alagoas, outra de Sergipe, outra da Bahia, ele formará o seu Estado excêntrico, anômalo, intruso, surrupiado, sem personalidade jurídica, sem organização alguma, a não ser a da depredação e do roubo, sob o signo da "lambedeira" e do clavinote.

Constituição? Para quê? Uma das maiores potências do planeta, a Inglaterra, tem Constituição? E no próprio Brasil tirante o papel, onde ela existe? Creio firmemente que possamos ter amanhã, no Nordeste, uma nova excelência, Sua Excelência o doutor governador Virgulino Ferreira. Acredito e desejo.

Desejo, porque só assim, talvez, os donatários das capitanias desmembradas, ante a bofetada do desafio, sacrifiquem estéreis rivalidades cantonais e compreendam que o seu dever é unir-se, com todas as suas disponibilidades de forças e recursos, para executando um programa de duplo objetivo, extinguir o cangaço e civilizar o sertão.

Não retarde, portanto, Virgulino seu providencial projeto. Será o único meio, acredito, do Lampião apagar-se e do sertão acender-se.

*Correio Paulistano* – 21.04.1937

## UM ESTADO EXPERIMENTAL

Cansado de sua vida nômade, não obstante viver à tripa forra e exercer no sertão um domínio incontrastado, Lampião manifesta a intenção de fundar um Estado composto de fragmentos de Alagoas, Sergipe, Pernambuco e Bahia.

A ideia não tem o mérito da originalidade, pois já houve um cavalheiro que quis fazer a mesma coisa no Amapá; isso sem falar no Antônio Conselheiro, que, se não fosse a maldade dos Poderes Públicos, teria fundado em Canudos um Estado teocrático

Não importa, porém, que a ideia não seja original. Lampião tem a seu favor a opinião de Anatole France, em cujo entender o plágio não é nada censurável, visto que a ideia não deve pertencer a quem apenas a concebeu, e sim a quem lhe deu corpo e brilho. Ora, os outros criadores de Estados fracassaram lamentavelmente, de sorte.

Deixemos o homem agir. De momento, teremos logo a vantagem de circunscrever o mal do grande cangaço, que até hoje tem zombado de todas as perseguições oficiais. É como às vezes se denomina uma doença no organismo humano: criando o chamado "abcesso de fixação".

Fundado que seja o Estado, Lampião se entregará, necessariamente, ao trabalho de organizar a administração. Criará os serviços indispensáveis a toda nação que se presa, tais como: força pública, correios e telégrafos, vias férreas e rodovias, etc. É possível mesmo que crie alfândegas, se entender constituir-se em pessoa jurídica de direito internacional. Nesse caso não poderá dispensar um corpo diplomático e consultar.

Isso, na hipótese de que Lampião tenha "ideias ocidentais" pois pode muito bem ser que ele prefira tomar por modelo a Turquia de Ataturk (ex-Mustafá Kemal), a Etiópia antes de ser italiana ou mesmo o Afganistão.

Como quer que seja, deixemo-lo agir em paz e esperemos os resultados.

Qualquer que seja a feição que venha a tomar o novo Estado, ele vai ter para o Brasil uma utilidade imensa: será um campo de experiências políticas, *ad instar* dos campos mantidos pelo Ministério da Agricultura.

Nós todos viemos da Colônia para o Reino, do Reino para o Império e do Império para a República. Debatemo-nos nas garras do absolutismo, tivemos um império liberal, fizemos uma excelente constituição republicana, que, não obstante, foi reformada uma vez, substituída e emendada; e ainda não acertamos. Deixemos, pois, que se forme pacatamente dentro do Brasil esse novo Estado, que talvez venha a converter-se numa excelente escola de estadistas.

*Careta* (RJ) – 01.05.1937

## UMA ENTREVISTA COM LAMPIÃO

Jean-Gerard Fleury

Houve um silêncio... Depois, quatro sombras saíram de uma moita, quatro homens, dos quais três traziam os fuzis a tiracolo.

– Boa noite! Aproximem-se!

– Disseram eles.

Fui o primeiro a adiantar-me. Um dos homens se encaminhou para mim.

– Vai me permitir que eu lhe corra...

Apalpou-me, procurando ver se eu dissimulava alguma arma. Meu aparelho fotográfico, de forma pouco comum, o intrigou.

– É preferível deixar isso com Tomé porque o "capitão" desconfiaria desta máquina. Parece uma bomba!

Avistou Chiquinho que estava atrás de mim.

– E quem é este?

– É seu criado. Não é mau sujeito.

Julguei reconhecer a voz de Felipe, o vaqueiro da Serra Negra, que eu havia incumbido de mensagem a Lampião, e que inteligentemente havia saído do embaraço, visto que estava aqui.

– Ele deverá ficar com Thomé, como "cabra" de guarda – ponderou o outro, depois de havê-lo encado provocadoramente e de haver rebuscado seus bolsos.

Chiquinho acompanhado de um dos cangaceiros, desceu para o rio, depois reconsiderando o passo dado, voltou para meu lado e me estreitou num cordial abraço;

– Seja prudente, murmurou ele. Doutor, doutor! É uma aventura perigosa.

– Aproximei-me do pequeno grupo e aí avistei Felipe.

– Não trabalhei bem? Aí está o senhor, agora, com os cabras de Lampião. Trouxe-lhe uma mula, porque o "coito" não é muito perto.

Julguei perceber, sob esse aspecto de jovialidade, uma certa apreensão. Havia também, talvez, de minha parte, uma certa inquietude em ver meu plano realizar-se com uma inesperada facilidade.

Os dois bandidos olhavam-me curiosamente. Desprendiam um odor forte, semelhante ao de bode e agravado pelo do óleo com que deviam besuntar os cabelos que lhes caiam pela nuca sob a aba levantada do chapéu.

– Não percamos tempo – observou um deles. Para as selas! Acossamos as nossas montadas que se meteram por um estreito atalho. Apesar dos espinhos que me arranhavam dolorosamente o rosto e os braços, apesar do silêncio, dos meus companheiros, não podia resistir ao encanto da noite tropical carregada de agradáveis perfumes, vibrante de ruídos estranhos, banhada por uma luz incerta e enganadora que desfigurava as sombras e as perspectivas e lhes dava formas irreais e fantásticas.

Subindo ao flanco das rochas, descendo nas ravinas onde rumorejavam fontes, precedidas, às vezes, pelo saltitar de um pássaro noturno – o bacurau – chegamos a uma zona onde a vegetação se condensava em torno de nós.

– Vai ser preciso que nos apeemos. Chegamos a uma garganta onde os animais não podem passar.

As montadas foram presas a troncos de árvores. Felipe, com o facão na mão, nos precedeu por uma azinhaga aberta na vegetação. Com um polge seco, decepava os ramos espinhosos. Avançamos em fila indiana, obrigados, por vezes, a nos abaixarmos.

Andávamos já há bastante tempo, quando o vaqueiro soltou uma praga.

– Porém, gritou ele. Creio que tropecei em uma jiboia.

De um modo geral, as serpentes, não são comumente encontradas a não ser pelos viajantes imaginativos.

Aproximamo-nos; um dos bandidos acendeu um isqueiro e passou-o a Felipe. A seus pés, uma serpente barrava a passagem. Parecia muito grossa e sua cauda desaparecia no mato. Uma intumescência enorme, que se parecia uma bossa espantosa, indicava que ela acabava de deglutir uma presa e que estava inerte, entorpecida pela digestão laboriosa.

– Corte-lhe a cabeça e largue-a! disse um dos bandidos. – O "capitão" nos espera.

Afastamo-nos com receio de uma reação um pouco brutal, por parte da serpente, porém esta mal ondulou num ligeiro espasmo. Estava morta.

Arrepiamos caminho, obrigados, às vezes, a trepar sobre rochas.

De repente, meu companheiro soltou um ululo que me sobressaltou. Um grito, próximo, respondeu-lhe.

Foi preciso que galgássemos ainda uma vertente abrupta para desembocarmos em uma espécie de bacia bem abrigada.

Duas fogueiras desprendiam uma fumaça odorante... Um homem tomou a nossa dianteira e nos conduziu para um espaço livre.

Ao clarão movediço das chamas, vi quinze homens, fuzil a tiracolo, em guarda...

– Ele não tem armas – disse Felipe.

Sem largar o fuzil, a mão no gatilho, um mulato esbelto, bastante corpulento, adiantou-se numa espécie de gingamento elástico. Estava um pouco curvado, como um cerro no instante do "bote", e se conservava de lado, como para oferecer um alvo mais reduzido a uma possível agressão.

Pelas suas lunetas douradas, reconheci Lampião.

Trazia um chapéu de couro, arribado na frente e atrás, trazendo na parte dianteira uma espécie de diadema de couro e de tecido de cor, e uma jugular alinhada à mesma maneira. Sobre sua camisa, de pano grosso, correias se entrecruzavam e sobre suas ilhargas pendiam escudela, cabaças e sacolas. Três ordens de balas luziam na sua cinta, de onde ressaíam os punhos de dois parabéluns e famosa "Parnaíba", o punhal afiado dos cangaceiros. As calças eram apertadas nos tornozelos e ele usava sandálias de couro trabalhado.

A maior parte dos seus companheiros usava um equipamento idêntico.

Ele levou alguns momentos saltitando em torno de mim como para desviar um ataque eventual.

Enfim, descansou o fuzil, tirou as luvas de couro ornadas de desenhos que lhe deixavam as palmas descobertas e me estendeu uma mão comprida, ossuda, venosa e adornada de anéis e de pedras... Tomei-a na minha. Era seca e febril.

– Então, "doutor", o senhor vai escrever a meu respeito?...

Um sorriso infantil descobriu-lhe os dentes alvos. Eu não me havia enganado em confiar o sucesso da minha aventura à vaidade do bandido.

– O senhor é alemão, não é?

– Não. Francês, "capitão".

– Olhe. Eu pensava que todos os gringos eram alemães. Ora, nós não temos cadeiras nem macas. Mas estas pedras são macias... Ó Moderno! Traga café e cachaça. O senhor aceita um pouco, não?

Mesmo no coração da caatinga, a hospitalidade brasileira é um uso respeitado.

– Disseram-me que o senhor tinha encontrado esse C... de Menezes em Jeremoabo... Se o tornar a ver, diga-lhe que o pegarei como peguei esse macaco sujo do Geminiano. Ele não é gordo, mas tiraremos dela banha bastante para limpar os fuzis do bando.

Um riso espesso descorujou as caras façanhudas dos bandidos, que até então nos fitavam de soslaio, com ameaçador aspecto.

– Meu velho "Cascabulho", meu fuzil, há de lhe tirar a vida, como tirou de muitos!

E estendia a arma, cuja bandoleira estava ornada de medalhas e de moedas de prata.

O "Moderno" trouxe café quente numa salva e me estendeu, na ponta de uma faca, uma lasca de carne seca.

A crueldade que luzia no olhar de Lampião, ao evocar o espectro odioso do capitão Menezes desapareceu e cedeu lugar a essa gentileza tão comum no Brasil.

– Peço desculpas, mas o senhor não pode ficar aqui muito tempo. Vamos arribar de madrugada. Deixei o senhor vir porque o senhor compreendeu que eu não sou um selvagem, e sim um "capitão"... Os jornais de Aracaju me chamam de assassino... Que eles apareçam por aqui, esses "jornalistas", e eu lhe mostro quem sou eu!

Fiz-lhe algumas perguntas sobre sua vida que, aliás, conhecia bem, tanto a sua lenda se acha espalhada pelo sertão.

Ele repetiu a história do pai "vítima da polícia" e de sua progenitora.

– Ela morreu três dias depois de ter meu pai sido assassinado. Que podíamos fazer, nós, seus filhos? Vingá-lo! Vingá-lo!

– E o senhor o conseguiu, "capitão"! Disseram-se que fez inúmeras vítimas nas suas campanhas.

O bandido sorriu de prazer.

Não tanto assim! Ainda não matei mais de trezentas pessoas – fez ele com fingida modéstia.

– E é verdade que o senhor só mata os seus inimigos?

– Mato os que não me obedeçam! Se me perderem o respeito, será meu fim. Olhe. Proibi aos "sertanejos" de construírem ou repararem estradas. As estradas são feitas pelos "volantes" que nos perseguem. Um dia, surpreendi nove operários que reparavam uma estrada no estado da Bahia. Sabe o que fiz? Matei-os. Depois disto, operário nenhum quis trabalhar mais para os baianos... Quando se está em luta, não se pode ter compaixão!

*O Imparcial* (MA) – 17.11.1937

## O OLHO DIREITO DE LAMPIÃO

Piá dos Campos

– O senhor tem fósforo?

– Pois não...

O tipo – um tipo bronzeado do Nordeste – acendeu, com negligência e libertí e, depois, como quem não liga a menor importância a uma mísera caixa de fósforos, atirou-a com enfado de encontro ao mármore da mesinha de café.

Em seguida, arrastou uma cadeira, sentou-se e, tocando com a ponta da língua o cigarro para o canto da boca, me perguntou:

– O senhor já ouviu falar no olho esquerdo do Lampião?

– Já. E o seu vasado.

– Pois bem: então eu lhe quero falar a respeito do outro olho do bandido nordestino. Eu conheço muito os dois olhos da "fera do Nordeste". E principalmente o que não está vasado. Esse olho de Lampião tem custado "os olhos da cara" dos cofres estaduais e às gentes do Nor-

deste. Ainda agora o governo baiano está organizando nova expedição policial para ir dar caça ao olho são de Virgulino Ferreira.

Como se vê temos agora no Brasil um Ulisses e um Polifemo, como nos tempos dos ciclopes. O Ulisses é o governo da Bahia. O monstro é o Lampião.

Mas ao contrário do que fez o rei da Itaca e do que aconteceu ao único olho de Polifemo, o governo baiano não furará o olho direito do Lampião nem o será por mãos humanas.

– ?...

– Já sei o que o senhor está querendo me perguntar: se não há alguém, neste mundo, capaz de apagar para sempre o olho direito de Lampião... Que há, há... Mas esse alguém não é humano, nem palpável. Quem há de furar o olho direito de Lampião, é o castigo Divino. E já o está furando... Segundo informações positivas que eu acabo de receber de Sergipe, enviadas por um meu parente, a pertinaz infecção que estragou o olho esquerdo do bandoleiro, está lhe estragando o outro...

E sabe o porquê desse castigo que persegue Lampião? Eu lhe conto em três palavras: Lampião disse certa vez a um velho, a quem saqueara na estrada: "O dinheiro em papel eu levo. As moedas, cabra, você leva, porque esse dinheiro é de cego".

O velho que era um santo, recebeu de volta as moedas e sentenciou: "Cego hás de ficar..."

Como se sabe, o castigo começou pela vista esquerda do bandido e está acabando pela direita.

E o Brasil ficará livre para sempre do temível e terrível bandoleiro.

O Senhor tem mais um fósforo?...

*Diário da Tarde* (RJ) – 11.01.1938

## LAMPIÃO

Benjamim Costallat

"Lampião", entre os maiores títulos de sua triste glória teve o de ser um dos poucos nomes da nossa terra que conseguiram repercussão e publicidade fora das nossas fronteiras.

Não houve reportagem sobre o Brasil e livro de viagem sobre o nosso país que a ele não se referissem.

Ele era, para os caçadores de sensacionalismo, o assunto brasileiro mais empolgante, o motivo mais colorido e a individualidade mais feita desse mistério que permite todos os voos da imaginação, quando não alimenta todos os recursos da mentira.

Os especialistas europeus e americanos de reportagens internacionais, precisando servir a voracidade do leitor, cansado mas não farto da sensação que lhe ajuda a gerir a sua refeição pacata e matinal – serviam-se de "Lampião" com uma frequência que poderia, em outras circunstâncias, chegar a comover, até às lágrimas, o nosso patriotismo...

Quando Al Capone, pela sua prisão, e Dillinger, pela sua morte, saíram do cartaz dos grandes assuntos – "Lampião", e com ele o Brasil, entraram para a notoriedade das reportagens assinadas dos jornais das tiragens astronômicas...

Com a morte de Lampião, ontem em Sergipe, extinguindo-se, depois de uma (...) e longa, pela mesma doença romântica da *Dama das Camélias*, o Brasil perde um motivo de ser falado na grande imprensa mundial...

Não era, evidentemente, um homem recomendável, nem honroso. Mas os países, como os homens públicos, precisam de publicidade, de toda e qualquer publicidade. Só no silêncio é que está o desprestígio...

"Lampião" estava para o Brasil como Al Capone para os Estados Unidos. Era uma nódoa, mas um assunto.

E, para alguns, um negócio rendoso.

Mas, como nas velhas fitas que acabam sempre bem, o "vilão" foi castigado...
"Lampião" morreu.

E o Brasil perde a única publicidade que lhe davam de graça, com uma abundância e uma generosidade dignas das gratidões sem limites...

*Jornal do Brasil* (RJ) – 12.01.1938

## LAMPIÃO MORTO; LAMPIÃO POSTO

Austregésilo de Athayde

A certos respeitos a figura de "Lampião" parecia um mito. Durante quinze anos, as polícias de seis Estados viveram no seu encalço e de todas as refregas o bandido saiu ileso e vitorioso.

Dir-se-ia que ele era protegido pelos amuletos, aos quais a crendice popular atribui a virtude incomparável de fechar o corpo dos seus portadores ao efeito das balas. Morreu agora na cama, vítima da tuberculose, como uma donzela romântica. As Parcas somente poderiam cobrar os altos prêmios instituídos pela sua cabeça. Mas as Parcas trabalham de graça.

—

"Lampião" era um fruto do Nordeste, como o xique-xique e o mandacaru.

Permanecendo a terra com as suas condições sociais, não tardará que a "Lampião" morto suceda um novo "Lampião", com a mesma ferocidade, a mesma história meio cavalheiresca, múltiplo e onipresente como os seus ancestrais.

Matar o cangaceiro não importa em destruir o cangaço.

Alguma coisa de mais profundo desafia a inteligência e a operosidade dos administradores, antes que se extinga a raça dos "Lampiões".

—

Creio que nenhum outro brasileiro atingiu jamais o renome e a popularidade internacional de que desfrutava Virgulino.

A imprensa do mundo universo ocupou-se daquela figura sinistra e o seu retrato, ao ser conhecida a notícia do seu desenlace tranquilo numa fazenda de Sergipe, aparecerá nas páginas de frente dos grandes diários da América, da Europa e da Ásia.

Pode-se dizer que foi o maior dos cangaceiros nordestinos e esse título, em nossos tempos de confusão e audácia, perpetuará a sua memória na lembrança da posteridade.

Até que outro o suplante nas imaginações.

*Diário da Noite* – 12.01.1938

**MORREU LAMPIÃO!!!**

Martins de Andrade

A notícia da morte de Lampião espalhou-se breve, pelos fios telegráficos.

Pouco depois, toda a imprensa noticiava. E o bandoleiro afamado deixava de existir.

Morreu Lampião! Todos os habitantes das caatingas cobrem-se de luto ante a dureza do golpe que tirou a vida do chefe incomparável dos cangaceiros.

Desafiou sempre a morte. Enfrentou lutas com a polícia de vários Estados. Batalhões tentaram dar-lhe caça. Aviões até, voaram por sobre sua cabeça numa barulhada infernal, despertando a quietude das paragens que sempre buscou para moradia, numa tentativa de descobrir se avistavam por entre a vegetação rasteira do Nordeste a figura daquele domador dos sertões. Mas nada. Ele talvez sorrisse ante à tática moderna de ataques, continuando calma e tranquilamente, na sua vida aventureira.

E esse desapego à existência, que sempre demonstrou, essa tenacidade no combate, a habilidade na luta que o distinguia dos demais companheiros, foram sempre coroados de franco êxito, em que jamais se deixou cair nas malhas dos inimigos. A sua cabeça posta à prêmio teve a sanha de muitos que, ansiosos por demonstrarem uma ação meritória, mais desejavam o quinhão prometido. Nada, porém, logrou dar cabo daquele homem no mato, que escolheu como lar a floresta bravia que se ostenta majestosa, como leito a relva macia que medra nas campinas, sorvendo a água da cachoeira pra saciar-lhe a sede e comendo os frutos do bosque pra mitigar-lhe a fome.

No entanto, depois de resistir à força os inimigos que o rodeavam, expira, numa fazenda, nas cercanias de Propriá, no estado de Sergipe, vítima da peste branca.

A Morte mesmo, que acaba de ser a única inimiga vencedora, temeu-o por muito tempo. Rodeou-o, por várias vezes, sendo sempre repudiada. Mas, no momento exato, na hora em que

lhe estava reservado o lugar, depois de subjuga-lo com o mal da peste que o abatera, apodera-se dele terrível e horripilante, sedenta vingança. E o prostra submisso ao seu poder fatal, na ânsia de tirania.

Já há tempos que o nome de Lampião se apagou do cartaz. Esse fato, talvez, o tenha amargurado profundamente, ferindo-o na sua ingênua vaidade de ostentar sempre, em "manchetes" nos jornais, o nome que conseguiu angariar, à custa dos sacrifícios de suas vítimas. Chegava a tolher o caminho ao viandante, apensas para obriga-lo à promessa de noticiar o seu encontro nesta ou naquela localidade. Ante o menor elogio se sentia desvanecido e se tornava incapaz de levantar a mão contra o forasteiro.

Com um rudimentar conhecimento de justiça, era, ao mesmo tempo advogado, acusador e juiz dos homens que o seguiam. Decidindo sumariamente as questões que lhe surgiam, era rigoroso na aplicação das leis. Temido, sua figura, era grandemente acatada, chegando quase ao misticismo o respeito em que era tido pelo bando.

Avesso ao modernismo, desdenhava os métodos introduzidos pela civilização, tendo, como normas, as leis ditadas pelos sentimentos de nossos primevos – o ódio e a vingança, que cultivava com o mesmo fervor que os índios primitivos, descritos por Vargunagen.

O famoso bandoleiro se nos apresentava como o Al Capone brasileiro. Ambos representaram a escória da sociedade. Um a nossa; o outro, a americana, com todos os seus vícios e defeitos.

Enquanto, porém, a prisão retém, aquele, das suas "acrobacias", a Morte, embora como inimiga, livrando do mal que o consumia, restitui a liberdade a Lampião.

*A Notícia* (SC) – 13.01.1938

## MAIS UM GENERAL QUE MORRE NA CAMA

A imprensa brasileira toda explorou, nas suas colunas de ontem e anteontem, a notícia da morte do bandoleiro Virgulino Ferreira da Silva, celebrizado sob a alcunha de "Lampião". Essa primeira notícia vem da capital da Bahia, e ainda não foi o que parece, confirmada. Ela traz uns visos de verdade, pelos detalhes que a ilustram, e, também, pelo fato muito característico de que, sendo um general do cangaço, Lampião, Lampião morreu na cama, como muitos dos generais de verdade, no famoso anexim... Se o bandoleiro chegou a simbolizar o que de mais representativo se conhece na história do cangaço, o seu fim, como as notícias da sua morte o descrevem, nada teve da apoteose de um grande batalhador. Acossado pela tuberculose, numa hemoptise romântica, como um mofino poeta dos tempos de Casemiro de Abreu, numa fazenda do interior, onde se recolhera enfermo, é assim que morre Lampião, na versão veiculada pela imprensa da Bahia, e espalhada aos quatro ventos, no país e no exterior. No exterior, sim, porque a celebridade de Lampião se estendera internacionalmente, como o de um grande homem...

A morte do bandoleiro não corresponde à legenda da sua existência, nem ao menos se liga ao motivo que lhe deu o nome. Esse motivo é bem conhecido. Dizia-se que o seu rifle, *que nem um lampião* ficava flamejando durante refregas inteiras...

E agora que este general do cangaço fornece ao articulista o motivo do rescaldo do incêndio de danação, que foi a sua atribulada atividade numa boa parte do território brasileiro por onde a cavalgada do crime espalhou a luta e a dor, não é demais que os poderes responsáveis pelo arejamento da vida nacional, pela formação do nosso povo, reflitam um pouco sobre as causas que deram origem a esse fenômeno da criminalidade que foi Lampião. Porque tal fenômeno não obstante a morte de Virgulino Ferreira (será que morreu mesmo?), reponta na fimbria das caatingas, multiplicado no número de asseclas que cercavam o rei do cangaço e que fora desse bando pretendia correr parelhas com a triste fama do bandoleiro. Permanecerá o problema, enquanto permanecerem as causas de que surde o vingador, para se sobrepor às escalpelantes contingências do meio, procurando subordinar os acontecimentos com a audácia corajosa do individualismo, atuando a seu talento pela boca mortífera dos rifles.

E que o problema permanecerá não resta dúvida. Ver-se-á em breve, nas colunas dos jornais, subir a cotação de êmulo do general. Agora abatido pela peste branca. Um outro Lampião virá iluminar a noite sertaneja dos nordestes da falta de assistência social, da fala de justiça, da falta de respeito humano, onde os potentados pensam ainda ser senhores de baraço e cutelo, armados da justiça divina, que distribuem ao arbítrio de sua limitada mentalidade e de sua ilimitada prepotência.

Os lampiões do cangaço talvez por muito tempo ainda permaneçam. Eles são o produto do meio ambiente, dessa noite negra em que vivem os embriões vingativos da camada humana oprimida e abandonada. Enquanto as luzes civilizadoras de uma política generosa não se acenderem nas caatingas, elas continuarão a ser iluminadas pelos gênios selvagens, que se erigem em árbitros da situação, para condensar no fogo fátuo das correrias desmandadas, o ódio irreprimível contra as injustiças e os desamparos que os fizeram nascer.

O homem brasileiro é profundamente bom.

*A Gazeta* (SC) – 15.01.1938

## LAMPIÃO NÃO MORREU...

Juca Trombone

Os jornais, alegremente deram, há dias, a morte do terrível Lampião, a fera do Norte.

A notícia foi recebida com extraordinário contentamento, porque, como sabem todos o Lampião, tem sido o terror dos sertões do Norte.

Quando este bandido não bebe sangue humano, torna-se macambuzio, perde o apetite e recolhe-se com seus asseclas ao "quartel general", onde aí são combinados os maiores horrores, impossíveis de serem descritos com todas as suas maldades.

Tuberculose foi o diagnóstico escolhido pela mentira nortista, quem matou o bandido.

E os corações brasileiros pulsaram de alegria pela vitória da Divina Providência que desta vez não se esqueceu de ceifar a vida de um homem que já fez um *lunch* de carne humana, num assalto que há alguns anos dera num arraial da Bahia.

Mas, infelizmente Lampião não morreu.

Continua, pois, o terrível bandido a matar para saciar seus desejos, até que um dia mão milagrosa o faça virar "lamparina" para sossego e tranquilidade de espírito do povo do Norte.

Mas, Deus é grande.

É esse dia não tardará em que os nortistas em massa prestar-lhe-ão "sincera" homenagem póstuma a beira de seu túmulo dizendo: sossega leão!...

*O Fluminense* (RJ) – 16.01.1938

## CARTAS CARIOCAS

O noticiário da imprensa carioca cedeu grande espaço à notícia da morte de "Lampião", o famoso cangaceiro, que, desde longos anos, domina, talando-os a ferro e a fogo, os sertões do Nordestes. Nos dias que correm o fato tem importância extraordinária, de vez que supre a escassez de acontecimentos sensacionais. Ninguém ignora nem mesmo que o governo reclamou espaço nos jornais para os serviços de propaganda e doutrinação da democracia autoritária. O fenômeno veio simplificar imenso os esforços do jornalismo. O noticiário da imprensa carioca, por isso mesmo, vive, quotidianamente, à cata de fatos e episódios capazes de seduzirem o interesse dos leitores fatigados.

Desse modo, a morte de "Lampião", que conseguiu escapar a todos os ataques das polícias, mas cedeu às insídias da tuberculose, chegou a tempo.

A guerra ao cangaço constitui um dos problemas antigos, entre nós, que nunca tiveram solução. Em diversos ensejos os governos nortistas organizaram campanhas e acordos policiais para extermínio dos bandos de cangaceiros. Todos os esforços não produziram efeitos. Os governos revolucionários de 1930 pretenderam mesmo criara uma espécie de destacamento especializado para tanto.

A despeito de tudo, nada se fez. "Lampião" e todos os elementos que formam seus bandos periódicos dispõem de protetores importantes e prestigiosos. Ninguém ignora que os magnatas da politicagem municipal, no Nordeste, se utilizam constantemente do cangaço, nas lutas partidárias. As rivalidades entre os mesmos magnatas estimulam muito a formação dos bandos.

O caso de "Lampião", entretanto, sempre foi escândalo inexplicável. Num volume curiosíssimo o escritor Ranulfo Prata estuda e descreve as aventuras de "Lampião" e dos seus bandos. Cogita-se dum documento incrível. Mais incrível ainda é que "Lampião" se tenha transformado num problema nacional. Os regimes sucedem-se e o cangaceiro famoso permanece.

A notícia da sua morte deveria despertar comentários, dormindo os outros assuntos. A

imprensa carioca anda carecida de pretextos. Nos dias que correm, quando a propaganda do regime pretere tudo, natural será a análise dos pequenos fatos. A morte de "Lampião", por direitos conquistados, teria que ser seguida de crônicas e conjecturas.

—

Andavam já os cronistas e comentadores em plena delícia das críticas, quando uma nota divulgada pelo interventor sergipano, que se encontra no Rio, desmanchou tudo. O telegrama, que dera "Lampião" por morto, fora apenas perfídia política. Segundo o mesmo, o cangaceiro famoso tinha morrido tranquilamente na fazenda do pai daquele interventor, em Sergipe. Certo, os magnatas da politicagem nordestina sempre protegeram os cabras e cúmplices daquele cangaceiro. O interventor sergipano, porém, encheu-se de justas impaciências, desmentindo até por intermédio das estações de rádio a notícia, que tanto animara a imprensa carioca.

Como se verifica, as lutas pelo poder, na hora atual, tomam aspectos imprevistos. Os interventores não andam lá muito tranquilos, como facilmente se percebe e compreende.

O noticiário, embora tímido e reticencioso, consigna os palpites de mudanças próximas de interventores em alguns Estados. O regresso do presidente da República, no sábado, definirá todos esses problemas, como se diz. Depois de decidi-los, de modo nítido e definitivo, o presidente da República irá às águas virtuosas de Poços de Caldas, onde o governador Benedito Valadares, que é o único governador no Brasil contemporâneo, deverá aguardá-lo. O encontro há de influir imenso nos rumos da democracia autoritária. Já assim os responsáveis pela situação que se estabeleceu, entre nós, querem fazer alguma coisa acima dos improvisos.

A fase de escolha e seleção do funcionalismo está no fim. O Ministério, por isso mesmo, vai ser reorganizado, conforme as notícias vagas que a imprensa regista, de onde em onde. Logo depois será a vez das interventorias. O presidente da República andava preocupado com o caso gaúcho. No seu regresso, o caso gaúcho encontrará solução do mesmo modo. São fatos que se completam. Já agora ninguém mais acredita que do Sul venham surpresas. O Norte, como sempre acontece, encontra-se sob as influências da disciplina. – Y.

*Correio Paulistano* – 16.01.1938

## LAMPIÃO FELIZ...

Eloy Montalvão

Quase todos os jornais do Brasil, de norte a sul e centro publicaram um telegrama da Agência Meridional, anunciando a morte do famoso cangaceiro Virgulino, cognominado por Lampião.

E apesar da mesma agência telegráfica ter declarado que sobre a notícia não havia confirmação, os jornais abriram colunas, com os títulos garrafais para dizer ao país inteiro que o "rei do cangaço" teria falecido em seguida a um ataque de hemoptise, ocorrido na fazenda Canhoba e que os sequazes do bandoleiro guardavam o maior sigilo em torno do desaparecimento de seu chefe.

Um jornal carioca, de grande projeção, encimou a notícia com este título, aberto em sete colunas, isto é, em toda a largura do periódico – "Lampião morreu!

Feliz cangaceiro.

Tem a seu favor o melhor e mais extenso serviço de publicidade...

É Lampião nos sertões e o Magro e o Gordo no cinema...

Os jornais encarregam-se de fazer a propaganda, estampar clichês reproduzindo a mais recene fotografia do personagem.

Ainda agora, sobre a notícia, que já foi desmentida, sobre a morte de Lampião, encontrei em um jornal do Rio, uma fotografia do famoso cangaceiro ao lado da sua companheira Maria de Oliveira e de um jornalista que o entrevistou.

A fotografia em apreço é bem um atestado da vida calma e feliz em que vive o "rei do cangaço".

Apresenta-se ele, com o seu excêntrico uniforme, chapéu de largas abas batido à frente, lenço revolucionário ao pescoço, cinta crivada de cartuchos e a sua inseparável espingarda.

Ao seu lado a sua companheira Maria, também uniformizada pelo mesmo figurino de Lampião, com a diferença que ao invés de calças, aparece de saiote mostrando umas pernas finas denunciadoras de sagacidade...

E junto do casal Lampião, o jornalista que foi entrevistar o "rei do cangaço", sobre as suas atividades pelo sertão, sobre a sua vida particular, sobre os assaltos praticados pelo bando e outras coisas mais.

Que o jornalista apareça junto ao casal, nada há de extraordinário, mesmo porque é dever de todo homem de imprensa, documentar fotograficamente, o ato solene das grandes e importantíssimas entrevistas, com personagens de relevo.

Até aí, nada capaz de deixar os leitores de boca aberta e olhos arregalados.

O que, porém, faz pensar e deixa o leitor cheio de curiosidade é o fato de um jornalista, homem de cidade, abandonar um centro populoso, de hábitos e costumes diferentes, para se deslocar para os sertões nordestinos, a fim de ouvir pessoalmente e sozinho, o senhor Lampião, quando polícias, contingentes armados, tropas municiadas nunca puderam entrevistar o pitoresco bandoleiro...

É ou não é curioso?

Por inúmeras vezes, desde que Lampião surgiu, organizaram-se expedições armadas, dispostas a segurar e quebrar o Lampião.

A habilidade, os profundos conhecimentos sobre o sertão, do chefe do cangaço, servi-

ram sempre para que ele se pusesse a salvo de qualquer armadilha.

Feliz e tranquilo, vem vivendo até os dias atuais, dando entrevistas, como fazem as altas personalidades mundiais, resolvendo o problema da baixa dos preços dos gêneros de primeira necessidade e fazendo respeitar o regime que adotou para nos seus domínios...

Lampião feliz...

Nada o preocupa certamente, o espírito...

Manda e desmanda. Empreende viagens perigosíssimas através dos sertões, veste-se bem, alimenta-se do bom e do melhor, tem uma companheira para lhe distrair nas horas de *splin*, de quando em quando dá entrevistas aos jornalistas e sofre do coração, como uma criatura civilizada...

Noticiada a sua morte por um lamentável equívoco, o bandoleiro, certamente anunciará, dentro em breve, uma entrevista coletiva a todos os jornalistas e fotógrafos do país a fim de que se capacitem da inverdade da notícia...

E, naturalmente, contratará advogados a fim de chamar em juízo, o responsável pela propagação do boato sobre a sua morte, fato esse que lhe trará sérios prejuízos materiais, pois que um Lampião morto é um homem apagado...

*O Dia* (PR) – 16.01.1938

## LAMPIÃO DO MEU DESTINO

O. Pombo

*Virgulino Ferreira o perverso assassino,*
*Que traz seu destino em eterno terror,*
*Não sabe que um sósia possui na terra,*
*Sem ódio que aterra – com risos de amor!*

*Assim como ele no mato em que mera,*
*Assassina, apavora... é bandido, é ladrão,*
*Tudo o que tinha em meu peito, tiraste*
*E após o deixaste sem ter compaixão.*

*Levaste o que o mero capricho pedia,*
*Roubaste a alegria do meu coração...*
*Devia por isto chamar-te ó faceira,*
*Virgulino Ferreira da Silva – Lampião!*

*Correio do Paraná* (PR) – 22.02.1938

## O SR. LAMPIÃO

Notícias vindas da Bahia contam-nos que "Besouro" um dos lugares-tenentes de Lampião, acaba de ser preso em Curacá, em pleno sertão, e escoltado para a capital do Estado.

Como não podia deixar de acontecer, a reportagem procurou ouvir o destemido "caibra", o qual relatou interessantes episódios até então inéditos sobre as façanhas do bando de que fazia parte.

Falando sobre Lampião, o entrevistado informou que o famoso bandoleiro há muito transmitira o comando de seu grupo, entregando a um de seus afeiçoados o mais terrível e certeiro clavinote do Nordeste. O rei do cangaço 'havia se aposentado", informou "Besouro".

No Nordeste, aliás, é voz corrente haver Lampião adquirido uma propriedade agrícola, na qual placidamente passa seus dias.

Nas redondezas de sua fazenda, onde é tratado por "o senhor Lampião", já possui inúmeros afilhados e compadres, sendo que sua imensa fortuna laboriosamente reunida se acha parte depositada em uma agência do Banco do Brasil e parte empregada em consolidadas estaduais. Ao que informam, o senhor Lampião já fez testamento, legando todos os seus bens às casas de caridade.

Dizem ainda que, em conversa com os seus amigos, o senhor Lampião manifestou esperança de que tornem a entrar em vigor os velhos costumes eleitorais. Se tal acontecer será candidato a senador estadual.

Seus íntimos asseveram que ele tem aproveitado as horas de ócio para escrever a suas memórias, havendo uma editora lhe proposto já uma edição inicial com uma tiragem mínima de cem mil exemplares.

*O Ibiraci* (MG) – 29.05.1938

**LAMPIÃO**

Ulysses Lins de Albuquerque

*Pelas caatingas, na vereda escusa,*
*Passa o grupo sinistro. É Lampião...*
*Cartucheiras em cruz por sobre a blusa,*
*Lá surge o monstro, o tigre do sertão!*

*De alpercatas, a trilha a estrada cruza,*
*Atravessa o riachinho... e à povoação*
*Assalta a corja ignara. Hirta, confusa,*
*A pobre gente clama aos céus em vão!*
*– O saque. O incêndio. A honra do lar poluída.*
*Toda a inconsciência da alma enegrecida:*
*O assassínio... blasfêmias... a embriaguez...*

*E, crocitando, o monstro, feito um corvo,*
*Deixa que, a tripudiar, o bando torvo*
*Escarneça do pranto e da viuvez!*

*O Malho* (RJ) – 28.07.1938

## ESTRELA QUE SE FOI...

Namyro

Mais uma lenda para entibiar crianças, do que mesmo realidade, a vida de Virgulino Ferreira da Silva, cognominado Lampião, enchia de apreensões o nordeste brasileiro, como se o bandido fora a ressurreição de uma história rocambolesca, integrada no corpo de um mortal.

Morrendo em simples leito de enfermo; assistido na sua hora extrema, como o mais pacato dos homens; trucidado após feroz luta armada com policiais dos quatro estados que lhe davam combate; atacado de surpresa e vencido como fera que dormia para mais tarde aparecer no noticiário da imprensa do País, Lampião se tornou célebre, e com essa celebridade o terror da virgindade, dos bens pessoais e da segurança dos homens do sertão nortista, porque a sua figura de um lendarismo sanguinário, infundia desânimo para a luta de corpo a corpo e as suas artimanhas de quem já se tornou herói e destemido nas histórias das "mucambas velhas", formou-lhe uma aureola de "invencível", capaz de, por si só, enfrentar forças volantes sem se arrecear de que uma bala salvadora lhe atravessasse o corpo, ferindo-o mortalmente, jogando por terra a sua falsa mística de "corpo fechado".

Notícias alvissareiras, entretanto, vindas do estado das Alagoas, correm desde ontem no seio dos habitantes do Nordeste. Foi morto em combate, na fazenda Angico, por forças volantes de Alagoas, o celebérrimo cangaceiro. Tombando assim, em companhia da mulher que o acompanhava há mais de um decênio de anos, seguindo rumo à Eternidade na companhia dos seus caibras de maior projeção no cenário do Cangaço. Lampião se eternizará na memória do Mundo como a figura bíblica de satã, pairando unicamente sobre a sua tumba, rasa no plano terrestre, mas enorme ante todo o seu cortejo de misérias e de crimes os mais hediondos e repugnantes; de barbarias, as mais tremendas, a maldição de uma gente que viveu por tantos anos sofrendo a humilhação dos seus ataques e investidas traiçoeiras, os efeitos da sua sanha canibalesca e a ferocidade dos seus instintos mórbidos e sanguinários.

Invadindo e depredando lares honestos; saqueando cidades sem defesa; matando criaturas inofensivas e desarmadas; desonrando a moral alheia; destruindo e incendiando patrimônios sagrados de humildes sertanejos, Lampião se consagrou na memória dos tempos, como o tipo mais perfeito e acabado de facínora sem entranhas.

Desapareceu a estrela que o protegia, e, agora, sobre a sua cabeça horrenda, pesara, indefinidamente, a excomunhão das suas vítimas que, imoladas pelas suas garras de abutre, para o saciamento da fome que lhe norteava os apetites e os dos seus acólitos, estendem as mãos exangues, crispando-as no rosário enorme dos seus cometimentos nefandos.

*Sergipe-Jornal* (SE) – 30.07.38

## LAMPIÃO MORREU, MAS O CANGAÇO SOBREVIVE

A morte do famigerado Lampião e de alguns dos seus comandados, ocorrida, agora, em combate travado com forças policiais alagoanas, está sendo interpretada por muita gente como sendo a liquidação definitiva do cangaço.

Essa conclusão é, a nosso ver, fruto de errônea observação do que é na realidade a vida no nordeste brasileiro.

Não pode, evidentemente, a simples liquidação de um grupo de bandidos, mesmo que se trate do mais famoso deles, importar na erradicação total de um mal, como o cangaço, cujas origens e causas permanecem, apesar de tudo.

É que o cangaço, muito menos do que um mero caso policial, se reflete no meio como consequência de males sociais, que continuam desafiando os mais enérgicos remédios.

Não morre, assim, o cangaço com Lampião, porque ele é a resultante de um mal muito grande, que se pode definir na falta de instrução e de justiça, naquelas regiões nordestinas.

Quase na sua totalidade de analfabetos, a gente daquelas paragens, desamparada de todo pela justiça, representada, lá, frequentemente, por pessoas inidôneas e incapazes de personifica-la dignamente, desmanda-se e acaba por se entregar à vida de aventura, único meio que lhe parece solução para dar jeito a tudo que a sociedade lhe entortou.

Essa, a etiologia do cangaço. A de uma legítima diátese social.

Ingenuamente, portanto, é supor-se que o cangaço está morto, quando as suas causas permanecem mais vivas do que nunca.

*O Imparcial* (RJ) – 30.07.1938

## APAGOU-SE O LAMPIÃO

Bastos Tigre

Lampião. Não sei por que, sempre que leio, pronuncio, ou escuto este nome de guerra, me vem à mente est'outro nome, síntese de toda a ação bélica da humanidade: Napoleão.

Os que gosta de jogar com sílabas e letras, fazendo piruetas charadísticas, encontram em "Napoleão" o quase anagrama de "O Lampião", com erro para menos de uma perna de *m*. E assim, com um erro ortográfico desprezível Napoleão e "O Lampião" têm os mesmos caracteres.

Daí, entretanto não se conclua que tenham o mesmo caráter. Há, entre os dois personagens históricos, notáveis diferenças, flagrantes. À primeira vista, relativas principalmente à época e ao meio em que atuaram.

A Europa do começou do século passado teve milhares de Lampiões, espalhados desde os desfiladeiros da serra Morena até a floresta negra de Baden, desde as montanhas da Calábria, até as estepes da Rússia. Mas Napoleão só teve um; mas foi de bom tamanho.

Hoje um só Bonaparte para a Europa inteira não chegaria. Tal é a multiplicidade das ações a desenvolver e tão intenso o choque dos interesses em jogo, que cada país teve de arranjar o seu Napoleão, de acordo com o tipo mais conveniente e os princípios políticos mais adaptáveis ao meio.

Também um Napoleão para o sertão nordestino seria excessivo; o gênio das guerras era de indormida atividade; não poderia passar dias, quanto mais meses, sem a faina impetuosa dos combates. O meio sertanejo é inadaptável ao dinamismo, ainda quando este seja o da destruição e o da morte. Matar, roubar, saquear, é muito bom de dizer, mas demanda uma viva e febril energia, incompatível com a boa vida campestre.

Um sertanejo, mesmo quando é cangaceiro e bandido, ama a vida bucólica e fácil; tem Vergílio no sangue. – Isso também não vai a matar! diz ele, mesmo quando se trata de tirar a vida a alguém.

E, afinal de contas, não lhes neguemos razão.

Se eles se deram ao banditismo por não querer trabalhar, por que diabo hão de viver numa lida constante de assaltos e roubos? Seria fazer do banditismo uma profissão honesta como outra qualquer e mais fatigante e perigosa do que muitas outras.

—

Esse paralelo que aqui faço, de Napoleão e Lampião, não é simplesmente charadístico e anagramático. Há realmente pontos de semelhança entre as duas figuras; um e outro, como o seu longínquo antepassado Átila, deixavam após si, por onde passavam, a morte, o incêndio, o luto e o pranto. O Corso, naturalmente em proporção colossalmente maior que o nordestino. Mas o Corso era um gênio. Além disso, tinha o curso das três armas, era forte em matemática e nos filósofos, desde Sócrates e Plantão até Rousseau e Voltaire. Trabalhava em grande, obedecendo a um destino histórico, qual o de criar legendas e motivos para poemas, quadros e monumentos.

Lampião, quase analfabeto, sabia escrever apenas o essencial para intimidar o prefeito de uma localidade a arranjar dez contos de réis, "do contrário se arrepende". As suas intimações chegam a ser cómicas pelos erros crassos de português. Como se quer compará-las às mensagens redigidas no mais puro francês, pelo invasor da Itália, aos duques de Toscana ou da Lombardia, exigindo os milhões de ducados em ouro, prata e vitualhas sob pena de destruição da cidade a ferro e fogo?

Em suma, são os mesmos os fins que buscam o super-conquistador e o infra-bandido: arrebatar pela ameaça e pela violência o ouro, as joias, tudo que represente valor, das mãos do seu legítimo dono; e se esse legítimo dono, estribado em velhos princípios de direito de propriedade protesta e estrila, entra em cena o argumento decisivo que pode ser, conforme as circunstâncias, o bacamarte, o canhão, ou a bomba incendiária lançada de um aeroplano de bombardeio.

—

Lampião, o famigerado Virgulino, acaba de ser liquidado; ele e parece que todo o seu estado-maior de cabras estourados.

Não serão excessivos por maiores que os façam os elogios aos valentes da polícia alagoana que, dirigidos pelo tenente Bezerra, atacaram, no seu antro, o terror dos sertões e, em combate de vida e morte, trouxeram com a vitória a tranquilidade aos lares sertanejos. Infelizmente essa tranquilidade será provisória. O "lampionismo" é um fenômeno que não se elimina, com

a morte de Lampião. Só a estrada de ferro ou pelo menos a rodovia conduzindo a Civilização rumo a oeste, fará, a pouco e pouco, desaparecer o banditismo, de certas zonas do interior.

Agora mesmo em Pernambuco, na Bahia, em Minas, no Paraná e até mesmo em São Paulo, existem grupos de bandoleiros, em contínuas ameaças a povoações e a fazendas e que nenhuma relação tem com a gente de Virgulino. São de todo independentes e mesmo desconhecidos uns dos outros.

Nenhum, é verdade, assumiu as proporções da turma de Lampião, pela audácia, pela truculência sanguinária, pela resistência às perseguições das polícias combinadas de seis Estados e até pela feição tragicômica de certas atitudes do bandido chefe. A ordem de mandar ferrar na face as mulheres do sertão que houvessem adotado a moda dos cabelos curtos tem algo de aristofanesco.

É fácil remédio aconselhar que se espalhe o alfabeto por todo o *hinterland*. Hoje dificilmente o conseguimos levar além de Cascadura e isso mesmo com as longas pernas do meu apostólico amigo Armsbrust.

Mas em qualquer caso o alfabeto não bastaria para destruir o banditismo organizado; para combatê-lo fazem-se mister medicações mais violentas: somente a Civilização bufando, apitando, espalhando fumo de carvão e cheiro de gasolina, somente ela é capaz de desinfestar o ambiente, impossibilitando a endemia dos Antônio Conselheiros, dos Antônio Silvinos, dos Lampiões, etc.

Não nos envergonhemos dos nossos pobres bandidos. O banditismo é mal universal que ataca todos os países ainda mal povoados. A história do Oeste americano é a história da luta contra os índios e os "highwaymen" assaltantes de diligências e malas-postas que hoje fazem as delícias das crianças, nos cinemas dos bairros, às quintas e domingos.

A Itália, como ninguém ignora, só depois de Mussolini conseguiu livrar-se dos seus *banditti* para os quais a vendeta, tinha tanto de romântico quanto de sanguinária.

E bandos que tais de salteadores ainda os há em Portugal e provavelmente na Espanha, mais que nunca, diante das contingências horríveis da guerra civil. E nem falemos nas regiões balcânicas, entre as hordas nômades daquele verdadeiro panaché de raças onde ainda hoje se viaja como na idade média, armado em guerra, para o ataque e a defesa.

O "lampionismo" é um fenômeno social inevitável; o seu combate persistente e continuado é um dos aspectos da luta pelo progresso.

Para o Brasil o banditismo e a seca são males necessários.

Ai do sertão se eles desaparecessem totalmente! Sem seca para combater, sem bandidos a perseguir, quem se lembraria, nas capitais, de que o sertão existe!

Como esses mendigos de porta de igreja que "cultivam" a chaga da perna para que não feche, pois é ela que traz ao chapéu os tostões da caridade, assim deve o sertão "cultivar a seca e alimentar discretamente o cangaço. Eles é que lembrarão às gentes do litoral a necessidade de tocar para o Oeste a locomotiva civilizadora.

Chove no Nordeste. Foi morto Lampião. Vocês, sertanejos, precisam tomar as suas providências... As coisas não vão indo bem.

*Correio da Manhã* (RJ) – 31.07.1938

## A MORTE DE LAMPIÃO

Parece confirmada a notícia de que prenderam e cortaram a cabeça de Lampião. O famoso Virgulino e vários homens de seu grupo foram, afinal, decapitados.

A notícia é boa. Está encerrada, assim, uma série enorme de crimes e de horrores. Mas a maneira pela qual Virgulino e seus homens foram punidos merece reparos.

O que se condena do cangaceiro é exatamente a sua falta de respeito pela vida alheia, as suas barbaridades. Ora, esses soldados que em nome da lei, subjugaram o bandido não demonstraram, infelizmente, um nível moral muito superior ao dos cangaceiros. Fizeram uma justiça primitiva e bárbara. Desceram até matar uma mulher – a mulher de Lampião.

O cangaço é um motivo de desonra para a nossa civilização. Mas a maneira pela qual se combate o cangaço também não nos honra absolutamente. Em certos pontos do sertão os habitantes não fazem grande diferença entre os cangaceiros e os policiais; e às vezes acontece que fazem diferença a favor daqueles. Os excessos e as tropelias dos homens da lei superam, não raro, as barbaridades dos "fora da lei".

Morre Lampião, mas não morre o cangaço. Ele é fruto de uma série de problemas sociais não resolvidos, e que não poderão ser resolvidos pelo bacamarte. Problemas de economia, de distribuição da justiça, de transporte e de educação que exigem o exame atento do governo.

Sem se justificar, o cangaço se explica perfeitamente por uma série de males sociais de que ele não é a causa, mas o efeito.

Há uma lei que assegura ao mais perverso e hediondo criminoso o direito de ser julgado regularmente e tratado com ser humano. Os vencedores de Lampião, desprezando essa lei, colheram uma glória bem triste: igualaram-se ao assassino.

*O Imparcial* (RJ) – 31.07.1938

## BANDITISMO

Fernando Silveira

O desaparecimento de Lampião e de alguns dos companheiros que devastavam as fazendas e cidades do Nordeste, em grandes viagens rápidas, desafiando as forças que não podiam acompanhá-los na velocidade, nem esperá-los, indefinidamente, de prontidão, é uma página da história do cangaço que, infelizmente, não é a última. Ficaram vivos muitos do grupo nefasto, dispersos, fugidos, escondidos, e, de certo, formarão novos núcleos que mais tarde, revigorados ou transbordantes de audácia, recomeçarão as tropelias tão desmoralizadoras do conceito da nossa cultura. É triste a previsão, mas é a verdadeira porque, se fosse dado o caso de que todos tivessem desaparecido no encontro com a polícia nordestina, mesmo assim, surgiriam novos bandos de orientação idêntica, tão lastimável pelo nomadismo quanto pelos males decorrentes da anormalidade de vida que arrastam. Será fatal, pois, a existência dessas aberrações que provêm muito mais das condições do meio do que das tendências indi-

viduais. As últimas são os materiais acionados por outros fatores que permanecem de pé, nas regiões em que se processa o desenvolvimento dessas formas anacrônicas em tudo e por tudo. O procedimento em relação aos habitantes das zonas assaltadas, a atuação nas terras e nas habitações e o exemplo que influi, preponderantemente, sobre os espíritos fracos, se originam em falhas de organização social ou em deficiência da última cláusula que é a pedra angular do funcionamento harmônico na extensão territorial de um país. Essa deficiência que o governo atual procura corrigir por diferentes processos, foi a causa da Santa Dica, em 1925, de Antônio Conselheiro em fins do século passado, e, por uma ou outra forma, explode em manifestações sempre desastrosas para a vida calma, tranquila e sossegada que deve reinar nos lugares despidos das crendices e dos hábitos medievais, males perdidos no tempo e que constituem resíduos prejudiciais na evolução geral.

O ponto de origem é o conjunto defeituoso da falta de instrução e da falta de comunicações, do isolamento em que se encontram os grupos populacionais brasileiros e da ignorância que uns têm dos outros. Hoje se encontra um movimento, impresso pelo governo, para impedir, de vez, a persistência desses cancros sociais, mas é preciso, também, a cooperação de todos para conseguir-se tão desejado objetivo. Com ela, mais rapidamente, desaparecerão essas nódoas na civilização brasileira.

*Gazeta de Notícias* (RJ) – 31.07.1938

## A MORTE DE LAMPIÃO

João da Gávea

A notícia da morte de Lampião causou, aqui, no Rio, menos uma sensação de alívio do que de curiosidade. Afinal, um assunto. A gente percorre a avenida, entra nos cafés e bares, nos ônibus e cinemas, e não ouve falar noutra coisa. Os jornais esgotam as edições. Tudo quanto de perto se refira ao herói do sertão nordestino, aí vem contado, esmiuçado, apreciado com uma volúpia noticiarística verdadeiramente cruel, muito mais cruel, talvez, do que o próprio bandido.

Sim, porque raros indivíduos, numa cidade civilizada, como o Rio, dos milhares que se interessam pelo episódio final dessa erradia existência de bandoleiro não sabem muito bem, nem cuidam de saber, quais são os fatores do cangaceirismo. E eles estão exigindo há muito a vista da gente culta; já foram estudados que farte. Agora, que os poderes públicos, com o auxílio das "elites" esclarecidas, porque o governo por si só não pode fazer tudo, empreendam a parte prática do bom combate. Como? Civilizando a caatinga. O cangaceirismo – será preciso repetir este lugar-comum tantíssimas vezes repetido – não é causa, é efeito. Resulta do estado de profunda ignorância em que jazem as populações setentrionais entregues à própria sorte.

Lampião é morto, outros Lampiões virão. Temos aqui a mesma alternativa dos reinos onde se gritava, quando o rei morria: "O rei é morto, viva o rei!" Quer isto dizer que um rei

morto vale o rei que o sucede. Assim como os tronos não ficavam vazios, também a terra martirizada onde o cangaço é o fruto maligno, jamais deixará de ter quem nela assente o seu domínio senhorial pelo terror.

Eu ando aqui pela cidade olhando toda esta multidão insensível, embora bisbilhoteira, que compra os jornais, passa os olhos pelos títulos e segue adiante. É a mesma gente de todos os tempos, frívola e estéril na sua inquietação borboleteante.

Que sabem os habitantes do Rio do que vai por esse longínquo e desgraçado Brasil onde o homem se converte em fera do homem? Virgulino, que acaba de morder o pó, enfurecido como onça acuada, de trabuco na mão, representa o ciclo, que já devia ter sido encerrado, do bandoleirismo. É a expressão teimosa de um vergonhoso estádio social que nós, os habitantes afortunados de uma grande capital como o Rio, não temos sabido combater com os instrumentos construtores da civilização.

De certo, ninguém lamentará que o bandido tenha sido morto. Sanguinário e brutal, Lampião assolava um largo trecho deste Brasil tão vasto e complexo, que a gente pode aqui no Rio, sentado numa *terrasse* da avenida, a sorver um *grog* vagarosamente, informar-se da maior de todas as tragédias entre o homem em seu estado primitivista e a terra desafeiçoada tragédias entre o homem em seu estado primitivista e a terra desafeiçoada e agreste, sem quase perceber que esse homem é nosso patrício e essa terra é o prolongamento do nosso território.

Mas, como civilizar o Nordeste dominado pelos bandoleiros? É uma pergunta que todos nós fazemos. Outrora, a receita era simples. Enviava-se para tão ínvias paragens, em vez da tropa volante, em perseguição dos jagunços, o padre com a cruz e o breviário. Logo atrás, o mestre-escola. Ia, de par com estes dois elementos civilizadores, o mascate. Ninguém estudou ainda o mascate na civilização do nosso país. Quando vejo uma fotografia de Lampião com os seus penduricalhos, penso que ele comprou tudo isso ao sírio que lá anda de mala às costas. Não; nada disto. Creio que nem o mascate penetra mais a terra adusta castigada pelo flagelo dos chacinadores broncos, que dizimam fazendas e arraiais.

Estas reflexões, eu as faço com a sensação acabrunhadora de que a morte de um cãozinho de luxo, em Copacabana, desperta mais lágrimas do que o morticínio de pobres sertanejos, sejam eles bandidos ou não. Porque, no fundo, são todos umas desgraçadas vítimas do atraso em que vivem.

*Correio Paulistano* (SP) – 31.07.1938

## A SEGURANÇA DOS SERTÕES

O país inteiro recebeu com um sentimento de desafogo a notícia de que, enfim, a polícia conseguira destroçar o bando de "Lampião", eliminando o seu chefe.

Era um flagelo que prejudicava grandemente o desenvolvimento econômico dos sertões nordestinos e depunha contra os nossos foros de povo civilizado.

"Lampião" conquistara fama universal. As suas façanhas eram objeto de longas reportagens na imprensa americana e europeia, sendo grande a curiosidade em torno da sua vida e das suas proezas.

Resta saber agora se exterminado "Lampião" estará também acabado o cangaço. A esse respeito há grandes dúvidas.

Sabe-se que no próprio recontro em que pereceu Virgulino, escaparam cerca de quarenta bandoleiros, que elegerão um novo chefe, pois que todos se equivalem nos instintos perversos e na capacidade combativa.

Mais importante do que a morte de "Lampião" serão as medidas que dificultem, se não tornarem impossível, a formação de novos agrupamentos de facínoras evitando assim a criação de uma nova legenda de heroísmo e invencibilidade.

Não basta perseguir os bandidos com a polícia. Urge estudar as causas do banditismo e ataca-las.

Mais do que as providências repressivas, que, muitas vezes, provocam represálias dos sertanejos e ocasionam tanto mal quanto a própria ação dos cangaceiros, cumpre aos governos fazer a experiência das estradas, das escolas e dos médicos. Com esses fatores, o banditismo sofrerá rudes golpes.

Estabelecidas rápidas comunicações nas zonas assoladas pelo cangaço, desaparecem as probabilidades de êxito das empresas sinistras, que celebrizaram "Lampião".

A escola e o médico, saneando física e moralmente as populações sertanejas, completarão, num futuro mais remoto, essa obra que há de ser naturalmente longa, da perfeita integração do *hinterland* nordestino no regime da lei.

Os governos dos Estados, onde o cangaço é endêmico, deveriam organizar um plano conjunto tendente a consolidar agora a segurança do sertão.

A falta de garantias para as vidas e as propriedades conservou estacionário o progresso econômico de imensas regiões, onde, além dos bandoleiros, impera também discricionária a vontade dos chefetes locais, superpostos à justiça, sob a proteção dos amigos políticos das capitais.

Aproveite-se a circunstância de nos encontrarmos ainda em período de organização jurídica do país, para empreender-se um trabalho de saneamento do Nordeste, visando principalmente a segurança das suas infelizes populações.

*O Jornal* (RJ) – 31.07.1938

## TROFEUS SOMBRIOS...

Nelson de Souza Carneiro

Rude golpe sofreu agora, com o desaparecimento de "Lampião", uma das indústrias mais rendosas que a esperteza e a maldade já erigiram no país. Mais rendosas e mais tristes. Multiplicaram-se, em torno do cangaceiro, os que o acoitavam e os que o perseguiam, não poucos a seu modo. As balas que o abateram, e a vários integrantes de seu bando sinistro, não extinguiram, todavia, o flagelo. Várias causas, que o conhecimento do meio esclarece, criam e alimentam esses delinquentes, consequências, não raro, do analfabetismo em que vivem e da não aplicação imparcial da justiça terrena, atinja a quem atingir.

O noticiário amplo e rumoroso assinala, entretanto, um detalhe constrangedor. Os militares que conseguiram abater o facínora e seus companheiros, surpreende-os em Angicos, não se contentaram com o êxito, sem confrontos, de sua expedição. O destemeroso tenente José Bezerra e seus valentes comandados não se bastaram, infelizmente, com o abater, aos tiros, no fragor da luta, os homens que semearam, anos a fio, o sobressalto e o luto pelos sertões nordestinos. Quiseram trazer, sangrando, as cabeças dos bandidos, como se pretendessem, eles também, falando e combatendo em nome da civilização, competir, em estranha ferocidade, com os criminosos mortos.

Não há justificativa que se aponte para atitude tão chocante, tão imponderada. Nem o precedente, que uma vez se registrou na Bahia, de tais degolamentos, repelidos unissonamente pelo país inteiro, poderia servir de atenuante. Invocado, ressaltará, justo, o contrário, como agravante.

Em nome de que princípio, de ordem militar, moral ou cristã, a coluna volante da intrépida Polícia de Alagoas separou, por certo, a golpes de facão, dos troncos crivados de balas, as cabeças escorrendo sangue, poluindo as bravuras de sua proeza e comprometendo os sucessos de sua espinhosa missão?

Em busca de que glórias se esforçaram os soldados tripudiando sobre a morte, como se ela não nivelasse, denominador comum de todas as existências, sábios e ladrões e ricos e pobres e felizes e desgraçados?

Que laureis procuram esses vencedores, carregando cidades afora, como sombrios troféus de um embate difícil, faces sem animação, olhos sem brilho, ouvidos que não escutam, bocas que não falam?

Que orgulho constituirá para a brava milícia o ostentar, pelos anos que hão de vir, entre os prêmios alcançados em outros combates, a cabeça desfigurada do famigerado bandoleiro?

Desse exaltado entusiasmo pela vitória duramente conseguida, nem Maria Bonita – u'a mulher com tantas, acompanhando com desvelo o seu amante por onde ele o desejou, pensando os feridos, sepultando os mortos, sem que se soubessem manchadas as suas mãos de sangue do próximo – escapou incólume. A sua cabeça figura, por igual, nessa lúgubre procissão, que não se encaminha sequer para os laboratórios de pesquisas científicas, silenciosamente, mas passará entre os aplausos de multidões sem fé, como se fossem bandeiras arrancadas ao inimigo no aceso das guerras entre povos.

Do fundo de seu cárcere, "Volta Seca" foi, sem dúvida, mais humano. A notícia do falecimento de seu padrinho poderá representar, para o Nordeste, um período de maior tranquilidade. Mas a ele, cristão, só restava rezar pelo vencido.

Rezem também os crentes pela remissão dessas almas pecadoras. Mas os homens de governo não se deixem empolgar pelo êxito da caravana policial que triunfou em Angicos. Morreram alguns cangaceiros. O cangaço continua, inclusive como indústria. Artur Ramos tem razão. Foi um episódio que se encerrou. Nada mais.

A coluna do tenente José Bezerra deu, apesar de tudo, a sua contribuição para que uma página dolorosa se dobrasse na história do banditismo. Resta ao poder público aproveitar este instante de descontrole e de desencanto entre as populações que viam em "Lampião" um herói e u todo poderoso, para incentivar a campanha educacional que a solução definitiva do complexo problema está a reclamar.

*Jornal do Brasil* (RJ) – 31.07.1938

## MARIA BONITA

São descoloridas as palavras para descrever tudo quanto nos disse o ex-sargento do Exército Vicente Ferreira de Almeida, que, por largos anos, esteve embrenhado na caatinga nordestina, no rastro dos bandos que assolavam a região. Hoje em dia, tendo baixa da tropa, casado, estudando medicina na Faculdade do Rio de Janeiro, ele quer esquecer todos esses horrores. Foi com certa relutância que acedeu ao nosso pedido, rememorando alguns fatos de sua arriscada peregrinação pela zona onde o cangaço imperava.

– Já muito se tem dito sobre "Lampião" – começou. Narrativas as mais emocionantes têm vindo a público. Tudo que se alega, entretanto, fica aquém, muito aquém da verdade. Descrever um inferno, onde os diabos falam, andam e misturam-se com a gente é obra para que a palavra se sente fraca. Já resolvera esquecer tudo quanto ocorreu, afogando essas recordações dolorosas numa vida pacata e urbana. O noticiário sobre a prisão do chefe dos bandoleiros nordestinos e agora a sua visita, trazem-me à memória um tumulto de lembranças difíceis de coordenar. Vou tentar, contudo, citar alguns episódios. Há desde o trágico, até o grotesco, não faltando dose de romantismo. Nessa última espécie, avulta a figura de "Maria Bonita", lembra-se Guiomar?

Sua mulher acena com a cabeça afirmativamente. A mulher do bandido era ainda aparentada com uns compadres do casal. Ele conta:

– Ela não nasceu dentro do ambiente impregnado de pólvora dos acampamentos eventuais dos bandidos. Menina, deles só conhecia, como todo nordestino, a fama. Tinha a educação de uma moça como qualquer outra afeita aos deveres domésticos. Bonitinha, garrida, como só ela. Quando atingiu a idade casadeira, seus pais realizaram seu enlace com um homem pacato e trabalhador.

## CERTA VEZ, NUMA FEIRA...

– Passados que foram os primeiros meses de casados, Maria não escondia que não era feliz. Seu marido, se bem que trabalhador, não ligava importância ao lar a que assistia apenas com o necessário para que sua mulher não morresse a fome. Deixava-a sozinha dias a fio. E ciumento até ali. Uma das coisas que mais implicava era com a pintura, em mulher. De início, proibiu Maria de usar pintura. Uma vez, porém, chegara à cidade uma tropa volante. Vários sargentos da Polícia e do Exército tornavam esses grupos uma atração principalmente para as moças da localidade a que chegavam. E todas procuravam exibir seus mais enfeitados vestidos nas feiras, os pontos de reunião. Maria, aproveitando-se da ausência do esposo, pintou-se e, faceira, foi passear com as raparigas de sua idade. Pouco depois, regressava o marido. Houve uma cena violenta entre os dois, terminando ele por dar-lhe violenta surra. Maria fugiu de casa, indo para uma cidade vizinha, hospedando-se com sua madrinha.

## "NÃO TENHO NADA A PERDER"

– Parecei que ela trazia a desgraça consigo. Mal havia chegado e um "caibra" entrava na vila assustado. Os homens de Lampião dirigiram-se para lá. Todo mundo fugiu. Quando o bando chegou, encontrou apenas uma mulher, recostada no umbral de uma casa, olhando para os assaltantes como se lhe fossem completamente indiferentes. Foi o próprio Virgulino quem se dirigiu a ela:

– Por que você não fugiu?

– Não tenho nada a perder. Para que fugir?

– Não tem medo de mim?

– Nunca tive medo de homem.

– Nem de Lampião?

– Lampião não é homem também? Logo, não tenho. Você é que é Lampião?

– Sou. Quer viajar comigo?

– Acompanho.

– Você é bonita e corajosa. Como é seu nome?

– Maria.

– Maria Bonita, a companheira do capitão Lampião.

Quando o bando – prossegue o ex-sargento Almeida – estava aumentado de uma boca. Era Maria Bonita. Só a morte os separou. E Lampião jamais atacou qualquer cidade sem ouvi-la primeiro.

*A Noite* (RJ) – 31.07.1938

## O TERRÍVEL CENÁRIO

Benjamim Costallat

Nós, daqui das cidades, com polícia na esquina, auto-ônibus na porta, não podemos avaliar, senão pela imaginação – auxiliada pelas cenas vistas no cinema – o que se está passando no Nordeste...

Morto "Lampião", surge-lhe o substituto, mais forte, mais moço, mais sanguinário ainda, "Corisco", rápido no ataque, fulminante na vingança...

É a guerra declarada, é a vindita prometida – as chacinas vão se multiplicar, as cabeças não rolar sob a onda do terror dos cangaceiros que já matam crianças e mulheres como simples resposta aos volantes que os perseguem e já não buscam outro prêmio além dos gritos de agonia e da fartura de sangue...

Quanto tempo durará essa irritação dos cangaceiros pela eliminação de seu chefe mais graduado; quantas vítimas serão ainda necessárias à essa cobrança de sangue; quantas cabeças terá essa hidra que estrebucha mas não morre e se renova?

Não se pode prever a duração de um fenômeno tão complexo como o do cangaço, de que os "Lampiões" e os "Coriscos" são simples e transitórios representantes.

Seria confundir causa com efeito pensar que a liquidação dos cangaceiros acabaria com o cangaço. Seria confundir os frutos com a árvore. Para os bandidos têm a palavra as forças estaduais. Para o cangaço, tem a palavra os sociólogos.

E nós, que temos polícia na esquina e auto-ônibus na porta, só podemos agradecer o clima civilizado em que vivemos e que precisamos civilizar cada vez mais – pela divulgação dos princípios de cooperação e de boa vontade – até que cheguem às regiões mais abandonadas do país os benefícios da cultura, que é o produto do espírito com a fraternidade.

*Jornal do Brasil* (RJ) – 31.07.1938

## CARTAZ

Astolfo Serra

Lampião foi um inadaptado. A civilização passou e ele ficou à margem dos agrupamentos humanos, retardado em sua aspereza selvagem, fora do equilíbrio da vida ritmada das sociedades.

Ficou impunemente selvagem, vivendo a vida romântica do crime em toda a sua hedionda poesia de aventuras e de heroísmo sinistro. Nele, a natureza estava sempre presente, em todas as suas brutalidades, sacudindo-lhe a ancestralidade cruel, despertando-lhe os instintos de violência e o impelindo para o crime, já que os reflexos da civilização não lhe penetraram

n'alma torva, para lhe sacodir a consciência e orientá-lo rumo aos grupos evoluídos e adaptados aos vários processos civilizadores.

Foi um tipo simetrizado apenas com o seu meio geográfico; sofreu-lhe todas as influências, sem reação alguma, e ficou, por isso, "perenemente primitivo", perfeitamente integrado na tipologia dos "povos da perpétua aurora" como os classifica Bressig a todos os que não avançam, jamais, para os meio-dias...

O artifício da civilização não o domesticou, o que não é de se estranhar. Por vezes, até nos grupos já adaptados, todo o polimento desaparece; rompem-se as amarras e há um brusco retorno à natureza, acontecendo, no homem civilizado reaparecer a "selva primitiva", como se vê no próprio castigo que sofreu Lampião, pois não se contentaram em matá-lo, o que já era o suficiente justiçamento, mas cortaram-lhe ainda a cabeça como troféu asqueroso, o que não deixa de ser muito primitivo, o "todo o primitivo é selva", segundo afirma o sociólogo Orteja y Gasset.

Lampião e o seu cangaço não eram um fenômeno exclusivamente brasileiro, porque na Europa há casos idênticos como os "comitadjis".

O bandido pernambucano constituía simplesmente uma dissimetria com os vários grupos nordestinos.

O Nordeste calcinado e sofredor constitui um habitat magnífico para a aventura e o heroísmo indomável.

A terra atua, de modo impressionante, sobre os seres que a ela se vinculam. Torturada, dá-nos a impressão de martírios em todos os seus aspectos. A vegetação dos cactos, das caatingas, o nu cinza dos descampados, os escalvados do chão, poento, o céu escampo, o sol faiscante, tudo isso abrasa, requeima, acende faiscações de romantismo torturante, predispõe a místicas terríveis. Daí, as roturas de equilíbrio e o aparecimento de tipos, que "sublimam" as suas tendências nas atividades de uma vida desigual, sob certos aspectos, mas identificada pelo psiquismo aventureiro que empolga a todos esses tipos, que afirmam a realidade desse enorme e sempre eterno problema das relações entre a civilização que é o equilíbrio, e a natureza desordenada, entre o racional e o cósmico.

Esse psiquismo vive no jangadeiro que cavalga o mar, no vaqueiro que dispara pelas caatingas e carrascais, no fanático que ora, ou no cangaceiro, que mata e rouba. Em todos esses tipos há o mesmo instinto aventureiro, a bravura, o heroísmo, o ímpeto criador de dramas e tragédias.

A diferença existe na escala das relações sociais. A espiral spengleriana do progresso deixou à margem, sobretudo, o fanático e, o cangaceiro.

Estes dois tipos são afins. Há, neles, diferenças meramente acidentais. Um ora e mata; o outro mata e ora depois. Quer dizer: o crime para o fanático é necessário à defesa da crença, ao passo que para o cangaceiro, a crença é a defesa do crime.

Lampião foi o mais apurado exemplar de cangaceiro. Romântico, as suas proezas o envaideciam; por isso gostava de fotografias, dava-se ao luxo de capitanear a sua horda sinistra, ajaezando de ouro e prata, lenço de seda ao pescoço, à maneira dos bandidos medievalescos, ébrio de sangue e de aventuras, saindo dos sertões adustos e atirando-se contra os grupos adaptados, como se ele representasse, no tempo e no espaço, as reações e revoltas seculares das terras conquistadas para se vingar da civilização montante...

A bala e a decapitação dos facínoras livraram a sociedade desse monstro, desse flagelo tão cruel quanto as secas do Nordeste. Foi o remédio encontrado. O de imediato resultado.

Será o mais salutar, para que outros bandoleiros não venham substituir o rei do cangaço?

Não o creio. O remédio não está no fuzil. Está no amparo a esses rincões abandonados, aumentando-se lhes os quadros demográficos e, levando, pela escola e pelo progresso o surto civilizador – o dourado artifício da civilização que, pelo menos, é, até hoje, o mais eficiente processo de domesticação, capaz de estabelecer entre os vários grupos humanos o equilíbrio da vida, que, afinal, merece ser vivida.

*O Imparcial* (MA) – 02.08.1938

## "QUE FARIA VOCÊ DE LAMPIÃO?"

SENTENÇAS CURIOSAS QUE SERIAM PRONUNCIADAS CONTRA O "REI DO CANGAÇO" SE O POVO VIESSE A JULGAR SEUS INÚMEROS CRIMES

Um padre, um soldado de polícia, um estudante e duas senhoritas – "Picadinho a molho pardo" – Cadeira elétrica e esquartejamento

—

Lampião morreu. Esta a grande notícia da semana que findou. Teve uma repercussão enorme.

Até na América do Norte e na Europa foi comunicado o trágico fim do "Rei do Cangaço".

O sensacionalismo da notícia perdeu entretanto 50% do seu efeito, em virtude da descrença com que muitos a receberam.

—

O número dos que não acreditavam na morte do "Capitão Lampião" era elevado. Julgavam, senão impossível, pelo menos quase impraticável, vencer o homem que conhecia os mistérios e os segredos das caatingas melhor do que a palma de sua mão.

– "Mataram um outro qualquer. Lampião não se pega assim. É pior do que um gato do mato."

E acreditavam que, dentro de algum tempo, ele reapareceria com uma nova e terrível façanha.

– "O homem tem o diabo no corpo. Quando se espalha nem os capetas o ajuntam. "

E se Lampião não tivesse sido morto? Se estivesse preso apenas e viesse a ser julgado pelo povo? Por esse mesmo povo que ouviu a história sangrenta de todos os seus crimes e atrocidades? Que sentenças haviam de ser proferidas? Vamos ouvir o povo.

Logo na esquina da rua São José com avenida Rio Branco, encontramos um soldado da Polícia Militar.

– "Que faria você de Lampião?"

O homem olhou-nos assustado. "Que ideia? Falar em Lampião logo de manhã cedo, antes do almoço?"

– Sim. Que faria você de Lampião, se tivesse de julgá-lo. Você é juiz, ele o réu. Que castigo lhe daria?

– Eu? Mas eu não sou juiz!

– Mas se fosse?

– Ah! se fosse!? Havia de fazer desse homem um picadinho a molho pardo. Mas um molho pardo bem gostoso, bem temperado. Com cebola, massa de tomate e tudo. Garanto como depois ninguém mais teria vontade de ser bandoleiro. O que o senhor está pensando? Aquele "caibra" não presta.

## A Sentença de Duas Moças Elegantes

Prosseguimos. Lá adiante iam passando duas moças. Moças elegantes, de Copacabana ou Ipanema.

– Olha que lindo "renard". 800$000. Não é caro, é?

O repórter aproximou-se e fez a mesma pergunta. As senhoritas acharam graça.

– Os senhores da imprensa nos arranjam cada uma! Pois quer saber o que faríamos de Lampião? Eu o mandava direitinho para a cadeira elétrica. E ainda era pouco, hein! Na América do Norte, por muito menos, impõe-se essa pena. Lampião é um bandido, um miserável! Então o senhor já viu uma coisa destas!? Matar uma inocente criatura só porque ela quis andar com os camelos na moda? É o cúmulo! Imagine-se nós duas fôssemos para lá, assim como estamos – de sobrancelhas aparadas e batom nos lábios?

## "Não Merece a Misericórdia Divina", diz um Padre

As moças foram tomar um sorvete e nós fomos ouvir um padre que passava. O sacerdote atendeu-nos gentilmente e falou:

– Padre não pode ser juiz. Mas, se fosse, eu julgaria Lampião como qualquer outro criminoso. Não me deixaria levar pela exaltação de ânimo ou outro qualquer sentimento que provocasse exagero de minha decisão. Não veria diante de mim o "rei do cangaço", que tanto enlutou o Norte brasileiro, mas apenas um réu culpado de vários crimes. Somaria todos os agravantes, consultaria o Código e pronunciaria a sentença. Tudo de acordo com a lei. Perdão? Nunca. Esse homem não merece a misericórdia divina.

## O Bom Senso de Dois Militares

Numa livraria, encontramos dois militares. Sargentos. Esperávamos que estes opinariam pelo fuzilamento sumário. Puro engano.

– Todo criminoso, desde que não seja um débil mental, pode se regenerar. Eu, pelo me-

nos, penso assim. Condenaria Lampião a 30 anos de prisão celular, prometendo-lhe liberdade condicional caso se mostrasse merecedor disso.

O homem é um produto do meio. Acredito que o cangaceiro ainda pudesse vir a ser um bom chefe de família.

Não nos devemos deixar levar pelas paixões do momento. É preciso examinar o caso com lucidez de espírito e calma.

O maior culpado em tudo isso é a agressividade bruta do nordeste brasileiro.

Lampião é uma consequência daquele estado de coisas.

Um homem mal-educado; mais nada.

### Onde Edgard Poe Entra em Cena

Ouvimos, finalmente, um estudante.

– Para Lampião, empregaria qualquer suplício daqueles que o Edgard Poe imaginou nos seus romances.

Havia de amarrá-lo numa mesa, olhando para cima e aguardando, sem nada poder fazer, que uma enorme foice, balançando à maneira de um pêndulo, viesse descendo do teto até roçar-lhe de leve no pescoço e decapitá-lo enfim.

Podíamos, também, dar um castigo mais simples, fazer com ele o mesmo que fizeram os espanhóis com o inca Tupac-Arnaru.

Amarrá-lo em quatro cavalos, para ser despedaçado na fúria do galope.

Nosso companheiro tocou-nos no ombro:

– Vamos embora. Por hoje chega...

*Diário da Noite* (SC) – 03.08.1938

## A INVULNERABILIDADE E BRAVURA DE LAMPIÃO E SEUS ASSECLAS

Muita gente, e com razão tem ainda como inexplicável a causa da invencibilidade do grupo de Lampião.

De fato, era de criar estranheza que um grupo, relativamente pequeno, às vezes por desfalecimentos sucessivos, sempre conseguisse escapar à perseguição, tenaz, regular e combinada, de numerosas colunas policiais.

Sempre se comentou tal fato, falava-se da estratégia e bravura, que já se iam tornando lendárias de Lampião e seus comparsas, da vastidão dos nossos sertões, de seus recantos impenetráveis, da timidez e inatividade das polícias etc.

Efetivamente alguns desses fatores poderiam concorrer na proteção do famigerado grupo que apavorava o nosso sertanejo, porém, nem sempre eram únicos, nem muito menos os primordiais.

A um de que ninguém falava, e de cuja existência muita gente nem sequer suspeitava, era que se achava verdadeiramente presa toda a razão da invencibilidade de Lampião. Queremos falar da proteção que lhe dispensava a gente sertaneja. Parece um paradoxo dizer-se que essa gente, que tanto pavor lhe tinha, protegesse a Lampião. Mas era um fato, que se explicava pelo próprio pavor que a uns infundia com desordens e ameaças, pelo excesso de covardia de alguns e pela utilidade compensadora que desfrutavam outros, muitas vezes poderosos, que eram conhecidos e até pelo próprio bandido proclamado seus protetores. Está visto que a proteção consistia, principalmente, em desviar a ação da polícia. Às vezes ia a coluna policial orientada por informações seguras no encalço dos bandidos, de repente, inesperadamente, às vezes prestes a encontrá-los, intercepta-se a corrente de informações e lá se ia de água abaixo dias e dias de trabalhos exaustivos e arriscados quase sempre.

É que ia do insuspeitável, protetor do bando, tenha já entrado desgraçadamente, em ação.

Estabelecida a desorientação, ficava a polícia na impossibilidade de prosseguir em suas operações ou perseguir em rumo diverso do que os bandidos haviam tomado.
Outras vezes chegavam ao cúmulo do disfarce.

Depois de os aguardarem por longos dias em lugar seguro, na própria fazenda, fingiam-se interessados na captura, propondo-se auxiliar a polícia, denunciavam o sítio ocupado pelos bandidos e iam eles próprios, ou mandavam pessoas de sua absoluta confiança servir de guia. A polícia partia imediatamente, na esperança de atacá-los, mas chegando ao sítio indicado, só encontrava vestígios da permanência, muitas vezes longa, do terrível bandido. É que eles, antes de avisarem a polícia, combinavam o *truc* com os bandidos, ficando, assim, quando não eram descobertos, bem com Deus e com o diabo. Muitos desses protetores tinham até, às vezes, cinismo de queixarem-se às autoridades, contra as violências das polícias, praticadas em seu "vaqueiro ou empregado, de sua absoluta confiança".

Muitas vezes em diligências posteriores, como sempre acontecia, ficava provado que o empregado de absoluta confiança havia desviado a ação da polícia, para salvar Lampião e era portador de víveres etc., para os bandidos a mandado do patrão e lhes dava informações sobre as forças. Eram estes os motivos a que se achavam ligadas, diretamente, as vitórias de Lampião, que eram sempre atribuídas por quem não conhece o sertão e os seus "mistérios" ao valor e a estratégia dos bandidos.

Assim o combate ao banditismo, para ter eficácia devia forçosamente visar a dois objetivos: aos bandidos e aos seus protetores.

O exemplo desta afirmativa ficou patentemente evidenciado pela força alagoana quando conseguiu abater o famoso rei do banditismo nordestino e os seus tenebrosos comparsas.

*O Nordeste* (SE) – 03.08.1938

## OS HERÓIS

Já domingo assinalamos com desgosto a crueldade com que se houveram os homens da lei que liquidaram Lampião. Agora, através das histórias cruas de um noticiário sensacionalista, são conhecidos outros detalhes dessa caçada cruel. Não é possível descrever ou ler essas lamentáveis façanhas sem lavrar um protesto formal. Chega-se a aplicar aos vencedores do chefe cangaceiro a qualificação de heróis.

Pode ser que sejam. Mas pensamos que não convém divulgar muito os detalhes da ação desses heróis. Visto um pouco de perto, esse heroísmo apresenta estranhos aspectos. E a tal ponto que não trepidamos em afirmar que esse gênero de heróis recomenda tão mal os nossos foros de país civilizado como o gênero de bandidos que eles liquidaram.

Seria ridículo lutar contra cangaceiros com modos gentis e palavras doces. A luta no sertão é rude – e na guerra como na guerra. Mas em qualquer guerra há um código de valor e de moral, e só pelo respeito a esse código é possível distinguir, numa guerra, o bandido do homem da lei. No caso atual os homens da lei agiram covardemente, decapitando os prisioneiros, entre os quais uma pobre mulher. E fazem alarde em tordo disso, colocam na cabeça os chapéus dos bandidos, metem nos dedos os anéis das vítimas e apresentam os despojos sangrentos para receber os aplausos da multidão.

Cumpre às autoridades limitar um pouco as expansões desses heróis policiais, e impedir que saiam apresentadas ao público como naturais e mesmo como louváveis as barbaridades que eles cometeram. No mínimo isso fornece um argumento para qualquer bandido: "a polícia fez o mesmo".

O que está ocorrendo é deprimente para a cultura brasileira. Heróis desse tipo não são mais concebíveis hoje. Preferimos heróis um pouco mais cavalheirescos, menos sanguinários, menos primitivos. Esses nos envergonham tanto como o "herói" Lampião – ou mais ainda, porque são heróis oficiais.

*O Imparcial* (RJ) – 03.08.1938

## SENTIMENTALISMO MÓRBIDO

Américo Palha

Lampião está morto. Ele, a amante e os companheiros de medonhas e sinistras aventuras. Os sertões do Nordeste respiram por alguns momentos... A cabeça do bandoleiro e as dos outros servem de pasto à curiosidade pública, na pacata e risonha capital das Alagoas.

O bandido está morto. Por mais aperfeiçoados que sejam os nossos sentimentos cristãos, ninguém pode ter pena do "rei do cangaço" que, a esta hora, deve andar às voltas com outro rei – o soberano dos Infernos. A piedade humana – que tantas vezes se tem manifestado

nobremente ante a desgraça de muitos criminosos – torna-se fria, junto aos destroços mortais do homem diabólico. Do homem que, por mais de duas décadas, roubou, matou, saqueou, destruiu, impunemente, com os mais odientos requintes de barbaridade. Ele, que nunca se comoveu diante das suas vítimas, não poderia esperar a compaixão dos homens. E não a teve. Nem uma lágrima foi vertida, na hora e depois da sua morte. Apenas os profissionais cabotinos do sentimentalismo, explorando a formação suave e afetuosa da alma brasileira, começam, sutilmente, a preparar um ambiente de simpatia póstuma para o bandido, justamente arrancado do número dos vivos pelos bravos soldados da força alagoana. Esse sentimentalismo explode como um escárnio à dignidade e aos brios do Brasil inteiro.

—

Pergunte – se possível – às mães que tiveram seus filhos trucidados e suas filhas desonradas pela brutalidade do monstro sertanejo, se elas se revoltaram com o feito dos soldados que mutilaram a cabeça de Lampião. Pergunte aos pais que perderam os filhos, aos filhos que perderam os pais, às mulheres que perderam os esposos, aos irmãos que perderam os irmãos, perguntais a todos eles, a todos aqueles cujos lares se encheram de dor e de luto, e todos aqueles que tiveram a vida salpicada de sangue, a todos aqueles que experimentaram golpes e infortúnios, se se revoltaram diante das cabeças decepadas de Lampião e seus sequazes... Esse sentimentalismo ofende a grandeza de tantas desgraças, insulta a majestade de tantas dores, avilta, mesmo, a própria dignidade humana.

Lampião estava fora da natureza humana. Desta tinha, apenas, o aspecto exterior. Porque, no mais, ele foi uma fera sanguinária e as feras devem ser tratadas como feras.

—

Sejamos piedosos para os que sofreram e os que padeceram entre as garras do bandido. Mas não desçamos a lamentar o destino do cangaceiro hediondo, nem a carpir o último episódio da sua existência tenebrosa. Coloquemos o nosso sentimentalismo ao serviço dos injustiçados, dos famintos, dos desgraçados, dos desamparados, dos mendigos, dos párias, dos explorados. Coloquemos o nosso sentimentalismo ao serviço da bondade cristã, procurando corrigir e alentar os que erram, os transviados, os fracos, os desiludidos. Mas, nos resguardemos de lamentar as panteras humanas. Elas não são dignas de um olhar de misericórdia.

Lampião teve o destino que abraçou. Na sua carreira alucinante de bandido, de judeu errante das caatingas, nunca teve gestos que revelassem um coração capaz de se purificar. Nunca teve atitudes de generosidade – aliás já verificadas em outros da sua espécie – que lhe atenuassem o peso dos crimes. Foi sempre cruel, inexorável, bruto, insensível. O desespero de uma pobre mãe jamais lhe abrandou o instinto selvagem. A lágrima de uma criança jamais lhe arrancou outra lágrima. O remorso não lhe atormentava. Viveu como irracional, sedento de sangue. Esse, o caminho que palmilhou. Até nas rezas que seus lábios sinistros balbuciavam, ele se revelava o facínora repelente. Rezava para matar, rezava depois de matar...

*Diário Carioca* (RJ) – 04.08.1938

## NO CERNE DA NACIONALIDADE

Nascimento Moraes

Horroriza a todos a notícia da degolação de Lampião e de seus companheiros. Lá, pelos sertões ínvios, é uma notícia que não interessa. A glória de Lampião e do bando era acabar assim.

A caboclada está dominada pelo mais profundo sentimento de respeito aos nomes dos heróis. É esse o fim dos bravos! Dizem um enlevo que lhes dá uma energia nova.

Os poetas e os cantadores preparam para render aos valentes a homenagem imperecível de suas estrofes e de suas toadas.

Não demorará muito se espalhem pelos sertões os folhetos que lhes perpetuarão a memória.

Cabe-nos, a nós, apenas lastimar que os vencedores se colocassem na mesma craveira dos vencidos; que a polícia fizesse com os facínoras o que Lampião faria com a suas cabeças, se fora o vencedor.

O que nos conforta, porém, é que este fato é um ponto a estudar da formação etnográfica das populações brasileiras.

*O Imparcial* (MA) – 04.08.1938

## COMENTÁRIO

Sergio D. T. de Macedo

"As cabeças de Lampião e de Maria Bonita têm sido passeadas e expostas em diversas cidades alagoana, causando verdadeira alegria às populações locais e provocando, mesmo, manifestações de entusiasmo" – narram os jornais.

O fato tem suscitado críticas amargas, lamentando, muita gente, esse episódio – que segundo essa mesma gente – depõe bastante contra os nossos foros de povo civilizado.

Visto do ponto de vista do habitante das capitais cosmopolitas, o ato chega a ter requintes de selvageria! É preciso porém que levemos em conta o cenário do drama e as condições sociais do ambiente.

Lampião e seus sequazes fizeram um mal imenso às populações do interior. Famílias enlutadas, lares desonrados, criaturas espoliadas atestam o coeficiente de maldade do bandoleiro ora desaparecido.

Lampião, para essa gente, era pura e simplesmente a fera sedenta de sangue, cujo extermínio trazendo alívio e tranquilidade só poderia causar uma imensa, uma louca alegria.

O Nordeste, o interior brasileiro não é a avenida Rio Branco, cavalheiros!

A "caatinga" é um mistério, um drama.

O sertanejo é o indivíduo que luta contra tudo, perenemente, sem trégua nem descanso porque sabe que a trégua corresponderia ao fim.

O sol estanca as águas dos riachos, mata-lhe o gado, seca-lhe o roçado. As endemias fornecem aos urubus o alimento quotidiano!

Vivendo essa vida penosa, forçosamente o caboclo não pode ter a alma de um poeta do litoral, cheia de sutilezas e de delicadezas.

Seu coração habituado à luta áspera de todo dia, não pode estar muito propenso ao perdão das injúrias graves, deixando de aninhar o sentimento de vingança que é na verdade, o mais forte dos sentimentos humanos, depois do amor.

O cangaço é um fenômeno resultante das próprias condições do meio.
Quando o indivíduo não se faz cangaceiro por vingança (não esqueçamos as velhas rixas entre famílias que transformam os homens de cada uma em "jagunços") ou forçado pelo bando, sob ameaça de morte, o faz porque sabe que o cangaceiro tem assegurada a subsistência espoliando o próximo.

Joga com a vida, é verdade. Mas a vida ele a arrisca a todo momento!...

Não! É preciso atentar, ao se examinar um fato, nas condições do meio e no palco em que se desenrola esse mesmo ato.

As práticas de um Torquemada, uma Catarina de Medicis ou um Borgia são hoje considerados criminosos monstruosos. Não o foram, no entanto, em sua época.

Da mesma forma o degolamento de Lampião, visto da avenida Rio Branco é espetáculo horripilante. Não o é, porém, visto da "caatinga" onde o salteador sinistro deixou um rastro de sangue, de desonra, de lágrimas de criancinhas órfãs!

*Gazeta de Notícias* (RJ) – 04.08.1938

## A ENDEMIA DO CANGAÇO

Assis Chateaubriand

É uma ilusão acreditar que, morto hoje "Lampião" e exterminado amanhã "Corisco", teremos feito a extirpação do cangaceirismo no Nordeste. A própria impunidade de "Lampião", por tantos anos evidencia a natureza possante, que o abriga, o deserto generoso que o protege. Só uma autoridade pode estabelecer-se permanente, duradoura, dentro daquelas caatingas agrestes. É a lei do mais forte (...). Pode a polícia volante estabelecer momentaneamente o império da lei em um ponto dado. E matar dez, doze, quinze bandidos. Outros tantos irromperão mais além, polarizando o remanescente do bando militarmente aniquilado, porém não socialmente destruído.

A pujança do movimento do cangaço corresponde à vastidão do mundo ermo e abandonado de que ele vive. Para a importância do mal perpetrado pelo banditismo sertanejo, há uma colaboração decisiva do fator meio. Oferece uma medíocre ideia da sua compreensão das causas do cangaço o que tentar apreciá-lo em função exclusiva do coiteiro, da coragem dos bandidos que o exercitam profissionalmente, ou da passividade dos governos dos Estados,

onde ele é teatro. Jamais houve maior e mais íntima correspondência entre o crime e a terra que o produz. Vejam em quanto os tesouros pobres dos estados do Nordeste já se exauriram para se libertar de "Lampião". Só ao de Alagoas essa última campanha lhe custou 400 contos. "Lampião" pode não ter roubado nem cinco mil contos em suas razias. Mas terá custado a sua perseguição aos erários cearense, rio-grandense do norte, paraibano, pernambucano, alagoano, sergipano e baiano mais de vinte a trinta mil contos. Vi um governador em Pernambuco, Herculano Bandeira de Melo, dizer a meu pai esta frase antes de assumir o governo: "Vou consagrar-me ao sossego da família sertaneja. Se prender Antônio Silvino, terei realizado tudo no meu governo. Se o não prender, não terei feito nada."

Esse homem não mediu esforço numa tenaz campanha exterminadora do cangaço. Antônio Silvino ainda zombou mais de cinco anos de caça policial.

E a verdade é que, encarcerado Antônio Silvino, a sua coroa passava à cabeça de "Lampião". E com que grandeza esse rei do cangaço trouxe aquele símbolo da sua onipotência malfazeja! Antônio Silvino era um cangaceiro-menino comparado com "Lampião". Como o cabra alagoano, tombado nos Angicos, dilatou o poder do príncipe do crime sobre as terras viciosas do sertão! Cotejam a corte lampionesca, atingindo até 50 homens, com a rala falange de Silvino. Ao contrário do que se poderia imaginar, preso Antônio Silvino, o seu sucessor reorganizou o cangaço com uma autonomia sertaneja, e uma liberdade de movimentos como não tinha o chefe prisioneiro.

A impunidade do cangaço é uma resultante inevitável do despovoamento dos sertões, do inevitável do coiteiro; pela fraqueza do Estado, da natureza da caatinga onde se acoita o banditismo e da penúria das vias de comunicações de certas regiões do *hinterland* nordestino. Por que não medra mais quase o cangaço no Rio Grande do Norte, na Paraíba e no próprio Ceará? Por que "Lampião" mal podia operar em incursões rápidas nos territórios destes Estados? É que os sertões deles dispõem de uma rede de comunicações rodoviárias e de núcleos de populações mais densos, como não tem Alagoas, Sergipe e o norte da Bahia. Varei, justo há 21 anos, quase todo o sertão de Alagoas, atingindo as vizinhanças de Piranhas. Quase por toda parte só se me deparava o ermo. Como perseguir um grupo de homens protegido pelo deserto e dispersos dentro da caatinga?

Repeliu o capitão Juracy Magalhães no governo da Bahia, a façanha de Herculano Bandeira. Transformou a liquidação do banditismo em programa de governo. Olhem no mapa a zona do sertão baiano, assolada por "Lampião". Respira o abandono da planta humana.

A extinção do cangaceirismo é função da posse do habitat sertanejo pelos instrumentos de civilização. Sem o progresso, teremos ali permanente a endemia do cangaço. O crime comum (e o cangaceiro que literatos de latão procuram romantizar é um criminoso vulgar, um ladrão e um assassino) é a diátese inevitável, decorrente da impunidade com que o meio físico abriga o malfeitor.

*O Jornal* (RJ) – 05.08.1938

## LAMPIÃO

Eloy de Montalvão

Depois de centenas de tentativas para a caça do famigerado Lampião, o temível bandoleiro do Nordeste, o tenente José Bezerra realizou a façanha de destruir o bando de cangaceiros, por ele chefiado. A matança verificou-se na fazenda Angicos, onde o célebre bandoleiro e mais dez componentes do seu temível bando, faziam uma estadia. Pegados de surpresa pela força volante da polícia militar alagoana, foram todos mortos, tendo a polícia cortado a cabeça dos onze bandoleiros conduzindo-as como troféus de guerra, numa linda demonstração de bravura cívica...

Com Lampião, morreu também, assassinada, a sua companheira Maria Bonita, que também já era treinada em assaltos, assassínios e pilhagens. Ligou-se a Lampião e ao seu bando, percorrendo o interior do Nordeste brasileiro, para infundir terror, praticar os mais hediondos crimes.

Noticiando a destruição do bando de Lampião, todos os jornais aqui da capital brasileira, biografam Lampião, lembrando que ele começou a sua vida criminosa apenas com 21 anos de idade. A história de Lampião conta-se a miúdo. O bandoleiro não respeitava nem aqueles a quem devia por gratidão. Certa vez, o chamado "Rei do Cangaço" aborreceu-se com seu lugar-tenente Sabino Gomes e foi dizendo aos do seu bando: – "Antes que ele me jante, eu o almoço!" E, horas depois, o assassinava friamente. Em 1927, um cinematografista filmou Lampião com seu bando e o facínora, contou, então que era responsável pela morte de mais de 200 criaturas. Durante 15 anos, viveu no nordeste brasileiro, exercendo a sua sanguinária ação de terror, de roubo e de assassínio. Entrava nas pequenas povoações e em quase todas as fazendas daquela zona sertaneja, deixando um rastro de dor, de luto e de pavor. E ainda hoje, conta-se, parece incrível, que Lampião, armado de revólver, assaltava lares, mandava mulheres despirem-se e saciava seus instintos, mandando os seus asseclas praticarem o mesmo com meninas, muitas até de menor idade. Custa-se a crer, nesta hediondez de Lampião, ao lado de uma quase covardia dos que assistiam-no praticar os crimes contra suas mulheres e filhas, sem uma revolta, apenas sob o temor de perder a vida... Em Mossoró, no Rio Grande do Norte, povoação com 60 mil habitantes, Lampião entrou, empunhando um revólver em cada mão e praticou os mais horríveis crimes contra as famílias do lugar. E não houve um só homem que defendesse as suas mulheres e suas filhas!

Em meu estado, Paraná, o capitão Adolfo Guimarães e o tenente José Busse, saíram pelo sertão e, em pouco tempo, acabaram com o banditismo ali, impedindo que se criassem facínoras. Sanearam o interior do Estado sulino, onde, parece, os Lampiões não se criam facilmente.

Aqui no Rio de Janeiro, há 5 anos, na Praça 15, porque um homem mal-encarado de péssimos precedentes, pegara no braço de uma menina, o pai desta enterrou-lhe, no ventre, uma faca, matando-o. defendeu a filhinha e fugiu sem que até hoje ninguém saiba o seu paradeiro.

A morte de Lampião vem, assim, lembrar toda a sua rocambolesca e criminosa história. História que ele pôde constituir durante quinze anos, ante a indiferença de homens sem fibra, que, como nas fantasias de cinema, deixam-se acovardar, triste e inesperadamente, diante de um bandoleiro, cuja bravura única consiste em rechear o tambor de uma arma para detoná-la sobre criaturas indefesas. Assim, muitas criaturas do Nordeste, devem hoje, mostrarem-se satisfeitas, ante a façanha do tenente José Bezerra, que soube praticar o que muitos maridos inertes, irmãos sem alma, não souberam praticar.

Pois, não se pode crer que em meio populações inteiras, não houvesse um só homem capaz de dar a sua vida, na defesa de uma esposa, ou de uma filha querida!

*O Dia* (PR) – 05.08.1938

## LAMPIÃO, LAMPARINA E OUTROS LUMINARES

Astor Vianna

Desde a semana passada prometi a você a última palavra do Diabo. Não cumprirei hoje a promessa porque Lampião morreu. Foi o diabo... Como tema obrigatório, vamos com mais calma. Aliás, para encontrar com o diabo não se precisa madrugar.

—

O Nordeste deve estar de luto: – Lampião morreu. Há quem diga que Virgulino Ferreira tenha sido uma lástima. Não foi propriamente isso. Virgulino Ferreira foi uma figura bizarra que povoou de histórias macabras a desolada região do Nordeste. Quando, pela primeira vez na vida eu dei com um retrato de Lampião num jornal, fiz logo a associação psicológica da fábula. Um cangaceiro de óculos, é coisa quase impossível. Supõe-se que um tal homem não deva ter boa pontaria.

—

Lampião matava em qualquer (...) Tinha a (...) criminosa plantada no meio de sua alma de herói. Como foi bandoleiro gigante, podia ter sido patriota como Vidal de Negreiros, saiu como Ruy e Epitácio, santo como Padre Cícero, literato e filósofo como Tobias e Nabuco, estadista como o Presidente Vargas e Rio Branco. Como os gênios, Virgulino Ferreira nasceu e o meio e outros fatores fizeram dele Lampião, este cavaleiro, esquisito que semeava rente às suas pegadas, num extravagantismo paradoxal, o benefício, a morte, o terror, o dinheiro, o incêndio, a devastação e a lenda como um deus endemoniado e apocalíptico.

A terrível fascinação de Virgulino sobre os seus homens e sobre grande maioria do Nordeste é um índice indiscutível de seu grande valor. Sem constituir um marco de barbaria, pelo contrário até, encarnando uma figura de um belo atualismo, Virgulino Ferreira só tenha de arcaico e retrógrado o apelido de Lampião.

Até para morrer foi espetacular, foi homem de fibra. Fugiu à regra dos Lampiões. Em vez de bruxulear exangue, morreu cercado dos homens que lhe velaram a vida e com ele vigiaram errantes anos e anos sem descanso, violentamente.

Daqui a pouco, grande parte do Brasil terá esquecido esse homem que poderia ter sido grande e bom, porque o berço fizera dele, ao nascer um herói.

De qualquer forma, Virgulino Ferreira é um belo atestado de fibra e de têmpera.

*Jornal de Lafayette* (MG) – 06.08.1938

## LAMPIÃO

O algarismo final excederia o de vários orçamentos de alguns dos maiores Estados!

Isso, quanto é parte material, que não é a mais importante. Porque, sob o ponto de vista moral, os prejuízos são sensivelmente maiores.

Lampião era uma nódoa. Era um cancro.

Acabou. E não podia deixar de acabar.

Lampião era uma vergonha dos nossos sertões e uma afronta aos nossos brios de nação civilizada.

É certo que durou muito, desafiando a astúcia, a coragem e a tenacidade das numerosas colunas policiais, que saíram no seu encalço, varando as terras secas e expondo-se a todas as ciladas dos "cabras" e coiteiros. Durou muito, é verdade. Mais tem dura, no entanto, os gângsteres em terras de rádio patrulhas, favorecidas pelo maior aparelhamento policial do mundo, e em zonas urbanas, que não conhecem a areia da caatinga e os mistérios da mata.

Mas, um dia, teve Lampião o seu fim.

A memória do povo durante muito tempo guardará a lembrança dos seus crimes hediondos, das suas monstruosidades, da morbidez dos seus instintos, e da sua covardia.

O sertão recorda ao vivo todas as atrocidades que cometeu: roubos, saques, incêndios, atentados à honra, barbaridades, enfim uma série horripilante de crimes.

Ninguém se refere a um lance excepcional da sua coragem ou a um gesto magnificente da sua generosidade. E isso não é raro na vida dos bandidos.

A morte de Lampião é para os estados do Nordeste um acontecimento de invulgar importância.

O povo brasileiro ficaria assombrado se porventura lhe fosse dado conhecer a estatística dos prejuízos por eles sofridos, só na parte referente à economia.

À simples notícia de que Virgulino se achava a certa distância, que às vezes não era pequena, as povoações fugiam apavoradas, abandonando lares, campos e propriedades. Tudo ficava ao abandono, definhando em miséria, nos longos silêncios do sertão. As safras, perdidas. O Estado vivia, de súbito, ferido na sua produção e de maneira imprevista, irremediável. Não havia produção, nem podia haver arrecadação. Imagine-se isso perdurando anos e anos!

Acrescente-se a esse déficit, a despesa considerável gasta na permanência no (...) por tanto tempo, das forças policiais (...) da perseguição ao bandido.

Acabou. O Brasil livrou-se de uma vergonha.

—

Voltam-se no momento as atenções de todo o país para a terra das Alagoas, cuja polícia teve a glória de livrar o Brasil de tão repugnante monstro.

Piranhas, donde partiu o destacamento sob o comando do bravo tenente Bezerra, passará à história da repressão ao cangaço.

É uma pequena cidade, muito pobre, muito esquecida, lá nos sertões alagoanos. Mira-se nas águas do S. Francisco e a ele entrega a dramática e triste confidência, quase devorada por um sol insistente e terrível, Piranhas ostenta numa de suas elevações um monumento ao século XX!

Lampião foi finalmente vencido pelos seus implacáveis inimigos: o tenente Bezerra e o tenente-coronel Lucena, ambos da disciplinada e brava polícia militar alagoana, além de outros destacados elementos da mesma corporação.

O tenente-coronel Lucena, há muito se tornara o inimigo nº 1 de Lampião. É um profundo conhecedor de todo o sertão. Bravo, como bravo se pode ser. Leal e desassombrado, como todos os guerreiros de raça.

Alagoas, mais que Alagoas, todo o Nordeste, deve-lhe uma série assinalada de grandes serviços.

O tenente Bezerra, já hoje um nome de lenda, é a bravura em pessoa, animada pela imaginação ardente e as forças inquietas da mocidade.

Coube-lhe a glória de surpreender o bandido no seu covil, em Porto da Folha. Cerca o acampamento do sinistro cangaceiro e, às primeiras claridades do dia, acorda o bando sinistro, com ameaçadoras descargas.

É um despertar apressado, desorientado... Os cangaceiros fogem das suas barracas, tomados de pânico, enquanto a fuzilaria vai abatendo um a um.

Lampião sai, raivoso, desesperado, com um mosquetão na mão. Uma bala atinge-o na nuca. Tomba, escabujando na agonia.

Alguns cangaceiros conseguem fugir. Mas não há resistir ao cerco feito com toda a habilidade e segurança.

Quinze minutos de fogo – e está aniquilado o bando de Lampião.

Segue-se a identificação dos cadáveres. São cortadas as cabeças dos bandidos. Uma necessidade.

É tão prestigiosa em nossos sertões a fama do poder e até dos dons milagrosos de Lampião que se torna necessária uma prova concreta, sensível à observação geral, de que o famoso cangaceiro foi, realmente, morto.

Terminado o combate, seguem pelo S. Francisco, rumo acima, as embarcações levando as cabeças dos bandidos.

A de Virgulino vai na proa, como autêntico troféu, ou figura de monstro, qual era usado outrora pelos navegantes nas caravelas fênicas.

Piranhas assiste à chegada da singular procissão.

As cabeças dos bandidos são aí expostas.

Está satisfeita a pequena cidade alagoana.

Quem levanta um monumento ao século XX não poderia assistir com prazer à continuidade do cangaço, zombando de todas as providências, maculando lares e terras, verdadeira humilhação ao século das luzes...

*Revista da Semana* (RJ) – 06.08.1938

## LAMPIÃO, QUALQUER QUE FOSSE O MEIO EM QUE VIVESSE, SERIA UM GRANDE DELINQUENTE

Moniz Sodré

O professor Muniz Sodré, catedrático de Direito Penal da Faculdade da Bahia, respondendo à questão formulada sobre "se Lampião é bandido de nascimento", declarou:

"Esta pergunta envolve uma questão, vivamente discutida em criminologia, acerca da gênese da delinquência. O crime resulta de fatores biológicos ou de fatores sociais? Hoje não há mais quem afirma ser o delito produto da vontade livre do indivíduo, conforme tese proclamada pelo classicismo penal. Também não há quem sustente ter a criminalidade, como causa única, os fatores biológicos. Esta doutrina unilateral e exclusivista não é defendida por nenhum criminólogo, nem mesmo por Lombroso, genial criador da antropologia criminal. A própria teoria endocrinológica, que busca explicar a criminalidade pelos distúrbios funcionais das glândulas internas, não chega a esse exagero. A escola antropológica declara que o crime é um fenômeno natural, complexo na sua determinação, resultante sempre da ação combinada de fatores biológicos, físicos e sociais. Indagarmos qual dessas três ordens de fatores tem mais importância e valor como força produtora da criminalidade, é nos perdermos em questões bizantinas. Seria mesmo que discutirmos o que mais concorre para a vida de um homem, a atmosfera ou o pulmão, quando é certo, que a falta do ar ou do órgão torna impossível nossa existência. Assim o crime. Sem ação conjunta de fatores endógenos e exógenos, não haverá delito natural, porque este, além das influências mesológicas, resulta sempre de uma ausência, fraqueza ou eclipse do senso moral. No entanto, se assim é, tomado o problema na sua plena generalidade, não será difícil ao criminólogo antropologista determinar, em cada caso concreto, pelo exame da pessoa viva do delinquente, dos seus caracteres somáticos e psíquicos, do valor moral dos móveis determinantes da ação, na natureza do ato criminoso e da circunstância que o precederam e acompanharam, qual a espécie de fator que maior influência teve na produção desse delito.

Mesmo de um modo de certa forma geral, tendo-se em vista as diversas categorias de delinquência, podemos afirmar, como ensina Ferri, que os fatores físicos têm uma influência mais ou menos igual sobre todos os malfeitores; que os fatores biológicos têm ação predominante na atividade criminosa dos delinquentes natos, loucos e em ímpetos de paixão, e que os fatores sociais prevalecem aos delinquentes de ocasião e por hábito adquirido. Daí, conclui-se pelo que se conta da vida de Lampião, ser ele um criminoso nato, demonstrada essa predestinação ou vocação congênita para o crime pela precocidade na prática do roubo por meio de homicídio praticado sempre com requintes de maior ferocidade sanguinária, reveladora de absoluta ausência de senso moral. Por esse prisma, como delinquente nato, seus atos criminosos foram determinador pelos fatores biológicos. Mas Lampião não foi somente um celerado, figura representativa do tipo antropológico do criminoso nato. Foi também um bandido, chefe de uma quadrilha de salteadores. A criminalidade, sobre esse aspecto e nessa modalidade, é principalmente um produto dos fatores sociológicos. Só regiões de escassa civilização e pouco policiadas, poderão conter em seu seio essas manifestações violentas de criminalidade atávica e primitiva sistematicamente organizada, em forma permanente. Esse banditismo existiu em todos os países do mundo e deles desapareceu sob os influxos da civilização que, transformando as condições do meio, suprime o ambiente propício à sua atividade malfazeja. As nações,

hoje mais adiantadas da Europa, foram vítimas, em épocas passadas, desta calamidade. Mas, o desenvolvimento social, com seus progressos materiais, extinguiu os males desse flagelo. Caminhos percorridos em todos os sentidos por estradas de ferro, constantemente vigiados pelos mantenedores da ordem pública, não poderão ser teatro dessas façanhas facinorosas. É muito mais fácil a existência dos "Lampiões" no sertão do país do que no litoral e no sul da República. Por isso, podemos afirmar que o banditismo de Lampião e seu grupo é um produto do meio social.

Isto não quer dizer que Lampião e seus sequazes não sejam criminosos de nascença. Não fosse a vocação natural para o crime violento e eles não seriam bandidos. Nas mesmas regiões onde eles desenvolveram sua atividade facinorosa, existem homens honestos em número muitíssimo maior. Por que não são todos eles bandidos? Porque não basta somente o meio, não basta os fatores exógenos, para produzir o crime. Este, resulta, além das causas externas, de qualidades inerentes à personalidade moral e física do malfeitor. E exatamente porque o crime representa a exteriorização de tendências pessoais do indivíduo, indicadoras de sua perversidade, é que cabe ao seu autor a responsabilidade penal pelas suas ações criminosas. Responsável a sociedade por essas ações? Mas as condições sociais, como fatores criminogênicos não existem somente para criminosos. Também os honestos estão sujeitos à sua influência. Porque aos seus sentimentos repugnam a prática de crimes. Porque sua personalidade moral resiste e reage à pressão do meio, favorável à delinquência.

Se o homem comete um crime, seja qual for a influência das causas mesológicas, é porque lhe faltou resistência à prática do mal; é porque para a sua realização, também contribuiu a sua constituição moral. Por isso, é o indivíduo responsável; portanto, sem o concurso dos fatores biológicos, o fato, substancialmente criminoso, não se teria realizado.

Podemos assim concluir: Lampião, qualquer que fosse o meio em que vivesse, seria um grande delinquente, arrastado pelas tendências criminosas do seu temperamento. Vivendo no sertão, foi um chefe terrível dum bando de salteadores. Em outro meio, menos favorável à sua sinistra atividade, seria sempre um celerado, autor de mortes e roubos, a menos que fosse preso e encarcerado no início de sua carreira facinorosa.

Na criminalidade ocasional o meio é preponderante na gênese do delito. Também o meio influi decisivamente sobre a modalidade da delinquência que pode tomar até formas de criminalidade atávica ou evolutiva. Mas o meio não impede o crime nos que nascem com essa predisposição."

*Correio da Manhã* (RJ) – 06.08.1938

## LAMPIÃO APAGOU-SE

Na gana insatisfeita de despovoar o *hinterland* brasileiro, apareceu Virgulino Ferreira da Silva, no cenário do cangaço, na era distante, em 1916, mais ou menos, nos ínvios sertões de Pernambuco.

Sempre escapando à sanha da polícia, sem perder um só assalto, Virgulino, por antonomásia "Lampião", constitui-se homem das selvas nos rincões setentrionais, espalhando por onde passava o luto e o terror.

Fuzil ao ombro, ladeado de outros temíveis asseclas, era no Norte o rei do cangaço. A sua bala certeira tinha façanhas aterrorizantes, astúcias diabólicas.

A sua sombra endemoniada infundia pavor a quem a visse desalmada, espectro da dor, com a mesma ferocidade do corvo bíblico.

No seu encalço viviam as tropas volantes de quase todos os estados nordestinos, desde vinte e dois anos, porém obtendo insucesso nos combates travados com o audaz facínora, o maior e o mais notável de quantos têm existido pelos séculos em fora.

No dia 28 de julho findo, epilogou-se o drama trágico, em que era protagonista Lampião, do modo como narramos abaixo.

Da vila de Piranhas, estado de Alagoas, as tropas volantes em número de cinquenta praças, comandadas pelo bravo tenente João Bezerra, aspirante Francisco Ferreira de Melo e sargento Aniceto, todos da polícia alagoana, tendo à frente o coiteiro Pedro de Cândido se dirigiram à fazenda Angico, no território sergipano, distante dois quilômetros da margem do rio São Francisco, onde estavam alojados os famigerados bandoleiros.

Distribuídos inteligentemente, as tropas no local que serviu de teatro ao sangrento combate, estas avistaram por entre as brumas da manhã um grupo de bandidos, entre eles a célebre Maria Bonita, a companheira de Lampião, que, despreocupadamente, escovava os dentes.

Lampião, pressentindo a incursão das tropas naquele local aparece à vista destas já de mosquetão em punho, assentado em uma pedra.

Trava-se o tiroteio. O tenente João Bezerra, o aspirante Francisco Ferreira de Melo e o soldado José Gomes manejam três metralhadoras e a luta inicia-se encarniçada.

Os bandidos eram cinquenta e cinco e os volantes cinquenta.

Após a luta que durou quarenta minutos tombaram os bandidos: Quinta Feira, Caixa de Fósforo, Luiz Pedro, Elétrico, Diferente, Mergulhão, Cajazeira, um desconhecido, as bandidas Maria Bonita e Enedina e o grande Lampião, tendo fugido em direção às catingas o restante do grupo.

As cabeças dos bandidos foram cortadas, ficando os corpos insepultos.

Da parte da volante, morreu um soldado, Adriano, ficando feridos o soldado Guilherme e o tenente João Bezerra, este atingido por um projétil no terço superior da perna.

Termina o violento combate e as tropas regressam a Piranhas, conduzindo as cabeças que seguiram logo para Maceió.

Os bandidos deixaram os seguintes troféus: oito mosquetões, um fuzil e armas curtas.

Lampião conduzia um mosquetão, um parabélum e uma máuser.

Foi assim que aos primeiros alvores da manhã de 28 de julho passado foi morto o celebérrimo Lampião, a expressão máxima do cangaceirismo no norte do país, o bandido número um, de todos os tempos.

*O Clarim* (SE) – 07.08.1938

## O CASAL DA SEMANA

A. C. Callado

A falta de assunto sempre foi o mais explorado dos assuntos. Ainda não houve escriba que, apelando para ela, não produzisse grandes artigos, ao menos na acepção quantitativa do termo. O comercializamento da arte de escrever impôs o orgulho de se ter sempre algo sobre que escrever. Ter um assunto para o cronista é tão obrigatório como para o quitandeiro ter bananas. A única diferença é que a banana atualmente vende-se melhor.

A época simplificadora e censurada rarefez o ambiente mundial e não se inventaram máscaras contra a falta de assunto. Através dos modernos regimes de certos feudos europeus, o mundo chegará a um ponto ideal de organização por meio do imbecilizamento.

À primeira vista poderia parecer propício ao desenvolvimento da arte pura o manietamento dos cidadãos impossibilitados do livre arbítrio. Não é que ainda exista alguém que acredite em livre arbítrio no velho sentido, que desconheça que ele é decorrente do funcionamente hepático, pulmonar, nervoso e que Werther, contemporâneo de Emile Coué, se teria convencido em três lições da inexistência do romantismo, de Charlote e até do seu sanguinário criador, que conseguiu o milagre de fazer deflagrar no livro uma ingênua pistolinha de museu. Entretanto, este livre arbítrio funcional existe e é coagido pelos que impedem os patrícios de trilhar os caminhos aconselhados pela sua produção de bílis ou abandonar o caminho quando lhes doe a cabeça...

Ora, a dor de cabeça, por exemplo, como todas as outras dores domésticas, já deve ter criado grandes obras. Quer poemas de desespero enquanto subsiste, quer cânticos de alegria pela satisfação proveniente de sua cessação. A arte é a coisa mais desorganizada que há e com o encaminhamento forçado de tudo para um ponto só, haverá fatalmente uma superprodução de arte igual, produzindo como corolário lógico o fastio. Os caminhos do espírito não conhecem retas e as ruas transversais ao caminho certo são sempre mais interessantes. Têm ao menos o mérito de não ser o caminho certo. Que se dirá então sabendo-se que a estrada principal que se impinge como certa é errada e que, embora errada, é desinteressante?

Chegaremos à arte puramente política, encomendada e visada e, o que é pior, com resultado prático. Os ídolos de há muito já tombaram e os pedestais vazios adotaram um sistema muito prático de escada rolante, com imobilizamento de cinco minutos, o camarada sobe, para um instante e desce pelo outro lado. Ou se quiser não desce. Não falta quem empurre. Alguns há maliciosos, malandros: morrem quando a escada para. Até que venha a padiola...

---

Portanto, nem há pontos que possam ser longamente fixados, nem há locais onde se possa mergulhar profundamente. A não ser fincando lá embaixo.

E os fatos impiedosos, obedecendo à força que os determina, originam-se sorrateiramente da causa e chegam ao ponto de realização sem saber se outros aconteceram e se não se devem reservar para ocasião de maior crise. Cada coisa sensacional deveria acontecer isoladamente, calmamente. O fenômeno dinamarquês o e louro, por exemplo, não deveria atravessar o Báltico atualmente, agora que todas as atenções se voltam para a morte de Lampião e Maria Bonita – o casal da semana. Foi seriamente prejudicada a sua façanha de nadar tanto tempo. O

casal da semana foi o tétrico livro de ponto de todos os cronistas. Tétrico e absorvente.

Um bandido da estirpe de Antônio Virgulino Ferreira merecia, aliás, morte mais espetacular. Lampião era um homem fino e não fosse o apelido já aplicado a Wilde, bem se poderia chamá-lo o Príncipe Paradoxo. Muito mais acessível que a Hepburn, que só se presta a um *close-up* dentro de determinados ângulos e de certas luminosidades, Lampião acedia a qualquer capricho dos fotógrafos. Um exército de cameraman facilmente teria atraído a uma jaula o bandoleiro que metera na cabeça suprir a falta d'água que assola o Nordeste, quase tanto como Rio, fazendo correr sangue.

Lampião era filho dileto da caatinga e herdara todas as suas taras. Bebera aquele vento torturado e quente que não encontra para refrescar sua marcha bárbara nem um palminho d'água, nem um pequeno instantâneo de céu cravado no chão. A paisagem má entrou pela retina do bandido e lhe formou o cérebro, demasiado primitivo para reagir à influência ambiente. A queimada devastadora carbonizou a vegetação boa dos sentimentos e uma caatinga moral, com fome e rifle, pôs em prática todos os recalcados da terra que o sol flagela com rebenques amarelos e que chora com lágrimas de pó sua saudade imensa e inconsolável dos tempos de fartura.

No cérebro do cangaceiro a ideia crescia grotesca, espinhosa e trágica como o cacto – este bailarino imóvel dos desertos.

Como o *Roi Soleil* o bandido não tomava banho e como Luiz XIV também despejava sobre si grandes frascos de perfume ao invadir uma cidade sertaneja. Tinha este pronunciado culto do eu que torna a propriedade alheia um absurdo obstáculo. Valioso elemento de propaganda morreu bebendo café, como se tivesse um contrato de publicidade com o DNC. Como todos os homens de personalidade impôs seus métodos com tal força que lhe deceparam a cabeça: o país inteiro ficou aguardando o resultado da pesquisa.

Coisas tremendas, pavorosos índices de degenerescência deveriam resultar do exame e até metralhadoras "mignons" deveriam ser encontradas nos mal-intencionados miolos do cangaceiro. E apena miolos do cangaceiro. E apenas ligeiras anormalidades, encontráveis até em porteiros de repartição pública, foram constatadas.

Lampião era dolicocéfalo – como a última loura de Pitigrilli.

—

Maria Bonita morreu com um pente na mão igualando-se, no instante derradeiro, a todas as bonecas do mundo – ela, representante legítima das mulheres bravias que preferem tudo ao ramerrão da vida quotidiana. Creio que quando o sol nordestino encontrar um para-sol berrante, espetado como um cogumelo artificial e colorido na "terrasse" de um arranha-céu que, para efeito de cor local, talvez se chame Edifício Lampião, já exista também algo que relembre a cabocla amoral que amou o comedor dos recordes de Antônio Silvino.

Maria Bonita merece o bronze consagrador embora ele entre nós já esteja um tanto desvalorizado; os um Catulo que pinte a deusa do sertão, a mulher que deu ao bandido cansado do vermelho-sangue o vermelho-carne de sua boca, sorrindo na tez morena como a flor do bailarino extático dos desertos na terra nordestina. Até hoje as costureirinhas de Paris vão em romaria ao túmulo de Marguerite Gautier ou de Marie Duplessis, a Dama das Camélias que amou enganando, traindo, e que a cada nove beijo dado por seus lábios correspondia, em seu braço, o amplexo fagulhante de um bracelete novo...

Amou e ficou como o símbolo do amor das grandes cidades.

Amou com muitos biombos chineses no quarto e soube dizer como ninguém as palavras que acalmam o ciúme e que fazem com que não se desconfie da existência de alguém que treme atrás da parede derrubável de um dos biombos chineses que há no quarto. Industrializou o amor e morreu de amor, como um fabricante de pólvora morto numa explosão da fábrica.

Maria Bonita com muito mais justificativa merece um monumento e a romaria das sertanejas. Não importa saber se foi por falta de espírito ou, mais provavelmente, por falta de coragem que não traiu Lampião. Em vez das poéticas hemoptises de Maria Bonita culta e *blasée*, ou atrás de um contrato cinematográfico, seria mais compreensível acompanhando o bandido que a Maria Bonita saída do círculo de ferro das superstições para ceder à índole aventureira e viver junto do filho das terras cansadas, exaustas da helioterapia obrigatória, e do sertão violento como uma blasfêmia da natureza debaixo do céu de metal azul.

Maria Bonita – chuva que caiu na vida de Lampião, mulher que derrotaria Jenny Kamersgaard, a nadadora dos 90 quilômetros:

– Todos os peixes do mar Báltico e do estreito de Categat ficaram pasmos ao saber que eu também sei viver em terra.

– Eu ouvi palavras de amor da boca de Lampião.

*Correio da Manhã* (RJ) – 07.08.1938

## LAMPIÃO DEGOLADO

Celso Vieira

Será verdade, amigo, que o rei do cangaço foi mesmo degolado com a sua Maria Bonita e nove cangaceiros hediondos? Não posso crer.

– Ora essa! A cabeça está sendo reconhecida por todas as populações, desde Piranhas a Maceió, enquanto os urubus devoram o arcabouço do monstro, à beira de um riacho.

– Monstro invulnerável, sob o chapéu reluzente de medalhas, trazendo quase um metro de punhal no cinto. Duzentos homicídios, tiroteios... Tantas vezes correu a notícia da morte, desejada por milhões de almas; tantas outras vezes ressuscitou o bandido para extorquir dinheiro aos lavradores e mercadores, esbordoar os velhos, ofender as virgens, marcar lentamente no rosto, a ferro em brasa, meninas e mulheres de cabelo curto. Não posso acreditar que lhe perfurassem a cartucheira e os intestinos, lhe abatessem a dura cabeça, empedernida e execrada, a golpes de sabre ou a tiros de Máuser. Os monstros decapitados pelos heróis pertencem à época tenebrosa dos mitos, à bruma da antiguidade lendária...

– A antiguidade bárbara pertence a credulidade nordestina, em que aparece um Lampião de corpo fechado e estrela imperecível, ou a incredulidade carioca do homem da rua, que não admite Lampião sem cabeça, entre os urubus de Angicos. Desta vez, porém, ele recaiu degolado no inferno, donde veio com o cérebro escurecido pela ideia do crime.

– Enfim, se as populações o reconhecem, e tudo lhe comprova a identidade, preciso inclinar-me à evidência dos telegramas e dos testemunhos. Lampião sucumbiu, trespassado por uma bala, mas não ressurgirá um dia com as mesmas atrocidades, vestígios de sangue indígena e mongólico, em outro setor candente do Nordeste?

– Loucura! Apenas ressurgirá como fantasma literário, quando os amadores da novela criminal, vendo a Córsega e os Pirineus sem quadrilheiros, o deserto árabe sem beduínos – salteadores, lhe romancearem a vida monstruosa nos sertões americanos.

– E a cabeça de Lampião com os seus temerosos pensamentos, os seus impulsos bravios, a sua fatalidade regional?

– Decompõe-se, amigo, porque não foi trazida num barril, previamente salgada, como trouxeram a de Ratcliff, demagogo, a Pedro I, déspota. Nem os policiais conhecem a arte mumificadora com que os selvagens reduziam, eternizavam as cabeças dos inimigos, fincadas em postes, diante das tabas. Lampião sem cabeça, eis o fato...

– Ou a miragem. Se o bandido morreu, degolado, o banditismo renasce em outras cabeças, que os degoladores perseguem e os anatomistas reclamam, adivinhando nelas os estigmas do criminoso nato. Jesuíno Brilhante, Antônio Silvino, Lampião, Volta Seca ou Piolho de Cobra, qualquer deles apenas dá o nome, por algum tempo, às crueldades e aventuras do monstro policéfalo. Esse monstro – o cangaço – revive e perdura na mentalidade fanática, no atraso econômico e na solidão caótica do Nordeste. Somente o aniquilaremos com os métodos e o progresso da cidade perfeita – a boa justiça, recomendada pelo egresso Antônio Silvino, o labor produtivo, o salário mínimo, o alimento fácil, escolas e hospitais, caminhos e transportes, etc.

– Muito bem. Com essa forma de sociedade rural, policiada, teríamos nas zonas agrestes o mesmo terrícola inofensivo dos maiores centros urbanos. Passando ao estado moral de urbanismo, os cangaceiros bárbaros seriam, daí por diante, iguais a todos os outros indivíduos morigerados, habitantes de Nova York ou de Paris.

– Quase todos. Indivíduos sociáveis e matreiros, pacíficos e velhacos. Observe-se apenas que a natureza humana também degenera sob a luz da civilização e o monstro degolado as cidades mais policiadas em outras exceções terríveis...

– Como o apache na França...

– Ou nos Estados Unidos o gangster.

*A Noite* (RJ) – 05.08.1938

## UM TEMA BRASILEIRO

Afonso Arinos de Melo Franco
(Copyright dos *Diários Associados*)

Há dias, conversando com Graciliano Ramos a propósito da morte de Lampião e da legenda que se formara em torno a esta curiosa figura de sertanejo brasileiro, ouvi do escritor nordestino uma série de indicações muito interessantes sobre o capitão Virgulino Ferreira. E elas me interessaram tanto mais quanto em muitos pontos, coincidem com a narrativa que me foi feita muitas vezes por Antônio Salu, caboclo do interior de Pernambuco, e antigo companheiro de Lampião. Companheiro de Lampião talvez seja exagero. Antônio Salu conheceu Virgulino rapazinho, lembra-se perfeitamente da família do bandoleiro, e faz referência a um encontro que teve com ele – o último – quando Lampião já estava lançado no cangaço, sem, no entanto, ter alcançado ainda a grande glória com que ofuscou a de Antônio Silvino. Devo precisar que Antônio Salu, empregado na casa de meu pai, onde se desincumbe com a maior consciência do pacífico e idílico mister de tratador de pássaros, além do cuidado não menos civil da limpeza do jardim, é desses tipos de nordestinos de alma tão aberta e larga como a cara ou como a fala, sem imaginação para mentir, e dotado daquela rústica ingenuidade que coloca a alma na boca. A precisão invariável com que ele se refere aos nomes de pessoas e de locais, o acerto cronológico das suas reminiscências, a par de outros fatores que não iludem, oferecem autenticidade às suas memórias orais. Um dos pontos em que a narrativa de Salu coincide com a tradição que Graciliano Ramos recolheu no Norte sobre a vida do bandido está no motivo que determinou a sua entrada para o cangaço. Uma e outra afirmam como causa do desvio de Virgulino para a carreira do crime, certas brutalidades praticadas contra pessoas de sua família por mandões sertanejos. A opressão dos poderosos contra as populações indefesas do interior terá determinado o início da vida de outros cangaceiros.

José Lins do Rego no seu livro mais recente, *Pedra Bonita*, mostra outro fator importante na criação e na manutenção do cangaço. Este fator é o misticismo generalizado, a tendência das populações primitivas em acreditar nos salvadores do tipo do padre Cícero, de Antônio Conselheiro, do beato Lourenço, homens diferentes entre si, mas que representam, todos, um mesmo complexo social.

Às causas acima indicadas do flagelo social do banditismo poderemos adicionar outras, de caráter econômico mais visíveis, que formam o cangaço da fome, o banditismo como luta pela vida. A miséria periódica semeada em extensas regiões pela mão ardente da seca, vai produzir, inevitavelmente, estes frutos envenenados. De tudo isto se conclui que o cangaço não é, em si mesmo, uma desordem, mas o resultado de várias desordens, ou melhor, é o sintoma mais aparente e mais dramático delas.

É doloroso observar-se como certas zonas do sertão nordestino são hoje mais inseguras, para a vida social, do que eram no tempo do domínio holandês. No século XVII existiam os quilombos, dos quais o maior e mais forte foi o de Palmares, que durou quase setenta anos. Mas os quilombos, redutos de negros fugidos em convivência com o gentio bravo, eram núcleos imóveis de rebeldia contra as instituições dominantes. Os quilombos, via de regra, defendiam-se quando atacados, mas se os deixassem tranquilos não incomodavam a ninguém. O que eles queriam era levar em paz a vida, dentro das suas instituições políticas elementares, mistura de culturas afro-índias, infelizmente ainda tão mal estudadas pelos historiadores brasileiros.

Os bandos de cangaceiros são, sob o aspecto da temibilidade social, muito mais perigosos e nocivos. São grupos volantes, de ampla e rápida mobilidade, por aqueles caminhos sertanejos, que eles conhecem tanto quanto o gaúcho de Sarmiento conhecia as trilhas pampeiras. O quilombo era uma infecção, localizada num abcesso. O cangaço, é o vírus espalhado por todo o sangue, é a septicemia.

Possuo um belo mapa de Alagoas, do tempo do domínio holandês. Como se sabe o atual Estado formava a parte extrema do império holandês no Brasil, que se limitava com as terras submetidas às coroas reunidas de Portugal e Espanha, pelo rio de S. Francisco. Pois bem, nesta zona do sertão que constitui a fronteira entre Sergipe e Alagoas e onde, segundo as notícias oficiais, se deu a morte de Lampião e dos seus companheiros, havia, no século XVII, várias povoações, e núcleos de atividade rural, que aparecem indicadas no mapa referido. Maurício de Nassau, ensina-nos Watjen, no seu excelente livro sobre o *Império Colonial Holandês no Brasil* foi quem estendeu a ocupação vitoriosa até o rio S. Francisco, chegando, mesmo, a transpô-lo, por certo tempo, e transformado Alagoas na parte meridional da capitania ocupada de Pernambuco, nome com que aquele Estado aparece, aliás, no mapa que possuo, defronte de Penedo fundou o forte Maurício, e mais uma outra fortaleza.

E, ao longo do rio, para oeste, os plantadores e criadores se iam instalando. A região era rica em matas virgens, entre as quais, se entremeavam planícies fertilíssimas. A derrubada sistemática das matas, a cultura extensiva da cana durante séculos, foram empobrecendo aquelas regiões outrora prósperas. Hoje reina o banditismo onde antigamente o príncipe João Maurício conseguiu implantar ordem, bem-estar e segurança.

Alagoas conservou-se comarca de Pernambuco, até 1918, quando o rei D. João VI a elevou à categoria de Província. Na corografia do padre Aires do Casal, publicada em 1817, ainda aparece como comarca. Mas foi o mau aproveitamento da vitória contra as armas holandesas, por parte do governo português, que contribuiu acima de tudo, para a decadência econômica do interior, com os resultados sociais acima indicados. Não é que o povo alagoano fosse incapaz de se governar, tão bem quanto qualquer outro do Brasil. O caso é que, o título de prêmio concedido às famílias mais influentes, que tomaram parte na guerra libertadora, a coroa lusa dividiu o distrito em grandes sesmarias de cinco e, até, seis léguas de testada, criando, assim, a propriedade latifundiária naquelas terras, que o sábio governo de Nassau tinha distribuído, com extraordinárias facilidades de crédito, a um sem número de colonos, inclusive brasileiros, que iam adquirindo a sua propriedade pelo trabalho. Aqui, como eu vários outros pontos do nosso território, se evidencia o grave erro econômico da grande propriedade rural. O latifúndio é o abandono da intensidade da cultura, é o empobrecimento da terra e a miséria do pária que nela labuta.

Millet de Saint-Adolphe, ator do *Dicionário Geográfico do Império*, publicado em 1868, época, portanto, em que nenhum escritor podia ser, entre nós, suspeitado de intenções esquerdistas, conta objetivamente o que ele vê. E o que ele vê, quando trata de Alagoas, é bem elucidativo. Depois de informar que se cultiva muita cana, e que existe um sem número de engenhos, ajunta: "porém, como a maior parte das terras pertenceu (sic) aos grandes proprietários, não costumam estes conceder a outrem parte delas senão com condições onerosas, e prejudiciais à agricultura, como são as de não plantar senão cana-de-açúcar para os seus engenhos, e os víveres necessários para a sua família". Parece que estamos lendo um dos modernos escritores do "ciclo do açúcar".

Ah! esta uma das grandes causas da miséria e do cangaço, José Américo de Almeida, Gilberto Freire, José Lins do Rego, Graciliano Ramos, todos os maiores escritores do Nordes-

te, têm deixado bem claro este fenômeno da monocultura latifundiária, nos seus livros de literatura ou de sociologia. Infelizmente, em todos a questão foi examinada parcialmente, porque não representava o interesse principal dos livros. Mas é indispensável que, ao lado da repressão, puramente policial, os governos estudem o tema do cangaço, como um tema brasileiro, ligando-o, cientificamente, às suas determinantes sociais. Em vez do endeusamento dos cangaceiros, que aparece em alguns livros no gênero de *Heróis e bandidos*, *Beatos e cangaceiros*, e, talvez, mesmo, *Os Sertões*, em vez dos adjetivos candentes, que contra os bandidos lança a imprensa sensacionalista, o que convém é fazer-se um estudo do complexo de problemas sociais e econômicos que dão origem ao cangaço, mas um estudo sério, repousado, definitivo, que contenha esclarecimentos e indicações que permitam os governos agir sem ser somente por intermédio das polícias.

Qualquer dos escritores acima citados (podendo-se, ainda acrescentar à lista de quatro mais uma dúzia de nomes nordestinos conhecidos em todo o Brasil), estaria em condições de empreender o trabalho que seria benemérito, não somente para as letras, como para a vida política do país.

*O Jornal* (RJ) – 07.08.1938

## A PROPÓSITO DE "LAMPIÃO"

Galeão Coutinho
(Autor de *Memórias de Simão, o Caolho* e *Vovô Morungaba*)

"Lampião" não é, nesta hora em que a falta de assunto se torna um problema mil vezes mais trágico do que o problema do cangaço, apenas o desafogo dos cronistas e noticiaristas; é, também, o derivativo da alma inquieta dos diletantes do crime, fatigados com a leitura dos romances policiais. Os amadores da novela sanguinária estão de parabéns. Podem orgulhar-se de "Lampião", gangster sertanejo, nosso patrício, pois não podiam jactar-se de qualquer laço de sangue com Al Capone, *et caterva*.

Foi essa a maior desventura de todos os rapazes de quinze a setenta anos, que se deliciam com as proezas dos bandidos norte-americanos perseguidos pelos detetives: afinal de contas, pensam esses leitores, tudo muito bonito, mas tudo estrangeiro. E concluem logicamente que o melhor seria fabricarmos alguns bandidos para uso da casa, como já temos inúmeros produtos que levam a marca Indústria Nacional. E eis que o Nordeste martirizado por outros flagelos, desde a seca ao analfabetismo, desde a falta de transportes ao semifeudalismo do seu regime agrário; este Sul tão curioso por tudo quanto transcenda os limites do normal, não um, mas vários bandidos. E fornece, o que é mais importante, embora em moldura diferente, o quadro ultramoderno da luta entre a polícia e os bandoleiros. A curiosidade do Sul está satisfeita.

Pois, meus caros amigos, o banditismo na sua forma selvagem, tal como nos tem apresentado a crispada melancólica das caatingas, não é privilégio daquela região. Cá o temos por estas bandas. Sou testemunha de vista de inúmeros episódios que em nada destoam dos que ora se desenrolam a milhares de quilômetros do Rio. E o engraçado da história é que eu vi tudo isso a poucas léguas desta formosa e frívola cidade onde já se respira o doce perfume da civilização. Foi em 1912. Habitava eu o arraial de Ibitiguasse, embaixo da serra das Freixeiras, região lindíssima, na divisa de Minas com o estado do Rio. A Serra tem a conformação de uma onça em repouso, a cabeça orgulhosa bem erguida, espreitando e farejando.

Como toda zona limítrofe, a zona das Freixeiras serviu, por longo tempo, de pasto aos malfeitores. O roubo de cavalos, aí, tornou-se endêmico. Quem vive na cidade e possui um automóvel, pode fazer ideia do que representa o cavalo para o homem da lavoura, nos lugares montanhosos, sem estradas de rodagem modernas, mas um simples caminho de carro de bois. O cavalo é o veículo rápido de que se pode lançar mão para ir ao arraial buscar um remédio; é, também, o companheiro da solidão em que vive o homem. O cavalo faz parte da família, como o gato, ou o cão de lavoura.

Pois o roubo de cavalo recrudescia, de mês a mês, sem que as autoridades, tanto mineiras como fluminenses, pudessem sustá-lo. Por último, descobre-se que algumas autoridades participavam dos lucros da empresa, ou quadrilha, porque os ladrões de cavalo estavam solidamente organizados. Roubavam os animais em Minas e os passavam para o estado do Rio; roubavam no estado do Rio e iam vendê-los em Minas. Tráfego mútuo. Por último, descobre-se o pior. Os ladrões gozavam da proteção do coronel Firmo de Araújo, fazendeiro em Palma. Era eu menino, em Pádua, quando pela primeira vez avistei esse homem quase lendário, velho imponente, longas barbas brancas escorrendo até a altura do umbigo. Político influente, estava de visita aos correligionários da cidade fluminense, à margem do rio Pomba. A sua imagem ficou-me gravada para sempre. Poderia reconstitui-la perfeitamente, hoje, se fosse pintor. Um detalhe me acode sempre que a evoco: o coronel Firmo de Araújo tinha cabelos até dentro das orelhas.

Tal era o homem que acoitava os ladrões em sua fazenda, famosa pelos crimes aí cometidos, como a morte, em condições horrorosas, do relojoeiro Benjamim Trindade. Mas tudo isto não vem ao caso; o que vem ao caso é que os lavradores fluminenses e mineiros, vendo-se sem garantias, entenderam de fazer justiça pelas próprias mãos. É quando começa a segunda fase da história, em certos pontos muito semelhante ao que está acontecendo no Norte. Os lavradores constituem então o Grupo da Morte. Tudo muito bem organizado. O Grupo da Morte tinha um conselho diretor e, possivelmente, os seus estatutos. Dispunha-se a eliminar sumariamente os ladrões de cavalo, onde quer que os encontrasse.

Inicia-se a fase do terror. Por toda aquela cordilheira, a expressão "Fulano está na lista", causava calafrios. A espionagem bem organizada conseguiu descobrir na quadrilha de ladrões pessoas tidas e havidas por honestas. E o Grupo da Morte, bem montado e municiado, andou percorrendo de ponta a ponta os dois municípios, Palma e Pádua, entregue à tarefa de limpá-lo dos malfeitores. Em Monte Alegre, arraial pouco adiante de Ibitiguaçu, meu pai era dono de um hotel; pois hospedou-se aí uma coluna volante do grupo sinistro. Vivia-se em plena justiça discricionária. Certa noite, quando menos se espera, altas horas, a coluna entra de novo em Monte Alegre. A população aterrorizada – pode-se calcular o que isso seja numa povoação de pouco mais de quinhentas almas, sem iluminação pública, a trinta quilômetros do caminho de ferro, por estradas intransitáveis –; a população transida de medo ouviu gritos, choro de mulheres e crianças.

No dia seguinte, ao romper da madrugada, saímos todos para ver o que tinha acontecido. Soube-se de tudo. À entrada do arraial havia uma sepultura fresca. O Grupo tinha fuzilado, sem nenhuma forma de processo e interrogatório, um certo Pio "arrieiro", empregado de uma tropa, que "estava na lista". Antes de espingardeá-lo, o Grupo mandou que Pio abrisse pelas próprias mãos a sepultura. No arraial, ninguém jamais soubera que o "arrieiro" pertencia à quadrilha de ladrões de cavalo.

A façanha mais importante se deu em Palma. Uma coluna do Grupo foi para lá enviada para dar cabo do coronel Firmo de Araújo. Entrou na cidade precisamente quando o chefe político se dirigia para a Câmara, na companhia do juiz, do promotor e outras pessoas gradas. O comandante da coluna mandou que essas pessoas se afastassem, deixando o velho isolado, e deu ordem de fogo; o coronel caiu morto. Espavorida, a população fugiu, deixando a cidade às moscas. Honra se faça à coluna: nenhum dos seus membros tocou numa caixa de fósforos. O cadáver do coronel Firmo ficou para ali jogado durante um dia inteiro; os cães vadios da cidade vinham farejá-lo, uivando lamentosamente. Alguns começavam a esfiapar-lhe as barbas com os dentes, quando os moradores retornaram para sepultá-lo.

Mas, como a função de matar acabar se tornando um esporte divertido, mesmo para quem a prática em nome da Justiça, o Grupo da Morte degenerou para o crime sem finalidade. Começara matando por necessidade, acabou exercendo vinganças e represálias atrozes. De resto, havia delações infames. Pessoas inocentes, só pelo fato de terem tido contato com os ladrões de cavalo, eram apontadas aos justiçadores. Nesta altura, a polícia do estado do Rio e Minas, entram em ação e conseguem prender os cabeças do Grupo. Foi água na fervura.

Como quer que seja, nunca mais houve roubos de cavalo na zona. Todas essas coisas se passaram, como disse, a menos de duzentos quilômetros do Rio. Já veem os leitores que a história de "Lampião" é uma história entre muitas histórias da mesma espécie.

*Correio Paulistano* (SP) – 07.08.1938

## OS DOIS TIPOS

Costa Rego

O bandido Lampião não foi mais forte que sua lenda. Tratava-se de um simples miserável, que era, entretanto, um símbolo.

O que há a destruir é o motivo permanente do símbolo, depois da vida transitória do homem.

O símbolo é antigo. Chamou-se por longo tempo Lampião, chamara-se antes Antônio Silvino, poderá vir a ter qualquer outro nome.

O motivo do símbolo está dentro da vida sertaneja, que é feita de sacrifícios e de reações violentas – de reações, antes de tudo, contra a hostilidade da própria terra.

O homem do litoral é expansivo, porque tem o mar, a que entrega seu destino, e a existência lhe sorri todas as manhãs na vela branca de uma jangada que lhe dá abundância. A natureza o acolhe com os meios fáceis do mar, esse renovador de impressões e de recursos.

Da viola que dedilha o praieiro tira endechas românticas, onde o homem figura como o herói que venceu uma tempestade ou seduziu uma bela. Os problemas prosaicos de sua vida resolvem-se na praia, com um pouco de farinha de mandioca, um xaréu, uma panela de caranguejos, uma tarrafa, dez ou vinte camarões. O coqueiral cerrado fornece-lhe o resto, inclusive a poesia das tardes, com um sol que se deita no meio de reflexos vivos e o sino de uma capela batendo a hora melancólica do Ângelus. O praieiro estende-se, para dormir. A natureza assegura-lhe o dia seguinte; a natureza povoa de cuidados femininos sua existência suave e privilegiada.

Em contraste, o sertanejo salta de sua enxerga para lutar. O sol comburente mata-lhe a plantação, mata-lhe o gado, mata-lhe a árvore que dá sombra e mantem os veios que dessedentam.

Este homem vive em perpétua luta e não recebe, conquista a vida. Suas canções são guerreiras, pontilhadas dos sucessos de Mané Francisco, Chico Dunga, Zé Vicente e essa gente tão valente do sertão de Jatobá...

Os próprios amores resolvem-se a ponta de faca. As donas e donzelas são objeto de turras famosas. No vermelho do chitão de seus vestidos é raro que não haja o do sangue dalgum menestrel sacrificado.

Uma carga de algodão, ondulando pelas estradas poeirentas sobre o dorso de animais, é um poema de trabalho arrancado à hostilidade do meio. O estalido seco do chicote, estimulando o passo das bestas, é o perene desafio do almocreve afrontando as forças contrárias do sertão.

Não há no sertão populações alegres, como nas praias; há povoados retraídos, de mulheres masculinizadas pelo infortúnio e pela necessidade da coragem, de homem prontos a desagravar qualquer coisa, em rixa com qualquer um.

Deste meio complexo saem homens empreendedores, como Delmiro de Gouveia, que fez o milagre de instalar uma indústria dentro da caatinga; saem ainda salteadores, como Lampião.

O primeiro é o paradigma do homem que confia e realiza; o segundo, do homem que desespera e se transvia.

O problema do sertão aparece em linhas nítidas nestes dois tipos. É um problema econômico.

Em poucas palavras, esse problema é um único: excluir o tipo Lampião pela propagação intensa do tipo Delmiro de Gouveia. O sertão reclama governos, para deixar de reclamar expedições.

*Correio da Manhã* (SE) – 08.08.1938

## O AMOR INFELIZ DE MARIA BONITA

Freire Ribeiro
Especialmente para o *Correio de Aracaju*

Há na vida – transitória jornada dos corações – mil motivos de amor.

Amor-sonho, amor-fé, amor-esperança, amor-caridade, amor-renúncia, amor-saudade, amor-luz, amor-treva.

Qual seria o amor de Maria Bonita?...

A ninguém é dado mergulhar nos misteriosos e profundos mares da ternura humana.

Flor selvagem e ardente – botão da caatinga –, Maria Bonita, como toda mulher, tinha coração e, como todo o coração, seu coração tinha amor.

Era talvez, dentro na existência tumultuosa e lendária do cangaceiro terrível, o amor de Maria Bonita uma luz mansa e pura – luz de alvorada festiva, transfeita num imenso e sangrento crepúsculo.

Jornais parisienses, folhas que circulam na velha Europa, poetizam a finalidade trágica da sua vida, aureolando-a como se fora Maria Bonita, mística apaixonada nos jardins de Verona.

Lampião foi feliz.

Mesmo com esse amor que muitas vezes modifica os temperamentos exacerbados, seu nome mergulhou num ocaso de sangue, de crimes terríveis, de misérias profundas.

Foi a fera danada, desumana: – foi, enfim, o que foi.

O destino – o imperador inevitável das almas, colocou uma mulher dentro no coração vermelho e ardente do cangaceiro, cloroformizado pelos fluidos mágicos do maior sentimento humano que é o amor.

Poetas não faltarão que recamem com rimas d'oiro o nome da sertaneja bravia.

Maria Bonita entrará para a história, não de rifle em punho e de punhal à cinta.

Ficará na lembrança redentora dos amorosos, perpetuada num oceano de beijos mornos e de afetos candentes.

Já não é tão má como fora.

E dentro em breve, muita gente há de ver, sertão afora, vagando nas solitárias noites enluaradas, por sobre a infinidade das caatingas do Norte, o vulto radiante de Maria Bonita, contando pela voz eterna dos ventos nas manhãs de sol, nas tardes de violeta, ou nas noites de lua – noites caboclas do Brasil romântico a história dolorosa e sangrenta do seu amor infeliz.

*Correio de Aracaju* (SE) – 08.08.1938

## CANGAÇO E CANGACEIROS

Pe. Assis Memória

A propósito de "Lampião", o chamado rei do cangaço, toda uma literatura, por vezes, romanceada, inundou, em ondas de sensacionalismo, a nossa imprensa. Entre muita coisa acertada, por verídica, surgiu muita coisa aberrante, por lendária. Há que separar o joio do trigo. É que se encontra menos trigo do que joio. Ao lado de um vasto noticiário, que pôs em relevo os processos adiantados de reportagem moderna, em *furos* de grande estilo, focalizou-se o complexo das causas determinantes dos fatores psicológicos de uma das maiores calamidades, que, periodicamente, como as secas, infelicita os sertões nordestinos: o cangaço. Aludindo a estes fatores, o culto pedagogo Lourenço Filho, com uma clarividência de quem conhece *sur place*, o assunto, apontou as causas culturais, políticas e sociais do problema, que considera complexo. Eu estou de acordo. Conhecendo, porém, um pouco melhor, a questão em foco, não por desfrutar mais agudeza de vistas e mais fineza psicológica do que o ilustre professor, mas, por uma observação mais acurada e mais longa, porquanto morei no meio e estudei a fundo o problema, creio que os germes do cangaço, a razão de ser do cangaceiro, encontram-se, principalmente, na ausência absoluta de justiça, ausência essa que reside em uma única e onipotente causa: o coronelismo. Sim, o coronelismo, que é o órgão integral da politicagem de campanário da estreita mentalidade municipal, que em uma comarca do sertão, empolga, com os seus mil tentáculos do polvo de Giliat, os intérpretes e executores do direito, os representantes oficiais da lei. E chega, não raro, à ousadia sacrílega de penetrar no recinto sagrado dostemplos e dominar os próprios chefes espirituais, os párocos, representantes do Alto. Como vigário que fui, na região sertaneja, falo *ex-cathedra* sobre o caso concreto. A ignorância é uma causa da influência mínima, na gênese, no incentivo do cangaço. Se a sua preponderância fosse algo apreciável, com a percentagem alarmante de analfabetos, que vegetam naquelas paragens bravias e desertas, teríamos não um, mas centenas de "Lampiões". Cada milhar de ignorantes – e eles formam legiões – teria à sua frente um bandoleiro mais astuto e mais ousado, que os guiasse na senda do crime, de bacamarte em punho – hoje, seria de parabélum – e de facão à cinta. O sertão inteiro volveria em um imenso faroeste, num extenso pinhal d'Azambuja. Os apaches, nos bairros escusos de Paris, não são ignorantes e são apaches. Os gangsteres não são analfabetos e são gângsteres.

Serão – é claro – cangaceiros estilizados – é certo, mas não deixam de ser cangaceiros. Al Capone, na culta América de Edison e de Roosevelt, foi um "Lampião", a seu modo. Não passou, porém, de um "Lampião", mui embora polido pela civilização, envernizado pelo progresso. Fra Diavolo, nos despenhadeiros dos Abruzos e José do Telhado, respectivamente, na Itália adiantada e em Portugal policiado foram também outros bandoleiros – da mesma estirpe sinistra. Daí concluirmos mui logicamente, que a ignorância responde, com uma fração mínima, pelo motivo que arma e cangaço é que gera o cangaceiro.

Quanto ao fanatismo, há, aqui, um ponto a elucidar, uma fábula a destruir. É no tocante à pessoa do Padre Cícero. Criou-se em torno do místico Juazeiro toda uma atmosfera de lendas, um mundo de inverdades. E entre estas avulta a de que era ele um protetor de bandoleiros perigosos e o seu presbitério, o centro máximo de irradiação do fanatismo. E vem de longe o aleive. Euclides da Cunha, dando curso à falsa versão, maculou as páginas lapidares dos *Sertões*, afirmando que Canudos era uma sucursal do Juazeiro e o Padre Cícero, um mentor de Antônio Conselheiro, o gnóstico bronco, o visionário louco. Mais tarde se verificou a inverdade.

Esta, porém, se reeditou, agora. Desta vez, aparece o padre como protetor e padrinho do "Lampião" e do seu bando fatídico.

Até se disse que a caricata patente de capitão, usurpada por Virgulino Ferreira, havia sido conferida pelo chefe de Juazeiro. Nada mais aberrante da verdade.

Que o Padre Cícero, homem culto e bem-intencionado, foi sempre contrário ao cangaço, está em que os dois famigerados cangaceiros Sinhô Pereira e Luiz Padre, entre muitos outros, abandonaram a sinistra carreira, levados por conselho do velho sacerdote. "Lampião", também, recebeu os mesmos conselhos, as mesmas reprimendas fortes, mas não se converteu. Dizia-se afilhado e protegido do padre, com o objetivo astucioso de explorar a superstição da gente crédula e cercar-se, assim, de uma falsa auréola de invulnerabilidade, abusando dessarte do nome de maior prestígio da zona em que operava. São estas e outras lendas, ampliadas pela distância, redoiradas pela fantasia popular e que é preciso destruir, a fim de se não promover à realidade uma simples atoarda.

Que se não teçam romances, nem se criem novelas envolvendo mortos, que se não podem mais defender.

O cangaço extinguir-se-á, quando o sertão for severamente policiado, quando a fatalidade geográfica das distâncias cessar, pelos meios de comunicação rápida e, mais do tudo, pelo reinado sereno de uma justiça integral. Com a extinção do coronelismo é fácil este reinado e com este está resolvido, de vez, a morte do cangaço, a eliminação do cangaceiro.

*Jornal do Brasil* (RJ) – 09.08.1938

## UM MÉDICO LEGISTA DIFERENTE

João da Gávea

O médico legista alagoano, Dr. Lages Filho, é um homem fadado a transpor ruidosamente os pórticos da Histórica. Até bem pouco tempo, ninguém sabia quem era esse humilde funcionário do longínquo Estado do Norte. Um médico legista é sempre um funcionário que não dá muito que falar de si, a não ser nos finais de notícias de crime, quando se declara: "A autopsia foi realizada pelo médico legista da polícia Fulano, ou Beltrano". O leitor, empolgado pela notícia, retém o nome dos criminosos e das vítimas, e não conserva senão por poucos minutos o nome do médico legista.

Mas o Dr. Lages Filho, glória a que nunca teria aspirado em sua vida, com certeza, foi o homem escolhido pelo dedo do destino, que é muito maior do que se pensa, para proceder o exame da cabeça de "Lampião". Isto, por si só, bastaria para consagrá-lo na classe tão modesta a que pertence. Que outros se entreguem, por aí, todos os dias, ao mister de redigir laudos periciais sobre os infelizes que sucumbem na via pública, ou levam uma bala traiçoeira

nos conflitos da Lapa, ou por esses subúrbios fora. Mas o Dr. Lages Filho teve a sorte, ou a desgraça, pouco importa, de verificar se "Lampião" era mesmo "Lampião" e, indo um pouco além, constatar se o terrível bandoleiro era braquicéfalo ou dolicocéfalo. E a revelação enche de espanto aos que acreditam nas virtudes do racismo redivivo – o bandido sertanejo era dolicocéfalo. Pertencia "Lampião" à casta privilegiada a que se atribui indisputável preeminência nos fastos da civilização humana, desde que o mundo é mundo.

E, como "desgraça pouca é bobagem", segundo a expressão do povo, não só "Lampião", também o truculento "Corisco", seu sucessor em ferocidade, é dolicocéfalo, um ariano legítimo, tanto assim que o conhecem nas caatingas por "Demônio louro", antonomásia que até lembra certos títulos de filmes norte-americanos.

Pois aí está como "Deus escreve direito por linhas tortas". O Dr. Lages Filho, um homem simples, que lá vivia entregue ao seu ofício de examinar corpos putrefatos, a natureza das lesões que esses corpos apresentam, ingressa de repente em plena notoriedade pelas portas do crime... cometido pelos outros. O homem que se interessa pela medicina legal, unicamente porque um médico legista não pode ignorar os seus postulados, desviou-se das normas rígidas que ela prescreve para efeitos puramente burocráticos; foi um pouco além. Quis e chegou a compulsar algumas obras sobre os estigmas raciais. Se não é um etnólogo consumado, é, pelo menos, um espírito curioso, um cidadão que se apaixona pelos livros e, como disse um biógrafo de Anatole France, "pelo que os livros contêm", o que é mais importante.

Não vamos discutir aqui, nem o cronista que escreve este comentário quotidiano para os leitores *do Correio* aspira a tão altas cavalarias, se o dolicocéfalo que mata milhares de inocentes, como foi o caso de "Lampião", levando a crueldade a extremos inconcebíveis, é o tipo superior desta miserável humanidade; afinal, os pontos de vista divergem quanto ao que se possa considerar "um homem superior". Para muita gente, o "homem superior" é aquele que dispõe do "burro do dinheiro", seja ele dolicocéfalo ou braquicéfalo, preto, branco, amarelo ou vermelho. Para outros, é o que sabe chutar com eloquência uma esfera de couro.

A meu ver – e não quero que ninguém partilhe desta opinião – superior é o homem que, como o Dr. Lages Filho, em vez de ficar estupidamente metido na sua especialidade de médico legista provinciano, adiantou-se tanto na matéria que pôde fazer ao mundo esta afirmação:

"Lampião, senhores, é dolicocéfalo!" Assim, Stradivarius, fabricando violinos, entrou na imortalidade porque os fabricou melhor do que todos os colegas...

*Correio Paulistano* (SP) – 09.08.1938

## LAMPIÕES... APAGADOS!

Lelis Vieira

Há nos sermões de Stobeum (Antífanes) um trecho assim:

"Nossa vida é semelhante ao vinho; quando está no fim, azeda... "*vida mostra persimilis est vino, cum superest modi cum aceselt*".

São poucos os que morrer doce porque em regra o beleleu mata mais os velhos que as primaveras. Vamos fazer um pouco de filosofia barata pra ver se endireita o tempo e se o sol aparece, pois há mais de uma semana que a pauliceia se meteu numa túnica escura de carranca atmosférica!

Vejamos: Lucrécio afirmou nas tamancas de sua maciça autoridade que a vida não é dada a ninguém como coisa sua, de seu domínio, e sim, apenasmente, como usufruto, isto é, somos depositários dela, não tendo sobre ela nenhum direito, a não ser Deus Nosso Senhor que nos deu, e só Ele no-la pode tirar por vontade suprema.

Cá está o texto do Mestre, devidamente resumido: "*Vita mancipio nulli datur, omnibus usu*".

Postas as coisas neste pé, lá diz o mandamento: "não matarás"! Mas a gente mata porque o que não mata engorda e há casos em que é preciso matar para se conseguir o que chamamos "limpeza"...

Não há dúvida que Virgulino estava rigorosamente sob as penas de Talião, matou, morra! De acordo. Mas há muitas formas de banditismo, inclusive o cangaço ultra-elegantérrimo que, a luvas de pelica, pérola na gravata, smoking, charuto, perfume, barba feita e pó de arroz, reduz à miséria órfãos e viúvas, nos inventários, nos juros, nas hipotecas e nas execuções judiciárias!

Quanto caso há por aí de abastança herdada e cujos donos rolam hoje no atascadeiro de todas as desgraças? É o banditismo lampiônico, sem facas, sem punhais, sem fuzis, sem degolas, mas com escrituras apócrifas, testamentos falsificados, recursos chicaneiros, conluios secretos e agiotagens sugantíssimas...

É preferível muitas vezes a gente viver cá em baixo, de consciência limpa e coração folgado, cabeça ereta e alma tranquila, do que ostentar as alturas que tanto podem assentar-se no lampionismo cangaceiro, como nas "virtudes" lampiônicas de gadanhar o suor do próximo.

"No chão há mais segurança" (dizia Alano de Lilie nas *Parábolas*) do que nas altas torres; quem jaz em terra não tem de onde cair (*qui jacet in terra, non habet unde cadat*...).

Lampião durante muitos anos semeou por toda a região nordestina o seu terrível determinismo acangaçado. Foram inúmeros os seus crimes, surpreendentes as suas perversidades, mas afinal sempre foi Lampião, sinônimo de pânicos tremedeiros. Nunca teve honrarias de salão e tratamentos grã-finismos...

Ora, os "lamparinas" de jaquetão que convivem nos altos mundos, descendem da raça lampiônica, agindo noutro estilo, mas nem por isso deixam de pertencer aos ramos da torcida, do bojo, do vidro, do querosene, do azeite, do álcool ou outros combustíveis que dão a luz. Examinem-se bem as características das duas afinidades, a de sertão, e a de poltrona, a de carabina e a de "águia", e vocês todos que entendem de consertar relógio até no escuro, hão de estar de acordo com aquilo que é isso mesmo: Lampiões acessos assaltando cidades, arraiais e

povoados, Lampiões de whisky, cachecol, sapatos pele de grilo que custam 400$000, fazendo passar para o bolso deles a fortuna, a herança e a economia dos outros. Isto sem falarmos nos Lampiões... "apagados"!

Bendito Oswaldo Cruz que extinguiu a febre amarela! Mas às vezes ela faz tanta falta...

*Correio Paulistano* (SP) – 09.08.1938

## CIVILIZAÇÃO, BANDITISMO E CRIMINALIDADE

Beni Carvalho

Ainda não amorteceram, de todo, os rumores do que, com propriedade, e de acordo com a estilística em moda, se poderia chamar a *quinzena*, ou talvez mais acertadamente – o *mês* de "Lampião"... A publicidade, o cartaz, a vozeria pública e doméstica, feita em derredor da morte do célebre bandoleiro, encontram, de alguma forma, sua explicação mais legítima.

Os sábios profissionais, ao lado de folcloristas acatados, acorreram, sem demora, e, até – telegraficamente! – a pronunciar, de longe (sem serem chamados, é certo) – sua palavra conselheira e, portanto, *irrecorrível*, sobre a diátese nordestina do cangaço.

O criminalista lombrosiano, solícito, gotejando saber pelas esquinas, procurou entrar no conhecimento imediato do tamanho das orelhas do amante de "Maria Bonita" (sem alusão à do Sr. Afrânio Peixoto), da sua implantação e da sua forma.

O antropologista, minucioso e solene, traçou-lhe o respectivo perfil, enquadrando-o, preliminarmente, entre os "*brasilianos xantodermas*", do Sr. Roquete Pinto. Assinalou-lhe a dolicocefalia. Classificou-lhe a barba, os cabelos e a cor dos pelos. Mediu-lhe o ápice do nariz, "deprimido no dorso" (circunstância importantíssima!) pela impressão dos óculos escuros; e, avaliando, afinal, em 37 milímetros, a altura máxima daquele apêndice – rematou, submetendo a cabeça do bandido aos mais rigorosos índices antropométricos.

Por isso, viemos a saber, por exemplo, medir a orelha direita de "Lampião", 65 milímetros de comprimento e 40 de largura, e contar a esquerda, apenas 53 de comprimento; ter o salteador dentes miudinhos; a abóbada palatina em forma de ogiva e possuir um leucoma, no olho direito, interessando toda a córnea.

Decapitada, porém, como foi, a *fera*, o exame, felizmente, parou aí, limitando-se à parte nobre do animal; pois o *resto*, isto é, o tronco de "Lampião" e os dos seus consócios em banditismo, segundo informou humanitário despacho de Alagoas – passaram, insepultos, ao domínio gastronômico dos urubus "tingas" e dos "camirangas"... Felizmente – dissemos ; pois se a magistral perícia constara de todo o corpo, teríamos, sem dúvida, *mensurações* que não poderiam figurar nas colunas deste jornal, senão, apenas, num daqueles excitantes trabalhos do Sr. Hernani de Irajá.

Imitando o antropologista, surgiu, de cada canto, um sociólogo de carreira, para interpretar "Lampião", comentar "Lampião", situar "Lampião" e o cangaceirismo na "espaciologia" social do Nordeste.

Afinal – convenhamos – tem sido uma consagração magnífica!

A literatura, a ciência, a arte, todas foram mobilizadas para apoteosar o Esteta do Crime.

Segundo informam as folhas, já seguiu, mesmo, para Alagoas, um profissional competentíssimo – médico e odontólogo – a fim de moldar em gesso a cabeça do Herói-Bandido.

Assim sendo, ninguém poderá estranhar que, num futuro não muito distante, lhe venham a erigir uma herma, senão ali, sob as copadas e poéticas árvores do *Passeio*, pelo menos no Museu Nacional, entre onças empalhadas, ou no Museu Histórico, ao lado das relíquias de Solano Lopes.

Estará certo tudo isso? Justifica-se, afinal de contas, como dizia o velho Padre Vieira, "tanto estrondo, tanta máquina", em torno do desaparecimento de um cangaceiro famoso, grande técnico na arte de trucidar o seu semelhante?

As opiniões variam.

Como quer que seja, o certo é que "Lampião", como era natural, pela própria antonomásia, chegou até a *Cidade Luz*, iluminando – mesmo depois de apagado – sem dúvida com aquela *luz-negra*, de que nos fala o Sr. Gustavo Le Bom, as elegantes e supercivilizadas colunas do *Paris-Soir*; enquanto, entre nós, em vida, já conquistara a própria consagração acadêmica, numa crônica fulgurante que lhe dedicou Coelho Neto.

A verdade, porém, é que tudo isso tem pouco interesse, em face dos ensinamentos trazidos durante esse período apoteótico à sua memória.

Em tão curto espaço de tempo, viemos a conhecer o grau atingido por nossa Civilização e por nossa Cultura.

Aplaudiram-se, em geral, como se viu, as decapitações dos "tigres" humanos dos sertões; conduziram-se em triunfo suas cabeças sangrentas e semidecompostas, processionalmente, por cidades e vilas, com o mesmo entusiasmo cívico das caravanas políticas de outrora; e justificou-se, por fim, semelhante atentado à sensibilidade nacional, pela necessidade patriótica de que o país inteiro entrasse no conhecimento verídico do extermínio dos monstros.

Certos pedantes e simuladores vieram a público e falaram, protocolarmente, em nome da Ciência com maiúsculo, legitimando, a seu modo, a façanha macabra: – era ótimo o ensejo para fazer-se o estudo etiológico da criminalidade...

Outros, como toneis de saber, vazando conhecimentos profundos, tudo explicaram, unilateralmente, em razão da ausência de estradas e de trilhos que cortassem as caatingas brasileiras, e pela falta de arados miraculosos, que, em *passes* de mágica, transformassem o homem da nossa selva.

Esqueceram-se, porém, da floresta de trilhos e de arados norte-americanos, dos motores de explosão e das lâminas metálicas navalhando aqueles céus em todos os sentidos, e dos gangsteres ilustres, irrepreensíveis de elegância, operando, em pleno dia, com armas automáticas ultramodernas, em meio à civilização trepidante da Broadway...

Tivemos, com a tremenda tragédia sertaneja, relevantes e seguros informes sobre os conceitos de civilização, de banditismo e criminalidade, entre nós...

A certos respeitos, valeu a pena a lição.

*Jornal do Brasil* (RJ) – 10.08.1938

## A CABEÇA DE LAMPIÃO

Oto Prazeres

A propósito da luta em que sucumbiu "Lampião" e do procedimento do comandante da força trazendo para Maceió, como troféu, a cabeça do chefe de cangaceiros e de alguns dos seus camaradas, leio um título que me agita os sentimentos de nordestino: *A ferocidade nordestina*.

Todos esses fatos que estão sendo agora relembrados e esse mesmo que se prende à última luta com "Lampião" e a sua cabeça trazida em triunfo para a capital do estado de Alagoas, pondo em triste destaque o nordeste brasileiro, é mesmo tão somente dessa parte do território nacional?

Recordemos trechos bem modernos da história brasileira.

Gumercindo Saraiva acaba de sucumbir a ferimentos recebidos em instante em que, com dois companheiros, fazia um reconhecimento de campo. Quem era Gumercindo? Um facínora?

José do Patrocínio chamou-o de "Napoleão dos Pampas", num exagero de retórica oratória; mas jornais estrangeiros salientaram, quando se deu a sua morte, que o Brasil perdera um "estrategista nato", o "general que mais se destacara" na luta do Sul.

Venceslau Escobar, antigo político rio-grandense, deputado federal, em livro publicado mais de um quartel de século depois dos acontecimentos, isto é, em tempo em que as paixões já tinham desaparecido, diz: "Gumercindo Saraiva tinha a nobreza de um cavalheiro medieval, tenaz, valente, generoso. De inteligência inculta, tinha, entretanto, rasgos e concepções geniais, sobretudo na resolução dos mais árduos problemas de estratégia. Sem noção do que fosse a arte militar, teve feitos magníficos."

Vitimado pelos ferimentos recebidos três dias antes, os seus companheiros deram sepultura aos seus despojos mortais no cemitério dos Capuchinhos de Santo Antônio, entre os rios Camaquã e Itacurubi, junto à estância de Antônio de Morais, e lavraram uma ata.

No dia seguinte, narra Venceslau Escobar no seu documentado volume, passando pelo local as forças do comandante da vanguarda governista, coronel Firmino de Paula, mandou desenterrar o cadáver (até aí ainda se compreende pela necessidade de reconhecer o morto e saber se tão perigosa figura guerreira tinha mesmo morrido) e mandou colocar o cadáver na beira da estrada em tétrica exposição. Esse ato foi comunicado ao presidente do Rio Grande do Sul nos seguintes termos, transcritos no livro do Sr. Venceslau Escobar:

"Viva nossa cara Pátria! Firmino de Paula acaba de comunicar ter desenterrado o cadáver do bandido Gumercindo. Gumercindo morreu dos ferimentos recebidos a 10, na luta com os regimentos da brigada militar. Os heróis desta ação devem ser recompensados, portanto, Pilar e Bento Porto. Saúdo-vos, vem como generais, ministro da guerra e Frota. – Pantaleão Teles. Iguariçá, 13 de agosto."

Depois de alguns dias de exposição, que aconteceu, porém, ao corpo de Gumercindo? Demos a palavra, mais uma vez, ao senhor Venceslau Escobar, transcrevendo do seu histórico volume: "Um major (a imprensa publicou ter sido o autor desta execranda hediondez o major Ramiro de Oliveira, mais tarde prefeito de Santa Maria) separou a cabeça do corpo e levou-a para, como o mais eloquente troféu da vitória, ser apresentada ao presidente do Estado. Este não quis ver semelhante troféu."

Todavia, as virtudes de Gumercindo podem ser contestadas e sempre tiveram contestadores; mas um homem possuiu o Brasil que era, sem contestação possível, antes assim geral e unanimemente classificado um gentil-homem – o Almirante Saldanha da Gama. A gentileza nunca teve melhor cultor; a fidalguia jamais possui melhor representante. Era, sob todos os pontos de vista, um dos mais distintos brasileiros de quantos possamos apresentar.

Morto no ataque de campo Osorio, em luta desigual e que sustentou com a sua bravura de sempre, que aconteceu com o cadáver do ínclito almirante brasileiro?

Segundo o auto do exame feito no cadáver a 10 de agosto de 1805, foi confirmado que lhe tinha sido cortada uma orelha e levada para Porto Alegre...

Há, como se vê, embora muito condenáveis, precedentes para o ato do comandante alagoano e se referindo à gente que nada tinha de "Lampião"...

*Jornal do Brasil* (RJ) – 10.08.1938

## MARIA BONITA

Raquel Prado

O crime desperta sempre sentimentos de revolta, mesmo que seja ele em desagravo à sociedade ou pelo motivo justificado de defesa própria.

Um grande mal não deve sugerir ainda um mal maior. Maria Bonita fez-se companheira de um celerado e a sua figura de mulher valente, destemida, corajosa, infelizmente, já vai entrando para o domínio da lenda e ganhando, numa época de glória aos cartazes, as premissas da imortalidade.

Fizeram-se estudos antropológicos no seu cérebro e conformação craniana que não demonstraram, em absoluto, nenhum estigma de degenerescência ou atavismo.

Em resultado, viram-se cair por terra, mais uma vez, as teorias de Lombroso, no campo da criminologia. Porém, se o cadáver de Maria Bonita fosse autopsiado, sob os novos métodos de análise para pesquisas criminológicas ou conhecimento dos delinquentes, como sejam as medidas biotipológicas, os exames das glândulas de secreção interna, das linhas das mãos, talvez, por esse meio, encontrassem os cientistas, motivos suficientes para ajuizar da psique da estranha facínora, na sua jornada de temor e de morte.

O amor é também uma religião e Maria Bonita, que não conhecera outra, encontrou nessa, a razão da sua vida.

Assim, como há indivíduos que acompanham santos ou instrutores, por devoção existem outros, que se integram na ideologia do "amor louco" não temendo abismos nem precipícios.

O amor de Maria Bonita seria mais forte que a morte ou apenas, a submissão tácita ao algoz, rei, dentro das selvas?

Sob o ponto de vista social e criminal, Maria Bonita e Lampião são dois tipos a ser estudados sem *parti-pris*.

Quem conhece o *hinterland* brasileiro sabe: onde a civilização não penetrou ainda deveria ir, com mais frequência, ao encontro dos sertanejos incultos, a "religião": capaz de lhes despertar sentimentos humanos e fraternais; ao invés os perseguidores aguçam-lhes o ódio, o sentimento de vindita, que mora na alma do sertanejo analfabeto.

Sempre valente, em contato com a natureza agreste, em luta com animais bravios, com a inclemência do tempo que o açoita sem piedade, nômade dentro do seu país – ele, às vezes, só conhece uma lei – a da força que se revela no seu banditismo – atacando e matando para roubar os outros sertanejos honestos. Dentro das civilizações há os que não são sertanejos e o fazem por outros processos, menos duros, porém, no fundo, são do mesmo jaez.

O cangaceiro não se intimida, prossegue na dolorosa faina, fugindo da lei e sabe enfrentar a morte quando ela vem.

A captura seria um absurdo, ante a bravura que é seu característico e a solidariedade dos seus asseclas.

Maria Bonita, dentro desse quadro, seria um elemento de bondade, reduzindo com o seu poder feminino, a maldade do companheiro e do seu grupo, poderia mesmo levá-los à boa vida, se a sua alma tivesse a compreensão que não lhe deram se, no seu coração pousasse um laivo de doçura.

E quem poderá saber – qual seria a sua luta? Lampião talvez fosse para ela uma figura de lenda, um príncipe encantado e toda a série dos seus crimes, não mais que atos de bravura. Demonstra isso o fato – no momento que sentira iminente a derrota – de que ela pedira aos céus, mãos postas em súplica, que não o matassem. Esse gesto reflete o grande amor de Maria Bonita. Teve o mesmo fim do companheiro, mas naquele instante ela pensava mais nele e não no perigo que a cercava.

Muita gente acha incrível, neste século de tão decantada civilização, que se exibam em praça pública – cabeças de seres humanos (mesmo que sejam bandidos) como se fossem rezes a batidas no matadouro.

Muitos desses idealistas não toleram que se matem animais para alimentação. Ainda outros, não, contra a vivissecção que vem auxiliando a ciência na cura de moléstias. Por isso, a revolta, justificando meios de punição mais humanos. São pontos de vista...

Nesta época da cadeira elétrica, que veio substituir a forca e o cutelo – que poderemos dizer da lei de ação e reação com que os bandoleiros procuram justificar os seus crimes?

Dizem as crônicas que Lampião se fizera bandido em revanche à falta de justiça ao assassínio de seus pais.

Quando a justiça periclita e o erro tem o seu trono na concepção humana – surgem os "tipos" que são uma consequência das próprias falhas da sociedade e do mundo.

*Jornal do Brasil* (RJ) – 10.08.1938

## LAMPIÃO

Osmar R. da Silva

Mataram Lampião! O rádio, os jornais e o telégrafo estão afirmando que mataram mesmo. Que não é mentira. Que desta vez Lampião morreu de verdade. Foi uma surpresa geral. Muita gente, a princípio, não quis acreditar. Mas depois teve de crer, porque a avalanche de notícias não deixa nenhuma dúvida. Maria Bonita, o amor de Lampião, a mulher que penteava Lampião e que a meu ver, em nada se parecia com a Maria Bonita do Sr. Afrânio Peixoto, também foi morta. Quinta-Feira, Elétrico, Diferente e Luís Pedro, companheiros de Lampião, também foram mortos pelas rajadas surpreendentes das metralhadoras do tenente Bezerra. A polícia pegou Lampião dormindo, desprevenido e soube aproveitar a ocasião. Agora a notícia anda de boca em boca. O Brasil inteiro sabe da morte de Lampião e está contente. Até Volta Seca, ex-companheiro de Lampião, está contente. Lampião eclipsou o problema da siderurgia e do petróleo. A morte de Lampião é motivo para muita coisa. O chefe de Polícia de Alagoas, que com certeza nunca trocou a poltrona luxuosa da chefia pela perseguição incômoda dos bandoleiros nas caatingas do Nordeste, deu uma entrevista telegráfica sobre os pormenores da luta. Um jornalista de Curitiba, que, se se encontrasse com Lampião na avenida Rio Branco, daria depois algum trabalho às lavadeiras, escreveu nos jornais que Virgulino era "a fera do sertão". Um Interventor aproveitou a oportunidade para dizer que tem pronto um decreto para a abertura de uma estrada. Alguns homens que se dizem públicos afirmaram que o Nordeste ficou livre da sua maior praga, como se no Nordeste não existissem ainda os homens públicos. O ódio nacional está dirigido contra Lampião, como se ele fosse a única causa das nossas misérias e desgraças. Até mesmo o respeitável público, no meio do qual não seria difícil encontrar um outro público não menos respeitável, composto somente de Lampiões, entrou em cena furioso, exigente, imitando Salomé, se não me engano, para pedir ao governo a cabeça de Lampião. E o governo atendeu, porque, a estas horas, o destacamento do tenente Bezerra marcha para Maceió, com os troféus macabros da vitória, a prova irrefutável de que Lampião foi morto mesmo, conservada em formol, que as autoridades se apressaram a enviar ao encontro do destacamento.

Espere o povo mais um pouco. O destacamento chegará a Maceió, com nove cabeças cabeludas, desquaradas, horríveis como sabem ser as cabeças decepadas. Serão expostas à visitação pública. Mocinhas medrosas darão gritinhos histéricos quando visitarem a macabra exposição. Um médico legista, com veleidades científicas, estudará a cabeça de Lampião. Deixar-se-á fotografar. Depois aparecerá nos jornais, com um elogio encomendado, tudo, enfim, conseguido com uma cabeça alheia. Enquanto isso o tenente Bezerra vai sendo apontado como o salvador do Nordeste, o herói da Fazenda Angico. Se Lampião tivesse sido o vencedor da refrega, nunca seria um herói. Continuaria sendo o bandoleiro, o criminoso, o bandido. Lampião foi a vítima. Da polícia ou da justiça. Ninguém, todavia, o chama de vítima. Mas a verdade é que ele foi a vítima. Lampião! Maceió vai receber a sua cabeça com curiosidade hostil. O Brasil inteiro, menos eu, ficou contente com a sua morte. Eu tenho pena da sua tragédia imensa, apesar de saber da sua maldade, do seu banditismo. Tenho pena porque, agora, a cegueira é geral, tão geral que são raríssimos os que se lembram de que, em nome da civilização, se fizeram cousas que deixam a sua barbaria abaixo da crítica, muito abaixo da crítica. Não vejo por

que ficar contente com a sua morte, quando há para entristecer o motivo porque Virgulino se fez bandido, se tornou Lampião, quando Virgulino podia ter sido um grande estrategista. Jeito para brigar Virgulino tinha mesmo. Pois é incontestável que as inúmeras retiradas estratégicas com que Virgulino escapou à polícia nada ficam a dever às retiradas estratégicas dos grandes generais. Minha intenção não lhe é defender, Lampião. O que eu pretendo mostrar nesta crônica é a estupidez humana vendo na sua cabeça inerte apenas a cabeça a cabeça do bandido, do assassino cruel e se esquecendo completamente de que Virgulino só foi bandido por era homem. Homem, ouviu?!

Canoinhas, julho de 1938

*A Notícia* (SC) – 10.08.1938

**BASTA!**

O cangaço está na ordem do dia. Como poderoso imã, todas as atenções para ele convergem, num movimento de justificada curiosidade, ante o desafogo de uma supressão necessária. O problema, porém, não se soluciona abruptamente com o emudecimento de um bandoleiro e de alguns dos seus sequazes prediletos.

As vinditas já aí estão a distribuir mortalhas com o sacrifício inútil de vítimas inocentes. Na verdade, a vitória embriagou os triunfadores. Criou-se mesmo em torno do acontecimento, sem dúvida alvissareiro, um halo de sensacionalismo, contraproducente e prejudicial à ação repressiva que deve ser sempre serena, sistematizada, no combate a um fenômeno e não na caçada a homens transviados. Lampião vivo não empolgou tanto as massas como Lampião morto. Foram ditos, escritos, cometidos os mais criticáveis despautérios. A começar pelo espostejamento corporal dos merecidamente sacrificados, acompanhado de um exibicionismo macabro, que a justiça dispensaria, e muito menos o exigiria a ciência antropométrica, que não se utiliza para estudos sérios de verificações em material fracionado e erroneamente conservado.

A tinta de heroicidade com que se procurou pintar o esmagamento saneador do pugilo de delinquentes surpreendidos no covil, acompanhado de escandaloso cerimonial, nenhum proveito trouxe à erradicação do funesto cangaço, ao contrário exacerbando-o em represálias mais terríveis, pela falsa aureola de suplício com que se adornou a triste memória de criminosos com entranhas ferozes. O cangaço é uma enfermidade grave que assola os sertões, pondo em permanentes sobressaltos as populações pacíficas e obreiras, e anulando todas as possibilidades de prosperidade da região flagelada.

Devem, pois, as tropas volantes nem um só momento se desviar dos postulados retilíneos da justiça que põe termo a um delito, na repressão severa, mas não exorbitante, aos transgressores da lei. Os corajosos combatentes de Lampião teriam o seu feito bem mais apreciável e eficiente se não houvessem consentido na exposição, vexatória e aviltante para os nossos créditos de povo civilizado, das cabeças do casal fatídico, e dos demais bandoleiros, tenebrosas

no aspecto monstruoso emprestado pela decomposição cadavérica adiantada. Há uma coisa mais séria do que os interesses da justiça, do que a vaidade excitada dos vivos – a morte. Ante a morte, seja de quem for, santo ou bandido, só uma coisa se deve fazer digna da civilização e dos sentimentos – tirar-se o chapéu, se não num sentimento de respeito àquele que tombou, pelo menos em honra à humanidade, que é eterna e sagrada.

Continua o sensacionalismo a explorar o tema inesgotável e malsão. Agora é um irmão de Corisco a relatar com pormenores lamentáveis a hediondez daquele que leva nas veias parte do seu próprio sangue.

—

O combate ao cangaço tem que ser levado a efeito com a seriedade e o respeito que impõem as determinações legais. Após uma exibição macabra de postas humanas, lamentável e aviltante, ruge o escândalo de crônicas que deviam ser inviolados e tristes segredos de família. Basta!

*Correio da Manhã* (RJ) – 11.08.1938

## QUERO VER A CABEÇA!

Alexandre da Costa

Milhares de pessoas se acotovelaram para ver a cabeça de Virgulino Ferreira, antigo comboieiro de farinha na Serra de Baixo Verde e que um dia foi para o cangaço porque mataram o pai dele, que se fizera coiteiro.

A cabeça de Virgulino e a cabeça de Maria Bonita, a que costurava à máquina os embornais, e os enfeites todos que Virgulino, Corisco, Quinta-Feira, Elétrico, Pedro Luís e todos os demais do bando usavam como fardamento, veio desde Angicos até a capital de Alagoas.

Quando chegaram na capital as cabeças já estavam fedendo, mas não foi o fedor que espantou os curiosos que queriam ver se a cabeça de Virgulino – o Lampião – era diferente das cabeças de todos os outros brasileiros que nascem no sertão do Nordeste. Se houvesse um serviço de saúde ali juntinho da gente brava que pegou Lampião, por certo que a cabeça não precisava ser cortada porque com o processo rudimentar da formolização todos os cadáveres ficariam guardados para que mais tarde os antropologistas estudassem não somente a cabeça, mas todo o corpo de Lampião, o corpo de Maria Bonita, do Pedro Luís, do Elétrico, do Quinta-Feira, do Caixa de fósforos e todos os outros.

Aliás um serviço de saúde, não somente para a cabeça cortada, mas para cabeça ainda pegada no corpo. E para o corpo também.

Não foi somente a gente do sertão que quis ver a cabeça de Lampião. A gente da cidade grande, do Rio, ficou à espera que chegasse não a cabeça, mas a fotografia da cabeça cortada.

A cabeça dele e a de todos os outros veio em fotografia que se foi buscar depressa num avião.

E todos viram, então, que a cabeça de Virgulino, da Maria e dos outros eram cabeças iguais à de toda gente, mesmo daquela que vive nas cidades grandes.

Com uma diferença: é que essas cabeças estavam cortadas.

*A Notícia* (SC) – 12.08.1938

## A HISTÓRIA DE MARIA BONITA

RIO (Via aérea) – *A Nota* publica a seguinte narração da escritora cearense Rachel de Queiroz, autora do famoso romance *O Quinze*, que assim conta a história de Maria Bonita com Lampião:

"Quando, com as outras, lavava roupa no rio, ouvia sempre os casos de Lampião: O velho obrigado a dançar com a ponta de faca, os dois amantes amarrados juntos e embebidos em querosene, para o fogo. As moças de seios cortados, de faces marcadas com ferro em brasa. Casos que faziam pavor que faziam as mulheres cair de susto. Só Maria Déa ficava pensativa, não tinha medo, não tinha horror. E acabava dizendo:

– Pois eu não tenho medo. Queria que Lampião me levasse com ele. Queria ganhar o mundo mais ele.

Na bodega dizia a mesma coisa. Falava diante de todo o mundo:

– Só vivo aqui até o dia em que Lampião me chamar para ir mais ele.

Todo o mundo ria. Doida! E ela sorria também, misteriosa. Nascera sob o signo de Lampião.

Um dia, Lampião se dirigiu para aquelas bandas. E alguém lhe indicou:

– Ali, capitão, é que mora a mulher que diz ter nascido com o destino de andar no mundo mais você. Queria ver a cara dela se o capitão Virgulino aparecesse lá...

Virgulino Lampião, sorriu. Ele nunca sorri, diz a lenda. Mas, dessa vez, é natural que sorrisse, era vaidade. E disse: – Vou ver.

Ela estava na salinha do sapateiro sentada no chão, junto à almofada de fazer renda, quando Lampião entrou, sozinho. Pisava macio, como gato. Só vinha dele um ruído, o das medalhas batendo no aço azul do cano do rifle.

Ela não o conheceu, não teve nenhum pressentimento. Ninguém presente donde vem o raio. Ergueu os olhos, calma, quando o cabra tirou o chapéu e mostrou a cara sombria e resoluta:

– Moça, onde é que está seu marido?

Ela se levantou, ia chamar. Mas o bandido a deteve:

– Meu negócio é com a senhora mesmo. Me contaram o que a senhora diz. Vim lhe buscar.

E encarou-a fito, com os olhos que a lenda diz que são velados e duros como de cobra:

– Eu sou Lampião.

Quando o marido entrou Maria Déa já dava o último nó na sua trouxa. Sentado na banca do sapateiro, com o rifle entre as pernas, Lampião, silencioso, esperava. Ela apresentou simplesmente:

– É Lampião, José. Veio me buscar.

O homem ficou branco e trêmulo como se fosse morrer. Se levasse uma navalhada, não saía uma gota de sangue, que não tinha. Mas ainda pôde gritar:

– E você vai, Maria? E os seus filhos?

– Quando vim pra sua casa não tinha filho. Vou-me embora como vim. É sina, José. Adeus.

Foram embora. O sapateiro viu os dois se juntarem ao grupo dos companheiros, que os esperava no canto da rua. Ouviu ainda os tiros que eles deram em regozijo.

Dizem que o sapateiro conta a história a todo mundo.

E mostra a almofada de renda carregada de bilros, que pertenceu a Maria de Déa, a mulher de Lampião. É só o que lhe resta dela.

Porque os dois meninos morreram".

*Pacotilha* (MA) – 13.08.1938

## LAMPIÃO E O ABC

Os sertões nordestinos perderam o seu mais arrebatador atrativo: Lampião, nascido Virgulino Ferreira, bandido e chefe de bandidos.

Esse homem meio cego, que não sabia ler e há quase 20 anos corria as caatingas do Norte com impunidade e bravura – é o último capítulo da história do cangaço no Brasil. E era também, sem dúvida, o último herói analfabeto, que disputava à Civilização o direito de ser criminoso à velha moda bárbara, sem sutilizas de código nem interpretações de jurista.

Carregado de mortes e de joias, ostentando dentes de homens assassinados como outros ostentam condecorações e crachás, Virgulino Ferreira podia ter todos os defeitos mas possuía a qualidade mais rara do século: era sincero.

Toda a sua vida foi bandido e cifrou nisso o seu destino famoso. Nunca pensou em se fazer deputado ou senador. Não quis dirigir companhias de seguros. Não pretendeu ser historiador nem cronista mundano.

Como assassino, fez-se Lampião a fina flor do banditismo nacional. Depois de Antônio Silvino – o Mestre – ninguém logrou tanto êxito, nem tanta fama, na travessia agitada das caatingas do Norte. Acabou em Angico, picado de balas, cercado pelos bravos rapazes do tenente Bezerra – e essa morte foi o epílogo natural da sua existência de criminoso. Não se fez ermitão, como o Diabo, nem se propôs dirigir um colégio de meninas de família.

As poucas mulheres que lhe atravessaram a vida, varada de perigos, eram também criminosas e sinceras. Uma, a Maria Bonita, dissera, certa vez, que deixaria o marido para fugir com Lampião. Virgulino Ferreira soube da frase, atacou a vila e perguntou, com o rifle fumegante ainda:

Quem disse que deixaria o marido para fugir comigo?

Eu!

O bandido chamou a si a cabrocha, que só era bonita porque em terra de cegos quem tem um olho é rei – e viveram e morreram juntos. Até nisso Lampião foi honesto. Não quis casar-se no Uruguai, como tanta gente boa deste mundo de Cristo...

—

Ser bandido é, para certos sujeitos, vocação tão insopitável como ser dentista ou parteiro. A Natureza não conhece o Código Penal. Uns gostam de laranjada, outros preferem sangue humano... *De gustubus non disputandum*.

À luz da fisiologia, o conquistador de mulheres e o matador de crianças tem as mesmas razões profundas, que (...) indevassável... É inútil procurar os motivos por que um é São Francisco de Sales e ou outro Gengis Khan...

O que é monstruoso – e sórdido – é que Gengis Khan se metia, às vezes, na pele de Francisco de Sales. Desta confusão nasce toda a ruína e desgraça do nosso tempo. Conheço sujeitos (alguns advogados) mais bandidos do que Virgulino Ferreira e mais perigosos do que cascavel de vereda. Entretanto, graças à maleabilidade das nossas leis, ocupam gabinetes confortáveis, com tapetes caros e datilógrafas bonitas...

Esses patifes roubem e matam por entre os artigos do Código Penal. São, por sua vez, interpretadores oficiais da Lei. Importantes fortunas dependem do seu voto. Podem arruinar uma empresa e levar à falência um homem de bem. Vendem-se uma ou mais vezes por dia e, de quando em quando, dão algumas dúzias de contos de réis para a obra de caridade mais moda. Os seus cartões são finíssimo linho e em relevo verdadeiro. Possuem casa rica, onde se gasta mais em Kaol do que eles gastaram para aprender o direito das gentes... São canalhas bem instalados na vida, com dois ou três telefones ao seu dispor e um contínuo à porta para receber mal os pobres rapazes do interior que se lhes vêm arrojar aos pés, implorando um miserável emprego de 300$00 por mês...

A sua alma (no forte dizer de Guerra Junqueiro), lançada num monturo, faria nodoa. Em rigor, a ética de Virgulino Ferreira é mais sadia e mais simples. Apenas, esses bandidos de boas roupas usam, em vez de rifle e cartucheira, cigarreira de prata e fúlgidos anéis de brilhante. Possuem dois ou três automóveis de luxo e passam, sem sombra de susto, pela porta da Casa de Detenção... Mais: alguns são amigos pessoais da Polícia.

Suas mulheres têm alta prosápia e passam, na almofada do carro, aplicando um *lorgnon* atrevido sobre os pobres diabos que não sabem roubar em alta escala. As filhas falam francês com sotaque puramente parisiense, e aprendem, nos *talkies* americanos, a prosódia exata de *world* e *work*.

São bandidos cheirosos, lavados a sabão de alfazema, vindo diretamente de Londres, para vergonha eterna da potassa e do óleo de amêndoas doces. Ninguém pode leva-los à cadeia porque nunca deixam provas de traficância em que se metem. Os amigos sabem que eles ganham 5 contos por mês e gastam 20. A polícia também sabe. Mas o Código exige provas e só os Lampiões analfabetos é que têm coragem para roubar e matar à face do Código...

Lampião não era assim... Tinha a sua moral, de que se não afastava uma linha. Tinha lá o seu modo particular de escolher as vítimas. Sabia ser amigo quando alguém lhe demonstrava verdadeira amizade. Por isso mesmo, conseguiu, até há pouco, burlar as inúmeras forças volantes que andavam no seu rastro.

Se matava e roubava, também arriscava, em cada empresa nova, vida velha. Bala não

leva endereço – e Lampião escapou muitíssimas vezes de morrer pelas mesmas armas de que se servia para matar.

Era um lutador algo medieval, com uma carapinha suja que Maria Bonita inutilmente procurava amansar com óleos cheirosos, roubados das pobres quitandas do sertão.

Essa Maria Bonita é o símbolo sertanejo da atração que os heróis – sujos ou não – sempre exerceram na alma das mulheres. Ela tinha um pouco do romantismo da Carlota de Werther, com muito piolho e nenhuma escova de dentes. No seu espírito ronceiro, Virgulino era um semideus. O seu culto – como os mais antigos cultos do Egito e da Índia – envolvia certo número de fórmulas rituais e de óleos votivos.

Era uma vestal sem vergonha, que usava azeite de dendê... Mas possuía, lá no fundo do coração sifilítico, a sua admiração e o seu amor – e isso sempre bastou para salvar as Madalenas deste século e dos outros...

—

Os sertões nordestinos perderam, assim, a sua nota mais original e mais forte.

Do ponto de vista turístico, empobreceram. Quanto ao índice de heroicidade, retrogradaram. Lampião, posto em pedações como um peixe qualquer, já não dura um ano de glória. Ninguém verá em Virgulino Ferreira o traidor, o imenso traidor que era: ele traiu a inocência primitiva.

Não era bacharel e fez-se burlador das leis. Não era doutor, e tornou-se assassino. Que se terá passado com esse ladrão honrado?

Que o digam os fenologistas e os estudiosos da arte de ser bandido ao ar livre.

*Revista da Semana* (RJ) – 13.08.1938

## MARIA BONITA E OUTROS PEDACINHOS

Paulo Gustavo

Pedacinhos de... jornais, evidentemente, embora eu saiba que muitos leitores pensaram logo que outros pedaços. Pedacinhos de pensamentos, que me foram surgindo, ao sabor de leituras jornalísticas e não pedacinhos de carne, que sempre fazem mal, que, quase sempre, nos pregam verdadeiras indigestões sentimentais.

—

O fato culminante destes últimos dias foi, sem dúvida, a morte de Lampião, o tristemente famoso bandoleiro que, há mais de três lustros, espalhava o terror em todo o Nordeste.

Quando lá estive, tive ocasião de ver como esse pavor era real. Foi, pois, um alívio para sete Estados, a morte do Capitão "Lampião".

Também eu me regozijei, é claro. Mas, dentro da minha alegria, não pude evitar de pensar na infelicidade desse homem que vai para o outro mundo levando o peso de centenas de assassínios. Como o destino tem coisas, Nossa Senhora! Por que não permaneceu ele na sua faina humilde de tropeiro, tangendo pacificamente a tropa, tomando parte, à noite, sob luar, nos desafios que se travavam naqueles célebres terreiros das fazendas? Por que?

A sua vida criminosa começou no dia em que um vizinho lhe roubou uma cabra ao pai. Contava apenas 16 anos.

Por causa de uma cabra!

—

Maria Bonita... Uma cabocla simpática, que seduzida pela horrível fama do rei do cangaço, abandona o marido e une-se à sorte do bandido. O esposo era um modesto sapateiro. Todo o dia, certamente, ela passava ouvindo o bater do martelo nas solas pregadas e repregadas. O maior perigo que ele corria era meter uma martelada no dedo. De "Lampião", ela ouvia as sangrentas aventuras, que assombravam todo o sertão nordestino. E Maria Bonita apaixonou-se pelo bandido, afirmando aos quatro ventos que abandonaria o lar para seguir o criminoso.

Um dia, o cangaceiro atravessou Jeremoabo com o seu bando sinistro e quis saber quem era a mulher que havia declarado abandonar o esposo para acompanhá-lo. Um padre indicou-lhe Maria Bonita e esta o seguiu. Em vez do martelo batendo as solas dos sapatos, passou a ouvir a matraquear das armas de fogo. Não a impressionavam os crimes horrorosos e incríveis que aquela gente espalhava pelo caminho. Era a "rainha", a "senhora" para aquela gente suja e feroz. Era a amada preferida do maior facínora que o Nordeste possuiu em qualquer tempo.

Maria Bonita... Parece mentira... Mas bem Oscar Wilde disse um dia que "onde houver um monstro há sempre uma mulher para lhe dar a mão".

*Jornal do Brasil* (RJ) – 14.08.1938

## OUTROS LAMPIÕES VIRÃO...

Pontes de Moraes

Morreu Lampião. É o que afirmam os telegramas do Norte. E é o que também afirma o interventor Osman Loureiro com a sua autoridade de primeiro magistrado do Estado.

Eu sempre tive uma formidável simpatia por "Lampião". Não sei explicar porquê. Talvez fosse pela sua coragem de enfrentar os convencionalismos, sem subterfúgios, francamente, descaradamente, numa época em que todo mundo fala em leis e ninguém as respeita.

Só agora, Lampião como todos os homens que vivem à margem dos tabus jurídicos, tinha a sua faceta simpática, sedutora. Era uma figura lendária.

No sertão árido do Nordeste a sua figura avultou de maneira impressionante. O Lampião visto pelo soldado de polícia, de quem era inimigo irreconciliável, era muito diferente do Lampião visto pelo roceiro pobre, pelo pária nômade das caatingas ensolaradas. Aquele temia-o. sabia perfeitamente qual seria a sua sorte se caísse nas unhas do bandoleiro. Este o idolatrava porque recebia às mancheias os seus favores. Porque Lampião tinha duas personalidades. A do bandido irreconciliável com os agentes da Lei representada pelo cabo e soldado de polícia que palmilhavam o sertão à sua procura para matar, e a do homem que enveredou pelo caminho do crime vingando, sem desfalecimentos, o assassínio dos seus, porque pai e mãe e irmão do famoso cangaceiro caíram sob golpes de sabre de uma polícia qualquer do Norte.

A morte de Lampião – se é que é verdade que Lampião morreu – encerra, simplesmente, um episódio do cangaço brasileiro, mas não resolve o problema. O cangaço é fruto da ignorância e da revolta. As circunstâncias de caráter nitidamente econômico-social, que deram origem ao aparecimento do bandoleirismo, persistem. Só o professor, o médico, o agrônomo e muito dinheiro, resolverão esse problema angustioso da nacionalidade. Virgulino Ferreira que constitui um capítulo doloroso da vida brasileira será substituído por outros dez ou cem "Lampiões". E o cangaço continuará a sua marcha vergonhosa e deprimente para as nossas fumaças de povo civilizado.

Estamos nos avizinhando de uma época em que se multiplicarão os "Lampiões" quer queiram quer não os responsáveis pela ordem pública. Fenômenos absolutamente estranhos ao desejo de extinção do cangaço estão nos levando para dias nada promissores, não obstante o empenho que as autoridades têm em solucionar vários problemas de interesse vital para a nacionalidade.

A cabeça de Virgulino Ferreira embalsamada num museu qualquer não representa a solução definitiva do bandoleirismo. Se persistirmos no raciocínio oficial a degola assumirá proporções gigantescas.

É preciso, antes de tudo, degolar a ignorância e a miséria. Ao invés de soldados com armas embaladas vamos mandar para as caatingas, professores com cartilhas e médicos com muito quinino.

Senão, outros "Lampiões" virão...

*O Momento* (RS) – 15.08.1938

## MARIA BONITA

Cypriano Lage

Dois fatos impressionaram sobremodo o espírito público nos episódios sangrentos que vêm de desenrolar-se no Nordeste: a presença, no bando, de Maria Bonita, e o degolamento dos bandidos.

A formatura da companheira de Lampião, de que tanto falaram os correspondentes, é prova de que o domínio da beleza feminina permanece imutável sobre a face da terra e que a influência de sua sedução não se altera, qualquer que seja o quadrante sob que vivemos ou o grau de civilização que adotamos.

Como chefe, Lampião quis ter, e teve, a seu lado, uma mulher bonita. Repete-se, assim, a lenda de todas as épocas e de todos os povos, do alto até à escória.

Vários ensinamentos podemos tirar dos acontecimentos de Angicos. Além desse, da perenidade da influência da beleza, outro de não menos importância existe, o de que nem sempre a presença da mulher concorre para abrandar o instinto mau do homem, antes o estimula à prática de novas e maiores perversidades.

Quantas vezes Lampião não terá sido mais selvagem nos seus crimes, mais desumano em suas proezas, pensando em se fazer mais destemido junto de sua eleita?

Quantas vezes não terá ele assaltado fazendas e povoados para apoderar-se de joias ou enfeites, sedas e mantos, com que melhor engalanasse a sua amada, satisfazendo-lhe os caprichos e a vaidade?

Xucra e perversa, Maria Bonita fora sempre, no bando, uma animadora do crime.

Um sertanejo que fora identificá-la depois de morta, ouvido pela reportagem, disse que nunca vira um corpo assim, de pele tão bonita e macia. “Não tinha uma mancha, acrescentou o caboclo, parecia louça”.

Ao nascer do dia, mal a aurora dera aos bravos comandados do tenente João Bezerra a segurança na pontaria, essa mulher é surpreendida, numa gruta de pedra, em pleno mato, num flagrante de faceirice, a pentear os cabelos, metida num vestido de gorgorão de seda.

Foi assim que a abateu uma rajada de metralhadoras.

Entre os objetos largados no local, ao lado de duas máquinas de costura, foi achada uma luva, cheia de ornatos e desenhos, de estranho feitio, destinada a defender-lhe a epiderme dos raios do sol.

Todo esse inventário de pequeninas coisas vem revelar uma outra verdade não menos imanente, que nem a selva, o crime, ou a vida nômade conseguem destruir: – a vaidade da mulher.

Meus companheiros de jornal, que acompanham as atividades da valente polícia alagoana, ainda não disseram se, entre os objetos pertencentes a Maria Bonita, não encontraram também algum brunidor de unhas, um batom de ruge ou alguma caixa de pó de arroz.

Essas miudezas de toalete pertencentes a Maria Bonita, as fotografias encontradas nos bolsos de Lampião são indícios de que nos desvãos de sua consciência de bandido subsistia, todavia, um anseio pelas delícias que a civilização nos oferece e que ele, o sinistro inimigo da sociedade, é o primeiro a reconhecer, pois que as vai buscar, como o seu melhor troféu, para fazer dádiva àquela que mais lhe merecia.

Alguns espíritos sensíveis, desconhecedores da mentalidade do sertão, estranharam o

degolamento dos cangaceiros.

Não fossem Lampião e seus companheiros decapitados e suas cabeças exibidas, de cidade em cidade, e a lenda asseguraria que ele não morrera. A superstição de sua invulnerabilidade provinha de sua longa carreira de crimes. Dezoito anos de cavalgadas sangrentas, de roubos e homicídios, criaram uma impressão de terror propícia à incredulidade de que um dia se vissem livres de seu flagelo. A lembrança das torturas porque os nordestinos passaram faria temer que Virgulino ainda voltasse e lhes batesse à porta para assassinar a família e pilhar os haveres.

Matar Lampião foi uma grande proeza. Fazê-lo, porém, de modo a que o povo do Nordeste pudesse ver a cabeça decepada, foi muito maior proeza, porque foi a morte da lenda que cercava o seu nome fatídico.

*A Noite* (RJ) – 16.08.1938

## CABEÇAS E MAIS CABEÇAS

Fontes de Moraes

"Cabeças cortadas, cabeças decepadas, cabeças em decomposição, cabeças apodrecidas, cabeças mal cheirosas, cabeças nauseabundas, cabeças sujas de terra, cabeças ruivas, cabeças louras, morenas, embarque de cabeças, carroça cheia de cabeças, canoas repleta de cabeças, cabeças procuradas, cabeças ensanguentadas, cabeças cheias de terra, cabeças cheias de lama, cabeças sem olhos, cabeças com olhos vasados, cabeça com pincenê, cabeça de "Lampião", cabeça de Maria "Bonita", cabeça de "Corisco", cabeça de "Zé Baiano", cabeça de "Arvoredo", cabeça de "Dente Fino", cabeça de "Fortaleza", fotografia de cabeças, cabeça cega de um olho, cabeças, cabeças e mais cabeças e sempre cabeças.

Isso tudo que aí fica não é produto de uma cabeça desorganizada. É uma pesca superficial feita na entrevista que o já famoso tenente Bezerra, da polícia alagoana, acaba de dar a certa agência telegráfica e que figura nos jornais de hoje.

Nesse falatório enfatuado com que desse militar – a quem já sentimos autorizados a chamar de "Tenente Cabeça" – contamos 27 vezes a palavra "cabeça", sem fazer referências ao grande número de cabeças que fugiram na hora do "pega". O tal tenente "Cabeça" acaba lamentando ser pequeno ainda o número de cabeças com que pretende encabeçar o cortejo que dentre de pouco vai entrar triunfalmente na capital de Alagoas.

Estou azucrinado com tanta cabeça. Depois dessas cabeçadas todas entrei num café do centro onde dois cavalheiros que se achavam rente ao balcão dissentiam detalhes de um inventário qualquer.

– "Você não acha, fulano, que a lei devia considerar "cabeça" de casal a sicrana...!!!??

No almoço meti a concha numa terrina de ensopado. Quando lancei o conteúdo no prato, sabem o que era? A cabeça do frango!

Saí louco pela rua. Por todos os cantos via cabeças. Tive a impressão de que só havia cabeças no mundo. Na cidade eram cabeças que flutuavam sem tronco nem pernas.

Um garoto ofereceu-me um jornal. Era um conhecido vespertino que costuma sair muito cedinho. Na primeira página, no alto, havia um clichê enorme. Enorme e repugnante. Eram onze cabeças dispostas numa armação em forma de vitrine. Era o "furo" do vespertino, as onze cabeças de "Lampião" e seus asseclas, cercadas dos objetos de uso do pessoal dos cangaceiros. Olhei bem para ver se era uma realidade. Não tive mais dúvidas. Era realidade e realidade degradante.

Onze cabeças humanas, de onze facínoras, mas humanas!

Depois zangam quando lá fora dizem que somos mais atrasados do que a China e Abissínia!

Pudera!...

*Correio do Paraná* (PR) – 17.08.1938

## OS "LAMPIÕES"

Armando Gonçalves

*Zombaram de Deus, zombaram*
*dos Homens, zombaram de tudo e de todos.*

Existiram em todos os tempos e para todos os povos, embora se tornassem conhecidos por denominações várias, dentro de uma sinonímia que significava sempre o alto grau da degenerescência humana. Vestiram-se com os mesmos distintivos berrantes e ostentaram as mesmas joias pilhadas nas arrancadas da morte e da destruição.

Guardaram no peito, assinalado pelo riscar das "lambedeiras" ou dos punhais, o mesmo coração empedernido e tiveram no cérebro, inspirado pelo horror dos assassínios, as mesmas ideias de suplícios e de vinganças. Na fúria de seus ímpetos de feras bravias não respeitaram as crianças, não pouparam as mulheres, não distinguiram, nos cabelos brancos, a velhice que se devera respeitar.

Andaram pelas matas virgens e pelas furnas, pelas cidades e pelas serras, viveram a vida miserável dos perseguidos pela Lei, sem Pátria e sem Lar, e na maioria das vezes, revelaram instintos piores que os dos habitantes das selvas. Nunca sentiram na alma a penetração da centelha divina, porque estiveram sempre divorciados do Bem.

Em seus tiros certeiros eliminaram vidas utilíssimas e, no manejar das facas pontiagudas, produziram feridas que sangraram até à agonia última do último momento da vítima, e depois tripudiaram por sobre os corpos exânimes após a ingestão das bebidas alcoólicas que

lhes inspiraram as danças macabras ao sapateado das poucas mulheres que se tornaram sócias de seus crimes horripilantes.

O tropel dos animais, que cavalgaram, teve o ruído aterrador das tempestades que provocam a crueldade das fúrias indomáveis. Atacaram pela calada das noites tenebrosas e ficaram na tocaia, nos lugares ermos, para a consumação de seus crudelíssimos desígnios.

Por onde passaram deixaram a desolação e a blasfêmia ao crepitar das chamas que tudo devoravam. Lavaram-se em caudais de sangue e jamais fugiram à perspectiva de novos atentados que lembravam, assim, os momentos mais torpes de suas existências denegridas em meio da torpeza dos canibalismos da miséria humana.

Nem por isso deixaram de sentir, por vezes, mãos protetoras que os impulsionavam para novas investidas, estímulos que se converteram na proteção dos poderosos, e receberam prêmios pelos "serviços prestados à sociedade", cuja eliminação estava, paradoxalmente, no melhor e no mais eloquente de seus sanguinolentos programas... Percorreram os sertões e despertaram a alma do sertanejo aos gritos selvagens de "caçadores de homens" e ao ruído dos fuzis, que não permitiam protestos.

Insinuaram-se pelos centros civilizados e beberam e sorriram zombeteiramente dos que lhes andaram ao encalço, obrigados ao pagamento por bom preço do direito de conservação da própria vida. E, assim, zombaram de Deus, zombaram da autoridade dos homens, zombaram de tudo e de todos.

—

Percorreram os mares e os rios, e sentiram, nas moedas que roubaram e nas pedras preciosas que tiraram ao colo das virgens, esse anseio mórbido de aumentar fortunas que enterravam, tesouros que ocultavam aos olhares dos próprios companheiros, aos olhos faiscantes de cobiça, na estarrecente tarefa de roubar, de supliciar, de matar...

Corsários, Piratas, Cangaceiros, Bandoleiros, Bandidos, Salteadores, Malfeitores, Rapinantes, Pilhantes, Ladrões, Facínoras, Celerados ou Nefários foram todos os mesmos espíritos do Mal, nascidos para o Mal, vividos ainda para esse mesmo Mal em cujas malhas seriam envolvidos pela Morte que sempre os espreitava na mesma encruzilhada em que foram autores, em que teriam que ser vítimas.

E as suas cabeças andaram decepadas, vertendo sangue por entre as populações, que se diziam supercivilizadas e que não fugiram ao prazer selvagem que havia levado tantas outras, em épocas remotas, às selvagerias dos Coliseus, onde fieis a Cristo se espedaçavam, aos aplausos frenéticos, nas fauces escancaradas dos leões... E, pelas páginas da História do Mundo, andaram espetadas nas lanças ou enfiadas nos postes, quer fossem de positivos facínoras abatidos pela Legalidade, por cumpridores da Lei, em nome da Civilização – reveladora dos expoentes de cultura – quer pelos senhores da autocracia reinante, após a justiça do baraço, no estrangular e esquartejar dos sonhadores de todas as Liberdades!

E as cabeças dos Precursores, dos Tiradentes e dos Lampiões foram arrancadas dos corpos para gaudio da mesma Justiça que se julga na contingência de punir os que delinquem, os que matam... E, assim, pontos de contato se evidenciam onde a eloquência dos contrastes deveria aparecer...

—

Alguém, com certas e ponderadas restrições, comparou Napoleão a Lampião: ambos saquearam e mataram, embora os *"ultimatuns"*, para o saque e para a "matança", partissem em

"bom francês" e "patrioticamente" do primeiro e do segundo em "mau português" e "cangaceiramente"... Não nos parece despropositada a comparação. Quantos heróis teriam mandado degolar os poderosos em nome da mesma Civilização, que manda caçar "Lampiões"? Quantos heróis ordenaram o degolamento, como represália, na mesma atitude dos "Coriscos"? Quantos heróis foram por outros heróis degolados nesses dois mil anos de era cristã?

Quanta gente, sem vestir roupas de couro, sem trazer à cabeça chapéus enfeitados de libras ou com rodelas de metal barato, brilhando à luz das caatingas, quanta gente sem "lambedeira" e de mãos aparentemente fora do alcance dos fuzis, protegida, amparada e estimulada pelo instinto perverso, continua a propagar, ocultamente, essa mesma "Escola do Suplício" que a "Santíssima Inquisição" havia proclamado como a única em condições de regenerar a alma humana a caminho dessa mesma Civilização que se implanta para além das muralhas da China, que vive pelas ruas ensanguentadas da Espanha, que habita os cérebros dos maus *patriotas* a preparar a noite tenebrosa dos massacres para o dia da completa emancipação da desordem e do crime?

Por isso mesmo, Lampião, que teve um Corisco para continuar suas hediondas façanhas, encontrará, mesmo nas grandes metrópoles e em meio de gente, que parece "limpa", discípulos dedicadíssimos que apenas "agirão" fora das vistas, que não possam ver, e não nas caatingas batidas pelo sol do Meio Dia. "Gente honesta e de "mãos asseadas", que vive ao nosso contato, que nos corteja e que se insinua nas supremas distinções da sociedade culta que a estimula e exalta. Semelhança flagrante na aparente desigualdade dos Homens e... Nada mais.

*O Fluminense* (RJ) – 18.08.1938

## O AMOR DE MARIA BONITA

Roberto Lyra

Apagou-se com Lampião mais um símbolo do abandono do outro Brasil, que o rumo a oeste vai encontrar tal como viu o século o passado – ignorante, supersticioso, doente, miserável – num rastro de dor, de sangue, de extermínio. Morreu o interventor lá do sertão... Rolou a cabeça decepada, numa retaliação primitiva, a réplica ao pé da letra da vingança.

O sensacionalismo marcou a coerência do epílogo com os olhos no personagem principal, esquecendo no fundo da cena uns restos de gente, em que as crispações agônicas escondiam angústias menos vulgares.

Na porta de uma cabana, foi trucidada Maria Bonita, a amasia de Lampião – amasia é amante de pobre – ao empunhar um pente, que não pertencia ao arsenal do cangaço. Ela ajeitava os cabelos, de certo com intenção, na rudeza de sua faceirice amorosa. Esse o flagrante,

que incorporou, melancolicamente, à crônica de pavor essa mulher, armada, para a comunhão do martírio, com o único instrumento de um (...) de vaidade simples e solitária.

O seu era o mais pacífico dos nomes de guerra. Maria Bonita para a ilusão de quem a amou... Ela, também, sonhou nas noites de luar, acompanhando, vagamente, as estrelas com os olhos úmidos de desejo e os lábios aquecidos por uma febre estranha. Porém, nos sertões, o príncipe encantador, que exalta a imaginação, não tem capa e espada. Naquelas paragens, vítimas do sol, o herói romântico, de alpercatas e chapéu de couro, escreve a trabuco as legendas galantes, que os cancioneiros propagam, sob a aureola do mistério, da fantasia, da anormalidade atraente e empolgante. Misturam-se, nos desafios dos violeiros, as cenas de perversidade e de cavalheirismo, de covardia e de bravura, os raptos românticos, os duelos de conquista e de pecado. Furtam-se beijos, roubos de amor, morticínios passionais. As toadas pagãs das noites dos santos incendeiam a curiosidade predisposta pelos espetáculos da vida natural. E, um dia, os ouvidos cheios de façanhas diferentes, os olhos perdidos nas estradas sem fim, nas montanhas distantes, as Marias, que não vão com as outras, deixam o terreiro, num ímpeto de rebeldia e de aventura.

Maria Bonita apaixonou-se por Lampião. Fugiu do lar modesto e pacato para segui-lo na rotina da inquietação, do desconforto, do perigo, à margem da vida. *Les belles ont le gout des braves*... E Lampião aceitou-a com a filosofia de seu comparsa andaluz: "A mulher é como a mochila no combate. Sem ela, luta-se com desembaraço. E depois?"

Não era uma vivandeira mercenária, profissional das emoções e das fadigas. Usava as cartucheiras, as insígnias do companheiro e chefe, participava de suas lutas, combatendo varonilmente, para tornar-se digna dele, para conservar o seu amor. E foi surpreendida pela morte na solidão de uma atitude feminil...

O tenor Tamberlick, para quem Verdi escreveu *A Força do Destino*, foi sequestrado por bandidos, quando cantava no México. O chefe do bando, Manga de Clavo, levou-o para um bosque. Uma noite, Tamberlick cantou uma melodia. A mulher do bandoleiro começou a chorar e, de madrugada, arriscou a vida, mas salvou o prisioneiro e fugiu com ele... Maria Bonita teria repetido a docilidade dessa fascinação.

Ninguém ignora a influência da mulher na perdição, como na salvação, do homem. Que papel teria desempenhado junto a Lampião uma criatura capaz de tantos sacrifícios? As lendas superam a realidade, em torno dessa Maria Bonita, que tentaria o sociólogo Afrânio Peixoto, mais exigente do que o romancista Afrânio Peixoto. Há quem assegure, no entanto, que, em respeito a ela, Lampião poupava as donzelas raptadas à imolação de instintos em fúria. A lei do deserto cedia diante da doçura de um gesto com a intuição da bondade. Quem sabe se não partiram dessa inspiração feminina – enfermeira, amiga de uma ética que não podemos compreender – as tréguas do arbítrio afeiçoado ao meio primitivo e excitado pela perseguição? Atribui-se a Lampião o mesmo rigor de Antônio Conselheiro, que punia a vaidade das moças com a dilaceração a pentes de espinhos...

O certo é que há réstias de moralidade e de indulgência na sua vida, assistida, dia e noite, nas brenhas brutalizantes, pela devoção de Maria Bonita. Por amor, ela se mostrou capaz de tudo – até de fazer-se uma perfeita mulher de cangaceiro...

*Revista de Semana* (RJ) – 20.08.1938

## A CABEÇA DE LAMPIÃO

Logo depois do extermínio do famoso tigre das caatingas do Nordeste, em nota redatorial, lamentamos tivesse se tornado moda não só a decapitação de cangaceiros, como a carnavalesca exibição de suas cabeças. Deparamos, hoje, no *O Estado de S. Paulo* de 17 do corrente, também em nota de destaque, com o título "A Cabeça de Lampião" — reprovação semelhante à nossa.

Não podemos fugir ao prazer de transcrever, na íntegra, a brilhante repulsa daquele grande órgão de imprensa brasileira. Ei-la: — "Em sua edição de ontem um dos jornais desta capital anuncia em manchete, com grande destaque: *Serão expostas no Rio as cabeças de Lampião e Maria Bonita*".

Há de haver engano. Não podemos crer que os foros de cidade civilizada, de que tão zelosos se mostram os cariocas, sejam afrontados por esta injúria. Poder-se-á talvez compreender aquela exibição de barbaria, que foi largamente noticiada pelos jornais, quando em Alagoas as cabeças dos cangaceiros, decepadas aos cadáveres, foram transportadas em salmoura, em latas de querosene, para a capital do estado, onde esses macabros troféus sangrentos foram expostos à curiosidade mórbida do público.

Já se não compreende, entretanto, a exploração sensacional que certos vespertinos cariocas fizeram em torno do caso, com a multiplicação de fotografias, publicação de pormenores repugnantes e o mais que pode ser lido sem que a censura, às vezes tão severa, se lembrasse de que a sua ação deveria estender-se a esse terreno. Segundo a notícia ontem publicada, foi um desses vespertinos que solicitou a vinda à capital da República dos repelentes despojos dos cangaceiros. Com que propósito? Talvez com o de exibi-los ali, no luxuoso salão do Touring Club, no cais do porto, passagem obrigada dos turistas. Tudo é permitido supor da inconsciência doentia dos que se deixam possuir pela febre do sensacionalismo sem limite.

Enquanto, porém, não vermos confirmada essa notícia revoltante, recusamo-nos a admiti-la como verdadeira. Deve ter havido lamentável engano por parte do matutino que ontem a divulgou.

Mas nutrimos a esperança de que, se de fato há quem cuide de levar a efeito semelhante exibição, as autoridades federais, num movimento de pudor, saibam impedi-la.

Já é tempo, por certo, de se deixar de agitar este assunto diante dos olhos do público. Não é pouco o que ultimamente já se tem feito para rebaixar o nível de nossa civilização.

Lemos num jornal da cidade do Salvador, que ao Governo de Alagoas vários estados vizinhos estavam pleiteando a doação das cabeças de Lampião e sua companheira. Assediado por tantas solicitações, o interventor Osman Loureiro, para cortar dificuldades, resolveu enviá-las ao gabinete de Medicina Legal da Faculdade da Bahia. Pode-se talvez justificar a sua conservação ali como objeto de estudo.

E que fique ali encerrado o assunto, que não nos faz honra nenhuma. Afinal de contas, o Brasil não é isso.

*Jornal da Manhã* (SE) – 26.08.1938

## LAMPIÕES DE GRAVATA

L. Campos Sobrinho

As polícias gastaram um bom tempo para pegarem Lampião. Não só tempo. E dinheiro também. Verbas e mais verbas, e Lampião aí flanando pra todo mundo. Matava um aqui, intimava o coronel não sei quem dos anzóis a mandar-lhe dinheiro, batia noutro acolá. E as polícias em cima dos rastros. Os jornais estampavam nas manchetes que quase que pegaram o rei do cangaço e em tal lugar, que cercaram Virgulino Ferreira e outra porção de cousas que deixava muita gente atordoada e outras tantas tranquilizadas. Afinal de contas mataram o homem. Aliás, ainda fizeram algo de mais importante, de notória relevância para o nosso Código Penal. Descabeçaram, degolaram Lampião e o resto dos homens que estavam em sua companhia, inclusive Maria Bonita, o complemento do poema lírico da vida de Virgulino Ferreira. Virgulino tinha amor ao dinheiro, ao mosquetão, ao punhal destemido, às suas alparcatas, ao sertão, mas, acima disso tudo, ele via Maria Bonita, amava desmedidamente a Maria Bonita. Que se acabassem dinheiro, mosquetão, punhais destemidos, alparcatas, sertões mesmo, ele não se incomodaria, mas, Maria Bonita não podia se acabar. Virgulino Ferreira sem Maria Bonita tornava-se só. Os doze, vinte, trinta e cinco e mais homens que lhe acompanhavam sempre não preenchiam o lugar que Maria Bonita, sozinha, somente com o risinho fraternal de mulher amada, ocupava; enchia as medidas de Virgulino Ferreira; era o pedaço amoroso na sua vida aventureira. Mas chegou o momento da irreflexão, e a cabeça de Lampião e Maria Bonita rolaram, como se nunca pertencessem, na história da fisiologia humana, ao quadro dos animais racionais.

Mataram Virgulino Ferreira. Acabou-se, como anunciam a todo momento, o Terror do Nordeste. Os sertões estão livres desse seu filho monumental. Os sertões estão livres. Mas existem as cidades, que precisam ficar livres também. Os seus Lampiões existem por aí. Acabou-se o cangaço desorientado dos sertões, continua o cangaço orientado, comedido e descomedido, sabido, diplomático, das cidades.

Eles se vestem como eu, como você, melhor do que eu e do que você. Transitam nas ruas como se não fossem Lampiões. E ainda lhe cumprimenta com o risinho cínico de todo bandoleiro inteligente. Mas, quando não está empurrando o punhal em mim ou em você, está sufocando, surrando, apunhalando, os nossos irmãos. Eles são os Lampiões, as cidades, os sertões; nós os sertanejos; logo, nós somos irmãos por força do sofrimento, do maltrato contínuo que ainda não cessou. Se eu dissesse que o senhor Tristão de Athayde é um Lampiãozinho, você poderia ficar danado comigo, se é que você tem o pensamento carola. Mas o senhor Tristão fica de lado. Krup, por exemplo, na Alemanha, que fabrica bombas e gazes para nos liquidar; Hitler, na Alemanha, também, que espanca crianças e velhos, mata, prende a todo momento; Mussolini, na Itália, que ensanguenta os pobres negros embromados, sem ao menos considerar sobre a rica Abissínia, que ficou como sua presa. O general Franco, na Espanha, assassino de primeira qualidade, assalariado dos Lampiões internacionais, matando os seus patrícios com soldados e armas estrangeiras, fazendo trincheiras com o montão de carne humana adquirida pelas suas granadas e gazes criminosos.

Assim como estes, existem muitos pelo mundo, que seria um largo trabalho, enumerá-los. Um meu amigo, escrevendo certa vez sobre Virgulino Ferreira, pôs no mesmo nível os Zarof, Rockfeler, etc., mas, não vou até lá. Aqui mesmo no Brasil temos gente que se parece

muito com os jovens citados por meu amigo. Não fabricam bombas nem gazes.

O banditismo acabou-se no sertão. Banditismo deseducado. Sem civilização, que pouca questão fazia em matar. Matava quando se via perseguido pelas forças do governo ou pela crise. Mas ficaram os bandoleiros das cidades, espertos, de olhos abertos e vivos, que matam sem serem perseguidos pela polícia, e com os bolsos cheinhos das notas. Esses são os mais perigosos. Lampião e sua tropa matavam e demonstravam a sua impiedade, olhando o sangue a correr como se fosse água.

Esses matam, sem tirar sangue, apertando o estômago da vítima, sugando-lhe a carne e deixando-lhe somente os ossos, o couro seco e os olhos grandes, enormes, espantados, às vezes sorrindo por compreender a causa de seu extermínio, com uma reticência na boca rasgada. Lampiões sem coração. Lampiões de gravata...

*Sergipe-Jornal* (SE) – 27.08.1938

## LAMPIÕES E CORISCOS

Morel

A morte de Lampião e um grupo de cangaceiros de seu bando veio reavivar, na imprensa brasileira, o velho e discutido problema do banditismo no Nordeste. E se não faltaram os que, apressadamente, concluíram que, morto o chefe, o cangaço sofreria um colapso, a maioria dos conhecedores das caatingas acertou na previsão de que a matança de Angicos serviria para motivar as vinganças dos restantes bandoleiros capitaneados por Corisco, turva figura do crime que está tomando vulto bem mais tétrico que o do chefe morto pelas forças do tenente Bezerra.

E apareceram – como era de esperar – os brasileiríssimos palpites sobre os meios seguros e infalíveis de extinguir essa erva daninha que brota nas caatingas do Nordeste com a fatalidade inexorável das plantas nativas. Acabar com o cangaço por meio de estradas de rodagem, a tiros e degolamentos, com escolas em pleno sertão, tudo foi lembrado, isoladamente, pelos "entendidos" que não perdem vaza para uma entrevista aos jornais, falando *ex-catedra* pelo simples motivo de terem visto de perto os adustos sertões nordestinos e terem ouvido gente que viu Lampião e seus homens.

Entretanto, a verdade, nua e crua é que somente conseguiremos acabar com o cangaço acabando primeiro com o Nordeste. Esta afirmativa já deve ter provocado calafrios patrióticos. Parecerá, assim, à primeira vista, uma barbaridade, um disparate sem nome. Entenda-se, porém, que acabar com o Nordeste, a acepção que empregamos, significa combater eficazmente a seca, provocar o povoamento das caatingas, fomentar as indústrias latentes e nativas do norte do país, encorajar o trabalho nos patrícios desta parte do país, dar à população um nível de vida suportável, incrementar a pecuária e fixar permanentemente as culturas.

Sem essas providências que envolvem um vastíssimo programa de realizações, tão vasto que daria para encher todo um governo e conduzir à história o nome de seu realizador, nada

será possível conseguir de realmente útil e humanitário. Decepar cabeças de pobres tarados, matar infelizes vítimas do meio e talar a ferro e fogo o sertão não passam de providências policiais, que não civilizam, não educam e não previnem males: podem somente, simplesmente, cauterizar chagas num corpo doente, no qual os remédios externos só atuam depois de abertas as feridas, que deixam cicatrizes indeléveis.

A função do Brasil não pode ser essa, de polícia, de degolar Lampiões: por que não se combate a miséria, ao invés de combater os miseráveis?

*Sergipe-Jornal* (SE) – 27.08.1938

**EPITÁFIO**

João Rialto

*Aqui jaz o Lampião*
*Que, em vez de iluminar, escurecia*
*E só dava clarão*
*Quando do rifle um tiro lhe partia.*
*Apagou-se afinal,*
*Coisa que foi das mais extraordinárias,*
*Tanto assim que, em sinal*
*De prazer, se acenderam luminárias.*

*Careta* (RJ) – 27.08.1938

## REVERBÉRIOS

Raul de Oliveira

O sentimento da humanidade começa a se manifestar nesse caso da decapitação do famoso bandoleiro, que há tantos anos dominava as caatingas nordestinas.

O telégrafo noticiou o seguinte:

"O soldado Antônio Ferro, levantou o cadáver de Lampião, enquanto seu colega Antônio Panta o decapitou. Bertoldo preferiu cortar a cabeça de Maria Bonita, que caiu segurando um pente. Bertoldo acrescentou: que bonita era! Maria e parecia feita de louça!"

A cabeça do valente e cruel nordestino, algoz e vítima da sociedade que o produziu, foi conduzida a Maceió, onde o Dr. Lages Filho a estudou à luz da Antropologia Criminal.

Mas o cientista, se esperava encontrar na cabeça de Lampião os sinais característicos do criminoso nato, foi logrado, como se evidencia de suas declarações à imprensa:

"... embora apresente alguns estigmas físicos, a cabeça de Lampião não nos surpreendeu com um paralelismo rigoroso entre caracteres somáticos das degenerescências apresentadas pela mesma e a figura moral do célebre criminoso. Assim, apenas verificamos como índices físicos de degenerescência anomalias na orelha revelada por uma simetria chocante. Abóbada palatina ogival microdontia. Faltam as deformações cranianas, prognatismo das maxilas e outros sinais que Lampião dava na caracterização do criminoso nato."

Cortaram a cabeça de Lampião e a submeteram a investigações antropológicas. E o resultado surpreendeu aos partidários de Lombroso: "Lampião não era um criminoso nato. Foi um produto do ambiente social em que se educou. A responsabilidade criminal por tantos episódios sangrentos não lhe pertence inteira: a sociedade nordestina lhe é cúmplice. O seu aspecto social transcende da atuação de um preposto de polícia ao gabinete de um sociólogo que se dê por tarefa o estudo dos fenômenos sociais que caracterizam o cangaceirismo.

O Nordeste brasileiro tem dado sempre bandidos e profetas. Ou Virgulino Lampião, ou Antônio Conselheiro. Ambos, sedentos de justiça. Em Lampião causas muito próximas. Em Antônio Maciel (o Conselheiro), velhos ódios de família, e infelicidades conjugais em recalque, e por fim "sublimados" no fanatismo religioso.

Euclides da Cunha, cujo 29º aniversário de falecimento passa a 15 deste, explicou cientificamente em *Os Sertões* (obra-prima da literatura brasileira) o fenômeno de Canudos onde imperava o "iluminismo" de Antônio Conselheiro.

E é interessante notar a similitude entre o destino final de Antônio Conselheiro e o de Lampião.

Morto Conselheiro. "Restituíram-no – escreve Euclides da Cunha – à cova. Pensaram, porém, depois, em guardar a sua cabeça tantas vezes maldita – e como fora malbaratar o tempo exumando-o de novo, uma faca jeitosamente brandida, naquela mesma atitude, cortou-lha, e a face horrenda, empastada de escaras e de sangue, apareceu ainda uma vez aqueles triunfadores...

Trouxeram depois para o litoral, onde deliravam multidões em festa, aquele crânio. Que a ciência disse a última palavra. Ali estavam, no relevo de circunvoluções expressivas, as linhas essenciais do crime e da loucura..."

Até aí, Euclides da Cunha. Quando, no Brasil, o Nordeste deixará de produzir Antônio Conselheiro e Virgulino Lampião?...

*Pacotilha* (MA) – Agosto de 1938

## LAMPIÃO

Mário Cabral

Lampião morreu. Com um punhado de homens, ele dominou, por longos anos, o imenso território das caatingas.

Sempre viveu apegado à terra madrasta, seca, agressiva, que se abre em corcovas agrestes e fundões misteriosos calcinados por um sol impiedoso. Muita vez, quando a polícia lhe apertava o cerco, passou sede à margem de um rio qualquer, cujo leito ressequido, era tão somente um caminho torcicoloso de areia fulva e pedregulhos ardentes. Nunca dormiu um sono tranquilo, um sono reparador. Deitava-se, ao ar livre, o rifle à mão, o ouvido atento aos rumores da noite misteriosa. E assim durante vinte anos. Mal comia, mal dormia, mal amava. Durante vinte anos teve que suportar o braseiro do sol, o torpor da aragem, caminhando, qual novo Ashaverus, sem destino, sem rumo, hoje aqui, amanhã ali, perseguido, amaldiçoado, ferindo os rudes pés nas tiras ríspidas do xiquexique e no cascalho miúdo cortante como navalhas abertas.

Durante vinte anos seus olhos contemplaram aquela paisagem violenta: relva comburida, garranchos requeimados, o vento morno de fornalha fazendo dançar um turbilhão de folhas secas, cascavéis chocalhando, e sol, e sol, e sol, fazendo subir do solo estriado refrações de luz que obrigavam o éter a ficar vibrando!

Todos maldisseram Lampião, os seus horrores, as suas crueldades. Mas ninguém se lembra, hoje, porque Lampião entrou no cangaço. Ninguém se lembra que ele era um homem honesto como os outros, como eu, como o leitor. Ninguém se lembra que seu pai foi assassinado, friamente, e que a Justiça cruzou os braços indiferentemente. O criminoso gritava nas ruas se vangloriando do que fizera.

O crime, por sua vez, ficou clamando por vingança.

Então Virgulino trocou o arado pelo rifle, a enxada pelo punhal. E dias depois matava o assassino que a sociedade deixara impune. Aí Lampião sofreu a primeira perseguição. Depois houve o primeiro homicídio da sua vida de cangaceiro. Estava escrito que ele haveria de ser o rei do crime. E os crimes se sucederam. O segundo doeu-lhe na consciência menos que o primeiro, o terceiro menos que o segundo. Fenômeno naturalíssimo, esse. Deu-se em Lampião o embrutecimento dos sentidos. O entorpecimento da consciência. O contato diário com o crime, apagou-lhe, no ser, os lampejos mais rudimentares da dor moral. As circunstâncias do destino, agravadas, ainda, pelas condições forçadas da única vida capaz de ser vivida, levaram Lampião, indiscutivelmente, a esse de sanguinário primitivismo, quando, entre o Homem e a Fera, existe, apenas, como pontos de comparação, os contornos físicos da sua estrutura. Lampião, quero crer, não foi o que se chama em criminologia, um criminoso-nato. Não foi um louco nem um pervertido moral. Ele foi um desses criminosos de ocasião, um desses criminosos, que, como ensina um ilustre criminólogo, cedendo uma vez coagidos pelas circunstâncias imperativas, têm, mais tarde, se as condições do meio agravam a sua condição de criminosos primários, o caráter completamente transformado em virtude da própria vida que irá viver. Lampião viveu um drama muito sério em nossos sertões. Seu crime inicial foi menos uma vingança que um ato de justiça, um dever impulsionado pelos laços afetivos de família. Os demais crimes, é claro de ver-se, formam uma série lógica, um corolário, desde quando não lhe era

possível viver outra vida. Tendência nata para o crime têm quase todos os outros bandidos que seguiram os passos de Lampião. Corisco, Volta Seca, Azulão, Ângelo Roque, esses sim, estão no cangaço pelo prazer mesmo de roubar, de violar, de matar, de incendiar. Motivo algum, senão a vontade exclusiva de delinquir, os chamou para seguir a trajetória que Lampião vinha trilhando. Lampião, porém, o mais sanguinário, o mais cruel, foi, inegavelmente, um homem joguete na trama emaranhada que lhe traçou o destino. Não o estou defendendo. Mas gosto de observar as coisas e os erros, e, então, com serenidade, fazer os comentários que me parecem oportunos, embora, agindo, assim, desgoste muita gente que só sabe ver as coisas e aceitar as coisas pela voz do povo, pela voz da maioria. Mas eu não sou carneiro-de-batalhão, nem maria-vai-com-as-outras. Essa história de *vox populi vov dei* é besteira. O povo fala sinceramente, não duvido. Mas se deixa levar, quase sempre, pelas exterioridades.

Por isso é que dou preferência à voz que vem do raciocínio isolado, e, muito principalmente, quando essa voz se origina do meu próprio raciocínio. Terminando convém que esclareça: não faço uma defesa, presto um depoimento.

*Sergipe-Jornal* (SE) – 29.08.1938

## APAGA-SE O PRIMEIRO LAMPIÃO

Osvaldo da Silveira

O cangaço sofreu um golpe rude com a queda do maior criminoso dos tempos modernos, o famigerado Lampião.

Virgulino Ferreira chegou a se tornar lendário, tais as façanhas incríveis que praticou em todo o Nordeste, espalhando o pavor e a morte por onde passava.

Caiu o napoleão do crime. Fechou-se o primeiro ciclo do cangaço. Outros Lampiões perambulam ainda pelas caatingas, mas ferozmente perseguidos pelos soldados da Lei. Um a um, cairão também.

Lembremo-nos das "máfias e camorras" da Itália, praga social que durante um século vinha fistulando as terras de César. Parecia que força alguma seria capaz de as destruir. Mas um dia veio a grande notícia: os bandos organizados de toda a Itália foram eliminados a ferro e fogo!

A gigantesca tarefa da eliminação do cangaço está a cargo da heroica polícia alagoana. O primeiro golpe mortal já foi dado.

O primeiro Lampião se apagou tragicamente.

Triste sorte está reservada às "lamparinas" que o substituíram...

*O Imparcial* (RJ) – 31.08.1938

## MARIA BONITA

Não se trata, por certo, de um conhecido romance do Sr. Afrânio Peixoto, o homem culto e o notável escritor, cuja literatura tem vacilado entre o sertão e o Botafogo, entre o violão e o violino, entre o pirão de farinha e o pastel de fígado gordo, entre o Houbigant e o suor das axilas orvalhadas pelas danças sertanejas, na expressão do autor de *Pérolas*.

A Maria Bonita que tratamos, deixou de ser a heroína de um romance sertanejo, para viver na figura, também heroica, da amante de Lampião, o chefe do cangaço nordestino, há pouco abatido pelas balas dos homens do tenente Bezerra.

Essa curiosa figura de mulher, que renunciou a tudo para viver, como o seu companheiro, em lutas eternas com a civilização, cortando os sertões que o grupo bandoleiro dominava, não passou desapercebida dos nossos literatos. E ela bem merece ser analisada como protagonista de uma época de um outro Brasil, que nós todos sabemos existir e que precisa ser desbravado, pois não é, apenas, com palavras que se transforma uma mentalidade, aquela mentalidade que, em maior ou menor escala, nos vem narrada por Afonso Arinos, Coelho Neto, Euclides da Cunha, Graça Aranha e tantos outros que procuraram conhecer um Brasil desconhecido.

O Sr. Roberto Lira, se não nos enganamos promotor público do Distrito Federal, fino intelectual e cuidadoso estilista, em recente artigo contempla, com graça e interesse, a personalidade de Maria Bonita, a amásia de Lampião – amásia é amante de gente pobre, aquela que foi trucidada à porta da cabana do rei do cangaço. Quem era Maria Bonita?

Maria Bonita, diz o escritor, apaixonou-se por Lampião. Fugiu do lar modesto e pacato, para segui-lo na rotina da inquietação, do desconforto, do perigo à margem da vida. *Les belles ont le gout des braves...* E Lampião aceitou-a com a filosofia de seu comparsa andaluz: a mulher é como a mochila no combate. Sem ela, luta-se com desembaraço. E depois?

Não era uma vivandeira mercenária, profissional das emoções e das fadigas. Usava as cartucheiras, as insígnias do companheiro e chefe, participava de suas lutas, combatendo varonilmente para tornar-se digna dele, para conservar o seu amor. E foi surpreendida pela morte na solidão de uma atitude feminil...

O certo é, conclui o Sr. Roberto Lira, que há réstias de moralidade e indulgência na sua vida (a de Lampião), assistida, de dia e de noite, nas brenhas brutalizantes, pela devoção de Maria Bonita. Por amor ela se mostrou capaz de tudo – até de fazer-se uma perfeita mulher de cangaceiro...

Por que injuriar-se, assim, Maria Bonita, tão somente por se haver dominada pelo amor de um bandoleiro?

A renúncia e o heroísmo glorificaram mulheres na história. Maria Bonita, no seu papel e no seu meio rude e semisselvagem, não apresentará coisas a seu favor?

*Correio Paulistano* (SP) – 03.09.1938

## LAMPIÃO APAGADO

Ao contrário de todas as vozes que se levantaram, de norte a sul, contra esse caboclo que foi o rei de seu sertão num país republicano, nós só temos a lamentar a morte de Virgulino Ferreira, esse Lampião audaz, que iluminou, com a história de suas façanhas, vinte anos de vida bárbara, toda voltada para o nobre sentido das existências heroicas.

Não somos dos que visualizam no cangaceiro do Nordeste apenas o homem rude, que não se intimidava diante das forças volantes e arregimentava os seus "cabras" façanhudos para reduzir a escombros fazendas e povoados. Lampião foi isso, é fato. Sua existência é um clarão vermelho projetado pelo sangue das suas vítimas. Mas há alguma coisa a mais, no romance desse homem. Há caminhos por onde o romantismo desfila, qual a da paixão por essa cabocla que deixa o seu lar e vai seguindo por todas as encruzilhadas e por todos os atalhos, indiferente ao perigo fugindo com ele pelas estradas desertas, pensando apenas na companhia do herói bronzeado que foi amigo do padre Cícero e diante de cuja figura se curvam os senhores de engenho e os donos do sertão.

Em torno do seu destino, há toda uma longa série de teses a serem discutidas, para explicar-lhe a fascinação pelo crime. Mas Lampião para nós, é a vítima da própria imaginação, um resultante natural do temperamento. Ele não é inferior àquele Medicis que, no tempo do renascimento, mandava matar os seus rivais e lhes pendurava os corpos nas sacadas de palácio. O espírito de heroísmo unifica as duas figuras, distanciadas embora no tempo e no espaço.

A velha lenda dos desagravos de família, justificando o afloramento de tipos da estirpe de Virgulino Ferreira, tem também o seu valor. Mas não define o romance aventuroso, em toda a sua plenitude. Clareia apenas uma parte das origens. Não diz tudo. Não ilumina inteiramente. Veja-se sobretudo uma consequência de imaginação que concebeu uma caminhada triunfante e que procurou, em torno de si, os meios de resolvê-la. Lampião foi a vítima de um sonho assim. Quando abriu os olhos, para sondar a própria jornada, tinha ido mais longe do que pensara. Continuou, ainda mais corajoso. Os elementos de sua existência audaciosa se encontravam ao alcance da mão bronzeada. Matava friamente, pensando apenas na vitória. Depois, veio a lenda, que o fez rei. Veio a tradição, que lhe recordou o perfil e o colocou nas páginas mais vivas e mais expressivas da história do sertão.

Na realização do seu destino há de ter faltado a Lampião a compreensão de alguma coisa que, através de seu heroísmo, ele fez ao Brasil. Lá fora, onde se ampliam as lendas e transformam as individualidades sob a tirania dos repórteres internacionais, Lampião nos valeu por uma esplêndida propaganda da inexploração de nossos sertões, da virgindade de nossos matos. Seu reinado na chapada vestida de verde e de sol, mantido durante vinte anos, era um atestado de que, nos seus recessos, ainda havia, na natureza, os meios para esconder o homem, abrigando-o de seus semelhantes. Não o destruíam, porque as matas e o deserto verde o protegiam. Não era isso, por acaso, uma propaganda de nossas riquezas? Entretanto, nunca, ao que nos conste, Lampião foi recompensado pelo Departamento que o Sr. Lourival Fontes dirige.

Por mais sinistro que seja o perfil desse cangaceiro ilustre, forçoso é confessar que ele se impôs por seu próprio valor. Dinheiro ele o extorquiu muito; nunca, porém, despendeu um tostão para pagar elogios.

Porque – vamos ser francos – se ele aplicasse parte dos lucros numa certa publicidade, em vez do facínora que todos proclamam, quem sabe se não teríamos em nossa galeria mais um benemérito da pátria?

A morte de Lampião, no entanto, não destruiu, como os jornais fizeram crer, essa esplêndida fonte de notícias do Brasil. Corisco, companheiro de Virgulino Ferreira que acaba de tomar o cetro do rei do cangaço, também às vezes ilumina. Lampião foi uma luz clareando constantemente um pedaço bravo do sertão brasileiro. Corisco, agora, é uma luz fugitiva e instantânea. Na história dos cangaceiros existe, como se vê, uma admirável coerência de apelidos.

*Careta* (RJ) – 10.09.1938

## MARIA BONITA

Eloy de Montalvão

Não tive o prazer de conhecer Maria Bonita. A companheira do famoso bandoleiro Lampião, que, afirmam, os que conheceram, enamorou-se do cangaceiro dos sertões, e, confiante de sua beleza e de seu destemor, seguiu-o durante longos anos, nas suas façanhas pelo nordeste brasileiro.

Lampião, deveria ter conhecido muitas mulheres bonitas, pelas terras por onde passara, com o seu bando. Mas, nenhuma, talvez, mexera com o seu coração, de forma a fazê-lo um apaixonado.

Maria Bonita esgravatou o coração de Lampião, descobrindo a fibra sensível, onde se oculta o sentimento-amor.

E Lampião, que dizem, fora sempre de uma crueldade atroz para com as mulheres, ligou-se de carne e coração a Maria Bonita.

Desde que a viu, nunca mais a deixou. E, certamente foi para ela, um companheiro fiel, pois que, amanhecia e anoitecia ao seu lado, durante as jornadas cheias de peripécias, crivadas de aventuras lúgubres.

Eu quisera ter a ventura de conhecer Maria Bonita, porque pelas fotografias, ela é bem feia. Que Deus me perdoe.

No sertão por onde Lampião andava, talvez Maria Bonita fosse uma beldade. Talvez tivesse obtido o primeiro lugar em algum Concurso de Beleza, para a conquista do título de "Miss Cangaço".

Não a tendo conhecido pessoalmente para poder apreciar as suas formas, para embevecer-me ante a cor de seus olhos, e o esmalte de seus dentes, lembro-a e escrevo, tendo apenas, na retina a sua imagem fotográfica, que é de apavorar, de encher de vontade de dar uma surra de urtiga no fotógrafo.

A fotografia da cabeça de Maria Bonita, que foi decepada, é simplesmente tétrica, horripilante. E dizem que as câmaras fotográficas, são fieis, com exceção das que restam serviços nos gabinetes de identificação das polícias.

Maria Bonita ou Maria Feia, o fato é que a companheira de Lampião, tem sugerido muitas crônicas literárias, muitos poemas, e muitas canções populares.

Ninguém, entretanto, disse qual tenha sido o seu nome de batismo, dado pelos seus pais.

Pobre Maria Bonita...

Morreu degolada, ao lado do seu companheiro, quando dormia.

Mataram-na por se ligara a um homem temível bandoleiro, salteador que só se comprazia com o derrame de sangue de criaturas indefesas.

Palmilhou léguas e léguas dos sertões do Norte, em companhia de Lampião.

Conhecia as façanhas do bandoleiro, assistira muitos assaltos e delitos.

E talvez, soubesse que Lampião carregava ainda, além das suas, a culpa de outros delitos praticados pelos sertões e atribuídos a ele, para que o peso da lei não fosse sentido pelos verdadeiros autores.

Os famosos bandoleiros, levam para o túmulo, a culpa de todos os delitos praticados na época de suas ações...

Qualquer que fosse o crime praticado nas cercanias por onde o bandoleiro costumava passar, já sentenciavam:

– Foi o Lampião!

E a lei não se fazia sentir porque Lampião nunca era encontrado, por mais que o procurassem...

Agora, Lampião morreu e já apareceu o seu substituto legal – o Corisco!...

Corisco, talvez, encontre uma Maria Bonita...

E tudo o que acontecer de ruim pelos domínios de Corisco, será obra sua... A fama é, na maior parte das vezes, uma tortura, um suplício...

Maria Bonita, ao lado de Lampião, granjeou fama, embora nunca pensasse em praticar um ato reprovável.

Ficou famosa e perdeu a cabeça.

Tão famosa que apenas a conheciam por Maria Bonita.

Sua biografia resume-se unicamente em ter sido companheira de Lampião e assassinada ao seu lado, pela madrugada, depois de algumas horas de sono...

E foi ela que conseguiu acender o fogo da paixão, no coração de Lampião...

Fora o querosene que encheu o peito de Lampião e com o fogo de seus beijos, ateou a torcida de coração do bandoleiro...

Viveram juntos durante vários anos.

E juntos morreram.

Maria Bonita, enfeitou a vida de Lampião...

Morta, cortaram-lhe a cabeça, parece que para um estudo psíquico.

Mas, que encontrarão, os cientistas, de extraordinário, no crânio de Maria Bonita? Um pouco de massa cinzenta sob uma conformação sem grande realce.

Maria Bonita, nada deveria ter de incomum, no crânio.

O seu coração é que deveria diferir do comum...

Maria Bonita, talvez escondesse em seu peito uma grande desilusão sobre os homens normais, os conselheiros notáveis, os impolutos que são teoricamente contra os bandoleiros...

*O Dia* (PR) – 11.09.1938

## CANGACEIROS E "COITEIROS"

Bastos Tigre

Mais de um mês é passado sobre a morte de "Lampião" e de uns dez bandidos do seu grupo, inclusive – para que ao caso não faltasse a nota romântica – Maria Bonita, a favorita do rei daqueles sertões.

Já o telégrafo, a imprensa e o rádio silenciaram sobre o episódio, substituído por outros de maior monta, qual o desastre da Condor, ou o escândalo Hirgué-Romano.

Dir-se-ia encerrado para sempre o capítulo do cangaceirismo, na história contemporânea do Brasil. A cabeça decepada do bandoleiro e a da sua amada – esta, por uma especial galanteria ao sexo gentil – foram entregues aos antropometristas lombrosistas e freudianos, para que, à luz da ciência, pelo exame do cerebelo putrefato e pelas mensurações dos ossos cranianos, estudem causa e efeito do fenômeno do banditismo no *hinterland* brasileiro. E aguardemos as toneladas de papel impresso que vão surgir por aí, cobertas pela erudição fácil mas impressionante das citações dos catedráticos em crimino-técnica, freudeologia e outras ciências ocultas.

Entretanto convém não esquecer que, poucos dias após o aniquilamento de Lampião e seu rancho, "Corisco", um dos seus lugares-tenentes e que conseguira fugir, após o combate, reuniu os remanescentes dos seus "caibras" e com eles deu resposta imediata à proeza do tenente Bezerra.

A vindita foi terrível, feroz, crudelíssima: mulheres, crianças foram massacradas pelo crime único de um vago parentesco com a esposa do tenente.

Uma horrível chacina! As cabeças das vítimas postas num saco de estopa, foram enviadas como comprovantes da vitória, no Prefeito local.

Se o banditismo tem os seus cronistas e historiadores, certo já terão eles registrado o "encarte" nessa fase da guerra contra os volantes. Lampião foi vingado, escreverão; contra o sangue do autor de mil mortes, o sangue inocente de algumas velhas e crianças. *Le dieux ont soif* por aquelas ressequidas regiões.

Os volantes andam, agora, à caça de Corisco. Se conseguirem apanhá-lo vai ser outra chacina, a chacina policial, em nome da lei; mas Corisco, por sua vez, terá os seus vingadores. O banditismo é como a tênia *solium*, corta-se lhe um pedaço, mas o resto sobrevive, com vida própria; e cada seguimento que se despregue é um ser autônomo, com todo o seu maléfico parasitário.

---

O problema do banditismo é muito mais complexo do que o imaginam os sociólogos da Avenida e os comentadores da imprensa. Ele constitui uma equação a três variáveis. Não são apenas a Lei e o Crime que se defrontam; não é apenas a luta singular entre a ordem e a anarquia, entre a civilização e a barbaria, entre a polícia e o cangaço. Há um terceiro elemento metido entre os dois e dependente de ambos; esse elemento é o "coiteiro".

Que vem a ser o "coiteiro"? É o sertanejo que acoita, que dá poiso e guarida ao cangaceiro, que desnorteia e despista a força volante, que informa ao tenente: – por aqui não passou não, senhor!

É, então, o "coiteiro" um cúmplice, um colaborador do cangaço? Até certo ponto, não há dúvida que o é. Mas, por que assim procede o sertanejo, o rude trabalhador da terra seca

e sáfara, vítima das longas estiagens, das endemias, dos coronéis que ainda existem – da politicagem local, o mísero sertanejo, para quem o ideal seria a paz e a tranquilidade dos seus sertões, sem a desgraça do cangacismo?

O sertanejo não é "coiteiro" por vontade; mas por medo, por pavor, sob a ameaça da "garrucha" ou da "lambedeira". Que há de ele fazer, o pobre vaqueiro do sertão, desamparado e desarmado, quando na sua choça lhe surge o bando de um Corisco ou de um Pinga-fogo, a lhe exigir pousada e comida? E, ao partir o bando, alta madrugada, chega-se lhe o chefe e roncando, com um ar de não admitir réplica, lhe diz com um tranco ou um bofetão: - *vê agora se tu vai avisá a volante, hein? Se o tenente sabe adonde nós estemo, na vorta tu vai vê*!

– *Nhô, sim, Capitão...* concorda, trêmulo, suando frio, o sertanejo.

Ele sabe o que significa a ameaça breve, simples, sem retórica; "tu vai vê". Ele verá, bem o sabe, a casa incendiada, o gado morto, as filhas violadas à sua vista, a esposa sangrada e, finalmente, ele próprio, se ainda tiver olhos para ver, amarrado a uma árvore e fuzilado, depois de suplícios inenarráveis! – é o exemplo, o escarmento, para que outros não façam a mesma "infâmia" de denunciar o bando à força volante da polícia.

"*Tu vai vê*"! Ele bem se lembra do que aconteceu ao compadre Laurinho, da Varge Grande, que deu notícias do bando do Bem-te-vi, ainda não faz um ano. Não escapou gato!

Num caso em cem, o "coiteiro" age espontaneamente, por interesse pessoal, porque precisa dos cangaceiros ou porque tenha, ele próprio, o cangaceirismo no sangue.

Mas a regra geral, os 99%, é o sertanejo pacífico acoitando os bandidos, protegendo-os contra os volantes, por amor à vida, apavorado com as ameaças de extermínio da sua fazenda e da sua família.

—

E, agora, esse pobre Mané Xique-Xique, transformado contra a vontade em acoitador de "caibras", passa a ser considerado pela polícia como um cúmplice dos cangaceiros, "tão bom como tão bom", um *out of law* para quem os mais duros castigos ainda serão poucos pelo mal que fez, protegendo criminosos de morte e atrapalhando a ação repressiva da lei. Uma vez verificada a culpa de Xique-Xique ou mesmo por simples suspeita, é ele tratado como se bandoleiro fora; a soldadesca, enfurecida por ter perdido o rastro da presa, enervada pelos contratempos das batidas, enlutada, às vezes, pela morte de companheiros numa "espera" de emboscada, invade a casa do sertanejo, "coiteiro" à força, como se fora um campo inimigo.

E a ordem é espancar a cipó de boi, até obter uma confissão, uma "dica" impossível, porque o desgraçado não tem ideia para onde se botou o bando fugitivo.

E vive o sertanejo apavorado diante das duas ameaças: um ataque de cangaceiros ou uma incursão de volantes. Venha do Crime ou da Lei, para ele, o perigo é o mesmo. Até na indumentária se assemelham os desordeiros e os defensores da ordem: o chapéu de couro, o embornal, os pentes de bala no cinturão, as armas de fogo e as armas brancas que, não raro, passam da Lei para o Crime e deste para aquela, conforme o desfecho dos recontros sangrentos.

Quem quiser ter uma ideia da gênese e da evolução do cangaceirismo leia o excelente livro de José Lins do Rego, *Pedra Bonita*. Verá Aparício, incapaz de matar uma mosca, metido num rolo, na feira das Dores. Defende-se. Há um tiroteio. Um soldado cai morto por uma bala de rifle. E ele foge, correndo, a comunicar a desgraça aos velhos pais, na fazendola de Arati-

cum. E cai no mundo. A força dá uma batida à procura do criminoso; não o encontra; mas na fazenda estão o pai, a mãe e o irmão de Aparício.

A cena é de um realismo brutal:

– Velho safado, nós estamos aqui atrás do bandido do seu filho que matou um soldado na feira. Você tem que dar conta dele ou o pau vai roncar aqui dentro.

– Seu sargento, meu filho esteve aqui ontem e ontem mesmo foi-se embora. Mandei até que ele se apresentasse.

– Deixa de mentira, cachorro velho!

Sinhá Josefina (é a velha mãe) caiu aos pés da autoridade. Bentão e Domício (pai e filho) já estavam presos para um lado.

– Onde está o bandido? – gritava o sargento.

A resposta era uma só.

– Pois eu sei um jeitinho de fazer vocês falarem. Cabo Faustino, amarre este velho aí no alpendre.

Pegaram Bentão.

– Com cinco cipoadas ele descobre.

O couro cantou no corpo do velho. O menino tinha ido embora, ele não sabia para onde. Aí Domício gritou para o sargento:

– Bandido! Dá num velho porque não puderam com Aparício.

– Pega ele, Faustino, dá um ensino nesse safado.

E o couro cantou pela cara, pelas costas, pelas pernas do Domício.

– Fiquem sabendo o que é a força do governo. Pega o frangote, que ele descobre.

– Com ele, não – disse a velha, se atravessando na frente. – Nele não, nele não!

A primeira cipoada cobriu a mãe e o filho. A velha arriou no chão. E o cipó de boi cortou o couro fino de Bentão."

—

Aparício vem a saber do esbordoamento dos pais. O ódio ferve-lhe nas veias. Arde-lhe nos gorgomilos a sede de vingança. Anda ali por perto o bando do Deodato. Aparício faz-se do bando. É mais um cangaceiro no sertão. Daí a meses ele próprio chefia uma turma de bandidos dispostos a matar e a morrer. E, bêbedo de sangue, o inofensivo vaqueiro do Araticum, agora pratica toda a sorte de crimes – roubos, pilhagens, incêndios, assassínios frios e cruéis de homens, mulheres e crianças.

E é assim a própria perseguição ao cangaço que vai gerando novos cangaceiros.

De outras vezes é o "coiteiro" involuntário que, torturado e espancado pelos volantes, acaba por tomar partido pelos bandoleiros, tornando-se, mais dia menos dia, auxiliar do cangaço, quando não autêntico homem do rifle e da pernambucana de Pasmado.

—

Não falta quem, fazendo a fácil sociologia de conferências e artigos de jornais, apresente os grandes remédios contra o cangaceirismo: justiça, instrução, policiamento sistemático dos sertões.

Mas será mesmo que a civilização matará o cangaço? Creio que não. Falo-a apenas

mudar de nome. O cangaceiro passará a ser o "apache" ou o "*gangster*"; poderá mesmo, num requinte de espírito humanitário, abandonar as armas de morte e destruição e transformar-se no elegantíssimo "scroc".

É o cangaceirismo evoluído, supercivilizado; a finalidade é a mesma: apoderar-se dos bens alheios contra a vontade do seu dono. Às vezes é um país inteiro que tal delibera. Superarma-se, provoca e agride. Os demais países silenciam, fazem que nada veem; são os "coiteiros" internacionais, agindo por medo, interesse ou comodismo.

A Abissínia e a China não serão os últimos a conhecer as consequências do lampionismo imperialista.

Homem, pensando bem, ainda são os cangaceiros primários, os nossos, os dos sertões nordestinos, os que menos sangue fazem correr e menos lágrimas fazem derramar, por este mundo afora...

*Excelsior* (RJ) – 15.09.1938

## A CABEÇA DO MORTO!

Mota Filho

Foi principalmente para que as cidades "acreditassem" que os policiais cortaram a cabeça do bandido Lampião e de alguns de seus sequazes. Foi, também, por esse mesmo motivo que os bandidos enviaram à cidade as cabeças de pobres vaqueiros do sertão. E todos vimos, pelos jornais, a fotografia grotesca das cabeças disformes, d'olhos parados e opacos, com a cabeleira dura e desordenada como raízes...

Vimos assim o desenrolar de uma luta brutal e emocionante, feita exclusivamente em homenagem à civilização. A degola não tomaria esse aspecto escandaloso se não fosse o desejo de ambas as partes em luta, de demonstrar à cidade, que o sertão continua sertão como antigamente e que, nas lutas que se fazem e se repetem, tem saído vitorioso, até agora, o sertanejo primitivo. Não vamos, porém, fazer agora avaliações. O sertanejo pode ser, antes de tudo, um forte; o civilizado pode ser, antes de tudo, um fraco. Mas as cabeças cortadas e assim expostas em um mesmo pé de igualdade, mostram que a cidade compreende e aceita ainda os processos sertanejos.

A prova de que morreram Lampião e seus cabras está na fotografia das cabeças hediondas que a cidade recebeu. A prova de que o bando de Lampião não se julga vencido é que enviou à cidade as cabeças de vaqueiros.

A cidade é que julga. Para as partes em luta, há uma sede primitiva de vingança, uma ferocidade selvagem, um desejo insólito de caçador atrás da caça, do perseguidor atrás do perseguido. Há o interesse policial, ditado pelo cumprimento do dever e inspirado no bem público.

Mas a cidade julgadora não vê senão o espetáculo, o sentido primitivo e esportivo do drama. Portanto não há uma diferença tão grande assim entre a cidade e a selva, entre o sertão e o litoral. Há ainda um sentido primordial da vida que os une. O homem civilizado jamais esquece o seu conteúdo primeiro e instintivo. Tem uma saudade atávica que o deixa, naturalmente, predisposto à revolta e ao desespero.

O sertanejo está com a natureza, donde veio. Cresce, como cresce uma árvore, luta como luta um jaguar. Ao passo que ele, o civilizado, cheio de preconceitos que a civilização criou, é cercado de forças que procuram destruir-lhes as últimas energias criadoras e espontâneas de seu espirito. Procura por isso a natureza, sonha com ela e descobre em si, principalmente nas horas de repouso, uma vocação sentimental para ser um selvagem.

A obra de Rousseau teve esse significado. A volta à natureza, o elogio ao homem selvagem são temas impostos pela situação do homem civilizado. Aquela Europa insuportável do século XVIII, insuportável pela sua superficialidade, pelo seu mundanismo enfático, anima as inteligências para um outro mundo, e esse é o mundo selvagem. A descoberta do índio sul-americano e a sua exposição em certos centros europeus causam grande sucesso. O homem civilizado vê a felicidade no selvagem. O rumo à natureza é a única orientação para salvar o homem dos males da civilização!

Por isso, hoje em dia, aos domingos e dias de folga, as cidades se esvaziam. E os que ficam na cidade vão para os parques e jardins e quedam-se felizes na contemplação dos grandes canteiros verdes e ondulantes, com árvores recurvadas e pernaltas escondidas entre as ramagens. Os pontilhões de cimento arma, imitando madeira tosca, ornamentados de parasitas, o repuxo cantante, as aves aquáticas coloridas, os veados tristes de olhos compridos, as pequenas caças ariscas – trazem uma sensação de repouso à alma agitada. O homem que está dentro daquela paisagem procurando aproximar-se dela o mais possível – é o homem que se separou da natureza e não sabe como integrar-se novamente em seu seio.

Pouco adiante estão as ruas asfaltadas, com automóveis em fila, com policiais e sinaleiros. As fábricas, com suas chaminés, as escolas com seus preconceitos, as igrejas com seus dogmas, os edifícios públicos com sua autoridade, os palácios com seus ricos, os casebres com seus pobres e os hospitais com seus doentes.

E esse homem tem assim um ponto comum com o homem sertanejo...

E assim quando as cabeças degoladas chegam na cidade enviadas pelo sertão – há, nesse gesto uma grotesca homenagem. E a cidade recebe e aceita a homenagem no seu aspecto bronco e cruel. É uma formula de entendimento. A língua comum reaparece sensacional.

Mas a cidade não só compreende a língua fúnebre que vem das distâncias, mas natural e explicável do sertão, num espetáculo desportivo.

As primeiras notícias foram evidentemente de vitórias simultâneas. As cabeças são como que as bolinhas de cor no quadro marcador do jogo de bilhar. E a luta prossegue, rompendo o silêncio do deserto, numa fúria devastadora sem limites. Incêndios e mortes, atos de crueldade e de ameaça. E o telégrafo tilintando, e os jornais noticiando em letras garrafais. Todas as atenções sobre a pista sertaneja. Quem vencerá? É o mesmo público que está no rádio, nas partidas esportivas sensacionais. O campeão está distendido no tablado sem se mover. O juiz está fazendo a contagem. Vai ser proclamado o novo campeão...

Mas aquelas cabeças eram de homens. Afinal de contas eram homens! A vingança não é deste século. E os evangelhos?...

E os evangelhos!... Ora, a vida é luta, luta de diversos feitios. Enfeitadas ou sem enfeites. Lutas por todos os preços. O mais é tolice! Em cada um de nós neste momento trepidante

que o mundo moderno oferece, há o homem lobo do homem. O bicho de garras escondidas, de dentuça escondida é que põe com satisfação a cabeça de fora, quando tem diante de si cabeças humanas expostas como homenagem à civilização!

*Diário de Notícias* (RJ) – 18.09.1938

## FOLCLORE

Gondim Fonseca

O folclore brasileiro anda muito desaproveitado. É uma seara imensa onde por vezes um ou outro curioso respiga meia dúzia de quadras e vai-se embora contando vantagens (tal o senhor Roquete Pinto) mas deixando ficar o resto.

Eu bem sei que não é possível é um sujeito qualquer sair do Rio e bater esses sertões colecionando lendas e cantigas, a menos que seja milionário. Sucede, porém, que se for milionário, fica-se ninando para a literatura: o máximo que pode fazer é descobrir a cura do câncer, como o estudioso (de *stud*) Sr. Lineu de Paula Machado pretende ter descoberto... O meu excelente amigo Carlos Botelho, que levou anos investigando o assunto com perda do seu sossego e da sua fazenda, precisa de ouvir as lições desse palafrem de Esculápio se deseja afastar para longe e para sempre qualquer tristeza ou qualquer sintoma biliar de hipocondria.

A coleção sistemática do folclore nacional só poderá ser empreendida com auxílio do governo, mais isso no dia em que o governo se convencer de que dinheiro foi feito para se gastar e que não é com dez contos, ou com vinte, que se constrói arranha-céus. Um dos maiores crimes da nossa nacionalidade foi destruir grande número de nações índias do Brasil sem recolher uma letra do seu cabedal de cultura.

– O senhor ignora os trabalhos de Couto de Magalhães. Ignora o dicionário de Gonçalves Dias. Ignora...

– Que o senhor é um sábio, Sr. Roquete Pinto. De fato, ignoro isso. O que eu disse foi que diversas nações índias desapareceram sem que recolhêssemos o seu folclore. O trabalho de Couto de Magalhães é notável, o dos antigos jesuítas mais notável ainda – porém não houve sistematização de coleta. E várias línguas indígenas existem em nossa terra que nenhum brasileiro civilizado conhece.

– Nem o Rondon?

– Nem o Rondon.

Uma das provas de enorme vitalidade poética do nosso povo está nas cantigas com que ingenuamente comenta, ainda, os feitos dos seus heróis. Lampião, no Nordeste, é um herói. Algumas composições com que o povo lhe celebra os feitos são verdadeiras canções de gesta:

*Onde mora Lampião*
*Os bicho fica valente:*
*Macaco briga de foice,*
*Carneiro ataca de frente!*

*Ei! muié rendera!*
*Ei! muié renda!*
*É Lampa, é Lampa, é Lampa,*
*É Lampa, é Lampião,*
*É Lampa, é Lampa, é Lampa,*
*É Lampa, é Lampião!*

*Minha mãe me dê dinheiro,*
*Pra eu comprá um cinturão,*
*Um rifle e uma cartucheira*
*E ir briga mais Lampião!*

Essa exaltação popular do cangaceiro traduz, no fundo, um sentimento de revolta dos humildes contra a prepotência de que são vítimas por parte das classes de colarinho. Não há cantiga de folclore que celebre a coragem dos *volantes*. Pelo contrário. Diz o povo:

*O tenente Zé Bezerra*
*Fugiu como boi ladrão*
*Com medo da pontaria*
*Do rifle de Lampião.*

*Ei! muié rendera*
*ei! muié rendá!*
*chorou por mim não fica,*
*soluçou vai no borná.*

*As moça de Cajazeira*
*são bonita e tem ação:*
*botam queijo e rapadura*
*no borná de Lampião.*

Lampião roubava, mas com certa dignidade: arriscando a pele. Isso não é tão criminoso assim. Admite-se. E longe de condenar o povo que o exalta, eu o louvo. Condená-lo-ia se ele fizesse cantigas em louvor do Numa de Oliveira, do Lineu de Paula Machado ou do Moleque Tobias. Aí sim. Aí seriamos, de fato, um país em decomposição!

*Correio da Manhã* (RJ) – 07.10.1938

## O VENCEDOR DE LAMPIÃO

O bravo capitão Bezerra chegou e deu entrevistas. Mas ninguém foi espera-lo a bordo, além de parentes e conhecidos. Onde estava a multidão carioca, onde andavam as massas cívicas que não foram saudar o herói? É notável essa frieza, essa falta de curiosidade em torno de uma figura tão importante.

Pois não apontavam por aí como grande herói nacional o homem que matou o bando de Lampião? Não houve jornais que endeusaram o capitão Bezerra, apresentando-o aos povos como benfeitor da Pátria?

A indiferença do nosso público pode ser explicada pelo fato do herói ter chegado um pouco tarde. A onda de sensacionalismo, que se empinou, espumejante de adjetivos espantosos, pelas "manchetes" vespertinas, já se reduziu a uma débil marola de uma ou duas colunas minguadas. O capitão chegou atrasado. O herói do dia é Sr. Hitler, cortando um pedaço da Tchecoslováquia...

No mesmo dia – ontem – em que o capitão Bezerra afirmar, com uma certa pobreza de imaginação, que dentro de um ano o cangaço estará acabado no Nordeste, os jornais dão notícias de novas proezas de "Corisco".

Este nosso patrício acaba de saquear calmamente os passageiros de um ônibus – ou, como se diz no Nordeste, uma "sopa" – que se dirigia a Palmeira dos Índios, em Alagoas. Naturalmente isso aconteceu pelo fato do capitão Bezerra estar por aqui, em passeio, exibindo o seu heroísmo. Ou talvez Corisco esteja fazendo por uma das entrevistas do bravo capitão, de que o cangaço vai acabar no ano que vem tenha resolvido, aproveitar o tempo...

De qualquer modo, é notável e significativo o desinteresse popular por essa figura de herói policial. Todos sentem que, afinal de contas, não se resolve um problema social cortando dez ou vinte cabeças...

*O Imparcial* (RJ) – 08.10.1938

## O QUE SE ESCREVEU SOBRE LAMPIÃO

Alvarus de Oliveira

Muito se escreveu sobre Lampião, o cangaceiro que a polícia nortista matou e tirou a cabeça. Sobre a ação hedionda de cortar a cabeça dos bandidos – e a fotografia correu mundo sendo quase um símbolo do Brasil, quase mais conhecido e mais divulgado que o Pão de Açúcar, foi a maior prova de barbarismo, foi o reflexo – lá fora pelo menos não devem ter compreendido assim – irreal da alma brasileira. Não sabemos mesmo como se teve coragem para tanto. Mas é caso consumado, não para os cangaceiros que terão de se vingar mais ainda do revês obtido.

Bastante se escreveu. Comparou-se até a Napoleão o bandoleiro que deixou nome na história. Muito jogador de futebol ficou com inveja de tanta publicidade. Muito literato ficou

com raiva de não ter sido bandoleiro, pois só assim a imprensa falaria mais deles e seus livros teriam a saída esgotada como se esgotaram as fotografias de Lampião vendidas pelos engraxates da cidade.

E nós ficamos, à margem, observando, lendo avidamente tudo que se diz sobre o bandoleiro que deixou de existir.

O problema do cangaceirismo? Pensamos como os que disseram que é questão de terreno. Áspera, seca, ingrata, a terra do Nordeste nada produz, nada. Obriga o caboclo a roubar, para viver. Roubando é obrigado a defender-se da Justiça. Defende-se da Justiça e é obrigado a matar. Matando torna-se bandido. É esta a trajetória para o banditismo.

De que maneira se pode combater o banditismo no Nordeste? Pelas armas, cortando-se cabeças? Não. Estamos com os que disseram que o sertão precisa mais de um general Rondon que catequize os bandidos como o fez aos índios. Agora mesmo no caso das "Bandeiras" que queriam domesticar os índios Xavantes à bala, o mesmo valoroso militar fez retroceder a turba sensacionalista, defendendo os índios. O mesmo dever-se-ia fazer com referência ao cangaceirismo.

Esta a ideia que formamos em torno do assunto.

Mas com referência às páginas que se escreveram sobre o caso coube a coroa de louros a Costa Rego. Pincelada de ouro. Pequeno artigo, sintético, mas feito numa hora de boa inspiração. Que página magnífica! Digna de figurar em qualquer antologia. Nunca lemos coisa tão boa de Costa Rego. Ficamos encantados. Guardamos sua crônica e quase a decoramos de tão bela e real. Não cremos que o redator-chefe do *Correio da Manhã* possa escrever tão cedo tão formosa página. Nós que temos estado contra o ilustre jornalista com referência a algumas de suas ideias, mas que o tem aplaudido quando a isso faz jus, não o deixando de ler nunca, temos, porém, imenso prazer em recomendar aos que amam as belas letras que procurem ler o que Costa Rego escreveu sobre Lampião.

E que se inscreva nas próximas edições de nossas antologias aquela página que é magnífica de beleza e de sinceridade!

*Sergipe-Jornal* (SE) – 15.10.1938

## CABEÇAS

Graciliano Ramos

(*Copyright* da Imprensa Brasileira Reunidas Ltda. Exclusividade do Estado de Sergipe para o Correio de Aracaju)

Quando, há algum tempo, o tenente Bezerra deu cabo de Lampião e se dirigiu triunfante a Maceió, conduzindo uma bela coleção de cabeças, os sertanejos de Santana do Ipanema receberam-no com festas – e o herói fez um discurso. Os jornais não publicaram essa oração noticiada nos telegramas: sabemos, porém, que o bravo oficial declarou o cangaço definitivamente morto, juízo imprudente que não devia ser transmitido.

Temos aí um sinal da trapalhada, da confusão reinante, confusão que a imprensa agrava de maneira insensata.

Um jornalista meu amigo foi há dias entrevistar certa moça que de um momento para outro se havia tornado notável, em consequência de um concurso de beleza, creio eu. Palestrou com ela meia hora e, feitas várias perguntas bastante indiscretas, pediu-lhe que se manifestasse a respeito de literatura. Pegada de surpresa, a mulherzinha falou sem entusiasmo da *Escrava Isaura*, mas viu numa revista a sua resposta aumentada com uma lista de romances desconhecidos, que naturalmente comprou depois e leu, cochilando e bocejando, para se armar contra novo assalto.

Desse modo se organizam muitas reputações.

Longe de mim a ideia de censurar o meu amigo jornalista e a população de Santana do Ipanema, que aclamou o tenente. O repórter não tinha motivo para julgar a moça do concurso ignorante de letras, embora fosse mais razoável interrogá-la sobre pó-de-arroz, creme, ruge e outros ingredientes necessários à beleza.

Também não podemos considerar o tenente Bezerra incapaz de improvisar discursos decentes. É possível até que ele seja um ótimo orador: tem boa figura, voz agradável, sorri mostrando um dente de ouro que lhe enfeita a boca. Com essas qualidades ele pode ter-se exercitado em deitar falações patrióticas aos camaradas nas horas que lhe deixaram os trabalhos da caserna. É licito, porém, recear que o valente oficial não se tenha especializado nisso e que a sua arenga haja falhado. Pelas notícias aqui recebidas, sabemos que o tenente Bezerra maneja com proficiência a metralhadora e é perito na arte de cortar cabeças, coisas na verdade bem diferentes. Em Alagoas, como em outros lugares, há uma quantidade regular de homens loquazes que falam horas sem dizer nada, mas nenhum deles se aventura a mergulhar no sertão e armar emboscadas com o auxílio de coiteiros, negócio perigoso; nenhum aspirou à honra de decapitar o próximo. Por que então o brioso agente da ordem gasta energia numa concorrência desleal, quando melhor seria dedicar-se inteiramente à sua profissão? Talvez o tenente Bezerra ainda precise cortar muitas cabeças, que serão medidas cuidadosamente, como as onze da primeira série. O seu prestígio crescerá, o tenente Bezerra, que já é grande, ficará enorme.

O discurso é que destoa, enxergamos nele uma espécie de justificação, como nos conceitos literários da moça.

Na opinião de alguns leitores exigentes, o concurso de beleza era uma tolice. Mas conversar com a mulher e habilmente nos insinuar que ela se tornou interessante, não apenas por ter bonitos olhos e pernas bem feitas, mas por conhecer os romances do senhor José Lins do

Rego. É uma satisfação ao público, a uma parte muito reduzida do público.

Por outro lado, existem pessoas demasiado sensíveis que estremecem vendo a fotografia de cabeças fora dos corpos. Essas pessoas necessitam uma explicação. Cortar cabeças nem sempre é barbaridade. Cortá-las no interior da África, e sem discurso, é barbaridade, naturalmente; mas com discurso, não é barbaridade. O discurso nos aproxima da Alemanha. Claro que ainda precisamos andar um pouco para chegar lá, mas vamos progredindo, não somos bárbaros, graças a Deus.

*Correio de Aracaju* (SE) – 24.10.1938

## MARIA BONITA

Ângelo Cibela

Há gestos marcantes que definem a beleza espiritual da Vida.

E, contrapondo-se ao conceito geral, há atitudes que possuem a força maga de produzir milagres.

A própria psicologia profunda imerge ante as renovações constantes da vida.

Maria Bonita, no gesto louvo de defesa de seu amado, produziu o milagre da transfiguração do espírito sobre a matéria.

O seu gesto urdiu um poema de encantamentos e um cântico aos imperativos do coração.

Se o seu gesto heroico fosse marmorizado, Rodim, o gigante da escultura, ao certo, teria revelado a sua obra-prima.

Nem os fenômenos dramáticos da miséria social conseguem obumbrar o gesto de Maria Bonita que, na sublimidade intencional de seu amor, superou em relevo e importância a história amorosa de Balzac, Dumas e outros.

Ressurreição admirável em que a fera se transforma e assinala a sensibilidade dos grandes corações.

Salomão em seus cânticos disse que "o amor é mais forte do que a morte".

O seu amado era o seu amor e a morte cedeu o seu trono à glorificação de u'a força maior.

Se Stendal e Ingenieros tentassem compreender esse traço vertiginoso de beleza ante a policromia adusta de um cenário selvagem, ao certo a "cristalização do amor" teria outros foros e as cartas desapareciam ante a igualdade fundamental das manifestações humanas.

E Maria Bonita teve a máxima ventura, rara aos amantes, de alar o seu espírito para as alturas de mãos dadas com o seu companheiro, razão única de seu viver.

E – senhores meus meus – isolando isolando o fato, circunscrevendo-o à análise psico-

lógica do amor, sejamos cavalheiros e no longo gesto medieval, saudemos Maria Bonita como o símbolo agreste do sacrifício.

Ela, Maria Bonita, é a encarnação admirável do amor que não conhece fronteiras e nem decálogos.

Mais forte do que a morte, esculpiu sua própria eternidade, testando à posteridade um traço luminoso de excepcional beleza.

*Correio de Aracaju* (SE) – 27.10.1938

## A GESTA DE LAMPIÃO

Leonardo Mota

Virgulino Ferreira da Silva foi o cangaceiro, não que mais gastou, mas que mais fez gastar tinta e papel nestes Brasis.

Realmente, aos jornais e à literatura, quer de cordel, quer de montra de livraria, Lampião deu que falar, como nenhum dos seus tristemente famosos predecessores.

Mesmo à imprensa estrangeira não era estranha a sinistra biografia do cabrocha que foi o Diabo do Nordeste Brasileiro.

Dois dias após o malogro do 'capitão' junto às margens do S. Francisco, *PARIS-SOIR* noticiava-lhe a morte, com luxos de detalhes sobre a vida.

Nos Anais do Congresso Nacional há discursos sobre Virgulino, o qual até chegou a ser filmado em companhia de sua Maria Bonita e de sua feia, mas aguerrida cabroeira.

Ranulfo Prata, Vergne de Abreu, Gustavo Barroso e muitos outros escritores lhe consagraram páginas, ao longo de seu nefasto império de sanguinário demiurgo sertanejo.

Mais, entretanto que a pena dos homens de letras, ele fez vibrar a viola dos cantadores populares. Mesmo com rigor de seleção, dariam para formar alentado volume as rimas que Lampião inspirou e continua a inspirar, depois de defunto.

Já em Alagoas, o talentoso e guapo folclorista Aluísio Vilela começa a revelar os versos com que os repentistas do seu Estado descrevem a chacina de negócios e descantam a desopressão da gente matuta ante o extermínio do bandoleiro de execranda memória.

São estrofes do Manoel Nenê, da Viçosa alagoana:

*Lampião morreu, agora*
*Não faz mais mal a ninguém,*
*Porque quem morre não volta,*
*Cá nesta terra não vem,*
*Deixou o sertão em paz...*
*Senhores, meus parabéns!*

*Lampião era um sujeito*
*Que lançava desafio,*
*Queria botar soldado*
*Toda hora no desvio,*
*Porém caiu dum oiteiro,*
*Pegou fogo o candeeiro,*
*Queimou-se gás e pavio...*

Narra Aluísio Vilela que, havendo dado a Manoel Nenê o mote APAGARAM LAMPIÃO, teve este, entre outras, as seguintes glosas:

*De muitos anos atrás,*
*Que o nosso sertão sofria*
*De uma fera bravia.*
*Com os seus leões voraz!*
*Tirou do sertão a paz,*
*Plantou a conflagração,*
*Estragou todo o sertão*
*Esta fera horrenda e bruta...*
*Com vinte anos de luta*
*"Apagaram Lampião"!*

*O Lampião se acendeu,*
*Todo o sertão pegou fogo,*
*Outro mais terrível jogo*
*Nunca houve igual ao seu!*
*Dizem que agora morreu,*
*Pro bem da população,*
*Findou-se aquele dragão*
*Pela força alagoana,*
*Graças à mão soberana*
*"Apagaram Lampião".*

*Chegou muitos telegramas*
*Contando esses ocorridos,*
*Lampião com seus bandidos*
*Perderam as vidas e as famas!*

*Findou-se a conspiração,*
*Haja festa no sertão,*
*Dê viva todas pessoas,*
*Que a polícia de Alagoas*
*"Apagou o Lampião".*

*Lá no Estado de Sergipe*

*Ele sempre se escondia,*
*Mas, quando Deus quer, um dia,*
*Não há mal que não dissipe...*
*Quem souber, me participe*
*Como apagaram o vulcão,*
*Se foi Deus, com sua mão,*
*Que mandou esta trovoada*
*Com uma chuva de rajada*
*"Apagar o Lampião"!*

*Eu agora estou ciente*
*Que isto foi por Deus mandado*
*Os anjos, em vez de soldado,*
*Um santo, em vez de tenente,*
*Agarraram ele de frente*
*Sem ter dele compaixão,*
*Raio, corisco e trovão,*
*Fuzilaria e rajada,*
*Nesta horrenda trovoada*
*"Apagaram Lampião"!*

*Nunca mais há de acender*
*O tal Lampião falado!*
*Na capital do Estado*
*Sua cabeça se vê,*
*P'ra o governo conhecer*
*Sua terrível feição*
*E dizer: – Este é o dragão*
*Forte, cruel e valente,*
*Porém, mandei minha gente*
*"E apagaram Lampião!"*

Há precisamente dez anos quando publiquei meu livro *SERTÃO ALEGRE*, mostrei ser a cantiga estribilhada pelo "É lampa, é lampa..." O hino de guerra de Lampião e seus sequazes. A "Muié Rendeira" era, porém, a toada preferida pelos perseguidores do grupo facinoroso.

São quadras cantaroláveis na música do "É lampa, é lampa..." entre as muitas de minha coletânea:

*Minha mãe, me dê dinheiro*
*Pr'eu comprar um cinturão,*
*Que a vida melhor do mundo*
*É andar mais Lampião.*

*Minha mãe, me dê dinheiro*
*Pr'eu comprar um cinturão,*

*P'ra botar uma cartucheira,*
*P'ra brigar mais Lampião.*

*Minha mãe, me dê dinheiro*
*Pr'eu comprar um caminhão,*
*P'ra encher de moça bonita*
*E mandar p'ra Lampião.*

*A mulher de Lampião*
*Quase morre de uma dor*
*Porque não fez um vestido*
*Da fumaça do vapor.*

*Estas moças sertanejas*
*Têm corage e têm ação:*
*Botam queijo e rapadura*
*No bornal de Lampião.*

*Lá vem um carro zoando*
*Com quatro rodas no chão,*
*Traz Chumbinho, traz Sabino,*
*Antônio Ferreira e Lampião.*

*Da Lagoinha ao Baixio,*
*Tem um menino pagão:*
*O povo já está dizendo*
*Que é filho de Lampião...*

A essas e às demais estrofes por mim coligidas, devem ser adicionadas as subsequentes, reveladas em primeira mão por Aluísio Vilela, todas entoáveis na conformidade rítmica do "É lampa, é lampa...":

*O chapéu de Lampião*
*É bonito, é enfeitado:*
*Tem prata de toda banda*
*Tem ouro de todo lado.*

*O rifle de Lampião*
*É, na verdade, um tesouro:*
*O cano é todo de prata*
*E a coronha é de ouro.*

*Lampião é rapaz moço,*
*Pode ter vinte e um ano,*

*Tem cartucheira de prata*
*E um rifle americano.*

*Lampião é homem rico,*
*Tem dinheiro com fartura;*
*No lugar onde ele passa,*
*Dá esmola e faz figura.*

*A mulher de Lampião*
*É danada pra luxá,*
*Perfume de toda casta*
*Tem dentro do seu borná.*

*A mulher de Lampião*
*É faceira e é bonita:*
*Cada cacho de cabelo*
*Tem cinco laço de fita.*

*Mulher de Lampião*
*Teve dois Lampiãozinho,*
*Sendo um macho e outro feme*
*Todos dois engraçadinho.*

*O rio de S. Francisco,*
*No seu mais fundo lugar,*
*Se abre em toda largura*
*Para Lampião passar.*

*Lampião, no S. Francisco*
*Atravessa aonde qué:*
*A piranha cai o dente,*
*Perde a força o jacaré.*

O ilustre sociólogo Artur Ramos, em *O FOLCLORE DO S. FRANCISCO* publicado na *REVISTA DO BRASIL*, refere haver ouvido, a bordo do paquete fluvial Saldanha Marinho, o violeiro cego Manoel Antônio e mais "um caboclo de voz pastosa", os quais, vez por outra, embarafustando pelo cangaço, cantavam coisas assim:

*Lampião é rapaz novo*
*Mas tá feito no serviço,*
*As bala do rifle dele*
*Só respeita o padre Cisso,*

*Lampião tava dormindo,*
*Acordou com dor de dente,*
*Atirou numa braúna,*

*Pensando que era o Tenente.*
*Os cabelo de Lampião*
*Só dá cacho quando qué:*
*Quem tivé inveja dele*
*Faça cacho de papé.*

Veja-se como as trovas emigram. Há um decênio, eu publicava:

*Tenente Mané Binisso*
*Já pediu a demissão,*
*Com medo da pontaria*
*Do rifle de Lampião.*

Lê-se agora, na silva do professor Artur Ramos:

*O major Hercílio Gordo*
*Já pediu sua demissão*
*Teve medo da fumaça*
*Do rifle de Lampião.*

As quadrinhas até agora citadas glorificam o destronado Rei do Cangaço e merecem incluídas o "É lampa, é lampa...". Mas, as da "Muié rendeira", 'ad usum' de quem porfiava em dar cabo do grande celerado, não tinham nada de simpáticas para o vândalo matuto:

*O bandido Lampião*
*Mais a sua cabroeira*
*Não entra na Paraíba,*
*Com medo de Zé Pereira.*

*Lampião, eu só carrego,*
*Eu só tenho p'ra lhe dá*
*É a bala do meu rifle*
*E a ponta do meu punhá.*

*Aconteça o que quisé,*
*Nossas costas tu não vê!*
*Morre quatro e chega cinco*
*É mesmo que não morrê.*

*Ô muié rendeira,*
*Ô Muié rendá,*
*Me ensina a fazê renda,*
*Que eu lhe ensino a guerreá!*

Quem, um dia, se propuser a escrever a gesta de Lampião, não esqueça as biografias verificadas que dele compuseram, entre outros, José Cordeiro, João Martins de Ataíde e José Adão Filho.

Uma reivindicação pleiteio, e não é *pro domo mea*.

Coube ao jornalista paraibano Érico de Almeida a primazia de ser o primeiro intelectual a escrever sobre Lampião. Fê-lo em livro de mais de cem páginas, valioso documentário dos começos da existência andeja de Virgulino.

*A Noite* (RJ) – 30.10.1938

## O CANGAÇO EM DELÍQUIO

O homem é fruto do meio. De sorte que o homem vive, age, pensa segundo as influências mesológicas. Mas, no próprio meio o homem se modifica – lentamente ou de súbito, segundo se modifica o meio em que vive.

Um dos elementos preponderantes dessa modificação é o jornal.

Esse caso dos cangaceiros do Norte é típico. Antônio Silvino e Lampião foram os paradigmas do cangaço – isto é, esses dois homens perigosos se tornaram quase legendários, porque os jornais fizeram deles expoentes de uma ação ao mesmo tempo dissolvente e prestigiosa, criando em torno dessas figuras um verdadeiro romance de aventuras.

Silvino, preso, condenado, saiu da prisão já velho, mas com certa arrogância do cangaceiro aposentado, exigindo do governo que lhe dê um emprego – e não aceita senão o mínimo de um conto de réis de vencimentos.

Por que isso? Porque os jornais – como se tratasse de um benemérito da sociedade – lhe deram guarida, recebendo-o no cais, entrevistando-o e dando destaque à sua fotografia. Tudo isso porque o homem tinha sido um bandido e deixou de ser por circunstâncias independentes de sua vontade.

Lampião foi menos nocivo – menos nocivo porque, tendo praticado o banditismo como o seu antecessor, não logrou a vida de um egresso mimado e acarinhado pela imprensa, porque encerrou com a morte os dias trágicos de sua existência. Teve, entretanto, um necrológio tão romanesco com a velhice desfrutável e truculenta de Antônio Silvino.

Mas, o terceiro chefe cangaceiro chegado à notoriedade, Corisco veio para nos fazer a obra social de desmoralizar a estirpe.

Modificada a atitude da imprensa em relação ao banditismo, o meio se modificou de tal modo que os homens do cangaço, sem o apoio moral da publicidade simpática, sentiram que lhes faltava o terreno para a continuação da vida nômade e perigosa – e começam a entregar-se às autoridades do sertão, vendo nisto o melhor meio de conservar a carcaça.

Assim, os cangaceiros vão se apresentando, DEPONDO AS ARMAS, como se diria em linguagem militar.

Resta agora, para fecho cômico desse drama sinistro que viveu tantos anos o sertão nor-

destino, a declaração de um êmulo de Corisco, ainda foragido. Corisco – disse o companheiro – o valente, o destemido, o sanguinário degolador de velhos e crianças, o arrojado, o audacioso assaltante de propriedades agrícolas, Corisco apanha de mulheres!

Será o calcanhar de Aquiles, o ponto vulnerável na alma dos grandes homens? – Como Napoleão tinha medo de aranha e Frederico o Grande não dormia no escuro?

Nada disso... Corisco apanha da mulher porque a mulher, conhecendo-lhe as fraquezas, sabe que é mais forte do que ele. Demais, Corisco não pode ser comparado aos grandes homens.

A rapina – que foi até agora a sua profissão – só dá foros de uma ação superior quando exercida contra nações e não contra fazendeiros. – J. C.

*Correio Paulistano* (SP) – 16.11.1938

**TRISTE FIM...**

Ricardo Pinto

Um telegrama procedente de Alagoas, já largamente divulgado pela imprensa, informa que o bandido "Corisco", substituto presuntivo do falecido "Lampião", no reinado sinistro do cangaço, está disposto a entregar-se às autoridades policiais do município de Palmeira dos Índios, mediante garantias de vida, apenas. Este é de certo o último titular das caatingas nordestinas que falta renunciar espontaneamente à vida aventurosa. Todos os outros remanescentes da quadrilha feroz que manteve o sertão em pânico durante tantos anos já se renderam. Renderam-se, aliás, sem bravura nenhuma: covardemente, até. Quando, três dias depois da morte de "Lampião", em Angicos, "Corisco" assaltou a fazenda de Patos, assassinou a família inteira de um vaqueiro e remeteu ao tenente Bezerra as cabeças decepadas, ainda pingando sangue, todo mundo pensou, é claro, que a luta ia recomeçar imediatamente. De fato começaram, porém, as deserções. Os bandoleiros, desarticulados pelo terror, foram surgindo da espessura da selva, de armas arriadas, humildemente. "Corisco" foi o único que tentou subsistir. Consumada a represália, represália que festejou com cantorias e danças, a noite toda, embrenhou-se novamente no mato, seguido de quatro ou cinco cabras recrutas, ainda sem nome no cartaz do crime. Mas já não era o mesmo "Corisco" afoito e cruel, que o próprio "Lampião", dizem, respeitava. Perdera completamente o penacho. De vez em quanto a sua passagem era assinalada, ora aqui, ora ali, sempre em correrias desenfreadas. Penetrava nas fazendas, para trocar de montaria, e partia depressa, sem nada roubar, nem depredar. Parecia "Corisco" regenerado, se não mostrasse as cartucheiras cheias. Um dia, porém, a polícia prendeu "Bolão". Levou-o para o quartel mais próximo, onde teve preliminarmente de tomar banho e cortar a gaforinha piolhenta. Ouvido, mais tarde, comentou, então: "Corisco" é valente mas gosta, demais, da pinga. E quando se emborracha, Dadá, que é uma cabrocha muito assanhada, dá-lhe surras tre-

mendas. Será pegado, muito breve, porque se arrisca muito". Mais ou menos por essa época, o tenente Bezerra, já capitão, nas férias merecidíssimas no Rio, dizia aos jornalistas, conversando: "O cangaço morreu com "Lampião". Só "Lampião", pela idolatria supersticiosa que (...), era capaz de manter a disciplina e o ânimo, entre os cangaceiros. Porque é preciso acabar com a lenda de coragem desses homens. Ao contrário, são covardíssimos. Combato-os há muitos anos e sei. Aceitam a luta quando não podem evita-la. Os soldados nordestinos empregam as armas de fogo à distância. Uma vez perto, atiram os fuzis ao chão, e arrancam as facas, para a luta corpo a corpo. Pois bem: nessa hora de luta igual, de homem a homem, não há cangaceiro que não fuja, espavorido. Pode haver prova maior de covardia? Já procuraram semelhanças entre os chamados "bandidos de honra", que infestavam a Córsega, a ponto de tornar inacessíveis as suas montanhas, e os nossos broncos e sujos salteadores sertanejos, pobres diabos sem taras, sequer, de degenerescência. Não existe semelhança alguma, porém. Spada ou Bartolli não podem ser comparados a "Lampião" ou "Corisco", porque nunca foram bandidos, propriamente, e sim rebelados contra a lei. Antônio Silvino foi o único "bandido de honra" que tivemos. "Lampião", está provado, apenas resistia à perseguição policial porque aliava, ao conhecimento instintivo dos mais escusos recessos topográficos da extensa zona onde operava, uma prudência astuciosa e quase timorata. Não era homem de audácia pessoal. De resto, no momento em que se viu atacado, em Angicos, ao invés de tentar reagir, com valentia, procurou escapar. Caiu, morto, quando fugia. "Corisco" é sem dúvida mais audacioso e atirado. Se gosta tanto de beber, quem nos garante, porém, que não seja sob o efeito do álcool que pratica as suas façanhas sensacionais? Aquele detalhe das surras tremendas que lhe aplicava a cabrocha Dadá, quando ele se emborrachava, é precioso. Já agora não me surpreenderia, se soubesse, amanhã, que, tendo sido preso, estava, na cadeia, aprendendo a fazer crochê...

*Diário de Notícias* (RJ) – 04.12.1938

## LAMPIÃO, O REI DO CANGAÇO

Carlos de Mecejana

A IMPRENSA BRASILEIRA jamais descreveu, com fidelidade que deve inspirar a divulgação dos grandes dramas regionais, a vida nômade tormentosa de VIRGULINO FERREIRA DA SILVA, abatido quando, nos esconderijos de pedra que singularizam os soberbos barrancos do rio São Francisco, bravamente tentava resistir ao cerco astucioso com que um capitão de Milícias lhe surpreendera a proverbial sagacidade.

LAMPIÃO, o nome de guerra do indomável Rei dos Cangaceiros, nunca foi objeto, em vida, de uma crônica fiel, verídica, humana e imparcial.

Jamais a verdade, na sua nudez emocionante, inspirou aqueles que tentaram traçar a sua biografia comovente, os seus atentados mais nefandos, as suas mais hediondas investidas con-

tra o direito e a moral, e – por que não dizê-lo? – os seus surpreendentes rasgos de dignidade cristã e cavalheirismo medieval.

Nem mesmo o troveiro do Sertão, filho das mesmas entranhas mesológicas, seu irmão romântico e místico, nem mesmo este sonoro intérprete do sofrimento sertanejo, conseguiu, em seus desafios, defini-lo na rusticidade do seu doloroso realismo humano.

As suas trovas sempre o transfiguraram, através das brumas do misticismo indígena, em um Caramuru mais diabólico, de "corpo à prova de bala".

Presunçosos folcloristas, que jamais transpuseram o comodismo da vida urbana, sempre desfiguraram, com as tintas berrantes da sua fantasia cabotina, a verdadeira personalidade do autêntico sertanejo que foi o amante de MARIA BONITA.

Assim, cronistas, troveiros, folcloristas, todos porfiaram em pintar-lhe alegoricamente a vida errante e perigosa, no clássico empenho de vesti-la com o manto da fantasia, sem a conhecida diafaneidade da definição do grande EÇA DE QUEIROZ.

O meio tem, inegavelmente, as características fisiológicas das entranhas maternas: geram a personalidade humana.

Essa asserção não se reduz a uma simples definição literária da natureza geratriz do ambiente.

Desde o alvorecer do século XIX que se procura provar a aproximação entre as ciências naturais e sociais, às quais se atribui identidade de métodos e de leis.

Taine, o insigne pensador francês, levou o seu naturalismo ao extremo de afirmar haver analisado a Revolução Francesa com as precauções do naturalista, encarando o grande drama libertário como o entomologista estuda a metamorfose de um inseto.

Só os métodos e as leis biológicas explicam os fenômenos sociais.

À luz desse critério científico, Lampião é um filho legítimo do Sertão, herdeiro das suas características étnicas, representante nato da sua gente mística e brava.

Onde quer que desapareça o poder coativo do Estado, a sua assistência educacional e repressiva, o seu senso jurídico da ordem, o homem retrocede às etapas primordiais, inexoravelmente submetido aos imperativos mesológicos.

É de justiça, pois, definir "Lampião" como uma reação heroica e terrível do nosso imenso *hinterland*, a exigir de todos os brasileiros de boa vontade uma campanha nacional de humanidade e de luz, que conduza por todo o território do Brasil o facho redentor da civilização cristã.

Excluir Lampião do seu habitat é vulgariza-lo. É reduzir-lhe a personalidade máscula às proporções triviais de um criminoso comum, para comprimi-lo numa cela da criminologia moderna.

No quadro trágico da vida sertaneja Lampião é uma síntese, um símbolo, uma bandeira.

Síntese da primitividade ambiente. Símbolo da energia indomável da gente sertaneja. Bandeira de vindita heroicamente alçada contra as arbitrariedades com que os representantes do governo cavam, na desolação do *hinterland* nordestino, a sua própria desmoralização.

---

Março de 1926. Gameleira, pequeno arraial incrustado na serra do Araripe, apresenta-se clara e jovial, como um sorriso gentil da montanha hospitaleira à imprevista chegada da tropa. São 158 soldados de Exército, pertencentes ao 23º Batalhão de Caçadores.

Lá em baixo, a planície se desdobra, verde e ondulante como um oceano, das faldas sombrias da Serra até os confins do panorama imenso, onde se confunde com o céu azul, muito

azul.

Suave brisa vespertina espalha pelo campo o perfume agreste do umbu, olor selvagem que se dilui no cheiro gostoso da "carne do sol" estendida sobre grelha fumegante.

Alojada em casarão de barro vermelho, a soldadesca depôs as suas armas sobre as pontas eriçadas dos varais desnudos da tosca construção.

Adiante, irrompendo entre grandes pedras luzentes ao sol, clara e sonora cascata, despenha-se ansiosamente, como dominada pelo afã de orquestrar, nos estrépitos da sua sonoridade reboante, todas as vozes ingênuas da Natureza: os cantos dos pássaros, os murmúrios dos rios, os queixumes das fontes, o cicio das árvores, o ulular das feras, o fragor das tempestades.

À margem da estrada, a cem metros do rústico quartel, três cruzes interrompem a inesperadamente alegria da paisagem assinalando o local onde tombaram três policiais em combate cruento com os cangaceiros de Luiz Padre.

Zé Victor, cabo da Companhia de Metralhadoras, não se contém, na imensa saudade que o atormenta, e dedilha o teclado de uma harmônica, que se desdobra em suaves curvas de alta sonoridade, para depois minguar, gemendo, soluçando, chorando, como se Victor tivesse entre as mãos crispadas seu dorido coração a cantar.

O Sol, o velho Astro-Rei, recolhe-se ao seu castelo de ouro e púrpura, mas ainda desfere, pelo céu sombrio, os seus últimos raios – esguias lanças doiradas com que ameaça a noite, que se aproxima.

Debruçados sobre o mapa de Pernambuco, estabelecíamos o itinerário para a marcha no dia seguinte.

Súbito, surge do seio escuro da mataria um bando de homens fardados de mescla, tendo à frente um tipo forte de caboclo, que ostenta sobre os ombros vários galões negros.

Este personagem, que parece o chefe, aproxima-se desembaraçadamente do nosso acantonamento e apresenta-se:

– Sou VIRGULINO FERREIRA DA SILVA, o Lampião.

Sentimos indizível sensação de surpresa.

A presença de Virgulino foi o desencanto do sertanejo. Tivemos a sensação de um trágico sonho desfeito.

De fato, conhecíamos Lampião através do misticismo sertanejo e da fantasia literária. Consequentemente, deturpado por esse pendor inato ao homem de fugir à realidade, cobrindo-a com o manto diáfano da imaginação.

Ali estava, porém, aquela personagem hedionda da imensa tragédia que é a vida sertaneja, onde o poder coativo do Estado só é sentido para atender imposições da politicalha.

Ali estava o monstro das mais hediondas façanhas, que já degradaram a espécie aos olhos de Deus, na definição acadêmica dos literatos da Avenida Rio Branco.

Grande foi, pois, a nossa surpresa quando, cercado por uma multidão de curiosos, cerca de 100 pessoas, se dispôs pacificamente a falar.

Palavra fácil e fluente, não dissimulando, porém, na franqueza das suas expressões, a mais crassa ignorância.

Assim, ele respondia calmamente a todas as perguntas e entrava nas narrativas de suas façanhas mais notáveis.

À razão serena e imparcial, aquele homem, que ali discorria sobre a sua vida de trágicas aventuras, era antes uma vítima do que um criminoso, na acepção subjetiva do vocábulo.

– *Estou montado* nas caatingas porque mataram meu pai e os criminosos não tiveram uma Ave-Maria de penitência – assim abriu Lampião a palestra, à noitinha, em Gameleira.

Irapuã Saturnino de Freitas, capitão do nosso exército, passou a assediá-lo com inúmeras perguntas.

As respostas não se faziam esperar. Ora sorrindo, amavelmente, ora carregando o cenho, assim começou Lampião:

"Na fazenda Angico Verde consegui prender a filha caçula do major Joaquim da Conceição – e suspirou num desabafo. Mandei amarrar a *marranzinha* que estava muito braba, enquanto Corisco ia buscar dez contos em dinheiro e joias. Mas a mesma *botou a guela* no mundo e, para não perder a caçada, lhe amarrei a boca com um lençol. Assim mesmo, ela urrava que fazia medo... Quando me dispunha a desamarrar a moça, estala um tiroteio à retaguarda. Eram os macacos do batalhão baiano, que estavam contra o meu grupo. No corre-corre, a moça fugiu. Livrando-me dos macacos, depois de ver que 3 foram para a "cidade-dos-pés-juntos", após seis dias, fui verificar a situação da pobrezinha... Mas só encontramos um esqueleto de mulher coberto por milhões de formigas, urubus e nada mais... Rezamos o ofício de Nossa Senhora e escondemos na terra os restos da Dorinha.

"Outro crime de que tinha também grande remorso foi quando, num acesso colérico, por ter sido denunciado à volante policial, por um fazendeiro, e como revide à deslealdade deste coiteiro, mandei cobrir com brasas acesas a sua inocente filhinha, uma criancinha que, adormecida numa redinha branca, jamais pressentira morte tão horrível. Esse serviço foi feito pelo Corisco.

Essas narrativas foram feitas sob o aguilhão justiceiro do remorso desse "velho caçador de feras", no dizer de Guerra Junqueiro, pois nos momentos mais dramáticos da narração a sua voz sumia lentamente e profundo suspiro reticenciava as suas palavras ditadas pelo arrependimento.

Mas, adiante, o caboclo brônzeo sorri e, compenetrado, afirma que, matando, outra coisa não tem feito senão livrar-se de morrer, pois os seus inimigos procuram eliminá-lo por todos os meios, seja a emboscada, sejam as armadilhas.

Certa vez – continua Lampião – chegou ao meu conhecimento que duas volantes, uma baiana e outra pernambucana, estavam perseguindo o meu grupo. Para livrar-me dessa tenaz perseguição, fingi penetrar os sertões do sul piauiense, propalando pelas vizinhas que o meu maior desejo era viver os meus últimos dias em Goiás.

Numa marcha forçada, fizemos parada numa encosta da serra do Araripe, valendo-nos de uma vendinha, em cujas prateleiras algumas garrafas de cachaça, queijos e rapaduras, somavam tudo que sua proprietária possuía.

Terminada a ceia, e temendo um ataque pelas costas, gratifiquei a velha com um conto de réis e, sem dizer-lhe para onde ia, apressadamente desapareci com os meus caboclos, tendo prevenido a mulher que dentro de oito dias regressaria pelo mesmo itinerário, desejando encontrar jantar para todo o grupo.

Certo de haver iludido a volante policial, findo o referido prazo, regressei e, chegando à casa da velha, logo verifiquei muitas pontas de cigarros de cidade e de charutos com *anéis*... Ora, gente do mato fuma cigarro de palha de milho – pensei desconfiado.

Compreendi então que a polícia esteve na venda da mulher e, por certo, algum plano fora combinado. Noite alta, o pessoal cansado, pressenti um ataque de emboscada. Mesmo porque a velhota se mostrava esquiva, não nos olhando senão sorrateiramente.

– O senhor é o capitão Virgulino? – interrogou-me a velha timidamente.

Essa pergunta foi a confirmação de um pressentimento atroz: a velhota me havia traído e estava a serviço dos meus perseguidores.

– Sim, sou o capitão Virgulino. Por que pergunta? – retruquei com energia.

É que eu tenho uma cachaça especial. Veio do "Cumbe", a melhor de Aracati.

Aceitando, a velhota meou um copo. Peguei a garrafa e pus a mesma quantidade num caneco, dizendo-lhe: beba primeiro!

Senti a velha empalidecer, e tremer como atacada de maleita.

– Beba! gritei enraivecido.

Nada. A velha ficou parada de medo.

Arranquei, então, da "lambedeira" e, pondo a ponta no coração da traidora, gritei mais uma vez:

– Engula ou morre!

– Quem andou por aqui?

– Quem envenenou esta cachaça?

– Quantos policiais estiveram no terreiro?

Foi a conta. A mulher contou tudo, chorando, lamentando-se, benzendo-se. O tenente da volante fora sabedor de que o meu grupo se compunha de 80 "caibras" dos melhores. Por isso, desistira de seguir no meu encalço, ameaçando matá-la se o denunciasse. Tinha um plano astucioso. Mandou um soldado levar à cidade um bilhete ao farmacêutico de Leopoldina, pedindo um veneno para matar-me. O portador cumpriu à risca as instruções, sendo bem-sucedido.

Revelada a trama odiosa, obriguei a traidora a beber a cachaça e em minutos ela "esticou a canela"...

Para um momento, acende um cigarro de palha e continua:

– De uma feita tive de decidir um casamento.

O assunto, pela sua afetividade, logo despertou grande interesse nos circunstantes.

Estava eu dando uma emboscada na polícia baiana, pertinho de Boa Vista, quando ouvi um estralar de folhas secas. Escondi meus caibras e me pus atrás de um angico, para ver quem era aquela criatura ou animal "montado". Não demorou. Uma moça bonita, muito bonita, chorando alto, apareceu montada numa besta de sela. Saltei, peguei nas rédeas do seu animal e falei:

– O que há contra você, menina?

A *marranzinha* deu um muxoxo e respondeu – só Deus!

– Fale, menina, fale já. Quem está aqui é o capitão Virgulino.

– Ui, Nossa Senhora das Dores, o senhor é o Lampião?

– Converse pouco, e diga o que há contra você!

– Eu sou uma desgraçada. O filho do major Tonico me fez mal prometendo casamento e, hoje, em Cabrobó, o pai dele, que é rico, disse... – os soluços embargaram-lhe a voz.

O pai dele disse – continuou contendo o pranto – que não havia casamento, que eu procurasse outro "pedreiro". Eles vêm atrás de mim, bem pertinho.

– Fiquei indignado. Mandei o mano Antônio Ferreira dar um cerco no pessoal e, num instante, a negrada estava encurralada.

– Seu Tonico, sou o capitão Virgulino das forças do general Floro Bartolomeu. O seu filho casa, hoje, com esta menina. Quem achar ruim venha brigar comigo, no punhal ou na bala.

Ressurgia, assim, naquele sertanejo bravo e inculto, o lendário cavaleiro andante da Idade Média. A história do Brasil é uma síntese da evolução humana. O sertão ainda este mergulhado nas brumas medievais.

– Mediatamente – continuou Lampião – fiquei com a moça caçula do pai do bandido,

como garantia da minha entrada no povoado, onde penetrei tendo ao meu lado um cabo e dois "mata cachorro".

– Chamei o vigário, o juiz, o escrivão e, no dia seguinte, o casamento foi realizado.

– E os papéis da habilitação? – interrompe o capitão Irapuã.

Tudo já estava pronto – redarguiu Lampião – no dia marcado foi que o bandido não quis cumprir a palavra.

Para festejar o acontecimento, obriguei o major Tonico a fazer uma dança, matar um boi, dois cevados, galinhas, perus – foi um "festão". Dançou o juiz, o padre, toda a gente boa da terra.

– De madrugadinha, quando o galo "amiudou" o canto, chamei o noivo e disse:

– Se você não andar direito com essa "marranzinha" a minha "lambedeira" travará conhecimento com mais um bandido.

Até hoje, eu não "sube" de nenhuma arenga entre eles.

—

Alta madrugada. Os galos já festejam com o seu canto altivo a aproximação do dia.

Lampião interrompe bruscamente a interessante palestra, ergue-se com desenvoltura e galga ágil como um tigre o alto batente do tosco vestíbulo, sumindo-se na espessa floresta de umbuzeiros, onde os seus asseclas o esperavam disciplinadamente.

Surge radiosa manhã primaveril. Não tenho palavras para descrever o seu esplendor. Assim deverá ter sido o último dia da Criação, após a glorificação final do *"fiat lux"*.

A terra vai surgindo aos nossos olhos pouco a pouco, desencantada, múltipla, colorida, sonora, como se nascesse do nada pelo milagre da luz.

Buscamos verificar o bivacamento "legalista" e não mais encontramos a companhia isolada do batalhão "Floro Bartolomeu".

Cabe aqui abrir um ligeiro parêntesis para relatar essa estranha aliança entre a Lei e o Crime.

Lampião sempre se dobrou, servil e crente, diante do rabino sertanejo, o venerável padre Cícero Romão Baptista, fundador da maior cidade do sul do Estado, a próspera Juazeiro, cognominada a Meca cearense.

Foi nessa cidade que o então deputado federal Dr. Floro Bartolomeu organizou um "batalhão patriótico", que tomou o seu nome, pois era general honorário do Exército, tendo, a conselho de amigos, incluído Virgulino Ferreira da Silva na referida corporação paramilitar, com o posto de capitão. A seguir, entregou-lhe o comando da aludida companhia "isolada", cuja missão seria interceptar a passagem das forças revolucionárias, que, invadindo o território nordestino, procuravam alcançar as margens do rio São Francisco.

Encontram-se, nesta síntese histórica, as razões pelas quais o Ceará não sofreu danos criminosos.

O famoso bandoleiro foi solenemente "nomeado" capitão, em pleno recinto da Coletoria Federal.

Voltemos às narrações interrompidas com o súbito desaparecimento da tropa "legal", sob o comando paradoxal do célebre bandido.

Quando o sol já ia alto, inundando de luz a floresta espessa, que se agita luzente e sonora, estávamos equipados para reiniciar a marcha em direção a Leopoldina.

Mal entramos em forma, ouvimos várias descargas de fuzis, uma após outra.

Soubemos, no dia seguinte, que aquela fuzilaria fora uma homenagem prestada pela tropa de Lampião à força federal. Antes assim...

Os anos se sucederam e novos aspectos renovam a paisagem da vida.

Nunca mais ouvimos falar em Lampião, na sua brusca transfiguração social, na cooperação político-militar da sua gente aguerrida e má, mas armada em nome da lei para aplicação coletiva do velho princípio terapêutico: *similia similibus curantur*.

Frente a um tribunal de tomada de contas, acredito que Virgulino Ferreira da Silva protestasse contra a sua falsa assinatura nas folhas de vencimentos do improvisado batalhão "patriótico", nas quais possivelmente figurava com centenas de contos, uma vez que a unidade de seu comando era considerada com o efetivo completo, com todos os vencimentos e vantagens atribuídas às corporações militares em operações de guerra.

E esse protesto seria procedente, pois Lampião, conquanto capitão comandante de tropa legal, apenas recebera armas, munição e autorização para agir em defesa da ordem. Dinheiro, isso era cousa muito complicada...

—

Os últimos escalões rebeldes se infiltraram nas margens verdes e luxuriantes do Guaíba. O governo estava salvo, após prolongada luta. Os chefes militares improvisados ultimavam, afanosamente, a liquidação do que a nação lhes ficara a dever, não obstante haverem *arrumado* sobre os grotões das serras despovoadas as armas e a farta munição que receberam das autoridades superiores da República. Assim, poderiam dizer, quando lhes fosse pedida a sua devolução, que se perderam nas escaramuças.

Logo após a vitória governista, Lampião passara a sofrer terrível perseguição... da imprensa.

Em Missão Velha, Ceará, contava ele com a amizade pessoal do coronel Isaias Arruda, de quem merecia grande apreço.

O governo estadual vale-se dessa amizade e consegue que aquele chefe político de Missão Velha atraia Virgulino até ali e lhe ofereça um lauto almoço, para envenená-lo friamente.

Não teve êxito a cilada, pois Lampião, examinando a "boia", olhou de soslaio o portador e disse:

– Rapaz, diga ao compadre Isaias que só aceito a munição; a "boia" está cheirando, mas não presta...

Mais uma vez falhara o plano do palácio da Luz, cujo inquilino estava sofrendo terrível campanha, acoimado de protetor do cangaço.

Foi nessa época que o padre Cícero fora ferido pela censura de haver consentido na permanência de Virgulino em Juazeiro. O venerável chefe moral do sertão nordestino teria redarguido que não detinha autoridade policial e que o cangaceiro prestara serviço de guerra ao Governo Federal durante a luta contra os revolucionários; por essa ocasião, ninguém teve a lembrança de prendê-lo como criminoso...

Transcorria em paz o ano de 1928 quando "Lampião" resolveu marchar contra os Dantas de Mossoró numa vindita cheia de ódio e audácia. Reuniu a cabroeira e disse-lhe que ia ver o mar...

De fato, o rei do cangaço, à semelhança dos célebres conquistadores, atravessou o Ceará, inofensivamente, fugiu vencido e desbaratado, tendo perdido, em combate, o seu lugar-tenente "Jararaca".

Essa marcha de Lampião, do espaldão da serra e do sul cearense até Mossoró, foi a maior arma que a política oposicionista de então manejou para vencer o governo do estado do Ceará.

Contam testemunhas idôneas que Virgulino ocupara, nessa marcha de guerra, a próspera cidade de Limoeiro, quando grandes homenagens eram prestadas à santa padroeira, Nossa Senhora da Conceição.

À sua chegada o pânico empolgou os habitantes; as mulheres foram acometidas de crises nervosas, os velhos ocultavam os filhos, o Vigário acautelou os valores da Igreja, o tabelião enterrou os livros do cartório, os coletores sumiram com as estampilhas, as praças do destacamento policial trocaram a farda pelo trajo do sertanejo, os reclusos clamaram por clemência.

Eis, em síntese, a pacata cidade de Limoeiro sob o inesperado domínio de Lampião.

Passo firme, mas sem cadência, chapéu coberto de adornos fulgidos, com a aba da frente colada à copa, para exibir várias moedas de ouro simetricamente dispostas; alpercatas de caititu, calça caqui, camisa de algodão grosso, barbicacho cingindo o queixo, punhal seguro à cinta, parabélum presa à cartucheira recheada de balas, óculos dissimulando o estrabismo de um olho, tez bronzeada – eis como Lampião cruzou a rua da Igreja a distribuir alguns contos de réis com os paralíticos, os cegos e os famintos.

Não satisfeito com esses gestos de imprevista misericórdia, ordenou ainda o maior dos cangaceiros que o seu pessoal mantivesse a ordem, pois o destacamento policial se retirara estrategicamente.

Impôs, também, que todas as transações comerciais fossem levadas a efeito com a maior lisura e o mais devotado respeito assegurasse a vida livre e honesta da coletividade.

No dia seguinte, o bandoleiro generoso seguiu em direção à orla atlântica para travar o maior combate da sua vida trágica.

—

Em 1925, rompendo Lampião densa mataria para fugir a uma perseguição policial, teve que levar à sua frente, ao desviar-se de um angico, vigoroso galho de mangabeira, que lhe feriu a fronte e o olho esquerdo.

Com o rosto ensanguentado, teve a fortuna de encontrar, a poucos passos, jovem médico que se dirigia a cavalo para Petrolina, próspera cidade pernambucana, vis a vis de Juazeiro da Bahia.

O indomável "Rei do Cangaço" exigiu do inesperado esculápio a sua permanência ao seu lado, até curá-lo completamente, acrescentando que, se procedesse a contento, recuperaria imediatamente a liberdade e seria generosamente remunerado.

Coagido assim, o médico empregou toda a sua proficiência, conseguindo curá-lo em 6 dias.

Virgulino, muito satisfeito, gratificou-o com uma dezena de contos, garantindo-lhe que se outro médico prejudicasse a sua clínica ele iria a Petrolina...

Certa vez, "Bem-te-vi", caboclo valente e ágil, pedira a Lampião a sua inclusão no bando, alegando haver assassinado, por vingança, um filho do capitão Belarmino, seu padrinho e protetor.

Pouco depois da sua incorporação, tendo Lampião ordenado ficasse Bem-te-vi em vigília, no rancho, este respondeu, negligentemente, que tinha sono...

Lampião fitou o subordinado e calmo se encaminhou para ele, dizendo: "Vamos brigar. Aqui o chefe é o mais valente".

Em seguida, sem perturbar-se, amarrou a fralda de sua camisa à blusa do insubordinado, que reconhecendo a impossibilidade de enfrentar e vencer o antagonista, se prostrou a seus pés, em copioso pranto, jurando obediência...

Daí em diante, Bem-te-vi passou a respeitar, passivamente, as ordens do chefe, tornando-se um dos mais bravos caibras do bando sinistro.

—

Morto Lampião, espalharam-se, pelo sertão nordestino, ilustres caravanas de jovens escritores, ávidos de elementos para as suas crônicas, mas tão precipitados nas suas investigações que registravam informes até de quem jamais conhecera o decapitado de Piranhas...

O oficial miliciano vitorioso, ainda ferido, concedeu interessante entrevistas à imprensa, prometendo ao insaciável sensacionalismo indígena um livro sobre o célebre cangaceiro nordestino.

Ainda recentemente, em festivo pavilhão da Feira de Amostras, em plena capital da República, um miliciano à paisana, após receber mil réis, mostrava aos curiosos parte da indumentária e adornos usados pelo amante de Maria Bonita.

A sinistra tragédia do degolamento de Lampião e seus comparsas, depois de mortos em luta heroica, foi berrantemente descrita pela imprensa nacional, quase toda ela unânime na afronta à nossa sensibilidade de povo profundamente cristão.

Incontestavelmente, o vencedor de Virgulino é merecedor da gratidão de todo o Nordeste. Jamais desaparecerá do espírito da gente sertaneja a trágica advertência.

Um verdade, entretanto, paira sobre a tragédia de Piranhas: o banditismo só desaparecerá do *hinterland* nordestino quando o governo enfrentá-lo com as armas construtivas da civilização e do civismo nacional, levando tropa federal à desolação do seu abandono, abrindo escolas à sua infância desamparada, fundando núcleos agrícolas à sua adolescência, tornando a Justiça acessível à sua pobreza, enfrentando, pelos processos modernos, as suas inúmeras endemias, tais como a boba, o paludismo, o câncer, etc., rasgando boas estradas ao seu trabalho, proporcionando, enfim, aos sertanejos do Nordeste as mesmas perspectivas de progresso que hoje animam os agricultores de Petrópolis e da Baixada Fluminense.

Entre essas imperiosas necessidades, ressalta a de aquartelar tropa federal no sertão, para evitar a emigração de parte da sua mocidade, obrigada a atender, em outras regiões, aos sagrados imperativos do Serviço Militar.

A economia sertaneja tem, na lei básica da defesa nacional, forte empecilho ao seu desenvolvimento, porque não há quarteis no Sertão e os rapazes, uma vez afastados para os grandes centros da nossa civilização, raramente voltam à miserabilidade da terra infeliz onde tiveram a desventura de nascer.

*Revista da Semana* (RJ) – Julho de 1939

## ERA O FIM

Há um ano, uma nova era se abria para os sertões nordestinos. Era de paz e de trabalho, livre do fantasma de Lampiões. O combate de Angicos permitiu o extermínio quase total do bando sinistro do cangaceiro. O remanescente, fraco demais para continuar as tropelias de Lampião, não chega a ser uma calamidade, como o fora para os sertões do Nordeste durante quase vinte anos, Virgulino Ferreira. As populações pacíficas daquela zona veem neste dia, um marco de nova vida, livre dos riscos e dos sustos de outros tempos.

### ANGICOS

Na data de hoje, há um ano, Lampião era eliminado em Angicos. A primeira notícia do acontecimento veio célere, como céleres surgiram durante vários anos tantas outras idênticas, todas sem confirmação. Mas, dessa feita, a confirmação surgiu. Lampião tinha sido morto por uma tropa volante da Polícia de Alagoas, comandada pelo capitão Bezerra. Seria fastidioso recordar aqui o que representou para o Nordeste do Brasil a figura sinistra do bandoleiro. *A Noite*, que teve a primazia de noticiar o feito no mesmo dia em que ele se verificou, publicou, então, a mais ampla reportagem até hoje conseguida sobre a vida e os crimes de Lampião, graças aos esforços de seus enviados especiais, que daqui partiram em avião, logo que a notícia chegou a esta capital.

### O MONSTRO

Lampião empunhou o cetro de Rei do Cangaço pelo espaço de quase vinte anos. Durante esse tempo, em suas tropelias pelas caatingas, pelas vilas, pelas fazendas, teve a oportunidade de dar vazão a todos os seus recalques de criminoso. Entretanto, a força do hábito no crime, iam lhe requintando os desvios. De simples bandoleiro, tornou-se sádico. E, quando o seu bando deixava um sítio qualquer, lágrimas de desespero acompanhavam a horda sinistra, menos pelos danos materiais causados, do que pelas deformidades físicas com que o monstro assinalava as suas vítimas. Muita vez, lágrimas doloridas acompanharam os seus passos, lágrimas vertidas pelos sentimentos de virtude da sertaneja humilde, vítima da sanha de Lampião e seus asseclas.

### O FIM

A lenda transformara o bandoleiro em uma figura de mito. Criam-no invencível e ele mesmo fazia praça em se inculcar como tal. Quando no sertão se sabia que uma coluna se organizava para dar caça ao bandido, sorriam todos, incrédulos nos sucessos da expedição. Mas, naquela madrugada de 28 de julho, o fim do rei do cangaço chegara. Em seu esconderijo, na grota dos Angicos, o bando é cercado. As tropas do capitão Bezerra dispunham-se em linha, esperando o momento de cerrar o tiroteio. Jogava-se a cartada final, e, em sua tenda, armada no interior da grota, Lampião mal suspeitava da proximidade do seu fim.

Um tiro reboa. Outros se seguem. Lampião, ganhador de tantas batalhas, conhecedor da maneira por que lutavam as forças volantes, compreendeu tudo em um relance. Um pouco fora do grotão, suas armas descansavam no chão. Qual fera acuada, sai de seu esconderijo, a fim de armar-se. Queria vender caro a derrota e a vida. Num salto de felino, chega à boca do grotão

e lança-se, como um desesperado, para fora. Suas mãos vão alcançar o rifle, seu companheiro inseparável de tantos anos. Mais um tiro reboa. O bandoleiro levanta o corpo e olha para os seus atacantes. Olhar de fogo, onde todo o seu ódio se vasava. A bala que o acertara, doía-lhe menos do que o espetáculo que se abria aos seus olhos. Uma imprecação, um urro de animal selvagem escapa-lhe dos lábios. Avança. Nova detonação. E ele cai. Cai para sempre, as mãos crispadas, quase tocando a braçadeira de sua arma. Ao seu lado, uma outra figura estertora. Maria Bonita, figura romanesca na vida criminosa do bandoleiro, caía também. Uniam-se na morte, aqueles dois destinos que o crime juntara. Apertara-se entre eles o último laço de solidariedade. Ao lado do cadáver de Virgulino, nove companheiros seus estão mortos. Uns poucos mais que compunham o grupo fogem. Um remanescente desgarrado do bando, que se embrenha nas caatingas, amargando a primeira derrota.

Hoje, de Lampião e seu bando, resta apenas uma dolorosa recordação. Os corpos dos onze mortos da grota de Angicos, no município de Porto da Folha, em Sergipe, ali mesmo foram enterrados. Suas cabeças foram levadas para Maceió, mas a decomposição forçou a inumação delas nessa cidade. Apenas a de Lampião resistiu. Encontra-se hoje no Instituto Nina Rodrigues, da Bahia, servindo de peça para os estudos científicos e para a curiosidade pública. Triste e melancólico destino para a cabeça de um Rei do Cangaço...

*A Noite* (RJ) – 28.07.1939

## BANDITISMO NORDESTINO

O cangaceiro, salteador da vida, da honra e das propriedades rurais, façanhudo e audaz, não pode ser um mal permanente. Essa espécie de fera humana não acabou com Lampião, nem com Corisco. Começam a chegar más novas de um continuador do latrocínio sertanejo, cujo nome ou apelido não importa, nem deve mesmo ser mencionado, como aconteceu frequentemente com o primeiro daqueles chefes de malta, em torno do qual se comprazia certa gente em urdir romances e arquitetar fantasias no intuito reprovável de pleitear justificativas para os atos repugnantes e perversos do bandido sem alma.

O Lampião de agora iniciou sua carreira de crimes com a vantagem de ser velho conhecedor dos processos das forças policiais volantes, na perseguição tenaz contra os que se fazem o pavor das zonas nordestinas. É um ex-soldado da velha campanha contra o cangaço. Como parte de escoltas, palmilhou durante anos a região em que Lampião e sua quadrilha praticavam toda a sorte de crimes, e por isso também não desconhece os truques empregados pelos facínoras para iludir as forças volantes que policiam o Nordeste.

Expulsaram-no da polícia por ter infelicitado mais de uma jovem que seduziu. Deram-lhe esse passaporte sujo, mas não tiveram o cuidado de o encaminhar para uma penitenciária. E, sentindo-se com a liberdade absoluta para fazer o que bem lhe parecia, o ex-soldado escolheu a prática do mal que se lhe afigurava mais rendoso e mais fácil. Fez-se salteador e dele já se contam vários latrocínios, em tudo iguais aos que eram perpetrados por Lampião e seus cúmplices.

E lá estão as populações nordestinas novamente nos riscos que lhes pareciam afastados.

O ex-soldado de um contingente policial ocupado em limpar as zonas assoladas pelos bandoleiros deve ser caçado quanto antes. Emprenhem-se, consorciados, no cerco a essa nova fera, todos os governos interessados e aliás obrigados a defender a vida, a honra e as propriedades das populações nordestinas.

*Correio da Manhã* (RJ) – 29.11.1940

## CRÔNICA DA VIDA

Garcia Junior
(*Copyright* dos *Diários Associados*)

As circunstâncias às vezes de possuirmos um meio palmo de coluna numa gazeta onde podemos criticar livremente as tolices alheias ou expor as nossas próprias, como mercadoria de boa procedência, não raro serve como chamariz aos que ainda não decepcionados pela vida das letras insistem em se apegar a alguém que lhes dê a mão a fim de transpor as portas da notoriedade.

A imprensa ainda é – dizem eles – o meio mais prático de se ganhar popularidade e prestígio! Eu de mim para mim confesso – menos por desconhecer o apólogo da agulha e da mina de Machado de Assis, e consequentemente das conclusões amargas e dolorosas a que chegou o velho professor de melancolia, quando o mestre acabou de lhe declarar o epílogo da sua história – que tenho feito tanto quanto posso para emprestar aos valores novos que despontam o concurso da minha pena desinteressada e sem brilho! É verdade que nem sempre tenho sido benemerente para muitos, mas pelo menos tenho em consciência que jamais me fraquejou a mão para alcolitar os que merecem. Num país onde só agora como se aclaram os horizontes, e nos libertamos das rodinhas e dos conluios literários asfixiantes onde o mérito se aferia pelo que se gerava em seu seio ou recebia no nascedouro e chancela recíproca de compadres, espécie de cornucópia de graças do elogio mútuo – ainda estou que melhor não poderia fazer em prol de minha pátria e minha gente! Acontece, porém, que nem sempre nos sobra tempo para falar dos amigos, aqueles talvez por quem mais nos deveríamos interessar, todavia se isto se dá, duas são as razões quase sempre em jogo: primeiramente pela indulgência que eles devem ter pelo nosso esquecimento, em segundo para que amanhã ou depois não nos venham acoimar de certas parcialidades e excessos. Malgrado essa reflexão, diga-se a verdade, alguns há que escapam à severidade de qualquer juízo crítico. Não se lhes chega a encontrar deslize nem falhas nas obras que escrevem e a menos que não tivéssemos que cair na intolerância dos falsos julgadores, esquecê-los seria como praticar em consciência um ato de vilania não lhes dando pouco pelo muito que nos oferecem. Essas considerações por que não dizer? escapam do bico da pena depois que reli *VIDA*, um magnífico livro de crônicas que Mario Martins faz tempo lançou a público, livro de que só agora me é possível dar uma ideia aos leitores dos

*Diários Associados*, concisa e exata. Senhor de uma maneira agradável de dizer o que observa e sente o autor de *Vida* traz não raro pelo estilo em que vaza a sua obra algo que se assemelha à forma excepcional e clara que o saudoso Humberto de Campos tinha para nos comunicar o seu pensamento: e se é verdade que foge às citações bíblicas ou mitológicas tão do agrado do estilista maranhense (isto não é sempre), posto que de longe em longe, como também lhe apraz rememorar os segredos divinatórios de Tirésias ou se ocultar como o outro sob o véu misterioso de Isis. Mas nem só na crônica ou no conto Mario Martins eleva e seduz. Antes muito mais interessante e, dir-se-ia, a maneira, o modo, porque analisa e estuda o que lhe cai ao alcance dos olhos. Escrevendo por exemplo sobre Camões, o autor de *Vida* ao analisar o *Dicionário dos Lusíadas* do Sr. Afranio Peixoto, como se compraz em remexer em certas e amargas feridas muito nossas, muito brasileiras, e que são precisamente essa tendência exagerada que nos provém indubitavelmente do português – espécie de loquacidade simbólica – para o derramado dos adjetivos e dos superlativos! A prova é constante e inevitável. "José Dias como conhecemos em *D. Casmurro* – escreve Mario Martins – é um lídimo representante da raça latina. Desde os bancos escolares, torna-se especializado em superlativos: *minha virtuosíssima senhora, meu prezadíssimo, leis belíssimas, coração augustíssimo, dever amaríssimo...*" Onde porém Mario Martins se detém aliás com graça e originalidade é no comentário à selva *selvaggia* camoniana, onde se tem embrenhado um rol infindável de turistas, desde Gomes Freire de Amorim até o nosso Afranio Peixoto. E como turistas ou se perdem num cipoal de conjecturas mirabolantes ou acabam implorando socorro, às vezes sem a esperança sequer de vislumbrar em meio da macega um homem de Cireneu que lhes ajude a levar o lenho ao Calvário! O caso do *Dicionário dos Lusíadas*, pelo que expõe Mario Martins é desses últimos. Perdido no meio de uma floresta de exemplos camonianos o Sr. Afranio pôs a boca no mundo, e como tal acabou deblaterando, perdendo a tramontana... "Coleta de retalhos de citações feitas a trouxe-mouxe – escreve Mario Martins – o *Dicionário* do Sr. Afranio, dá-nos a impressão desses livros em que se colecionam as tolices dos outros se bem que o autor, por espírito de humildade, colecione neste as suas próprias". E mais adiante, como para elucidar o leitor da natureza do livro do Sr. Afranio, esclarece: "É bem verdade que o autor de *Maria Bonita* não fez um livro feio. Muito ao contrário. O *Dicionário dos Lusíadas* é um elegante volume, bem encadernado, bem impresso, bem feito, letras douradas, a fogo na capa, estásticas comonianas, referências eruditas, e até alguns versos dos *Lusíadas*. Mas a gramática que o Sr. Afranio pretende ensinar é profundamente despauteriana. – Diz que *bautizado é epêntese* (acréscimo no meio).

– Não é. No arcaísmo *bautizado* deu-se a vocalização do "p" do grupo "pt" (baptizado) em virtude do "p" vir precedido de vogal.

– Diz que *produce* (mais de uma vez), *pertinace* e *amrtire* há paragoge (acréscimo no final).

– Não há. O arcaísmo *produce* e *pertinace* se reduziram a *produz* e a pertinaz. O que é exatamente o contrário. Mas em *Produce* e *pertinace* não há metaplasmo algum. *Mártir* não veio diretamente do grego *martir* ou *martyr*, sendo através do latim *martyre*.

– *Spirito*, entrando nas aféreses, errou de porta. O "e" nos vocábulos *espírito*, *estrela*, *espontâneo*, *esplêndido*, *estar*, e em outros que tais, implica evidentemente a noção de reforço, apoio, ênfase. Chama-se vogal prostética. Mas no arcaísmo *spirito* não há figura alguma.

Os arcaísmos *una* e *nenua* vendeu-os por síncope. Mas vendeu gato por lebre. Tais formas assim se escreveram e pronunciaram no velho português. Depois deu-se a nasalação ou nasanalização – *uma*, *nenhuma*.

– Em mi (mais de uma vez) e assi não existe apócope (queda do fim). Temos, pelo tempo adiante um m epiético ou paragógico – *mim, assim*. Ainda em *mi* e *assi* não há metaplasmo algum". E por aí afora continua Mario Martins a espiolhar a prosa filológica do Sr. Afranio Peixoto através de um tão humorístico espírito de análise, que com franqueza, ainda estou daqui a me lembrar daquela anedota do patrício luso. Também quem foi dizer que o senhor Afranio era peão?

Afora entretanto essa espécie de devaneio literário, em que não raro Maria Martins me faz lembrar um iconoclasta que se desse ao capricho de dar piparotes na barriga de um ídolo, com o satanismo do último dos hereges, por outro lado, quando se volta para "Maria Bonita" (a meu ver a mais bela crônica do livro!), como se sente nele o romântico poeta.

Através de uma linguagem que Humberto de Campos não desdenharia apor certamente o seu nome, é que Mario Martins nos apresenta Maria Déa, amante de "Lampião". Pode-se admitir que dentro daquela pintura magnífica, haja muito da imaginação do artista, mas ainda assim, não perde em beleza e colorido a ingenuidade daquela mulher que devia ser simples, chã, inculta, mas a trazer dentro do peito um coração. Nela em verdade devia falar a carne tão somente, o arrebatamento que sói empolgar as mulheres da sua espécie pelos homens valentes, pelos bravos; pelos sanguinários, e até pelos heróis! Maria Déa era dessas. Demos a palavra a Mario Martins. "Você não tinha lido os *Sertões* de Euclides da Cunha, porque não sabia ler. Sabia, apenas, o que lhe diziam os tropeiros em trânsito e o vendeiro do armazém.

E estes lhe haviam dito que "Lampião", não era só um bandido, era também um homem – dois olhos, uma boca, duas mãos, a lambedeira, cartucheira e o rifle. Só lhe faltava a cicatriz... E você...

Você se pôs a escutar, o coração batendo... Era um homem assim que você queria, era um homem assim que você precisava. Diabo de remendão molengo, curtindo couro, lambendo sola (o autor refere-se ao marido de "Maria Bonita") pregando palmilhas; o menino chorando; a panela no fogo, e a roupa no coradouro... Você suspirava, e os seios lhe estremeciam turgidos dentro da camiseta de renda; o sangue lhe refervia, em cachão, dentro das veias desenhadas, mexendo com você.

– Se ele vier vou m'embora. Vou mais ele.

– Você está louca, Maria Déa?!

– Não estou louca, não. Quero afundar no mato. Quero é mudar esta vida de todo o dia, o feijão na panela, menino no colo, roupa na pedra. Zap, zap, zap...

– Maria!

– Nunca me viu? Pois é isto que estou dizendo!

Onça velha vem sem avisar. Salta a cerca da roça e entra no curral; quando cachorro da fé, que faz barulho, ovelha virou alma, sem sombra!

Foi assim que Virgulino Ferreira apareceu na vila com o seu bando. Não deu tempo a ninguém para ter "medo".

Mal entrou daí a pouco "Lampião" ficou sabendo da conversa de "Maria Bonita", Maria Déa morava ali perto. "Lampião" foi lá.

– "Eh! Moça, vim lhe buscar, arrume a trouxa. Vai?

Maria Déa teve um susto. E uma decepção. Não esperava, e ficou por alguns instantes, destroçada, não querendo acreditar nos seus olhos, porque ela supunha que um bandido devia ser muito mais alto e muito mais gordo, e ter uma voz muito mais grossa. Mas pensou e respondeu:

– Vou.

Nunca um ideal rastejou tão baixo, na lama, no lodo, no sangue. Mas convenhamos que por mais baixo que tenha rolado, ele se faz da mesma "substância" dos outros ideais!

E os anos rolaram, e Lampião e sua horda mataram, saquearam, trucidaram, roubaram. À sombra daquela mulher bonita em meio àquela horda de malfeitores, era, dir-se-ia, como uma nota viva de estímulo e de cobiça. Morto o chefe um dia, viria a pertencer ao mais forte, ao mais audaz. Disputá-la-iam. Quem sabe lá? Mas não, o seu fim havia de chegar, ela teria que acabar como findam as mulheres da sua laia, da sua grei, consoante quem sabe o vaticínio do verso sertanejo, tragicamente: na ponta de uma faca! Não acabou. Acabou de um tiro disparado pela tropa do tenente Bezerra.

A beleza do conceito que Maria Martins empresta entretanto à Maria Déa, está precisamente no epílogo da sua crônica admirável, por isso que escreve: "Você, Maria Bonita, teve uma sina bem triste – mas não foi a sina que desejou? A sua era mesmo essa. Cumpriu-a. O amor há de redimi-la, porque o amor é mais forte do que a morte, ainda quando esse amor é o amor de um bandido.

Heróis e bandidos às vezes se confundem. Como se confundiram, nesta tragédia em que você acabou. Quantas tragédias surdas que o mundo desconhece!

Ainda assim, Maria Bonita, você teve, como Frineia, um julgamento supremo, na rude exclamação daquele soldado que a despiu: – "Gentes! Era mesmo bonita! Parecia uma louça de tão branca! Uma boneca de louça!"

Na síntese desta exclamação eloquente e rude Mario Martins encontrou o mais belo elogio da mulher sertaneja, vítima talvez quem sabe da inconsciência, da desídia, do mau patriotismo que não lhe pôs um livro na mão, e não lhe ensinou a crer num Deus! Só a página sobre a infeliz amante de Lampião basta para consagrar *Vida* como um dos mais belos livros destes últimos tempos...

*Diário de Pernambuco* (PE) – 15.12.1940

## MARIA BONITA E A POESIA DO SERTÃO

Melchiades da Rocha, que vai brevemente publicar um livro vibrante e documentado sob o título – *Bandoleiros das Caatingas*, esteve presente no cenário ainda fumegante da luta de Angicos, durante a qual caiu em peleja com a polícia alagoana o famoso Virgulino Ferreira, o "Lampião". Enviado pela *A NOITE* para realizar a sensacional reportagem, ele percorreu todo o trecho de sertão emocionado pelo acontecimento, falou aos principais personagens da façanha, pisou o solo sobre o qual acabou o mais terrível bandoleiro nordestino. Teve diante dos olhos o drama e recolheu, juntamente com esplêndida documentação jornalística, a impressão direta dos participantes e espectadores. Mais tarde, voltou a esse sertão e enriqueceu ainda mais seu cabedal documentário com a maravilhosa reação poética dos cantadores sobre a morte de Lampião. Seu livro vai reviver com estranha sensibilidade o acontecimento que empolgou a curiosidade pública em todo o país.

O trecho que se segue – "Maria Bonita" – dá ideia do interesse de *Bandoleiros das Caatingas* e nos oferece a primazia de um dos mais belos espécimes poéticos recolhidos pelo autor depois do fim do "Rei do Cangaço".

—

"– Quanto à Maria Bonita – Maria Déa era o seu nome – presenciei um fato curioso, em vendo o seu cadáver quase totalmente descarnado. É que sua mão direita, bem alva e bem tratada que era, achava-se perfeita, num contraste terrível com o resto do corpo decapitado.

– 'É uma louça essa mãozinha' – disse-me, sorrindo, mas revelando algo de piedade, um dos soldados que me acompanharam à grota sinistra.

E era mesmo!

Moça ainda, bonita, valente e enfeitiçada com os paramentos do cangaço, Maria Bonita pagara com morte horrível e impiedosa a culpa de sua insensata paixão e extravagante simpatia pelo Rei do Cangaço".

Não nascera e se criara ela nas caatingas?

Por um rei de verdade, por um coroado, é que ela não se teria apaixonada. A influência do meio foi a sua única perdição, como poderia ter sido de uma outra sertaneja.

Há muitas Marias Bonitas no sertão! E aquela, que fora a eleita do famoso bandoleiro, não desmentira as qualidades de sua raça. Decidira-se ela àquele sacrifício tremendo e cumprira, fielmente, o juramento a que, desgraçadamente, se submetera.

Os sertanejos são assim. Quando dão a sua palavra dão mesmo e jamais fugirão a ela.

Maria Bonita viveu vários anos com o Rei do Cangaço e morreu heroicamente a seu lado!

Lampião, que era diplomata e filósofo das caatingas, era psicólogo também, pois soubera escolher uma companheira à altura da sua missão difícil e tenebrosa.

Conta-se que Maria Bonita era casada com um sapateiro. Para ela, Lampião era o herói por excelência. Um dia, Virgulino invadiu o povoado onde ela morava e perguntou:

– Qual foi a mulher que disse que abandonaria o marido para me acompanhar?

– Maria Bonita, responderam.

E Lampião foi à casa do sapateiro, que, nesse dia, enviuvou.

Maria Bonita foi-se com o cangaceiro, caatinga a dentro, destemida e apaixonada.

E o ídolo do "Rei do Cangaço" perdurou até a catástrofe de Angicos.

Foi inspirado na odisseia da heroica companheira do "Rei do Cangaço", que Alexandre Zabelê fez as seguintes quadrinhas:

AS MOÇAS DE S. FRANCISCO

*As moça do S. Francisco*
*São pobre, mais tem ação:*
*Guardam queijo e rapadura*
*Pro borná de Lampião*

*Às vez também elas guarda*
*Fora o queijo e a rapadura,*
*Uns oiá daquele jeito,*
*Que mata às vez e às vez cura.*

*E com os estrepes do oiá,*
*Que sem pena a gente fura,*
*Elas dão aos cangaceiros*
*Alivio nas apertura.*

*E dão ainda corage*
*Os amô dessas menina*
*Pra vive com se veve*
*No coice da carabina.*

*Outras vez essas caboca*
*Tudo dão e com fartura:*
*A noite de seus cabelo*
*E o luá da fermusura...*

*Antonce é um céu aberto*
*A vida do cangaceiro...*
*A gente veve cantando*
*Como galo no terreiro.*

*As tristezas vão-se embora*
*Do peito da criatura;*
*Inté mesmo é um prazê*
*Um tiquinho de amargura.*

*Não sei se Deus fez os home,*
*Mais porém fez as muié:*
*Uma só morena dessas,*
*Tem tudo que a gente qué.*

*Tem lá dento da garganta*
*O canto dos passarinhos,*
*E nas denguice da fala*
*Os dengo que hai nos ninho.*

*Tem a noite nas pestanas,*
*Tem na luz dos oio o dia,*
*Na boniteza do corpo*
*Tem as maió maravilha...*

*Quem já correu muita terra,*
*Moças iguá não achou.*
*A fôrma em que Deus fez elas*
*Logo depois se quebrou.*

*Pode havê pulas Oropa*
*Muita riqueza e brancura,*
*Mais é aqui no sertão*
*Onde mora a formosura.*

*Maria Déa é um anjo,*
*Uma lindeza, um amô,*
*Uma princesa encantada*
*Que Lampião encontrou.*

*Essa Maria Bonita*
*Faz gosto mesmo se vê;*
*As fermusura do mundo*
*De inveja vão se escondê.*

*Aos amô dessas morena*
*Ninguém, ninguém arreseste,*
*Eles tem todo os encanto,*
*Todo o calô do Nordeste.*

*E mesmo que se arresorva*
*Vive-se no caritó,*
*Cai-se um dia na arataca,*
*No cipoá de um chodó.*

*Se a raça dessas muié*
*Mandasse Deus acaba,*
*O só perdia o calô,*
*O céu perdia o luá.*

*E o sertão dos imbuzeiro,*
*Dos velame perfumado,*
*Ficava sendo um deserto,*
*Medonho, amardiçoado.*

*As moça do S. Francisco,*
*É um céu e um cabedá;*
*Deus me mande uma delas,*
*Pode o mundo se acaba.*

*Pode o mundo pegá fogo,*
*Pode a terra se arrazá;*
*Tendo o amô de uma morena,*
*Tendo a terra, o céu e o má.*

*Quando penso nessas coisa,*
*Nesse milague do amô,*
*Cada vez mais acredito*
*Nos podê do Criadô.*

*As muié tão delicada,*
*Só com a voz e com os oiá,*
*Põe este mundo às avessa*
*E às vez de perna pro á.*

*Elas faz de um paraíso*
*Um inferno abrasadô,*
*De um inferno um céu aberto,*
*Entupido de fulô.*

*Ah! morenas feiticeira,*
*Que Deus um dia inventou!*
*Se não fosse os oiá delas,*
*Não havia os cantado.*

*Se não houvesse na vida*
*Seus amô, seus benquerê,*
*O mundo não era mundo,*
*Era um pená se vivê.*

*Se não fosse essas caboca,*
*Não tinha graça o sertão:*
*Não brincava os cangaceiros,*
*Não havia Lampião.*

*A Noite* (RJ) – 14.01.1941

## AS AVENTURAS DE UM CANGACEIRO

João do Mundo

COMO O REPÓRTER ENCONTROU UM CANGACEIRO – NO BANDO DE LAMPIÃO – O PUNHAL DE CORISCO – O BATISMO DO FILHO DE LAMPIÃO

"Eu sou o cabra Tatu".

Foi na quarta-feira de Cinzas. Um cabra espadaúdo, de nariz afilado e cabelo escorrido, uns olhos maus e uma boca cínica – esta raça dura, superior e homogênea que todos conhecem nos cearenses, desafiando todas as teorias de Gobineau, e prometendo ao Brasil o homem do futuro – um cabra deste, ainda ressacado e meio encachaçado da terça-feira gorda, encontrou-se com o repórter num bonde perdido da última madrugada de Momo, lá pelas bandas da Praça Onze.

Conversa vai, começa uma briga e o tipo, sem nada ter com o assunto, salta, repentinamente no meio do frege e exclama:

"Eu sou o Cabra Tatu!"

Vira, mexe, e a coisa para. Não sei como, seriam umas 4 horas da manhã, e eu estava sentado numa mesa de boteco com o já então meu amigo familiar, o Cabra Tatu.

– O senhor é do Norte, doutor?

– Não está vendo?

– Então o Sr. deve conhecer minha história. Fui um dos cabras mais famosos do Crato e do Cariri.

– Como não! – E o repórter se lembrou das aventuras com que lhe douraram as noites de fantasia, com os contos de Lampião e as façanhas dos bandoleiros que outrora assolavam o Nordeste.

O Cabra Tatu foi, de fato, um dos cangaceiros mais lendários do Ceará.

Seria aquele de fato, o célebre Cabra Tatu?

Se fosse, realmente, era perigoso pedir-lhe provas. Mas, todo mundo dizia no Norte que o bandoleiro tinha uma estrela de cinco pontas feita a ponta de punhal, nas costas e um L, com ferro em brasa, com que um rival lhe queimara o peito.

E aventurei:

– "Cabra Tatu, eu queria ver a sua estrela nas costas, que diz que dá simpatia.

– Não foi difícil: o cangaceiro arregaçou a camisa de meia e o repórter viu com os olhos estatelados uma grande estrela nas costas largas do caboclo. Não havia dúvidas.

Estávamos diante de Cabra Tatu...

E como foi que você virou cangaceiro?

O cabra passou a mão nos olhos...

– Eu não sou mais cangaceiro, Dr. Nem quero que ninguém saiba de meu verdadeiro nome. O Sr. compreende... os cemitérios de Alagoas, de Sergipe, de Pernambuco, do Ceará me devem muito...

Mas a coisa começou assim. Eu tinha uma irmãzinha. A Maria José, Deus que a tenha!

Tinha quinze anos. Eu era vaqueiro perto de Tanhá, o Sr. sabe, no Ceará. O filho do fazendeiro botou os olhos na menina.

Seu Dr., eu adorava minha irmã.

Mas... filha de pobre não podia ser moça direita naquela época.

Não quero dizer nada. Só sei que um belo dia matei o sujeito a punhal e deixei a menina quase morta. Não fiquei nisso. Fui à casa dele.

O velho não estava, mas se estivesse talvez tivesse ido também. Matei a filha dele. Depois, ganhei o mato...

– Encontrei perto de Telha – continuou – um sujeito que se meteu na minha vida. Estripei o cabra, justamente no dia em que entrou ali o Lampião com seu bando. Aquilo é que era capitão, seu moço!

Um cabra dele, um tipinho fuleiro, ruivo, voou pra cima duma mocinha.

"Me" lembrei da finada minha irmã.

Voei nele. Era o Corisco, que tinha só um mês de cangaço. Ele puxou o punhal e eu quebrei a ponta da lâmina nos dentes! Este punhal, o Corisco, que depois ficou muito meu amigo, guardou até a morte.

Depois me pegaram. Briguei com o cão no couro, e o Capitão mandou me marcar com um L em brasa que o Sr. vê aqui no meu peito.

O capitão me achou valente e disse que cabra como eu não podia morrer.

Tinha que ficar pra fazer raça.

Foi assim que eu entrei no bando. Marcado e preso...

O filho de Lampião.

– O chefe naquele tempo tinha uma mulher.

– A Maria Bonita?

– Não! Era outra.

Maria das Dores.

A Maria Bonita veio depois.

Em 26, o Lampião teve um filho, perto do Juazeiro.

O bichinho nasceu de noite, no mato e ali mesmo batizaram. Sabe como?

O Capitão perguntou quem era o melhor amigo, que era capaz de morrer por ele. O Corisco se apresentou. O Capitão disse:

– "Batize então meu filho com seu sangue!"

O cabra não conversou. Meteu a faca na perna, aparou com a caneca e derramou o sangue na cabeça do bichinho...

*Gazeta de Notícias* (RJ) – 28.02.1941

## HISTÓRIA PARA SER ESQUECIDA

L Teixeira de Castro

Expedita é o seu nome. Oito anos que podem parecer dez. Morena de um azeitonado que tem, por vezes, irradiações de ouro. Olhos verdes. Verdes e languidos. Nostálgicos. Lembram, talvez, as matas ou, quem sabe, o mar. Magra. Esguia, ágil, felina e serpeante na ondulação dos músculos ainda jovens ajustados por uma nervadura consistente. Assim é Expedita, marcada, já, na sua primeira infância, pela curiosidade insaciável do homem.

Tem uma história, embora menina, essa garota de olhos verdes que são verdes para documentar a dolicocefalia de que se orgulhava seu pai e tantos outros se ufanam... História triste para a qual seria melhor o esquecimento, se a curiosidade humana não fosse tão exigente e a Lei não se preocupasse não apenas com os que dela se transviam, mas com todos aqueles que procuram fugir ao passado, mesmo quando, inocentes, são vítimas, apenas, de um sangue que não buscaram ter...

—

Outubro de 1932. Severino Andrade dos Santos e sua esposa, lavradores da Bahia, quase na fronteira de Sergipe, cansados de um dia inteiro de faina, de sol a sol, regressavam ao seu "rancho" quando, emergidos pela caatinga, dois coiteiros de Lampião lhes embargaram os passos.

– O "Capitão" mandou chama-los!

Severino, embora não tendo o que dar e, por isso mesmo, nada que temer, recebeu a ordem com um estremecimento. Mas não havia como discuti-la. Era só obedecer. E aprestou-se para seguir os coiteiros, recomendando à mulher, tranquilizadoramente, que o esperasse, pois o Capitão nunca lhe fizera mal nem tinha por que fazê-lo agora.

Pararam na fazenda Exu. Ali estava em segurança o "rei do cangaço". Os "cabras", fora, descansados e serenos, indicavam que há algum tempo o chefe não andava em aventuras. Pouco depois, Severino e sua esposa sabiam da razão de tudo.

—

Na sala ampla de móveis rústicos e pesados, velhos de muitos anos e testemunhas de muitas visitas de Lampião, Maria Bonita, a cabocla que foi companheira até o último instante do bandoleiro famoso, ladeava-o, tendo nos braços um "tiquinho de gente". Era Expedita. E por sua causa os coiteiros, meia légua adiante, tinham embargado os passos do casal de lavradores.

– Severino. Você sempre foi leal comigo sem deixar de respeitar as "outras leis"...

Lampião, pois era ele que falava, queria dizer que Severino era homem às direitas. Nunca o denunciara, sem jamais com ele se acumplicar. Eis porque, no seu modo de falar, respeitava as "outras leis" ou seja, a Lei. E Lampião continuou:

– ... por isso eu quero confiar a você o que tenho de mais precioso: minha filha. Nossa filha, minha e de Maria.

Maria Bonita aperta mais nos braços a recém-nascida. Era Expedita. Tinha trinta dias de idade.

– Conservem-na sempre. Tratem-na como se fosse filha de vocês. Digam ao seu patrão Juca Tavares que ele será o padrinho da menina que se chamará Expedita pela nossa vontade. E aqui estão cem mil réis para as despesas do batizado.

Severino manda que a esposa recolha a garota. Maria Bonita entrega-a. mas há no olhar que fixa em Expedita um infinito de sofrimento. Companheira de bandido, embora, e, sendo, ela mesma, nos instantes de refregas tão valente e tão desapiedada como qualquer dos cabras sob comando de Lampião, Maria Bonita não é, por isso, mãe menos amante que outras. Mas entrega Expedita, já porque nunca discutiu ordens de seu companheiro, já porque assim estava predestinado e, mesmo, melhor sorte, dessa forma, deveria estar reservada para a carne de sua carne e o sangue do seu sangue... Uma lágrima rolou pela face de Maria Bonita. Talvez a primeira desde muitos anos...

Meia légua caminharam de volta, Severino e sua esposa, agora, conduzindo Expedita.

—

Nunca Lampião e Maria Bonita se esqueceram da filha. Frequentemente coiteiros apareciam no rancho de Severino para levar dinheiro e joias para Expedita e seus pais adotivos. A prudência, porém, os aconselhava a ali não aparecerem em pessoa. Isso mesmo, no entanto, eles fizeram em 1936. Era a última vez que a veriam – parecia dizer-lhes um sexto sentido, tanto que, por longo tempo a tiveram nos braços o pai e a mãe. Súbito, num repente, como nas despedias que tornamos subitamente rápidas, porque ao contrário desejávamos que fossem a eterna presença, deixaram o rancho dos lavradores e metendo na mãozinha de Expedita, então com quatro anos, uma nota de duzentos mil réis, uma corrente de ouro e uma argola, desapareceu na caatinga o casal de bandoleiros...

—

Era uma vez um bandoleiro que se chamava Lampião... Morreu o cangaceiro e, com ele sua companheira. Essa história será contada muitas vezes. Queira Deus nunca a ouça a pequena Expedita, a que é magra, morena, de um moreno azeitonado que às vezes tem irradiações de ouro; os olhos verdes que lembram as matas e outras vezes, o mar. Queira Deus que ela nunca ouça essa história e que a polícia que vai leva-la do rancho do Severino para a casa dos avós ou uma escola, não se lembre de evocar os episódios que torturarão a pobre criança.

Queira, ainda, Deus, que ela jamais ponha os seus olhos verdes que já sabem ler, diante dessa crônica...

*O Imparcial* (RJ) – 07.05.1941

## *BANDOLEIROS DAS CATINGAS*

Alceu Amoroso Lima

Um dos sucessos de livraria do momento é este volume *Bandoleiros das Catingas*, de Melchiades da Rocha, que a Editora "A Noite", do Rio de Janeiro, acaba de publicar.

Não está em jogo um livro que se proponha a oferecer aos leitores uma síntese sociológica ou jurídica do problema do banditismo. Em absoluto. Ao começar a escrever seu livro, Melchiades da Rocha, como jornalista que é, procurou, antes de tudo, fornecer aos seus leitores uma reportagem completa sobre o cangaço do Nordeste e, especial, sobre os últimos dias de Virgulino Ferreira, o famigerado Lampião.

E assim esse jornalista se dirige ao leitor:

"Você, que não desconhece a história dos cangaceiros do Nordeste, deve estar lembrado da sorte que o "Rei do Cangaço" e o seu "estado-maior" tiveram na madrugada do dia 28 de julho de 1938, lá na famosa gruta de Angicos, e bem assim da tremenda "revanche" de "Corisco", ocorrida, dias depois, na fazenda dos Patos, fatos esses que, em furos sensacionais, foram noticiados pela *A Noite*, com opulenta abundância de detalhes. Como repórter desse vespertino carioca, coube-me, então, a dura tarefa de ir colher no teatro das referidas ocorrências, naquelas paragens escaldantes do Nordeste, as notas que acrescidas das dos nossos correspondeste locais, constituíram o todo da empolgante e vastíssima reportagem de repercussão estrondosa no país e além das suas fronteiras. Não trato, aqui, pois, de novidade. Mas revivendo e melhorando essa reportagem, tenho agora a oferecer-lhe, além de interessantes opiniões, notas e considerações de consagrados escritores patrícios, que são autoridades no assunto, alguns episódios e pormenores pitorescos e emocionantes da vida do cangaço, ainda não de todo conhecidos do leitor."

E, de fato, assim acontece. Contando-nos a história dos últimos dias de "Lampião", história que conheceu nos próprios sítios em que o bandoleiro exercia a sua trágica série de atrocidades e violências, o Sr. Melchiades da Rocha pôde compor, em seu volume, uma narrativa pitoresca, minudente e verídica do que foi, no famoso sertão de Angicos, o fim de Virgulino Ferreira, talvez a mais famosa figura do cangaço nordestino, pela duração de suas atividades sanguinárias. O leitor acompanha o Sr. Rocha desde o Rio de Janeiro até a Grota dos Cangaceiros, através do sertão alagoano, presencia a morte de "Lampião" através de testemunhos dos mais diretos e convincentes, conhece a vingança de "Corisco" em toda a extensão de sua barbaridade e de tudo isso retira uma impressão que é poderosa, perturbadora, sempre sensacional.

Mas não se limita a essas narrações o Sr. Melchiades da Rocha. Conta-nos, também, episódios da vida dos bandoleiros, relata coisas da vida de Maria Bonita, "a cabocla feiticeira e enfeitiçada", trata dos devaneios de poetas e cantadores em torno dos bandidos e acaba por transcrever uma carta de Alexandre Zabelê, das mais pitorescas em sua linguagem rústica.

*Bandoleiros das Catingas* é, assim, livro que respira uma densa atmosfera de vida e de sensação.

Acentue-se que a Editora "A Noite" enriqueceu o volume com dezenas de gravuras documentais das mais impressionantes, entre as quais a famosa exibição das cabeças dos bandoleiros após seu extermínio em massa na gruta de Angicos.

*Vamos Ler* (RJ) – 11.06.1942

## "TAMOS QUITES"

Há anos passados, quando o sertão de Pernambuco vivia infestado de cangaceiros, viajavam, de Salgueiro para Ouricuri, Nonato e Doca, amigos e compadres, ambos criadores de gado e plantadores de algodão. Demandavam a ponta dos trilhos da estrada de ferro que os conduziria ao Recife. Só assunto muito importante justificava a temeridade daquela viagem, e, ainda por cima, levando dinheiro para pagamento na praça.

Lidando nos mesmos negócios, havia sempre entre os dois compadres transações comerciais e, não raro, um ficava devendo ao outro alguns contos de réis, sem que para garantia da dívida fosse necessário qualquer documento. Agora, por exemplo, era Doca que devia a Nonato cinco contos de réis de uma transação de terras.

Iam os dois trotando, lado a lado, em silêncio, quando o primeiro falou, como que prosseguindo o curso de suas íntimas reflexões:

– Como eu ia dizendo, compadre, aquele dinheiro, quando chegarmos ao Recife eu lhe pago ele, ouviu?

Ora, compadre Doca, que besteira! Você paga quando quiser.

E seguiram calados, já agora a um de fundo, por uma vereda do mato cerrado.

Repentinamente, ouviu-se um tropel para os lados do rio. Estacaram. O pajem que os acompanhava correu a observar por uma abertura e veio explicar:

– É o bando de Lampião...

– São muitos? indagou Nonato.

– Obra de uns vinte, patrão. Não adianta tentar resistência.

– E como vai ser? fugir não se pode, no meio dessa mataria agreste. O remédio é entregar o dinheiro aos bandidos.

– Pois seja o que Deus quiser... fez Doca, fatalista.

Um tiro ecoou nas lombadas da serra próxima. Era a intimação.

– É de paz! Gritaram três vozes.

O bando aproximou-se. Não se passaram dois minutos e já Lampião, garrucha em punho, seguido do seu "estado-maior", dava as "boas tardes" ao viajante.

Doca foi o primeiro a falar:

– Seu capitão, o dinheiro que trazemos é de vosmecês. Mas vosmecês deixa a gente seguir em paz.

– Em paz e com Deus Nossinho! Nem precisa desapeá... tranquilizou o chefe dos bandidos.

Doca retirou do cinto o lenço de Alcobaça onde levava o dinheiro, desatou as pontas e, antes de entregar o conteúdo a Lampião, falou-lhe:

– Com licença, capitão.

E a um gesto de aquiescência do cangaceiro, voltando-se para Nonato:

– Compadre, mudei de ideia; não espero até chegar ao Recife, não. Vou lhe pagar, agora mesmo, aquele dinheiro que estou lhe devendo.

E antes que o outro tivesse tempo de protestar:

– Aqui tem, compadre Nonato: um, dois, três, quatro, cinco contos. Tamos quites.

*A Noite* (RJ) – 11.06.1942

## MARIA BONITA

Vitalino Fonseca

*Naquela tarde estival,*
*Entre a restinga bravia do Nordeste-brasileiro,*
*Surgira, qual tempestade, de torvo desfiladeiro,*
*A cavalgata infernal*
*Do bando de "Lampião"!...*

*Desordenada, feroz, estacionara, a fremir...*
*O solo escarvando, na ânsia de ferir...*
*Espargindo em sangue a penedia e o chão!...*

*Era passada a refrega...*
*Bem sucedido o assalto, preciso seria, agora,*
*Repousar pela noite... até ao romper da Aurora...*

*A tropa resfolega...*
*Às rédeas sofreando o seu destro "Alazão",*
*Salta o chefe, garboso,*
*E ampara pela mão*
*Uma mulher ferida*
*(causa e paga de um dia trabalhoso),*
*A quem depõe, assentada,*
*Sobre uma rocha nua, ao rigor pleno da tarde...*
*A pensar-lhe o rosto diz-lhe, em voz sentida:*
*– "Maria! Arde-me o peito como o Sol te arde"!*
*– "Maria! Maria! Um só olhar: graça infinita"...*
*E ao limpar-lhe a face ensanguentada,*
*O rosto lhe descobre aos olhares atentos*
*Daqueles canibais, a murmurar, sedentos:*
*– "Demônio! Ainda assim, "bonita"...*

*Naquela noite estival,*
*Entre a restinga bravia do Nordeste-brasileiro,*
*Foi que "Maria Bonita" se entregou ao mal...*
*Sagrando-se, num supremo abraço,*
*Em tipo conhecido no Brasil inteiro:*
*– A Rainha Suprema do Cangaço!...*

*Um dia... surgiu um dia...*
*Que dia e noite pelo mundo, a esmo,*

*O coração, carrasco de si mesmo,*
*Vai devorando aos poucos a alegria!...*

*Um dia... alegre bando pelos montes;*
*As águas em surdina pelas fontes...*
*Em descuidos e cantigas o viver encerra...*
*A caça descuidosa ao caçador se oferta...*

*Um tiroteio cerra...*
*– "Maria! Maria! Adeus... Um abraço"...*
*– "Aperta-me contra o peito... aperta"...*
*Um bala certeira*
*Vem selar a união derradeira*
*Da Rainha Suprema do Cangaço!...*

*Naquele momento supremo,*
*Entre à restinga bravia do Nordeste-brasileiro,*
*Teve o fim extremo*
*Todo o romance de um Cangaceiro!...*

*Gazeta de Paraopeba* (MG) – 09.04.1944

**O POEMA DAS MARIAS**

Solano Trindade – Poemas de uma vida simples

*Maria é um nome universal*

*Onde está a vida,*
*Maria está...*

*Maria é o nome de três estrelas*
*Que andam unidas,*
*Falando aos poetas*
*De coisas bonitas do céu...*
*Maria é o nome*
*Que deram a raiz*

*Da lenda cristã...*

*Maria é o nome da adúltera Madalena*
*Perdoada por Deus*

*Maria é o nome*
*Das mulheres dos campos, das mulheres das praias,*
*Das mulheres dos rios, que trabalham em lavoura,*
*Que esperam o pescador, que são lavadeiras...*

*Há Maria branca, há Maria preta,*
*Há Maria amarela, há Maria vermelha...*

*Há Maria santa, há maria pecadora,*
*Há Maria achada, há Maria perdida,*
*Há Maria louca, há Maria de juízo,*
*Há Maria covarde, há Maria valente,*
*Há Maria burra, há Maria inteligente,*
*Há Maria explorada, há Maria exploradora...*

*Por isso esse nome é bonito,*
*Simboliza mulher, simboliza luta,*
*Simboliza amor...*

*Eu gosto de Maria*
*Seja do Carmo, Madalena, Conceição,*
*Glória, Efigênia, Margarida, Vitória,*
*Lourdes, Penha, Rosário, Anunciação...*
*Eu quero que seja Maria*
*Seja lá do que de que...*

*Como era feliz Lampião*
*Com sua Maria Bonita*
*Quando a gente a ela ama*
*Era também mãe Maria*
*O Amor de pai João...*

*Seja gorda, seja magra,*
*Seja feia, ou seja bela*
*Maria é sempre Maria*
*Seja impura ou seja casta,*
*Maria é sempre Maria,*
*Porque Maria é gente*
*Mas também é poesia...*

*Carioca* (RJ) – 10.03.1945

## O LAMPIONISMO

Quando Virgulino Ferreira da Silva, o famoso Lampião, esteve na cidade cearense de Juazeiro, em visita (segundo se dizia) ao padre Cícero Romão Batista, pôde-se observar claramente, até por fotografias tiradas na ocasião, o perigo tremendo que representava esse homem e toda a corte facinorosa que o ladeava, obedecendo-lhe. O bando era constituído por 50 homens bem municiados, que não hesitavam em espingardear friamente o primeiro que se lhe opusesse. Achava-se então que só mesmo com a morte do temeroso chefe desses bandoleiros é que o Nordeste (o Ceará principalmente) ressuscitaria para a tranquilidade de uma era nova, sem preocupações nem receios.

Puro engano. Lampião foi morto (todos sabem), mas o lampionismo subsiste. Referimo-nos à subsistência dessa mentalidade criminosa que o homem difundiu, e que agora, independendo dele, faz lembrar o caso frequente da criatura que acaba exercendo o seu criador. Polícias da Bahia nos contam que a cidade de Pilão Arcado foi tomada de assalto por facínoras, cerca de 100 jagunços, sob as ordens de um tal Miguel Umbuzeiro. Doente se vê que continuam as tropelias sertanejas, graças à impunidade e sobretudo à sobrevivência de uma deformação mental que é preciso corrigir e que insistimos em chamar de Lampionismo, à míngua de melhor nome.

Tudo isso ainda se pode explicar em certas regiões do Nordeste, onde não há eficiente ação policial. Acontece, porém, que o lampionismo está descendo para o Sul (já chegou à Bahia) e até ultimamente vem mostrando sinais de uma vida embrionária em certas ruas da capital paulista... Mas não haverá por aqui, também, polícia ou civilização, qualquer coisa, enfim, que nos proteja contra os lampiões modernos, esses assaltantes ousados varejadores de residências, exploradores profissionais e especialistas do mercado negro?...

*Correio Paulistano* (SP) – 29.03.1946

## DETALHE PARA A COMPOSIÇÃO DE UM RETRATO

No almoço que o advogado Brito Alves ofereceu, em sua residência, ao romancista dos canaviais nordestinos, podemos perceber um pouco mais de perto, a alma profundamente mascarada de José Lins do Rego. Durante quase todo tempo da refeição, o autor de "Pedra Bonita" quedou silencioso, como se estivesse ali contrariado, ou como se sua glutonaria houvesse paralisado o sentimento da cordialidade. Creio mesmo, que do aperitivo ao charuto, tempo ocupado extensamente por um cardápio delicioso, só ouvimos do escritor das *Bagaceiras*, resmungos de "obrigado" ou "basta". As perfumadas iguarias seduziam com tanta violência os sentidos de Lins do Rego, que sua inteligência estava ausente.

Naquele momento, o homenageado era apenas um homem que comia e como se fosse também um condenado a ouvir a louvação de seus companheiros de mesa. O romancista que tanto e tão bem escreve, parecia estar de férias, ou ter ficado à porta da Livraria José Olímpio. Mas que engano! Como diria ele próprio – "que engano da peste!"

O advogado Brito Alves, incidentalmente, falou no nome do cangaceiro Antônio Silvino, o que foi o bastante para que a legenda desse nome despertasse no romancista a vontade de falar. O menino de engenho, que ele não deixa de ser nunca, animou-se de uma poderosa força de expressão; as recordações da infância juntaram-se nele e explodiram em anedotas e fatos sobre o cangaço e outros caracteres de sua terra.

Compreendemos, imediatamente, que é necessário, antes de tudo, um clima, uma geografia de umbuzeiros e mandacarus, um ambiente de chapéus de couro e de rifles, uma beira de rio para José Lins falar. Ele é um matuto e um matuto só sabe mesmo contar as cousas de sua terra, as histórias de amor que são quentes como o mormaço, as emboscadas dos covardes que se escondem no tronco da baraúna para matar pelas costas, homens da têmpera desse capitão Vitorino Carneiro da Cunha, Vitorioso Papa-Rabo.

Por isso, "Eurídice" foi uma espécie de filho natural, um romance que ficou isolado de sua obra. Rio de janeiro, quando tudo de José Lins do Rego só presta quando vem do sertão, da zona da mata, do banguê. E essa viagem que ele acaba de fazer ao Nordeste foi uma reconciliação com a terra e com o homem, um pedido de perdão a todos nós por ter escrito "Eurídice", uma promessa de lealdade telúrica com o aparecimento, em breve, de um novo romance que conte o ciclo da cana-de-açúcar e que desfaça a má impressão que nos causou esse seu ato ilícito de amor com a vida carioca.

Isso porque, mais uma vez, na residência do advogado Brito Alves, tivemos a certeza de que o romancista de *Moleque Ricardo* é outro, quando se refere aos problemas de sua gente. Foi um prazer ouvi-lo recordar, principalmente os feitos dos bandidos que ele ama como elemento de composição de nossa árvore genealógica. Do bandido que para ele é mais um sertanejo de vergonha que se vinga em obediência a um código de honra, do que mesmo uma excrecência social. Do bandido de moral primitiva, por isso, violento, por isso, sincero, e muitas vezes, iluminado por um rasgo de estranha e comovedora nobreza.

Lampião, que era valente e não tinha a covardia na sua norma de conduta, respeitava por exemplo a vida e as propriedades dos vigários que encontrava pelo caminho. Respeito esse, aliás, que foi surpreendido também em outros bandoleiros, como Antônio Silvino. Tanto é assim que o criminalista Brito Alves nos citou o nome de um sacerdote muito conhecido no Recife, que mandava frequentemente "peras e uvas" para esse profissional do crime, durante o tempo em que esteve preso em nossa Casa de Detenção, porque Antônio Silvino, em suas "expedições punitivas", respeitava, todas as vezes, os feudos do ilustre reverendo.

Hoje, porém, o cangaceiro está perdendo a sua fama, o seu heroísmo; está se tornando um elemento vulgar. E José Lins do Rego observa esse fato, com indisfarçável melancolia, para logo depois, imediatamente, explicá-lo com uma irreverência que provoca uma gargalhada de todos: "O sertão é, hoje, uma terra de filhos de Maria."

É assim na intimidade esse escritor brilhante, essa imaginação sempre grávida, essa compleição nervosa que alterna bruscamente os sentimentos mais contraditórios do coração humano.

O jovem escritor Edson Nery me disse certo dia, que por mais de uma vez, encontrara o autor de "Doidinho", perdido nas ruas do Rio, aflito, louco de aflição, mostrando o pulso aos

amigos, pedindo-lhes que verificassem se ia morrer, em um abatimento que fazia pena. E no entanto, com qualquer palavra animadora de um amigo, ele se transformava de repente, passava desse estado de agonia nervosa, para o gosto de viver, de ser elogiado, o elogio que ele tanto ama, como já nos declarou para o *Diário de Pernambuco*: "eu gosto de elogios como os meninos gostam de caramelos."

É assim na intimidade, o romancista José Lins do Rego: um menino de engenho que as seduções da metrópole não conseguiram matar.

*Diário de Pernambuco* (PE) – 26.03.1948

## CANGAÇO E COITEIROS (I)

Oswaldo Lamartine

*Criando Deus o Brasil*
*Desde o Rio de Janeiro,*
*Fez logo presente dele*
*Ao que fosse mais ligeiro:*
*O Sul é para o Exército,*
*O Norte é pra Cangaceiro...*

NATAL, junho – As primeiras Sesmarias do século XVII que foram conquistadas do aborígene a boca de clavinote, com sua população de escravos e assalariados, conquistados no alto sertão onde a justiça não penetrava e, quando o fazia, amoldava-se às conveniências sociais e políticas – perra, trôpega e, mais das vezes conivente aos senhores dos feudos patriarcais.

O alto sertão, berço do cangaço do ciclo da pecuária, onde patrão e escravo campeavam e participavam dos mesmos riscos e faziam-se compadres – excluiu o ele intermediário do ciclo da cana – o feitor. O trabalho do homem isolado, identificando-o com o terreno, conhecendo serras, furnas, esconderijos e, açoitado pelas vergônteas de mufumbo nas carreiras desabaladas atrás dos borbotões. Individualismo, o seu individualismo. Individualismo estimado pelas condições do trabalho e do meio, fazendo-o revidar, afrontar, desdenhar dos "cabras de peia", fugir aos castigos para "ganhar as caatingas" onde se arregimentava aos bandos volantes, passando a viver de cangaço – forma deturpada desse individualismo.

.....

*Quem tem medo de polícia*
*Nasceu "roncoio", é safado...*

O adolescente que se fazia homem, assistindo e participando dos dramas das senzalas, lutas com os ameríndios para manutenção da posse da terra, sacrifício do gado para o consumo, narrativas de façanhas onde o sangue é sempre o líquido que lava a honra, luta com feras, duendes e homens. Nenhum herói importado de outras ribeiras. A sua idolatria ao meio isolado era seduzida para o heroísmo bronco e selvagem dos que o cercavam, cantados nas gestas com lanças de bravura suicida, injustiçados ou pseudo-injustiçados em luta constante para reparação de um erro:

*Um cabra matou meu pai*
*e ficou bem descansado;*
*disse a um irmão que eu tinha:*
*– Meu pai há de ser vingado*
*inda o cabra lá no inferno,*
*lá mesmo é esquartejado.*

A tradição em proteger seus agregados. O escravo e depois o vaqueiro, o morador, o rendeiro, e parente e o eleitor são filamentos nervosos do seu patrão.

O destino do homem tem o limite geográfico do poderio dos proprietários:

*A pessoa que for aos meus terrenos*
*Está sujeita a uma ordem que destina;*
*Ele coze, ele fia, ele faz renda*
*Troca birro igualmente a u'a menina.*

Lutas de família – Quincas Saldanha e Antonino (início deste século) assalariando "cabras", ensanguentando vilas e estradas, amedrontando populações (Paraíba), armado de fuzis e armas automáticas centenas de cangaceiros.

A 4-X-911 chefes políticos de 17 municípios da ribeira do Cariri (Ceará), inclusive o Padre Cícero Romão Batista, lavram um documento, "fé-política", onde no artigo 7° se lê: "A bem da ordem e da moral os chefes terminarão a proteção aos cangaceiros." Um ano mais tarde, Antônio Silvino que inundava o sertão de dinheiro falso, assaltava, matava, protegia e perseguia, era chamado pelo político de São Miguel de Jucurutu e o juiz de direito de Acari (ambos no R. G. do Norte) – Dr. Vicente Veras e Vicente Dutra, num entendimento para fins eleitorais!

Populações flageladas pelas variações climatéricas periódicas, pedindo, emigrando e assaltando para sobreviver.

A sífilis poluindo os homens, cuja terapêutica se restringe a benzeduras e garrafadas... O álcool e as "comidas brabas" intoxicando. Doenças de carência aliadas a uma consanguinidade desbaratada. Epiléticos, loucos e tarados gerando monstros. Em síntese: ausência absoluta de higiene mental e do corpo:

*O problema do cangaço*
*Não é tal como se pensa*
*Depende do nosso povo*
*Sua instrução, sua crença.*
*Estradas nos carrascais,*

*Faltam escolas e hospitais,*
*Sem isto não há quem vença.*

Formas religiosas deturpadas por beatos místicos. Na Serra do João do Vale – José Lourenço (R. G. do Norte), Padre Cícero no Juazeiro (Ceará) e o Conselheiro, em Canudos (Bahia). Atraindo romeiros de todas as castas; do homem honesto, laborioso e para consultas de saúde, previsão de inverno, benção, etc., ao cangaceiro – isolado ou em bandos, em busca de proteção, rezas fortes, intervenção, etc.

Desse meio surgiram os Cunha, Pataca, Liberato, Cabeleira, Brilhante, Viriato, José Antônio, Rio Preto, Antônio Silvino e Lampião. Percorrendo as caatingas, cercados de sequazes, perseguidos aqui e acoitados ali pelos fazendeiros e, algumas vezes, subornando seus perseguidores ou desfrutando a antipatia deixada vivia entre dois dilemas; o cangaceiro – ameaçando-o de morte em caso de traição, protegendo-o e vingando seus desafetos e remunerando a sua hospitalidade de algumas horas. A polícia: espancando-o para descobrir um roteiro imaginário, requisitando seus cavalos e desrespeitando a sua hospitalidade:

*O sertanejo infeliz*
*Com a polícia e o cangaço*
*É que sofre as consequências*
*Dizendo não sei que faço.*
*Se sirvo à polícia apanho*
*Sirvo Lampião levo banho.*

Forças volantes cujos desertores fornecem ao cangaço seu maior voluntariado, munições e armas.

O cangaceiro de bando em torno de um chefe com seu traje característico pintado por João Martins de Athayde:

*Ele traz o seu cabelo*
*Americano cortado*
*Traz a nuca descoberta*

*Usa o pescoço raspado,*
.....
*Os dedos cheios de anéis*
*Boa alpercata nos pés*
*Pra lhe ajudar no serrado.*

Fruto de regiões esquecidas dos homens e governos:

.....

*Nas margens do Moxotó*
*Onde o homem vive, só*
*Pensando em ser assassino.*

Usado como instrumento, perseguido, admirado ou acoitado, teve a sua carreira cortada por dois elementos da civilização: o caminhão e o telégrafo.

Natal, junho de 1948.

*Diário de Pernambuco* (PE) – 27.06.1948

## CANGAÇO E COITEIROS (II)

Oswaldo Lamartine

Os bandos de cangaceiros que povoava as caatingas do Nordeste, desagregados por dois elementos da civilização – o caminhão e o telégrafo –, foram absorvidos pela nossa organização social sob a forma e com a sinonímia de capanga, cabra, empreiteiro ou "marchante-de--gente" (esta mais empregada em nossos dias).

Mudou apenas a paisagem, os elementos persistem... A descaracterização imposta pela absorção despiu-se de suas indumentárias, fazendo-os usar a roupa do povo. Substituíram seus rifles, fuzis e cartucheiras pelo revólver e, a simbólica faca-de-arrasto (Pajeú ou Parnaíba), usada para seccionar a "veia da sangria" foi trocada por outra mais discreta, sinistra e de menos preço – a peixeira.

Perpetrando o primeiro crime, acobertam-se à sombra das casas-grandes em cujas cancelas a lei esbarra, encurta a vista ou se dobra. Em troca desse refúgio mourejam na lavoura, sem remuneração, soltando o cabo da enxada quando o coiteiro lhes aponta em que família deve "fazé chorá viúva". São pequenos proprietários que teimam em impedir a dilatação das grandes propriedades que teimam em impedir a dilatação das grandes propriedades, adversários políticos a afastar, intrigas de família ou avarentos a saquear – cujo dinheiro salpicado de sangue justifica muita fortuna dos sertões nordestinos onde as condições precárias de produção não permitem enriquecer, mas lutar.

O caminhão e o telégrafo que foram os dois fatores de desagregação dos bandos, servem agora às organizações dos que ajudam a Deus": aquele conduzindo os "marchantes" ao local do crime e auxiliando-os depois, a transpor fronteiras. O telégrafo transmitindo os pedidos de "empreiteiros", combinados, etc.

Dependentes dos coiteiros pela sua situação de criminosos, são mortos ou recambiados à justiça na primeira reivindicação do salário, atrito ou desrespeito. Outros assassinam seus protetores e passam a "negociar por conta própria", oferecendo seus préstimos a pessoas abastadas (cujo preço caria com a situação social da vítima).

A degradação do cangaço apagou os motivos dessa bravura selvagem ainda cantada

pelos nossos poetas populares em seus romances-de-feira onde o cenário e a paisagem são desprezados em detrimento da ação. O "marchante" foge a luta executando seus crimes de emboscada. É o assassino frio e covarde característico de indivíduos portadores de terras.

Essa forma asquerosa que se esparge por todo o Nordeste, dificilmente será banida pois tem a sua sementeira na própria organização social do povo.

O cangaceiro gentilhomem, tipo Jesuíno Brilhante foi substituído pelos "marchantes--de-gente" que "lambem uma rapadura detrás de um toco" para perpetrar seus crimes.

*Diário de Pernambuco* (PE) – 29.08.1948

## SOBRE O CANGAÇO

José Lins do Rego

Pede-me Oswaldo Lamartine uma sugestão para os estudos que está iniciando sobre o cangaço, em ótimos artigos para o *Diário de Pernambuco*.

E como estou também no mesmo gênero de pesquisas, pois preparo-me para o meu romance Os Cangaceiros, muito teria que aprender com o jovem ensaísta rio-grandense do norte, e desta coluna lhe pediria que se possível fosse, me mandasse de empréstimo o que possua em folhetos e abc sobre o nosso tema. O último artigo de Lamartine é uma magnífica observação sobre o progresso que, no Nordeste, sofreu o cangaço.

O cangaceiro do tipo clássico, vencido pela estrada de ferro, pelo caminhão, pelo telégrafo, mudou de paisagem, despiu-se de suas indumentárias, do chapéu de palha quebrado na frente, do chapéu de couro, do punhal atravessado, do rifle, da cartucheira, das alpercatas, e apaisanou-se. Passou a "marchante de gente," e trocou de armas. Agora usa revólver, faca "parnaíba" ou "pajeú", e não anda em bando. Trabalha a domicílio e faz o seu serviço a tanto por cabeça. O que era a vida agitada do cangaço se transformou numa espécie de burocracia do crime. Em Alagoas muito se fala num "sindicato da morte", uma máfia com livro de escrituração e seguro de vida.

A degradação do cangaço apagou os motivos da bravura selvagem ainda cantada pelos nossos poetas populares, diz-nos Lamartine. Agora o que existe é o assassino frio e covarde. "O cangaceiro gentil-homem, tipo Jesuíno Brilhante, foi substituído pelo "marchante de gente" que lambe uma rapadura detrás do toco."

E o mais curioso é que o caminhão e o telégrafo, que foram, a princípio, agentes decisivos na extinção do cangaço de bando, servem aos empreiteiros do crime como criados.

É assim a vida.

*O Jornal* (RJ) – 07.10.1948

## O ÚLTIMO DUCE

Costa Rego

Há hoje na Itália (ou mais precisamente, na Sicília) um bandido chamado Giuliano, chefe de numeroso grupo de malfeitores, que a polícia não consegue prender.

Esse caso lembra logo o de Lampião, entre nós, como o de Lampião lembrava o de Antônio Silvino. É interessante observar-lhe a evidente analogia com o fenômeno brasileiro do cangaço.

Todos sabem que Antônio Silvino e Lampião conseguiam escapar das autoridades porque estas não tinham como descobri-los: quando não ocultos na caatinga, eles eram escondidos pelos próprios fazendeiros ou destes recebiam ajuda para a fuga. Sucede igualmente isto na Sicília em relação a Giuliano, conforme acaba de afirmar a polícia da Itália.

Assim, é possível admitir que no Brasil, na Itália, em qualquer parte, os mais profundos confins da terra possuem uma civilização – uma civilização sem Estado e portanto sem força pública. Os malfeitores, agindo nesse meio, tomam a proporção de indivíduos legendários, dignos de proteção, umas vezes porque inspiram terror e ninguém deseja afrontá-los, outras vezes porque despertam admiração e conquistam a fama de heróis.

Há muitas origens para o banditismo dos sertões brasileiros. Não caberiam todas, para exame, neste espaço. As estudadas por Gustavo Barroso alongar-se-iam em uma grande obra de sociologia.

As causas do banditismo siciliano são também numerosas. Parecem contido filiar-se, na opinião de Maurice Vaussard, à epopeia garibaldina, que a Sicília favoreceu com seus contingentes. Os sicilianos, depois da vitória, haveriam considerado abusivas algumas leis do reino, em particular a da conserição à qual se evadiam internando-se no mato. A vida clandestina criou o banditismo. O banditismo provocou a represália da polícia. Consequência: a Sicília entrou em uma espécie de guerra civil que o general Govone acabou dominando com vinte batalhões dispersados em colunas-móveis.

Veja-se a similitude: no extremo interior de Minas, da Bahia, de Sergipe, de Alagoas, de Pernambuco, da Paraíba, do Rio Grande do Norte e do Ceará, a perseguição ao banditismo fez-se, com as chamadas forças volantes, ou seja, com destacamentos policiais cuja tarefa é embrenhar-se na caatinga disfarçados, para surpreender *os cangaceiros*.

As colunas móveis do general Govone encontravam as mesmas dificuldades opostas aqui a essas forças volantes. O primeiro percalço era a solidariedade franca das populações com os perseguidos.

"Quando por acaso a tropa chegava a prender um malfeitor – escrevia Govone ao ministro da Guerra – há sempre mais gente para jurar pelos bons antecedentes do prisioneiro que testemunhas para reconhecê-lo culpado. A obstinação patenteada na recusa de apoio a força pública vai até ao heroísmo."

As próprias vítimas dos bandidos, inclusive as atacadas e feridas, negavam-se a denunciá-los, porque lhes parecia ato reprovável de delação.

"Ainda em 1875 – diz Maurice Vaussard – um deputado revelou no Parlamento italiano que havia na Sicília comunas em cujo orçamento figurava uma verba de contribuição ao grupos de bandidos a troco do compromisso de não as depredarem."

Em algumas circunstâncias o general Govone teve de cortar o abastecimento de água a certas populações, com o fim de obter que elas não abrigassem os bandidos.

No âmago da resistência passiva dessas populações havia, porém, mais que solidariedade ao crime: havia uma lenta acumulação de ódios ancestrais, que fazia de cada pessoa o sócio espontâneo de qualquer empresa de vingança: uma sorte espantosa de separação dos camponeses em clãs inimigos, nos quais, todos se incluíam por terem uma velha conta a liquidar com alguém. Do primeiro crime se ia ao segundo, ao terceiro, ao quarto, e por fim, conhecidos os crimes, os criminosos passavam a errar, evadidos, até que a vida os obrigava a formar grupos e a ter, com esses grupos chefes.

O fato não é evidentemente constante. E, todavia, estimulado pelas circunstâncias nas épocas de perturbação coletiva. O malfeitor que neste momento a polícia não agarra na Sicília e os camponeses, como sempre fizeram, ajudam a ocultar-se é uma sobrevivência – é talvez a caricatura do Duce, na terra onde se haviam todos habituados a seguir um homem, fosse ele Cesar ou o tipo aventuroso que se decidia a comandar seu destino. Este homem no esplendor ou na tormenta, chamou-se Cavour, Garibaldi ou Mussolini; pode, na degradação, chamar-se Giuliano.

*Diário de Pernambuco* (PE) – 14.07.1949

## PERSEGUIÇÃO DE LAMPIÃO PELAS FORÇAS LEGAIS

José Cordeiro

*No ano de vinte e sete*
*Já quase no meio do ano*
*Pelo norte brasileiro*
*Penetrei a todo pano*
*Jurando sob ameaça*
*Em transformar em fumaça*
*O sertão paraibano*

*Logo que fui penetrando*
*No solo da Paraíba*
*Fui dizendo dessa feita*
*Não vejo quem me proíba*
*Mostrando que sou valente*
*Até mesmo o presidente*
*Ou corre, ou morre, ou arriba*
*Se a polícia por acaso*

*Fizer-me perseguição*
*Eu acendo o meu farol*
*Toco fogo no sertão*
*Deixo Souza aniquilada*
*Cajazeiras sepultada*
*Nas cinzas de S. João*

*Quando estive em Juazeiro*
*Disse lá pessoalmente*
*Que da velha Paraíba*
*Não me ficava semente*
*Mostrando que sou exato*
*Dessa vez vou ver se mato*
*Quem atravessar-se na frente*

*Para que não faça isso*
*Ninguém no mundo me peça*
*Porque aquela província*
*Jurei virar as avessa*
*Podem rogar e pedir*
*Que não hei de desistir*
*Dessa sagrada promessa*

*Soldado dessa província*
*Não se faça de maluco*
*Não sendo meu camarada*
*Como algum de Pernambuco*
*Eu digo, juro e sustento*
*Que desse estado nojento*
*Só deixarei o combuco*

*Essa prece fui rezando*
*Quando transpus as fronteiras*
*Seguindo logo depois*
*No rumo de Cajazeiras*
*Com quatro léguas e meia*
*Dei uma surra de peia*
*E matei um nas Aroeiras*

*No Zuza Baixa Grande*
*Dei também uma carreira*
*Depois disso resolvi-me*
*Visitar a Catingueira*
*A ver se via o Silvino*
*Mas o bicho era mofino*
*Foi dormir na capoeira*

*Depois disto retirei-me*
*Com toda a minha corte*
*Chegando no Formigueiro*
*Fiz eu a segunda morte*
*Passei no Brejo das freiras,*
*Na direção das fronteiras*
*Do Rio Grande do Norte*

*Fui atacar o Belém*
*Um pequeno povoado*
*Do termo da Paraíba*
*Nos limites do Estado*
*Mas não fui bem sucedido*
*Porque lá fui repelido*
*Aos tiros do delegado*

*Porém da ponta da rua*
*Onde me tinha acampado*
*Colhi dez contos de réis*
*Dum velhote recurvado*
*Deste mesmo que roubei*

*Matei o gado e queimei*
*Casa, curral e cercado*

*Quando dali retirei-me*
*Fui a Barra do Juá*
*Aí matei um rapaz*
*Filho da gente de lá*
*Quando daí retirei-me*
*Com o grupo encaminhei-me*
*Pros sertões do Ceará*

*Abandonei Paraíba*
*Porque vi que não convinha*
*Perder tempo num lugar*
*Onde dinheiro não tinha*
*Inda andei matando uns dois*
*Seguindo logo depois*
*Para terra de Moreirinha*

*Quando transpus a fronteira*
*Mandei de novo avisar*
*Que todo paraibano*
*Podia se preparar*
*Porque eu com minha gente*

*Só volto quando arrasar*

*Não vão pensar que o Lampa*
*Dessa vez se vá embora*
*Vou só descansar uns dias*
*Nos encostos de Aurora*
*Depois que passar um mês*
*Voltarei segunda vez*
*Por este sertão afora*

*Tratando de outro assunto*
*Agora pude saber:*
*Pernambuco está de caldo*
*Paraíba pra morrer*
*Porque souberam de lá*
*Que aqui no Ceará*
*Não cogitam me prender*

*Podem de lá se morder*
*Eu ligo pouca atenção*
*No Ceará de açúcar*

*Dou carta o jogo de mão*
*Pra fazer raiva a negrada*
*Vou solfejar a toada*
*Da polca de Lampião*

*Vou queimar a Paraíba*
*Vou sapecar Pernambuco*
*Piauí e Rio Grande*
*Pretendo deixar maluco*

*Estribilho:*

*É Lampe, é Lampe, é Lampe,*
*É Lamparino, é cabra bom;*
*É Lampe, é Lampe, é Lampe,*
*É Virgulino, é Massilon.*

*Lampião é nergo taco*
*Sabino é bicho da linha*
*Massilon no Rio Grande*
*Banca pose almofadinha.*

*Estribilho:*

*É Lampe, é Lampe, é Lampe, etc.*

*Estácio é meu intrigado*
*Zé Augusto é inimigo*
*Suassuna é um danado*
*Moreirinha eu não persigo*

*Estribilho:*
*É Lampe, é Lampe, é Lampe, etc.*

*Agora vou reforma*
*Um grupo mais avultado*
*De pessoal que não tema*
*Penetrar qualquer estado*
*Abrindo agora o decreto*
*Só quero rapaz esperto*
*No jogo do pau furado*

*Qualquer um rapaz esperto*
*Faz oito mil réis por dia*
*Sendo bicho que agrade*

*Não fica nesta quantia*
*Tudo que digo sustento*
*Garanto que o pagamento*
*Na minha mão não esfria*

*Todo aquele que quiser*
*Aproveitar a menção*
*Pode vir se alistar*
*No grupo de Lampião*
*Que recebe adiantado*
*Além do bom ordenado*
*Uma gratificação*

*Com esta minha proposta*
*Fiz tudo quanto queria*
*Com toda facilidade*
*Formei uma companhia*
*Depois que tudo juntei*
*A todos eles contei*
*O plano que pretendia*

*Quando reuni a todos*
*Falei por esta maneira:*
*– Vocês até o presente*

*Viveram na quebradeira*
*Mas agora desta vez*
*Enrico todos vocês*
*Se não fizerem asneira*

*Porque estou resolvido*
*Fazer uma boa empresa*
*Atacar uma cidade*
*Que tenha enorme riqueza*
*Se meu plano não falhar*
*Qualquer um quando voltar*
*Não sabe o que é pobreza*

*Mossoró é a cidade*
*Que vai nos enriquecer*
*Apesar de muito grande*
*Não poderá se bater*
*Porque como eu pretendo*
*Inda mesmo ela querendo*
*Não pode se defender*

*Agora vou descrever*
*O plano que tenho em mente:*
*– Vocês vão ao Rio Grande*
*Seguindo na minha frente*
*Mas faço observação*
*Não derem demonstração*
*De nada incoveninete*

*Vão até a Mossoró*
*Cheguem lá todos vocês*
*Por diferentes atalhos*
*De dois a dois, de três a três*
*Façam que vão trabalhar*
*Quando eu me aproximar*
*Se reúnam duma vez*

*Logo que tenham certeza*
*De minha aproximação*
*Entrem na localidade*
*Peçam arma e munição*
*Fazendo que tem vontade*
*De defender a cidade*
*O que pedir eles dão*

*Mas se foram tudo bem feito*
*Com zelo e dedicação*
*Quando estiverem armados*
*Aguardem a solução*
*Na hora que eu chegar*
*Venha se encorpar*
*A nossa situação*

*Depois do plano traçado*
*Mandei o povo seguir*
*Com quatro dias depois*
*Também tratei de sair*
*Guiando cinquenta e seis*
*Em junho a nove do mês*
*Mas Araras fui dormir*

*Quando foi no outro dia*
*Fui ao Canto-do-feijão*
*Matei dois no povoado*
*Depois fui a Poço-Adão*
*Como achei despovoado*

*Deixei inutilizado*
*O cofre da estação*

*Depois disto retirei-me*
*Na tarde do mesmo dia*
*Ganhando logo no rumo*
*Do lugar pra onde ia*
*Com dois dias de viagem*
*Fui acampar na passagem*
*Do termo de Alexandria*

*Quando no dia seguinte*
*Que saí do povoado*
*Com duas léguas e meia*
*Pela força fui cercado*
*Mas não sabendo brigar*
*Tiveram que recuar*
*Com medo do meu recado*

*Depois que o fogo cessou*
*Vi com grande sentimento*
*Meu amigo Nevoeiro*
*Com um mortal ferimento*
*Vendo que estava mortal*

*Sangrei-o com meu punhal*
*Livrei-me do sofrimento*

*Depois que dei sepultura*
*Ao corpo do meu amigo*
*Rezei uma oração*
*Por sobre o novo jazigo*
*Junto com meu pessoal*
*Fui visitar o local*
*Do campo do inimigo*

*Lá inda achei um revólver*
*Um fuzil e um facão*
*Dois quilos de carne assada*
*Dez pentes de munição*
*Creio que aquelas praças*
*Só não perderam as calças*
*Por causa do cinturão*

*Além destes objetos*
*Acheio ferido um soldado*

*Para vingar Nevoeiro*
*Matei-o também sangrado*
*Logo após quando marchei*
*Um comboio incendiei*
*De Galdino e Luiz Bernardo*

*Adiante queimei outro*
*De um tal Abilio Vieira*
*De 11 cargas que vinha*
*Nem uma ficou inteira*
*Já mesmo dessa vez*
*Massilon junto com seis*
*Entrou na minha fileira*

*Depois Massilon me disse*
*Que conhecia de cor*
*Travesssa e beco por beco*
*Das ruas de Mossoró;*
*Ante o seu conhecimento*
*Eu dei o consentimento*
*Juntar os grupos num só*

*Segui para Mossoró*
*Cheguei a 13 do mês*

*Com os que lá já estavam*
*Cento e sessenta perfez*
*(Contando os da aliança)*
*Mas, cabra de confiança*
*Só tinha cinquenta e seis*

*Quando cheguei na cidade*
*Dividi o pessoal*
*Dei uma parte a Sabino*
*Fiquei com outro total*
*Logo que dei o aviso*
*Penetrei de improviso*
*Pela rua principal*

*Inda atingi o comércio*
*Mas não pude conseguir*
*Porque de todos os lados*
*Ouvia tiro sair*
*Com meia hora de fogo*
*Vendo que perdia o jogo*
*Tratei de me escapulir*

*Na terceira tentativa*
*Fiquei logo convencido*
*Que tomar esta cidade*
*Todo esforço era perdido*
*Três vezes inda tentei*
*Porém todas recuei*
*Sem nada ter conseguido*

*Além disso, nosso ataque*
*Fiquei sem três companheiros*
*Chocolate muito afoito*
*Morreu nos tiros primeiros*
*Jararaca com Patrício*
*Não sei por qual artifício*
*Ficaram prisioneiros*

*Mas em troca de Jararaca*
*O meu melhor companheiro*
*Entendi de receber*
*Vinte contos em dinheiro*
*De um tal Antônio Gurgel*
*Um ricaço coronel*
*Que o levei prisioneiro*

*No outro dia de tarde*
*Em Limoeiro cheguei*
*Convidado pelo chefe*
*Na casa dele almocei*
*Depois me fiz de carola*
*Dei três contos de esmola*
*Porém em nada toquei*

*Somente de Santiago*
*Prefeito de Limoeiro*
*Recebi uma quantia*
*De dois contos em dinheiro*
*Depois aí na cidade*
*Fotografei pela tarde*
*Meu grupo de cangaceiro*

*Aí fui logo tratando*
*De fazer minha defesa*
*Visto que não esperava*
*Reforço de Fortaleza*
*Pois confesso não julgava*

*Que o Ceará cogitava*
*De semelhante esperteza*

*Porém como seu Moreira*
*Me persegue sem razão*
*Vou mostrar-lhe desta vez*
*As cores do meu brasão*
*Como também vou provar*
*Que ninguém pode apagar*
*A luz do meu LAPIÃO*

*Com o grupo que formei*
*Nunca temi a ninguém*
*Se às vezes não resisto*
*É só porque não convém*
*E para todo mundo ver*
*Agora vou descrever*
*Os homens que o grupo tem*

*Tem o mano Ezequiel*
*Tem Massilon e Sabino*
*Virginio e Manoel Antônio*
*Az de Ouro e Zé Delfino*
*Xexéu e Zeca Quingu*

*Chá Preto e Jorge Salu*
*Baié, Faísca e Quirino*

*Vicente, Filiciano*
*Dois de Ouro e Mergulhão*
*Cobra-Verde e Barra-Nova*
*Luiz Gabino e Trovão*
*Tem Fortaleza e Criança*
*Caninana e Barra-Mansa*
*Pinica-Pau e Carão*

*Beija-Flor e Caxiado*
*José dos Santos e Chumbinho*
*Bem-te-vi e Pinga-Fogo*
*Chamuscado e Passarinho*
*Camilo e Chocolateira*
*Branca-Lua e Catingueira*
*Brasa-Viva e Zé Pretinho*

*Latejo e Estriquinina*
*Né Cartola e Candeeiro*

*Tem Cavaco e Carioca*
*Cipó de Fogo e Coqueiro*
*Tem Jurema e Trovoada*
*Tem Sabiá e Remada*
*João Vinte-e-dois e Tempero*

*Com esta rapaziada*
*Eu ando presentemente*
*Em qualquer um que pegar*
*Não se sabe o mais valente*
*Com a gente que me segue*
*Polícia que me persegue*
*Não vale nada é doente*

*Por não querer esperar*
*A polícia em Limoeiro*
*Rumei pro alto sertão*
*Na direção de Pereiro*
*Mas retorci de esguelha*
*Fiquei na serra Vermelha*
*No alto do Tabuleiro*

*No dia vinte de junho*
*Dia de segunda-feira*

*As nove horas do dia*
*Fui cercado na trincheira*
*Dentre os outros eu dei fé*
*Que o Moisés e o Quelé*
*Marchavam na dianteira*

*Inda briguei com a força*
*Por espaço de uma hora*
*Por quase duzentas praças*
*Me via cercado agora:*
*Vendo que de todo lado*
*Vinha chegando soldado*
*Não resisti fui embora*

*Deste cerco que rompi*
*As onze horas do dia*
*Com quatro horas depois*
*Fui acampar no Garcia*
*Desse ponto preparado*
*Embosquei entrincheirado*
*A força que me seguia*

*Na voz dos primeiros tiros*
*Eu disse: tenham cuidado*
*Para que nossos cartuchos*
*Não sejam em vão disparados*
*Saibam poupar munição*
*Pois nesta situação*
*Não convém ser estragados*

*O fogo principiou*
*As sete horas do dia*
*Numa descarga serrada*
*De toda fuzilaria*
*Quando a fumaça rompeu*
*O mundo escureceu*
*Que luz de sol não se via*

*Já fazia duas horas*
*E o combate não cessava*
*As balas sobre as pedreiras*
*Lapas de pedra tirava*
*Quase emouqueço um ouvido*
*Somente pelo zunido*
*De balas quando passava*

*Os soldados dessa vez*
*Gritavam com alegria*
*– Vitória aqui dessa vez*
*Pra bandido foi um dia!...*
*Diante dessa afoiteza*
*Eu obtive a certeza*
*Que não correndo morria*

*Olhei em volta de mim*
*Medi a situação*
*Do grupo nove rapazes*
*Jaziam mortos no chão*
*O resto dos combatentes*
*Por mais que fossem valentes*
*Não tinham mais munição*

*Aí eu disse: Rapazes*
*A cousa vai ruim de corte*
*Não convém estarmos aqui*
*Somente esperando a morte:*
*Vamos o cerco romper*

*Quem na trincheira morrer*
*Não tem nada, foi a sorte*

*Este plano resolvido*
*Tratamos de procurar*
*Um ponto conveniente*
*Que se pudesse passar*
*Porém de nascente a norte*
*Achei o cerco tão forte*
*Que tive medo tentar*

*Fomos tratar de romper*
*Pelo lado do poente*
*Porém o mesmo reforço*
*Permanecia na frente*
*Mas não querendo voltar*
*Foi obrigado enfrentar*
*Este forte contingente*

*Foi este o maior perigo*
*Que nesta vida encontrei*
*Porém sem medo da morte*
*Indiferente marchei*
*Chegando ao campo da luta*

*Com coragem absoluta*
*Ao inimigo enfrentei*

*Cruzei o rifle no ombro*
*Botei o punhal na mão*
*Entrei no campo inimigo*
*Qual furioso dragão*
*O sangue dos que morria*
*Era tanto que corria*
*Qual chuva grossa no chão*

*Esta luta inda durou*
*Talvez um quarto de hora*
*Quando transpus a trincheira*
*Não quis saber de demora*
*(O diabo é quem aguenta)*
*Marquei o rumo da venta*
*E disse a perna: É agora*

*Corri três léguas e meia*
*Sem tomar respiração*

*Quase nu, todo rasgado*
*Sem fuzil, sem munição*
*Se eu não desse essa carreira*
*As forças do seu Moreira*
*Sopravam meu LAMPIÃO*

*Corri o dia e a noite*
*Por dentro de travessia*
*Subi talhados de pedras*
*Que nem o mocó subia*
*Correndo por boqueirões*
*Atravessei socavões*
*Que outro não se atrevia*

*Cortando serras e vales*
*Andei três dias e meio*
*Passei em certos lugares*
*Que só lembrar me arrepeio*
*Subi monte e desci gruta*
*Onde qualquer fera bruta*
*De passar tinha receio*

*Quando foi a um de julho*
*Num dia de sexta-feira*

*Morto de fome e cansado*
*Pude chegar na fronteira*
*Procurando um esquisito*
*Fui acampar no distrito*
*Em Lavras de Mangabeiras*

*Fui ao sítio S. Domingos*
*Lugar em que acampei*
*As nove horas do dia*
*Com a polícia me enfrentei*
*Mas para poupar cartucho*
*Não aguentei o repuxo*
*Rompei o cerco e entrei*

*Logo que me escapuli*
*Não quis saber de demora*
*Fui serra do Cachimbo*
*No município de Aurora*
*Lá também sendo cercado*
*Pela força do estado*
*Não resisti fui embora*

*Fui ao sítio Cantinho*
*Desta mesma freguesia*
*Mas lá a "dona polícia"*
*Cercou-me no outro dia*
*Quase seiscentos soldados*
*Fora os homens afamados*
*Do coronel Isaias*

*No começo desta luta*
*Foi medonho o tiroteio*
*Os paisanos e soldados*
*Investiam sem receio*
*Cercando toda pedreira*
*Eu e minha cabroeira*
*Ficamos presos no meio*

*Com pouco tempo depois*
*Acabou-se a munição*
*Só restava alguma bala*
*Das armas do cinturão*
*A cousa estava amarela*
*Puxei pelo parabélum*
*Fiz fogo no batalhão*

*Daí a poucos instantes*
*Eu pude verificar*
*Que se não furasse o cerco*
*Não se podia escapar*
*Mas romper aquele forte*
*Era brincar com a morte*
*Era loucura tentar*

*Formulei todos os planos*
*Mas nem um a mim servia*
*Se fosse romper o cerco*
*De certo não conseguia*
*Porque já sem munição*
*O pobre do LAMPIÃO*
*Não acendeu nesse dia*

*Aí Sabino me disse:*
*– Lampião não se iluda:*
*Vamos resolver um plano*
*Que a cousa está carrancuda*
*Pra não morrermos como pato*

*Toquemos fogo no mato*
*Isto talvez nos acuda*

*Com o plano de Sabino*
*Fiquei muito satisfeito*
*Com fé que por esta forma*
*Podia a cousa ter jeito*
*Aí não pedi arrogo*
*Quando fui tocando fogo*
*Fui logo vendo o efeito*

*Quando a chama suspendeu*
*Eu vi a negrada correr*
*Todos das santas canelas*
*Tiveram de se valer*
*Tinha cabra que corria*
*Que do jeito que ele ia*
*Veado ia se esconder*

*Por onde o fogo passou*
*Não ficou nem um soldado*
*Os homens do presidente*
*Não quiseram ser sapecado*
*Assim mesmo não duvido*

*Que algum tenha saída*
*De cabelo chamuscado*

*Minutos depois do fogo*
*Abandonei a trincheira*
*Adiante reuni*
*Toda minha cabroeira*
*Nem um tinha ferimento...*
*A todos neste momento*
*Falei por esta maneira*

*– Agora que escapei*
*Dessa arriscada aventura*
*Vou procurar outro norte*
*Que possa fazer figura*
*Porque do jeito que ia*
*Parece que já vivia*
*Pisando na sepultura*

*Juro que não volto mais*
*A terra de seu Moreira*

*Porque esta experiência*
*Botou-me sal na moleira*
*Inda mesmo sem juízo*
*No Ceará eu não piso*
*Nem mesmo por brincadeira*

Rio, 31-12-46

*Jornal de Letras* (RJ) – Julho de 1950

## AQUI COMO LÁ

Costuma-se apontar o atraso do ambiente social nordestino, as nossas precariedades de formação, o nosso analfabetismo, a nossa preponderância de instintivismo, a desajuda de governos, injustiças, como fator influente e imediato na floração de certas manifestações de banditismo, fanatismo, superstições, crendices, etc. O fenômeno de Canudos, o fenômeno de "Lampião", o fenômeno de Pedra Bonita, seriam, assim, produtos típicos do meio, sem possibilidades de objetivação em climas sociais diferentes.

A tese, evidentemente, não é tão simplista nem se enquadra em proporções tão estreitas. Aqui mesmo, em nosso país, temos comprovantes de que o assunto é muito mais complexo. Ao fenômeno de Antônio Conselheiro, por exemplo, e de sua euclidiana "Troia de taipa", poderíamos contrapor o caso dos Muckers, no Rio Grande do Sul, em que o fanatismo corre parelhas ao daquela tragédia nordestina, em circunstâncias que de muito se assemelham.

E o caso de Lampião? Evidentemente, não pretendemos estabelecer aproximações pessoais entre Lampião e Salvatore Giuliano, mesmo porque, no assunto, nos faltam detalhes indispensáveis. Mas o fato é que o famoso bandido siciliano, morto há três dias pelos carabineiros, depois de uma caçada de vários anos, representava nada mais nada menos, e com as necessárias adaptações, uma espécie de fenômeno lampiônico italiano.

Naturalmente, que o nosso Lampião, tanto em vida, como depois de morto, não teve as "honras" da celebridade mundial conquistadas por Giuliano dado como salteador romântico, quase cinematográfico, talvez um Robin Hood. Pobre e ignorante Lampião, nordestino bronco, que não passastes, em matéria de romantismo, além das aventuras de Maria Bonita.

Enfim, aqui como lá – diz o brocardo português – más fadas há.

*Diário de Natal* (RN) – 07.07.1950

## LAMPIÃO NO SEU TEMPO

(De umas notas do *Caderno* de João Paraguaçu)

M. Paulo Filho

*30 de junho de 1929*. – Fiquei devendo agora a José Rabelo, professor e jornalista, esta reminiscência de Lampião. Afigurou-se-me de alcance psicológico para os que ainda estudam a biografia negra do famoso bandido.

O caso foi que Rabelo, numa excursão eleitoral pelo nordeste baiano, se encontrou com o coronel João Sá, fazendeiro e chefe político, irmão do industrial José Gonçalves de Sá, ambos amigos do General Rocha, e que era, então, deputado à Assembleia do Estado. João de Sá vinha do alto sertão a fim de participar dos trabalhos legislativos em Salvador. Próximo ao município de Bom Conselho, sendo noite, o viajante desceu de seu pequeno Ford à porta de

uma estalagem. Era um lugar de gente pobre e humilde da redondeza. Mas ao procurar sair do carro, o coronel foi abordado por alguém que, de relance, não identificou. Era Lampião e se achava sozinho.

– Sabia que Vossa Senhoria ia chegar, explicou o cangaceiro, reparando no susto do outro. E aproveitei a ocasião para lhe fazer um agradecimento. Os meus "cabras" lhe querem bem. Quando passam pelas suas propriedades, não estorvam, nem são estorvados. Não tenho, pois, nenhuma queixa de seus empregados. Outros me perseguem e me denunciam à polícia. Os homens de Vossa Senhoria, não. São boas pessoas.

Ouvindo tais palavras, João de Sá animou-se. Foi recolhendo à casa, seguido por Lampião, este todo respeitoso. O estalajadeiro era velho camarada do salteador. Naturalmente tinha por costume avisá-lo da presença de certos hóspedes. Recebeu-os com a maior deferência. Deixou-o na saleta de frente e foi para a cozinha avisar à mulher que preparasse a carne de sol com o pirão de leite, além de canja, que guardava sempre aquecida.

João de Sá aproveitou o entreato e usou de franqueza com o facínora.

– É uma existência triste a sua, argumentou Sá. Largue essa vida bárbara, cheia de lances heroicos, é verdade, mas todos eles consagrados ao crime. Vida manchada de sangue, que só inspira o terror. Sou mais velho do que você e posso aconselhar-te. Você ainda é moço, forte, bravo, disposto aos sacrifícios e com saúde. Por que continuar nessas correrias infindáveis, exaustivas, temido sem ser estimado, vigiado, tocaiado, caçado de grota em grota, de atalho em atalho, sem parar um só instante? Largue essa vida, que talvez você não a mereça.

Lampião escutava-o em silêncio. Quase que estava armado até os dentes. O chapéu derreado e o casaco de couro grosso não lhe pesavam sobre os ombros. Nem o rifle à mão direita, nem a faca à cintura, que a cartucheira circundava, lhe embaraçavam os movimentos. Através dos vidros grossos dos óculos de míope, fixou friamente o austero censor. E foi com a mais profunda melancolia, resignado à fatalidade da sorte, que respondeu:

– De que vida me conta, coronel? Eu já não a tenho. A minha vida é como uma pequenina candeia que Deus vai conservando acesa, até que a bala dos "macacos" do governo, qualquer dia, quando menos eu esperar, apagará como num sopro leve.

O cangaceiro, com os lábios em bico, fez o gesto de quem assopra o fio de uma vela. Fora, a escuridão, dentro da qual ele mergulhou, era tremenda.

Lembrava-me José Rabelo que a impressão deixada pelo salteador no espírito de João de Sá foi a mais penosa possível. Sertanejo autêntico, lavrador e criador de largos recursos, além do mais legislador, a este nunca pareceu, como naquele momento, que o cangaço e os cangaceiros não existiriam se outro fosse o meio em que eles se agitavam e a que flagelavam.

*4 de julho de 1929*. – Leonardo Mota, de passagem pelo Rio, avistou-se comigo no Bar Nacional. O folclorista, preocupado com as conferências que ia realizar em São Paulo e no Paraná sobre a poesia do Nordeste, deu-me notícias de Lampião.

– Eu o encontrei mais de uma vez, disse-me o autor de Sertão Alegre. A última, foi perto de Pajeú das Flores. Uma sexagenária, a quem conheci em Juazeiro, de nome Mariana da Conceição, e que era beata a serviço do padre Cícero, me havia aludido a um certo Sabino, um dos "cabras" de Lampião. A velha era madrinha de batismo do Sabino e se lamentava de não o ver há muito tempo. Sumira-se, quando ainda era gurisote.

– Não perde nada com isso a pobre Mariana, retrucou-me o cangaceiro-mor. Sabino era traste, embora fosse valente. Ele me traiu e quase me dá cabo da vida numa emboscada perto de Pastos Bons, quando por lá surgiu a gente do capitão Prestes. Mas eu me defendi. *Almocei-o, antes que ele me jantasse*.

Leonardo recordava essas coisas com a maior naturalidade. Observava ele que já estava calejado no trato com os bandidos sertanejos.

– Com os da cidade, resumiu, sorrindo, é que ainda não me aclimatei...

*Correio da Manhã* (RJ) – 22.06.1952

## *LAMPIÃO*

Rachel de Queiroz

Quem pôs este costume em moda foi o professor Rubem Braga. E como, de modo geral, tudo que o grande Braga faz é justo e inteligente, o papel é imitá-lo. Quando ele tem um livro no prelo não se põe com falsos escrúpulos, anuncia o livro, explica ao público leitor e comprador que tem um trabalho a sair, pede a esse respeitável público sua adesão e interesse. Pensa Rubem, com todo o fundamento, que é muito melhor anunciar assim, violentando embora a natural modéstia, do que o fazer por modos encobertos, como o fazem muitos. Que nesta singular amizade estabelecida entre cronista e leitor, o traço principal é a franqueza, este abrir de coração em página de jornal ou revista, esta comunicação diária ou semanal, conversa de cronista onde debulhamos as lembranças, cóleras, tristezas, saudades, até amores, até a falta de dinheiro e angustia das prestações vencidas. Por que então deixar de lado um acontecimento capital na vida do homem ou mulher que escreve, tão importante quanto o nascimento dum filho na vida do pai de família: o lançar de um livro.

E assim explicado, vamos ao que importa, que é o anúncio. Vou dar livro também, e muito breve. Não romance, desta vez, nem coletânea de crônicas, embora isso também esteja para vir, a seu tempo. Trata-se agora de uma experiência nova para mim, um gênero que nunca tentei e que sempre me "seduziu": o Teatro. É uma tragédia sertaneja, ou melhor dizendo um drama e chama-se "Lampião".

Vida, amores e morte de Lampião – era um tema fascinante. Há anos que me invocava. Para falar a verdade, há anos também que estava meio escrito e, pelo menos há uns dois anos, estava pronto.

Por timidez – (sim, vocês sabem muito bem que sou uma tímida) por timidez da autora, vem ficando escondido todo este tempo. Mas de repente me deu coragem e resolvi arriscar a luz do dia. Contudo, como a prudência é irmã da sabedoria, optei pelo meio termo: apressei-me a dar o drama em livro antes que uma companhia nacional o dê no palco, o que acontecerá em breve. Afinal de contas, um livro fracassado dá muito menos na vista do que uma peça vaiada... E o autor não sente o impacto do desagrado em carne e osso, de cara, em cena aberta...

Como se vê, falo francamente. Não sei se o drama vale alguma coisa e para saber, vocês o terão que ler – não são vocês os juízes supremos?

Vai sair dentro de poucos dias, provavelmente ainda neste mês de julho. Como já disse,

chama-se "Lampião", drama em quatro quadros, edição José Olímpio (edição bonita, capa de Santa Rosa). – Tem amor, tem morte, tem briga, muita briga, tem quase tanta coisa quanto uma novela de rádio. Com a diferença de que é (...) – diferença portanto a meu favor.

Vocês leiam. Depois me digam. Usem de franqueza – embora não excessiva, que franqueza demais às vezes dói...

E para concluir, uso a frase predileta de Lampião, quando rematava uma carta:
Sem mais, confio e espero sempre.

*O Combate* (MA) – 29.07.1953

***LAMPIÃO***

Rachel de Queiroz publica em livro sua primeira experiência teatral: Lampião, drama em cinco quadros inspirado na vida do famoso capitão Virgulino Ferreira das caatingas do Nordeste. Não será necessário encarecer a elegância de estilo e a beleza do diálogo, qualidades estas que de há muito fizeram de Rachel um dos grandes nomes de nossas letras. Registremos, isto sim, a segurança com que a autora soube marcar cada um dos figurantes de sua peça. Lampião, por exemplo, tão admiravelmente retratado em sua aspereza, místico, em tudo igual ao próprio chão nativo. A terra, aliás, é a grande personagem do drama saído da pena de Rachel de Queiroz: ei-la presente em todas as cenas e quadros falando pela boca dos seus filhos; em tudo refletindo seus dramas e misérias e também sua selvagem poesia.

Adverte a autora de que o trabalho não é propriamente "histórico". Inspirou-a a tradição oral e escrita das façanhas dos bandoleiros. Em verdade, o que se esperava de Rachel foi exatamente o que ela nos deu – a alma de uma gente, seus desesperos de renegados e ainda suas esperanças diante de uma vida que não chega a entender.

Cercado pelos macacos (a força policial tão irmã dos cangaceiros nas mesmas estripulias e barbarismos), Lampião exclama:

– "Deixa eu vencer esta campanha; deixa eu ficar podre de rico. Aí, junto um exército duns quinhentos caboclos, mando comprar uma data de terra lá para o estado de Goiás, adquiro armamento grosso, faço uma moenda de pólvora – compro até um aeroplano para ficar botando sentido em quem vier de longe – e então sim! Vou criar gado de raça, plantar canavial, botar engenho de vapor; faço até uma igreja pra ter missa no domingo e novena todo dia."

Maria Bonita, que o escuta, responde-lhe simplesmente:

– "Não tenho esperança de ver essa igreja."

Na realidade, nunca há esperança para os homens que, a exemplo de Lampião, trazem no sangue o gosto amargo daquela terra que lhe deu uma imagem áspera da vida – terra onde ele, antes de ter sido senhor, foi irremediavelmente escravo.

*Correio da Manhã* (RJ) – 09.08.1953

## A NOVA ESTREIA DE RACHEL DE QUEIROZ

Lucia Miguel Pereira

Vem de longe, vem do *Quinze*, a minha admiração por essa Rachel de Queiroz, que é, entre nós, uma das mais genuínas manifestações de talento literário, isto é, de aptidão nata, natural e espontânea para lidar com palavras e imagens, para usar delas do modo a fazê-las adquirir toda a sua beleza e todo o seu sentido. Os seus romances e as suas crônicas aí estão, a atestarem essa selva, essa força, essa vivamente verbal que domina o tema, seja ele qual for, e o torna secundário. Não se pode, por isso, identificá-la com nenhum dos gêneros que tem praticado, não se pode defini-la dizendo romancista ou cronista; criou personagens e comentou com graça, com pitoresco, fatos e impressões, mas o cunho da sua personalidade, não é nisso que o encontramos e sim na maneira de exprimir-se, na sua clara e forte influência. O que ela é, fundamentalmente, visceralmente, é escritora. Tem-se a impressão de que as frases brotam sem esforço, de que redige como respira, exercendo uma função vital. Lembro-me muitas vezes, ao lê-la, de uma inscrição egípcia, encontrada já não sei em que túmulo, onde se louvava o ofício de escrever, porque, ao contrário dos demais, exercidos penosamente, só deleite trazia aos que se lhe dedicavam. Bem sabemos que não é sempre assim, que muito trabalho, e muita aflição custa este nosso mister; mas no caso de Rachel, tudo parece fácil, simples, vindo de uma insopitável vocação, tudo nasce como a flor, tudo jorra como fonte, tudo é dado e nunca obtido, como de Tolstói dizia Charles du Bos.

Esta supremacia, não apenas da forma – já que se traduz também pela escolha e valorização dos pormenores essenciais, pela criação de um ambiente, de uma atmosfera peculiar, pela utilização de elementos emocionais imponderáveis – mas da arte literária, sobre o assunto, torna-se agora patente em *Lampião*, a peça com que estreia no teatro. Todos conhecemos, porque são de nossos dias, as aventuras do bandido nordestino, que não têm, em si mesmas, grandeza real, provindo os seus acentos trágicos sobretudo de serem a triste expressão do desvalimento dos sertanejos. Pois desse material pobre conseguiu a autora tirar um drama intenso, que logo de início subjuga o leitor, fazendo-lhe sentir a fatalidade que pesa sobre aqueles seres primitivos, que os escraviza ao crime porque só nele se consegue realizar.

A cena de abertura, entre Maria Bonita e o marido situa imediatamente todos os sucessos que se vão desenrolar no clima único onde se explicam e de qualquer modo legitimam: o do apelo irresistível da lenda do cangaceiro sobre as criaturas às quais o meio só oferece vida monótona e mesquinha. Daí por diante, tudo se aceita, por horrível que seja, porque tudo se enquadra no conjunto emocional de que não destoa nem por instante a peça. O próprio capitão Virgulino sente-se preso à sua fama, impossibilitando de desmenti-la. Quando, no final, a companheira sonha com um lugar onde fossem ignorados, onde pudessem viver tranquilos, "feito rico, muito bem de seu, em paz com tudo quanto é cristão", ele lhe pergunta: "E o que era feito da minha fama?" Não sei, nem é necessário saber, se as coisas se passaram de fato assim; dando-lhes este substrato psicológico, tornou-as convincentes a dramaturga noviça e mestra, e tanto basta para a obra de arte, muito mais importante do que a biografia de Lampião.

Obra de arte, e autêntica, é esta peça, que transforma a realidade respeitando-lhe contudo os elementos essenciais, isto é, transpondo para o plano artístico todo o conteúdo humano fundamental. No seu caráter, no seu feitio mais profundo, as figuras do chefe cangaceiro, dos sequazes que o admiram e invejam, da mulher que tudo abandona para segui-lo, pertencem

todas à população nordestina, da qual conservam os traços básicos em seus modismos, em suas crenças, em suas superstições, está presente a região onde nasceram e viveram, a secura da terra, a tenacidade dos homens, a aspereza da vida. As breves indicações dos cenários equivalem a longas descrições, tão forte é o seu poder evocativo. Mas para tornar sensível tudo isso não foi preciso recorrer a minúcias realistas, revelando-se ao contrário os dons artísticos de Rachel de Queiroz, talvez mais seguros e sutis aqui do que em qualquer outra obra sua, na capacidade de insinuar, de diluir em tudo, sem que se possa dizer onde residem precisamente, as sugestões do ambiente nordestino, que permeia a peça toda, que está em cada réplica, em cada gesto; não, porém, tal como é, mas tal como deve ser apresentado para poder dar, na cena ou na leitura, impressão de realidade, isto é, reduzido a certos elementos mais marcantes e expressivos.

De que a feitura da peça obedeceu antes de nada a injunções artísticas, a melhor prova estará porventura na linguagem, artifício de escritora senhora de si e de seus recursos, aliando sabor popular e beleza literária, naturalidade e correção – correção brasileira é certo, mais baseada no uso do que na gramática. Evidente que não falavam assim os cangaceiros – não há, em tantos e tão arrebatados diálogos um só palavrão – mas não é menos evidente que, num palco, não seria possível, sob pena de transformar o drama em chanchada caricatural, reproduzir totalmente as conversas descosidas que são, em geral, as dos seres primitivos. Se, para torná-las coesas e encadeadas, uma síntese deformadora se impunha, por que não escolher, como fez tão desembaraçadamente a autora, o melhor caminho: o de conservar locuções locais encaixadas em frases de bom português do Brasil, de bom português de Rachel de Queiroz, cantante e corrente? A música, o ritmo próprio dos nordestinos foi mantido, porém afinado,

trabalhado pela arte literária – a arte da grande escritora que é também uma grande nordestina. Aqui, pela primeira vez, adivinha-se, na simplicidade perfeita, o longo esforço de que resulta, graças ao qual a si mesma sobrepujou a criadora do *Quinze*.

*Correio da Manhã* (RJ) – 22.08.1953

## OS CANGACEIROS DA MODA E OS CANGACEIROS REAIS

José Lins do Rego

Canta-se por toda parte a "mulher rendeira" da melodia sertaneja. A doce e triste música das caatingas chegou até aos ouvidos dos mestres cineastas de Cannes. E muitos gostaram da toada maravilhosa. É que esta música envolve de poesia o que há de brutal na vida dos bandoleiros. O cangaceiro passa a ser aquilo que a imaginação do povo deseja que ele seja: uma força de rebelião, qualquer coisa de romântico como os cossacos de Don ou os terríveis mafiosos da Sicília. Entra a funcionar o poder imaginativo do homem para fundar-se uma galeria de heróis. Os poetas matutos, os cantadores anônimos descobrem no homem que não tem medo da morte, que mata sem dó nem piedade, uma força fora da natureza. Jesuíno Brilhante tinha poderes de encantar-se para fugir das tropas que o perseguiam. Contava-se que o cangaceiro cearense vinha por uma estrada e de repente via-se cercado pela polícia. Aí acontecia o milagre. A tropa passava por ele, que era no momento um pé de mato ou um jumento pastando. Para pegar Lampião – dizia um cantador – nem um frade de boa vida, nem uma mulher enxerida, nem as prosas dos doutores, nem vinte governadores, nem o bamba da nação; para pegar Lampião, só mesmo Nosso Senhor. A força desembestada e o ímpeto feroz para a luta absorvem as admirações ingênuas. Outro cantador chegou a dizer: "Para haver paz no sertão e as moças poder prosar e os rapazes poder casar e o povo poder se rir e os meninos se divertir, é preciso uma eleição para fazer Lampião governador do Brasil". Dominando desta maneira pelo terror, pela arrogância contra os poderes constituídos, o cangaceiro conseguia vencer as resistências morais dos sertanejos. Já não há o governo como único senhor de tudo; há também um rei do cangaço que casa e descasa, capaz de impor-se aos agentes do fisco, aos padres, aos juízes. Então se cria o romanceiro, aparecem os ABC, espécie de cação de Rolando das Caatingas, vendidos nas feiras, a tostão. O povo dominado pelas coragens de fúria dos bandoleiros, refugia-se na arte para acreditar em alguma coisa que supere a crueldade das correrias e crimes. Todos nós, meninos nordestinos, sabíamos de cor as histórias que vinham nos folhetos de cordel. Todos tínhamos na memória a luta de Antônio Silvino com a onça, as brigas de Brilhante e Liberato. Mas o outro lado dos cangaceiros, a vida bestial de homens tremendos, é o que nos assombra. O cangaceiro não é só a legenda de lutas; é muito mais a sua vida seca como pedra, é o seu vírus de cobra pelo chão de pedra e espinhos. Neste sentido temos que tomá-lo como natureza humana que excede a toda a normalidade. Para ele não há limites à resistência contra os elementos. Vence a fome e a sede como se fossem feitos de ferro. Assombra-nos como uma espécie à parte de gente. Retraem-se, encolhem-se como serpentes e quando saem de seus covis têm mais força. Dobram-se lhes os fuzis assassinos. E quando, saciados de sangue, de sexo, de tudo, param para descanso. Basta que um gemido de viola quebre o silêncio para que caiam por cima dos corações de pedra aqueles orvalhos da madrugada das cantorias. Às vezes de um rochedo brota o vermelho ou o azul de uma flor de trepadeira. De manhã, poderão sair para matar um pai honrado, ou desgraçar uma donzela.

*O Globo* (RJ) – 04.09.1953

## *CANGACEIROS*, DE JOSÉ LINS DO REGO

É sempre com ansiedade que se aguarda a publicação de um romance do Sr. José Lins do Rego. Adquiriu ele tal relevo no gênero que é de justiça proclamar-lhe a ascendência entre os que cultivam essa manifestação intelectual. Outros, como o Sr. José Américo, reencetaram a tarefa dos romances regionais. A verdade é que o autor de *Fogo Morto*, perseverando na rota iniciada com este palpitante *Menino de Engenho*, que nem por ser a primeira de suas produções, é pela espontaneidade a mais característica, conseguiu manter o primaciado na contextura dos romances de cor local. E se fazemos alusão ao *Menino de Engenho*, é porque ao nosso ver humilde, que não é de crítico, mas de diletante, é porque nele se estereotipa o processo de composição do romancista, sem as dimensões que a força do êxito ampliou, sem que esse alargamento contribua para sentido mais certo da concepção artística.

O Sr. José Lins do Rego completou o ciclo da cana do açúcar e sob o colorido de ficção há o memorialista, que no desenho dos personagens e no amanho das situações faz ressaltar a verdade. Por isto o seu público ledor não é o dos que se comprazem no esquadrinhamento de situações sentimentais ou querem vibrar-se em conjeturas psicológicas ou mesmo pairar nas tendências metafísicas, a que Jean-Louis Curtis se refere em *Haute Ecole*. O que se preza na arte do Sr. José Lins do Rego é a transplantação para o quadro do romance das palpitações da vida e da vida regional, com as peculiaridades, as influências do meio e dos hábitos, que a pena do escritor não desfigura. E o mérito do Sr. José Lins do Rego nesse particular está em que a sua imaginação não se perde no inverossímil nem deriva para as tendências subjetivas, que tanto preocupam outros autores. Desse roteiro ele se afastou para produzir *Eurídice*, a dissociar-se da vocação do escritor. Em *Pedra Bonita* outros aspectos da vida do Nordeste atraíram o vigoroso divulgador de tantos tipos – e por isto não dizemos criador – que todos nos acostumamos a ver e sentir. O último romance intitula *Cangaceiros*, editado pela Livraria José Olímpio. Nele, na expressão do autor, "continua a correr o rio da vida que tem suas nascentes em *Pedra Bonita*. O processo de composição é o mesmo dos que lhe fizeram o renome literário. O autor não põe acentos de poesia no esboço das paisagens nem se afervora em esforços de analista na caracterização dos personagens. Tudo lhe sai espontaneamente, o que mais realça o sentido de concepção. Os traços dos horizontes e as situações dos figurantes são, porém, de tal nitidez, que se fixam no espírito do leitor.

Apenas teríamos uma reserva a fazer – a da ampliação que o autor dá aos episódios da ação. Aliás, sob a influência de certos autores da atualidade, é o que se observa nos romances, ultimamente surgidos no nosso meio, tais como a *Seara de Caim*, da senhora Rosalina Coelho Lisboa, e agora os *Cangaceiros*. Há nestes incidentes e colóquios, que excedem as proporções desejáveis, sobretudo os monólogos e conversas de alguns personagens, que acabam submersos na loucura. Os seus arrepios furiosos contra a razão, os seus disparates tomam no romance feição, que desajuda, em vez de aprimorar a atenção do leitor. Dos personagens de *Cangaceiros* o perfil de Bento, com as torturas em que se empenha, os lances a que as contingências o arrastam, é obra de mestre.

No meio das frioleiras da literatura de salão e das excrescências da literatura de alcova, os *Cangaceiros* é de uma nota de claridade e um documento de compreensão humana.

*Jornal do Brasil* (RJ) – 04.09.1953

## JOSÉ LINS DO REGO E *OS CANGACEIROS*

Em apresentação gráfica das mais cuidadas – capa de Santa Rosa, sumamente expressiva – entregou a Editora José Olympio às livrarias, nesta semana, o último romance de José Lins do Rego – Cangaceiros. Trata-se do 12º romance do conhecido novelista nordestino, cuja obra constitui repositório dos mais fiéis da vida de uma das mais características populações brasileiras.

*Cangaceiros* é recebido pelos numerosos leitores de José Lins não sem certa apreensão. É que sucede ao livro unanimemente considerado o maior do autor do "Ciclo da Cana de Açúcar" – *Fogo Morto*, cujas páginas, desde logo, se incorporaram à nossa literatura de ficção.

O tema que o romancista se propôs desenvolver neste livro é dos mais ricos. O cangaço, na verdade, permanece à espera do seu romancista, aquele que constitui e completa Franklin Távora e poucos outros, quase todos perdidos ante a grandeza do assunto. José Lins de Rego sempre pareceu o escritor capaz de reviver o drama dos bandidos da caatinga. Nos livros anteriores, aliás, o filão repontava aqui e ali, ora no aparecimento episódico de Antônio Silvino, ora nas referências demoradas a feitos e crueldades dos malfeitores que assolam a região.

*Cangaceiros* devolve à vida aquelas figuras, agrestes da seca. Homem do Nordeste, é com os seus olhos de menino que José Lins do Rego as reconstitui, exatas na sua presença viril e sofredora. Para o leitor do Sul, este livro atende a uma longa curiosidade e satisfaz amplamente, sobretudo porque vem redigido naquele estilo fluentíssimo e singularmente pitoresco, que faz do autor de *Menino do Engenho* um dos renovadores da língua portuguesa no Brasil.

*Correio Paulistano* (SP) – 05.09.1953

## UM TEMA DO MOMENTO

O cangaço vem sendo, indiscutivelmente, o grande assunto do momento. Depois do interesse despertado pelo livro do major Optato Gueiros, sem literatura, mas de um vivo interesse documentário, depois da peça de Rachel de Queiroz, *Lampião*, temos agora o romance de José Lins do Rego, *Cangaceiros*. O autor declarou, certa vez, que pretendia pôr nesse livro tudo que de mais genuinamente nordestino possuía no seu espírito; seria a culminância da sua obra criadora, um romance em que toda a fatalidade social daquela região brasileira apareceria nos seus aspectos mais rudes e brutais. Na verdade, Cangaceiros é uma rapsódia bárbara e impressionante.

Nessas páginas, sentimos, mais do que nunca, a força telúrica que informa toda a novelística de José Lins do Rego. O enredo se prende à intriga de *Pedra Bonita*, romance com que o escritor já havia incursionado nessa atmosfera torva dos beatos e cangaceiros, onde a revolta social se tinge de messianismo e o crime se reveste de expressões místicas.

*Cangaceiros* retoma alguns personagens de *Pedra Bonita*, dando-lhe, porém, muito maior relevo, numa história mais ampla, em que se confundem o amor e o crime, a piedade e a crueldade, numa trama viva de contrastes.

*Correio da Manhã* (RJ) – 05.09.1953

## *CANGACEIROS*

Lendo agora o novo romance de José Lins do Rego, lembrei-me dos meus dias de menino, quando, no recanto mais sossegado do jardim de nossa casa, ficava durante horas apegado aos folhetos de capas berrantes – a literatura popular do Nordeste – nos quais os trovadores narravam as aventuras de Lampião, os milagres do padrinho padre Cícero e fantásticas histórias de amores sertanejos. Cada folheto custava duzentos réis e era vendido nas feiras de sábado pelos próprios cantadores. Depois, já adormecido no meu quarto, cuja janela se abria para a linha férrea, ficava escutando o toque lamentoso de uma corneta militar e o ruído dos trens varando a madrugada. O toque era da polícia volante – a mesma volante que se vestia igualzinho aos bandoleiros e praticava friamente as mesmas barbaridades – rumando para as caatingas na rota batida do cangaço. Nessa rota situou José Lins do Rego o romance *Cangaceiros*, no qual retoma personagens e tema de uma de suas antigas histórias: *Pedra Bonita*. É o sertão místico dos santos que oferecem esperanças a homens maltratados pela terra madrasta; o sertão que gerou em suas entranhas o cangaceiro – mistura de herói e covarde, tão natural na sua maldade quanto nas suas orações, e, em tudo, feito da mesma massa dos beatos sertanejos. Um e outro, raízes da mesma terra: duros como as pedras, ásperos como os mandacarus do chão nativo, mas também sensíveis em muitas coisas que lembram a poesia de um açude de águas plácidas refletindo a imensidade do céu nordestino.

*Correio da Manhã* (RJ) – 13.09.1953

## LAMPIÃO HOJE PERDERIA O CARTAZ

Alvarus de Oliveira

Num ponto de autos de praça o telefone tilintou. O motorista atendeu. – "Mande um taxi aqui no morro tal". Ir ao morro X onde a malandragem campeia livre, onde os assaltos se dão até mesmo à luz do dia? Não, o motorista não foi... Momentos depois chegava um representante da malandragem do morro famoso: – "Você não quis ir nos buscar, não é? Então vai pagar pelo desaforo..." Arrancou um revólver. O motorista pediu clemência, tinha família para sustentar... "Tá bom... vá lá"... Mas tinha que descarregar a bílis e o revólver e deu um tiro no pé do chofer. Soltou uma risada, gozou a história e se foi...

Numa casa de comércio entrou um malandro: – "Onde é o bicheiro aqui? Quero fazer uma fezinha"... Sei lá de bicheiro, não cuido disso"... respondeu o negociante virando as costas para cuidar da vida. O valente pegou o homem pelo peito e lhe disse: – "Não sabe não é, seu cretino? Toma! E lhe deu dois tiros que resvalaram pelo braço e romperam o espelho da casa. Foi-se, cometeu outras estripulias e dizem que a polícia deu em cima dele... Foi preso? *Chi lo sa*?...

Será isso invenção do cronista sem assunto? Aconteceu na famosa Caxias, no estado do Rio?

Não. Deu-se dentro do Rio de Janeiro, capital da República, onde existem leis proibindo o uso de armas e venda de munição, mas onde todo malandro, mesmo menores de idade, diplomados pela universidade do crime que se chama S. A. M., segundo declarou outro dia uma autoridade, adquire arma e carga e enfrenta a própria polícia que parece não ter tempo ou capacidade para deter o índice de criminalidade que sobe assustadoramente no Rio...

Antigamente a gente ouvia falar nestas coisas que aconteciam no sertão. Se Lampião reaparecesse, ressuscitasse e viesse para o Rio habitar um dos nossos morros ou barreiras, sem diploma dos nossos reformatórios perderia por completo o seu cartaz... Realmente Lampião hoje seria café pequeno, borocoxô, passadista...

O tempo marcha, não há dúvida. E nossa civilização marcha... à ré...

*Diário da Tarde* (PR) – 15.10.1953

## *LAMPIÃO*

Deixando para os próximos dias, a apreciação da bela peça de Rachel de Queiroz, *Lampião*, drama em cinco quadros, lançado recentemente por José Olympio e que está sendo ensaiado no Teatro Duce, falemos hoje do livro de Optato Gueiros: *Lampião – memórias de um oficial ex-comandante de forças volantes*, agora em segunda edição. Desde 1921, Optato Gueiros esteve empenhado no combate ao cangaço, retirando-se para a vida civil só depois da morte de Lampião. Pôs-se então a escrever suas memórias, em linguagem de caserna, sem vislumbre de literatura, e misturada com a gíria do cangaço e do sertão. As quase 300 páginas do seu livro são um depoimento não só de grande interesse histórico (mas também sociológico). É um retrato vivo do sertão, das suas condições de vida, da sua gente, dos seus costumes, traçado com absoluta naturalidade, e sem a preocupação de falar bonito. Relata fatos e mais fatos, em sua maioria presenciados por ele mesmo, além dos depoimentos de outros. Em tudo ressalta a figura do lendário Virgulino Ferreira, vulgo Lampião, com sua refinada astúcia, inteligência, resistência física e bravura. "Lampião foi um instrumento nas mãos de Deus para executar uma justiça que nem a polícia nem os juízes poderiam fazer. Centenas de facínoras foram expulsos da terra natal por Lampião, enquanto igual número era atraído para as fileiras lampiônicas, onde encontravam a morte ou prisão. E assim é que, somente em Pernambuco, foram mortos e presos mais de mil cangaceirismo pertencentes às hordas de Virgulino. O seu grupo oscilava entre 60 e 100 bandoleiros, fracionado em pequenos bandos de 8 a 12 homens que agiam num raio de 50 léguas... Lampião era homem de uma índole cruel, verdadeiramente tigrina. Assassinou para mais de mil pessoas, incendiou umas 500 propriedades, matou mais de 5.000 reses, violentou mais de 200 mulheres e tomou parte em mais de 200 combates. Agiu em 6 Estados. Foi ferido 6 vezes em Pernambuco"... Claro que não cabe aqui um retrato completo do famoso bandoleiro que, antes de ingressar no cangaço, foi ótimo seleiro, correeiro, agricultor e comerciante. Era bom tocador de sanfona, poeta, afamado domador de cavalos e burros bravos e, por último, parteiro e enfermeiro. Personalidade complexa que nos versos revelava o profundo desejo de uma vida pacata: "Por minha felicidade, entrei nesta triste vida,

não gosto nem de contar"... Quem quiser ter uma ideia do que foi o cangaço e de suas origens, leia o *Lampião* de Optato Gueiros. É obra sem efeitos literários, mas de imediato interesse histórico e sociológico.

*O Jornal* (RJ) – 20.10.1953

## TRANSFIGURADOS NA ARTE UNIVERSAL

Austregésilo de Athayde

O CANGAÇO, um dos temas genuínos da literatura regionalista do Nordeste, produziu, nos últimos meses, uma fita cinematográfica de grande êxito, um romance de José Lins do Rego e um drama de Rachel de Queiroz.

É um assunto em grande voga, precisamente quando está desaparecendo nos sertões. As caatingas despovoam-se das grandes figuras de bandidos e cavaleiros que, durante dois séculos, inspiraram o folclore, os cantadores, as lendas, os contos e os romances.

Rachel de Queiroz e José Lins do Rego não escreveram por ouvir dizer. Criaram-se no ambiente em que luziu o cangaço, na era mais gloriosa de Antônio Silvino e Lampião.

Se não os viram, e Deus os abençoe por isso, estou seguro de que um dia falaram com homens da mesma escola e puderam penetrar, no próprio espírito do lugar e do tempo, a funda psicologia dos heróis sertanejos. Heróis da mesma têmpera dos piratas normandos e ingleses, dos aventureiros Vikings, de Robin Hood ou dos Doze Pares de França. Daí a autenticidade dos seus tipos, a vida das suas personagens, a incomparável graça da língua que os dois autores empregam, tirando-a dos mananciais mais puros da alma sertaneja.

Também conheci o cangaço e vi algumas das suas encarnações legítimas. Quantas noites, depois das conversas dos maiores, narrando as proezas dos mais famosos assassinos do tempo, ficava indormido, ouvindo em cada pequeno barulho o passo macio de algum bandido, rondando a casa! Lembro-me, especialmente, das horas tristes da revolta do Padre Cícero, quando desciam as hordas sob o comando de Floro Bartolomeu e José de Borba, para derribar o governo do Ceará.

Uma noite, ouviu-se muito tarde o apito de um trem na estação de Pacatuba. Trazia o corpo do Capitão J. da Penha, morto em combate. Pareceu-nos o fim de tudo e os corações pressagos esperavam, a todo momento, a passagem dos cangaceiros. Quem poderá jamais esquecer aquelas cenas? Agora transformam-se em belas páginas de romance e de teatro, mas trouxeram sofrimento e morte para centenas de pessoas, num país sem lei.

Dois poderosos espíritos deixam no patrimônio literário do Brasil os traços românticos dos homens e mulheres do cangaço, para que a posteridade os conheça, como conhecemos hoje a legenda dos bandidos memoráveis que se transfiguram na arte universal, desde Homero.

*O Cruzeiro* (RJ) – 24.10.1953

## SOBRE LAMPIÃO

José Lins do Rego

Um simpático amigo e patrício, oficial do Exército, me escreve uma carta para me censurar pelas minhas afirmações em conferência proferida na Faculdade de Direito, a propósito de cangaceirismo. Adianta o meu patrício que é forçar os fatos atribuir gênio militar a um bandido que sempre agiu como bandido.

Se tivesse ouvido a minha conferência não teria escrito a carta o tenente-coronel Mindelo, porque eu pus o problema na sua mais cria e real condição. Não fiz romantismo com Lampião; apenas procurei localizá-lo no tempo e no espaço, para poder expor com fatos a sua terrível e nefasta presença. Afirmei o que ouvi de vários oficiais da Força Pública da Paraíba e Pernambuco: em Lampião havia uma fabulosa capacidade de conduzir-se em combate, uma tremenda improvisação na tática que criava para os combates e retiradas. E mais ainda o sistema de informações que ele inventou, através de seus "coiteiros", as tais "serpentes de asas", como os viam os cantadores sertanejos. Negar a sagacidade, a astúcia, a coragem, em Lampião, não seria possível. Tomando-o como chefe, teremos que chegar à evidência de que não foi um homem comum. A sua ferocidade diabólica, a implantar o terror, a sua capacidade de resistência às caçadas de seus perseguidores não poderão ser consideradas somente como um caso simples de criminoso vulgar. Havia no nordestino de coração de pedra uma natureza de chefe à prova de fogo. Conduzido ao crime, deu-se no crime com peixe dentro d'água. Cometeu as maiores atrocidades já registradas no Nordeste. Foi sempre cruel e nunca se bateu pelos pequenos. Nunca houve homem menos romântico; foi sempre um realista sádico, agindo com uma cabeça de diabo. Isto de toma-lo como um vingador de inocentes não tem procedência. Foi exclusivamente um bandido com gênio militar, com a engenharia dos combates traçados no cérebro. Sobre ele muito me falou o coronel Ramalho, da Força Pública da Paraíba, ferido em mais de um combate com o seu grupo: "E ele sabia brigar como ninguém".

Aí é que está o mal-entendido do amigo coronel Mindelo, em olhar o homem exclusivamente pela sua miséria moral. Houve misérias morais em atos de Napoleão e de Alexandre. Para os alemães e para os persas da época estes dois gênios militares não passariam de monstros. E ainda hoje todos nós falamos de Átila como se fosse ele um Lampião em ponto grande. Os grandes cabos de guerra são gênios que chegaram à grandeza pela arte militar. Se tivesse ficado na Córsega, talvez que Napoleão não passasse de um terrível guerrilheiro perdido nos rochedos. A escola de guerra deu ao seu gênio a universalidade. O que havia em Lampião era o crime. Nunca esteve ele em posição de exprimir qualquer reivindicação do povo. O que havia de errado na sociedade, ele ainda mais agravou pela sua violência inclemente. Mas negar-lhe o poder da inteligência para armar as suas ciladas e derrotar os seus inimigos, seria simplificar por demais as coisas.

*O Globo* (RJ) – 25.11.1953

## *O REI DOS CANGACEIROS*

Zozimo Lima

É de São Paulo, do Clube do Livro, que me vem *O Rei dos Cangaceiros*, de autoria de Nelly Cordes. Ao desembrulhar o pacote, com a natural avidez e curiosidade de quem vai desvendar mistérios, dou com a brochura que me parece, à primeira vista, de relance, sem lhe abrir as primeiras páginas, alguma tradução de novela estrangeira de aventuras.

Trata-se, entretanto, conforme logo verifico, de autor brasileiro, nordestino, "beiradeiro", como por cá se diz, da margem do mediterrâneo São Francisco, e, vejam bem, bairristicamente, da cidade de Pão de Açúcar.

Outra novidade. Nelly Cordes não é homem, é pseudônimo de mulher que nele se esconde por modéstia, creio, ou por decisão definitiva de adotar nas letras um nome de guerra, como as cantoras, as estrelas de cinema, ou mesmo escritoras, como George Sand e a nossa brasileiríssima, já falecida, Carmem Dolores e a contemporânea Silvia Patrícia.

O nome de batismo e de família de Nelly Cordes é Maria José da Silva, que através da tradição oral, no lar, em São Paulo, conheceu episódios da vida aventurosa e sangrenta do bandido Lampião e dela se utilizou, com êxito absoluto, para tiradas novelescas, a par de fatos autênticos que fogem à ficção.

Maria José da Silva (Nelly Cordes) está fadada, pelo que apreciei na sua primeira obra literária, a ser, se lhe não morrer o ânimo, vencendo barreiras que naturalmente encontrará na pista das competições, em que a inveja predomina, uma das nossas futuras e grandes romancistas.

Os prognósticos do meu caro Afonso Schmidt, autoridade de valia incontestável no assunto, detentor de espírito analista como raros, se realizarão, sem dúvida alguma, em toda a plenitude.

Conheci pessoalmente Lampião, fui-lhe presa naquela angustiosa noite de 25 de novembro de 1929 e sobre ele, leio, em páginas vigorosas, observações psicológicas devido à pena de Nelly Cordes. Há episódios na vida do célebre cangaceiro em que a fantasia se sobrepõe à realidade, como, por exemplo, a viuvez de Maria Bonita, que, ao contrário, pereceu com o amásio na hecatombe sangrenta de Angicos.

Lampião não calçava botinas, mas alpercatas e meias grossas, como todos os bandidos do seu sinistro grupo. O tipo desse calçado de Lampião está hoje em moda até nos centros civilizados do litoral, com apreciável lucro para os sapateiros sertanejos.

Conheço personagens descritas no trabalho de Nelly Cordes, algumas com pseudônimos, certamente para não ferir melindres de amigos do seu progenitor, talvez ainda vivos em Pão de Açúcar, escapos da sanha criminosa de bandidos desaparecidos e de possíveis inimigos políticos que concorreram para a morte trágica de Zé Maia, pelo irmão, a mando do próprio tio, segundo é corrente na margem franciscana. Zé Maia era amigo e protetor do pai de Nelly Cordes, José Cândido da Silva.

Estive há dias com o sogro de Antônio Rodrigues, filho do Cel. Zé Rodrigues, personagem citado no trabalho de Nelly Cordes, morto em Maceió no governo do saudoso Costa Rego. Antônio Rodrigues, alma selvagem, como a do pai, foi condenado à morte pelo sogro, que o punira pelos maus tratos que infligia à esposa meiga e virtuosa.

As falhas na dramatização do *O Rei dos Cangaceiros* não prejudicam o mérito literário do trabalho, que é apreciável, e digno, por isso mesmo, dos mais justos elogios.

Acompanho com satisfação a marcha triunfal de Nelly Cordes na carreira que vem de abraçar. E Pão de Açúcar deverá orgulhar-se de ter sido berço de uma mulher de inteligência singular.

*Correio de Aracaju* (SE) – 15.07.1954

## LAMPIÃO

Sebastião Fernandes

A paisagem agreste, o cenário das caatingas, o sol forte que mata as plantações, a ausência de rios, tornando mais árida a terra, as lascas de calcário reverberando em gritos de luz, os caminhos pedregosos, a vegetação – só não morre o cardo, mandacaru e xique-xique em períodos de seca – portanto vegetação espinhosa, uniformidade de plantas raquíticas, uniformidade de céu, uniformidade de terra, uniformidade de cor, tudo é condição miserável de vida para fazer do homem um desolado.

Então para o criminoso que conseguiu desvencilhar-se das perseguições e atravessa determinadas regiões começa a criar-se forma que vai para os versos de feiras e aumenta o folclore com mais uma figura de salteador.

Quanto mais perseguição, mais guerrilha, mais resistência, maior versalhada, e vai-se derramando uma literatura oral e escrita, onde aparece a escola da valentia e logo fascinando a criança pelos atos de bravura e, portanto, das histórias e novelas de brenhas e desertos, educando para o mal, plasmando novos celerados.

No entanto, o que a alma sertaneja tem de mais puro, elevado, nos atos sublimes de dignidade e abnegação, nas lutas contra o sol, as febres, a fome – toda a beleza da renúncia e estoicismo de quem tenta lutar contra a intempérie – onde estão os versos e as páginas de romancistas, como se só gostássemos de ver sangue e areia?

E os painéis que se desdobram ante nossos olhos de ataques sinistros, crimes horrendos, onde o saque, o vandalismo, são cenas e episódios mais vergonhosos para os governos incapazes, quando a força do Estado só chega àquelas brenhas inóspitas através da imposição do fisco.

E a vida sempre irônica esconde o estoicismo, as lutas inglórias nas fazendas, vilas e burgos isolados, onde famílias lutam ininterruptamente para que os livros e teatro só nos mostrem as forças do mal, onde plagas áridas facilitavam os delinquentes e os bandoleiros em pilhagens vergonhosas para se retirarem para outras zonas e ainda encontrarem asilo e ainda farta munição e apetrechos de guerra!

Daí a resistência por longos anos, e esses fatos vergonhosos aparecendo consecutiva e detalhadamente nas narrativas em jornais, telegramas e crônicas derramadas.

Acabamos por indagar se há sadismo em escolher e apresentar um infeliz como herói, quando outros lutadores puros nunca foram escolhidos.

Assim a figura dum moço Virgulino Ferreira da Silva, filho de Pernambuco, quando menino, vivia imitando cangaceiros famosos. Adolescente, era moço correto, ajudava a família, como almocreve indo de Vila Bela até Rio Branco, ou Floresta ou ainda a outras cidades nordestinas.

Ao ver o pai assassinado e a mão morrer do choque procura a Justiça que lhe fecha a porta e, então, o menino que imitava cangaceiros procura vingar a morte dos entes queridos, pois os criminosos continuavam impunes.

Mata e foge. E na fuga acumula delitos. Fica popular, vai granjeando notoriedade, e famoso encontra amparo nos coronéis, nos chefes políticos, e, até, num deputado, que lhe confere o título de "capitão", confirmado pelo Padre Cícero de quem se dizia afilhado. Parte de Juazeiro, com grupos de oito a doze homens às vezes chegando a uma centena, sempre bem armado com metralhadoras e fuzis do Exército e agindo num raio de mais de 50 léguas implanta o terror.

Se de 1922 a 1926 o banditismo do Nordeste viveu o período áureo pelo beneplácito, até, de Governadores nefastos; que o favorecem trazendo suspensa de terror a população de seis Estados, em 1938 teve o seu ocaso.

Durante quase duas décadas de vida de emboscadas e guerrilhas a figura meio corcunda e zarolha, de óculos, usando cabelos grandes, roupa de cáqui e chapéu de couro enfeitado, os dedos cheios de anéis, longo punhal na cintura, cartucheira enorme, rifle com bandoleira cheia de moedas encrustadas, numa preocupação de ouro, com muito de vaidade feminina, infantil e primitivos preceitos de indumentária.

Assim era o triste e suposto herói que passava, roubando, incendiando, destruindo criações, estraçalhando lares, estigmatizando mulheres com ferro de marcar boi, apossando-se de qualquer mulher pelos povoados que invadia, quando, aos trinta anos, nas imediações de Paulo Afonso, recebendo um recado de mulher casada, estaca. É nesse momento que a escritora Rachel de Queiroz procura, em cinco quadros, num palco, não biografar ou tentar a história, mas dramatizar Virgulino.

O valentão esquece as tropelias, mesmo ainda com ares de "herói" para escolher uma companheira. Bandido que tanto mal fizera a moças virgens e tivera toda espécie de mulher ao sabor do desejo e vontade, detém-se de longas e cansativas caminhadas para se assenhorear da esposa dum sapateiro fazendo-a abandonar marido (e na peça também filhos) para segui-lo.

Quem poderá explicar o amor e o gesto de Lampião?

Noutros tempos talvez a carta daquela mulher tivesse sido rasgada. Cansado já, porém, de tantas tropelias em terras sáfaras, olhando com fastio para a vida desolada e de vigília, capitula. E a baiana Maria Déa, cognominada "Maria Bonita", é em pouco tempo o fascínio de Lampião.

Faz-lhe versos românticos, toca sanfona, torna-se mais apegado ao rosário e ao livro de orações. Não quer mais lutas. Quer amor.

Interessante que Rachel de Queiroz, sempre tão vigorosa em suas páginas, nos apresenta Maria Bonita abandonando o marido por ser demasiadamente pacato e fraco, e procura na figura lendária do cangaceiro o ardoroso e arrogante agressor.

O que vemos entretanto no palco – o teatro é sempre um mistério – é um homem nervoso, aflito, acovardado.

Tão desconfiado de tudo e de todos, que elimina companheiros e até um irmão. Horro-

riza-se ter de tomar café feito pela própria concubina. Só acredita em patuás. A todos pede paz e amor.

E a figura realmente viva é o sapateiro Lauro, que nos transmite toda a sua angústia, sofrimento e dor de homem abandonado.

Depois, num ritmo decrescente, não há mais vida nem teatro, tanto que quando no grotão de Angico a rajada de metralhadora liquida os dois últimos personagens não há mais emoção.

Assim vimos quase ao mesmo tempo as estreias de *Lampião*, no Teatro Duse, apresentada pelo Teatro do Estudante e no Teatro Municipal, pela Companhia Dramática Nacional, elencos esforçados, técnicas diferentes de amadores e profissionais, que mais nos avivaram acontecimentos ainda contemporâneos, num realismo sem poesia, que nos deprimia, tal como quando assistimos o *Tobacco Road*, de Caldwell.

Contudo, ficou o espetáculo lá no alto de Santa Teresa, onde Paschoal Carlos Magno nos apresenta novos diretores, cenógrafos, figurinistas e intérpretes, tudo num cunho elevado de arte.

*Ilustração Brasileira* – Outubro de 1954

## CANTIGAS DE LAMPIÃO

Um disco por todos os títulos curioso é o que acaba de lançar a Todamerica, reunindo canções do bando de Lampião, o cangaceiro de triste memória, cantado em prosa e verso, figura lendária do Brasil agitado. O tema de Lampião encheu muitos ABC no Nordeste, foi figura de romances e estudos, como os de José Lins do Rego e Ranulfo Prata, foi motivo de teatro, como na peça de Raquel de Queiroz, integrou-se no folclore da vasta região onde floresceu, qual travo amargo, o fenômeno do cangaço. Esse tema é revivido agora em música, em cantigas que o bando cantava à luz das fogueiras, ao embalo rude das patas de cavalo nas marchas pelas caatingas do sertão. São todas peças ingênuas, a que não faltam um traço de pureza paradoxal porque nascidas em ambiente de misérias e dores, revividas por um dos integrantes do bando do famoso cangaceiro – Volta Seca. É evidente que a gravação tem o seu espírito comercial e se destina a dar lucro à gravadora, mas esse espírito não consegue eliminar, felizmente, a pureza original das cantigas, enquanto interpretadas pela voz agreste, dolorosa e cadenciada em melopeia, desse rude Volta Seca. Volta Seca talvez seja um dos últimos, senão o último, remanescente do bando de Lampião. Recuperado, luta com dificuldades para sustentar a família em empregos difíceis. A ideia da gravação deste disco pode ajudá-lo. O microssulco de Todamerica contém as seguintes peças: "Acorda Maria Bonita", toada sertaneja; "A Laranjeira", baião; "Ia pra Missa", xote; "Mulher Rendeira", baião; "Se Eu Soubesse", toada; "Sabino e Lampião", xaxado; "Escuta Donzela", baião; e "Eu Não Pensei Tão Criança", baião. Volta Seca interpreta as melodias acompanhado de discreto fundo musical e é nessa sua interpretação, na pronúncia errada das palavras, na agreste entonação da voz, na melancolia da cadência

de cada cantiga, que se salva a pureza das peças do seu imediato objetivo comercial. Porque o fundamental do microssulco parece encontrar-se na voz amarga de Volta Seca, embora a estilização das músicas nos arranjos de Guio de Morais, se conserve dentro de um equilíbrio condizente com o espírito das canções. São simples e horizontais, sem complicações intelectuais. As músicas nascidas nas caatingas apresentam muitas vezes achados maravilhosos, como neste caso:

*Se eu soubesse que eu chorando*
*Empato a tua viagem*
*Meus olhos eram dois rios*
*Que não te davam passagem*

Versos que constituem a letra da toada que é uma verdadeira obra-prima, como melodia, sob o título de "Se Eu Soubesse". Toada que se junta ao baião "Escuta Donzela" para constituírem os dois pontos altos do disco. Ainda nesta chapa de Todamerica encontra-se a considerada autêntica versão de "Mulher Rendeira", música ao som da qual Lampião atacou a cidade de Mossoró nos seus áureos tempos. "Cantigas de Lampião", pois, é um disco que e pode recomendar, ao menos como documento na voz de Volta Seca.

*Folha de S. Paulo* (SP) – 27.01.1957

## *LAMPIÃO*, DE RANULFO PRATA

Escrevendo este livro em 1933, pretendia Ranulfo Prata dar a conhecer ao Brasil do litoral todo o sofrimento do Nordeste assolado por Lampião, a fim de intensificar a campanha contra o célebre cangaceiro. Para tal, valeu-se de muitos depoimentos que lhe permitiram traçar o perfil do bandoleiro e historiar suas façanhas. "Toda a fantasia foi cuidadosamente escoimada desta narrativa humilhante e triste. Só recolhemos o fato autenticado".

Lampião, nascido com o século, comete o primeiro homicídio aos 16 anos e ingressa no grupo de cangaceiros chefiado por Sinhô Pereira e Luiz Padre. Desfeito este grupo, passa para o dos irmãos Porcino, em Alagoas; quando estes deixam a vida do cangaço, forma seu próprio bando, à frente do qual assola sete Estados do Nordeste, de 1925 a 1938, quando é morto: Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Sergipe, Alagoas, Bahia e Ceará.

Chamava-se Virgulino Ferreira da Silva. Dizem alguns que seu apelido de Lampião veio de ter derrubado com uma tropa de mulas o lampião de um lugarejo. Querem outros que provenha de resposta que deu ao ingressar no bando de Sinhô Pereira, e esta versão parece mais provável. Rapazola, pretendeu fazer parte do grupo já famoso e ter-lhe-iam indagado de suas qualidades de guerrilheiro, ao que replica: " – O meu rife, na pega desta noite, não deixô de tê clarão!" Exclamara então, rindo, um dos do bando: " – Home, se é assim, o rife deste menino é que nem um Lampião!" (pág. 48).

Descreve o autor a família, o tipo físico e psíquico de Lampião e, em breve traços, a figura de alguns dos cangaceiros que o acompanhavam, passando depois a narrar seus crimes, seus ataques a diversas vilas e cidades, o problema dos coiteiros, a perseguição policial que se desenvolveu contra ele antes e depois da Revolução de 1930, as lutas e combates.

Dentre as páginas mais cruéis do livro estão as que narram o êxodo de 1932. O capitão João Miguel, então à frente das forças volantes que combatiam Lampião, desejoso de pôr fim à luta engendrou o plano de "evacuar a caatinga de todos os seus habitantes, concentrando-se nas vilas e cidades. Deserta toda ela, o bandido ficaria no meio, atarantado como rês desgarrada, sozinho, tonto, em direção e sem tino" (pag. 213). Imediatamente o pôs em prática na Bahia.

O que se deu então foi inominável: num raio de 80 léguas, dos limites de Sergipe até o mais alto do sertão seco baiano, uma multidão de cerca de 12.000 pessoas foi desalojada a "coice d'armas, dos seus casebres e fazendas e tangida, como rebanho miserável, pelas estradas poentas, em direção de vilas e cidades" (pág. 214). Só a Jeremoabo chegaram 4.000, no mais absoluto desamparo, obrigadas que foram da noite para o dia a abandonar plantações, gado, casa, posses.

Partiu então a força policial a esmiuçar a caatinga abandonada, mas... Lampião não foi encontrado! Quatro meses depois, os sertanejos puderam voltar a seus lares: as casas caíam em ruinas, as plantações estavam perdidas, boa parte do gado também. E a seca, vindo coroar tanto sofrimento, os expulsou novamente de suas moradias, rumo do litoral, onde esmolariam uma ajuda para o tempo que durasse a calamidade.

Ranulfo Prata apresentou seu livro como um "Documentário". É esse realmente o seu valor, tanto para um historiador dos costumes do Nordeste quanto para um sociólogo. O fenômeno do cangaço ainda não foi analisado entre nós de maneira conveniente, embora tenha feito correr muita tinta. O capítulo sobre os "coiteiros", por exemplo, contém preciosa sugestão. Divide Ranulfo Prata os coiteiros – aqueles que dão coito, homizio ou refúgio aos cangaceiros – em três classes principais: o involuntário, o vingativo e o comerciante. O primeiro protege-os por medo, porque sabe que se os denunciar será invariavelmente morto. No segundo grupo estão aqueles que, maltratados pelas forças policiais e pelas volantes (os métodos de ambos, ao lidar com os infelizes sertanejos, eram muito semelhantes aos dos cangaceiros), procuravam um desforço delas. Finalmente, na terceira categoria, estão de um lado os que pretendem acumular haveres negociando com os cangaceiros; de outro lado, "os chefes das vilas", fazendeiros, proprietários, e negociantes" (pág. 187), que se utilizam de Lampião para fazer escoar sua mercadoria e para, escudados em suas forças, dominarem politicamente uma região.

Conservando esta divisão, seria agora necessário relacionar os tipos de coiteiros com as diferentes camadas sociais, com as diversas famílias influentes e com os vários grupos políticos, de maneira a verificar de onde provinham realmente as condições de permanência do fenômeno. Ranulfo Prata não o podia fazer ainda; escrevia quando o fenômeno estava em pleno processo e muitos dos coiteiros eram personagens importantes no cenário político. Em todo o caso, quem se dispuser a fazê-lo hoje, que a distância no tempo permite abordar os fatos com mais liberdade e com menos paixão, e que essa mesma distância não é ainda tão grande que não permita a colheita in loco de importantíssimos depoimentos e documentação, prestará um enorme serviço ao esclarecimento de um dos fenômenos sui generis de nossa formação social.

Estado de S. Paulo (SP) – 19.10.1957

## DESCANSO ÀS CABEÇAS

Se um egípcio de quatro mil anos fosse visitar o Museu Nina Rodrigues, numa dependência da Faculdade de Medicina da Bahia, exclamaria: "Esta gente devia aprender a embalsamar!" É que no Museu Nina Rodrigues a única coisa que pode fascinar e horrorizar o visitante são as famosas cabeças do bando de Lampião, decepadas pelo sargento Bezerra, pelo Aniceto e outros volantes. Ali estão Lampião, Maria Bonita e toda a cabroeira ainda em decomposição diante do expectador e no interior de suas redomas. Os monstruosos feitos expostos na sala ao lado têm mais dignidade na bem-aventurança da sua eterna infusão em álcool do que os cabras de Virgulino, pobres cavaleiros da Távola Redonda derrotados pelos trilhos da Great Western e pelo Departamento de Estradas de Rodagem. Aquelas cabeças do Museu Nina Rodrigues são as mais cruéis criaturas jamais feitas no mundo. O pobre do Lampião, que continua a ser cantado na literatura de cordel dos ABC baianos, não pode ter imaginado, ele que gostava tanto de tirar retrato, que ia encarar gerações futuras transformado numa espécie de sinistra maçã assada. Perto do Museu comprei, entre outros, o poema "Perseguição de Lampião pelas Forças Legais". Uma das estâncias diz: *"Somente de Sant'lago / prefeito de Limoeiro recebi uma quantia / de 2 contos em dinheiro / depois / de 2 contos em dinheiro / depois aí na cidade fotografei pela tarde / meu grupo de cangaceiros"*.

O museu Nina Rodrigues, por mais bem intencionado que seja, me pareceu singularmente deseducativo. Além da gema que é o álbum de família dos cangaceiros embalsamados, o Museu tem uma gigantesca coleção de punhais, peixeiras, facões, chuços, furadores, martelos, etc., iguais a quaisquer outros, mas com uma singularidade: serviram todos a homicídios. Além disso e dos feitos de três cabeças ou de um olho só, o Nina Rodrigues tem uma coleção de grandes bonecas vestidas como Xangô, Iansã, Iemanjá, etc., mas com roupas novinhas em folha, panos da África adquiridos no armarinho, etc.

Em nenhum museu do mundo se justificaria a exibição das cabeças do bando de Lampião, mormente no estado em que se acham. Num museu rigorosamente de Polícia, seria interessante ter as armas lá colecionadas, mas não num museu de interesse geral, como esse em que há uma tentativa de expor algo do riquíssimo campo que é a religião popular da Bahia. A gente fica sem saber o objetivo do Museu Nina Rodrigues e conclui que, como falta à Bahia um Museu, procura-se transformar um museu de medicina legal ou de criminologia em atração pública.

A Bahia precisa urgentemente de um museu. Mas ainda com mais urgência precisa devolver à terra aquelas lamentáveis cabeças guardadas no Museu Nina Rodrigues. O poema que já citei (da autoria de José Cordeiro), lembra rasgos humanos do maior dos cangaceiros: *"Depois que o fogo cessou / vi com grande sofrimento / meu amigo Nevoeiro / com um mortal ferimento / vendo que estava mortal / sangrei-o com meu punhal / livrei-o do sofrimento"*.

Vamos livrar daquele sofrimento Lampião – que era tão vaidoso – e sua Maria, que foi tão bonita? Vamos dar descanso e sepultura àquelas pobres cabeças?

Eis aí um enterro humilde mas que reclama o esforço conjunto dos nossos cronistas – Bandeira, Rachel, Drummond, Rubem Braga e todos mais – e uma boa campanha, na Bahia, do Odorico Tavares

*Correio da Manhã* (RJ) – 29.04.1958

## SEM SEPULTURA

Tem razão Antônio Calado: as cabeças de Lampião e Maria Bonita não ficam nada bem no Museu Nina Rodrigues, da Bahia. O espetáculo causou-lhe horror, em meio a tanta coisa amorável que os baianos têm para mostrar. Eu mesmo, que nunca fui à Bahia, horrorizo-me de longe, nem careço ver a fotografia, basta-me a notícia. E, há quatro anos, escrevendo para o jornal, pedi, como toda gente, que se completasse o sepultamento de Lampião, sua amiga e seus companheiros, os quais todos se encontram com o corpo por baixo da terra e a cabeça numa vitrina.

Como assinalei então, comparar esses pobres restos a múmias egípcias, que os museus guardam com ciúme – a frase é do diretor do Nina Rodrigues – revela excesso de zelo funcional, para não dizer que envolve uma afirmação técnica duvidosa. A polícia alagoana que acabou com Virgulino e seus cabras estava longe de realizar uma expedição arqueológica, e não consta que sua formação profissional incluísse o embalsamamento. Há uma pequena distância de milênios, de civilizações e de posturas municipais entre o tempo de Ramsés e a nossa democracia relativamente cristã, onde cada corpo espera sua sepultura, excetuados os casos, deploráveis mas ainda inevitáveis, do ensino médico, feito à custa de corpos sem dono.

Em 1954, parentes pernambucanos dos mortos reclamavam essas cabeças, e o governo baiano se recusava a entregá-las. Seria o mesmo – caçoou a direção do museu – que o ex-rei Faruck exigir devolução do corpo de algum ancestral convertido em múmia, para recolhê-lo ao cemitério. Não. Essa gente pedia apenas que se praticasse um ato de rotina, determinado pela lei civil e pela religião oficial, com despojos de pessoas que teriam então menos de 50 anos de idade.

Alega-se que tais pessoas são famosas, e memoráveis os fatos em que se envolveram. Contudo, ninguém se lembra de decapitar outras personalidades de projeção, para exibir seus membros em um museu. Lampião e companhia eram grandes criminosos, e o museu é de antropologia criminal. Seriam mesmo grandes criminosos? O processo do cangaço, e isso se repete hoje em todos os tons, foi um processo de fome e de injustiça social. Não sei se o museu baiano pretende lembrar tal coisa, exibindo peças dessa natureza.

Parece que sim, ao declarar que as cabeças fazem parte de um "conjunto de elementos materiais, relativos ao doloroso processo do banditismo nordestino". Mas há engano. As cabeças fazem parte dos corpos, e só deles. O mais é arrumação artificiosa, que oscila ao sabor das teorias científicas, das interpretações sociológicas – e até da política. Amanhã, um governo "camponês" pode reescrever a história do Brasil, e não se espantem se outras cabeças, por motivos exatamente opostos, passarem a figurar nos museus de antropologia criminal, o que sinceramente este cronista não deseja.

Estou de inteiro acordo com Antônio Calado, e acho que essas cabeças não satisfazem nenhum fim de cultura, não atendem a qualquer objetivo museugráfico. Antes, repugnam e entristecem. (Subsidiariamente, falam mal de nossa capacidade de embalsamar e de nossa concepção de museu especializado). Enterremos as cabeças de Lampião, de sua namorada, de seus homens, não por tradição homérica, para que suas almas errantes possam enfim penetrar no Hades; nem por aquele sentimento da república nascente, que mandou incinerar os arquivos da escravidão. Não é para esconder a tristeza nacional das razões do cangaço, ou a vergonha pela ferocidade policial, que devemos sepultá-las. Sepultemo-las porque não é agradável conservar e expor cabeças degoladas e hirsutas; porque uma simples moldagem atende ao interesse

documental; porque a sepultura convém aos mortos, no estado atual da sensibilidade média, enquanto não se generaliza o bem e limpo costume da incineração.

*Correio da Manhã* (RJ) – 01.05.1958

## *CANCIONEIRO DE LAMPIÃO*

Nertan Macedo, bem informado repórter que chefia a seção política do *Jornal do Commercio*, acaba de lançar seu livro *O Cancioneiro de Lampião*, onde conta, em versos, a história, os amores e as aventuras do rei do cangaço no nordeste brasileiro e seu bando. Com excelentes ilustrações de Enrico Bianco, o livro tem trechos de ótima poesia, como pode ser verificado nesses poucos versos que publicamos.

*Almocreve, dê notícia*
*do Benjamim Abraão*
*o turco do Juazeiro*
*que se meteu no sertão*
*e veio fazer a fita*
*do bando de Lampião.*
*Capitão, não vi o gringo,*
*mas soube no Riachão,*
*onde ele pernoitou*
*inchado como um pavão,*
*levava muito retrato*
*dos homens do Capitão.*

*Cumpria o santo preceito*
*com toda a veneração,*
*no domingo ele acampava*
*em causas de devoção,*
*quantas pedras foram aras*
*da Virgem da Conceição!*
*Puxava terço e novena*
*com humildade e contrição,*
*das almas do outro mundo*
*fazia a encomendação,*
*vivia sempre pensando*
*no pai morto, no irmão.*

*Mas a grota dos Angicos*
*foi a sua perdição,*
*Maria bem que dizia,*

*aquilo tem maldição,*
*estava tão reduzido,*
*tão deprimido e doente,*
*em tão ruim situação,*
*era tão grande aflição,*
*que não mais se separava*
*de um frasco de veneno*
*do tamanho de um breve,*
*pendurado junto ao peito,*
*Na altura do coração.*

*Alvores da madrugada,*
*nos ermos da solidão,*
*estrela bela cadente,*
*tombando do céu luzente*
*na cova escura do chão.*
*Existiu na natureza,*
*como o ar na amplidão,*
*como o lume e o braseiro,*
*como a água e o clarão,*
*do pó da terra oriundo,*
*ficou sozinho no mundo,*
*perdido na criação.*

*Foi esse o último dia*
*que viveu por esta terra,*
*quando a noite terminou*
*logo o fogo começou,*
*caindo ensanguentado*
*a mulher se ajoelhou*
*e foi logo suplicando*
*a Deus do Céu o perdão.*
*Aí não se viu mais nada,*
*foi completa a escuridão,*
*Maria Déa morreu*
*ao lado de Lampião.*

*Foi assim que se cumpriu*
*uma antiga profecia*
*dos tempos do Conselheiro.*
*Daqui a cinquenta anos*
*um tenente bandoleiro,*
*varando pela caatinga,*
*varando no tabuleiro,*

*semeará morte e lenda*

*no Nordeste brasileiro.*
*No sumidouro do Além*
*seja o bom Jesus louvado*
*e os anjos repitam: amém.*

*Onde está Maria Bonita*
*com seu porte de pavão?*
*É agora uma serpente*
*nas profundezas do chão,*
*Eva do inferno sombrio,*
*rainha da tentação,*
*enroscada nos cabelos,*
*que neste mundo de Deus*
*alisaste com a mão,*
*quem, nesta claridade*
*se lembra da escuridão?*

*O sol do dia tinia*
*na lâmina do facão,*
*quando o tenente curvou-se*
*pra decepar Lampião,*
*tem piedade de nós,*
*Senhora da Conceição,*
*urubus foram chegando,*
*era grande multidão,*
*começou a trajetória*
*em cima do caminhão,*
*o circo mais esquisito*
*que já passou no sertão.*

*O Mundo Ilustrado* (RJ) – 1959

**LAMPIÃO**

Silvio Figueiredo

Já não me lembra qual o criminalista, Sighele ou Enrico Ferri, que notou a tendência geral para nos enternecermos pelo destino do criminoso e esquecermos por completo a pobre vítima, bem mais digna de nossa piedade.

Lembrei-me disso hoje, a propósito do caso das caveiras de Lampião e de Maria Bonita, expostas em museu e agora definitivamente sepultadas por ordem do governador da Bahia, em face da reclamação dos descendentes do bandido.

Está certo.

Os descendentes do repulsivo facínora são, ao que se informa, gente honesta, com famílias respectivas e desejaram ver assim apagado definitivamente o que julgavam uma afronta e uma desumanidade em relação ao seu ascendente direto.

Tudo isso está também certo.

O que me parece demasiado é esse ambiente de simpatia que se procura formar em torno do celerado, tentando-se explicar, senão justificar seus crimes, com a sua situação de injustiçado. Matou covardemente a pobres inocentes, porque por sua vez foi vítima de atrocidades policiais. Vejam a desculpa!

E assim passa a primeiro plano o assassino bestial como objeto da nossa piedade, ao passo que suas infelizes vítimas entram na sombra e no esquecimento, elas que deviam ser projetadas em cena para alvo da nossa ternura.

Lampião e sua quadrilha aí estão vivos na nossa memória, poetizados, romanticamente endeusados pela crônica, pelo romance, pelo filme, e, enquanto ninguém mais se recorda da menina de quinze anos (fotografia da extinta *Noite Ilustrada*) que o miserável marcou na face, indelevelmente, com ferro em brasa, pelo pecado de ter cortado os cabelos. Com o mesmo ferro com que se marca o gado.

E a gesta informe foi feita diante de uma multidão de homens acovardados, que não tiveram a coragem cavalheiresca de morrer por ela.

*Careta* (RJ) – 04.07.1959

**LAMPIÃO**

João Martins de Athayde

*Caro leitor eis aí*
*meu todo nesse retrato,*
*todos que já me conhecem*
*dirão que está muito exato*
*tirei ele no Ceará*

*perto da vila do Crato.*

*Eu nasci no Pajeú*
*em dias do mês de maio,*
*na hora do meu nascimento*
*trovejou e caiu raio;*
*um corisco perguntou:*
*– quer que vá ser seu lacaio?*

*É homem ou será mulher?*
*perguntaram, aí meus pais,*
*então a parteira disse:*
*– é mesmo um Ferrabras*
*Se este não for cangaceiro,*
*Mentirão todos os sinais.*

*Diz minha mãe que eu nasci*
*num dia de quarta-feira,*
*quando foram dar-me banho,*
*foi visto pela parteira*
*que tinha em minha cintura,*
*a marca da cartucheira.*

*Dias depois minha mãe*
*divulgou outro sinal,*
*em meu lado esquerdo um rifle*
*se divulgou afinal*
*na palma da mão direita,*
*visivelmente um punhal.*

*Três anos e poucos meses*
*era que eu podia ter,*
*a cascavel deu-me um bote*
*vinha certa me morder*
*peguei-a pela garganta*
*soltei quando a vi morrer.*

*Com 7 anos de idade*
*fui ver se amansava um burro,*
*ele me deu uma queda*
*descarreguei-lhe um murro*
*um homem que estava ali,*
*correu com medo do urro.*

*Eu tinha quatorze anos*
*quando mataram meu pai*

*eu mandei dizer ao cabra:*
*– se apronte que você vai,*
*se esconda até no inferno*
*de lá mesmo você vai.*

*Foi aí que resolvi,*
*este viver infeliz;*
*olhei para o rifle e disse:*

*– você será meu juiz*
*disse ao punhal: com você*
*eu represento o país.*

*Com quinze anos eu fui*
*cercado a primeira vez,*
*vinham quatorze paisanos*
*desses inda matei seus*
*de dez soldados que vinham*
*apenas correram três.*

*E esse cerco foi feito*
*por um subdelegado*
*para vingar-se dum caso*
*há cinco anos passado*
*uma surra de macaca*
*que meu pai tinha lhe dado.*

*Depois de todos correrem*
*eu fiquei só e fui ver*
*aquilo repugnou-me*
*mas... o que havia de fazer*
*apenas disse: urubu*
*tem agora o que comer.*

*Então, mandei um rapaz*
*que meu pai tinha criado*
*disse a ele: você vá*

*diga ao subdelegado*
*que os cabras que matei*
*nem um será enterrado.*

*Então pegaram o rapaz*
*e botaram na cadeia,*
*aí reuniram e vieram*
*prender e meter-me a peia*

*foi nesse segundo cerco*
*que vi a coisa bem feia.*

*Vieram vinte e dois homens*
*eu estava descuidado,*
*estava até limpando um rifle*
*que estava enferrujado*
*quando a tropa me atirou*

*sem dizer-me: está cercado.*

*Eu aí larguei o rifle*
*lancei mão do bacamarte*
*disse ao subdelegado:*
*– você quer sangue, se farte,*
*então se via no pátio*
*defunto por toda parte.*

*Quando o subdelegado*
*viu que a coisa era demais*
*deixou a tropa e correu*
*por dentro dos matagais*
*logo que chegou na vila*
*soltou-me logo o rapaz.*

*No outro dia o vigário,*
*veio a mim mesmo falar*
*me pediu que consentisse*
*que ele mandasse buscar,*
*todos que tinham morrido*
*que ele queria enterrar.*

*Eu disse ao vigário: mande*
*porém uma coisa tem*
*aquele delegadozinho*
*nesses dias vai também,*
*lhe diga que eu não cortei*
*o umbigo de ninguém.*

*Tribuna da Imprensa* (RJ) – 05.09.1959

## CONFISSÕES DE UM "CANTADOR"

Quando perguntamos a Nertan Macedo como surgiu a ideia do seu *Cancioneiro de Lampião* – que a revista *Leitura* lança este mês numa edição de luxo, com três belos desenhos de Enrico Bianco – ele respondeu com uns versos de José Pacheco, poeta popular do Nordeste, autor de "Lampião com São Pedro" e "A chegada de Lampião ao Inferno":

*Poeta tem liberdade*
*sagrado dom da natura*
*conforme a literatura*
*escrever o que tem vontade*

Mas depois veio a primeira confissão do poeta (que todos conhecíamos até bem pouco como cronista político dos mais destacados no Rio).

"Nasci na velha, nobre e leal Cidade do Crato, Cabeça de Comarca, o antigo Curato de S. Fidelis de Sigmaringa, no vale do Cariri, sul do Ceará, limites com o alto sertão pernambucano, onde Lampião vagueou em seus 19 anos de cangaço.

"Sou da mesma cidade de padre Cícero Romão Batista, fundador e patriarca do Juazeiro. Na minha cidade viveu dona Ana Bárbara de Alencar, mãe e avó de Tristão Gonçalves Martiniano e José, o romancista.

"Quando eu era menino, a coisa que mais sonhava era atravessar o chapadão do Araripe, que dorme diante da minha cidade um sono pesado de baleia, nesse grande mar cinzento que são os tabuleiros do alto sertão.

Tudo o que me marcou a imaginação veio do outro lado da grande serra azul das nascentes, do "lado pobre" da serra. E digo "lado pobre" porque a chapada deu as suas águas ao Ceará, de modo que o vale é verde e fértil, contrastando com a secura e a pobreza do lado pernambucano.

Aos nove anos fui embora para Fortaleza. Mas só quando chegue ao Recife, para estudar, é que pude realizar o grande sonho: conhecer o outro lado da serra.

Resultado: não vou a Fortaleza há 14 anos e, nesse mesmo período, já estive no Crato umas três vezes. As minhas viagens pelo sertão pernambucano – Salgueiro, Vila Bela, Bodocó, Novo Exu – fizeram o *Cancioneiro de Lampião*. Por um motivo simples: eu sou um sertanejo e como tal me lembrava muito de Lampião quando cruzava os cenários das suas façanhas.

Todo o meu mecanismo interior, em que pede à distância e à ausência, só funciona mesmo diante desse mundo longínquo, feito da solidão, mundo dos "grandes e vazios espaços".

O *Cancioneiro* nasceu naturalmente, sem muito esforço. A princípio não tive maior intenção. Primeiro, foram alguns versos sobre Lampião, que começavam assim:

*Cavalgando nas auroras*
*em remotos incendidos*
*no viver dos perseguidos*

*nos calcanhares do dia.*
*Couro, bando, papa-ceia,*
*e chão imemorial,*
*o bode, o cavalo, o boi,*
*o sentimento mortal.*
*O homem, caça dileta,*
*refletido no punhal,*
*a mente escura de bicho,*
*ruminante e animal, etc.*

Reli e gostei desses versos e aí fui fazendo mais e mais. O meu ouvido, desde a infância, está apurado na toada da minha gente. Um cantador de feira, uma mulher fazendo renda, outra pilando milho ou café torrado, um ronco de motor de caminhão nas alturas de Salgueiro ou nas imediações de Petrolina, um berro de solado de cabrito perdido, uma ladainha na voz fanhosa das beatas da Sé do Crato – tudo isso é o selo da minha alma e creio que ele não se despregará jamais de mim.

Pois o "Cancioneiro" é isso – e mais Lampião:

*... Quem tiver oiças, escute*
*e faça do coração*
*a via do entendimento*
*pois nada vale a razão.*
*Sangue e terra se misturam*
*em perpétua comunhão,*
*na linguagem do mistério*
*dou a minha tradução,*
*o demônio sobrevive*
*no descendente de Adão,*
*o homem não nasce bom*
*já nasce na expiação,*
*se o anjo prevalecesse*
*já teria morto o cão.*

Escrevi o poema porque eu o estava ouvindo e em cada um de nós há sempre uma Joana D'Arc escondida. Espero em Deus não ficar apenas nesse "Cancioneiro", que Willy Lewin considera um "mural", opinião que me desvaneceu.

Quero ir mais longe na linha que me tracei, fazendo dois outros "Cancioneiros": o do padre Cícero e o do beato José Lourenço. Tenho um excelente material para trabalhar. Não sei se serei bem sucedido.

De resto, fui absolutamente sincero. O que desejei fazer, fiz. É quanto me basta".

*Tribuna da Imprensa* (RJ) – 17.10.1959

## A REVOLTA DO CAPITÃO

Fernando Souto

Não foi com instintos sanguinários que, um dia, o pacato almocreve Virgulino Ferreira, no bravo e lendário sertão de Pernambuco, resolveu trocar o buranhém pelo bacamarte e, à frente de um pequeno mas expressivo exército, comandar a mais ousada e justa revolta, sacudindo o Brasil de Norte a Sul. A sua rebelião, tão fartamente explorada pelos observadores superficiais, foi a rebelião contra um drama social que a Lei, num Nordeste subdesenvolvido e desprezada, não foi capaz de resolver, porque, sendo aplicada com criminosa discriminação, não buscava as origens do conflito brotando da terra bruta, situando-se no campo da Lei da força e não da força da Lei. Foi preciso que o Capitão Virgulino Ferreira, o heroico Lampião nascido no Pajeú não menos heroico, empunhasse os bacamartes boca de sino e cruzeta para defender, com o sacrifício de sua própria vida, o direito que lhe foi miseravelmente usurpado, levando-o juntamente com sua família para a mais negra miséria.

Ao ver, com lágrimas nos olhos acendendo o ódio no coração, as terras saqueadas e incendiadas, batendo em vão às portas das autoridades, mercenárias e amordaçadas pelos poderosos da época, não restou outro caminho ao almocreve de Floresta do Navio senão, num ímpeto contagiante, convocar o Nordeste oprimido para fazer justiça com as próprias mãos, já que a Justiça, que ele procurou debalde, era, na realidade, além de cega, surda. Aqueles mesmos caminhos que ele percorrera, pacato e humilde, foram transformados em redutos inatingíveis da alma sertaneja na empolgante batalha que não teve outro caráter, senão o de fazer explodir, com a mesma violência da terra seca, o ódio terrível gerado por uma época de prepotentes abomináveis e desumanos. O espírito avassalador que destruiu uma família inteira foi mais longe, transformando-se naquele inominável massacre de soldados analfabetos reduzindo a um monte de cadáveres os sertanejos que unidos, cometiam o crime de lutar por um direito líquido e incontestável que lhes havia sido roubado!

Lampião não foi um revolucionário, não foi um criminoso, não foi um cangaceiro. Criminosos foram os que, estioados no poder da força policial comandaram a triste vindita contra homens que se viram forçados a abandonar seus lares, num país civilizado, em defesa do que lhes pertencia, representantes que foram de um Nordeste que pedia apenas justiça, clamava apenas por tranquilidade social. O Brasil, jogando dinheiro com soldados brutos e bestializados, matando e invadindo lares, impunemente, pagou, bem caro, o preço pelo tremendo e revoltante descaso ao verdadeiro problema, que não consistia no massacre hediondo de criaturas perseguidas, mas, muito pelo contrário, consistia no complexo social que ensanguentou e enlutou toda uma região. A verdadeira história do Capitão Virgulino Ferreira não registra, com fatos, qualquer atentado moral contra as famílias, mas, sim, reação pronta e violenta aos que traiçoeiramente, procuravam entregar os revoltosos, à sanha bestial da polícia, negando-lhes o necessário para o prosseguimento da luta, que era a luta do Nordeste pobre e tiranizado.

Tivesse o país voltado suas vistas para a gravidade do problema social, o pacato almocreve Virgulino Ferreira teria voltado, da Delegacia, para tanger os seus jumentos e os seus burros, e não para empunhar os bacamartes boca de sino e cruzeta, convocando os que, como ele, sentiam na carne o problema que não era policial e, sim, social. A revolta do Capitão foi a do Nordeste ferido em sua honra.

*O Estado de Florianópolis* (SC) – 29.11.1959

## VIRGULINO FERREIRA (LAMPIÃO) X CARYL WYTTIER CHESSMAN

Marco Aurélio do Vale Pereira

Certo jornal da Capital, publicou uma crônica escrita por um certo Losau Valhorca, no qual o citado cronista comparava Caryl Wittier Chessman com Virgulino Ferreira (o famoso bandido do nordeste brasileiro).

Talvez tenha o referido escritor, tentado fazer a defesa de um, acusando o outro, mas caiu em contradição. Muitos são os pontos em que me baseio para assim proceder. Deixo de enumerá-los, porque são muitos. No entanto posso dar um dos motivos: Entre Lampião e Chessman não existe comparação, porque Lampião era um bandido convicto e confesso. Foi morto a traição, como foi morto Caryl Chessman. Entre Lampião e Caryl Chessman não existe nenhuma comparação. Um demonstrou durante 12 anos, o inferno que ele não acreditava. Outro, fazia de seus crimes, um motivo de prazer. Matava por matar. Chessman foi um mártir. Mas, mártir, em que sentido? Eis o que muitos perguntaram. A resposta é uma só: Ele morreu para ver se a pena capital poderá ser extinguida. A pena de morte, era admissível na era medieval. Não agora, quando a humanidade alardeia, um grau avantajado de cultura e inteligência. Principalmente os Estados Unidos da América do Norte. Cultura esta que deve ser chamada de ignorância, e paixão-vingativa. Chessman poderia ter sido útil à sociedade. Foi. Deu seu início em plena Cela 2.455 (Corredor da Morte). A um passo da Câmara de Gás gritou sempre aos quatro cantos do mundo a sua inocência. Dizia-se inocente do tal "Bandido da Luz Vermelha". Mas acusava-se, talvez para salvar as aparências, dos outros postos crimes que a Justiça norte-americana lhe imputava. O governador do Estado da Califórnia Sir Edmund Brown, procurou por todos os meios salvar a vida do suposto "Bandido da Luz Vermelha". Depois, quando viu que fracassava, deixou o barco correr. No mesmo dia da execução, não conseguiu conciliar o sono. Por que? Será que a sua consciência lhe estava remorseando. A consciência lhe estava reprovando, lhe estava tocando os sentimentos falsamente existente. A Justiça norte-americana foi um monstro que andava atrás de sangue, para satisfazer seus instintos bestiais. Saciado, procurou dormir sossegado. Agora, suas cinzas são recusadas do cemitério de Forest Lawn Memorial Park, em Glendale, sua terra natal. Agora queremos (no Brasil) as cinzas do Mártir! O Escritor friamente assassinado. Um homem que quis ser útil à sociedade, mas a criminosa justiça americana não lhe deu a devida oportunidade. Que nos mandem as cinzas de Chessman, não para ficar em exposição, tal como se exprime este tal de Losau Valhorca. Nossos sentimentos cristãos não nos impelem a esta reação. Mas sim, o sentimento de piedade, contra tal atitude de Sir Edmund Brown.

*O Estado de Florianópolis* (SC) – 16.06.1960

## DUAS GRANDES CABEÇAS

Djalma Costa

– DUAS GRANDES CABEÇAS – A primeira é daquele santo que apareceu no deserto da Judeia, dizendo:

– "Fazei penitência: porque está próximo o reino dos céus".

Da outra falou o profeta Isaías:

– "Voz do que clama no deserto: aparelhai o caminho do Senhor; endireitai as suas veredas".

Cabeça de João Batista, aquele que tinha um vestido de peles de camelo, uma cinta de couro e se alimentava de gafanhotos e mel silvestre: O precursor do Cristo, de quem não se considerava digno de lhe ministrar o calçado, representava a bondade, a humildade, o amor. Pela bondade, ele teria de ser sacrificado. A sua cabeça – estava escrito – teria de ser levada numa bandeja à filha de Herodias que antes bailara diante de Herodes Tetrarca. Era o eterno exemplo que se espalhava a toda a humanidade pecadora.

– "Na verdade, eu vos digo que entre os nascidos de mulheres não se levantou outro maior do que João Batista" – disse o Mestre. A sua degola passou a representar a força do ódio contra o amor: por ter pregado a verdade, por ter amado tanto, por ter aparelhado tanto o caminho que leva até ao Pai Poderoso. Se o ódio é do tamanho do amor, a maldade mede-se com a bondade. Ninguém teria odiado se não existisse o amor.

A outra cabeça, também exposta aos olhos do mundo foi a de Lampião – o rei do cangaço. O bandido teve e terá sempre os seus adeptos a espalhar o ódio, a maldade e a miséria. Bem que representa o fruto mau: "pois que pelo fruto é que a árvore se conhece". "Raças de víboras, como podeis falar coisas boas sendo maus? Porque a boca fala o de que está cheio o coração" (Mat. 3). "O homem bom do bom tesouro terá boas coisas; mas o homem mau do mau tesouro terá más coisas" (Mat. 35).

O sacrifício de João Batista significa, em síntese, a boa semente; enquanto a de Lampião representa a cizânia que os inimigos continuam semeando no meio do trigo.

Eis porque caminham sempre juntos o amor e o ódio, a bondade e a maldade. Em toda parte e em todos os tempos. Até na hora derradeira do Gólgota: – "Se tu és o Cristo, salva-te a ti mesmo e a nós outros" – "Nem ainda tu temes a Deus, estando no mesmo suplício?"

As missões de João Batista – o grande Rei – e a de Lampião – o rei do cangaço – foram determinadas pelo Pai, como exemplo vivo da bondade e da maldade.

*Diário de Pernambuco* (PE) – 24.06.1961

## *LAMPIÃO E SEUS CABRAS*

Luís Luna conta em *Lampião e seus cabras* tudo a respeito dos cangaceiros do Nordeste, tomando como pretexto a história do bando do famoso Virgulino Ferreira da Silva. É um livro corajoso e autêntico. Aliás, versando esse tema, só poderia ser autêntico e corajoso. Mas coragem é o que não falta a Luís Luna, homem sincero e lutador, inclusive lutador de fuzil na mão, combatente que foi em duas revoluções, a de 30, ainda adolescente, e a de 35, no Recife.

Refletem-se, destarte, neste trabalho, as qualidades do autor e ainda o seu conhecimento direto da terra, das condições sociais e dos tipos humanos onde proliferavam e atuavam os cangaceiros.

Logo no primeiro capítulo, "Como se faz um cangaceiro", Luís Luna sustenta que não há diferença essencial entre o "volante" e o cangaceiro, ambos "gerados por fatores sociais, econômicos e políticos análogos". É que "o sertão era a terra sem lei, sem estradas e sem escolas. Os "coronéis", chefes políticos, que fabricavam votos, faziam deputados e senadores, transferiam delegados, promotores e juízes, promoviam oficiais e transformavam soldados em sargentos, enfeixavam nas mãos, firmes e rudes, todos os poderes de mando". E para eles "a lei significava bacamarte, emboscadas, surras e perseguição cotidiana". Assim, observa Luís Luna, "as façanhas cometidas pelos desajustados influíam consideravelmente na formação da juventude, com hoje, nas próprias capitais, influem as façanhas também nocivas do cinema norte-americano, das histórias em quadrinhos e das novelas de rádio e televisão".

Um dos fatos referidos e esclarecidos por Luís Luna é o da patente de capitão que Lampião veio a ostentar. Foi o padre Cícero quem a providenciou. O cangaceiro gozava de proteção e confiança do "santo" de Juazeiro. Com justa razão, aliás, porque a religiosidade de Lampião era fervorosa. "Quando invadia uma cidade, o primeiro lugar que ia era à igreja, onde rezava contrito". E ao matar alguém costumava rezar pela alma da vítima.

A espingarda, o punhal e o rosário eram os três instrumentos de que não se apartava. Natural, pois, que padre Cícero o considerasse e dele logo se lembrasse quando o governo o convocou para combater a Coluna Prestes que varava os sertões nordestinos. Virgulino, chamado por padre Cícero, aceitou a missão, "com a condição de receber uma patente militar, juntamente com o seu estado-maior". E o padre Cícero não teve dúvida em atendê-lo. Quanto à patente, determinou que a preparasse e assinasse o funcionário federal mais graduado de Juazeiro.

Era um inspector agrícola, que alegou sua incompetência para esse ato, mas foi compelido pelo padre Cícero e eis assinada a patente que assim rezava: "Nomeio, ao posto de capitão, o cidadão Virgulino Ferreira da Silva, a primeiro-tenente, Antônio Ferreira da Silva, e a segundo-tenente, Sabino Barbosa de Melo, que deverão entrar no exercício de suas funções logo que deste documento se apossarem. Publique-se e cumpra-se. Dado e passado no Quartel General das Forças Legais em Juazeiro, 12 de abril de 1926. (a) Pedro de Albuquerque Uchoa". Como se sabe, Lampião muito prezava essa patente que nunca mais deixou de usar.

"Estratégia do cangaço" é um dos capítulos do livro de Luís Luna. Aí traça ele, incialmente, agudo perfil psicológico do bandido, de quem diz que era "ao mesmo tempo, valente e covarde, frio e sentimental, calculista e violento". E observa ainda: "Tinha rasgos de herói e saídas de poltrão", para concluir que, "inteligente e astucioso, era um homem de vocação perdida", pois que "se aquele talento cru fosse devidamente aproveitado, Virgulino poderia ter

sido, não simplesmente um bravo vaqueiro do Pajeú, mas poeta, músico e artista, qualidades que revelou improvisando versos, tocando viola e harmônica, confeccionando artísticos objetos de couro".

Na luta era, porém, sempre ardiloso e audacioso, qualidades em que apoiava a sua "estratégia" bem sucedida. Luís Luna registra alguns dos expedientes que Lampião usou para enganar as forças policiais que o perseguiam. Não era, todavia, dos elementos menos importantes em que apoiava seu êxito "operacional" a política que fazia com as populações. "Muitas vezes foi generoso e solidário com o sofrimento alheio" chegando ao ponto de distribuir dinheiro com as populações pobres. Conta Optato Gueiros, um dos seus perseguidores (citado por Luís Luna) que em certa fase Lampião levou um ano inteiro sem fazer depredações e sem matar, cessando na boca do povo a menção do seu nome sinistro, substituído por essa designação respeitosa: "o homem".

O romance de Lampião com Maria Bonita vem contado no livro de Luís Luna de maneira sensível e bela. Ela, que era casada com um sapateiro, amava o cangaceiro sem o conhecer, empolgada pelos seus feitos. Lampião veio a saber por um dos seus cabras que estivera na casa do sapateiro e, um dia, a muita insistência do cabra, que tanto gabava a sua apaixonada, foi conhecê-la. "Foi e desgraçou-se todo – escreve Luís Luna – porque se apaixonou também e coração de nordestino quando se apaixona é coração perdido, sem lei e sem governo". Quanto a Maria Bonita, "muniu-se de dois bornais, onde colocou as roupas, penteou o cabelo lindo e, virando-se para o marido, que a tudo assistia, impassível, despediu-se com a maior naturalida de deste mundo:

– "Adeus, Zé".

É assim que Luís Luna fala de Lampião e dos cangaceiros em geral. Sua narrativa, ora assume o tom de crítica social, quando analisa os desajustamentos que condicionaram o fenômeno do cangaço, ora é objetiva, pitoresca ou dramática, quando simplesmente focaliza os fatos da vida aventurosa dos cangaceiros, ora é objetiva, quando lhes surpreende o lado humano, os doces enleios sentimentais.

Esperamos que não tarde muito a publicação em livro desse trabalho de Luís Luna, no qual os estudiosos militares terão, além do mais, um precioso subsídio para o estudo da guerrilha brasileira.

*Diário de Notícias* (RJ) – 27.08.1961

## ETA, CABRAS DA PESTE!

Nonato Masson

*Nas feiras do Nordeste, os violeiros cantam:*
*Criando Deus o Brasil,*
*Desde o Rio de Janeiro,*
*Fez logo presente dele*
*Ao que fosse mais ligeiro:*
*O Sul é pro Exerço,*
*O Norte é pra cangaceiro!*

Há quem jure nos sertões, com os dedos em cruz, ter visto em noites de quinta pra sexta, um preto nu cintura pra cima e sem cabeça, com o bacamarte a tiracolo e a peixeira na cintura, galopando a toda brida num cavalo branco que se precipita, de narinas resfolegantes, pelos carrascais, faiscando os cascos no silêncio abandonado das caatingas.

Sabem quem é esse sinistro cavaleiro degolado? É Lucas Evangelista, famoso como Lucas da Feira, de Feira de Santana, cidade baiana onde ele foi enforcado com festas, fogos de vista e luminárias, depois de ter, por 20 anos, enchido de assombro e de crimes os sertões do Nordeste. Filho de escravos, escravo também, revoltou-se um dia, muito moço ainda, contra a impiedade do feitor. Teve de viver acuado, após ter matado o feitor, e se transformou então no chefe de um dos mais terríveis bandos de cangaceiros de que há memória nas páginas de aço e de lama da história do Nordeste.

Lucas da Feira, um dia, raptou uma moça no arraial de Nossa Senhora de Oliveira, e a levou consigo para as caatingas. O nome da moça era Adélia, que preferiu a morte a se entregar ao cangaceiro. Lucas, possesso, crucificou Adélia num mandacaru e ela morreu com os espinhos a lhe rasgarem as carnes. Isso aconteceu à noite, na escuridão, e quando, pela madrugada, Lucas da Feira voltou a ver a moça crucificada, tremeu de espanto ao deparar, no mandacaru, ao invés da flor branca da véspera, muitas flores vermelhas. Ele tirou Adélia de sobre os espinhos e a enterrou, adiante. Voltou no outro dia para ver a sepultura, e sobre ela havia nascido um pé de mandacaru, que também explodia em flores vermelhas. Lucas saiu correndo pelas caatingas, no seu cavalo branco, e há quem jure nos sertões, com os dedos em cruz, tê-lo visto, em noites de quinta pra sexta, fazendo assombração.

*Quando na Bahia entrei*
*Vi muita cara faceira:*
*Brancos e pretos gritando:*
*– Lá vem o Lucas da Fera!*
*Quando eu no Rio entrei,*
*Caiu-me a cara no chão;*
*A rainha veio dizendo:*
*– Lá vem o cara de cão!*

É que a fama de Lucas da Feira foi tamanha que até o Imperador Pedro II teve a curiosidade de conhecê-lo. Lucas veio ao Rio, escoltado por soldados da polícia de Salvador, de onde saiu sob sigilo, sendo colocado no xadrez da Cadeia Velha, onde hoje se ergue o Palácio Tiradentes. À noite, às escondidas do povo, que não teve conhecimento de sua presença no Rio, foi levado ao Paço Imperial. Há notícias de que, ao vê-lo, a Imperatriz Teresa Cristina teve um chilique. O crânio de Lucas da Feira está no Instituto Nina Rodrigues, em Salvador.

*Feche a porta, gente,*
*Cabeleira aí vem!*
*Matando mulheres,*
*Meninos também!*

José Gomes, com seu pai Joaquim Gomes e um cabra de nome Teodósio, espalhou o terror nos arredores do Recife, no século XVIII, e foi quem abriu o ciclo do cangaço no Nordeste. Era um tipo de galã de cinema e, devido à sua extensa cabeleira, foi apelidado de "Cabeleira". Seu fraco era esfaquear mulheres e matar crianças, depois de mandá-las subir em árvores, para derrubá-las com tiros do seu clavinote boca de sino.

*Seu delegado,*
*Veja quanto vale:*
*Eu dou vinte contos*
*Por José do Vale.*

José do Vale era um cabra famoso, chefe de cangaceiros, nascido no Piauí, branco e forte, terror do sertão entre 1818 e 1824, tendo chegado com a sua gente até os cafundós da Bahia. Preso, sua mãe, que era fazendeira rica no agreste piauiense, ofereceu 20 contos de réis para o delegado soltá-lo. E o delegado:

*Minha senhora,*
*Não o solto, não,*
*Pois José do Vale*
*É um valentão:*
*Matou muita gente*
*Por esse sertão.*

*Seu delegado,*
*Se dinheiro vale:*
*Dou quarenta contos*
*Por José do Vale.*

.....
*Minha senhora,*
*Eu não solto, não.*

*Seu delegado,*
*Veja quanto vale:*
*Dou duzentos contos*
*Por José do Vale.*

Houve um cangaceiro romântico, por volta de 1871, que foi réplica matuta de Robin Hood. Era filho do Rio Grande do Norte, mas deitou fama nos sertões do Ceará, onde sua figura hoje avulta como um personagem de lenda, que só perde em admiração para o *padrim* Cícero do Juazeiro. Chamava-se Jesuíno Alves de Melo Calado, por apelido Jesuíno Brilhante. Era adorado pelos pobres, defendia os humildes, vingava a honra das moças ultrajadas e protegia as crianças. Assim como Raimundo Gomes, o preto pacato que vivia no seu ofício de fazer balaios, e um dia, por injustiça da Justiça, que se recusou a soltar um seu irmão preso por perseguição política, virou fera, arrebentou cadeias e saqueou vilas e cidades, fazendo uma revolução no Maranhão, a Balaiada, depois de virar cangaceiro, Jesuíno Brilhante entrou no cangaço no dia em que, para soltar o seu irmão Lucas, teve de arrombar a cadeia de Pombal, em Pernambuco, e fugir para os sertões do Ceará.

Na seca dos *dois sete*, Jesuíno Brilhante atacava os comboios do Governo e distribuía os víveres entre os flagelados. Morreu lutando no Brejo da Cruz, na Paraíba, e o seu crânio esteve, por muitos anos, exposto da Escola Normal de Mossoró, vindo depois para o Rio, de presente para o professor Juliano Moreira.

Benedito da Tapera, Antônio José Fechado e Zé Tubiba foram três dos mais temidos cabras da peste do sertão. Zé Tubiba, além de chefe de bando, era bom sanfoneiro e tinha o ofício de Benedito da Tapera, Antônio José Fechado e Zé Tubiba foram três dos mais temidos cabras da peste do sertão. Zé Tubiba, além de chefe de bando, era bom sanfoneiro e tinha o ofício de sapateiro antes de entrar para o cangaço. *Querendo tanger comboio / Até sou bom comboieiro / Querendo fazer sapato / Até sou bom sapateiro / Querendo andar no cangaço / Até sou bom cangaceiro / Que isso de matar gente / É serviço mais maneiro.*

Quando Manuel Baptista de Moraes, chamado de Né Batista, tinha 15 anos de idade o seu pai foi morto de emboscada, por questões de terra, em Afogados de Ingazeira, Pernambuco. Né Batista jurou matar José Desidério Ramos, matador do seu pai, e toda a família dele. Em 1889, Né Batista praticou o seu primeiro crime: roubou uma moça, e mudou de nome ao se atirar no cangaço. Durante 20 anos, com o nome de Antônio Silvino, matou José Desiderio Ramos e toda a sua família, matou muita gente, muito macaco (que era como os cangaceiros chamavam soldado) das volantes da Paraíba, de Pernambuco, de Alagoas e do Rio Grande do Norte, teve duas filhas que mandou educar no melhor patronato do Recife, e um dia, cansado de viver perseguido como um bicho do mato, entregou-se à Justiça. A moça que roubara e que foi sua companheira durante mais de 15 anos morreu sem saber que o cangaceiro Antônio Silvino era o seu companheiro Né Batista. Ele trocara de nome exatamente para esconder dela os seus crimes. Os feitos de Antônio Silvino ficaram perpetuados na alma sertaneja, no repente dos cantadores e no soluçar das violas. Dele e dos seus cabras "Jararaca", "Tempestade", "Cocada", "Ventania", "Criança", Antônio Francisco. "Antônio Silvino da Paz tudo quanto promete faz". Era branco, baixo e gago.

*Capitão Antônio Silvino*
*Nunca temeu o perigo*
*Nem torceu a cara à morte*

*Confirmou que Pernambuco*
*É mesmo o Leão do Norte*
*Porque Antônio Silvino*
*Uma era ver, outra é contar*
*Lutou vinte anos,*
*Fez o Governo cansar*
*E só puderam prendê-lo*
*Quando ele quis se entregar.*

O mais feroz dos cangaceiros foi Rio Preto. Era um cearense alto, magro e desdentado, que após violentar, a céu aberto, as mocinhas de 13 a 15 anos, as crucificava nos mandacarus, deixando que elas, lambuzadas de mel, servissem de pasto aos urubus. Seus próprios companheiros acreditavam que ele tinha pacto com o diabo, que era curado de bala e de faca e que no seu corpo os punhais entortavam e as balas passavam de raspão. Era bom cantador de *desafios* e quando estava com o diabo no corpo – diziam os cangaceiros que o acompanhavam – derrotava qualquer violeiro. Gostava de cantar este coco:

*No Norte tem quatro Estado*
*À minha disposição:*
*Pernambuco e Paraíba*
*Dão-me toda distinção,*
*Rio Grande e Ceará*
*Me conhecem por patrão.*

Capitão Né Viriato foi o mais respeitado dos cangaceiros nos altos do Cariri, pelas estradas do Crato e na chapada do Apodi, no Ceará. Só matava com faca peixeira. Dizia que saía mais barato de que a tiro de bacamarte. Mané Coco Seco, que durante muitos anos foi o cangaceiro mais perigoso da zona do Pajeú das Flores, em Pernambuco, atacava as vilas e cidades dando vivas à Nossa Senhora dos Milagres, padroeira de sua terra, Riacho do Navio, e à santa padroeira do lugar onde cometia os seus crimes. O cangaceiro que mais gostava de cachaça se chamou Mané Chiquinha. Antônio Calangro foi o mais destro no manejo das armas e o mais alto: tinha dois metros de altura. Um cangaceiro chamado Capitão Quelé deixou a chefia do seu bando e foi ser tenente na força policial do Ceará, para dar combate aos cangaceiros.

Zé Marcelino, conhecido como Vinte e Dois, foi fuzilado pelas volantes cearenses, em 1927, com os seus companheiros Lua Branca e Manuel Toalha, depois de 10 anos de cangaço. Em Alagoas existiu a única mulher que foi chefe de bando de cangaceiros: Balá. O cangaceiro mais letrado se chamou Pedro Matias: sabia na ponta da língua trechos dos poemas de Dante, Camões e Gonzaga. Cangaceiro de uma perna só foi Pedro dos Anjos, por alcunha Pedro Pilé: teve de amputar a perna esquerda devido a uma bala de carabina que um macaco lhe acertou no joelho quando, em Canudos, defendia o seu Bom Jesus Antônio Conselheiro. Comandando a sua gente, Pedro Pilé, em 1914, invadiu Fortaleza e venceu as tropas do governador, Coronel Francisco Rabelo.

Cangaceiro direito foi Canuto dos Reis, cearense que só matava os macacos de frente e só gostava de mulher que caísse de dengues por ele. Cavalo Lazão foi um cangaceiro que

trouxe de sobressalto, por muito tempo, o sertão de Alagoas. Era bom sanfoneiro e gostava tanto do fole, que não o largava nem mesmo na hora do combate com as volantes. Viveu de rixa, longos anos, com Antônio Calangro, e acabou matando-o numa emboscada. Cantava sempre: *Calangro está na loca / Cavalo Lazão tá na liça / Os urubu lá no céu / sente cheiro de carniça*. O Capitão Zé Pinheiro foi um cangaceiro cearense que não se conformava só em matar, comia as orelhas e a língua de suas vítimas. A língua do Capitão Quintino, que era o seu maior inimigo nas lutas pela supremacia do cangaço nos sertões do Ceará, ele comeu crua, com cachaça. Na Paraíba houve um doutor (mas doutor mesmo, com diploma no bolso e anel de grau no dedo) que saiu pelas caatingas chefiando um bando de cangaceiros: foi o bacharel Santa Cruz. Luís Padre também foi cabra bom no cangaço, mas não era padre de verdade, o era só de apelido. Seu nome verdadeiro era Luís Pereira.

São tantos cangaceiros, heróis e bandidos, que encheram de assombro os sertões do Maranhão à Bahia! Grande entre eles foi o Capitão Zé Pereira, que tinha a família toda de olho na mira do trabuco, enchendo com o seu nome e suas façanhas o Nordeste inteiro. Capitão João Caju foi outro cabra destemido e pode ser colocado no alto da escala, ao lado de Antônio Silvino e de Lucas da Feira. Em Pão de Açúcar, viveram os Guelas, todos no cangaço, cujo chefe Belarmino Guela, ficou imortalizado nos ABC como o cabra mais valente que já nasceu em Alagoas. Chefiando um bando de 20 cabras, Tito Silva, vaqueiro paraibano que vivia em Boa Vista, em Goiás, chegou em 1920, ao interior do Maranhão, atacou uma fazenda no município de Pinheiro e saiu assaltando cidades e destruindo vilas por toda a Baixada. Foi o mais falado dos cangaceiros em terras maranhenses.

*É lamp, é lamp, é lamp,*
*É lamparina, é lampião...*
*Eu me chamo Virgulino,*
*Me tratam por Lampião.*

Amulatado e de estatura meã, magro e semicorcunda, cabelos compridos e sempre perfumado, cego do olho direito, escondido pelos óculos de aros dourados, e com uma bala encravada na perna esquerda, dedos cheios de brilhantes falsos e verdadeiros, no pescoço um lenço de cores berrantes, preso por um anel de doutor em Direito, nos embornais, a tiracolo, balas e bugigangas, paletó e camisa de riscado, calças de brim escuro, alpercatas reluzentes de ilhoses amarelos, tórax sempre guarnecido por três cartucheiras bem providas, sobre o peito medalhas de *Padrim* Cícero, às mãos o fuzil e, à cinta, duas pistolas Parabélum, e um punhal de 78 cm de lâmina, eis Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião, duende das estradas, assombração das matas e caatingas, rei do cangaço – como o descreveu Leonardo Motta.

*Olé, muié rendera,*
*Olé, muié rendá,*
*Chorô por mim não ficá,*
*Soluçô, vai no borná*

Virgulino Ferreira da Silva entrou no cangaço pelo mesmo caminho de Antônio Silvino, em cujo bando se iniciou aos 17 anos e cuja fama suplantou mais tarde. Como Antônio Silvino, Virgulino Ferreira, ainda criança, viu matarem o seu pai por questões de terra, em Vila Bela, Pernambuco, onde nasceu. Começou a ser chamado de Lampião desde a noite em que, para iluminar o local onde um cabra havia deixado cair um cigarro de palha, apagado, começou a dar tiros com o seu rifle, a gritar "acende lampião, acende lampião, pra esse cabra achar o cigarro."

*As moça do São Francisco*
*São pobre, mas tem ação:*
*Guardam queijo e rapadura*
*Pro borná de Lampião.*
*Se não fosse essas caboca,*
*Não tinha graça o sertão:*
*Não brigava os cangaceiro,*
*Não havia Lampião.*

Virgulino soube um dia, por um cabra, que uma alagoana, bonita da peste, mulher de um sapateiro, chamada Maria Déa, estava de xodó pro lado dele. Virgulino foi-lhe ao encontro e ela se dispôs a acompanhá-lo, deixando o marido e os filhos. Foi ele quem a apelidou de Maria Bonita. Quando ia em meio a sua carreira no cangaço, Lampião tinha como propósito invadir as Capitais do Nordeste para implantar o Governo que julgava melhor para o povo do sertão. *Pra havê paz no sertão / E as moça pudê prosá / e os rapaz pudê casá/ E o povo pudê se ri / E os minino diverti / É preciso uma inleição / Pra fazê de Lampião / Guvernadô do Brasil.*

Quem deu a Lampião a patente de capitão, Capitão Virgulino Lampião, foi o presidente da República, Artur Bernardes, que, em troca, queria que ele interrompesse a marcha da Coluna Prestes. Mas Lampião julgou que isso era uma cilada do Governo e não perseguiu a Coluna. Lampião, durante os seus 20 anos de cangaço, teve muitos cabras, porém, os mais famosos foram o seu irmão Ezequiel, apelidado de Pente Fino, Volta Seca, Catinga, Bananeira, João do Norte, Bem-te-vi, Quixabeira, Candeeiro, Pinga-Fogo, Moço Rico, Zé Delfino, Chá Preto, Quinta-Feira, Pancada, Vinte e Cinco, Cobra Verde, Vila Nova, Moita Brava, Nevoeiro, Sabonete, Cajarana, Caixa de Fósforos, Mergulhão, Azulão, Corisco e Zabelê, que era o repentista e violeiro do bando, autor dos cocos, que se transformaram em seus cantos de guerra. Um árabe, que era fotógrafo, chamado Abraão Benjamim, caiu nas graças de Lampião e acompanhou o bando, durante seis meses, tirando fotografias.

*Lá na grota dos Angicos,*
*No meio da escuridão,*
*Cercado de todo lado*
*Ferido de supetão,*
*Foi pegado, foi traído*
*O gigante do sertão.*

Em julho de 1938, na grota dos Angicos, em Alagoas, onde tinha o seu esconderijo, Lampião, traído por um coiteiro (cabra de confiança que era mandado às cidades para comprar víveres e munição), foi surpreendido, ao lado de Maria Bonita, desarmado, e morto pelos *macacos* de uma volante alagoana comandada pele tenente Bezerra. Ali mesmo foi morta Maria Bonita, ao se precipitar sobre o cadáver de Lampião. Foram mortos também, pela volante, Luís Pedro, Mergulhão, Elétrico, Caixa de Fósforo, Enedina, Cajarana, Ângelo Roque e Diferente. O resto do bando escapou e se reuniu mais tarde, sob o comando de Corisco, que foi o vingador da morte de Lampião.

Mas o certo é que com Lampião morreu também o cangaceirismo nômade do Nordeste no sistema tradicional de guerrilhas. Decapitadas, as cabeças de Lampião, sua mulher e seus cabras percorreram o País, estiveram em exposição na vitrina de uma confeitaria da Rua do Ouvidor, e foram recolhidas, finalmente, ao Instituto Nina Rodrigues, de Salvador, onde ainda se encontram. Os 200 descendentes de Lampião, liderados por sua filha e suas irmãs que vivem em Sergipe, têm reclamado muito a cabeça do chefe do clã, para dar-lhe sepultura na Serra Vermelha, em Vila Bela.

*A viola tá chorando,*
*Tá chorando com rezão*
*Soluçando de sodade,*
*Gemendo de compaixão,*
*Degolaram Virgulino,*
*Acabou-se Lampião.*

*Jornal do Brasil* (RJ) – 06.12.1961

## REMÉDIO PIOR QUE A DOENÇA

Mucio Leão

Em todos os tempos, quem tinha olhos para ver via que a pior das maneiras de se combater o cangaço era o envio da polícia. Tratava-se de gente que saíra fora da lei as mais das vezes por uma injustiça atroz contra ela cometida, por causa da pobreza, da miséria, do abandono. Sabe-se, por exemplo, que Antônio Silvino e Lampião – antes dois homens pacatos, senão amáveis – foram levados para o cangaço porque tiveram os pais assassinados, sem nenhuma punição para os criminosos. Embalde pediram essa punição. A conveniência da politicagem sorriu deles. Resultou o que conhecemos: foram buscar a justiça – uma justiça errada, mas que era a única que podiam ter – por suas próprias mãos.

Quanto ao combate aos bandoleiros pela força policial, era um erro dos mais graves. Era pôr a violência contra a violência, o crime contra o crime, a bestialidade contra a bestialidade.

E explica-se facilmente que assim fosse: essas forças de cachorros (como os policiais eram ou são chamados na região) são compostas as mais das vezes de outros tantos sertanejos – quer dizer, de sujeitos levados no ímpeto das mesmas crendices, das mesmas superstições, dos mesmos ódios, dos mesmos amores, que alentam o coração dos cangaceiros. Por outro lado, o drama é realmente de vida ou morte. Quem se mostrar mais cruel é que tem o respeito do adversário, quem matar primeiro é que sobrevive. Daí essas estranhas competições de maldade e atrocidade, que às vezes se estabeleciam entre os bandoleiros e as tropas policiais que os perseguiam.

E o pior é que com as tropas do Exército a mesma coisa acontecia. Mandados em perseguição aos cangaceiros, as tropas federais muita vez se mostravam tão violentas em seus arbítrios, tão duras e tão criminosas quanto os policiais ou mesmo quanto os cangaceiros.

Xavier de Oliveira conta, por exemplo, que, ao assumir a Presidência da República, Afonso Pena mandou para o Nordeste uma força volante do Exército, encarregada de dar combate a Antônio Silvino, então em pleno esplendor do seu reinado nas caatingas. E depõe esse escritor, que tanto amou os sertões e que tão bem os conheceu: "Antes não o tivesse feito. Porque – está na memória do sertão – aquela tropa de linhas, composta de cem soldados, apenas, cometeu maiores desordens do que todas as que praticou durante os vinte anos que correu os sertões o célebre bandoleiro de Afogados da Ingazeiras, zona do Riacho do Navio, região do Pajeú, o habitat tradicional dos maiores e mais valentes cangaceiros do Nordeste, o qual hoje vive a criar pássaros em soturno pavilhão da Penitenciária de Recife".

A conversa que na década de 20 – não posso agora precisar o ano – tive eu próprio com Antônio Silvino, na cadeia de Recife, e a que em outro lugar me referirei mais longamente, confirma o que acerca dos desmandos praticados pelas forças de perseguição aos cangaceiros relata em forma franca, desataviada, certamente correntia ou jornalística demais, porém sempre cheia de amor ao Nordeste, impregnada da ardente paixão de sua gente e de sua terra, Xavier de Oliveira.

*Jornal do Brasil* (RJ) – 23.12.1961

## LAMPIÃO E MARIA BONITA

Luís Luna

Numa das suas paradas na Bahia, Lampião conheceu Maria Bonita, que com ele morreria, anos depois, em condições trágicas, na fazenda Angico, nos sertões de Sergipe. Maria Bonita era casada com um sapateiro e residia nas proximidades da Cachoeira de Paulo Afonso, no lado baiano. Um dia, Luís Pedro, compadre e lugar-tenente de Virgulino, dirigindo uma patrulha de reconhecimento, da qual faziam parte os "cabras" Cambaio e Vicente Marinho, para na casa do sapateiro. Então, Maria, que ainda não tinha o dengo de Bonita, disse-lhe da sua paixão por Lampião, embora não o conhecesse pessoalmente, e demonstrou desejo de acompanhá-lo na sua trajetória perigosa de chefe absoluto do cangaço.

Ao regressar ao "coito", Luís Pedro, impressionado pela mulher, contou tudo a Lam-

pião, descrevendo a beleza e a disposição de Maria. Mas, cangaceiro é gente de vida incerta e arriscada. Nunca sabe para onde vai, quando chega ou quanto volta. Nem pela estrada anda. Seu caminho são as caatingas brabas, enfrentando serras e tabuleiros; planícies e atoleiros, espinhos de xique-xique, traição de "coiteiro" e bala de inimigo. Homem assim não nasce com coração para amar. Lampião sabia disso e falou a Luís Pedro que, entretanto, insistia para ele conhecer a mulher que tão ardentemente o desejava. Além do mais, havia a desconfiança, sentimento inato no cangaceiro, a alimentar a recusa de Lampião. Mas Luís Pedro tanto insistiu, tanto rogou, tanto gabou a boniteza de Maria, que Lampião não resistiu. Caiu vencido e foi ver a mulher apaixonada. Foi e desgraçou-se todo porque se apaixonou também e coração nordestino, quando se apaixona, é coração perdido, sem lei e sem governo. Foram Lampião, Luís Pedro, Cambaio, Corisco e Jurema, segundo Jurema que o grupo teve, porque o primeiro, o corneteiro, ex-soldado da volante, fora morto antes, em Tacaratu, Pernambuco, pelos seus antigos companheiros.

Diante da mulher, Lampião amoleceu e, ali mesmo, entregou o coração de cangaceiro. Maria muniu-se de dois bornais, onde colocou as roupas, penteou o cabelo, despediu-se do marido, que a tudo assistia impassível, e partiu para a aventura.

Maria era, realmente, uma mulher bonita, dona dessa beleza rústica das morenas sertanejas, que não se pintam, não arrancam sobrancelhas e nem fazem vestidos copiados dos figurinos. Era esbelta, de quadris arredondados, cintura fina, pernas bem torneadas, busto formoso e os cabelos cheios. Dos olhos castanhos escuros, derramava-se um olhar sereno e penetrante, emoldurando o rosto de feições atraentes, onde se destacavam os lábios provocantemente carnudos. Mas, o vestido grosseiro e mal feito, os "arreios do cangaço" o chapéu de couro (às vezes usava de feltro, desses de copa alta e abas largas) tiravam-lhe qualquer ar de elegância física. O andar também era desajeitado, pisava feio, como, em geral, pisam as mulheres do Nordeste. Era, todavia, uma mulher terrivelmente apaixonada. Acompanhou o amado em todos os instantes, desde que entrou no bando até a hora da morte horrível. Portou-se à altura em todos os sentidos. Intensamente mulher, respeitou e amou seu homem. Correspondeu-lhe em tudo. No amor, na dedicação, na lealdade e na bravura. Nunca o traiu. A mulher fingida que andaram exibindo por aí, no cinema e no teatro, leviana, fácil, enganando o amado com outros cangaceiros, não é a Maria Bonita, que foi rainha e senhora do coração de Virgulino. Essa lutou e morreu por seu amor, foi fiel e honesta até o fim, como, geralmente, costumam ser as mulheres do sertão.

Antes dela, outras, naturalmente, passaram pelo coração de Virgulino. Mas, foram rápidas demais, não deixaram maiores vestígios. No princípio, Virgulino chegou mesmo a proibir a presença de mulheres no bando. Elas ficavam em determinadas fazendas ou cidades, aguardando as problemáticas passagens dos cangaceiros. Depois, Lampião foi transigindo aos poucos, até que ele próprio se fez acompanhar de algumas mulheres, antes do reinado absoluto de Maria Bonita.

Uma dessas vivandeiras ficou até no folclore do Nordeste. Lampião raptou-a de uma vila à margem do riacho do Navio. A propósito desse fato, ouvi um cego, que pedia esmola, na feira de Vila Bela, em Pernambuco, cantar ao som da viola:

*O riacho do Navio*
*Já encheu e já vazou*
*Com as lágrimas de Ambrosina*
*Que Lampião carregou.*

Mulheres como Ambrosina foram várias, mas passaram ao largo no coração de Virgulino. Amor mesmo, amor de verdade, foi só o de Maria Bonita, com quem deixou uma filha que, ao nascer, entregou aos cuidados do seu irmão João Ferreira, o único que não se fez cangaceiro, porque, cedo, abandonou a casa paterna para cuidar da vida, encontrando-se, portanto, ausente quando o seu pessoal se indispôs com a família Nogueira, arrastando, em consequência, uns ao cangaço e outros às forças volantes. Chama-se Expedita a filha de Lampião com Maria Bonita. Casou-se com Manuel Messias Neto, homem trabalhador e, hoje, vivem pacatamente, criando o filho Djair, na cidade de Aracaju.

Expedita tem agora 25 ou 26 anos de idade e o menino 5 ou 6. É bonita, parecida com a mãe. Tem aquele mesmo olhar sereno e penetrante da mulher que amoleceu o coração de Virgulino Ferreira da Silva, certa tarde do Nordeste, às margens desertas do rio são Francisco. É calada como o pai, que sempre foi homem de pouca conversa. Raramente, Virgulino tornava-se loquaz. Quando isso acontecia, era interessante ouvi-lo pelo pitoresco de sua linguagem. Gostava de anedotas e de adivinhações. Gostava de contá-las e de ouvi-las. Maria Bonita ainda era mais calada. Um amigo que andou mais de dois anos com Lampião e hoje é funcionário do governo, conta que Maria Bonita poucas vezes se dirigia diretamente aos cangaceiros, inclusive ao próprio Ezequiel, irmão mais moço de Virgulino. Era discreta e desconfiada. Somente com Lampião se expandia. Conversavam longamente e riam-se muito.

Expedita muito herdou do temperamento dos pais. Foi gerada e nascida no cangaço. Teve como parteiro o próprio pai que, além de chefe, era médico e enfermeiro do bando. Aliás, não foi o da filha o primeiro parto que Lampião assistiu. Conta o major Optato Gueiros, antigo comandante de volantes, no seu livro de memórias, que Virgulino assistiu a muitos outros de mulheres de cangaceiros, "ocorrendo todos com absoluto sucesso". Expedita nasceu na época em que a presença da mãe modificara os costumes do bando. Lampião era outro homem. Relaxara, inclusive, a sua atuação. Deixava-se ficar, meses a fio, num "coito" seguro. Raramente, saía em operações e, depois do ferimento de Maria Bonita, no assalto de Serrinha, ainda mais aumentou a sua indisposição para brigar. Dividiu seus homens em pequenos grupos de assalto. Para Pernambuco, enviou Luís Pedro, Corisco e Jurema; na Bahia, Sabino dirigia outro bando; em Sergipe, atuava Antônio de Engrácia. Para Alagoas, seguiu Cambaio que, depois, numa incursão forçada ao estado de Pernambuco, seria capturado pela volante de Optato, juntamente com os irmãos Marinho (Vicente e Antônio). Esses bandos recrutavam cangaceiros pelo caminho e iam agindo, simultaneamente, em vários Estados do Nordeste, enquanto Lampião se entregava aos carinhos de Maria Bonita numa fazenda amiga. Foi a sua perdição.

*Diário de Notícias* (RJ) – 14.01.1962

## *SERROTE PRETO*

All Right

Não tem nada de ficção, *Serrote Preto* é história nua e crua, pormenorizada, de Lampião e seus sequazes. Escreveu-a Rodrigues de Carvalho, nascido e criado na ribeira do Pajeú, habitat do banditismo nordestino. Escreveu bem, tão bem que mereceu um prefácio do saudoso Alberto Rangel, autor célebre de Inferno Verde, que fez época em nossa literatura.

*Serrote Preto* é um livro que vai ficar, quando mais não seja, como documentário precioso de uma fatalidade histórica verificada nos sertões brabos da região mais genuinamente brasileira deste país.

Ninguém até hoje havia contado com tanta riqueza de detalhes, portanto, com tanta fidelidade, as trágicas aventuras de Lampião e seu bando, como o fez Rodrigues de Carvalho. É que, escritor nato, tendo privado com todos aqueles transviados à força, achou-se no dever de dizer a verdade sobre as suas terríveis andanças, sobre os atos de heroísmo e bravura com que enfrentaram e derrotaram as forças policiais que os perseguiam.

Nem todas, aliás, os perseguiam com ânimo de luta. Havia uma certa moleza por parte, sobretudo, da polícia pernambucana. Lampião passava meses "veraneando" em cidades de Pernambuco, com pleno conhecimento das "volantes" despachadas para prendê-lo ou matá-lo. Fez ataques em localidades próximas dos pontos onde as volantes pernambucanas se arranchavam, sem que fosse incomodado. As forças que realmente o perseguiam eram as paraibanas, com as quais não poucas vezes entrou em combates sangrentos.

Veio a se acabar, porém, nas mãos da polícia alagoana sem nunca, entretanto, ter tido oportunidade de se enfrentar com o famoso coronel Lucena, responsável pela sua entrada no cangaço. Lucena tentou prendê-lo, bem como aos seus dois irmãos, por motivo de um crime pelos mesmos praticado, em defesa do pai. Lampião e seus irmãos, ambos menores, receberam Lucena a bala. Fecharam-se na casa paterna e sustentaram o fogo durante algum tempo, fugindo em seguida sem que Lucena percebesse. Quando o dia amanheceu, a casa foi invadida, morto com requinte de crueldade o velho pai de Lampião e um hóspede. Os três irmãos esperaram Lucena na estrada por onde o oficial e seus soldados teriam que passar. E aí meteram bala a valer na força alagoana, ingressando, depois, por essa circunstância, no cangaço.

Lampião era considerado um gênio militar. Em muitas oportunidades, venceu seus perseguidores, apesar da inferioridade de situação, de armas e de elementos humanos de que dispunha. Venceu por meio de manobras táticas, que deixavam seus contendores boquiabertos, como aconteceu, por exemplo, no combate de Serrote Preto.

O livro de Rodrigues de Carvalho está repleto de episódios da vida errante de Lampião, descrito com precisão e vivacidade, que tornam a sua leitura curiosíssima.

Admira-me como o autor resistiu à tentação do cangaço. Por muito menos, eu, no Ipu, só não me juntei ao bando de João Martins, da Jaçanã, em que figurava o famigerado "Chapéu Grande", porque ainda era uma criança, mas a minha admiração pelos cangaceiros estava no sangue, proveniente em parte dos Fandangos da Serra e das Matas, ali por perto da terra onde nasceu o nosso grande general Sampaio.

*Correio da Manhã* (RJ) – 15.07.1962

## *SERROTE PRETO*

Mucio Leão

Interessante livro, com um sabor acre de fruta nordestina, cajá ou imbu, este Serrote Preto, de Rodrigues de Carvalho.

O autor é pernambucano, nascido na Carnaíba de Flores, ribeira do Pajeú. É uma região famosa, que, segundo se diz, dá os homens mais valentes do Brasil. É dali mesmo, de Águas Belas, Virgulino Ferreira, Lampião, o homem que ficou como um símbolo da coragem em nosso País. É como canta o poeta popular do Nordeste, Manuel Pereira Sobrinho:

*No ano de 1900,*
*Em junho, a 15 do mês,*
*Nas terras de Vila Bela,*
*Extremando a Santa Inês*
*Dona Maria Ferreira*
*Deu à luz a última vez*

*Seu esposo José Lopes*
*Não queria mais menino*
*Esperava uma menina*
*Que tinha Antônio e Livino.*
*Porém como foi um homem*
*Batizou-o por Virgulino...*

—

Rodrigues de Carvalho pôs como subtítulo de seu livro estas palavras – Lampião e Seus Sequazes. Mas eu creio que a expressão não é própria. Não são somente os sequazes de Lampião que aqui aparecem, mais ou menos biografados ou apenas referidos. Aparecem também os antecessores, os mestres imediatos ou remotos do rei do cangaço, toda a longa, estirada e pavorosa estirpe dos bandoleiros do sertão.

Claro que Lampião é o personagem central nessa estranha e terrível saga, nessa canção de Rolando dos sertões nordestinos. É ele o ponto de partida de toda a reconstituição a que o escritor se entrega.

Lampião não será, na apreciação de Rodrigues de Carvalho, o homem todo generosidade que vemos aparecer nas páginas de tantos que escrevem sobre a figura do bandoleiro. Para o autor de *Serrote Preto*, ele é, entretanto, um técnico de guerras ou de guerrilhas, um estrategista insuperável – ou, como aqui se escreve: "Lampião foi um gênio militar que se perdeu neste País onde as vocações não tem vez". Tao expressiva como esta é a opinião que Antônio Silvino certa vez expendeu sobre o seu sucessor no império do cangaço: "Lampião é um príncipe! Eu é que não soube ser cangaceiro..." (pág. 121).

—

Não se havia de ser outra a opinião oficial do Nordeste e a de todo o País, ali pelos idos de 1926... Pois, como se sabe, naquela ocasião, sob a proteção do seu Padim Padre Cícero, e, ao que se diz, por disposição expressa do Presidente da República, que era o rígido Artur Bernardes, Lampião foi nomeado Capitão, para ir perseguir a Coluna Prestes.

Anda há dias, Nonato Masson, nesta mesma folha, em uma de suas excelentes reportagens intituladas "Brasil para seu Governo", evocava a solenidade em que o famoso bandoleiro recebeu a sua patente de oficial. A ordem fora do Rio de Janeiro, diretamente do Catete, enviada ao deputado Floro Bartolomeu. Floro a transmitiu ao padre Cícero. O padre mandou chamar Lampião, que era seu enternecido devoto, e, quando o bandido chegou à sua presença determinou que o agrônomo Pedro de Albuquerque Uchoa, que ali representava no Juazeiro o Ministério da Agricultura, assinasse o documento. Este não só fazia Virgulino ascender ao posto de capitão mas também nomeava primeiro-tenente Antônio Ferreira da Silva, irmão e auxiliar prestimoso de Lampião, e seu lugar-tenente Sabino Barbosa de Melo, outro famoso figurão do cangaço.

*Jornal do Brasil* (RJ) – 07.08.1962

## O CANGACEIRO E A GLÓRIA NACIONAL

Renato de Mendonça

O Brasil, visto de longe nem sempre assoma aos olhos do europeu com aquele natural benévolo dos índios, que inspiraram à Revolução Francesa a teoria da bondade natural, ou com aquela meiguice das paisagens ternas de Olinda e Pernambuco nas telas de Franz Post.

Tenho mesmo diante dos olhos uma celebrada carta geográfica do Brasil, original do grande cartógrafo holandês Henrique Hondius (do primeiro terço do século XVII), em que nos depinta aos nativos indígenas em pleno centro do mapa com duas cenas pitorescas. Na primeira, um grupo de varões se afaina em liquidar os restos de um prisioneiro a golpe de tacape, enquanto na segunda cena, mais longe, se aninham algumas índias a prepararem no fogo de lenha o panelão para o banquete dos antropófagos.

Não cuidem os patriotas ingênuos que se refará o nosso bom nome e glória nacional com uma meia dúzia de escritórios do SEPRO (ou quejandos burocráticos organismos de comércio), espalhados por algumas capitais da Europa ou metrópoles americanas, à frente dos quais geralmente se encontram alguns incapazes apaniguados desta nossa infeliz República.

Nada disso. Aqui venho sustentar uma tese eminentemente democrática e revolucionária. Pois estamos em plena época da justiça social das democracias populares, da participação nos lucros de obreiros e dos recentes best-sellers de escritores favelados. E para não mostrar temor aos termos e às afirmativas do paradoxo tão ao gosto do momento, lá vai: *o cangaceiro reabilitou o Brasil perante o mundo*.

De fato, ao chegarmos em Bruxelas nos meados de 1956, exibia-se em um grande e luxuoso cinema da terra há mais de ano consecutivo o excelente filme brasileiro *Os Cangaceiros*. Ao lado da fotografia excelente da película, seu enredo e as paisagens da caatinga – e

sobretudo as toadas dos violeiros produtores de obras primas como "Muié Rendera" – prendiam o supercivilizado habitante do Beneluz com aquela ânsia de evasão, aquela busca das campinas vastas da América que fizeram Chateaubriand atravessar o Atlântico!

As emissoras de rádio belga reproduziram tanto o disco da Muié Rendeira, cantando pela nossa bela patrícia Vanja Orico por exemplo, que as crianças brasileiras da colônia (inclusive a minha gorda Fátima, de três anos) a sabiam de cor melhor que muitos adultos cantam o Hino Nacional...

Sobretudo as cenas de violência, os atos de coragem e bravura diante do perigo, enfim o desassombro em face da morte exibidos por Antônio Virgulino e seus comparsas faziam estremecer de admiração os pacatos súditos de Sua Majestade o Rei Baudouin...

E por que negar simpatia a quem, depois de empunhar o rifle com a técnica inigualável de um Lampião, se preocupava logo depois em polir e luzir o ancião do dedo até com o bafo da morte próxima!

Aquelas cavalgatas pelas serras e coitos do sertão, nas claras noites do luar que fez a glória de Catulo, povoaram a minha infância de menino das Alagoas com um manto de fantasia digno dos Sonhos de uma noite de verão", de Shakespeare...

Sobrinho de famosos coronéis do interior alagoano – Oton de Barros Corrêa e Eduardo Maia, chefes políticos de Viçosa –, conhecia de oitiva as narrações e legendas de ataques dos cangaceiros aos engenhos de açúcar em plena calada da noite. Então, eram mulheres da casa-grande de camisolão e rifles em punho, enquanto os cabras invadiam o cercado da propriedade. Luta muito mais brava e emocionante, empolgante e imprevista que as atuais campanhas das ligas camponesas.

Certa vez, jogando dominó no sobrado do coronel e tio Oton, era meu parceiro o afamado tenente Lucena, da polícia de Alagoas e matador do pai de Lampião. A imaginação ardia-me com as proezas, que a ele atribuíam, usando táticas de Estado-Maior à Gamelin contra os bandos de cangaceiros, incomparáveis no improviso da estratégia de tocaia.

Se as vivências reconstituem a personalidade, recriam o mundo interior como no sistema de Edmund Husserl, como não mergulhar nas entranhas das vísceras, em retrospecção instintiva e cósmica à *la recherche* das origens ignotas?

Eis aí o que nos levou a deambular apressadíssimo, saltando páginas em busca de novos quadros e cenas, através do livro maravilhosamente verdadeiro de Rodrigues de Carvalho, o *Serrote Preto* (*Lampião e seus sequazes*), agora editado com um prefácio de Alberto Rangel. O autor de *O Inferno Verde* nos introduz nos limites do Inferno de Fogo.

Em tempos de falta de feijão preto e outras escassezes "cofapianas", que inveja nos causa o método lampiônico de requisitar sumariamente os estoques dos fazendeiros...

Vejam os leitores o relato sugoso de uma aparição de cangaceiros:

"Um belo dia, pelo romper da aurora, quando o firmamento já começava a colorir-se do lado do levante, prenunciando a aproximação de um radioso dia de sol, sertanejo houve algo de anormal. Os moradores (de Pedra de Fogo, sertão de Pernambuco) foram despertados da sua letargia por um coro de vozes cantando a "Mulher rendeira", baião ou toada atribuído aos cangaceiros ou a eles dedicado e, que na época (1927), andava de boca em boca e que assim começava:

*Ê muié rendera,*
*Ê muié renda,*

*Quem chora por mim, num fica*
*Saluço vai no borná.*

*O riacho do Cipó*
*Já encheu e já secô,*
*A muié de seu Ozoro*
*Luís Padre carrego.*

Essa cantarola causou certa estranheza aos habitantes da povoação, mas longe estavam eles de pensar que aquelas vozes cantando um baião alegre pudessem ser o prenúncio da tempestade que se aproximava. E se deixaram ficar no leito, gozando as delícias melodiosas daquela intempestiva serenata..."

Não tardou, porém, que, depois de crepitar de uma descarga de fuzil, saudação vezeira dos bandoleiros, um grupo desses fosse dar *os bons dias* ao telegrafista local, "seu" Emídio, que blasonava de não temer o cangaço:

"Cantarolavam ainda longe, quando alguém o chamou à porta da rua com uma voz tão suave quanto a da raposa falando ao galo da fábula:

– Seu Emídio Grande?

– Pronto! Respondeu ele sobressaltado.

– Abra a porta, seu Emídio. Precisamos conversar!

– Ah! Isso é que eu não faço! Quem está falando?

– "É camarada, seu Emídio, está com medo?

– Estou sim. Se não estivesse, abriria".

Não tardou também que um cabra tivesse ordem de atirar ("Ó Relâmpago, quilaréa aí na porta do telegramista!") e o valentão fugiu, pelos fundos sertão afora!

*Diário de Notícias* (RJ) – 19.08.1962

## A BONITA MARIA BONITA

Foi assim: corrido de Pernambuco, onde as forças volantes não lhe davam um dia sequer de trégua, Lampião atravessou com o seu bando para a Bahia e foi-se acoitar perto do município de Jeremoabo, na fazenda Malhada da Caiçara. Falou com o coronel que era seu amigo e do qual fazia o jogo político, servindo até de cabo eleitoral em vésperas de eleição, e meteu-se numa grota, lá no fundo mesmo, tapando a entrada com uma lona vermelha, camuflada com uns pés de xique-xique e de mandacaru.

Uma senhora gorda, agregada da fazenda, chamada Déa, foi, de tardinha, conversar com Lampião e lhe revelou ter uma filha que só vivia falando em seu nome, em sua bravura, e que tinha muita vontade de conhecê-lo. Disse-lhe que a filha se chamava Maria, mas era tratada por Maria Déa, que era casada com um sapateiro e morava na vila de Santa Brígida, perto da Cachoeira de Paulo Afonso.

Lampião ouviu a história sem dar muita importância, mas a senhora insistiu, disse que seria aquela a grande oportunidade para Maria conhece-lo, tanto fez que ele acabou cedendo:

– Se a senhora vê que essa moça não tem a língua quente, mande dizer para ela vir aqui, já que quer me conhecer. Muito cuidado, viu?

Boquinha da noite, um irmão de Maria foi despachado para Santa Brígida com uma mentira: que ela fosse imediatamente à Malhada da Caiçara ver a sua mãe, "que não estava passando bem". Maria chegou à fazenda no outro dia, mais ou menos às quatro horas da tarde, foi avisada da presença de Lampião, e sua mãe foi saber dele se ela poderia ser levada até a gruta.

– Aqui na grota, não. Vou ficar debaixo de um imbuzeiro daqueles e você leva a moça até lá.

E deu-se o encontro entre Lampião e Maria Déa, consoante o testemunho de vários cabras, ainda vivos, como Volta Seca, que vive no Rio, Vinte e Cinco, que mora em Maceió, e Dadá, que foi mulher de Corisco e reside em Salvador.

Maria Déa aproximou-se de Lampião, estendeu a mão e perguntou:

– Como vai?

Ele, que estava sentado no chão, recostado num pé de imbu, levantou-se, apertou a mão de Maria, e respondeu que ia bem, graças ao seu Padim Pade Ciço. Ficaram os dois, um defronte do outro, durante alguns minutos, sem dizer nada. Lampião, desconfiado, olhava para o chão, e Maria Déa, feliz da vida, olhava para a grande esmeralda do anel de médico que ele tinha no anelar da mão direita.

– Esse anel é muito bonito, não é? – perguntou Maria Déa.

Lampião respondeu que era.

Sentaram-se no chão e Maria Déa disse que já tinha ouvido falar muito dele, que gostava de homem valente, que tinha nascido para andar "por essas caatingas de meu Deus", que não era mulher de viver dia e noite lidando com trempes na cozinha. Lampião ouvia mais do que falava, e quando falava era para dizer que a vida que levava era muito perigosa, que podia ser morto a qualquer momento, que não tinha pousada certa:

– Hoje anoiteço aqui e não sei onde vou amanhecer.

– Não vai ficar aqui até amanhã?

– Estava querendo ir embora de madrugada.

– Por que não fica?

– Um desses vaqueiros pode me ver e avisar as volantes. Os danados dos macacos andam muito assanhados pro meu lado.

– Pois se você ficar eu venho lhe trazer de manhazinha um queijo que é uma beleza!

Segundo depoimentos dos que testemunharam o primeiro encontro entre Lampião e Maria Déa, o diálogo que travaram foi mais ou menos assim. Já estava bem escuro quando a mãe de Maria Déa foi busca-la e ouviu estas palavras de Lampião:

– Dona Déa, é pena que sua filha não seja um homem. Ela é uma moça de muita coragem.

Bem cedinho, Maria Déa tirou leite de uma vaca e o levou numa cuia para Lampião. Foi acordá-lo lá no fundo da grota. Ao vê-la, ele riu, e perguntou:

– Você por aqui a estas horas?

– Não prometi trazer o queijo? E olhe, trouxe leite também.

Lampião olhou para o leite e para o queijo e não fez qualquer gesto para recebe-los.

– Não tenha medo, que não estão envenenados. Não acredita em mim? Se não acredita, eu beberei o leite para você ver.

Finalmente, Lampião tomou a cuia com o leite e o bebeu sem deixar que ela provasse, e, a seguir, comeu o queijo. Essa atitude surpreendeu todo o bando, porque ele jamais comia qualquer coisa, nem mesmo bebia água, que não fosse apanhada por si próprio, sem que antes algum cabra tirasse uma prova.

Maria Déa o avisou, então, que havia mandado matar um carneiro e que ia prepara-lo para almoçarem juntos. Lampião disse-lhe que tinha de ir embora, que já passara dois dias ali por causa dela, e não podia demorar mais. Mas ela fez com que ele mudasse de ideia. Falou claro, disse que depois do almoço iria à Santa Brígida apanhar as suas coisas na casa do marido e avisá-lo que teria de ficar alguns dias com a sua mãe. E foi franca;

– Se ele se puser com muito chamego, eu digo logo que não volto mais e sigo caminho com você.

– E se eu não quiser lhe levar?

– Eu sei que você quer.

– Não é por mim, não. É pelo Padim Pade Ciço. Ele sempre me avisa pra não me meter com mulher.

– Por quê?

– Ele diz que mulher traz muita complicação.

– Isso é conversa de padre. Não vá atrás disso.

– Mesmo, hoje eu estou aqui vivo e amanhã eu posso estar morto aqui mesmo.

– Não tem nada, não, Virgulino. Quem está vivo tem de morrer, e onde você cair morto eu caio também.

Ficou então acertado que ela entraria para o bando, passaria a viver com ele. Nesse mesmo dia, Maria Déa foi à vila de Santa Brígida, arrumou uma trouxa de roupa, consta que brigou com o marido, e voltou para junto de Lampião, com o qual viveu durante nove anos, teve uma filha que batizou com o nome de Expedita, e acabou morrendo com ele, em 1938, numa grota em Angico, Sergipe. Expedita, a filha de Lampião e Maria Déa foi entregue, com poucos dias de nascida, para um vaqueiro em Porto da Folha. Está atualmente com 25 anos, mora em Aracaju e é mãe de três crianças.

Maria Déa era morena clara, de olhos castanhos claros, rosto redondo e usava pega-rapaz nos cabelos castanhos. Gostava muito de fazer, ela mesma, os seus vestidos, com fazenda papai-abre-o-olho. Era bem feita de corpo, e de altura mediana. Tinha uns 19 anos de idade

quando gamou por Lampião, que não a chamava de Maria, nem de Déa, mas sim, de Santinha. Foram os cantadores e violeiros do Nordeste que a decantaram em seus repentes e toadas como Maria Bonita, nome com o qual ela ficou na história brasileira do cangaço.

Com o pseudônimo de Alexandre Zabelê, o ex-senador, poeta e médico alagoano, atual catedrático de História Natural da Faculdade de Medicina de Maceió, Sr. Ezequias da Rocha, foi o primeiro a cantar, nestas trovas, os amores de Lampião e a decantar Maria Déa como Maria Bonita:

*As moças do São Francisco,*
*São pobre mas tem ação:*
*Guardam queijo e rapadura*
*Pro borná de Lampião.*

*Às vezes também elas guarda,*
*Fora o queijo e a rapadura,*
*Uns oiá daquele jeito*
*Que mata às vez e às vez cura.*

*E dão ainda corage*
*Os amô dessas menina*
*Pra vive como se veve*
*No coice da carabina.*

*Não seio se Deus fez os ome*
*Mas porém fez as muié;*
*Uma só morena dessas*
*Tem tudo que a gente qué.*

*Tem lá dentro da garganta*
*O canto dos passarinho,*
*E nas denguice da fala*
*Os dengos que há nos ninho.*

*Tem a noite nas pestana,*
*Tem na luz dos óio, o dia,*
*Na boniteza do corpo,*
*Tem as maió maravilha...*

*Pode havê pulas Oropa*
*Muita riqueza e brancura,*
*Mas é aqui no sertão*
*Onde mora a formosura.*

*Maria Déa é um anjo,*
*Uma lindeza de amô,*
*Uma princesa encantada*
*Que Lampião encontrou.*

*Essa Maria bonita*
*Faz gosto mesmo se vê;*
*As boniteza do mundo*
*De inveja vão-se escondê.*

*Ai, morenas feiticeira,*
*Que Deus um dia invento!*
*Se não fosse os oiá delas*
*Não havia cantadô.*

*Se não houvesse na vida*
*Seus amô, seus bemquerê,*
*O mundo não era mundo,*
*Era um pena se vive.*

*Se não fosse Maria Bonita,*
*Não tinha graça o sertão;*
*Não brigava os cangaceiro,*
*Não havia Lampião.*

*Jornal do Brasil* (RJ) – 26.09.1962

## O OUTRO LAMPIÃO

Nonato Masson

Foi uma figura contraditória. Assaltou, roubou, matou, incendiou, odiou, atraiçoou, aterrorizou, devastou, avançou, recuou, andou, correu, fugiu, ocultou-se.

Também amou, perdoou, deu de comer aos que tinham fome e de beber aos que tinham sede. A uns empobreceu até à miséria total; a outros enriqueceu da noite para o dia.

Foi mascate, tropeiro, coureiro, vaqueiro, fazendeiro, poeta, músico, cantor, enfermeiro, parteiro, estrategista, guerrilheiro; às vezes astuto como cachorro de caça, outras covarde como cobra-cipó. Enérgico no comando, era mole e doce na intimidade. (Não tinha, por exemplo, a agressividade com que apareceu, de fita, num dos últimos programas "Meio Século de Espetáculos", na televisão).

Pois bem. O Lampião mau como a onça de cria todos conhecem. Mas o outro, o Lampião que se abaixava para beijar o pé dos padres e deixava-se rodear de crianças, na ponta de uma calçada, numa dessas vilas perdidas nos cafundós do mato, pelo Nordeste afora, para contar histórias de árvores e de bichos que falam – esse muitos ignoram:

São da vida dele estes momentos:

1. Encontrou no alto sertão baiano, numa feira de bode, perto de Lagoa do Afonso, uma velha que lhe pediu uma esmola. Tomou então do dono e deu de presente à velha uma bodega de vender cachaça, fumo-de-corda e rapadura. Como sua cabeça estava a prêmio, a velha, que era cega, denunciou à polícia, para receber o dinheiro, onde ele se havia escondido. Soube da denúncia e foi matar a velha. Não adiantou choro;

2. A pedido de Maria Bonita, quando passou a viver com ela, deu ordens sumárias aos seus cabras para deixarem de combater gritando nomes feitos, não furaram mais peitos de moças a punhal e nem ferrarem os rostos das mulheres que usavam cabelos curtos;

3. Incendiou um engenho e matou a tiros uma boiada, perto de Anápolis, hoje Simão Dias, em Sergipe, porque viu morrer, aos seus pés, um vaqueiro de cambão com as costas sangrando de tanto apanhar de chicote de umbigo de boi, por ordem do senhor de engenho;

4. Desfez um casamento e fez outro. Isso em Vila Nova da Rainha, na Bahia. Aconteceu assim: topou um vaqueiro de tocaia na estrada. O vaqueiro disse que ia matar uma porção de gente e resumiu sua desdita: a filha do patrão, de quem se apaixonara e era correspondido, havia sido obrigada a casar com outro, porque o pai dela não gostava de vaqueiro. Foi quando apareceram os noivos, bem repimpados em seus cavalos, vindos da igreja, com grande acompanhamento. Lampião prendeu todo mundo e mandou todos de volta à igreja com a advertência de que a maior autoridade no sertão era ele e com ordens para que o vigário casasse a moça com o vaqueiro e anulasse o outro casamento;

5. Chorou pela primeira vez, ao que consta, ao encontrar no sertão alagoano uma casa de leprosos, em companhia de duas crianças também leprosas. Nesse dia se desfez da munição de boca, das joias e do dinheiro roubado, dando tudo aos leprosos. Deu-lhes também uma oração, uma medalha e um retrato do Pade Ciço, e os aconselhou a ir até o Juazeiro do Norte, no Ceará, porque lá o seu padim – ele tinha certeza – lhes restituiria a saúde, com um milagre;

6. Chegou certa vez de manhazinha a Penedo, em Alagoas, avisando que não queria ouvir qualquer barulho. Mandou seus cabras acabarem com a feira na praça da igreja, dizendo

que não queria ver mais nenhuma carca de rapadura, nem bruacas de farinha de puba, nem caçuás de milho, nem jegues, nem mascates na praça. Era véspera de Natal e queria comemorá-lo com o seu amigo Antônio Laurindo, agente da estação telegráfica.

Todos os mascates já tinham ido embora e ele que apareceu um velho, muito velho, gritando, a bom gritar: "Farinha boa a três tão o lito! Lampião não se conteve e foi, ele mesmo, mandar que o velho se calasse. O velho? Ah! quem disse? Não atendeu às ordens de Lampião. Falou grosso: "Esse negócio de Capitão Lampião é conversa, sou macho pra burro, tenho seis barrigudinho para criá, a muié tá de esperança e tenho de vendê minha farinha pra dá de cumê pra eles." E continuou a gritar: "Farinha boa a três tão o lito!"

Lampião, que raramente sorria, achou graça, bateu no ombro do velho, ordenou que, ao invés de três passasse a vender a farinha a 10 tostões o litro. E o velho: "Isso não. Vendo mesmo é a três tão, pru mode que não sou gatuno." E Saiu gritando: "Farinha boa a três tão o lito! Farinha boa a três tão o lito!"

Foi-se. E Lampião jamais riu em toda a sua vida.

*Jornal do Brasil* (RJ) – 26.09.1963

## LAMPIÃO E OS POETAS

Cesar Leal.

Duro como o diamante, uma das maiores virtudes de Lampião era a prudência. Nunca se expunha de peito aberto diante de forças superiores às suas; mas se a situação era grave, procurava escapar com bravura, esforçando-se sempre para preservar a própria vida e a de seus companheiros.

Produto de uma época cujos resíduos subsistem, pois aí estão os urbanos empreiteiros e assassinos do Sindicato da Morte, creio que Lampião se dedicou ao crime como um meio de realização pessoal. Não se tornou criminoso por simples perversidade; tampouco para fazer do crime uma aventura econômica. A prova da força de sua personalidade *sui generis* está no fato de ser um dos poucos bandidos célebres que contam com a admiração de poetas populares e eruditos. O seu prestígio cresce entre os jovens intelectuais; floresce uma literatura legitimamente nossa à sombra de sua personalidade singular. Os poetas mais conscientes, veem nesse bandido (às vezes generoso) o símbolo de uma época que vai passando. Ele fornece temas para dissertações e não há dúvida de que poderá ser apontado como um dos instrumentos de "desalienação" de nossa literatura.

Alguns dos poemas dedicados a Lampião possuem extraordinária força dramática: o de Carlos Pena Filho, por exemplo. Antes de Carlos Pena, escrevi também um poema (Capitão de bandoleiros) inspirado em Lampião. Nessa composição, procurei colocar em evidência algumas peculiaridades de seu caráter:

*Tinha olho de telescópio*
*igual outro homem não tinha,*
*via numa gota d'água*
*mais que na fronde marinha.*
*Duro olhar – como o diamante –*
*como o de um tigre no escuro*
*ou o olho de uma pistola*
*que fita por trás de um muro.*
*Como um cão louco, lutava*
*o pensamento absorto*
*em combater tão sem medo*
*como se lutasse morto.*
*Quando em cerco chumbo aceso*
*o seu rifle inventaria,*
*fundido ao limpo olho-só*
*que sem medo o dirigia:*
*e fosse miocárdio ou porta*
*de casa cheia ou vazia*
*quando o chumbo dava ao alvo*
*todo o alvo se partia.*
*Mas se a ferrugem do cerco*
*muitas balas corria*
*mudava o rifle em punhal*
*E em fúria o cerco rompia.*

O poema não fala propriamente de Lampião. Contudo, o leitor há de verificar uma frequente referência à palavra "olho"!: olho de telescópio, olho-só, duro olhar, olho de uma pistola, olho de tigre. Essas alusões fornecem ao leitor os elementos psicológicos capazes de facilitar a identificação do Capitão famoso.

*Diário de Pernambuco* (PE) – 17.03.1963

## APELO AO AUTOR DE "SERROTE NEGRO"

José Gomes Bezerra Câmara

O homem moderno é na verdade um escravo, seja de seus deveres, dos haveres, tendências, até mesmo da indolência e da futilidade. Aquele para quem o cumprimento de suas obrigações constitui realmente uma espécie de religião, a razão de ser da sua existência, nem por isso pode fugir à tentação de procurar deleitar-se com ocupações ou passatempos tendentes a suavizar um pouco a monotonia de suas atividades normais, porquanto o hobby é quase tão necessário quanto o ar que se respira.

Condicionado ao tique-taque dos relógios, à tirania dos horários dos prazos, o Autor destas breves observações não pode resistir, como não resistiu, ao desejo de ler quase de uma assentada, um livro cujo título de certa maneira (...), como acontecera em fevereiro de 1925, num dia de feira de gado na então cidade de Rio Branco, a menção a obscura localidade cujo nome lhe serviu de título, e que é também o que encima um de seus mais sugestivos capítulos.

Trata-se, nada mais, nada menos de *Serrote Preto* (377 páginas, Rio de Janeiro, 1961, 8º), de autoria do Sr. Rodrigues de Carvalho, coestaduano de quem o acabo de ler, de um fôlego, mas numa leitura meditada com aquela seriedade dedicada a um livro de Aristóteles, de Kant, ou de qualquer pandetista do passado século. Para quem nasceu nas cabeceiras do Pajeú, nada mais delicioso do que uma tal maneira de recordar um passado que se fora para sempre e que nos leva à saudade de momentos inesquecíveis. Diante dela, esquecem-se, por momentos, controvérsias forenses cujo desate compete a alguém que daria tudo neste velho mundo para volver àquelas plagas durante a quadra de 1920 a 1929, como é obvio, sem a seca de 1925, sem os receios inspirados por muitos personagens que desfilam no volume, com farda, azulão mescla, ou sem qualquer dessas indumentárias. É que a vida sertaneja outrora era ainda encantadora, pois, então, como ainda em 1945 (quando se redigiu o livro), não se falava em reforma agrária, a palavra mágica de nossos dias, destina, segundo tudo indica, até mesmo a neutralizar a ação fatídica da peçonha da cascavel e da jararaca, a suprimir a dor de dente, além de tornar as nuvens mais benéficas, sabendo-se que o sertão do Nordeste é, economicamente, uma dádiva de tais fenômenos meteorológicos.

O livro contém algo de ficção, algo de narrativa, onde o verídico e o verossímil se mesclam, sendo aquela feição predominante. Foi escrito aí por volta de 1945, mas há muita matéria enxertada posteriormente, faltando-lhe harmonia em muitas e várias passagens. Vem precedido de um prefácio de Alberto Rangel. Há boas informações nas 377 páginas que o constituem. Contudo, há senões que seria de esperar-se, numa segunda edição, viessem a desaparecer. Num escrito de tal ordem, o fato histórico, ainda quando romanceado, há de ser exposto, para que a tendência do artista não se diminua. Impõe-se, não obstante, seja a parte verídica exposta com exatidão. O livro contém trechos que empolgam, mas, às vezes isso não acontece, convidando-nos à função de revisor de provas tipográficas ou de leitor de originais na qualidade de amigo leal de quem os passou a limpo.

Onde, porém, mais sensíveis se torna o cabimento de reparos, é no julgamento dos personagens, no paralelo e menção dos heróis ou suas vítimas. Mario, o célebre plebeu e incontestável líder militar, mais do que político, não se sabe como, nem por que, foi postado a

chorar diante das ruínas de Cartago (p. 56). Isso não condiz com a realidade histórica, pois o famoso romano se chorou alguma vez, foi após o estimulante pileque a que se entregara, consumada a vitória sobre Jugurta, usando vaso de oiro, à moda de Baco. Quem chorou ante a outrora opulenta cidade dos Barcas foi o velho Cipião, segundo o insuspeito testemunho de Políbio, quando afirma seu antigo secretário que – *Scipio, Carthaginem funditus tune deleri exstinguique videns, illacrimasse dieitur, et propalam deflevisse fortunam hostium* (Reliquae. XXXIX, 3, 3, ed. Didot). Nem mesmo o saudoso Leonardo Motta, folclorista exímio, delícia de quantos estudam sua obra, até mesmo Antônio Torres, já falecido, e, por isso mesmo, digno de mais reverência, foi poupado, pois a pág. 361 a ele refere-se o Autor como "aquele senhor Mota cujas informações, por vezes deixam dúvida, porque apresenta fatos bem conhecidos tão deturpados, que até parece mal ter ouvido o canto do galo..." Ora, o gênero a que se dedicara Leonardo Motta é daqueles em que predomina a tentativa de fixar a observação dos fatos registrando-os, averbando os costumes e hábitos de uma região, aquilo que mais frequentemente ocorre, *quod plerumque accidit*, tomando-se o pedacinho de várias ocorrências para melhor entrosamento de quadros do viver regional. Tratar daquela maneira um homem de tal envergadura, uma inteligência daquele quilate, um pesquisador daquele porte, de modo nenhum se justifica, ainda quando por oficial do mesmo ofício, porquanto a emulação todos conhecem, o que é mesmo compreensível. Nem mesmo os apóstolos dela se isentaram. É forma de tratamento muito ríspido para quem nunca mereceu.

Quando permitido fosse, um apelo seria formulado, ainda que não fosse para expungir-se o livro, numa futura e almejada segunda edição, de expressões fortes, embora usadas no meio, ao menos em proveito da exatidão, alterando-se o julgamento de personagens que não merecem conceitos emitidos. O abandono, pelo Autor, "de meios artificialmente literários", não justifica o emprego de termos impróprios, facilmente substituíveis, bem como o banimento de concordância, ainda que debitadas ao revisor de provas, esse eterno avalista de pecados tipográficos, ou de escritores descuidados, ele e o linotipista.

O Autor, que, por bem pouco, teria canonizado o velho Manuel Batista de Morais, chegou até mesmo a transferir a fazenda Varzinha para o município de Alagoa do Monteiro (hoje Monteiro, Paraíba). Ora, aquela outrora opulenta estância está encravada em pleno município dos Afogados da Ingazeira, bacia do Pajeú, tão pernambucana como nós outros que lá nascemos e bebemos sua água até a adolescência, e, quanto ao seu proprietário, não foi, jamais, o inimigo rancoroso (pág. 374), nem, muito menos, o velho pusilânime a que se alude à página 357, e por outro lado, não "saiu", ele, Coronel Paulino Rafael da Cruz, "muito bem da enrascada", como ali se insinua: quanto aos vexames (?) passados por Chicó, irmão de Silvino e ou seus parentes e familiares, teve ele, Paulino Rafael, tanta culpa quanto o Sr. Carlos Lacerda nas hediondas liquidações do Rio da Guarda ou qualquer de nós ante a "experiência de Cuba" nos três últimos anos. Os fatos se passaram de modo bem diverso e não abonara muito a índole tida como cavalheiresca do célebre bandoleiro. Valeu-se ele de expediente que de certo não pode ser levado a seu crédito, e talvez o próprio Virgulino nunca tenha se socorrido de torpeza igual, no seu gênero. Tendo espiões a seu serviço (coiteiros), escondeu-se ele com seus sequazes na jusante do açude da fazenda, aguardou que um então futuro genro, também sobrinho (ainda vivo), de seu proprietário ali viesse, prendeu-o e o conduziu a frente de seu bando, montado a cavalo, bem seguro, é obvio, anulando ou neutralizando, assim, qualquer possibilidade de resistência, pois esta implicaria no sacrifício do refém. Quem poderia resistir em tais circunstâncias? Quanto à inocuidade, às vantagens advindas para o honrado fazendeiro, que nunca teve a seu serviço capangas nem cangaceiro assalariado, não foram elas tão benéficas o quanto

se supõe. O traumatismo sofrido pelo velho Coronel chegou ao ponto de, em consequência, falecer ele em 1920, ficando hemiplégico, paralítico, cerca de oito ou nove anos após o saque e vexames experimentados. O episódio do boi arisco, a reunião de capangas na fazenda, são fatos que não comportam análise, o primeiro pelo ridículo com que se apresenta, além de mera invencionice inaceitável, num livro, até certo ponto, sério e útil, onde o humor não deve, nem pode, atingir os limites do fútil e das coisas indecentes: o segundo, porque a índole do velho Coronel era daquelas, por assim dizer, alérgica a tais formas de procedimento. Vivia ele entregue à sua atividade, num mundo e outra época em que todos eram felizes, em que não se cogitava de reforma agrária como tábua de salvação (quanta ilusão!...) e, se, um dia fora sacudido na política, não o fora por ambição, nem por interesse pessoal, e sim cedendo a instâncias de amigos, autênticos ou não, aos quais não podia faltar. É obvio que, homem afeiçoado a seus afazeres pastoris, mais conhecendo a vaqueirice, a economia de sua herdade, a vida campestre, do que os enigmas da politicagem, o que nunca chegou a conhecer, muita coisa teria de praticar-se à sua revelia, usando-se indevidamente seu nome, ou imputando-se lhe a prática de fatos com os quais nada tinha, não teve, nem poderia ter, ante a natureza pacata de seu viver de homem honrado e decente, infenso a qualquer forma de violência. Era um matuto, talvez menos matuto do que os Autores do livro e destas notas antes de 1928 e de 1934, mas, como quer que fosse, homem respeitado e respeitável sob todos os aspectos e mui diferente daqueles que o exploravam ou combatiam-no sob a proteção do calibre 44 ou da astúcia e da perícia insaciáveis.

O Autor, nos primeiros capítulos, tece considerações de ordem geral, além de traçar sua autobiografia, pois – percebe-se – outra não é a figura de *Pajeú* que ali aparece. Não foi só ele que *comeu o pão que o diabo amassou*. Também outros, inclusive *alguém* e um seu homônimo.

Quando se chega à página 289, tem-se a impressão de que o livro acabou. Entretanto, prossegue a narrativa de fatos e episódios, alguns deturpados, acreditando-se não derivar tal circunstância de qualquer intenção do Autor, e sim daqueles males atribuídos àquele "Sr. Mota", que, no caso, filtrados não foram devidamente. Manuel de Souza Neto não é homem para, gratuitamente, determinar o que se vê da página 319, nem Faustino, Joao Pedro, o *anjinho* que de início se pretende retratar. Um indivíduo que conseguiu escapar da Penitenciária do Recife, pela madrugada, aproveitando um curto circuito de alguns segundos e que tem em sua folha proezas como as que registra aquele personagem, não era passível de caracterizar-se como pacato missangueiro de Sertânia, pois sempre se revelou da mais alta periculosidade, praticando façanhas que chegam a parecer inacreditáveis.

Para o Autor todos os males da região advêm da seca, do latifúndio, do analfabetismo, da prepotência dos coronéis. José Saturnino dos Pedreiros é tido como "indivíduo de instinto perverso e espirito tacanho". Tinha ele obrigação de cruzar os braços, ante as tropelias dos Ferreiras? Há em tudo isso um certo romantismo a que somente a observação não refletida poderá conduzir. É curioso observar que não tem sido os grandes períodos de estiagem os mais propensos à proliferação do banditismo. Basta assinalar que no de 1920 a 1926 mais intensa foi essa praga do que em qualquer outra fase, sendo justamente a época em que melhores invernos e mais fartura econômica houve na região. Não é a fome, o analfabetismo, a injustiça, nada disso: o que arrebata o sertanejo, ou arrebatava, era o lado ou aspecto marcial aliado à libertinagem, inerentes à vida do cangaço, a sedução que oferecia para muitos a vida à margem da lei, à qual se refugiavam, triste forma de lenitivo para as desvantagens do viver solitário ou monótono, portanto, bem mais do que a farda, onde, seja como for, o senso de disciplina e do

dever a cumprir teria de ser mais rígido e mais severo. Não conhece o Autor, porventura, a esse respeito, a resposta de Chico Antônio (p. 196), quando lhe indagaram por que não verificava praça? É que, para muitos sertanejos, prestar juramento à Bandeira implica em "jurar contra pai e mãe"...

(Conclusão do texto não encontrada)

*Jornal do Commercio* (RJ) – 21.04.1963

## BRASIL PRA SEU GOVERNO

Nonnato Masson

**LAMPIÃO**
De Ezequias da Rocha

*Lampião tem muita ideia,*
*Sua vida está segura*
*Atirá nele é bobage,*
*A bala bate e não fura.*

*O rifle de Lampião*
*É na verdade um tesouro,*
*O cano é todo de prata*
*E a coronha é de ouro.*

*Ninguém pega Lampião,*
*Que ele tem muita mandinga*
*Se envulta em toda parte,*
*Quanto mais lá na caatinga.*

*Lampião é rapaz moço,*
*Pode ter 21 ano.*
*Tem cartucheira de prata*
*E um rifle americano.*

*Lampião é ome rico,*
*Tem dinheiro com fartura.*

*No lugá por onde passa*
*Dá esmola e faz figura.*

*As moças do São Francisco*
*São pobre, mas tem ação,*
*Guardam queijo e rapadura*
*Pro borná de Lampião.*

*A mulé de Lampião*
*É faceira e é Bonita.*
*Cada cacho de cabelo*
*Tem cinco laço de fita.*

*A muié de Lampião*
*Teve dois Lampiãozinho,*
*Sendo uma menina feme*
*E um menino machinho.*

*Adeus, adeus, minha mãe,*
*Me dê a sua benção.*
*Vou acertar minha vida*
*No bando de Lampião.*

*O chapéu de Lampião*
*É bonito, é enfeitado.*
*Tem prata de toda banda,*
*Tem ouro de todo lado.*

*No lugá por onde passa*
*O bando de Virgulino,*
*Sacristão lá na igreja*
*Vai logo baté o sino.*

*Lampião desceu a serra,*
*Foi pará em Cajazeira,*
*Dando viva a Pade Ciço,*
*Cantando muié rendera.*

*Lampião é mandingueiro,*
*Tem muita ideia guardada*
*Atravessa o São Francisco*
*Sem canoa e sem jangada.*

*Lampião o São Francisco*
*Atravessa onde qué.*

*Da Piranha cai o dente,*
*Perde a força o jacaré.*

*O rio de São Francisco*
*No seu mais fundo lugá*
*Se abre em toda largura,*
*Para Lampião passa.*

*A Bahia tá de luto,*
*Recife de sentimento,*
*Sergipe de porta aberta,*
*Lampião sambando dento.*

*Lampião quando desceu,*
*Do sertão para Matinha,*
*Foi no choto americano,*
*No galope armofadinha.*

*Minha mãe me dê dinheiro,*
*Pra cumprá um cinturão,*
*Uma boa cartucheira,*
*Pra briga mais Lampião.*

*De José Aluísio Vilela*

*Pra havé paz no sertão*
*E a gente pudê vive,*
*E os mato pudê cresce,*
*E as muié pudê rezá,*
*E os matuto trabaiá*
*Com gosto e satisfação*
*Precisa que Lampião*
*Venha o povo governa.*

*Pra havê paz no sertão,*
*E as moça pudê prosá*
*E os rapaz pudê casá*
*E o povo pudê se ri*
*E os menino se adiverti,*
*É preciso uma injeção*
*Pra fazê de Lampião*
*Presidente do Brasil.*

*Os macaco das volante*
*Que trate de se benzê,*

*Que os fuzi já tão briando*
*E vão dá o que fazê,*
*Quando os gatio apertá*
*Os dedo de Lampião.*

*Pra pegá o Lampião*
*Nem o exerço e a Marinha,*
*Nenhuma tropa de linha,*
*Nem o batalhão navá,*
*Nem a força federá,*
*Arrodeada de canhão.*
*Onde anda Lampião,*
*Sordado nenhum vai lá.*

*Pra pegá o Lampião,*
*Nem as tropa da Alemanha,*
*Nem o Armirante Sardanha,*
*E nem o Mina Gerá.*

*Nem cinquenta generá,*
*Com cinquenta divisão.*
*Quem possa com Lampião*
*Nas nasceu, não nascerá.*

*Pra pegá o Lampião,*
*Valente cabra da peste,*
*Todas tropa do Nordeste,*
*Da Bahia ao Ceará,*
*Não chega nem pra lhe dá*
*Os aperto dum belsicão.*
*Quando elas veem Lampião,*
*Espia e vai-se deitar.*

*Jornal do Brasil* (RJ) – 03.05.1963

## ENTREVISTA IMAGINÁRIA COM LAMPIÃO

Antônio Callado

A casa de Lampião, no Purgatório, é simples mas confortável. Quando cheguei, aliás, na rede da varanda Maria Bonita fazia cafuné em Virgulino e os meninos corriam pelo jardim de pedras, facheiros, mandacarus. Eu soube depois que era um jardim budista Zen. Lidando com areia, rocha e planta tenaz, os budistas dão grandes jardineiros no Purgatório.

– Nós tivemos um português aqui fazendo o jardim. Mas esse clima é o diabo. Eu e a Maria aguentamos muito bem, é claro. Mas as rosinhas que o português planava pegavam fogo na ponta do galho, foi o que me disse Lampião quando lhe elogiei o belo arranjo de plantas.

Fui logo entrando no assunto:

– Recebi sua astro-mensagem, Capitão, e aqui estou, lápis e papel na mão.

– Mas não trouxe a máquina de retrato, disse Maria aborrecida.

– Eu mando o fotógrafo, garanti. Não pensei que vocês estivessem tão bem instalados e com essa bela criançada correndo por aí.

Maria Bonita, orgulhosa, chamou o mais velho – de nome Severino, naturalmente – e mandou ele tirar a camisa:

– Mostra o mistério aí na omoplata, meu filho.

Do lado inteiro do osso, sensível à mão e mesmo à vista, um princípio de asa:

– Severino vai para a escola de Querubins. Primeiro ficou entre os excedentes, mas agora está com a matrícula garantida. Virgulino andou tocaiando a banca e eles cederam.

Cumprimentei Maria pela asa do menino e Lampião falou:

– Seu repórter, esse negócio de assustar a banca foi meio à brinca. O que tem tocado a gente para a frente neste outro mundo é a reabilitação do meu nome no Brasil. Pela lei daqui é muito importante a cotação da gente na terra. É importante saber se o que a gente fez está dando fruto bem ou ruim. Quando a Bahia resolveu há pouco tempo acabar com a exposição das cabeças degoladas do meu bando, comigo e com Maria no lugar de honra, naquele Museu Nina Rodrigues, tudo quanto era cacto no meu jardim deu flor. O Brasil tinha começado a me perdoar e o tal de perdão tem uma força de bomba aqui nestes arraiais. Mas agora a coisa está melhor ainda. Agora é reabilitação no duro. O cangaço, seu moço, era uma necessidade. É uma necessidade ainda. A gente tinha um papel histórico no Brasil. Os 'macacos', que era o nome que agente dava aos soldados, estão vendo que os bandidos tinham as ideias no lugar. Os bandidos abriram caminho para os 'macacos' de hoje.

– Explica isso, Capitão.

– Explico. Lá na terra nem eu entendia. A gente no mundo vive com a cara de borco no desenho de Deus. Quando se afasta a gente entende o risco. Agora é que eu vejo que num país baita daqueles precisa ter cangaço, como tem agora outra vez, no Acre, no estado do Rio, em Goiás, por toda parte. É um cangaço que progrediu, está claro. Mais alinhado, feito por gente que até sabe ler, puxa. Mas é cangaço até não acabar mais. Não tem negócio de governo de Estado num país que é um mundão daqueles. Era isso que eu sabia sem saber e que o Antônio Silvino sabia antes de mim e o Jesuíno Brilhante e o Adolfo Meia-Noite: Por isso é que, quando eu, pequeno ainda, lia os bilhetes do Silvino ao governador da Paraíba, ao chefe de polícia Massa e ao Secretário de governo Rodrigues, eu ficava tremendo e cantando feito corda de

viola: "Dr. Castro Pinto, governador bandido. Não precisava reunir quatro Estados para perseguir-me, pois garanto-lhe que não saio de dois. Doutor Massa, toda perseguição que me fizer eu me vingo em sua família. Doutor José Rodrigues, pise milho, cesse massa e dê a esse pinto para comer, que o mal dele é fome. (Asssinado) Antônio Silvino de Moraes." É assim que a gente fala com essa gente, assim é que a gente chacoalha Badger e Mauro Borges e até gente mais importante, que está na alça de mira.

E Lampião, concluindo, sociológico:

– O Antônio Silvino tinha mania de arrancar dormente de estrada de ferro e matar trabalhador de estrada de rodagem. Ele achava, lá na confusão em que a gente vive no mundo, que os *macacos*, com estrada, iam acabar com o cangaço. Mas Deus escreve direito por linhas tortas. Agora, com estrada e com avião, os *macacos* estão reabilitando a gente, fazendo um cangaço mecanizado de primeira classe.

De gigantesco Aeródromo Públio Virgílio, sinalizavam a próxima partida da minha nave. Me despedi rápido de Virgulino, Maria e Severino. Este anjo-moleque me tomou a benção e me apontou uma última camélia numa última árvore do jardim português.

– Leve uma flor do Purgatório – disse.

A camélia, colhida, estalou numa labareda alegre, me deixando na mão uma pitada de cinza cheirosa e clara.

*Jornal do Brasil* (RJ) – 20.05.1964

## UM LIVRO SOBRE A CHEGADA DE LAMPIÃO A CAPELA

Zozimo Lima

Alimentei por algum tempo a veleidade de publicar um trabalho sobre a chegada de Lampião à Capela, em incursão, possivelmente sangrenta, em 1929, e a tentativa frustrada de nova invasão em 1930, quando ruía fragorosamente a denominada, pelos "salvadores", República Velha.

Além das crônicas anteriores publicadas sobre aquelas razias, no território sergipano, escrevi longo trabalho, espécie de relatório, posteriormente ampliado com informes sobre as palestras rápidas, que, quando sob sua guarda, a fim de não escapulir para o Telégrafo, mantive com o terrível bandoleiro que é hoje assunto para filmes que se distanciam da verdade no que tange a figuras físicas dos seus personagens.

Assisti, há poucos dias, no "Rio Branco", a passagem de um filme, procedido de espalhafatoso bate-caixa, em que a figura de Lampião é representada por um latagão gorducho, branco, rigorosamente barbeado, de cabeleira ondulada, lustrosa e linguajar apurado, com a evidente preocupação de não desvirtuar as regras gramaticais do Barão de Macaúbas.

Escrevi, como disse, o trabalho sobre Lampião e a sua permanência, na "Princesa dos Tabuleiros", das sete horas da noite às três da madrugada. Fui pego no cinema, onde me encontrava na companhia do nosso desembargador Otávio Teles de Almeida. Este conseguira escapar sem que eu percebesse, indo alojar-se no Colégio das Freiras.

Era o meu trabalho uma ampliação do livro de Ranulfo Prata, o que mais se aproxima da realidade, e o do Eduardo Barbosa, que tem muita potoca, principalmente a meu respeito. Meti-o, depois, na gaveta, desiludido de encontrar um editor.

Faz dois anos recebi carta do jornalista Nertan Macedo, do Rio, pedindo-me, com interesse, a remessa de dados sobre Lampião, os quais deveriam ilustrar um seu trabalho.

Pus o calhamaço no correio e aguardei o livro do Nertan. Tive conhecimento, depois, pelo bancário e escritor Alberto Carvalho.

Sou citado nele e nele encontram-se episódios que eu lhe narrara. O malandro, entretanto, não teve a gentileza de enviar-me um exemplar da colcha de retalhos com feição de história mal contada.

Estou escrevendo, agora, uma memória histórica sobre a cidade da Capela. Certamente será publicada, depois da minha morte, por algum neto com bossa de escritor.

Como figuras centrais, contemporâneas, estaremos eu e o meu conterrâneo Chico Barreto, tribuno popular, flautista e proprietário da barbearia Democrata.

*Correio de Aracaju* (SE) – 23.06.1964

## "JÁ CANTEI COM LAMPIÃO"

Eurícledes Formiga

*Quando me lembro, senhores,*
*Do meu tempo de inocente,*
*Que brincava nos cerrados*
*Do meu sertão sorridente,*
*Sinto que meu coração*
*Magoado desta paixão*
*Bate e chora amargamente.*

*Meu rifle atira cantando*
*Em compasso assustador,*
*Faz gosto brigar comigo*
*Porque sou bom cantador,*
*Enquanto o rifle trabalha*
*Minha voz longe se espalha*
*Zombando do próprio horror.*

(Do livro *Lampião*, de Optato Queiros – Salvador, 1956)

Estes versos são de autoria de um trovador de Vila Bela, Pernambuco, chamado Virgulino Ferreira, mais conhecido por Lampião, que iria adquirir triste celebridade como o Rei do Cangaço, terror dos sertões. Sim, por incrível que pareça, na alma rude do terrível bandido, havia um território de ternura, um chão de poesia agreste onde desabrochavam, como flores singelas do campo, versos impregnados do sentimentalismo sertanejo, que revelavam o poeta popular autêntico, levado pelo destino aos caminhos do crime. Não constitui novidade o fato de os cangaceiros, em suas andanças pelas caatingas, terem amenizado a sua vida com momentos de música, de cantorias românticas, num paradoxo chocante, mas próprio do sertão alvoroçado e sonoro. Quem não conhece a "Muié Rendeira", canção divulgada hoje no mundo inteiro, e que era o hino dos bandidos, nos pousos de pé de serra, no intervalo dos combates com as volantes!? Volta Seca, famoso cangaceiro, "lugar-tenente" de Lampião, depois de vinte anos numa penitenciária, reuniu, num LP, que é um documentário de grande valor, as principais canções que o bando cantava, uma delas de sua autoria.

Foi por tudo isto que Lampião não dispensou certa vez a companhia de Lourival Bandeira, o grande violeiro alagoano que vive hoje em Brasília e que apresentaremos hoje, num festival que se realizará na Escola Parque. Do encontro nasceu uma grande amizade. O cantador foi "convidado" a fazer parte do bando. Não era, porém, aquela a vida sonhada pelo trovador de quinze anos de idade, que iniciava a sua caminhada poética pelos sertões e que, afinal de contas, não tinha razão alguma para se transformar em cangaceiro. No entanto, acompanhou o Capitão Virgulino e seus cabras, com a arma que já sabia manejar como um mestre: a viola. Lampião passava noites inteiras ouvindo o violeiro, cantando também, quando era o caso. Lourival era alvo das maiores atenções dos bandidos.

– "Encontrei Lampião – afirma o cantador – em Pedrão, lugarejo situado entre Olhos

d'Água e Capim, município de Santana do Ipanema, Alagoas, no início de 1938, poucos meses antes do combate da Gruta do Angico, quando tombou o Rei do Cangaço, ao lado de sua Maria Bonita, flor do sertão que justificava o nome. Eu estava começando a minha vida de cantador, isto é, a minha profissão de violeiro. Meu pai, que foi o meu maior admirador, havia me dado uma viola, e eu estava à procura de companheiro para cantar desafio. Ao chegar a Pedrão, de uma bodega ouvi alguém gritar: "Lá vem um cantorzinho!" Avistei um grupo armado e logo reconheci tratar-se de cangaceiros. Um tipo alto e magro, de óculos, com os dedos cheios de anéis, chamou-me e foi logo dizendo: "não se assuste, menino. Você está vendo Lampião. Venha cantar para nós". Depois de passar horas improvisando versos com a minha viola, fui convidado para seguir com eles. Não pude fugir ao convite, ainda mais que eles estavam bebendo e cantando e eu vi que não tinha jeito de sair dali. Os mais alegres eram Lampião, Vinte e Cinco, Sereno e Pancada. Lampião cantou comigo e disse que se não fosse aquela sina de bandido ia ser cantador. Na verdade, ele não era bom repentista, mas escrevia versos, no estilo dos folhetos. Sabia de cor muitos "romances" de João Martins de Ataíde e Leandro Gomes de Barros. Finalmente, eu passei três dias em companhia dos cangaceiros. Não presenciei nenhum combate, mas sabia que o coronel José Lucena andava por perto, com a sua volante, pelas conversas que ouvia dos bandidos. Então, numa noite, quando cantava para todo o grupo, na presença inclusive de Maria Bonita, pedi ao capitão para ir embora. Ele me deu duzentos e oitenta mil réis, muito dinheiro naquele tempo, e eu agradeci cantando:

*Cangaceiro não faz medo,*
*Eu estou dizendo agora.*
*Três dias com Lampião*
*Pra mim só houve melhora.*
*Tive boa recompensa,*
*O capitão deu licença*
*Libertou-me... eu vou-me embora.*

Agora – continuou Lourival – eu quero contar um segredo guardado há muito tempo: Lampião era primo de meu pai. Meu velho nasceu em Pajeú das Flores, Pernambuco, e se chamava João Ribeiro Bandeira, sertanejo que amava cantoria como ninguém. Eu era menino e ouvia meu pai dizer: "Não vão vocês falar por aí que Lampião é da nossa família". Tinha razão meu pai, quando fazia esta advertência, pois as volantes, em determinados aspectos, eram piores que os bandos de cangaceiros. Isto poderia nos criar dificuldades."

## O Repentista Lourival Bandeira

Várias vezes temos publicado aqui versos deste incomparável repentista. Mas ele é uma fonte inesgotável e hoje trazemos mais alguns exemplos de improvisação de Bandeira, momentos de desafios realizados no Nordeste. Certa ocasião, quando se apresentava em Salvador, cantando "martelo", afirmou com empáfia:

*Num comício em que fui apreciar*

*A palavra de Otávio Mangabeira,*
*Anunciaram Lourival Bandeira,*
*Mangabeira parou, não quis falar.*
*Do palanque desceu pra me abraçar,*
*Na presença de mais de cem doutores.*
*Eu falei: somos dois governadores,*
*Pois domino o reinado da poesia,*
*Você é governante de Bahia,*
*E eu sou governador dos cantadores.*

No famoso programa de Almirante – "Onde está o Poeta?" – que liderou muito tempo as audições da Tupi, no Rio de Janeiro, Lourival, ao defrontar-se com o repentista Palmeirinha, advertiu-lhe:

*Quando eu pego com raiva um cantador*
*Dou-lhe tanto que o cabra fica inchado,*
*Inda deixo seu lombo retalhado,*
*Pra passar mais de um ano sem valor.*
*Todos sabem que sou mesmo o terror*
*Dos cantadores que cantam na Tupi.*
*Cantador que eu pegá-lo por aqui*
*Ele tem que sair de couro ardendo,*
*Arrenega do diabo e sai dizendo:*
*– Nem com fogo não volto mais ali.*

Capaz das maiores proezas quando canta, Bandeira chegou a afirmar, enfrentando um violeiro arrogante:

*Quando eu canto "martelo" digo à lua*
*Fique preta, ela torna-se em carvão,*
*O sol fica nascendo aqui no chão,*
*Queima as matas e a terra fica nua.*
*Por acaso eu chegando em qualquer rua,*
*Dando um grito se acaba qualquer feira.*
*Todo mundo já vendo a bagaceira*
*Que eu já fiz sem querer que houvesse morte*
*Vai dizendo: está bem, ninguém se importe,*
*Que isto é ordem de Lourival Bandeira,*

Finalmente, ele avisa a quem por acaso pretenda desafiá-lo:

*Cantador pode ser brabo,*
*Porém com Bandeira amansa,*

*Pois eu pego na viola*

*Desde os tempos de criança,*
*Brigou comigo em Brasília,*
*Se despede da família*
*Não fica nem a lembrança.*

*Correio Braziliense* (DF) – 14.11.1964

***SERROTE PRETO***

A. Casemiro da Silva

Pouco dado sou à leitura de literatura regional, preferindo os horizontes da universalidade literária, as planícies batidas pelos sirocos dos quatro cantos do mundo, onde o elemento humano se cobre dos festões mais originais, onde o amor das mulheres se pluraliza nas formas requintadas da civilização ocidental, nos mistérios floridos do oriente longínquo e nas seduções milenares das almeias (...). O chamariz potente de um prefácio do autor de *Inferno Verde*, que se desmancha em ditirambos à percuciência do autor como *storyteller* fiel das façanhudas proezas do terrível bandido nordestino Lampião, aliciou a minha anuência à leitura dos mortíferos assaltos à pacata gente da região, vítima imbele da celerada malta que muitos anos desafiou, impune, a repressão policial dos Estados do Nordeste, empenhados na extinção do banditismo que aí campeava a seu talante.

Diz Alberto Rangel no seu extenso prefácio, ao terminar esse encomiástico proêmio que é de 1945: "Das macambiras do Nordeste eleva-se marcado das cicatrizes indeléveis em que forjaram a raça, um homem simples, paciente, modestíssimo, indeformável às puas do infortúnio e às grilhetas da servidão. Repleto de recordações, resolveu-se a deborcá-las, ingressando na galeria dos plumitivos do seu tempo. À caça dos equívocos, para os arrasar de uma vez, para demoli-los, não traz o trabuco engatilhado nas unhas, mas a pluma novata, alerta, limpa e honesta, inaugurada nestas folhas que hão de felizmente ficar".

Esse homem assim tão (...) recortado na essência de sua formação moral por Alberto Rangel é Rodrigues de Carvalho, autor do livro *Serrote Preto* (Lampião e seus sequazes), Rio, 1961. Escritor espontâneo, Rodrigues de Carvalho não reveste a sua arte de narrador das galas literárias que lhes demarcariam um lugar seguro entre os escritores que, como o seu preambulador, dissertaram eruditamente sobre os grandes problemas brasileiros; ao revés autodidata, soube apenas, na emergência de seu natural pendor de *storyteller* desdobrar o panorama angustioso dos horrores da caatinga, sertaneja, em relatos vividos dos ódios, vinganças cruéis, morticínios inócuos e insólitos com que se comprazia a turba assassina, que cauterizava de horror os inermes habitantes da região nordestina. Mas o atraente livro não se restringe ao registro sangrento, ao relato de episódios da tática natural dos guerrilheiros do latrocínio no assedio as fazendas da região, indo além, à profligação dos dirigentes, das autoridades a quem cabia a erradicação do mal, mas que muitas vezes, por intermédio da força repressora, cometiam tantos

danos aos sertanejos, quanto a malta dos cabras de Lampião e de outros chefetes menores. Rodrigues de Carvalho, por influência da caritativa dona Tertulina, professora primária de Recife que o alfabetizou, viajou como embarcadiço e nos seus lazeres das longas viagens condensou suas memórias do visto e do ouvido nos rincões natais, que se vieram consubstanciar no volume acima citado.

Joseph Conrad, o notável estilista inglês de origem polonesa, deixou a sua terra oprimida pelo estrangeiro aos dezessete anos, quando embarcou em navio cargueiro, iniciando sua carreira de marítimo. Mas Conrad já possuía sólidas humanidades quando fugira da Polônia, deixando o pai encarregado por motivos políticos, e assim, tornando-se vinte anos mais tarde capitão de navio inglês, pôde chegar a ser um estilista em língua que lhe não era nativa.

Rodrigues de Carvalho arrumou as suas lembranças do cangaço a bordo, nos vagares da faina náutica, para nos dar, muitos anos depois, o admirável livro *Serrote Preto*, enquanto que Conrad, nas suas vigílias marítimas ia absorvendo o material que mais tarde, em Londres, transladou ao papel e fez dele um dos maiores ficcionistas do século vigente na Inglaterra. Dotado fosse Rodrigues de Carvalho de uma cultura idêntica à do grande romancista inglês, *Serrote Preto* seria, por certo, um dos maiores livros brasileiros do assunto que versa.

*Jornal do Commercio* (RJ) – 03.10.1965

## *LAMPIÃO, O ÚLTIMO CANGACEIRO*

Zozimo Lima

Vai, afinal, sob os auspícios da Sociedade de Cultura Artística, sair o livro do escritor inédito Joaquim Góes, sob o título de *Lampião, o Último Cangaceiro*.

Andou Joaquim Góes a correr seca e meca à procura de quem lhe proporcionasse meios de publicar o seu interessante livro, sem encontrar quem lhe desse a mão.

Foi ao Governador, ao Prefeito, a editoras de Rio e São Paulo, inclusive ao escritor Paulo Dantas, seu conterrâneo de Simão Dias, mas todo esforço foi baldado.

Joaquim Góes, homem pobre, ex-investigador da polícia, ex-vereador da Capital, bastante inteligente e perspicaz, andou nos calcanhares de Lampião pelos sertões de Sergipe, Bahia e Alagoas, conversou com cangaceiros aposentados e suas ex-amantes. Agora, depois da inatividade, começou a escrever a vida do Rei do Cangaço.

Não é um trabalho de profundidade, um estudo sobre as influências mesologias, as taras antropológicas que influíram na formação e destino do homem injustiçado, perseguido. Não é um paradigma de Euclides da Cunha a escrever as majestosas páginas dos Sertões, enveredando pelo campo da ciência. A fidelidade e a segurança das narrativas suprem as deficiências culturais do escritor que vai aparecer em junho próximo.

O livro já está escrito. Corrigido, expungido das impurezas vernáculas. Riquíssimo de episódios ocorridos nas caatingas do Nordeste.

Depois de Ranulfo Prata, escritor e médico, moço falecido em Santos, que melhor esboçou os tipos hediondos do bando sinistro, contando as barbaridades, a carnagem dos sanguinários cangaceiros, aparece, agora, mais opulento de inéditos acontecimentos trágicos, o livro de Joaquim Góes com cerca de 300 páginas, as quais prenderão a atenção dos leitores de todos os quadrantes do Brasil.

Fosse *Lampião, o Último Cangaceiro*, editado no Rio ou São Paulo, com propaganda na imprensa e exposição nas montras, seria considerado do best-seller de 1966. Alguns idiotas produtores de filmes apresentam Lampião como um sujeito gordo, de calça de tecido Nylon, camisa "volta ao mundo", barbeado e lustroso à força de massagens com creme Simon, diferente do autêntico, de quem estive, na Capela, como refém, das 7 horas da noite de 25 de novembro de 1929 às 3 da madrugada.

Lampião era magro, escanifrado, canela seca, queixo fino, fronte larga, mestiço puxando a curiboca, cara amarrada, desconfiado, matreiro, ágil como o tigre.

Terá grande saída o livro de Joaquim Góes, se bem distribuído nas livrarias dos Estados. Com o resultado da venda, que será enorme, ficará o Joaquim Góes em condições financeiras de curar o gogo crônico e a disenteria recalcitrante nas estações termais de Arcachon e Biarritz.

*Gazeta de Sergipe* (SE) – 22.05.1966

## CANGAÇO NORDESTINO TEVE EM MARIA BONITA SUA RAINHA

Não é coisa do outro mundo a presença de uma mulher entre os cangaceiros, fazendo parte do grupo de Lampião. Os bandidos mais famosos sempre trazem as suas amantes.

Quando, em 1926, o Capitão Virgulino desceu do Juazeiro do Padre Cícero, mais de 20 mulheres acompanhavam os bandoleiros.

Agora o Rei do Cangaço tinha a sua rainha.

Mas não fosse a insistência de Luís Pedro, que era cabra de confiança, e Lampião jamais teria concordado naquele amor perigoso, porque Lampião "nunca foi macho de confiar em muié feme", como diziam os cabras.

Amigos inseparáveis e compadres, Luís Pedro insistiu:

– A mulher tem os óio de cururu, cumpade. É o diabo em figura de gente. Fosse cumigo, eu me disgraçava todo mas carregava aquele diacho. Só a fala da mulher faz a gente se arripiá.

– Qui nada, Luís Pedro. Muié só serve na hora do carinho. E cangaceiro num é gente pra ter amô a ninguém.

– Mas amá mulher bunita nunca foi pecado.

– Tá certo. Pra semana vou oiá pra cara dessa pavoa.

Chega Maria Déa, que logo depois é Maria Bonita, bota parabélum na cintura, carrega cartucheira de bala, junta-se a Enedina, Dadá, Durvalina, Otília e outras mulheres do bando, aprende a atirar de fuzil, costura e borda a roupa dos bandoleiros, faz a comida da "tropa" e nas noites calmas de lua, fora do fogo dos combates, oferece carinho ao seu amado.

*Ela saltou na garupa*
*De um cavalo esquipador;*
*Descamparam a serra grande*
*Bem antes do sol se pôr;*
*Lampião, de vez em quando,*
*Dava um beijo em seu amor...*

## Tiroteio nas Caatingas

Mulher que se dispunha a abandonar a família e acompanhar cangaceiro, não era somente para trocar beijos e nem comer carne assada com rapadura, e nem somente para ter anel de brilhante no dedo ou usar perfume francês tomado de fazendeiro rico.

Entrou para o cangaço, tinha que lutar, fosse homem ou fosse mulher e tinha que trocar balas com os "macacos" das volantes.

Foi combatendo que morreu "Nenê", amante de Luís Pedro, baleada pela polícia num tiroteio de Mucambo, perto do rio São Francisco.

"Moça", mulher de Cirilo, atirava de fuzil muito bem.

Num combate da fazenda Bezerra, Durvalina, amante de "Moderno", cunhado de Lampião, foi gravemente ferida.

Presa pela polícia na fazenda de Nina, Otília foi levada amarrada de cordas para a cadeia de Jeremoabo e lá quase morre de apanhar.

É assim dura a vida de mulher que se mete no cangaço.

Entrando para o bando, Maria Bonita aprende a atirar de fuzil, treina pontaria de revólver e parabélum e se acostuma às caminhadas longas, aos dias de sede nas caatingas, às fugas precipitadas por dentro da jurema seca e às batalhas de vida e de morte com a polícia.

*Acorda Maria Bonita,*
*Acorda pra fazê café,*
*O dia já vem raiando*
*E a puliça já tá de pé.*

Num ataque de Lampião à vila de Serrinha, interior de Sergipe, Maria Bonita leva um balaço na perna. Sai do local da luta, conduzida nas costas de Virgulino, os dentes cerrados para não gemer.

Os anos correm e nem os perigos, nem as balas, nem o pavor das batalhas faz estremecer aquele amor mais forte que tudo.

Somente uma vez aponta seu parabélum, cheia de fúria, para Lampião, quando ele tenta matar seu primeiro filho, ali no mato das caatingas, dizendo que "o choro do menino ia acordar os macaco".

Lampião volta atrás porque ele também ama Maria Bonita.

E juntos terão que lutar nas trincheiras, lado a lado. Juntos terão que fugir, nas noites negras em que os soldados da volante ameaçarem o bando sinistro do Capitão Virgulino.

Odiados pelo mundo e carregados de pecados horrendos, os dois se encontram e se purificam no seu amor.

É o amor vivido nas matas cheias de espinho do Nordeste.

Amor de Lampião e Maria Bonita.

*Maria Déa é um anjo,*
*Uma lindeza, um amô,*
*Uma princesa encantada*
*Que Lampião encontrou.*

*Diário de Pernambuco* (PE) – 30.10.1966

## MARIA DÉA, MARIA BONITA OU SANTINHA A BONNIE BRASILEIRA

Para Lampião, ela nunca foi Maria Bonita, e sim Santinha; o cangaceiro nem mesmo chegou a saber que sua companheira receberia aquele apelido, pois quando os cantadores do Nordeste começaram a falar, em suas trovas, de uma Maria Bonita, já a morte tinha encontrado a ele e a ela na grota de Angicos.

De 1930 a 1938, o sertão brasileiro teve a sua Bonnie e o seu Clyde. Muito antes do que isso, Lampião já andava pelas caatingas fugindo da polícia depois de ter matado um delegado. Mas é só nos primeiros anos da década de 30 que Maria Bonita passa a estar em sua companhia, acompanhando o bando e participando dos combates como qualquer homem.

Entre a Bonnie brasileira e a de Chicago há uma grande diferença: Bonnie entrou na vida de Clyde para instiga-lo às suas maiores façanhas e à luta final com a polícia. Maria Bonita, ao contrário, representou para Lampião um princípio de sossego. Ao encontra-la, Lampião já estava adoentado; e desde o nascimento de sua filha, Expedita, ele praticamente encerra as suas correrias pelo sertão, fixando uma espécie de quartel-general em Sergipe.

### A Entrada no Sertão

A lenda de Lampião tem a sua origem na localidade de Pedra, Alagoas. Por volta de 1918, Lampião – que então ainda era Virgulino – tinha 16 anos e era comboieiro na fazenda de Delmiro Gouveia – o pioneiro da energia elétrica em Paulo Afonso. Seu pai, que era também vaqueiro de Delmiro, foi morto pelo delegado local depois de uma disputa sobre algumas cabras.

Virgulino e seus irmãos, auxiliados por outros vaqueiros, assaltaram a delegacia e mataram o delegado, vingando o crime contra o pai. Obrigados a fugir para o sertão, assaltaram antes o palacete da Baronesa de Água Branca; e carregando dinheiro e objetos, internaram-se na caatinga.

Durante muito tempo, Lampião e seus homens seriam para os jornais um simples bando de salteadores. E só em 1926 que se começa a falar em cangaceiros, e que Lampião surge nas manchetes como um chefe legendário.

Durante 20 anos – 1918 a 1938 – o bando percorreu o sertão de Alagoas, Sergipe, Per-

nambuco e Bahia, com uma marcada preferência pela Bahia, onde havia um deserto de xique--xique, único lugar onde a polícia não entrava.

Ao lado de muitas tropelias, que fizeram surgir a lenda de um monstro sanguinário, e daí muitas populações terem ficado ao seu lado, durante todos aqueles anos. Extremamente religioso, não assaltava nunca uma cidade que tivesse três igrejas, e em toda a sua carreira, sabe-se de apenas uma vez em que maltratou um padre. Ao meio-dia, diariamente, estivesse onde estivesse, ajoelhava-se, pegava o livro das orações e rezava, no meio do seu bando. Os padres foram muitas vezes seus coiteiros, e é conhecida a veneração que ele dedicava ao padre Cícero.

A origem do seu outro apelido – CapitãoVirgulino – é bem curiosa. Logo depois da Revolução de 30, quando a Coluna Prestes internou-se pelo sertão, o famoso deputado federal Floro Bartolomeu autorizou o padre Cícero a transformar Lampião em uma barreira contra a Coluna. Lampião, entretanto, devia ter alguma simpatia íntima pelos revoltosos, pois após ter recebido armas e mantimentos, e as divisas de capitão, seguiu por outro rumo, deixando livre o caminho para Prestes e seus companheiros. Desde então, seus bilhetes estão assinados pelo Capitão Virgulino.

## Encontro com Maria Déa

Maria Bonita entra na sua vida quando a fase das grandes aventuras já estava acabando. Ela era baiana, de Jeremoabo, e vivia com um sapateiro. Morava em Sergipe, na fazenda Malhada da Caiçara, quando a fama de Lampião começou a espalhar-se pela boca do povo. Rachel de Queiroz escreve sobre ela:

"Quando, com as outras, lavava roupa no rio, ouvia sempre os casos de Lampião. O velho obrigado a dançar com a ponta de faca, os dois amantes amarrados juntos e embebidos em querosene, para serem queimados, as moças de seis cortados, de faces marcadas com ferro em brasa, as mulheres que tinham de passar por todos os bandidos, um a um. Casos que faziam pavor, que faziam as mulheres cair de susto. Só Maria Déia ficava pensativa, não tinha medo, não tinha horror. E acabava dizendo: – Queria que Lampião me levasse com ele. Queria ganhar o mundo com ele. Na bodega falava a mesma coisa. Falava diante de todo mundo: – Só vivo aqui até o dia em que Lampião me chamar para ir com ele".

No momento decisivo, o do encontro em Malhada da Caiçara, foi um dos temas prediletos dos cantadores:

*Maria Déia, a morena,*
*Era tipo de beleza,*
*Lampião, anes do rapto,*
*Foi sondar a sua presa.*
*E só aceitou a moça*
*Quando viu sua beleza,*
*Como prático feirante*
*Que vai comprar um cavalo,*
*Olha os dentes, mira as pernas,*
*As ancas, todo a fita-lo,*
*E vendo que é bom negócio,*

*Acaba enfim por compra-lo.*
*O marido dessa ingrata*
*Assistiu à triste cena,*
*Lembrou a Déia os dois filhos,*
*Para ver se tinha pena.*
*Ela falou ao marido*
*Na sua voz de morena:*
*É sina, José, adeus!*
*Arranje mãe mais faceira*
*Para tomar conta deles*

*E ature sua berreira.*
*Eu vou cumprir minha estrela,*
*Agora sou cangaceira.*
*O marido ia falar,*
*Mas Lampião, nessa hora,*
*Trovejou já esquentado:*
*– Não discuta, venha embora,*
*Arrume sua bagagem*
*Que o cavalo está lá fora".*

O FINAL

Eram os primeiros anos de 30. Lampião, que tinha mais de 1,80m de altura era muito magro, já estava tuberculoso. Além disso, uma velha ferida na perna começa a gangrenar, dificultando-lhe a locomoção. O encontro com Maria Bonita acaba de arrefecer o gosto pelas correrias. Ele já tinha, então, uma fazenda de gado, em Angicos, estado de Sergipe, e é lá que se instala definitivamente. Suas saídas tornam-se esporádicas. Às vezes envia bandos armados a esta ou aquela parte, sem participar dos assaltos. À sua volta vive uma população humilde, gente que ele protegeu ao longo de sua vida e que procura, agora, a proximidade do chefe.

Em 1936, nasce-lhe a filha, Expedita, ficando-o ainda mais em Angicos. A essa altura, ele é um personagem dos jornais, quando cessou a sua atuação pessoal como chefe de bando. Expedições enviadas contra ele são derrotadas: sabe-se hoje que Lampião tinha o gênio de um estrategista militar.

O fim chega subitamente em 1938. Um de seus coiteiros, aprisionado pela polícia e submetido a toda sorte de mais tratos, concorda em voltar a Angicos para envenenar o chefe e o seu círculo mais chegado. Simultaneamente, três colunas de polícia dirigem-se cautelosamente na direção de Angicos. A que chega na frente já encontra urubus sobrevoando a grota: o envenenador cumprira a sua missão. A morte foi confirmada pelo legista Vila-Nova, enviado do Rio especialmente para isso.

Como era necessário provar a todos que desta vez a polícia não fora derrotada, as cabeças de Lampião e de Maria Bonita foram cortadas e levadas para Maceió. Morrera o rei do cangaço.

As descrições que se conservam dele revelam que usava farda de coronel do Exército, meias de seda, camisas de seda e lenço também de seda ao pescoço, passado num anel de brilhantes; relógios de pulso nos dois punhos, bornal e cartucheira. Gostava também de espalhar

moedas de ouro pelo chapéu e pela roupa. As libras esterlinas, naquele tempo, eram muito comuns no sertão.

Maria Déia vestia-se também como um cangaceiro, mas tinha uma vaidade: os chapéus redondos, tipo Baden Powel, característicos dos *twenties* nos Estados Unidos. Atirava como um homem, e acompanhava o bando a qualquer parte, mas sabia ser feminina; usava um pega-rapaz sobre a testa...

*Jornal do Brasil* (RJ) – 21.04.1968

## LAMPIÃO ESTARIA VIVO?...

L. Paes Barreto

Decerto, leitor, nem você nem eu acreditaríamos em que Lampião está vivo, a estas horas sentado em sua rede, no sul da Bahia, fazendeiro de cacau em Itajuípe, talvez mesmo vizinho do escritor Adonias Filho, ou de Jorge Amado, para falar em dois mais "coronéis" grapiúnas da região.

Mas, eis a verdade: há quem acredite, piamente, em que Lampião vive ainda e reside naqueles rincões privilegiados do sul baiano. José Viana, fazendeiro no Lagarto, em Sergipe, por exemplo, não faz segredo de, todo santo mês, escrever as cartas da mãe de Maria Bonita, agradecendo à filha o dinheiro que Lampião envia, de lá do sul da Bahia onde hoje comanda cabras, sem dúvida, mas, bons grapiúnas, para a colheita do cacau.

E quando alguém argumenta com José Viana, do Lagarto, que lá estão, no museu Nina Rodrigues, em Salvador, as cabeças do Capitão Virgulino Ferreira, de Maria Bonita e mais nove cangaceiros do bando, com as suas cabeleiras de horrendas medusas retardatárias – o escriba das cartas da mãe de Maria Bonita, dá de ombros e replica: Só pode acreditar nisso quem ignora que Lampião, no fim dos tempos de cangaço, usou e abusou da tática despistadora da "volante" mediante o emprego de perfeitos sósias, tanto dele quanto da própria Maria Bonita... Não crer nisso, é também duvidar demais (para José Viana, do Lagarto) na capacidade de dedicação e no despendimento dos amigos e correligionários do Capitão Virgulino Ferreira, por alcunha Lampião. Quando o Capitão tomou aquele sumiço que teria precedido à sua "falsa" degolação – prossegue José Viana –, na verdade já se encontrava ele de fazenda comprada e cabras reunidos, no sul da Bahia, em Itajuípe...

E se você (nem eu), leitor, não acreditarmos na lenda da sobrevivência de Lampião, a José Viana e aos que o seguem, pouco se lhes dá: ninguém se assuste demais se, de uma hora para outra, Lampião surgir por aí, com sua cabeleira nazarena de vovô dos "Beatles" e seu uniforme precursor dos dólmãs e calças apertadas no tornozelo, que hoje usa a rapaziada do iê, iê, iê...

Se alguém citar, acaso, o romance-reportagem de Nertan Macedo, sobre o Capitão Virgulino Ferreira: Lampião, os crentes da sua sobrevivência até hão de rir: E afirmam que Lampião compra e lê, sentado em sua rede, tudo o que se escreve e publica sobre a sua morte "lendária" e até gostaria de conhecer, pessoalmente, o autor Nertan Macedo!

Na verdade, entre todos os livros publicados, sobre o grande cangaceiro nordestino, nenhum outro, embora se afirme obra apenas histórica, conseguiu aliar a ficção novelesca e a história de cunho mais científico, ao estudar o personagem de tantas outras estórias nordestinas, desde as de literatura de cordel, onde foi cantado e romanceado pelos poetas cantadores de feiras, até às mais pretensiosas obras, de caráter "sociológico" ou "historicista".

Cearense, de terra que viu nascer e se eternizar o mito de Padrinho Padre Cícero, Nertan Macedo palmilhou os sertões nordestinos, rastreando neles, durante anos, os passos de Lampião, em sua gesta audaciosa, à frente de seu bando.

Já se disse, alhures, ser o sertão uma eterna saga, toda ela entretida de lendário inimitável, incomunicável mesmo a outras regiões, a outras terras, mesmo sob outros não menos causticantes sóis. Há nos sertões, a par de toda uma religiosidade poética, que cheira, por vezes, a terra menstruada de chuvas, há também, toda uma crônica de resíduos míticos secularmente plantados como por ventos e águas de aluvião.

Nertan Macedo, desde este seu primeiro livro sobre o lendário sertanejo, vem prosseguindo na pesquisa em *O Padre e a Beata e Rosário, Rifle e Punhal*, após o *Capitão Virgulino Ferreira: Lampião*, Nertan redescobriu o veio profundo da saga nordestina que o próprio Euclides da Cunha, longe de esgotar de todo, havia apenas revelado a luz de obra literária e sertanista de primeira água.

Pois, vem agora o escritor e poeta cearense de reunir, num só volume, o *Cancioneiro de Lampião*, obra fundamentalmente poética, escrita em redondilhas, à maneira do cancioneiro popular nordestino e a não menos poética, porque em prosa, estória romanceada de Virgulino Ferreira, Lampião. Foi pesquisar nos arquivos e nas memórias da gente sertaneja, a sua versão histórica romanceada e poética, a um tempo da vida, dos malefícios e do lendário do famoso cangaceiro nordestino, amigo e afilhado do Padre Cícero Romão, a quem devia, aliás, o posto de Capitão e Defensor da fé cristã sertaneja.

Apenas discordamos do autor, na reedição de seu livro, embora sob a égide de "O Cruzeiro", num ponto: se um Lampião que está a merecer edição na "Brasiliana", é bem o de Nertan Macedo. Ou a "Brasiliana", a famosa coletânea de brasilismo, não mereceria Lampião – e de preferência, o seu?

Se você (nem eu), leitor, não acreditamos na sobrevivência de Lampião, José Viana, do Lagarto, fazendeiro sergipano e, mais perto de nós, Nertan Macedo, escrevendo seu livro, embora no presente histórico entretanto, com tal vivacidade e mestria, que até parece acreditar também o escritor cearense que *Capitão Virgulino Ferreira: Lampião*, está vivíssimo, e talvez se carteando com o autor, de lá de sua rede, de sua fazenda de cacau, junto com seus novos cabras, tão grapiúna quanto Adonias Filho, ou Jorge Amado...

Pena, sim, é que teime Nertan Macedo em se reeditar fora da "Brasiliana", pois, seu Lampião se não merece, acaso, a rede baiana de Itajuípe está a merecer, de há muito, um lugar ao sol na coletânea por excelência da história, da sociologia, da ciência etnológica, do folclore, da biografia científica bem cuidada, enfim, de comparecer à coleção verdadeiramente antológica de tudo que é brasilidade, da boa e melhor.

*Jornal do Comercio* (RJ) – 29.06.1968

## *CAPITÃO VIRGULINO DA SILVA LAMPIÃO*, DE NERTAN MACEDO

Zozimo Lima

O interessante livro *Capitão Virgulino da Silva Lampião*, que me oferece o jornalista e escritor Nertan Macedo, vem enriquecer a história verdadeira e as estórias sobejamente divulgadas, com lineamentos biotipológicos, que correm mundo sobre a figura humana do famigerado cangaceiro que dominou grande parte do sertão nordestino com as suas sangrentas tropelias.

O escritor Nertan Macedo, à maneira de Euclides da Cunha, no *Os Sertões*, traça perfunctoriamente embora mais precioso perfil do Rei do Cangaço, mostrando a influência do meio na formação da estrutura psíquica do bandido.

O trabalho inicial de Nertan, à guisa de prefácio, merece conhecido por quem não se entregou ao estudo da personalidade do cangaceiro, que se fez bandido integral por força das circunstâncias, cuja responsabilidade cabe, em parte, à prepotência acobertada pela má aplicação das leis ao talante da magistratura sertaneja.

Quando às vezes, atravesso parte do Raso da Catarina, em viagem a Paulo Afonso, começo a refletir em como era destemeroso e forte aquele sertanejo que afirmava a coragem indômita e a resistência física do marginalizado pela indiferença criminosa dos governos.

O capitão Virgulino Lampião poderia ter sido, como no começo da sua atividade de tropeiro a vadear a caatinga à frente dos burros de carga, um cidadão útil, socialmente necessário à coletividade.

Inutilizaram-no os façanhudos da polícia e da justiça que não compreendiam os prejuízos de certas manifestações anímicas dentro do atormentado clima ecológico da caatinga abandonada. Faltava a cura, pela escola, das enfermidades sociais.

Do livro de Nertan Macedo destaco o seu delicioso "Cancioneiro de Lampião", e repito, em solilóquio, o duodécimo canto.

*Luares de mortas luas*
*e luas da solidão,*
*na pisada da caatinga,*
*no compasso do pilão.*
*Minha mãe me dê uma lua,*
*vou atrás de Lampião,*
*o chapéu de Virgulino*
*é uma lua no chão,*
*quero ser lua, marido,*
*nos braços do capitão,*
*esquentar a sua rede*
*nos invernos do sertão.*

*Gazeta de Sergipe* (SE) – 11.07.1968

## NO TEMPO DE LAMPIÃO

Zozimo Lima

A história de Adolf Hitler, como a de Lampião, vem sendo, depois de desaparecido, constantemente repetida com verdades e exageros.

Dizem, agora, consoante reportagem de certa revista ilustrada, da Guanabara, que o monstro alemão, com o seu quartel-mestre Martin Borman, encontra-se vivo em certo ponto do território uruguaio.

Quando certas publicações, de grande difusão, começam a ser menos procuradas, seus redatores apelam para o sensacionalismo, como este, agora, da localização do chefe do extinto Partido Nacional Socialista alemão, no país vizinho, o que poucos acreditam.

Lampião está morto, não há possibilidade de provar a sua "ressurreição". A sua cabeça, como a de outros, inclusive a de Maria Bonita, decepada a 28 de julho de 1938, em Angicos, pelas tropas do tenente alagoano Bezerra, foi para o Instituto Médico Legal de Salvador.

Nos livros escritos sobre Lampião, a começar pelo do Ranulfo Prata, até os de Eduardo Barbosa, Nertan Macedo, Joaquim Góis há manifesta injustiça.

Neles não consta o nome do major Honorino Leal, uma das principais figuras entre os que combateram Lampião, na segunda investida contra a Capela, a 16 de outubro de 1930.

Pois foi Honorino Leal que, de fuzil em punho, ao lado do sargento de polícia Saturnino, em fuga, na praça do Cemitério ofereceu tenaz resistência aos nove cangaceiros que tentavam penetrar no centro da cidade, trazendo, como reféns, os senhores Felix da Mota Cabral, do engenho Pau Seco, José Cabral Filho, do engenho Pedras, José Xavier de Andrade, do engenho Lavagem e mais Jocundino Calazans e Manuel de Melo Cabral Filho.

Honorino Leal animou o grupo, diante da audácia dos bandidos, postados a poucos metros de distância, a manter firme a resistência, fazendo-os recuar para outra direção, além da chamada rua do Lá Vem Um.

É imperdoável a omissão do nome de Honorino Leal, que recusou, com padre Juca, a proposta feita pelo bandido, por intermédio do refém Felix Cabral, de entrar pacificamente na cidade pela segunda vez, como o fizera da primeira, um ano antes.

E o tiroteio foi cerrado, partindo tiros até das torres da Matriz, fazendo com que os bandoleiros recuassem.

É de justiça que futuros historiadores da incursão trágica de Virgulino Lampião, corrijam, nos seus livros, os enganos e a omissão do nome do major Honorino, verdadeiro herói, como outros capelenses, na luta para que a cidade ameaçada não fosse entregue ao saque e ao assassínio por aqueles monstruosos criminosos.

Deverá ter algum valor o meu testemunho, porque lá me encontrava nas duas vezes que Lampião esteve na Capela. A primeira, pacificamente; a segunda, com propósito de satisfazer os seus instintos sanguinários. Fui, até, quando da primeira visita do bandido, ameaçado pelo mesmo de ser degolado, caso transmitisse, pelo telégrafo, do qual eu era o chefe, a sua estada no momento, ali.

*Gazeta de Sergipe* (SE) – 28.05.1969

## O VELHO SIMPÁTICO E GENTIL, O MAIS FEROZ E TEMIDO MATADOR DE CANGACEIRO

Magro, alto, elegante, todo vestido de azul celeste, lá está o coronel Mané Neto. Se não fosse aquele Taurus 38, cano médio, na cintura, ele poderia ser definido como um velhinho simpático e indefeso. Indefeso, jamais: quando me aproximei dele, um tanto bruscamente, brecando o carro a poucos metros, a mão (fina, delicada) do coronel ameaçou puxar o Taurus da cartucheira. Mas um grito – "É jornal, coronel! É do jornal!" – guardou os reflexos do coronel para outra ocasião. Mas ele ainda desconfiou:

– Abra a porta do carro, meu filho. Vamos, desça, venha cá. Devagar.

A voz é pausada, suavíssima, é quase uma sonata. Vamos manter o simpático na definição do coronel. Ou melhor: vamos chama-lo de encantador. Mesmo quando ele, escudando-se em desculpas gentilíssimas, diz que não vai falar de homens sangrados, cabeças cortadas, atrocidades de um modo geral. Não, ele não vai falar de jeito nenhum sobre a fama dele: o mais feroz e destemido caçador de cangaceiros de que já se ouviu falar. A opinião – de ex-cangaceiros e policiais da época – é unânime. O próprio Lampião dizia dele: "Se os macaco vier sem Mané Neto é como se não fosse nada". Ou: "Se Mané Neto chegou, precurem sarvar metade da vida que a outra já foi". Os cangaceiros sobreviventes chegam a fazer caretas quando se toca no nome dessa gentil criatura. Segundo eles, Mané Neto jamais poupou a população civil que, supostamente, não lhe queria dar a direção de Lampião. Os colegas de Mané Neto elogiam a sua bravura, sem cair em detalhes.

Então, a gente fica sem jeito de acreditar que uma pessoa tão delicada, um velhinho de conversa agradável (ele deve estar com uns 60 e tantos anos) como este coronel de azul celeste tenha um passado tão sanguinário. Uma coisa é verdade: aquele conjunto azul celeste elegante cobre as marcas de mais de 30 balas. Daí o Taurus e o reflexo extraordinário para a sua idade. Mas por que tantas balas? Não se pode dizer que as brigadas na caatinga, entre polícia e cangaceiro, pelo menos na primeira fase, até 1928, tenham primado por geniais esquemas táticos. Era um grupo na frente do outro, atirando. É claro que, de vez em quando, um grupo ou outro armava um esquema de pegar o inimigo pela retaguarda. Mas será que essa obviedade pode ser chamada de tática? Muitas das 30 balas do coronel (tenente, na época) Mané Neto foram recebidas pelo fato de ele não suportar ficar agachado, atirando. Era do tipo que se levantava, de peito aberto, para xingar os inimigos com os mais tradicionais palavrões. E tome bala.

A guerra entre polícia e cangaceiro tinha disso. Geralmente era o cangaceiro que se expunha, de pé, para perguntar:

– Com quem luto?

– Com Mané Neto (um exemplo)

– Então vai ser um arrocho!

E tome bala. Esses estranhos diálogos entre os inimigos chegou a certos requintes quando, em 1926, o então tenente Higino atacou um grupo usando pela primeira vez uma metralhadora. Os cangaceiros, depois do susto, gritavam:

– Nêgo safado (Higino é um tipo escuro, acaboclado), passe essa "costureira" pra cá!

– Venha buscar, seu filho...

O coronel Mané Neto não quer falar do passado. Nem aceita convites para fazer conferências em escolas militares. Parece que o passado lhe dói muito. Ele tem uma fazendinha em Ibimirim, no sertão pernambucano, um jipe velho, e quer o resto da vida em paz. Mesmo

assim, o suave coronel reforça uma observação do jornalista pernambucano Fernando Menezes, quando se mostra muito irritado com os caminhões de carga. O jornalista observara que os caminhões que passam pelo sertão são os novos cangaceiros. Insinuantes, piscando mil luzes, enfeitados de todas as cores, dirigidos por um príncipe que conhece a fala de outras terras e gentes, os caminhões excitam e atraem as mulheres sertanejas. Aquela atração que o cangaceiro de cabelos longos, cheio de metais cintilantes e histórias heroicas, usava para conquistar as marias bonitas da época.

– Esses caminhões – diz o coronel com um toque sutil de irritação na voz – são umas desgraças. Já levaram umas dez garçonetes daqui.

*Jornal da Tarde* (*O Estado de S. Paulo*) – 31.07.1973

## A HISTÓRIA QUE NOS PERDOE. MAS POR QUE NÃO SE CONTA DE UMA VEZ A VERDADE SOBRE O CANGAÇO?

Higino José Belarmino

Dizer que Padim Ciço, um santo, fez Virgulino Ferreira um bandido é um sacrilégio. Mas o santo fez o bandido virar capitão, sim, embora historiadores do cangaço omitam esse episódio em seus livros. Há outras omissões. Embora os personagens da História ainda estejam dispostos a depor para a História. Por enquanto, porque estão todos muito velhos.

O coronel aposentado Higino José Belarmino, o homem que mais combates travou com Lampião e seu bando, durante a primeira fase do cangaço, até 1928, desistiu de ler qualquer livro, jornal ou revista que trate desse assunto. Tem dois motivos para isso. O primeiro é pessoal: até hoje, segundo ele, ninguém descreveu corretamente a morte dos dois irmãos de Virgulino Ferreira, Antônio e Livino, considerados por todos como mais violentos, ferozes e ousados do que o irmão. Prova é que morreram logo, em combates com o então tenente Higino. O segundo motivo – e o que mais irrita o coronel – é a sua obsessão pela minúcia. "Já perdi a conta dos doutores (escritores, jornalistas, sociólogos) que vieram aqui falar comigo. E esta é a segunda vez que trazem a maquininha (gravador)". A maioria dos entrevistadores do coronel conversava horas – até dias – com ele, anotando um dado ou outro, geralmente datas. "Um negócio feito assim só pode sair torto", diz ele. O coronel está alertando, com muita seriedade, todos os estudiosos do assunto.

A maioria dos livros históricos – que fique claro: a maioria – ou ensaios sobre cangaceirismo parte de premissas discutíveis (alguns até partem de preconceitos) ou escolhem, a esmo, um determinado ângulo do fenômeno. Então temos livros que, sem maiores explicações, rotulam Lampião de "revolucionário", vestem-no de Robin Hood, tratam as volantes como "for-

ças opressivas" e, no fundo, descrevem o velho lugar comum que leva o leitor a identificar o bandido como mocinho e vice-versa. Se a intenção é política, esses escritores perdem, nos seus preconceitos, ótimos detalhes que até ajudariam a defesa de suas teses; que, por exemplo, os métodos usados pela polícia na luta, em nada, mas em nada mesmo, se diferenciam dos métodos dos cangaceiros. Quando o coronel Higino diz que "eu era um boi", fica claro sua identificação com os inimigos. A volante, enfim, seria um grupo de cangaceiros funcionários públicos. Igualmente ferozes e ingênuos. Outros pontos: não é possível pesquisar o cangaço sem o conhecimento profundo da República Velha, das condições socioeconômicas do Nordeste, na época, da psicologia do seu povo, das complicadíssimas árvores genealógicas, os clãs, os feudos, as pequeninas máfias. Como falar de cangaço sem o entendimento das relações estado-igreja-povo? A função dos beatos, o messianismo, o compadrismo político, tudo isso contribuindo direta e indiretamente para a formação dos bandos sanguinários, na verdade manuseados por uma série de elementos que vão desde o cínico senhor feudal às relações econômicas do Nordeste com o Centro-Sul. Há um exemplo edificante, de um homem que pesquisa o assunto há mais de vinte anos e ainda não escreveu o seu livro: o paulista Antônio Amaury C. Araújo.

À medida que ele avança no conhecimento do cangaceirismo, mais dados lhe são exigidos. Talvez uma pesquisa dessas, que além de muita cultura e paciência, obriga a gastos inestimáveis de dinheiro, nunca venha a ser feita no Brasil. A solução poderia estar num trabalho de equipe, financiado por uma riquíssima instituição cultural. E alguém teria realmente interesse de esmiuçar tão obsessivamente um período regional da História do Brasil? É fácil concluir que um trabalho assim é impossível, mas não se pode perdoar a desonestidade (ou o despreparo, vá lá) de alguns autores. Como é possível perdoar um "historiador" que, pelo simples fato de venerar o Padre Cícero do Juazeiro, omita da sua "história do cangaço" o episódio da "promoção" de Virgulino Ferreira a "capitão"?

Alguns personagens desta página – todos da primeira fase do cangaço, a mais desconhecida, que vai de 1914 a 1928, quando Virgulino atravessou o rio são Francisco e foi brigar na Bahia – estão dispostos a testemunhar, depor. Ainda podem chegar à minúcia. Mas os historiadores bem-intencionados devem se apressar: a média de idade dessa primeira fase está por volta dos oitenta anos. A arteriosclerose começa a apagar a memória de muitos. A morte natural está bem próxima. E logo agora que se descobre que cangaceirismo está longe de ser um assunto esgotado pela História, como dão a entender os representantes do sensacionalismo escrito, falado, filmado e televisionado.

*Jornal da Tarde* (*O Estado de S. Paulo*) – 31.07.1973

## LAMPIÃO

Regina Chagas Pereira

*Era uma vez uma cor uma história um amor*
*Se um dia eu pudesse*
*Ser ligada de novo*
*Ao circuito da vida*
*Ao circuito do tempo*
*Ser de novo uma parte*
*Que vence e caminha*
*Se um dia eu pudesse*
*Ser de novo um calor*
*Nos olhos e nas mãos*
*E no silêncio vivo*
*Ser de novo uma luz*

*Mas os fios se partiram*
*E não sei nada mais*
*Dos mistérios do mundo*

*Hoje só tenho a noite*
*Desse vidro vazio*

*Dessa hora parada*
*Tenho vida de fada*
*Um punhado de cinzas*
*Numa terra gelada*
*E ninguém me conhece*
*E ninguém me procura*
*E ninguém adivinha*
*Porque nada me vale*

*Nem a estrela brilhante*
*Nem a curva do vale*
*Nem o bosque cheiroso*
*Nem a espuma do mar*

*Porque nada me compra*
*Porque nada me tenta*
*Porque toda a minha sorte*
*É meu mal e minha morte*
*Porque nada possuo longe*
*Do mundo em fio.*

*Era uma vez uma cor uma história um amor*
*Um dia de primavera*
*Uma vida que passou*
*Eu tento sem luz*
*Consertar essa cor*
*Consertar esse dia*
*Consertar esse amor*
*Sou ainda Lampião*
*Nesse gesto de ódio*
*Nesse grito de dor*
*Nesse longo rancor.*

*Tribuna da Imprensa* (RJ) – 13.10.1973

## LAMPIÃO AINDA É HEROI

Trinta e cinco anos depois de morto, Lampião é reverenciado pelos nordestinos com entusiasmo com que se reverencia o Padim Ciço, Antônio Conselheiro, Corisco, Antônio Silvino e Frei Damião (este ainda vivo), entre outras personalidades cujo misticismo, capacidade de liderança ou trabalho em favor dos mais humildes os consagraram na admiração popular.

"O Lampião não possuía nenhum estigma de criminalidade. Era um homem normal" – continua afirmando como há 35 anos, o professor Arnaldo Silveira, que a 5 de agosto de 1938 examinou a cabeça de Virgulino Ferreira e de Maria Bonita. Ele tinha sido incumbido de confeccionar uma matriz das duas cabeças, para possíveis reproduções mas encontrou-as quase em pedaços. Trazidas de Angicos para Maceió dentro de uma lata cheia de cachaça as cabeças estavam praticamente esfaceladas. O médico teve de fazer uma restauração recorrendo à madeira para os enxertos.

"Eles usavam cabelos compridos e os soldados fizeram uma trança para conduzir as duas cabeças à presença das autoridades" – lembra o professor Arnaldo, que afirma ter sido obrigado a recompor inclusive a cabeleira de Lampião e de Maria Bonita, utilizando-se de cabelos de outras pessoas. Quanto a Maria Bonita, Arnaldo Silveira lembra que as fortes contrações dos músculos faciais indicam que ela foi degolada antes de vir a morrer. Durante cinco anos essas cabeças ficaram em poder dele, até que foram entregues ao museu do Instituto Médico Legal Nina Rodrigues onde ficaram até 6 de fevereiro de 1969, quando foram enterradas, juntamente com a cabeça de Corisco, no cemitério das Quintas do Lázaro.

O professor acha a decisão de enterrar as cabeças dos cangaceiros acertada, mesmo porque elas não têm mais nenhuma utilidade para a ciência. Enquanto ficaram em poder dele,

as cabeças conservaram até a cor natural da pele, pois o professor empregava, na época, um processo que ele chama de ítalo-alemão, que consistia em injetar parafina nos tecidos, provocando sua desidratação. "Quando as cabeças foram para o museu – conta Arnaldo Silveira – passaram a ser conservadas por outro processo e perderam totalmente suas características."

*O Estado de Mato Grosso* (MT) – 06.11.1973

## UMA OBRA À PROCURA DE UM EDITOR
(*Lampião, seu Tempo e Seu Reinado)*

José Rafael de Menezes

Foi-me confiada a leitura e revisão de um trabalho de proporções gigantescas: *Lampião, seu Tempo e Seu Reinado*. Os dados do empreendimento são impressionantes: 1.000 laudas datilografadas; 62 capítulos; 526 notas; 120 fotos; 83 mapas... Será que Lampião é tema para tanto material? Será que Lampião ainda é assunto? E o mais questionável: o autor é um sacerdote. Padre mesmo de carreira paroquial, com sua reverência e sua ortodoxia, seu zelo apostólico e sua perseverança vocacional.

Nos muitos anos de seu ministério no Sertão, o padre Frederico Bezerra Maciel foi escutando notícias sobre as atividades dos marginais do cangaço; foi se impressionando com a superioridade de um deles – Lampião. Observou a variedade dos julgamentos. Viu-se aos poucos provocado para se definir. Procurou esclarecimentos junto a vítimas e a protegidos. Por curiosidade visitou cartórios, leu relatórios oficiais, correspondências particulares, bilhetes passaportes, folhetos populares. Incursionou pela bibliografia pretensiosa. E se sentiu obrigado a resumir e a rever... Daí a ideia do livro, já na metade pelo que recolhera curiosamente. Decidiu-se então aprofundar a pesquisa e consultou 30 mil exemplares de jornais. Traçou um roteiro histórico-social, pluricultural, de uma obra muito além de biográfica, ecológica. De análise e interpretação de toda uma área sertaneja, pouco estudada – a dos afluentes do São Francisco, Pajeú e Moxotó; das cidades e dos costumes. Dos líderes. Dos incidentes entre 1910 e 1940. Tudo se destinando a explicar o fenômeno Lampião, mas transbordando do personagem e valendo na seriedade do expositor, como estudo geoecológico, social, histórico. Para ser mais útil e original, no seu imenso esforço, o padre Frederico traçou mapas, reconstitui áreas culturais, desenhando casas, figuras humanas, animais, objetos – com pendores excepcionais. De uma multiplicidade minuciosa. Sem dúvida com despesas, em material, com riscos para se aproximar. E muitas horas, e muitos anos. Trinta anos de pesquisa. Esses detalhes, esse esforço, essa paixão logo se me impuseram. A um professor, a um intelectual, a um escritor, tanto trabalho e tanta perícia, tanto empenho e tanta organização, modelavam-se: para registrar, para divulgar, para exortar...

Após a leitura dos primeiros volumes posso afirmar que a obra vale. Que toda essa peripécia se compensa. O escritor existe e provoca. Haverá de esperar, de um homem erudito, de um historiador, de um sacerdote à antiga, a verbosidade, o rigor clássico, a abundância retórica. Pelo já lido há surpreendentemente uma linguagem audaciosa. Uma abertura quase insólita, pelo conviver e pelo misturar – como pelo inovar – termos e períodos, frases e conceitos, estrutura do ensaio gigantesco. Nada pacífico. Nada bem comportado. Um desafio ao leitor. Como sucedeu ao *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, e à *Pedra do Reino*, de Ariano Suassuna. Sem ter tido o propósito de seguir esses mestres, vindo acidentalmente erguendo sua obra, o padre Frederico é pródigo como expositor. É um escritor, com muitas complicações, mas um escritor... E sua documentação resiste, conduz a segurança da responsabilidade do autor e se comprova, pelas fontes exaustivamente referidas. Estamos então diante de um livro. De um possível grande livro, só dependendo de um editor.

Na missão que me foi confiada, de rever e sugerir uma reestruturação da obra, sinto-me vencido. É impossível alterar um trabalho que foi se erguendo em etapas, circunstâncias e que conduz a marca do seu autor, nada acadêmico. Limito-me a ler com proveito e deleito, de sertanejo. Possuo motivos de discordâncias em alguns pontos, mas na maioria das teses ou das versões, tenho me modificado. Acredito que o livro poderia ser bem menor, desde que há excessivo zelo por anotações, discrições, comprovações. Mas como já afirmei, é difícil alterar o conjunto. É quase impossível podar. Um editor sem ambição de lucros. Um editor público – de finalidade cultural, como a Universidade, como o Instituto Nacional do Livro, como o Instituto Joaquim Nabuco, o Instituto Histórico.

O trabalho do padre Frederico: *Lampião, Seu Tempo e Seu Reinado* é grandioso e desafiante. Polêmico, exaustivo. Mas de uma grandeza que abala o leitor dos originais e exige um grande editor.

*Diário de Pernambuco* (PE) – 04.02.1974

## LAMPIÃO

Rachel de Queiroz

O finado capitão Virgulino Ferreira até parece um assunto sazonal, que vai e volta com o tempo. Agora está em fase de retorno, volta aos palcos, às vitrinas das livrarias, às câmaras de cinema. Não foi um mês atrás, Isabel Câmara, aquela mineira de tanto talento que fez uma peça linda e muito importante – "As Moças", veio conversar comigo, muito interessada, parece, num filme sobre Lampião. Pela garra com que vai, pela força que tem, espero que o filme saia obra excelente.

Mas quanto mais se acumula material sobre Lampião, inspirado em Lampião, discutindo Lampião, revivendo Lampião, mais se aumenta a parte inventada, falsificada, apócrifa, desse material. Não digo que ninguém tenha direito de inventar sobre uma figura histórica – o que é o caso de Lampião. Mas inventar criando, fazendo arte é uma coisa, e inventar falsificando e

alegando que o falso é verdade é coisa muito diferente.

Por isso recebo com muito apreço e interesse a nova edição do livro de Rodrigues de Carvalho *Serrote Preto – Lampião, seus Sequazes*.

*Serrote Preto* é, acima de tudo, o livro de uma testemunha. Que conheceu Lampião pessoalmente, tratou com ele; que morou nos lugares onde ele viveu, conviveu com os seus amigos, parentes e camaradas. Que lhe soube a história como se sabe a história de um vizinho e contemporâneo, com minúcia e realidade. Que lhe acompanhou a carreira aventurosa, a vida de sangue e fogo, os combates e as derrotas, até o final de tragédia.

Os casos lampiônicos narrados por Rodrigues de Carvalho na maioria não constam da biografia oficial do bandido que já se tem compilado; são casos outros tirados das próprias memórias do autor, resgatados das suas lembranças pessoais. Tem um gosto seco de autenticidade, não se enfeitam com a concatenação bem arranjada das recordações recompostas com o auxílio da imaginação. Ali o que se diz é a verdade, a verdade de Lampião como Rodrigues de Carvalho a viu, como a sabe contar. O livro é compacto, grosso, muitas vezes talvez fatigue um pouco. Mas a verdade é assim mesmo. Quem já pesquisou documentos para a reconstituição de um fato ou de uma figura histórica, sabe que é assim mesmo; por cada página de real interesse, onde a vida palpite e se reabra, o estudioso terá que correr muito material de interesse menor – passar a ganga para chegar ao ouro.

Agradeço ao meu confrade Rodrigues de Carvalho a oferta do volume de *Serrote Preto* que teve a gentileza de trazer pessoalmente à minha casa. Foi um presente muito valioso, devidamente apreciado pelos que, como nós, são velhos amadores da lenda e da paixão do mais famoso dos cangaceiros nordestinos – o Capitão Virgulino Ferreira da Silva – Imperador do Sertão.

*Diário do Paraná* (PR) – 18.01.1975

## FEIRA DE CABEÇAS

Aurélio Buarque de Holanda a Carlos Domingos

De latas de querosene mãos negras de um soldado retiram cabeças humanas. O espetáculo é de arrepiar. Mas a multidão, inquieta, sôfrega, num delírio paredes-meias com a inconsciência, procura apenas alimento à curiosidade. O indivíduo se anula. Um desejo único, um único pensamento, impulsa o bando autômato. Não há lugar para a reflexão. Naquele meio deve de haver almas sensíveis, espíritos profundamente religiosos, que a ânsia de contemplar a cena macabra leva, entretanto, a esquecer princípios e convicções. Leva a esquecer que essas cabeças de gente repousam, deformadas e fétidas, nos degraus da calçada de uma igreja.

Cinco e meia da tarde. Baixa um crepúsculo temporão sobre Santana do Ipanema, e a lua crescente, acompanhada da primeira estrela, surge, como espectador das torrinhas, para testemunhar o episódio: a ruidosa agitação de massas que se comprimem, se espremem, quase se trituram, ofegando, suando, praguejando, por obter localidade cômoda, próxima do palco.

Desenrola-se o drama. O trágico se confunde com o grotesco. Quase nos espanta que não haja palmas. Em todo caso, a satisfação da assistência traduz-se por alguns risos mal abafados e comentários algo picante, em face do grotesco. O trágico, porém, não arranca lágrimas. Os lenços são levados ao nariz: nenhum aos olhos. A multidão agita-se, freme, sofre, goza, delira. E as cabeças vão saindo, fétidas, deformadas, das latas de querosene – as urnas funerárias –, onde o álcool e o sal as conservam, e conservam mal. Saem suspensas pelos cabelos, que, de enormes, nem sempre permitem, ao primeiro relance, distinguir bem os sexos. Lampião, Maria Bonita, Etelvina, Luís Pedro, Quinta-feira, Cajarana, Diferente, Caixa de Fósforo, Elétrico, Mergulhão...

– As cabeças!

– Quero ver as cabeças!

Há uma desnorteante espontaneidade nessas manifestações.

As cabeças. Não falam de outra coisa. Nada mais interessa. As cabeças.

– Quem é Lampião?

Virgulino ocupa um degrau, ao lado de Maria Bonita. Sempre juntos, os dois.

– Aquela é que é Maria Bonita? Não vejo beleza.

O soldado exibe as cabeças, todas, apresenta-as ao público insaciável, por vezes uma em cada mão. Incrível expressão de indiferença nessa fisionomia parada. Os heróis de tantas sinistras façanhas agora desempenham, sem protesto, o papel de São João Batista...

Sujeitos mais afastados reclamam:

– Suspenda mais! Não estou vendo, não!

– Tire esse chapéu, meu senhor! – grita irritada uma mulher.

O homem atende.

– Agora, sim.

A pálpebra direita de Lampião é levantada, e o olho cego aparece, como elemento de prova.

Velhos conhecidos do cangaceiro fitam-lhe na cabeça, olhos arregalados, num esforço de comprovação de quem quer ver para crer:

– É ele mesmo. Só acredito porque estou vendo.

Ouve-se, de vez em quando:

– Mataram Lampião... Parece mentira!

Virgulino Ferreira, o rei do cangaço, o "interventor do sertão", o chefe supremo dos fora da lei, o cabra invencível, de corpo fechado, conhecedor de corações fortes, vitorioso em tantos recontros –, Virgulino Ferreira, o Capitão Lampião, não pode morrer.

E irrompe (...):

– Parece mentira!

No entanto é Lampião que se acha ali, ao lado de Maria Bonita, junto de companheiros seus, unidos todos, numa solidariedade que ultrapassou as fronteiras da vida. É Lampião, microcéfalo, barba rala, e semblante quase doce, que parece haver se transformado para uma reconciliação póstuma com as populações que vivo flagelara.

Fragmentos de ramos, caídos pelas estradas, durante a viagem, a caminho, entre Piranhas e Santana do Ipanema, enfeitam melancolicamente os cabelos de alguns desses atores mudos. Modestas coroas mortuárias oferecidas pela natureza àqueles, cujas existências decorreu quase toda em contato com os vegetais – escondendo-se nas moitas, varando caatingas, repousando à sombra dos juazeiros, matando a sede nos frutos rubros dos mandacarus.

Fotógrafos – profissionais e amadores – batem chapas, apressados, do povo e dos pedaços humanos expostos na feira horrenda. Feira que, por sinal, começou ao terminar a outra, onde havia a carne-de-sol, o requeijão de três mil réis o quilo, com o leite fervendo, a boa manteiga de quatro mil réis, as pinhas doces, abrindo-se de maduras, a dois mil réis o cento, e as alpercatas sertanejas, de vários tipos e vários preços.

Ao olho frio das Kodak interessa menos a multidão viva do que os restos mortais em exposição. E, entre estes, os do casal Lampião e Maria Bonita são os mais insistentemente focados. Sobretudo o primeiro.

O espetáculo é inédito: cumpre eternizá-lo, em flagrantes expressivos. Um dos repórteres posa espetacularmente para o retratista, segurando pelas melenas desgrenhadas os restos de Lampião. Original. Um furo para *A Noite Ilustrada*.

Lembro-me então do comentário que ouço desde as primeiras horas deste sábado festivo: – "Agora todo mundo quer ver Lampião, quer tirar retrato dele, quer pegar na cabeça... Agora..."

Há, com efeito, indivíduos que desejam tocar, que quase cheiram a cabeça, como ansiosos de confirmação, por outros sentidos, da realidade oferecida pela vista.

Desce a noite, imperceptível. A afluência é cada vez maior. Pessoas do interior do município e de vários municípios próximos, de Alagoas e Pernambuco, esperavam desde sexta-feira esses momentos de vibração. Os dois hotéis da cidade, literalmente entupidos. Cheias as residências particulares – do juiz de direito, do prefeito, do promotor, de amigos dessas autoridades. Para muitos, o meio da rua.

Entre a massa rumorosa e densa não consigo descobrir uma só fisionomia que se contraia de horror, boca donde saia uma expressão, ainda que vaga, de espanto. Nada. Mocinhas franzinas, romanescas, acostumadas talvez a ensopar lenços com as desgraças dos romances cor-de-rosa, assistem à cena com uma calma de cirurgião calejado no ofício. Crianças erguidas nos braços maternos espicham o pescoço, buscando romper a onda de cabeças vivas e deliciar os olhos castos na contemplação das cabeças mortas. E as mães apontam:

– É ali, meu filho. Está vendo?

Alguns trocam impressões:

– Eu pensava que ficasse nervoso. Mas é tolice. Não tem que ver uma porção de máscaras.

– É isso mesmo.

Os últimos foguetes estrugem nos ares. Há discursos. Falam militares, inclusive o chefe da tropa vitoriosa em Angico. Evoca-se a dura vida das caatingas, em rápidas e rudes pinceladas. O deserto. As noites ermas, escuras, que os soldados às vezes iluminam e povoam com as histórias de amor por eles sonhadas – apenas sonhadas... Os passos cautelosos, inseguros, sobre os garranchos, para evitar denunciadores estalidos, quando há perigo iminente. Marchas batidas sob o sol de estio, em meio da caatinga enfezada e ressecada, e da outra vegetação, mais escassa, que não raro brota da pedra e forma ilhotas verdes no pardo reinante: o mandacaru, a coroa-de-frade, a macambira, a palma, o rabo-de-bugio, o facheiro, com o seu estranho feitio de candelabro. A contínua expectativa de ataque tirando o sono, aguçando os sentidos.

O sino toca a ave-maria. Dilui-se lhe a voz no sussurrar espesso da multidão curiosa, nos acenos fortes do orador que, terminando, refere a vitória contra Lampião, irrecusavelmente comprovada pelas cabeças ali expostas.

Os braços da cruz da igrejinha recortam-se, negros, na claridade tíbia do luar; e na aragem que difunde as últimas vibrações morrediças do sino vem um cheiro mais ativo da decomposição dos restos humanos.

Todos vivem agora, como desde o começo do dia, para o prazer do espetáculo. As cabeças!

A noite fecha-se. Em horas assim, seriam menos ferozes os pensamentos de Lampião. O seu olhar se voltaria enternecido para Maria Bonita.

Que será feito dos corpos dissociados dessas cabeças?

O rosto de Maria Bonita, esbranquiçado a trechos por lhe haver caído a epiderme, está sinistro.

Onde andará o corpo da amada de Lampião? A cara arrepiadora, que mal entrevejo à luz pobre do crescente, não me responde nada.

E Lampião? Sereno, grave, trágico. O olho cego, velado pela pálpebra, fita-me.

(1938 – Do livro *O chapéu de meu pai*)

*Tribuna da Imprensa* (RJ) – 17.07.1976

## ANTÔNIO AMAURY

Ele não nasceu no Nordeste. Mas sabe tudo sobre Lampião e o cangaço.

Ele sabe tudo da vida de Lampião e dos cangaceiros. Tem 80 horas gravadas sobre o assunto, um livro publicado, um segundo esperando por uma editora e mais dois em preparação. Aos 42 anos de idade, está quase abandonando a odontologia para se dedicar somente às pesquisas e, se chegar aos Cr$ 800 mil, fará isso sem sombras de dúvidas.

Há pouco mais de dois meses, a vida do dentista Antônio Amaury Corrêa de Araújo se transformou. Num belo sábado ele deixou a tranquilidade de um fim de semana junto com a mulher e os três filhos em sua casa no bairro Jardim Paulistano (SP), pegou um avião e veio se trancar no apartamento de um hotel no Rio de Janeiro esperando o dia seguinte para participar do programa "8 ou 800". Hoje, faltando apenas três semanas para chegar aos Cr$ 800 mil, o consultório em São Paulo está quase fechado, junto com os 40 diplomas de pós-graduação. Se antes Lampião e o cangaço eram um hobby em sua vida, hoje passaram a ser o assunto mais importante.

– Antes eu trabalhava no consultório de segunda a sábado, agora trabalho só segunda e sábado e, mesmo assim, com dificuldades. Se eu levava 30 minutos para fazer um trabalho, agora levo duas horas. Os clientes estão muito mais interessados em saber histórias de Lampião do que tratar dos dentes.

Foi quase por acaso que aos 16 anos de idade caiu nas mãos de Amaury um folheto sobre Corisco.

– Trazia a notícia da morte de Corisco e de mais quatro pessoas. Passei a procurar mais informações em jornais e revistas e aguçou a minha curiosidade ver que as notícias se conflitavam. Com isso despertou também o meu interesse e, num estilo Sherlock Holmes, passei a procurar saber qual era a verdade.

Em 1959, Antônio Amaury saiu de Araraquara e foi para São Paulo, aumentando assim as possibilidades de se dedicar ao assunto.

– Fui ser dentista da Companhia de Gás, e dizem que 95% dos nordestinos que vão trabalhar em São Paulo, vão pra lá. Foi o mesmo que jogar sapo n'água. Comecei a conversar com quem havia vivido o problema e gravando tudo.

Aos poucos, a casa de Amaury foi se transformando num república de ex-cangaceiros. – A Dadá, mulher de Corisco, ficou lá em casa seis meses. O irmão e a filha de Lampião também ficaram 20 dias.

Para não ficar fora do assunto, a família passou a ajudá-lo nas pesquisas e a acompanhá-lo nas viagens pelo interior. Foi assim que nasceu o primeiro livro e ainda inédito "Minha vida com Corisco", depoimento que a viúva do ex-cangaceiro lhe deu com exclusividade. O segundo livro, "Assim morreu Lampião", foi lançado e editado por conta própria em agosto de 1975 e foi baseado nele que a Blimp Filmes produziu o documentário "O último dia de Lampião", apresentado no programa "Globo Repórter". Amaury colaborou também na produção do documentário: "As mulheres no Cangaço" e do filme "Corisco, o diabo loiro", feito pela Cinedistri.

– Se não aparecer nenhuma editora lanço por conta própria o livro sobre Corisco, pois foi uma promessa que fiz a Dadá que está com 66 anos de idade. Já planejei o terceiro e o quarto livro, mas acontece que a história sobre o cangaço ainda está para ser contada e não vai ser eu quem vai contá-la.

No programa, para cada pergunta ele tem duas respostas. Uma correspondente a um dos 9 livros que entregou para a produção do programa e outra retirada de seus 26 anos de estudos sobre o assunto. Amaury é capaz de gaguejar quando se pergunta a idade ou a data do nascimento de seus filhos, mas, sobre o cangaço suas respostas são exatas e sabe todas as datas sem precisar pensar duas vezes.

– Existem pessoas que fazem uma ideia errada sobre mim, pois sempre digo que conheço os cangaceiros. Acontece que pra cada cangaceiro conheço dez policiais que os perseguiram.

Dona Renée, os filhos Junior, 13 anos, Carlos Elídio, 12, e Sérgia de 11 anos, que tem esse nome em homenagem à viúva de Corisco, acompanham de São Paulo as apresentações do pai no programa. Eles estão tranquilos, pois sabem que se depender dos conhecimentos de Amaury sobre o cangaço, os Cr$ 800 mil já estão ganhos.

– Aos sábados, eu chego ao Rio e vou para o claustro. Ainda não fui a lugar nenhum e aproveito para estudar. Durante a semana em São Paulo me tranco no consultório, desligo o telefone para poder ter sossego. Lá em casa, toda hora chega gente querendo conversar e contar histórias sobre o cangaço. No primeiro dia do programa eu me lembrei do Zé Baiano, um ex-cangaceiro, que quando lhe perguntaram se não tinha medo de brigar respondeu: "Antes do tiroteio me corre um friozinho pela espinha, depois quando esquenta ninguém me segura." Eu também fiquei assim.

Caso ganhe os Cr$ 800 mil, Amaury ainda não sabe o que vai fazer.

– Andam dizendo que vou construir uma estátua, outros dizem que vou dividir com os cangaceiros, mas nem mesmo minha mulher sabe o que vou fazer. Não quero me preocupar com o dinheiro enquanto não tenho. Já me acostumei a ser pobre e não é isso que vai mudar a minha vida.

Como as possibilidades da vitória são muitas, o mais provável é que ele coloque o dinheiro para render juros e se dedique somente a pesquisas.

– Há 11 anos pesquiso sobre um movimento que aconteceu em 1938 na Bahia e em Pernambuco chamado Pau de Colher. É muito mais difícil que o cangaço pois ninguém quer reconhecer que participou dele. Já trouxe gente desse grupo para ficar em minha casa e minha intenção é escrever um livro sobre esse assunto.

Livros, recortes, um objeto onde Lampião guardava cigarros e dinheiro, muitas histórias, povoam a casa de Amaury em São Paulo. Muitos cangaceiros já foram ajudados por ele, apesar de não gostar de contar esses fatos. Da odontologia, profissão que exerce há 20 anos, aos poucos está se afastando. Quem sabe conseguindo os 800 mil se afaste totalmente para se dedicar às pesquisas, a maior paixão na sua vida.

*O Globo* (RJ) – 27.11.1976

## DA TELEVISÃO AO LIVRO, UMA SÓ VERDADE
(*Assim morreu Lampião*, de Antônio Amaury Corrêa)

Alberto Silva

– Quero desistir porque o dinheiro corrompe.

Com essa frase aparentemente desconcertante, Antônio Amaury Corrêa de Araújo, decidiu se ausentar do programa "8 ou 800", apresentado todos os domingos pela Rede Globo, onde respondia sobre a vida de Lampião. Ele já estava para alcançar a reta final, ou seja, os Cr$ 800 mil, jamais claudicando em uma só pergunta, quando resolveu aceitar somente o prêmio de consolação de Cr$ 300 mil.

Esse episódio ele não conta em seu livro de estreia – embora haja referência de capa à ruidosa apresentação no vídeo –, talvez por não querer revelar um aspecto apenas entrevisto de sua visão de mundo. "O dinheiro corrompe".

No volume em causa, Antônio Amaury Corrêa de Araújo se limita – o que é mais do que suficiente – a narrar o último dia de existência do legendário Capitão Virgulino Ferreira. E o faz em estilo obviamente claudicante, algumas vezes falhando na clareza da exposição dos fatos, mas onde se pode vislumbrar uma boa dose de sinceridade pessoal, riqueza de detalhes, informações corretas (recola em seus devidos lugares inexatidões históricas a circular nestas últimas quatro décadas) e uma simpatia pelo personagem central que não exclui depoimentos antagônicos e até mesmo hostis.

*Assim morreu Lampião* está dividido em quatro partes:

1) A narrativa cronológica dos acontecimentos;
2) "Morte de Lampião na boca dos cantadores";
3) O noticiário da imprensa da época; e
4) Entrevistas com os sobreviventes.

Este é provavelmente o livro mais rigoroso e correto já aparecido no Brasil sobre as horas finais do famoso cangaceiro e de sua companheira Maria Bonita (chamada pelo bando apenas como Maria ou Maria de Lampião). Para escrevê-lo, o Autor se dedica a 20 anos de trabalho minucioso de coletar dados e ouvir sobreviventes da tragédia de Angicos, e aqui entrevista, entre outros, o Tenente Joao Bezerra, chefe da volante que dizimou os cabras, e Dadá, mulher de Corisco, ainda viva.

Revelando elogiável preocupação didática, Antônio Amaury focaliza o massacre ocorrido a 28 de julho de 1938, quinta-feira, cinco horas da manhã, numa grota próxima à fazenda Angicos, município de Vila Nova, Sergipe – a dois quilômetros da margem do rio São Francisco e a nove da cidade de Piranhas, Alagoas.

Lampião e mais 33 pessoas, entre as quais cinco mulheres, estavam "acoitados" ali quando irrompeu a fuzilaria desfechada por 48 soldados sob o comando do Tenente João Bezerra. O bando, recém-acordado, foi colhido de surpresa. Lampião levava a caneca a uma lata d'água quando recebeu um tiro na nuca. Estertorou de pé e depois cai morto.

Maria Bonita se achava na frente da sua barraca e penteava os cabelos. Teve os intestinos furados por uma rajada de balas. Há informações fidedignas, colhidas pelo autor, de que a

degolaram ainda viva, após ser desnudada e esfaqueada seguidamente.

A volante, terminado o morticínio de 11 membros do grupo cangaceiro (a maioria fugiu), decepou-lhes as cabeças para mostra-las como prova em Piranhas, Alagoas. Daí, posteriormente, elas foram enviadas à capital do Estado, Maceió.

A dois de agosto, quatro dias depois desses acontecimentos, autoridades sergipanas viajaram a Angicos para fazer o reconhecimento dos 11 corpos degoladas, todos putrefatos. Lampião estava nu da cintura para baixo, as pernas picadas pelos urubus, a pele era de um roxo negro e pelos cantos das unhas escorria um líquido viscoso da cor de cobre.

Maria Bonita era um montão de carne fétida, uma posta de músculos. No corpo somente uma calcinha vermelha. As autoridades apressadas, enterraram apenas cinco corpos, deixando os outros insepultos, por temor de contra-ataque dos cangaceiros sobreviventes.

Tudo isso é narrado por Antônio Amaury com a mais absoluta simplicidade, jamais em tom mórbido ou sensacionalista. Ao fim da leitura de suas páginas resta em nós a impressão de alguém que não está muito interessado em qualidade literária, mas sim em mostrar com dignidade e respeito a que nível pode chegar um pesquisador estafante e dedicado.

*O Globo* (RJ) – 06.02.1977

## O CERCO DE MOSSORÓ

Marcos de Vasconcelos

Tenho um caso pra contar da terra de Mossoró, cidade de quatro torres, cada uma de uma igreja. Num dia de pouco vento, o sol sonolento, ainda por detrás dos morros, veio o anúncio de morte: Lampião com mais cem cabras e na boca do bacamarte vinha acabar com as virgens, com a comida e mantimento e dinheiro todo da cidade. Mandou avisar por correio de pé e o povo que podia caçou jeito de ir-se embora com mulher e filharada, levando as trouxas com tudo que pudesse carregar. Tia Adelina que só comia papinha de frango de por causa do resguardo de filho, foi levada numa rede, feito defunta, para longe da peleja. Seu Maia não acreditou e subiu no morro para ver sinal de cangaço.

Esse seu Maia contava muita proeza, era homem de valentias, façanhudo, deu tapa na cara de boi, botou meganha pra correr, foi macaco da volante, cabra macho tava ali, segundo ele mesmo contava.

Pois não é que o Destino botou seu Maia cara a cara com Jararaca, um dos chefes de patrulha do bando de Lampião? Seu Maia, com o perdão da má palavra, borrou-se inteiro. Nunca tinha parado o olho em cima de cangaceiro e foi logo inaugurar o dia com o cangaceiro mais assassino que se conhecia até na beira d'água, lugar onde se sabe que cangaço não vai, ai Minha Mãe Madrinha Nossa Senhora dos Aflitos Meu Padim Pade Ciço!

– Aonde cê tá ino, cabra safado? Cê não sabe tirar as calça pra fazer porquera não, fi d'uma égua?

Seu Maia, para falar a verdade, não tinha um pingo de cor na cara; até o sangue fugiu. Quis falar, bateu queixo, não saiu nem vento, o que dirá fala.

– Destremela, cabra frouxo!

Com essa ordem seu Maia não teve recurso e disparou:

– Doutor Jararaca, a benção. Eu vim aqui pra encontrar o senhor mesmo porque eu sabia que o capitão Virgulino estava querendo visitar a capital aqui de Mossoró e eu vim oferecer minha casa, eu tenho grande admiração pelo senhor e a coisa que eu mais quero nessa vida por essa luz que me alumia e ao senhor é ser seu coiteiro e com a ajuda de Deus eu ainda vou obter essa graça.

Jararaca, calado, armou o gancho do rifle. Seu Maia, inteiramente enlameado, jorrou um esguicho em cada olho, ajoelhou, agarrou as mãos:

– Doutor Jararaca o senhor tenha piedade. Olha, eu tenho dezoito contos de réis, posso arrumar mais uns dois com seu Armindo botiqueiro e tenho um cordão de ouro que pertenceu à minha falecida irmã que deve valer quatrocentos mil réis no mínimo. Na mão do senhor, então, deve valer muito mais porque o senhor obriga o comprador a pagar um conto; tenho também uma rede fiada de algodão azul com varanda branca e uma faca de ponta prateada. Dou tudo isso pro senhor, mas pelo amor da Virgem Santíssima não dispara o bacamarte, ai Minha Mãe do Céu Minha Madrinha fazei que o Doutor Jararaca desista da façanha.

Não sei o que se deu, mas o caso é que Jararaca desandou a dar risada em cima de risada quá, quá, quá disparou o rifle pei! Com a boca pra cima e quá, quá, quá.

– Quer dizer que ce quer ser coiteiro, né, seu cheiro de obra! – parou de rir de repente, engatilhou – Some daqui que te encho o chifre de chumbo, cabra ordinário! Não vale o custo da prova.

Eu já vi gente pular e correr, mas daquele jeito, nunca. Seu Maia deu um pinote pra trás e com três passos ninguém mais viu o cabelo dele, só o rastro de lama e a catinga. Se ele não trava, ia parar nas salinas de Areia Branca.

No caminho mergulhou num corquinho que servia água ao rio Mossoró e já chegou de volta na cidade contando vantagem:

– Topei com Jararaca, embolei com ele, caímos no rio, eu desarmado, ele com três peixeira afiada até o meio das costas, dois punhal de catorze polegada, duas bandoleira com bala garrafinha e um bacamarte da boca assim. Botei o conjunto todo pra correr.

E rosnou, estufando o peito. Contou isso de tal jeito que até eu acreditei.

Aí botaram seu Maia pra dirigir a defesa da cidade. Corria o ano de 1927.

Tudo quanto era braço sertanejo foi chamado pra brigar. Foice, enxó, pistola de pederneira, papo-amarelo, peixeira, chuço, punhal, porrete, pedra e pau. Fecharam as bocas de rua com tudo que era terém de volume, dureza e empenho. E ficaram esperando a bradeira de Lampião e da cabraria.

De longe, o sol nascido, três pipocos de bala pei pei pei. Tudo arrepiou. Seu Maia novamente aliviou-se nas calças.

O eco dos tiros pei pei pei bateu nos longes.

– Eita que lá vem a embuança!

Foi um silêncio tamanho depois dessa fala que até cachorro calou a boca. Seu Maia, com a desculpa de vigiar do alto, sumiu na torre da igreja Nossa Senhora dos Martírios. Subiu e ficou lá caladinho, fingindo morto. Ele já tinha enfrentado peleja com cangaceiro hoje de manhazinha, antes até do café e desarmado! E logo o Jararaca!

A cidade, praça de guerra, sem vento, poeira parada, agourenta, pé-ante-pé, sussurra, pei

pei, mais dois longe. Eita.

Urubu bate asa e desce na praça pra sondar. Desconjuro passo preto. Lampião já tinha passado por Piancó, deu duzentos tiros; por Catolé do Rocha, cento e vinte; Santana de Cariri, trezentos e doze; São José do Egito, noventa e cinco; Exu, deu só dois porque quando ele chegou lá encontrou briga braba entre os Sampaio e os Alencar, não se meteu. Dois tirinhos só, coisa pouca, nos peitos de um cabo da volante, para não perder a viagem.

729 tiros em cinco cidades, mas tudo pequena. Agora em Mossoró, com quatro torres, só de cartucho ia encher dois cochos.

Pei. Eita.

Recado novo: Lampião mandou buscar dois bornais de couro com quatrocentos contos de réis, mas sessenta metros de pano-patente, que era morim, e mais vinte e seis de chita boca.

– Diz pr'ele mesmo vim buscar.

Quem falou? O sargento Damião do destacamento; um metro e cinquenta de carne preta socada, fardinha caqui com manga de pescar siri, perneira separada do solado de pneu, o boldrié surrado, frouxo de tão velho, o mapa no forro do quepe irreconhecível, mas ô cabra macho!

O moleque levou o recado malcriado do sargento. O prefeito que está junto e ouviu a malcriação, assumiu logo cor de defunto. Deu uma trabalheira medonha ser prefeito daquela desgraça, ele tá tinha sido tocado de Piancó pelo capitão Virgulino Ferreira o qual nasceu em Vila Bela, atual Serra Talhada, no ano de 1900 e faleceu em Angicos em 1938 feito passarinho, de bala de fuzil de carabina. Estava com vinte e sete anos de idade, um rapaz moço e o prefeito com esse medo todo. Medo de quê?

De finar-se, de bater a alcatra na terra ingrata, de largar a casaca, de dar o couro às varas, de bater a caçoleta. Porque não davam logo o dinheiro ao homem, a roupinha e ficava tudo na mesma?

Mas bastava olhar a cara do sargento Damião pra ver que Lampião ia ter é que buscar o ouro mesmo.

O correio, de volta, no bando:

– Capitão, fui lá. Pedi o dinheiro, o pano patente, o chitão, tudo conforme o senhor mandou. Um macaco lá disse que o senhor fosse buscar.

Quem conheceu Lampião sabe como é que ele virava fera. Não mexia o couro do rosto, ia ficando roxinho, o olho cego começava a vazar uma água preta, o outro bom acendia uma brasa, a boca afinava, e sumia, a veia do pescoço engrossava feito mandacaru-de-leite, fazia um ruído feito trovão abafado e botava fumaça pela venta dele.

Jararaca foi saindo de perto. Podia sobrar.

A voz do Capitão saiu esganada, mordida nos dentes:

– Quem foi o fi d'uma égua?

– Um macaco destamaninho assim, um nego preto socado que só pilão.

– Macaco meganha ou tinha divisa?

– Tinha três, Capitão. Sargento.

Lampião embranqueceu o roxo, tirou os óculos, secou o olho d'água, molhou o bom, para apagar a brasa, desinchou, botou a mão no queixo, queixou-se:

– Tamo é lascado! É o Damião.

Estão vendo? Eu não disse que esse Damião era carne de pescoço? Até Lampião conhecia ele. Aposto que arrepia carreira e vai pra Aracati, distante dali quase vinte e cinco léguas de chão reto, calcula curvando pra ladear montanha!

– Volta Seca! Rufino! Jararaca! Brilhante! Jesuíno! Ocê aí! Diabo Louro! Corisco! Mudei a ideia: vamos pra Aracati (não falei?). E vamo agurinha mesmo. Arreia as besta, recolhe a panelada. Lembrei que hoje é dia de São Câncio, Canciano, Cancianila e Proto. É dia de reza, não é de farra! S'imbora!

E assim Mossoró foi salva. Pois vocês acreditam que não fizeram festa pro Sargento, não aumentaram o ordenado dele que era uma miséria, nem disseram obrigado, cachorro!

Mas a história ainda não acabou. Quando não tinha mais vestígio de perigo, seu Maia, que tinha passado o dia na torre se desapertando, quando ia descer deu uma cabeçada no badalo do sino que abriu um furo assim na testa. Até hoje conta:

– De lá de cima vi dois cangaceiros, rastreando. Um seu soube logo quem era porque já tinha brigado com ele de manhã: o Jararaca. Fiquei lá, firme, com a parabélum na canhota, esperando o ataque. Quando botei a cabeça assim um pouco pra fora, nem ouvi o pipoco, foi feito um coice de mula na cabeça. Pei. Só acordei cinco horas depois. A bala pegou bem aqui, olha a cicatriz. Raspou e foi bater no sino da igreja. Um milagre de São Câncio, Canciano, Cancianila e Proto. Era dia deles.

*Tribuna da Imprensa* (RJ) – 23.03.1977

## O FLAGELO DOS CORONÉIS

José Carlos Ruy

*"Se os homens desse aos vivente / o que açambarca os banqueiro / e dividisse as quitanda / e tudo dos mazorqueiro / neste mundo de miséria / não havia cangaceiro".*

Este trecho de *Vida, aventura e morte de Lampião e Maria Bonita*, além de deixar clara a razão da existência do cangaço, também sugere o seu caráter, na medida em que este é visto como uma saída inevitável para os sertanejos explorados pelo latifúndio.

A decadência da economia nordestina, que se acentuou a partir da segunda metade do século passado, fez aparecer inúmeros fenômenos que configuram uma adaptação à ordem capitalista que se desenvolvia no Brasil, sem contudo tocar na estrutura produtiva baseada no latifúndio.

Do lado das classes dominantes, essa decadência provocou o aparecimento do coronelismo, enquanto entre a massa sertaneja, o misticismo (como Canudos, Juazeiro, Caldeirão, Contestado etc.) e o cangaço constituíram as respostas à situação de extrema miséria e opressão.

Inicialmente, as aventuras de Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião, tiveram como pano de fundo o conflito entre as famílias Pereira e Carvalho, de Pernambuco. "Sinhô" Pereira (Sebastião Pereira, neto do barão do Pajeú) reuniu um bando, em 1916, para vingar a morte de seu irmão.

Lampião e seus irmãos, da mesma região e aparentados com os Pereira, juntaram-se ao bando para vingar o assassinato de seu pai, em Mata Grande, Alagoas. Virgulino logo tornou-se o braço direito do chefe do bando, e, quando "Sinhô" Pereira resolveu deixar o cangaço, em 1922, ele assumiu o comando.

Com Lampião, o cangaço estendeu sua atividade por todo o sertão nordestino. Usando táticas de guerrilha, sabotagem, emboscadas, além de uma enorme rede de espiões, informantes e "coiteiros", os cangaceiros conseguiram estabelecer um poder que desafiou as polícias estaduais por duas décadas. Chegaram a existir mais de dez grupos, subordinados a Lampião.

Embora Lampião fosse o grande chefe, ele não era, entretanto, um chefe autoritário. Trocando ideias, aceitando críticas e sugestões, ele era "chefe sem ser carrasco", era guerreiro sem ser assassino, era líder sem ser prepotente".

Tinha uma ideia clara e sucinta do que fosse justiça social: " para ele, a fome secular do camponês era resolvida com o simples "tira dos ricos pra dá pros pobres". Suas relações com o poder político foram, porém, contraditórias.

Sendo ferrenhamente perseguido, como bandido temível, foi entretanto convocado por Floro Bartolomeu e Padre Cícero para lutar contra a Coluna Prestes, que, percorrendo o sertão, ameaçava as elites rurais com o fantasma da revolução. Num episódio marcado pelo grotesco, foi agraciado com o título de capitão, legitimado por um documento passado por um funcionário do Ministério da Agricultura, inspirado pelo "Padim". Lampião, entretanto, sequer tomou conhecimento da "Coluna", que jamais enfrentou.

A década de 30 marcou o ocaso do cangaço. A revolução de outubro provocou alterações políticas significativas, dando maior eficiência ao aparato policial dos Estados. O desarmamento geral determinado por Juarez Távora, se de imediato foi favorável aos cangaceiros, possibilitou, porém, a concentração de maiores recursos militares nas mãos dos governos estaduais, o que a mais longo prazo deu maior vigor à luta contra o banditismo.

Além disso, o próprio combate ao cangaço foi usado pelo Estado em sua política de subordinar o poder local dos coronéis. A fraqueza destes frente aos ataques dos cangaceiros fez com que procurassem a ajuda do Estado, que passou a monopolizar, de maneira crescente, as funções policiais tradicionalmente reivindicadas pelos coronéis.

Por outro lado, a industrialização no sul do país passou a oferecer uma nova alternativa de vida aos sertanejos: a migração. Com isso, muitos daqueles elementos mais ativos, que poderiam aderir ao cangaço, passaram a dirigir-se para os grandes centros urbanos do Sul.

A situação de Lampião começou a ficar difícil. As "volantes", mais eficazes, já não davam mais sossego ao grupo. Até que, em 28 de julho de 1938, levada por um delator, a força policial cercou o grupo, em Angico, no sertão de Sergipe.

Com o fim de Lampião, desapareceu não o flagelo do sertão, mas o flagelo dos "coronéis". Desapareceu aquele que, pelas vias transversas, procurou um pouco de justiça no sertão. Permaneceu, contudo, o coronel, com seu latifúndio e o conjunto de males que causam à população sertaneja.

*Movimento* (RJ) – 31.07.1978

## SOBRE O REINADO DE LAMPIÃO

Alberto Frederico Lins

(*Lampião, seu tempo e seu reinado* – Frederico Bezerra Maciel – Editora Universitária – Recife – 1979)

Uma coisa que sempre critico, ao escrever sobre o cangaço, é o número excessivo de trabalhos ruins que, a respeito do fenômeno social e os homens que o viveram, partejam os mais despreparados aproveitadores do assunto, riquíssimo filão no folclore da história do país nordestino. Alguns, excedem-se, a exemplo dos produtores, roteiristas e diretores do cinema nacional, insulados no Rio e em S. Paulo, que, além de deturpar os fatos, feminilizam e emasculam o homem do sertão, transformando o cangaceiro, viril, ignorante e leal, num Tarcísio Meira cor de rosa, cretinamente agarrado ao fuzil que não sabe manejar.

Vez por outra, todavia, surge, no emaranhado das asneiras de cineastas vadios e literatóides metropolitanos, pesquisa de real valor, trazendo lá do passado, autêntico, o perfil do cangaceiro e a terra em que nasceu para sofrer, viver penando e morrer na luta, mordendo o chão duro na agonia da morte solitária. Está neste último caso o estudo do padre Frederico Bezerra Maciel – *Lampião, seu tempo e seu reinado*, bem elaborado, e só na primeira parte dos anos juvenis de Virgulino, dando as 320 páginas do 1º Volume. E, chamando mais a atenção do crítico, ser bem escrito, expurgado do linguajar moderno eivado de erros, que a televisão do Sul herdou aos pobres tolos imitadores daqui. Noutra oportunidade estudarei o assunto do livro; agora, deter-me-ei no aspecto filológico, para mim importantíssimo àquele que queira escrever bem.

Leitura agradável, de quem, pelo menos, escreve português corretamente, pondo a suas ideias sem artifícios, frases feitas ou recorrendo a vocábulos ingleses. O seu "desprecatado", pág. 20, e "desadorado", 70, destacam-se. Bom neologista, aqui e ali sapeca a palavra popular, que ouviu, quando menino, nas ribeiras do Pajeú Natal. E não só na inovação portuguesmente gramatical, como no emprego de centenas de outros vocábulos, há muito esquecidos pela arraia miúda do jornalismo anão atual, o padre Frederico Maciel esbanja a riqueza vernácula da sua gente matuta, tão melodiosa aos meus ouvidos de camiliano purista. Anotei algumas palavras, para lição aos que, escrevendo sobre a jagunçada nordestina, costumam empregar o que viram no cinema americano, com John Wayne no papel do Lampião do Texas. E desfilam o compondo as harmonias das frases "corajudo", pág. 70; "desafastar", 71; "opinioso", 88; "esganiçado", 89; "ires e vires", 89; "desfazimentos", 97; "mucicando", 124; "catitante", 124; "esboca", 124; destinturando", 127; "camboçada", 129; "enchiqueirando", 137; "almocrevia", 138; "desfogavam-se", 139; "desarnar", 155; "tenência", 198; "encegueirada", 200; "engangento", 203; "sugicar", 203; "danisco", 225; "versidade", 227; "remanisco", 228; "belígero", 229; "esfolozados", 231; "abadocando", 233; "cirandância", 234; "solama", 264; "incoloiados", 266; "arrecursar", 269; "acatruzar", 271; "braiados", 273; "ensubacada", 277; "vupe", 277; "adjutorar", 284; "parecente", 289 ou "sucaro", 302.

Alguns engaços naturais, como "o qual cujo", pág. 74 e, mais adiante na página 91 "o mais mínimo", passam sem inçar de erronia vitanda a boa linguagem do escritor, na perfeita e metódica reconstrução do cenário do cangaço e dos tipos que o fizeram vibrar no espaço e no

tempo, percutindo o bronze do nosso passado regional. Condeno um "história" sem "H", que sujou o texto, injustificável sob qualquer critério, quer filológico, literário ou popular. Deve expurgar semelhante aleijão do 2º Volume e das próximas edições. Acredito que tenha passado despercebido ao ouvido do bom latinista que é. – Ego te absolvo. Amém.

*Diário de Pernambuco* (PE) – 14.10.1979

**MARIA BONITA**

Do cancioneiro popular

*Parando em Jeremoabo*
*Lampião não procurava*
*Mulher para conviver,*
*Pela vida que levava,*
*Porém a maior surpresa*
*A sorte lhe reservava.*

*Pertinho de Paulo Afonso*
*Pelo lado da Bahia,*
*Ele viu uma cabocla*
*Que lhe roubou a simpatia;*
*Era casada de novo*
*E se chamava Maria.*

*Maria Déa formosa*
*Embriagou Lampião,*
*Com sua beleza nata*
*Dominou seu coração;*

*Suas faces pareciam*
*Com o luar do sertão.*

*Entre ela e Lampião*
*Contam-se muitas histórias,*
*Com lutas e sofrimentos,*
*Com alegrias e glórias,*
*Vexames e prejuízos,*
*Com fracassos e vitórias.*

*Essa elegante baiana*
*Era a "misse" do sertão,*
*E por Maria Bonita*
*Batizou-a Lampião;*
*A natureza os uniu*
*Os dois num só coração.*

*Maria, uma certa noite,*
*Teve um sonho apavorante:*
*Onze caveiras sorrindo*
*Com um olhar fascinante,*
*Olhando a ela diziam:*
*Isso não vai adiante...*

*A 28 de julho*
*Do ano de 38*
*O tenente João Bezerra*
*Com seu batalhão afoito*
*Matou e desbaratou*
*O cangaceiro no coito.*

*Maria Bonita estava*
*Com Lampião abraçada*
*E cada soldado tinha*
*A sua arma apontada*
*Para eles e atiraram*
*Todos numa só rajada.*

*Por serem chefes de bando*
*Foram os dois mais visados,*
*Por mais de cinquenta balas*
*Seus corpos foram vasados,*
*Caíram ao chão para sempre,*
*Morreram os dois abraçados.*

*Maria Déa era um anjo,*
*Uma lindeza, um amô,*
*Uma princesa encantada*
*Que Lampião encontrou,*
*E seu amor foi tão grande*
*Que nem a morte acabou.*

*Diário de Pernambuco* (PE) – 11.05.1980

## RAUL MOSTRA LAMPIÃO SEM FANTASIAS

A reconstituição da história de Lampião está contada no livro *A Marcha de Lampião – Assalto a Mossoró*, do médico Raul Fernandes, que será lançado no próximo dia 9, às 17:30 horas, na Livraria Universitária. Segundo o autor, a obra tem a preocupação de mostrar como os fatos aconteceram, realmente, já que inúmeros trabalhos sobre o cangaço e a figura de Lampião foram publicados, com uma carregada dose de fantasia.

*A Marcha de Lampião, Assalto a Mossoró* – levou vinte e cinco anos para ser escrito e tem como ponto principal o episódio da resistência a Lampião em Mossoró, na época em que Rodolfo Fernandes (filho de Rodolfo Fernandes) que decidiu escrever porque assistiu toda a luta, embora não tenha participado ativamente, e frisa: "é um livro de história e foge a tudo que há escrito sobre cangaço".

Confessou o autor que não foi fácil escrever o livro, sobretudo pela sua insistência em "fazer literatura" em cima dos fatos, mas contar o que aconteceu na época e para isso ele viveu a própria luta, contatou pessoalmente com bandidos participantes do bando de Lampião, reféns e defensores e ainda leu alguns livros sobre o assunto. Apesar das muitas coisas escritas que não correspondem à verdade, Raul Fernandes disse que há muitos livros, por seu turno, que contam a verdade.

No livro ele desmistifica também a fantasia que se construiu em torno de Lampião, que segundo disse, não tinha muito "enfeite", se vestia sobriamente e não havia chapéu de couro, que hoje caracteriza a figura de Lampião em filmes e livros. "O chapéu dele era de feltro, como se usava na época e sua roupa era a farda militar'.

Todo ilustrado com fotografias da época – dos reféns, dos bandidos, de Lampião, das casas, das trincheiras de Mossoró – o livro foi muito difícil de ser concluído, conforme disse Raul Fernandes que garante não ter mais disposição para escrever livros de história, devido às inúmeras dificuldades que enfrentou. Com 72 anos, estudos realizados na Alemanha e Estados Unidos, doutorado, vários tratados sobre assuntos médicos publicados, ele disse que seu único interesse pela história foi sobre Lampião, e isso porque vivenciou.

No livro, o autor informa que a luta de Lampião em Mossoró não aconteceu na torre da Igreja São Vicente, como contam algumas obras, mas na residência de seu pai, Rodolfo Fernandes, na época prefeito da cidade. "E o bando foi especificamente prender meu pai", frisou ele.

Não houve tiroteio na torre da Igreja, porque seria impossível atirar de cima para baixo, "o que aconteceu, contou ele, foi que meu pai colocou três homens na torre da igreja para evitar que os bandidos pulassem o muro da casa vizinha à nossa".

Raul Fernandes é otorrinolaringologista e professor fundador da Faculdade de Medicina, hoje, curso de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Para a publicação desse livro de sua autoria, foi procurado pelo ex-reitor Domingos Gomes de Lima, na época de sua administração.

*O Poti* (RN) – 05.10.1980

## ROBIN HOOD, NÃO

### HISTORIADOR AMERICANO MOSTRA A INCONSISTÊNCIA DO MITO DE LAMPIÃO COMO DEFENSOR DOS POBRES E OPRIMIDOS

Em 1959, juntando-se a um coro de vozes de antropólogos, sociólogos e políticos, o então deputado Francisco Julião reclamava das autoridades baianas o sepultamento das cabeças mumificadas de Lampião e outros cangaceiros, expostas deste 1938 em um instituto universitário de Salvador. Lampião, declarava o líder das ligas camponesas, era um herói, pioneiro das lutas contra os latifundiários e a injustiça dos poderosos, um Robin Hood caboclo que dava esmolas aos pobres e distribuía com eles as mercadorias que roubava dos comerciantes do sertão.

As cabeças foram enterradas, mas não a lenda de que Virgulino Ferreira fora um herói-bandido, um cavalheiresco defensor dos fracos e oprimidos. Esse mito, muito mais caro a uma certa intelectualidade dos centros urbanos do que aos sertanejos que conheceram Lampião em carne e osso e estiveram sob a mira das suas carabinas, fica difícil de ser sustentado depois da leitura do livro de Billy Jaynes Chandler, *Lampião, o Rei dos Cangaceiros*, agora publicado pela Editora Paz e Terra, do Rio (289 páginas, Cr$ 400).

Professor universitário no Texas, Chandler integra o (reduzido) grupo de *brazilianists* cuja produção intelectual representa, de fato, uma contribuição de valor à historiografia brasileira. Voltado para temas do sertão nordestino, ele é autor de outro livro importante, em vias de ser publicado em português por iniciativa da Universidade do Ceará: um levantamento da saga dos Feitosa, truculenta família do interior cearense cuja crônica começa em princípios do século XVIII.

Independentemente das falhas e contradições que possam ser apontadas em sua narrativa, bem como das críticas que as suas teses venham a suscitar, o livro de Chandler tem, de saída, um mérito inegável. Dentro da vasta bibliografia sobre Lampião, composta de centenas de artigos e pelo menos duas dezenas de livros (sem contar os muitos em que ele é tratado indiretamente), *Lampião, o Rei dos Cangaceiros* é a primeira biografia completa e cronologicamente organizada de Virgulino Ferreira. Em todos os outros livros até agora conhecidos – e alguns são de grande valor documental – a vida de Lampião é contada fragmentariamente, dando-se ênfase a este ou àquele período, a este ou àquele episódio ou aspecto de sua carreira.

Contando com recursos de que em geral não dispõem os historiadores brasileiros interessados no assunto, Chandler empenhou-se durante quase três anos numa pesquisa profunda sobre o famoso cangaceiro. Teve em mãos uma grande cópia de documentos – muitos dos quais "estão rapidamente se deteriorando" – e buscou, com senso de urgência, o testemunho daqueles que conheceram pessoalmente o bandido, "e que agora já são muito poucos". A pesquisa permitiu-lhe aclarar dúvidas sobre certos detalhes. Mas o uso dos dados de forma coerente e metódica vai por conta da familiaridade do autor com a ciência histórica.

Chandler talvez seja criticado, como alguns dos seus colegas *brazilianists*, por ter escrito um livro mais descritivo do que interpretativo. Essa crítica, que pode ser procedente em outros casos, no dele será injusta, pois o conhecimento da bibliografia sobre o cangaço mostrava, gritantemente, a necessidade de que alguém tomasse a si a tarefa de contar a história do começo ao fim, sem lacunas nem interpolações. Mesmo assim, Chandler não se limitou a

narrar; antes de entrar na biografia do cangaceiro, desenhou um quadro sintético, mas bastante preciso, do meio em que ele cresceu; e deixando para trás o cadáver de Lampião em Angicos, concluiu o livro com uma oportuna discussão sobre o problema do *bandido social*.

Essa parte final do livro de Chandler é na verdade uma crítica às teorias do historiador marxista inglês Eric Hobsbawm, bastante conhecido no Brasil, onde alguns dos seus livros foram publicados (a tradutora parece desconhecer esse fato, citando as obras de Hobsbawm sempre pelos seus títulos originais; o que, de resto, é menos grave do que referir-se a Euclides da Cunha como autor de um livro chamado *Rebelião nos Sertões*, tradução literal do título de Os Sertões na edição americana). Hobsbawm é autor de uma sugestiva obra sobre rebeldes primitivos, influenciados pela qual muitos historiadores e cientistas sociais mudaram a ênfase dos seus estudos para a realidade da vida desses bandidos dentro da sociedade em que viveram. Chandler também acha que isso deve ser feito, mas não concorda inteiramente com as opiniões de Hobsbawm.

Para o historiador britânico, os bandidos classificam-se segundo as suas características, mas também segundo as opiniões que sobre eles tiveram ou têm as pessoas do seu meio. Seu interesse concentra-se naqueles que considera bandidos sociais (visto como campeões da justiça), que ele divide em três categorias: o salteador nobre, o chefe de guerrilhas primitivo e o vingador. No capítulo que dedicou a Lampião um dos seus livros, Hobsbawm incluiu Lampião entre os vingadores, que têm como uma de suas características o uso excessivo da violência. Reconhece que ele era terrível em suas ações, mas justifica-se alegando que defendia os pobres e que a sua violência era de certo modo involuntária, resultado inelutável das tensões do meio social.

A pesquisa de Chandler – que em grande medida apenas confirma o que já fora dito antes, mas caoticamente – não evidencia, em nenhum ponto, o amor de Lampião pelos pobres; nada indica que ele tenha desejado "alterar a estrutura básica da sociedade em que viveu", ao

contrário, por exemplo, do ingênuo mas, sem dúvida, ideologicamente motivado Salvatore Giuliano, que viveu e morreu na Sicília logo após a II Guerra Mundial. Lampião conseguiu sobreviver tanto tempo à perseguição que lhe era movida não porque recebesse apoio da população, que aterrorizava, mas pelo apoio que recebia dos fazendeiros, dos políticos e em determinado momento até de governantes.

O erro de Hobsbawm, segundo o diagnóstico de Chandler, é que, estudando os bandidos das sociedades pré-modernas, não se preocupa em fazer distinção entre mito e realidade. Ao invés de se concentrar sobre os fatos, decantá-los até chegar ao que é verídico, interessa-se mais em saber o que as pessoas pensavam dos bandidos, ou, "pior ainda, como eram lembrados pelos cantadores e contadores de histórias populares, mesmo em gerações posteriores". Ora, se se puser a ênfase nos fatos e não nas lendas, "seriam tão poucos os salteadores nobres na história, que haveria dúvida sobre a existência desse tipo como padrão importante no comportamento humano".

Lampião foi o maior dos bandidos dos tempos modernos, E Chandler reconhece isto a partir do próprio título do livro. Ninguém conseguiu, em vida, a fama por ele alcançada. Antes de morrer, já era assunto de vários livros e numerosas reportagens; fora capa de revistas importantes, personagens de filmes de ficção e de um documentário em que ele mesmo aparecia. Sua legenda tinha chegado ao exterior. Em 1931, o sisudo *The New York Times* dedicou-lhe uma reportagem de várias colunas; e a 29 de julho de 1938 registrou com destaque a morte de *One--eyed Lampião, one of the most ruthlem killers of western world* (Lampião, cego de um olho,

um dos mais temíveis bandidos do mundo ocidental). E isto ele foi, de fato. Mas reencarnação de Robin Hood, nunca. A não ser para os cantadores de viola e intelectuais que desejavam que ele assim tivesse sido. (MP).

*Jornal do Brasil* (RJ) – 07.02.1981

## LAMPIÃO

Gilberto Vilar de Carvalho

Mais uma vez Lampião está na berlinda, desta vez por obra e graça de um brasilianista. O livro se intitula *Lampião, o Rei do Cangaço* (Ed. Paz e Terra, 1981) e nele Billy Jaynes Chandler procura mostrar que Lampião nunca passou de um reles bandido do tipo faroeste americano, malvado, vingativo, a mando dos "coronéis", um sujeito que se alugava aos poderosos e que nada teve daquele mito que fez dele um defensor dos pobres e oprimidos. E que o mito ficaria por conta dos violeiros e cantadores e de um inglês um tanto marxista que procura sempre ligar a ideia de bandoleiro à de luta contra a opressão.

Chandler – e esse é um defeito bem típico dos brasilianistas – não vê o que Lampião e o cangaço representam no conjunto da história do Nordeste brasileiro. Com certeza Lampião, pessoalmente, não deve ter tido qualquer intenção de ser um Robin Hood sertanejo. Entretanto, no contexto da história o cangaço apareceu com uma relevância bem diversa. Esse contexto levou tais homens a se revoltarem, a liderarem outros, no sentido de uma vingança que deve ser interpretada mais como manifestação do espírito de justiça, embora feita de qualquer maneira, do que mero banditismo. Havia uma sociedade agredida pela oligarquia, um povo impedido de levantar a cabeça e a voz... As verdades não podiam ser ditas e os juízes, salvo exceções, só aplicavam as leis quando estas implicavam a humilhação dos deserdados da política dominante. Os que tentaram reverter a situação foram esmagados, como Pe. João Ribeiro em 1817, o Frei Caneca em 1824 e tantos outros... Em tais encruzilhadas da História é comum constatar-se a emergência de uma pressão contrária, provinda muitas vezes não se sabe de onde, em que cada indivíduo se sente intranquilo e inicia, inconscientemente, como que uma contracorrente coletiva de pensamento e vontade de agir. A explosão nem sempre é algo de cientificamente nítido e raramente se pode detectar num documento de cartório ou nas conversas dos sobreviventes... O indivíduo pode estar, mesmo inconscientemente, no fulcro de um acontecimento que o supera de muito, se olhado fora do seu contexto. E aí não será a sua mera biografia, isoladamente, que revelará a sua ampla significação.

Não se pode negar que o povo nordestino vivia sob pressão, e tal situação o uniria, como uniu inúmeras vezes, em torno do primeiro líder que aparecesse. Na sua história a coisa se repete: o Padre João Ribeiro, o Frei Caneca, Antônio Conselheiro, o beato José Lourenço e

tantos outros. A liderança que levou esse povo ao cangaço evidentemente foi menos forte do que as outras, porque o caminho aí mostrado era bem menos fácil de ser trilhado. Mas existiu. A nosso ver, num plano puramente esquemático, não houve uma diferença essencial, na visão dos seguidores, entre o Padre Cícero, Antônio Conselheiro, José Lourenço e os chefes cangaceiros. Aquele povo, na situação em que se encontrava, se movimentaria atrás do líder que mais diretamente o tocasse... Não significa absolutamente nada Chandler ter concluído que Lampião não desejava alterar "a estrutura básica da sociedade em que viveu"; é mais importante saber que, mesmo inconscientemente, ele ajudou a alterá-la. Se Lampião recebeu alguma vez apoio dos fazendeiros e "coronéis", e se vez por outra chegou mesmo a apoiá-los... ele era, por outro lado, bastante esperto para explorá-los e levar a melhor, como diziam os (desprezados no livro de Chandler) "cantadores e contadores de histórias populares".

Não basta dizer que a intelligentsia brasileira defende Lampião com base num "marxismo equivocado" (como disse um resenhador de Chandler em *Isto É*), pois a coisa começou bem antes, em Euclides da Cunha, que ninguém provou fosse marxista. Convém não esquecer as tropas do padre João Ribeiro e de Domingos Martins, que em 1817 lutavam contra o sistema colonial português, foram vencidas e se espalharam pelo sertão; as de Frei Caneca, lutando em 1824 para implantar uma "república de lavradores", também foram vencidas e se espalharam pelos sertões. Os filhos e netos desses sertanejos fizeram Canudos, Juazeiro, Caldeirão e o cangaço, numa sequência de lutas desesperadas contra o mesmo inimigo, a oligarquia, com a qual quase todos eles por um momento se uniram, quando precisavam obter condições materiais de luta. O caso do padre João Ribeiro é o mais impressionante, pois, ajudado pela oligarquia na preparação e durante os combates, foi de imediato por ela impedido de fazer as reformas sociais que tinha em mente. E foi obrigado a justificar-se num texto que assinou como membro do governo revolucionário, no qual, entretanto, deixa transparecer a sua decepção por ter de fazê-lo (ver a íntegra do documento em meu livro *A Liderança do clero nas revoluções republicanas*; Ed. Vozes, 1960). Nem por isso vamos concluir que o padre João Ribeiro se "alugou aos poderosos" ou que era um "marxista equivocado"...

O livro de Chandler tem um inestimável valor como cata de documentos. Ele fez um utilíssimo trabalho, compilando um mundo de papéis "enquanto era tempo". Podemos dizer que, para escrever algo sobre a vida de Lampião, de agora em diante, o seu livro se torna indispensável. O que não podemos é aceitar as suas conclusões, por apressadas, tendenciosas e fora do contexto.

*Jornal do Brasil* (RJ) – 16.05.1981

## SÓ LAMPIÃO PARA DAR JEITO NA CULTURA

Severino Francisco

Do jeito que a coisa vai – lavagem cerebral enlatando as cabeças pela televisão, inflação agalopada, peste burocrática se alastrando pelas instituições culturais, falta de vergonha na cara geral – só mesmo Lampião pra dar um jeito na cultura brasileira. Só mesmo o capitão Corisco pra fazer uma limpeza em tanto cabra safado que anda por aí promovendo a chacina cultural; – é o "dragão da maldade" cortando a cabeça do povo.

O alagoano Evaristo Porto encarna o espírito cangaceiro, no sentido de "santo guerreiro", na garra feroz pela vida, no desespero que o faz encarar o fluxo de carros, num cruzamento da rodoviária com a Esplanada dos Ministérios, metido numa roupa que mistura Lampião com folguedos de Alagoas, batendo um pandeiro.

Por isso e por outras coisas, Evaristo é chamado de louco por muita gente. Lá vai o disparo: Você é louco, Evaristo?

– Eu sou louco em defesa do folclore brasileiro, da cultura popular brasileira. Sou louco só nisso. Sou amante da natureza. Estou representando o Nordeste, representando a cultura de um povo sacrificado, culto, trabalhador, nobre e inteligente. O Nordeste é mais Brasil, o Nordeste é mais amigo, é festa.

Evaristo leva a sério estas coisas, encarna a cultura popular e a tragédia que ela vive neste momento. Não é uma questão de folclore, de "cultura" no sentido do burguês de decoração, passatempo nas horas vagas, lazer. A questão é de vida e de morte: – a cultura é uma questão de corpo, os corpos já começam a sentir o câncer que assola a cultura brasileira; o país está doente:

– Se não houver apoio, estou pensando em parar. A burocracia venceu o progresso cultural. Estou ficando doente com tudo isso. A cultura popular é minha vida. É um martírio. É um massacre cultural. Se não puder trabalhar, posso até me suicidar. Estou disposto a me suicidar pelo folclore alagoano.

Como a questão da cultura brasileira, a esta altura do campeonato, é de vida ou de morte, Evaristo sai pelas ruas de Brasília pra fazer alguma coisa de qualquer jeito; quebrando a normalidade burocrática dos papéis e das vidas:

– Brasília é uma cidade leiga. Um pessoal frio, que não dá incentivo. Um povo que não tem cultura, podem ter carro mas são rudes em cultura. Falta confiança, falta perseverança. Só tem burocrata, poucos dão valor.

Evaristo fez a sua autobiografia: Alagoano, natural de Anadia, coração sertanejo, amante do sertão, cultura não é só folguedo – esta é apenas a representação da vida cotidiana onde entra tudo:

– Alagoas tem muita atração, muita cultura, muita vegetação – onde predomina a lembrança de Lampião. Os grupos folclóricos são os mais bonitos e ricos mundo. Mas está tudo desaparecendo. As frutas regionais estão acabando: manga, jaca, a pinha, a pitanga, a pitomba, o sapoti, a graviola, o cruaçá. Falta incentivo do Ministério da Agricultura. O TURISTA PROCURA E NÃO ENCONTRA MAIS: Quero que você dê ênfase nisto. Faço um apelo ao Ministério da Agricultura. Estou fazendo um alerta do perigo da extinção, em benefício das crianças.

Pastoril, Guerreiro Alagoano, Quilombo dos Palmares, Reisado, Chegança – são nomes que vivem na boca de Evaristo como manga, jaca, pitomba... Assim como os nomes dos mestres do que ele chama de folclore alagoano: João Beato, Arthur Godoi, João Amado:

– É um absurdo, uma vergonha. Os mestres alagoanos estão passando fome. Não me interesso pelo folclore da Palestina, me interesso pelo folclore alagoano, que está desaparecendo. É o abismo, a cultura popular está morrendo. No seu lugar, entra a influência estrangeira.

Evaristo aponta os responsáveis pela chacina da cultura brasileira: O Ministério das Comunicações, as entidades responsáveis pela cultura, as televisões, a inflação:

– Eu responsabilizo o Ministério das Comunicações, as televisões só documentam coisa estrangeira: bang-bang, discoteca. Tudo isso é abstrato no Brasil. É só bang-bang, violência: eu não admito isso que a TV Globo faz no Brasil de forma alguma. Garanto que 90% dos brasileiros se sentem revoltados contra isto. Eu penso que estou no Alabama, no Texas, sei lá.

Evaristo distribui a responsabilidade pra todo mundo: Ministério do Planejamento, Ministério da Educação e Cultura, instituições; Delfim Netto:

– Delfim Netto não tem nenhum interesse nisto. Ele está preocupado com a parte financeira dele, o bem-estar social dele. Mas ele tem a obrigação de financiar o Ministério da Educação e Cultura. A culpa é do Ministério do Planejamento.

Enquanto isto, Evaristo vai se debatendo contra tudo o que acha pela frente: instituições culturais, violência cotidiana introjetada pelos cidadãos...

– Tem muito burocrata, eles dão pouco valor. É um pessoal fechado. Os órgãos burocratas monopolizam e enganam o nosso presidente republicano. Agora, eles têm vergonha de ser brasileiros, eles têm vergonha de divulgar o que é nosso. Enganam o Ministério da Educação e Cultura. Eu uso esta roupa é pra mostrar pra esta gente que sou cangaceiro, cabra de Lampião (fala rindo) – cabra da peste brigando pelo que é da sua terra. Eu não tenho vergonha de usar este uniforme porque quem ri de mim são os ignorantes. Só admito que riam de mim os competentes. A incompetência cultural no Brasil é grande demais, é um absurdo. Tem vergonha da sua terra, dos seus costumes.

O massacre cultural atinge todas as dimensões do cotidiano, a cultura passa a ser pela de museu; hobby de especialistas; bicho raro dos livros de Câmara Cascudo:

– A mão de obra vai se tornando mais difícil. O material pra vestimentas vai desaparecendo do comércio, por falta de incentivo. O que esta geração que está vindo vai receber? O que estas crianças vão receber. Folclore, educação e saúde são as coisas mais importantes. Em outros tempos, cultura popular vivia da garra da sua pobreza. Mas agora não dá mais pé, a inflação come tudo, a lavagem cerebral da televisão destrói, Evaristo faz um apelo ao Ministério da Educação:

– Estou disposto a doar o meu rim pelo folclore alagoano. Estou disposto a doar o meu rim ao Ministério da Educação pra que ele dê um jeito nesta situação.

Mas a barra está pesada mesmo, está difícil de dar jeito. Só mesmo se Lampião voltar:

– Só mesmo Lampião pra dar jeito nesta gente que se envergonha de ser brasileiro.

Em uma de suas andanças por Brasília, Evaristo foi abordado por um policial. O caso é esse:

– Ele queria me prender e proibir de andar na rua fazendo esta divulgação. Eu falei a ele que este uniforme é a mesma coisa do uniforme dele. É uma farda oficial do folclore alagoano. Eu responsabilizo o comandante da polícia por este tipo de instrução. Não adiante me prender, porque todo dia eu estou na rua. Eu não sou bandoleiro, não sou terrorista, não sou comunista: sou brasileiro. E os brasileiros estão se extinguindo.

Evaristo tem muitos projetos: ensaiar o "Pastoril Menino Jesus", "Pastoril da Ceilândia".

– Vamos fazer isto nem que a peste rinche. Já recebi apoio do Ministério da Educação e Cultura. Ele disse que iria ajudar. Vamos ensaiar brevemente o Pastoril do Cruzeiro.

Além de atleta do folclore, Evaristo batalha também na área dos esportes, desde que chegou a Brasília, por volta de 59, vindo do Rio. Ele é um dos responsáveis pela implantação dos campos de areia nas quadras do Cruzeiro – que estão desaparecendo com os novos blocos da especulação imobiliária que assalta Brasília:

Eu responsabilizo os construtores que estão aí enganando o Governo. Com isso, está faltando lazer para as crianças. O Governo Elmo Serejo construiu os campos do Cruzeiro e eles foram palco de muitas atrações. Lá fizemos homenagens às Forças Armadas, exibição de motociclistas da Polícia Militar, Banda da Marinha. Agora vêm estes blocos invadindo os campos. As crianças estão revoltadas. Quanto mais blocos de apartamento mais tóxico, mais marginalização, perturbação para os moradores, assaltos, arruaças perturbando a tranquilidade. As construtoras enganam as crianças, o povo e o Governo.

Evaristo ficou doente com a invasão dos campos pelos blocos das construtoras, acabou hospitalizado:

– Chorei muito porque esta área é da comunidade. O médico disse que eu estava ficando neurótico. Todo mundo está oprimido. Todo mundo está oprimido, não pode praticar esportes. O comodismo de Brasília é prejudicial à saúde – causa derrame cerebral, enfarte, doenças de todo tipo.

Para fechar, Evaristo pede que se dê ênfase no seguinte: "Viva o folclore de Alagoas! Viva o Brasil! Ajudem o folclore alagoano!"

*Correio Braziliense* (DF) – 27.09.1981

## A HISTÓRIA DE UM POVO TAMBÉM É A HISTÓRIA DE SEUS BANDIDOS

Affonso Romano de Sant'Anna

Que relação haveria entre Mariel e Lampião? Será que os bicheiros são uma espécie de Robin Hood dos subúrbios patrocinando o carnaval dos pobres? Qual a relação de Padrinho Cícero e de Antônio Conselheiro com o fenômeno da marginalidade? Prestes e Lamarca quando abandonam o Exército viraram bandidos ou revolucionários? Como entender o encontro de um Fernando Gabeira com um Lúcio Flávio na Ilha Grande? Por que o Exército americano se aproximou da máfia siciliana na Segunda Guerra Mundial?

É urgente escrever a História do Banditismo no Brasil para sabermos o que significam Mineirinho, Cara de Cavalo e entender melhor tanto um delegado Fleury quanto a indústria da marginalidade incrementada em torno do jogo do bicho.

—

E se eu disse que o que se passa hoje na questão do jogo do bicho não é uma simples luta entre *banqueiros*, nem um combate entre polícia e bandidos, nem um simples caso de corrupção que envolve até o judiciário e a política?

E se eu dissesse que Mariel está para nossa sociedade industrial assim como Lampião está para a sociedade rural nordestina? Exatamente. Que Mariel era uma espécie de Lampião do asfalto e que poderia merecer aquela classificação de E. J. Hobsbawm, de "bandido nacional"? Não há dúvida. Se tivesse nascido há uns 200 anos na Catalunha ou na Sicília seria um "salteador de estradas" e viveria de "atividades rapinantes". Ou se fosse inglês seria um pirata prestando serviços à coroa inglesa e ao comércio marítimo internacional.

Vivendo, contudo, no Rio ele faz parte de um enredo tipo "samba do crioulo doido" onde jogo do bicho, esquadrão da morte e corrupção envolvendo judiciário, polícia e política se misturam. Mas a confusão do enredo da Escola de Samba Unidos do Brasil só existe para os menos avisados. Há uma grande coerência nisto tudo que está acontecendo. Mas isto, a gente só pode entender se operar um deslocamento na análise dos fatos. Quer dizer: assim como a renúncia de Jânio Quadros pertence muito mais à psicanálise do que à política propriamente dita, o assassinato de Mariel e os quiproquós em torna da repressão do jogo do bicho não dizem respeito somente à Secretaria de Segurança. Na verdade, são um dos capítulos mais apaixonados da sociologia e da antropologia brasileiras.

Bandido também tem história. – No seu livro *Os Bandidos*, Hobsbawm dá um significado social e histórico aos bandidos nas diversas sociedades. Ele estuda o "ladrão nobre" tipo Robin Hood, "o vingador", tipo Lampião, e os guerrilheiros *haidkus* da península Balcânica. Estudando a máfia, os bandidos chineses e russos Hobsbawm também abre um espaço considerável para Lampião, com referência ao Padrinho Cícero e a outro cangaceiro, Antônio Silvino.

Está lá registrada a contribuição brasileira à história universal do banditismo. Um registro incompleto, é verdade. É urgente que alguém escreva a história da marginalidade brasileira. Urgentíssimo que se componha a História dos Bandidos do Brasil, que nas universidades deve ser estudada ao lado da *História das Ideias no Brasil* de João Cruz Costa, *História Econômica do Brasil* de Caio Prado ou da *História Concisa da Literatura Brasileira* de Alfredo Bosi. A história de um povo é também a história de seus bandidos.

Não estou brincando não. Nem blasfemando. Recentemente alguns historiadores franceses criaram o que chama de "história nova": uma maneira de estudar a história do país ou das comunidades não através das datas, revoluções e personagens, mas um modo de estudar alguns aspectos antes considerados desprezíveis e que, no entanto, informam mais sobre a estrutura ideológica da comunidade que esses compêndios de história clássica. No Brasil, por exemplo, enquanto não se estudar devidamente o jogo do bicho, o futebol, a macumba e o carnaval, pouco se conhecerá dessa coisa chamada cultura carioca.

Nenhum bandido surge aleatoriamente. Cada sociedade tem o bandido que merece. E a história que vem de Lampião a Mariel é a ilustração da passagem de um universo rural feudal para uma sociedade urbana e industrial que, no entanto, não eliminou seus problemas estruturais. E assim como em literatura a gente pode organizar o estudo dos escritores em diversas gerações estudando os substratos históricos de cada grupo através de títulos como "O Modernismo de 1922", "A geração 45", "As vanguardas de 1956", também na história social do crime em nosso país se poderia disciplinar tal coisa através das gerações.

Por que não falar por exemplo de Lampião e a geração de 30? E que tal Zé da Ilha, Sete Dedos, Cara de Cavalo e a geração dos anos 40 e 50? E por que não Tião Medonho e Mineiri-

nho e a geração 60? É fundamental analisar Lúcio Flávio e a geração 70. E, finalmente, Mariel, o "homem de ouro" da geração 80. Assunto que dá direito a um subtítulo: A morte de Mariel e a abertura política do Governo Figueiredo.

Alguém pode dizer: esses bandidos não são "autores", são "personagens". Engano. São mais concretos que dois terços da literatura brasileira. E mais: são símbolos. Eles dramatizam, ritualizam e exemplificam uma série de conflitos latentes de nossa sociedade. São símbolos vivos. Deles escorre sangue.

Nem bandido nem polícia – muitos se lembram nos anos 70, quando Lúcio Flávio explodiu nessa frase: "Polícia é polícia e bandido é bandido." Referia-se a sua exaustão diante da figura ambígua de Mariel. Estava cansado de ter que dividir o roubo continuamente com a polícia.

Pois bem. Lúcio Flávio errou. Muito mais certo está o general Muniz, secretário de Segurança, quando reconhece que o jogo do bicho está aí e o jeito é legalizá-lo, como forma de controlar e eliminar a corrupção. Certamente o coronel Cerqueira partilha muito mais da teoria de Lúcio Flávio. Mas quem está com a razão é o general Muniz. Porque do lado dele estão não só a história e a sociologia como a própria realidade brasileira.

Polícia não é polícia e bandido não é bandido. Tal diferença só existe nos fichários dos órgãos de repressão. Exemplo primeiro: durante a Segunda Guerra Mundial o Exército americano através do FBI firmou um acordo com a máfia siciliana para o desembarque das tropas aliadas na Itália. Como Mussolini havia engrossado contra a máfia, esta era sua inimiga. Os aliados não tiveram dúvida: guerra é guerra, e, por consequência, o mafioso, de repente, passou a ser herói.

Segundo exemplo: em 1926 a Coluna Prestes andava solta pelo interior do país infernando a vida das polícias estaduais e o Exército não conseguia deter os revoltosos. Diante disto o Governo resolve convocar o Padrinho Cícero para ajudá-lo. Exatamente. O famoso messias cearense, político de enorme intuição, que mantinha ótimas relações com Lampião, resolveu chamar esse "bandido nacional" para lhe propor, em nome do Governo, que fosse dar combate à Coluna Prestes.

Lampião chegou a se entusiasmar com o projeto e além dos armamentos recebeu a patente de capitão dada pelo próprio Padrinho Cícero. Talvez sonhasse em mudar de lado, ajeitar sua vida junto ao Poder. Advertido, porém, por um "coronel" seu amigo, Lampião deu uma contramarcha. Tivesse ido em frente, vejam só, e a história do comunismo e das esquerdas brasileiras teria sido outra.

Existe, portanto, um sistema de trocas entre a legalidade e crime. E esses papéis às vezes se misturam. A PM carioca continuamente expulsa de seus quadros alguns criminosos. Já na Rússia do Czar era diferente. Quando o indivíduo ia ser soldado ele morria para o mundo. Seu compromisso era perpétuo. Por isto, diz Hobsbawm, "seus parentes liam o serviço fúnebre ao se despedirem deles à saída da aldeia. Homens que voltam de longe, sem amo nem terra, representam um perigo para a estabilidade da hierarquia social. Os ex-militares, tal como os desertores, constituem matéria-prima natural para engrossar as fileiras do banditismo".

Mas do Exército, pode sair também o bandido-revolucionário, como Prestes e Lamarca. E revolução e criminalidade podem também se encontrar. Quem leu o primeiro livro de Fernando Gabeira encontrou lá uma passagem onde narra seu encontro com Lúcio Flávio quando ambos saíam presos, num barco, da Ilha Grande: "Na época era o único preso político que estava viajando. No mesmo porão iam uns 15 presos comuns. Um deles, que tinha um rádio de pilha na mão, aproximou-se de mim. Parecia descendente de imigrante: meio louro, de olhos

claros. Perguntou-me se queria ouvir um pouco de rádio e começou a conversar. Sabia quem eu era e queria conhecer a minha história. Rapidamente consegui me desvencilhar de minha história e fazer com que me contasse a sua. Era Lúcio Flávio Vilar Lírio, e, no cabo de algumas horas de viagem, propunha que fugíssemos juntos quando chegássemos ao PP, na Milton Dias Moreira."

Abertura e jogo do bicho. – No Brasil há várias saídas para a revolta: a revolucionária (guerrilha dos anos 60 e 70), o banditismo (Lampião), o messianismo (Antônio Conselheiro) e, finalmente, a malandragem. O jogo do bicho trabalha com o banditismo e a malandragem. Os bicheiros não são uma comunidade revolucionária. Como disse Castor de Andrade, eles estão sempre em cima do muro. No que, aliás, se assemelham ao clássico político pessedista. E tanto não têm uma intenção revolucionária, que financiam o carnaval que, tecnicamente, é a antirrevolução, quando não seja uma rebelião erótica instantânea, após a qual tudo continua como dantes no quartel de Abrantes.

Os jornais recentemente deram destaque à figura do capitão Ailton Guimarães, dizendo que atuou no DOI-CODI durante os anos brabos da repressão. Segundo essas versões ele teria passado da repressão para a contravenção, sendo hoje um dos grandes bicheiros do Estado. Ora, se existe uma relação entre revolução e banditismo, outra relação existe entre banditismo e a repressão. Como não lembrar os inúmeros casos em que as forças da repressão pilharam as casas das vítimas, submeteram-nas a sevícias e abusos sexuais numa atividade semelhante à rapina dos bandos primitivos? Como não lembrar do delegado Fleury, para quem Frei Tito e o pior dos criminosos eram a mesma coisa?

Se a abertura política visa desmobilizar essa "indústria do anticomunismo" é preciso desmobilizar também a incrível indústria da corrupção montada em torno do jogo do bicho. Se a abertura possibilitou que os marginais de nossa política (guerrilheiros, banidos, cassados) ingressassem de novo na legalidade é necessário agora legalizar esse imenso universo de outros tantos marginais, que no Rio dizem ser 300 mil. A democracia é exatamente o regime que luta para que não haja marginalizações. É já é tempo de acabar com a indústria da marginalidade não só política e ideológica, mas a marginalidade social que cria as falsas diferenças entre bandido e mocinho. Depois dos anos 60 aprendemos todos que é falso esse mundo de oposições entre direita e esquerda, capitalismo e comunismo, o certo e o errado. Aliás, entre nós é preciso acabar com isto também de que Governo é Governo e oposição é oposição. É necessário construir um sistema menos reacionário que este.

Bandido não é bandido e mocinho não é mocinho. Cristo, considerado marginal pelo Império Romano, foi crucificado entre dois bandidos, e ainda levou um deles para o céu. Nem sempre bandido é bandido e nem sempre polícia é polícia. Tudo depende das testemunhas e de quem é o escrivão de plantão na delegacia da História.

*Jornal do Brasil* (RJ) – 08.11.1981

# RASO DA CATARINA: ONDE LAMPIÃO É MEMÓRIA VIVA

Marisa Pontes

O folclore nordestino deve muito ao Raso da Catarina, região de mais de 600 mil hectares, encravada no sertão baiano. Durante sete anos, de 1928 a 1935, Virgulino Ferreira, o "Lampião", o mais afamado cangaceiro que já surgiu, andou por lá, onde se incorporou a outros bandos já existentes, formando um verdadeiro exército que botava pra correr as "volantes" de muitos tenentes e coronéis.

Se não concorreu para melhorar a imagem da região, uma das mais áridas do Brasil, Lampião inspirou uma vasta literatura, especialmente a de cordel. O fenômeno do cangaço, que ontem como figura principal, inspirou também o cinema novo brasileiro, com filmes como "Deus e o Diabo na Terra do Sol", de Glauber Rocha, "O Cangaceiro", de Lima Barreto, e outros, além de ensejar diversos estudos e pesquisas sobre o fenômeno e a região onde surgiu.

Se em todo o Nordeste Lampião ainda é lembrado, nos povoados e sítios do Raso da Catarina, onde viveu, saqueou, amou, lutou com a polícia e dançou em muito "arrasta-pé", ele é citado comumente nas rodas de conversa dos mais velhos, enquanto as crianças escutam com admiração as proezas daquele que, hoje, é uma figura lendária.

## Uma História com Muitas Versões

"Conheci Lampião mais do que farelo de mandioca", revelou seu Antônio Teixeira Lima, que conviveu com o bando quando contava 16 anos, e hoje trabalha na casa de farinha do povoado de São José, passando a massa na prensa, além de plantar mandioca no seu roçado.

Com 64 anos de idade, seu Antônio lembra-se muito bem da passagem de Lampião pelo Raso da Catarina. "Aquilo é que era vida boa. Ele pegava os animais que queria, matava vaca no meio do mato e nós todos íamos comer churrasco. Ninguém queria saber quem era o dono do animal". Para Antônio Teixeira, o bando significava a aventura e a vida livre que seus 16 anos ansiavam: "Eu era doido pra entrar no bando; pra onde Lampião ia eu ia também, já vivia com o embornal pronto", declarou.

Numa reunião improvisada na bodega de Nestor Duarte Barbosa, no povoado de São José, que fica a seis quilômetros da Estação Ecológica do Raso da Catarina, muitas histórias foram contadas sobre Lampião, algumas completamente divergentes, principalmente as que se referem ao episódio de sua morte, mas num ponto todos coincidem: o bando escondia-se na região, fugindo às "volantes" de sete Estados nordestinos, que às vezes fecharam o cerco. "Aí o tempo esquentava, dona moça"; outras vezes, durante meses, os cangaceiros se "arranchavam" na região, roubando gado para comer, dormindo à sombra dos umbuzeiros ou improvisando "arrasta-pé".

"– Ô menino, vai chamar o pessoal da época de Lampião, pra tirar retrato pro jornal". O menino, filho do dono da bodega, espalhou o recado e ninguém se fez de rogado: com alguns minutos começaram a chegar, para contar suas versões, os homens mais antigos do povoado, os que conheceram como vítimas, coiteiros ou integrantes de "volantes", o famoso cangaceiro.

Seu Antônio Teixeira Lima, seu Raimundo Teixeira Hora, seu Pebinha (João Alves dos Santos), Cabo Jorge... A meninada que estuda na Escola Municipal Castro Alves, na 5ª série do

1º grau, vizinha da bodega, estava no recreio e cercou os homens (mulher por lá é só pra cuidar da casa, ter menino e não se meter em conversa de homem).

A aula "viva" de história do Nordeste começou, e as crianças não voltaram mais à escola.

## Uma Aula de Nordeste

"Quando Lampião atravessou de Floresta (Pernambuco) pra cá, nós só tínhamos notícia dele de longe. Nesse tempo, todo mundo tinha medo era dos revoltosos. Quando chegava a notícia de que os revoltosos estavam por aqui, todo mundo fugia, deixava tudo, era um medo danado", conta seu Pebinha, primeira vítima de Lampião naquela região.

O bando de Lampião, pequeno, a princípio, foi confundido com os revoltosos (remanescentes da Coluna Prestes, que ficaram desgarrados pela região). O primo de seu Pebinha, João Clemente, que morava na localidade de Serrote, não obedeceu à ordem de "não corre que morre" e foi baleado. "Ele correu porque os revoltosos não matavam, só faziam roubar". Logo o bando se uniu com outros, que atuavam no Raso, e se fortaleceu. Mais tarde, seu Pebinha perdeu também o cunhado, pai de nove filhos, morto por Corisco.

Para seu Pebinha, Lampião e todo o bando eram malvados, assassinos e ladrões. Mas ele também conta que "a força (volante) fazia muita miséria. Foi um tempo de injustiça dos dois lados". Na época, ele tinha 18 anos e vivia "na corda bamba", para não desagradar os cangaceiros nem os "macacos".

Todos contam que a debandada era geral quando as volantes se aproximavam. "A gente tinha mais medo da polícia do que de Lampião. Porque quando a volante chegava num lugar, pegava todo mundo, homem, mulher, criança, para surrar e pintar miséria, pra gente contar onde o bando estava escondido". Até mesmo Cabo Jorge, que integrou uma volante, confessa que essa versão é verdadeira.

As revelações mais interessantes são as de seu Antônio Teixeira Lima, único que conviveu com o bando. "Lampião era bem escuro, do cabelo cacheado. Tocava sanfona de 8 baixos e só bebia conhaque. Maria Bonita era muito bonita, tinha os cabelos na cintura, sempre soltos..."

Muitas histórias foram sendo desenroladas, algumas um tanto fantasiosas, como a da colher de metal que Lampião colocava em toda bebida ou comida que lhe ofereciam: se houvesse veneno, a colher ficava preta. E aí o anfitrião morria na hora... "Pois uma vez ele almoçou na casa do meu pai, eu era pequeno, e não mandou experimentar a comida não. Sentou na mesa e comeu, com meu pai e minha mãe. Agora, os "cabras" ficaram comendo do lado de fora, pra ver se vinha algum macaco, conta seu Argemiro.

Seu Pebinha diz que conheceu vários cangaceiros: Gato (o mais malvado), Luís Pedro, Juriti, Mariano Cabeção, Ângelo Roque (Labareda), Corisco, Açúcar, Faustino e Douradinho. Todos comandavam pequenos bandos, enquanto Lampião era o "superior"; mas nem o próprio Lampião "estranhava" Corisco, Gato ou Douradinho, considerados "cabras valentes como a peste"...

As versões sobre a morte de Lampião deram causa a discussão. Seu Antônio nega que a cabeça exibida em Jeremoabo fosse do famoso cangaceiro. "Eu fui lá, ver. A cabeça não era dele, tinha até os olhos e ele era cego de um olho desde pequeno..."

"Cabo Jorge" diz que o bando se acabou na "partida" da serra do Angico, em Sergipe, quando a volante do tenente Bezerra cortou as cabeças de todos os cangaceiros, exibindo-as

nos povoados do Raso da Catarina. "Nada disso", nega seu Antônio. "Maria Bonita tinha morrido antes, de bala. E o seu cunhado disso que viu Lampião em Floresta (Pernambuco) se curando de um envenenamento que deram pro bando. Ele morreu sim, mas muito depois, na cama dele, lá em Minas, porque depois desse envenenamento ficou muito doente. Agora, eu não conto quando foi, nem qual era o lugar, que eu não vou trair ele... Pode passar cem anos, mas eu não vou trair ele..."

*Diário de Pernambuco* (PE) – 01.12.1981

## ÚLTIMOS DIAS DE LAMPIÃO, O REI DO CANGAÇO

Severino Barbosa

Açulados por tais ofertas, movimentam-se os chefes de volantes, maquinando os planos mais absurdos, todos eles cruéis, para a liquidação, muito menos que a captura de Virgulino Ferreira. Fala-se inclusive, no fabuloso tesouro do Rei do Cangaço, cujas lendas correm o Sertão e que fatalmente cairia nas mãos de quem o apanhasse.

Além de um magnífico colar de pérolas roubado de rico fazendeiro da Paraíba, do seu "papo de ema" carregado de ouro em pó, de sacos cheios de dinheiro e de joias e brilhantes de valor incalculável, Lampião – traz vaidosamente no seu lenço de pescoço, sem contar os que lhe enchem os dedos, um anel de mais de 500 contos.

Tudo isso incendeia a imaginação dos perseguidores, chovendo de todos os lados as mais mirabolantes ideias de como se atrair Lampião para uma emboscada, pondo-se fim ao seu deletério reinado e abocanhando-se ao mesmo tempo a propalada fortuna. E tanto alarde se faz dessa guerra ao Rei do Cangaço em todo o País, que um jornal do Rio, o *Diário da Noite* instituiu concurso, oferecendo valioso prêmio a quem desse a melhor sugestão de como eliminar Virgulino Ferreira. Um dos concorrentes sugeriu que mandassem um soldado, disfarçado de frade, para o assassinar, plano esse que, segundo seu idealizador, jamais falharia, considerando a grande religiosidade do cangaceiro. Outro mais objetivo foi da opinião que um avião jogasse uma bomba em cima dele.

Esqueciam-se os planejadores do extermínio de Lampião, que a coisa não seria assim tão fácil e que as façanhas do famoso bandoleiro já se desenrolavam por mais de vinte anos, sem que ninguém conseguisse detê-lo. Durante todo esse tempo, em mais de 200 combates, alguns memoráveis, desafiara afoitamente as polícias de Pernambuco, Alagoas, Paraíba, Sergipe, Rio Grande do Norte, Ceará e Bahia, escapando de todas as arremetidas, dizem inclusive, com a ajuda do próprio diabo.

Apoiado por chefes políticos que dele tiravam o melhor proveito, dando-lhe em troca armas, munições e trânsito livre, tinha a cobertura de comandantes de tropas policiais, quando não de autoridades do porte de Eronides Carvalho, Interventor de Sergipe.

Tanto Lampião se compenetrava desse apoio que chegou até a reivindicar de Getúlio Vargas, depois de 30, o governo do Sertão, admirando-se muitos como não chegou a consegui-lo.

Um golpe ardiloso, contudo, seria desfechado contra ele. A pretexto de não permitir em qualquer ponto do território nacional, a menor manifestação de desordem, os beleguins do Estado Novo resolveram enquadrar Lampião e seus cabras na categoria de extremistas. E não tardou que do Palácio do Catete, partisse a sentença de morte.

## Guerra do Estado Novo Contra o Rei do Cangaço

Despótico, arbitrário e implacável como todos os ditadores (era moda na época), Getúlio Vargas jamais permitiu, desde sua ascensão em 1930, a formação de qualquer grupo oposi tor, destruindo todos sucessivamente a ferro e a fogo. Foi assim com os Constitucionalistas de 1932, em São Paulo, com os adeptos de Luiz Carlos Prestes, em 1935, e com os integralistas de Plínio Salgado, em maio de 1938. Melhor sorte não tiveram nesse período os fanáticos do Caldeirão, mais de 500 entre velhos, mulheres e crianças, chacinados pela polícia de três Estados, nem tão pouco Manuel Torquato e seu grupo no Rio Grande do Norte, o bando de Mariano em Sergipe; os Irmãos Engrácia na Bahia, ou Paizinho Baio, o "Lampião do Agreste" em Pernambuco, todos cangaceiros, mas tachados pelo Governo de extremistas e liquidados sumariamente pelas balas das forças volantes.

Para o Rei do Cangaço a coisa se complicou. Rotulado de subversivo e consequentemente de inimigo do regime (o *New York Times* foi mais longe chamando-o de "*one* of the Most Ruthless Killers of Western World"), Lampião deixou de seu um mero caso de polícia.

Numa circular enviada aos interventores, o ministro Francisco Campos, da Justiça, afirma que "as polícias dos Estados nordestinos, incumbidas da missão de exterminar o cangaço, conhecem perfeitamente o habitat dos bandidos, seus esconderijos e seus hábitos, obrigando-se por isso, usando de todos os meios ao seu alcance, a extinguir o flagelo".

Em Alagoas cria-se o 2º Regimento Policial Militar, com sede em Santana de Ipanema, com a finalidade específica de dar combate a Lampião. Na Bahia, que já mantinha no interior cerca de 1.200 homens, são montadas emissoras de rádio em toda a zona da caatinga. Em Pernambuco, o governador Agamenon Magalhães determina a suspensão do porte de armas em todo o Estado, ao mesmo tempo em que aumenta o efetivo policial, moderniza os equipamentos militares, adquire caminhões para o transporte de tropas e determina guerra sem tréguas ao banditismo.

## Lampião Perde a Fibra e Já Teme uma Traição

Correm por essa época as mais desencontradas versões sobre Virgulino Ferreira. Falou-se que estivera algum tempo em Borda da Mata, na Fazenda do coronel Antônio Caixeiro, recuperando-se dos pulmões, "mas que agora passava bem e tinha boa saúde". Também se disse que ele, já milionário, desistira da vida de bandido e fugira com Maria Bonita para o estrangeiro. E havia quem afirmasse (versão mais corrente) que desde a morte do Padre Cícero do Juazeiro, em 1934, Lampião perdera as forças. Sem o "Meu Padim" para lhe proteger, seu corpo já não é mais "fechado" e o Rei do Cangaço não tem mais proteção contra as balas da polícia.

A verdade é que Lampião tornara-se frouxo e deixara de lutar. Dizem uns por culpa de Maria Bonita que lhe enfraquecera, como Dalila e Sansão, as forças do lutador. Sem mais a fibra do passado, o Rei do Cangaço já tinha receio das coisas e ao próprio irmão João Ferreira, com quem se encontrara em meados de 1937 e que o julgara velho e cansado, disse que não mais confiava em ninguém e temia ser morto à traição.

Queixando-se da falta de munição e de armas, rarearam seus tiroteios com a polícia e os comandantes de grupo, como Labareda e Corisco, passaram a agir por conta própria, ficando meses longe do chefe. Registram-se por isso nesse primeiro semestre de 1938, somente alguns saques em povoados e fazendas de Traipu a Arapiraca, um encontro em Pão de Açúcar e o assalto à vila de Jirau, em abril. Depois reapareceu perto de Santana, parecendo que seguia para Pernambuco. A partir daí não deu mais notícia.

Boatos corriam o Sertão, dizendo que o próprio Getúlio afirmara haver chegado a hora de liquidar o bandido. Quando em junho de 1938, um mês antes do massacre de Angicos, o coronel Joaquim Rezende, da fazenda Floresta, perguntou se ele tinha vontade de abandonar o cangaço, Lampião olhou para o coronel e disse, como numa profecia:

"Tenho vontade sim, mas sei que se me entregar à Justiça, os governos da Bahia e de Pernambuco mandam me matar".

*Diário de Pernambuco* (PE) – 18.07.1982

## O GRANDE DEBATE DE LAMPIÃO COM S. PEDRO

José Pacheco (Do livro *Literatura de Cordel* – Antologia)

*Para me certificar*
*da morte de Lampião*
*arrumei o matulão*
*e andei pra me acabar*
*não me escapou um lugar*
*do Brasil ao estrangeiro*
*percorri o mundo inteiro*
*procurando a realeza*
*até que tive a certeza*
*da morte do cangaceiro.*

*Andei nas areias gordas*
*pilão sem boca e macumba*
*as ribeiras de caxumba*
*estas eu remexi todas*
*passei nas várzeas das poldras*
*fui à baixa de folia*
*levei uma companhia*
*deixei no bico da pata*
*passei nas brechas da gata*
*dormi na boca da jia.*

*Fui à serra do cambão*
*desci na jumenta prenha*
*mandei Chico Tomás Lenha*
*no engenho de Felipão*
*pindoba de Damião*
*ica perto da furada*
*lá deixei um camarada*
*caminhei mais légua*
*dormi na baixa da égua*
*perto de tábua lascada.*

*E atravessei os mares*
*montado em um planeta*
*que ao som duma trombeta*
*vinha descendo dos ares*
*visitando aqueles lares*
*terra de santos e fadas*
*naquela mesma jornada*
*encostei no arrebol*
*cheguei na terra do sol*

*na casa da madrugada.*
*Ela me deu um abraço*
*prestou-me bem atenção*
*mandou chamar o verão*
*no reino do mestre espaço*
*depois chegou o mormaço*
*e saiu muito vexado*
*porque estava ocupado*
*no palácio da manhã*
*tratando da sua irmã*
*mulher do vento gelado.*

*Continuei a viagem*
*com boa capa de luva*
*porque a terra é de chuva*
*e mora dona friagem*
*seu palácio era na margem*
*do rio maior relento*
*descansarei no aposento*
*da velha seca puxada*
*nesta noite a trovoada*
*deu uma surra no vento.*

*No reino da branca aurora*
*encontrei a brisa mansa*
*que vinha trazer lembrança*
*à princesa deusa flora*
*a neve naquela hora*
*em sua alcova dormia*
*depois o sol lhe surgia*
*desfazer-lhe do regaço*
*enquanto pelo espaço*
*a neve branca corria.*

*Pra saber de Lampião*
*qual foi a parada sua*
*subi à terra da lua*
*escanchado num trovão*
*encontrei um ancião*
*velho, barbado e corcundo*
*que vinha do fim do mundo*
*me viu e foi me contando*
*que viu S. Pedro açoitando*
*um espírito vagabundo.*

*Correio Braziliense* (DF) – 17.04.1983

## OS CABRAS DE LAMPIÃO E O NATAL

Jorge Medauar*

Água Preta ficou alvoroçada. Correu a notícia de que um dos cabras de Lampião, nascido no Brejo do Burrico, ia passar por ali. Não se sabia se por Itapira, por Itabuna ou Água Preta. Se chamava Gato e era malvado. Um cangaceiro que matara toda a família, sem pena nem remorso. Diz que se escondia na catinga e ninguém lhe descobria nenhum rastro. Um bicho ladino. Tinha o corpo fechado e pontaria certeira.

Seu Aderno, da farmácia, disse no bar de Maçu que quem ia passar por Água Preta não era Gato não, mas um ainda mais pior. Ruim como cobra. Malvado como diacho. Espetava as vítimas na ponta do punhal, capava as orelhas do morto, cortava a língua dos traidores. Era um do povoado de Chorrochó e se chamava Aleixo, mas no bando de Lampião atendia por Zé Baiano. Uma fera. Lampião achava que era o mais assassino de todos. O mais sem alma: o mais sem Deus e sem piedade. Matava mode se divertir. Gostava de ver o pobre estrebuchando, tremendo e sacudindo as pernas na hora da morte. Uma vez sangrou um soldado da volante que perseguia o bando. Primeiro abriu a braguilha do homem, liquidou com suas partes. Depois foi devagarinho metendo a faca de ponta aqui e acolá. Uma hora na garganta, uma hora no peito, uma hora no cangote. O homem estava revirando os olhos, suplicando apenas com o olhar para que Aleixo parasse com a judiaria. O cabra não teve pena, roncou: "Desvia esses zoio pra lá, sô." E na mesma da hora, como o soldado não atendesse, naquele fio de vida que se acabava, uma sangueira da miséria alagando o mundo, Zé Baiano só fez arrancar os olhos do pobre com a ponta do punhal. Um horror. Pois era Aleixo que ia passar sem dúvida por Água Preta. Disso Aderno tinha certeza.

– E Cuma é que o compadre sabe disso?

Quem indagou foi o gringo Moisés, que estava se cagando e se mijando de medo, só com a notícia. Tinha mulher e filhos e conhecia muitas histórias do cangaço. Sabia das judiarias dos cabras. Mulheres que eram ferradas como garrotes. Morte lenta. Gente arrastada por cavalo. Donzelas arrombadas. Por onde passavam, deixavam um caminho de mortes, de devastação. Já uma vez o gringo ouvira a mesma história: que Virgulino ia atacar a cidade de Água Preta, com o fim de se vingar de um traidor que se acoitara numa roça de cacau, para os lados da fazenda de dona Firmina. Mas fora apenas bafo, uma invencionice ninguém sabia de quem. Assim como veio, a notícia se foi e nunca mais que ninguém falasse em Virgulino e cangaceiros. Água Preta voltou para seu sossego, para suas tardes de cigarras tinindo no sol, o canto da araponga de Aderno, as noites silenciosas chuviscando estrelas, cortadas apenas pelo coaxo da saparia nas lagoas e nos brejos. De manhã cantavam galos nos outeiros e a vida corria feito o rio, que rumorejava manso por entre pedras. Mas eis que agora voltavam a falar em Lampião e naquele cabra malvado que ia passar por Água Preta.

– Seu Aderno, me diga se isso é verdade ou é de mentira.

– Apois me disse um, que veio do sertão, seu Moisés. Recebeu a notícia do tangerino que fornecia munição por bando, seu Moisés. Verdade verdadeira, compadre.

O gringo foi caminhando para casa, um bolo enrolando por dentro. Toda aquela luz do dia quente, antevéspera de Natal, parecia sumir com notícia tão triste. A escuridão do fim do mundo ia tomar conta de Água Preta, e o Natal ia ser borrado com aquela presença, fosse lá de quem fosse, de Gato ou de Aleixo. O certo é que um cabra de Lampião ia entrar em Água Preta e aquilo era o inferno. Toda a cidade ia parar de medo, tremer naquela espera, sem saber

que diabo podia acontecer. Cazua tinha apenas um soldado de guarda. Quem iria defender Água Preta? Teria de esconder a família, mandar todo mundo para um lugar seguro, ocultar suas joias, as correntes de outo da mulher, os camafeus, o Patek Phillipp que atravessara o mundo com ele, nunca adiantado ou atrasado um minuto. E o gramofone? Onde meteria aquela preciosidade que tocava para ele mazurcas e polcas, marchas e dobrados? Os filhos, poderia mandar para Ilhéus, onde os bandidos nunca entrariam, com tanta população, tantos soldados, automóveis velozes. Além do mais, Ilhéus tinha telégrafo. Mas Água Preta não tinha coisa nenhuma. Ainda se seu Chafik viesse do Sequeiro do Espinho com seus jagunços armados de clavinote e repetições, tudo estaria bem. Era um homem valente e decidido. Defenderia a cidade a bala. E seus teréns e sua família estariam salvos.

O gringo olhou para as prateleiras da loja. Correu os olhos para dentro de casa. Viu os filhos armando o presepe, ajudados pelas amas e pela mãe. Os filhos e a mulher, podia mandar para longe, pensou. Mas a loja, entupida de mercadorias? Inda há pouco novos sortimentos – e toda a mercadoria ali estava, arrumada nas prateleiras. Um novo estoque de calçados, de meias, de brins, chitas, bulgariana, perfumaria, caixas de bacalhau, sacos de sal grosso, mantas de jabá e carne-do-sertão, farinha, dendê, cimento, cal e tudo mais. Podia largar tudo isso, as portas fechadas e ele também correr para Ilhéus, como um cagão qualquer, só porque um cabra de Lampião vinha se vingar de um traidor? Home, qual! Era uma vergonha, toda uma cidade ficar morrendo de medo por mode um único cabra de fama ruim. Mas tornou a espiar os filhos, e todo o entusiasmo que sentira para procurar o povo de Água Preta e fazer com a população a defesa da cidade se desmanchou. Não, não iria arriscar a vida de sua família. Nem mesmo a dele. Aqueles meninos ainda eram pequenos, precisavam dele, de sua orientação, de sua experiência.

Entrou. Falou para a mulher e para os filhos:

– Deixem esse negócio de presepe para o outro Natal.

Ninguém entendeu. Os meninos se perturbaram. A mulher estava com uma vaquinha de barro, obra de Maragogipe, entre os dedos. Ficou com o bichinho no ar, sem saber o que fazer, olhando o marido que pusera os olhos no chão. O gringo pouco a pouco foi levantando as vistas, passeando os olhos pela manjedoura, pelo menino Jesus com os bracinhos para cima, no ninho de palha, os reis Magos caminhando cada qual com seu presente, a estrela cadente, com rabo de papel doirado na testa da estrebaria, um jegue e um camelo de junto do berço de palha daquele Deus pequenino que era tão inocente como os filhos, que nada sabia de jagunços, cabras de Lampião, saque de cidade, malvadeza com donzelas, cangaço.

– Vamos para Ilhéus... – disse.

– E o Natal? – perguntou o filho mais velho.

– A gente comemora em Ilhéus, na casa de compadre Nazal.

Os meninos resmungaram um pouco. A mãe colocou a vaquinha no pé de Deus e foi atrás do marido, que lhe contou tudo que sabia da visita daquele cabra de Lampião. A mulher em seguida foi preparar os filhos e as malas. Os olhos lacrimejando, como os olhos dos meninos, que estavam aperreados com o presepe gorado, com os folguedos do Natal, que não eram os mesmos fora de Água Preta. Seguiriam no trem do horário do outro dia, de manhã. O gringo principiou a amolar a navalha para a barba, depois de pedir que a família se aviasse. O quanto antes ficassem prontos, mulher.

No outro dia, antes do sol, já estavam prontos para a viagem. A máquina na estação chiando, os tabaréus e os viajantes chegando para o embarque. O gringo reparou que Água Preta estava igual: seu Emiliano abrindo as portas da loja, o comércio começando a se movi-

mentar, o povo caminhando para seu quefazer. Seu Baé seguia com a carroça para a estação. Maçu já tinha aberto as portas do bar. Alguns tabaréus chegavam das roças, tropas de burros entravam na cidade para descarregar cacau.

O gringo Moisés passou o ferrolho por dentro das portas da loja. A família saiu, ele trancou pelo lado de fora a porta do meio e andou atrás da mulher e dos filhos, no caminho da estação, que ficava bem ali, logo adiante de sua casa. Ia assim, quando seu Aderno chegou.

– Bom-dia, seu Moisés. Bom-dia dona Vitória.

Perguntou que viagem era aquela, na véspera do Natal. O gringo não quis dizer que era por causa daquela visita que ele mesmo, seu Aderno, tinha garantido que Água Preta ia receber. Alegou que era para atender um convite do compadre Nazal, etc. estendeu a mão para se despedir. Foi aí que Aderno falou:

– Sabe, seu Moisés, estão prendendo e degolando os cabras de Lampião. Já mataram aquele Gato, Casca-Grossa, Colchete, Gavião, Jararaca, Quixabeira, Sabonete, Lídia, Maria Bonita... e acho que até o capitão Virgulino.

– E aquele um chamado Aleixo, que vinha para se vingar?

– Também foi para o beleléu, compadre Moisés.

– E Cuma vosmecê ficou sabendo disso tudo, compadre?

– Nesse trem que o compadre tá indo, veio aquele mesmo que contou a história de Zé Baiano e me deu o rol de quase todos os cabras de Lampião... Tá tudo preso, muitos já foram degolados, os corpos virando carniça para os urubus. Diz que Maria Bonita conservou o sorrido mesmo depois de decapitada. Uma carnificina do cão, compadre.

– Quer dizer, compadre, que Água Preta tá livre?

Aderno disse que sim. E foi andando. O gringo Moisés sorriu. Pegou assobiar um pedaço de dobrado, daqueles discos da Casa Edson, muitas vezes repetidos no velho gramofone. Espiou o céu claro, todo aberto de sol, suspirou. Enchendo os peitos com o ar fino da manhã, virou para a mulher e para os filhos e disse:

– Vambora. Ninguém vai mais pra lugar nenhum.

Esfregou a mão nos cabelos do filho pequeno, reparou que a mulher estava com os olhos molhados. Também sentiu vontade de chorar. Mas fez que tossia e falou para os meninos:

– Toca o presepe para frente.

Ninguém sabe de onde vinha uma música alegre, com muitos sinos tocando, um barulho de carruagem puxada por cavalos que sacudiam guizos. Era como se Papai Noel estivesse entrando em Água Preta.

* Autor de *Visgo da Terra*.

*O Estado de S. Paulo* (SP) – 20.12.1986

## *GUERREIROS DO SOL*

Gilberto de Mello Kujawski*

Sempre me impressionaram fundo as fotografias de cangaceiros. Emana daquelas figuras torvas, armadas até os dentes, certa dignidade sombria de demônios das caatingas, capazes de realizar o inconcebível em maldades, e também em bravura. Aquele silêncio que nos colhe ao contemplar fotografias assombra-se em fascinação; a fascinação do mal, ou melhor, dos arquétipos visíveis do mal. De onde provém a autoridade ferina daqueles homens de tantas ruindades, senão de saberem encarar a morte a toda hora, sem estremecerem uma só fibra do rosto crestado pela energia do Sol e pela dureza das armas? Homens dos avessos, egressos das profundas do sertão, que nos amedrontam por não terem medo de nada, e que, ao destemerem até Deus, se sentem integrados nas hostes de Satanás. Aquele clássico punhal nordestino, atravessado na cintura de todos eles, não serve só para "matar", e sim para sangrar ritualmente o inimigo, até a última gota, como o sacerdote sangrava no altar a vítima sacrificial. Não são homens sem Deus, são homens que cultuam Deus com os ritos do Diabo. Bandoleiros, mas não crápulas. Escravizados a um conceito arcaico de honra, sentem-se no direito de saquear e matar como quem faz justiça pelas próprias mãos. Cavalaria andante às avessas. Fotografados em bando, com seus chapéus de couro e rifles em punho, parecem sobreviventes desgarrados de Canudos, a serviço de um Antônio Conselheiro eternizado na alma popular do sertão.

Cangaço, escarninha palavra, varada de maldição. Tem o peso da canga e o relâmpago do aço.

II

*Eu fui aquele que disse*
*E, como disse, não nego*
*Levo faca, levo chumbo,*
*Morro solto e não me entrego.*

A quadra popular sertaneja, da metade do século XIX, serve de epígrafe ao primeiro capítulo do livro *Guerreiros do Sol*, da autoria de Frederico Pernambucano de Melo, Editora Massangana, Fundação Joaquim Nabuco (1986). Prefácio interessantíssimo de Gilberto Freire. Frederico Pernambucano de Mello, jovem sociólogo formado na larga visão da escola gilbertiana, retoma o tema do banditismo no Nordeste do Brasil. Seu primeiro cuidado foi expurgá-lo de certas interpretações ligeiras não por acaso inspiradas na retórica marxista. Como a de Cristina Mata Machado, ao considerar o cangaço como "resposta à violência do coronel". Ou da de José Honório Rodrigues, quando o define como "resposta contra o monopólio da terra e exploração do trabalhador rural pelo latifundiário". Marx não merecia que sua dialética da luta de classes fosse assim banalizada e mecanizada por discípulos tão simplistas.

O autor, liberado de fórmulas já prontas e definitivas, retoma o tema do cangaço a partir de seus pressupostos históricos. Vai examinar "como se fez o fato". Concluindo que o cangaço não foi nenhuma "resposta" a qualquer tipo localizado de dominação, e sim um fenômeno

alicerçado numa sociedade toda ela varrida pela violência como forma de vida. A violência do cangaço não apareceu como resultado da violência dos senhores rurais, sim que uma e outra faziam coro a um sistema de vida coletiva indissociável da violência. Como diz muito bem Vamireh Chacon, o autor "viu que o banditismo agrário se insere naturalmente no quadro maior da violência rural, esquecida ou ignorada por antecessores de pesquisa, mais especificamente na violência do ciclo nordestino do gado". Nesse mundo, a violência não era contra a lei, a violência era a lei universal. O senhor rural podia ser também um cangaceiro, e vice-versa.

Frederico Pernambucano lembra a migração do homem do Nordeste, que saiu das terras agricultáveis do massapé para o "universo cinzento da caatinga", em fins do século XVIII e começos do século XIX, fazendo surgir um novo tipo de cultura no Interior, marcado pela predominância do individual sobre o coletivo, com o reforço vigoroso do sentimento de independência e autonomia na luta contra o contorno vasto e agressivo do sertão. O sedentarismo do ciclo do açúcar dá lugar ao nomadismo do ciclo do gado. Desenvolve-se um tipo humano agreste, combativo, prepotente, ao mesmo tempo que o cenário cultural se imobiliza no tempo, naquilo que Costa Pinto chamou de um "quadro arqueológico". O sertanejo – escreve o autor, lembrando Euclides da Cunha – não é nenhum degenerado, e sim um retrógrado, arcaizante no convívio social, na economia, na moral e na religião. Não fala português errado (como parece ao homem da cidade), e sim o mais puro vernáculo do século XVI, contemporâneo de Gil Vicente e Camões. O sertanejo nascia, crescia e vivia limitado pelo mais severo isolamento, organizando o poder por sua conta e risco, longe dos centros oficiais de administração, polícia e justiça.

O tipo do cangaceiro, neste ambiente, erige-se como o representante mais completo do conjunto dos atributos de valentia que marcam o sertanejo. Explica o autor que entre o sertanejo e o cangaceiro, de início, não houve nenhum antagonismo, e sim um acordo tácito, no qual o homem do cangaço aparecia como verdadeiro arquétipo de bravura, pela liberdade selvagem que encarnava. Assim nos versos populares sobre a saga de Antônio Silvino, o "Rifle de Ouro", ou "Governador do Sertão", ao despontar deste século:

*Como ninguém ignora*
*Na minha pátria natal*
*Ser cangaceiro é a coisa*
*Mais comum e natural;*
*Por isso herdei de meu pai*
*Este costume brutal...*

Esta primeira fase foi a do cangaço "endêmico" (na terminologia do livro), bem tolerado pela sociedade local. O cangaço só passou a ser repelido por essa mesma sociedade, quando da segunda fase, a do cangaço "epidêmico". Palavras do autor: "Esses surtos de cangaço epidêmico, em cuja etiologia se acham sempre presentes fatores de desorganização social e de consequente inibição das atividades repressoras, tais como revoluções, disputas locais, agitações de fundo místico ou político ou social, lutas de família e prolongadas estiagens, provocam o rompimento do equilíbrio que permitia à sociedade sertaneja viver, produzir e continuar crescendo lado a lado com cangaceiro, com base num compromisso tácito de coexistência (p. 45).

Com a sucessão de surtos epidêmicos é que o cangaço se criminaliza socialmente, não hesitando o autor em pintar o cangaceiro como verdadeiro bandido ou malfeitor, embora frequentemente sublimado como vingador de alguma afronta ou cruel injustiça. Esta sublimação

é analisada em termos sociológicos por Frederico Pernambucano, como a teoria do "escudo ético", assim desmistificada no livro: "Este instrumento capaz de convencer a quem o utilizava e à sociedade da nobreza da vida putativamente vingadora dos bandidos, mas que não passava de um bovarismo épico facilmente aceito como real por uma cultura carente de símbolos desse gênero" (p. 71).

A figura lendária de Lampião, titular máximo do cangaço, o jovem sociólogo dedica todo um capítulo inspiradamente titulado "As muitas mortes de um rei vesgo". Mesmo se recusando a vestir de herói Virgulino, trata-o como rei, pela soberania de sua autoridade e de seu raro talento tático e estratégico, e até mesmo pelos seus repentes de perdão e liberalidade.

## III

*Guerreiros do Sol* é livro que se lê com interesse, não só pelo que, efetivamente, apresenta de sedutor, como pelo que poderia apresentar. Por exemplo, o enfoque mais vigoroso do cangaceiro em perspectiva antropológica. Acima das colocações de ordem estritamente social ou sociológica, e de qualquer juízo de valor, mesmo sem querer em nada romantizar o cangaço, a verdade é que o cangaceiro constitui uma certa variedade antropológica particular, com traços culturais e biótipo singulares e bem marcados.

Desafiando o bitolado pedantismo acadêmico que despreza qualquer observação pessoal como simples "impressionismo", sem valor hermenêutico, e animados pelo conselho de Ortega, segundo o qual é vendo com os olhos da cara que se faz as duas terças partes de uma filosofia que não seja uma escolástica, voltemos a observar as fotografias de cangaceiros, que sempre nos impressionam tanto, como foi dito. Nota-se em todos eles uma tensão peculiar, aliada à concentração de energia que parece inesgotável, e aquela dose superior de "magnetismo animal", esse conceito arcaico de Mesmer, por isso mesmo coerente com a tipologia arcaica do homem do sertão. Nada daquela displicência desengonçada do sertanejo em repouso, tal como fixada na página sempre lembrada de Euclides da Cunha. Pelo contrário, o homem do cangaço tem tudo do sertanejo subitamente desperto e aceso para a luta, na descrição do mesmo autor: "O homem transfigura-se. Empertiga-se, estadeando novos relevos, novas linhas na estatura e no gesto; e a cabeça firma-se lhe alta, sobre os ombros possantes, aclarada pelo olhar desassombrado e forte; e corrigem-se lhe, prestes, numa descarga nervosa instantânea, todos os efeitos do relaxamento habitual dos órgãos; e da figura vulgar do tabaréu canhestro, reponta, inesperadamente, o aspecto dominador de um titã acobreado e potente, num desdobramento surpreendente de força e agilidade extraordinárias" (*Os Sertões*).

O cangaceiro desdobra-se deste sertanejo pintado por Euclides, em permanente pé de guerra com o contorno. Aquele sorriso é puro negaceio. Seus sentidos adquirem hiperestesia inusitada, semelhante à dos índios, ou das feras, capaz de pressentir o inimigo à distância de muitas léguas. Sua musculatura, nada ostensiva, ganha a têmpera do aço, e seus nervos, a agilidade inesperada dos felinos.

Compare-se com as fotos dos caçadores de cangaceiros, policiais, ou "volantes", também homens duros e valentes. Só que todos eles de formas arredondadas e de cara lavada, com o ar ingênuo de verdadeiros homens da lei, sem aquela tensão psicológica anormal, sem nada daquele *éclat* de pactários, ostensivo na postura dos cangaceiros. Quase a diferença entre o animal bravio e a planta.

É a vida nômade, ao ar livre, e sobretudo ao sol e aos perigos do sertão, que confere ao cangaceiro a peculiaridade do seu biótipo, e sua singularidade antropológica e cultural. O

sertão nordestino e o sol são elementos inseparáveis da mesma realidade. Esta é um ambiente adusto, calcinado, supliciante, no qual o homem, para sobreviver, tem de ser em tudo o contrário de um vegetal, a saber, sensorialidade e nervosidade puras. Tais atributos, assumidos desde logo pelo sertanejo, são ainda mais aguçados na vida absolutamente sem segurança do cangaço.

O cangaceiro a cavalo em seu nomadismo selvagem está polarizado com o sol, atrelado ao sol. Por isso o título *Guerreiros do Sol*, escolhido para esse livro dedicado ao banditismo no Nordeste do Brasil, além da beleza literária, irradia certeira intuição antropológica. A deixa não escapou à habitual perspicácia de Gilberto Freire, que assim se pronuncia sobre esse ponto no prefácio que dedicou ao livro:

"Sugestão a que pode ser associada esta outra: a de, ao sertanejo do Nordeste brasileiro – região de muito sol, como que masculinizante –, ter faltado maior convívio com a água: uma água como que feminilizante, feminilizante da própria culinária, nos sertões tão masculinamente ascética. E feminilizante também, através de uma frequência de banho de rio, de ação, além de higiênica, recreativa, esportiva, refrescante e capaz, como há quem suponha ser o caso entre gentes árabes, de atuar psicologicamente sobre impulsos bravios, atenuando-os e até adoçando-os.

"... Em certa página, apresenta um desses tipos de bandido, em dias de cangacismo ortodoxo, indiferente tanto a prazeres de alimentação como à constância de convívio com mulher, enquanto em atividade absorvente e monossexualmente belicosa. Daí a presença da mulher, no cangaço, só se ter feito notar em época mais recente."

Aí está: o "cangacismo ortodoxo", enquanto bravia exaltação da virilidade belicosa, repele o contato habitual com o feminino. Naquela página referida por Gilberto Freire, o autor recolhe o depoimento de Sinhô Pereira, cangaceiro da velha guarda: "No meu tempo não havia mulheres no bando. ... Ninguém andava com mulher. Eu acho até esquisito que depois Lampião e o pessoal dele começasse a carregar mulher" (p. 82). Frederico Pernambucano ainda reproduz outro testemunho eloquente do ex-cangaceiro Balão: "Homem de batalha não pode andar com mulher. Se ele tem uma relação, perde a oração e seu corpo fica como uma melancia: qualquer bala atravessa" (p. 82).

A hipótese de homossexualismo seria precipitada e impertinente. A restrição aqui inclui qualquer tipo de contato sexual. Fale-se, portanto, em "monossexualismo", conforme a terminologia de Gilberto Freire. A dedicação integral às armas, quando levada ao fanatismo, exige a misoginia, como garantia da invulnerabilidade do guerreiro. Na medida em que este se abandona à tentação da mulher, ou do sexo, ele "abre seu corpo" e se expõe à virulência implacável do inimigo. Também Guimarães Rosa sabia muito bem dessas coisas, e o drama de Diadorim, em *Grande Sertão*, tem os mesmos pressupostos.

No entanto, a analogia surpreendente e inesperada do homem do cangaço, modelado pela disciplina do sol, das armas, e do ascetismo sexual, na tensão crispada e solitária do princípio masculino, essa analogia se revela é com a figura do guerreiro, tal como descrita pelo poeta-soldado japonês Yukio Mishima, no livro traduzido sob o título *Sol e Aço*. Sol e aço fazem o contexto do homem do cangaço e do samurai de Mishima. Indagado, de certa feita, como conseguia ativar tanto o brilho do seu fuzil, respondeu Lampião: "Só o aço com o aço dá esse brilho..."

## IV

Em *Sol e Aço* a autoafirmação da virilidade na vida militar chega até o delírio, o delírio catastrófico que conduzirá à morte fulgurante do herói, sem que a mais leve sombra do feminino perpasse pelo texto do poema em prosa. A ascese do sol e do aço educa o corpo e o espírito de Mishima na sublimação do épico, que liga a terra e o céu, a vida e a morte, muito mais tarde, graças ao sol e ao aço, eu viria a aprender a linguagem da carne, mais ou menos como quem aprendesse uma língua estrangeira". Só que essa "linguagem da carne", aprendida pelo guerreiro nipônico, não tem a menor afinidade com o feminino nem com os abandonos do erotismo. A carne de Mishina, revigorada pelo sol e pelo aço, não se consuma nem no amor heterossexual nem no amor homossexual (ao menos neste livro), e sim na tensão sobre-humana dos exercícios militares. Mishina assimila plasticamente o vigor do sol na exuberância de sua musculatura, a qual ia adquirindo cada vez mais as qualidades do aço: dureza, flexibilidade e brilho. "O aço, fielmente, me ensinou a correspondência entre o espírito e o corpo". Mishima não resiste ao narcisismo romântico, traído nestas linhas: "Em especial, me era caro um impulso romântico em direção à morte, mas, ao mesmo tempo, eu exigia um corpo estritamente clássico como veículo desse impulso".

A chave da analogia entre os "guerreiros do sol" e o samurai de Mishima está na radicalização unilateral do princípio masculino hermetizado em si mesmo como fonte invulnerável de energia épica, temperada pelo sol e pelo aço.

A diferença é que os cavaleiros do sol, bons centauros do sertão, jamais perderam a pertinência com a Terra, ao passo que o herói japonês, embriagado de romantismo, escorregou voluntariamente rumo ao infinito, por aquela tênue linha de fuga que liga a Terra ao Céu, ao azul vertiginoso do Céu, que o fulminava com apelos irresistíveis.

* Autor de *Viver é perigoso*.

*O Estado de S. Paulo* – Abril de 1987

## MEU NOME É VIRGULINO, APELIDO LAMPIÃO

Alexandre Ribondi

No próximo dia 28 de julho completam-se cinquenta anos da morte de Virgulino Ferreira da Silva, o famoso Lampião, companheiro de Maria Bonita e líder de um bando de cangaceiros que aterrorizaram o Nordeste por várias décadas. Muitas histórias já foram contadas, mas ninguém sabe exatamente o que fez, pensou ou disse o mito Lampião. No entanto, cada vez que se fala dele há sempre uma novidade a descobrir.

Frederico Bezerra Maciel conta, no primeiro volume de *Lampião, Seu Tempo e Seu Reinado* (Editora Vozes) que Virgulino era dado a consertar armas de fogo defeituosas: "Desmon-

tava e remontava, raspava e areava as porções enferrujadas, ajustava as peças descalibradas, reparava as molas esfolozadas... Um perfeito armeiro. Nessas operações aprendeu o mecanismo acionador das armas de repetição. Não conhecia as automáticas, inexistentes naquela época no Nordeste. É aí que se evidencia a inteligência criadora e engenhosa de Virgulino ao descobrir por um meio tão simples – um lenço! – o jeito de tornar um rifle uma arma de maior rendimento.

Virgulino manejava com tanta rapidez a alavanca do rifle assim peado, que os tiros se sucediam formando uma tocha na boca do cano. Ora, contam-se os tiros pelos clarões sucessivos na boca do cano. Impossível contar os de Virgulino. Era um clarão só, aturado, permanente!

Quando ele, perto da casa quartel de Sinhô Pereira, ali em São Francisco, fez a experiência pela primeira vez, era noite. Sinhô Pereira, entusiasmado de admiração, exclamou:

– Isso é um Lampião de Vila Bela!

E foi aí que Virgulino Ferreira da Silva, nascido em Vila Bela (hoje Serra Talhada), no ano de 1900, tornou-se célebre, já com o seu apelido. Contam que, ao ser batizado, o padre teve a coragem de fazer premonições, avisando que Virgulino queria dizer vírgula, uma parada. "Vai ver o mundo inteiro ainda vai parar para prestar atenção nele". Dito e feito, o mundo – ou o Brasil – parou mesmo e Lampião ainda é a grande figura lendária do Nordeste, às vezes descrito como herói, às vezes odiado como mero bandido. A história oficial, de qualquer maneira, costuma referir-se a ele como responsável por mortes e atrocidades.

Mas de violências e atrocidades nem só Lampião pode ser acusado. Sua região também. Ao sertão de Pajeú (terra do Virgulino) cabiam duas palavras, segundo o mesmo Frederico Bezerra Maciel: "atraso e abandono". E este atraso era motivado justamente pelo Governo que apenas se empenhava em enviar ao Nordeste a polícia, para dar apoio aos grandes fazendeiros da região, donos de tudo.

O quadro era assustador. A professora Adalgisa Maria Vieira do Rosário, chefe do Departamento de história da Universidade de Brasília, fala nestes termos: "No Nordeste, havia a disputa do poder local, o poder de família e o que se via era o banditismo originário da vingança de sangue, a vingança de honra. Era, então, uma sociedade dividida em lutas de clãs. Este banditismo é anterior ao próprio cangaço".

Neste ambiente desassistido pelas autoridades, colocado nas mãos das famílias poderosas que promoviam as lutas pelo poder, o extenso resto da população vivia entregue tanto às moscas quanto ao zumbido das balas. Se o sul do País já começava a dar seus passos em direção à industrialização, o Nordeste ainda nem mesmo conhecia o fenômeno da migração. A solução era ficar na terra. A sociedade era um beco estreito com apenas duas saídas: ou ser a favor da polícia e dos coronéis, ou ser contra eles. O homem podia ser jagunço, viver a mando dos fazendeiros e matar para sobreviver. Ou podia ir para o outro extremo, ser cangaceiro, a mando de si próprio, e matar para sobreviver. Nesta situação, passar a acompanhar Virgulino era escolher um modo de vida.

Mesmo assim, tudo indica que não há historiador que chegue a afirmar que o cangaço era um movimento de consciência social. Pelo contrário, segundo a professora Adalgisa do Rosário, "o cangaço é o produto de um grupo social, protestando contra as injustiças, mas sem formular uma reivindicação de classe". Se roubavam dos ricos para dar aos pobres, este esquema de passa-pra-cá nem sempre funcionava. Os cangaceiros são também tidos como geradores de violências contra a população que não se colocava ao seu lado. Não havia, aí, consciência social. Havia, isto sim, necessidade de sobreviver: "escreveu, não leu, o pau comeu".

A professora Adalgisa do Rosário continua: "Os homens e mulheres que compunham o cangaço não eram politizados para chegarem a uma reivindicação social. Havia uma consciência em si, eles sabiam que eram explorados, mas não contavam com nenhuma consciência para si, politizada".

Em 1938, caiu Lampião. Nesta época, todos já sabiam que era apenas uma questão de mais dia, menos dia. Com a fama nacional do bando, era uma questão de honra, para o governo, eliminar o cangaço das caatingas. De qualquer jeito, o governo empenhou-se em eliminar os seus "bandidos", mas nunca usou o mesmo ímpeto para eliminar as condições sociais que os faziam surgir. Em *Bandoleiros das Caatingas*, livro do jornalista Melchiades da Rocha, lançado pela Francisco Alves, o autor lembra as palavras do telegrama enviado por Durval Rocha, que ele recebeu na redação do jornal *A Noite*: "Santana do Ipanema, 28 de julho de 1938 – Onze bandidos, inclusive Lampião, foram mortos pela polícia alagoana na fazenda Angicos, em Sergipe. Abraços".

Esse final com "Abraços" parece não ser apenas uma mera formalidade de telegramas. Muita gente trocou cumprimentos com a morte de Virgulino, por questões políticas, por acreditar que ele representava um tumor no Nordeste ou então por acreditar piamente que o cangaço denegria a imagem do sertão, terra de "homens fortes".

Mas mesmo o próprio jornalista Melchiades da Rocha, veementemente contrário a Lampião e ao seu modo de sobrevivência, conseguiu encontrar palavras de elogio ao morto. E é ele quem diz: "Lampião, que era um dos expoentes da bravura, da tenacidade e da resistência, características de seu povo, povo esse que nada fica a dever a qualquer outro nem na inteligência e nem no caráter, foi, sem dúvida, um gênio. Um gênio, sim, embora a serviço do mal, mas que poderia ter sido aproveitado a serviço do bem, se houvesse sido iluminado pelas luzes da ciência, da educação cristã".

Estas considerações do jornalista, ainda que abertamente conservadoras, têm razão de ser. Na verdade, se o Nordeste não fosse o que tem sido ao longo da história nacional, uma longa faixa de terra que alimenta sua elite e seus políticos com a própria miséria, não há dúvida de que Lampião não teria existido. Se o homem era realmente um gênio, como concordam seus admiradores e seus inimigos, por que haveria de andar de pouso em pouso, de armas na mão, reagindo contra a violência que sentia na pele? Se não fosse nordestino, ia ser apenas um gênio.

*Correio Braziliense* (DF) – 24.07.1988

## MEMÓRIAS DO CANGAÇO

Marcos de Vasconcelos

São inúmeros os cangaceiros que ficaram para a história: Jesuíno Brilhante, Zabelê, Volta Seca, Corisco, Cabeleira, Luís Pedro, Jararaca e muitos outros, mas os reis do estupro, da sangradura, do esfolamento, da castração, do saque, do extermínio, justiça lhes seja feita, foram Antônio Silvino (Manuel Batista de Morais), conhecido no início da promissora carreira como Né Batista) e Lampião (Virgulino Ferreira da Silva), que recebeu do governo federal a patente de capitão e, mode combater a Coluna Prestes, um arsenal de pistola, punhal, bacamarte e munição, artefatos que usou para fins mais construtivos que aporrinhar a marcha dos guerrilheiros: esfolar senhor de engenho, jagunço e macaco da volante. Lampião desencarnou na fazenda Angicos, em Sergipe, de bala e estricnina, aos 38 anos de idade. Antônio Silvino finou-se numa boa em Campina Grande, de morte acontecida, aos 69 anos.

Depois de 16 anos de imbuança no cangaço, Antônio Silvino (que tirou a alcunha do seu mês mestre na guerrilha, Silvino Aires Cavalcanti, que acabou chumbado pela volante de Luís Mansidão) foi preso e tirou 23 anos de cadeia, mas no seu período de glória foi o mais assassino, o mais impiedoso, o mais aterrorizante cangaceiro dos sertões de Pernambuco e Ceará.

Certa ocasião, já dono de bando próprio, herdado do falecido Silvino Aires, entrou em Afogados de Ingazeira, na zona do Alto Pajeú, sua terra natal, com o mocó atulhado de cobre, mode comemorar uma façanha rendosa, e procurou uma bodega de seu agrado. Chegou numa, viu a casa cheia, botou todo mundo pra fora e, claro, a obediência foi instantânea. Antônio Silvino, que queria as mesas todas para ele e cabralhada, divisou no fundo da sala iluminada a candeeiro, um freguês recalcitrante, que continuou mansamente a mamar sua cachaça, sem se importar com a correria. Imediatamente despachou um ordenança para varejar o teimoso no olho da rua. O mensageiro foi, voltou: chefe, o cabra disse que não vai sair agora de jeito nenhum. Só depois que acabar a pinga e pagar o devido.

Silvino arroxou, desembainhou o punhal de 18 polegadas, levantou-se devagar e foi cuidar pessoalmente do atrevido.

Cabra nojento – rosnou, mordendo os dentes – tu sabe, filho de uma égua, quem é que eu sou?

O outro, sem tirar os olhos serenos da garrafa, fez que não com a cabeça. Os cabras do bando, antegozando diversão e sangueira, arrodearam os dois, já se rindo da desgraça. O chefe cravou o punhal na mesa do infeliz e urrou para o lugar-tenente:

– Cascavel! Diga a esse filho de uma puta quem é que eu sou!

Cascavel disse: o homem mais brabo que tinha do alto até a ponta de baixo do Brasil, o valente, o temido, o excomungado Antônio Silvino. O outro ergueu os olhos devagar, passou a vista no homem terrível, fitou a linha longínqua de um inexistente horizonte, sorriu manso, reminiscente, e fez uma confissão saudosa:

– Mundo pequeno... Comi muito sua mãe...

*Tribuna da Imprensa* (RJ) – 19.11.1988

## LAMPIÃO EM TACARATU

Nertan Macedo

Quando (certa vez) Lampião invadiu a pequena cidade de Tacaratu no alto sertão pernambucano, fê-lo para se vingar do major Arturzinho Vieira, chefe político de quem não gostava de jeito nenhum.

Nas minhas Histórias Sangrentas de Lampião, editadas na década de 70, narro ali as humilhações sofridas pelo velho Arturzinho, que foi muito amigo, anos depois dessa aventura, a que foi submetido pelo rei do cangaço, do então juiz de direito de Jatobá do Tacaratu, o hoje ilustre advogado no Rio de Janeiro e membro do Clube Comercial, onde almoça diariamente, Dr. Hélio Cavalcante Pina.

Lampião observou na ocasião um ritual e um comportamento implacáveis contra o prócer sertanejo. Deu-lhe uma surra de relho de couro cru e até esteve a pique de autorizar um dos seus facínoras a "ferrar" Arturzinho no traseiro.

Depois da surra, Lampião ordenou às cabras:

– Tragam aquele jumento pelado que está ali na ponta da rua, perto do cruzeiro.

O burrico chegou tangido pelo cangaceiro Baliza e o major Arturzinho, nuzinho em pelo como se achava na ocasião, igualmente à hora em que nasceu, foi posto em cima do animal, à maneira de um Judas de Aleluia (com as costas para a frente), e assim obrigado a passear, rua acima, rua abaixo, no mais vergonhoso dos desfiles.

Nem lady Godiva se teria exibido tão acintosamente. Lampião ainda ordenou a toda a população que saísse às ruas para assistir.

Logo a molecada formou um cortejo bufo, prorrompendo em vaias e chacotas da pior espécie. Uma tremenda canalhice, verdadeira maranha, contra o major Arturzinho.

O fogueteiro local, Zé Cobrinha, que era da oposição e sofrera rude perseguição política do major, resolveu contribuir com sua parcela ruidosa na desmoralização do adversário. E soltou bombas e disparou ronqueiras potentíssimas, abalando a pacatez habitual do povoado.

Uma velha maluca, de nome Veridiana, mais tarde protegida do então jovem magistrado, Hélio Pina, e que andava esmolando pelas ruas, vendo a cena grotesca do major nu, escanchado, ao contrário, em cima de um jumento, pelas ruas da cidade, resolveu intervir junto ao feroz Lampião:

– Não faça uma coisa dessas, "seu" capitão! Mate logo o homem, mas não deixe o "seu" Arturzinho sofrer tamanha vergonha!

E Arturzinho, que ouviu, apavorado, a sugestão amalucada da velha, berrou pra Lampião:

– Não, capitão, pelo amor de Deus não me mate! Assim como vai, vai muito bem!

Consta que o infortunado major, antes de morrer, escreveu circunstanciado relatório sobre este incrível episódio, e o documento, produzido em Caruaru, veio, anos mais tarde, parar nas famosas pastas dos Arquivos Implacáveis de João Condé, que o conserva avaramente, até hoje, mesmo em Lisboa, onde atualmente se acha na qualidade de adido cultural do Brasil.

*Tribuna da Imprensa* (RJ) – 20.11.1988

## JÁ NÃO SE FAZEM MAIS BANDIDOS COMO ANTIGAMENTE

Rachel de Queiroz

Ando agora muito envolvida com pesquisa sobre o banditismo nordestino, na era de 60 e 70 do século passado. E a figura de *outlaw* que encheu essa década foi a de Jesuíno Alves de Melo, codinome Jesuíno Brilhante.

Foi ele o cangaceiro mais notório do século. Lampião só o excedeu em publicidade porque teve a lhe trombetear o nome e ajuda da mídia – imprensa, rádio, cinema. E Lampião era amoral, perverso, sem o sentimento de honra sertaneja, personificada por Jesuíno. Até mesmo Antônio Silvino, que completa o trio dos bandoleiros mais famosos do sertão, jamais se igualou ao Brilhante.

Se tivesse nascido nos EUA, há muito estaria no cinema, rivalizando com Billy The Kid. Tinha tudo para ser o caubói padrão de uma saga cinematográfica. Era bem-nascido, pai fazendeiro, mãe Alencar, do Ceará. Branco, louro arruivado, bonito, musculoso e de Olhos Azuis! Satisfazendo o racismo latente do seu tempo, os biólogos só se referem à família dos Limões, adversária dos Brilhante, como "os negros", os "cabras", os "pardos". E os próprios Limões, filhos de escrava e pai forro, davam a um dos seus o apelido de "Negro Limão". O nobre caubói, contudo, tinha os seus antecedentes criminais: seu tio José, o primeiro Brilhante, fora bandoleiro temido.

Assumindo o sobrenome digamos "histórico" do tio materno, Jesuíno dá mostra de que não se pejava das tropelias do parente, antes se considerava seu herdeiro e seguidor. Começou, aliás, sua carreira, com o chamado "motivo fútil". O moleque José Limão (16 anos de idade) "respondeu mal" ao pai de Jesuíno, ao lhe fazer entrega de uma junta de boi que o velho Alves emprestara ao fazendeiro seu amo. Jesuíno castigou o atrevido com uma surra de relho. Os oito Limões tomaram vingança e surraram o caçula dos Alves; aí Jesuíno fez sua primeira morte, liquidando a faca o cabra Pedro Limão.

Os Limões se associaram à polícia e com isso perderam toda a simpatia da população. Principalmente porque as tropas de polícia se haviam tornado especialmente temidas e odiadas ao se empenharem na caça de recrutas para a guerra do Paraguai – os chamados "voluntários da corda", pois que embarcavam amarrados. Um dos irmãos Brilhante foi apresado para a guerra (sob a chefia de um Limão, feito policial) e Jesuíno teve que o libertar, a mão armada. Como teve que libertar mais tarde o próprio pai, que fora preso na cadeia do Pombal, na Paraíba, em provocação ao filho. O velho jamais se envolvera nas guerras do Jesuíno. Mas o que lhe deu aureola de herói foi porque, durante a sua relativamente curta carreira, Jesuíno Brilhante jamais assaltou ou roubou. Apenas, durante a tremenda seca de 1877, que devastou o sertão por três anos, "requisitava" os comboios de gêneros mandados pelos governos aos seus prepostos (em cujas mãos grande parte dos socorros era desviada) e os distribuía às turbas de retirantes famintos que desciam pelas estradas. Era também o defensor das famílias: obrigava a casamento aos que se negavam a reparar a honra das donzelas, protegia senhoras sozinhas, viúvas, ou casadas com marido ausente.

De uma caverna inexpugnável na serra do Cajueiro, que fora o reduto do tio José Brilhante, Jesuíno fez a sua fortaleza. De lá saía para as correrias e batalhas campais com a tropa e os inimigos. E só morreu, numa emboscada policial, guiada pelo último dos limões (ele já mata os outros todos) porque estava fora da "Casa de pedra", a gruta cavada entre os penedos.

Sua saga deu até romances, e deu intermináveis cantorias no folclore do Nordeste. Seu crânio, exumado por um estudioso, foi dado de presente ao alienista Juliano Moreira, no Rio, e inexplicavelmente se sumiu. Lá no sertão se acredita que foi o próprio Jesuíno que veio buscar a sua caveira.

*O Estado de S. Paulo* (SP) – 11.01.1991

## DIÁLOGO COM O HOMEM QUE MATOU CORISCO

Ruy Guerra

O sol do meio dia fazia da Praça de Jeremoabo um imenso deserto.

Lembro-me que tudo se passou nesse ano triste de 1961, ano da morte do Miguel Torres, no acidente desse mesmo jipe ali estacionado, coberto de poeira, junto da única loja aberta naquele vazio do mundo. Só não me lembro como foi que o coronel Rufino surgiu, ali sentado, esfíngico, vestido de uma camisa e calça caqui, certamente sem atinar muito bem o que queríamos dele. Nós, igualmente calados, sem outro projeto que o de trocar umas palavras com o homem que matou Corisco.

Mas daqui para a frente, tudo ficou marcado em mim com uma nitidez que chega a assustar. Cada gesto, cada palavra, cada silêncio, foi ficando através do tempo mais depurado, mais definido, mais exato. Não há um detalhe, uma palavra, um sentimento, de que eu não tenha a convicção serena que foi assim, rigorosamente, que tudo se passou. Pedi uma cerveja, que chegou morna. O coronel Rufino, não sei porque isso me devia surpreender, pediu um sorvete de morango. O Miguel Torres, por uma dessas crueldades da memória, deixou de estar presente. Houve um silêncio largo, desses silêncios de quando estranhos se medem e se perguntam a si mesmos como começar essa aventura que é ade se conhecer.

Do coronel Rufino eu sabia tudo o que me parecia importante saber: que era o maior caçador de cangaceiros ainda vivo, que há muito estava aposentado, que era de ali mesmo, daquele Sertão. De nós, imagino, ele sabia apenas que fazíamos cinema e pensávamos filmar por aquelas bandas. E não parecia particularmente interessado em saber mais. Aceitava o encontro como a inevitável curiosidade que desperta quem traz o estigma de ter matado o bandoleiro mais mítico de toda a história do cangaço. Com movimentos pausados, de quem tem toda a velhice diante de si para gastar, ia sorvendo o seu sorvete de morango.

O que mais me marcou nesse encontro, para já, foi isso mesmo: o sorvete de morango. A cor desmaiada do sorvete barato, a colherzinha vagabunda na mão grossa, seca, veienta, com o dedo mindinho ridiculamente afastado dos outros dedos. Por que um sorvete e ainda mais de morango?

Por causa desse insólito sorvete, me custou a lançar a conversa. Comecei com perguntas banais de que já conhecia as respostas, e que não justificavam o desvio que havíamos feito por aquelas poeiras calorentas do Sertão para este eventual encontro. Se ele, coronel Rufino, havia comandado muitas volantes atrás de cangaceiros? Se toda a sua vida se havia dedicado a essa caça? Se havia dado voz de sangrar a muito bandido?

A cada pergunta, Rufino ia monossilabicamente confirmando, pausado, aparentemente mais atento ao sorvete de morango que ao óbvio questionário.

– E Corisco? O senhor matou Corisco?

– Matei.

O coronel Rufino não era um homem alto, nem tinha nada que à primeira vista pudesse impressionar alguém que não soubesse do seu passado. Nos seus 60 e tantos nãos, imagino, não se lhe sentia um grama de gordura. Tinha um rosto marcadamente nordestino, sem emoções visíveis, os olhos fendidos preparados para os exageros da luz da caatinga e uma voz surpreendentemente jovem.

Parecia desinteressado, embora cortês. Senti-o, não ansioso, mas decidido a terminar o encontro com o final do seu, para mim já irritante sorvete de morango. Foi essa certeza, e o sentimento da idiotice das minhas perguntas, que me fizeram perguntar de supetão, gratuitamente.

– O senhor, coronel, torturou muita gente?

O coronel Rufino parou de comer o seu sorvete, a mão pesada, suspensa no ar, a meio caminho. Pela primeira vez o senti pensar rápido, embora o tempo durasse. Depois, delicadamente, pousou a colher. Até então ele nunca me havia encarado, e ainda aí não o fez. Limitou-se a olhar a imensa praça vazia, assustadoramente amarelada pela crueldade do sol.

– Seu João!

A sua voz continuava controlada e, embora o tom da voz não tivesse aparentemente subido, atravessou a distância. Foi então que eu notei que um camponês desgarrado estava passando. O homem entrou no bar, as alpercatas de couro sem ruído, o chapéu de palha agora respeitosamente na mão. Um olhar rápido para os forasteiros, o tom respeitoso.

– Sim, coronel?

O coronel falou num tom macio, quase afetuoso.

– Seu João, o senhor me conhece há muito tempo, não é verdade?

– Conheço sim, coronel.

– Quem sou eu? Uma leve estranheza na voz do camponês.

– O senhor? ... O senhor é o coronel José Rufino.

– Eu persegui muito cangaceiro, não persegui?

– Perseguiu, coronel.

– Eu matei muito cangaceiro, não matei?

– Matou, coronel.

A voz do coronel Rufino continuou, inalterada.

– Eu torturei muito cangaceiro, não torturei?

O camponês pareceu não entender.

– Como, coronel?

A voz do coronel Rufino parecia ainda mais mansa, mais paciente.

– Eu torturei muito cangaceiro, não torturei?

Os olhos do camponês correram por nós, intrigados.

– Não, coronel... Não senhor.

Obrigado, seu João. Pode dispor!

Como um leve aceno de cabeça para todos, o camponês, afastou-se. O coronel Rufino esperou que o homem desaparecesse no sol da praça e só então me encarou, pela primeira vez. Os olhos fendidos sem expressão, talvez por isso mais inquietantes, aprisionando os meus. A voz sempre serena, igual, mas onde se podia sentir agora, nítida uma intensa paixão.

– Toda a minha vida eu persegui cangaceiro. Prendi muitos, também dei fuga a muito pobre diabo que se meteu nessa vida por injustiça que sofreu. Mas matei muitos, muitos mesmo. De bala, de faca, de todo o jeito. Era a minha profissão.

Levantou a mão, espalmada à altura do seu rosto. Essa mesma mão, que até então tinha servido para comer aquele irritante sorvete de morango. Foi uma pausa curta, mas esses breves instantes, guardo como os de uma indefinível angústia.

– Mas esta mão, esta mão que o senhor está vendo aqui, nunca tocou o rosto de um homem, fosse que homem fosse, nem do pior bandido. Porque homem a gente mata, sangra.

Passou a mão suavemente pelo próprio rosto.

– Mas tocar o rosto de um homem, só a mulher e o barbeiro têm o direito de tocar.

O coronel Rufino retomou a colher e continuou a comer o interminável sorvete de morango. Lembro-me, que no momento, senti um imenso alívio, como se tivesse vindo de muito longe. E tinha, como compreendi mais tarde.

Daí para diante, nada mais consigo evocar. Não sei como nos separamos, se trocamos mais algumas palavras – o que duvido – além de alguma banal despedida. Mas ao longo dos anos – e muitos anos depois – comecei a relembrar e a contar, obsessivamente, este encontro. Não com o sentimento de ter escapado a algum perigo – embora ainda hoje não esteja muito certo disso – mas com a desconfortável convicção de ter ido tão fundo nesse Sertão, para ingenuamente insultar um homem na sua hospitalidade, na sua memória, no seu mundo.

*O Estado de S. Paulo* (SP) – 10.10.1993

## O CRIME É BONITO

Carlos Heitor Cony

Não faz muito tempo, creio que em 1997, por generosidade de amigos, fui presidente de um júri do Festival de Cinema, em Natal. Andava, como ando habitualmente, desinformado sobre as qualidades e defeitos do nosso cinema, mesmo assim fiquei assombrado ao ver que, entre os dez ou 12 filmes inscritos, todos, todos sem exceção, eram violentos.

Dois deles eram explicitamente sobre o cangaço. A favor do cangaço. A tese dessa corrente cinematográfica é conhecida e bastante discutível: o cangaço foi um movimento contra a injustiça social, o coronelismo, o banditismo do poder formal.

O grupo de Lampião, o mais famoso e o mais glorificado, combateu a Coluna Prestes, que pretendia lutar contra a mesma injustiça social. Nesses dois filmes, havia uma cena co-

mum e captada do mesmo modo: o cangaceiro sangra uma vítima e o sangue espirra nos óculos do assassino.

Cenas tão comoventes são repetidas e louvadas pelos críticos e especialistas. Banaliza-se a violência, glamoriza-se o crime – e a hedionda espiral da força primária e bruta continua fazendo vítimas.

O caso desta semana, espetacularizado pela mídia, ampliado pelo aparecimento extraordinário do presidente da República na TV, mais cedo ou mais tarde dará samba, ou seja, aparecerá em livro, filme ou caso especial no horário nobre. Dois jovens, duas vítimas – afinal, o sequestrador também foi assassinado pela polícia.

Qualquer roteirista, desocupado ou não, pode extrair da tragédia uma história de amor, contestação e – como de hábito – com cenas de violência e sexo.

O que mais me indignou no caso da Rua Jardim Botânico foi o replay, a monotonia das causas e feitos da violência urbana. Nada de novo: o rapaz drogado e armado, a sociedade indefesa, a polícia incompetente.

*Jornal do Commercio* (RJ) – 15.06.2000

## OS ROUXINÓIS DE SERGIPE

Joel Silveira

Rubem Braga tinha horror à mentira, chegava mesmo a ser cruel, pouco ligando que alguém atingido por suas opiniões elas estivesse ali, de corpo presente. Já eu, sou mais dado a umas mentirinhas inofensivas, particularmente quando o assunto não é sério, desses que exigem total veracidade e fidelidade aos fatos. Quando o assunto é pueril e puxando para anedota, apraz-me (como diria Maria Mercedes, a enjoadinha) fantasiar um pouco, procurando dar um certo colorido ao que me parece fosco e sem brilho. Di Cavalcanti também tinha queda para essa espécie de jogo onde realidade e ficção se misturavam, mas que não chegavam a alterar a ordem das coisas. Puro *divertissement*.

O introito acima serve apenas para eu chegar à historinha que passo a contar. Uns vinte anos atrás, lá na famosa cobertura da rua Barão da Torre, enquanto Braga roncava forte na folgada rede nordestina (na qual certa vez surpreendi, devidamente acondicionados, ele, Braga, e mais Dorival Caymmi e o pintor Caribé, sem que um estivesse acotovelando o outro), eu bebia meu uísque e contava histórias para as belas moças que ali estavam de visita ao Sabiá da Crônica. Não se por que, a presença de mulher bonita sempre me abriu as portas da fantasia, me despertando esse meu lado, digamos, onírico. Com mulher bonita perto e me ouvindo, mergulho fundo no mundo da mentirinha, ou melhor, no oceano da fantasia que, com vocês sabem, não tem fundo.

Pois foi quando, finda uma das historinhas (que eu poderia alargar ou encurtar, conforme a reação das ouvintes), voltei-me para a rede onde Rubem devia estar dormindo profundamente, e disse:

– Se vocês não acreditam na história, podem perguntar aí ao Braga que não me deixa mentir.

Ao que o Sabiá, erguendo apenas a cabeça, falou:

– Pode mentir, Joel. A casa é sua.

Outra vez, na mesma cobertura e noutra noite antiga, eu conversava e conversava, a facúndia liberada pelo uísque de boa qualidade (bebia-se sempre bem na casa do Sabiá), tratando pela rama os mais variados assuntos. Calado e sonolento (e ele estava sempre calado e quase sempre sonolento), Braga limitava-se a escutar. Teve uma hora em que passei a falar de Lampião, do cangaço, das misérias que Virgulino Ferreira da Silva e seus homens haviam praticado lá em Sergipe. E abruptamente disparei, num incontido ufanismo provinciano:

– Você sabe, "seu" Braga, que Lampião nunca entrou em Lagarto, por mais que tivesse tentado?

Ah, mas antes eu tinha saído com esta:

– Você sabe, "seu" Braga, que em Sergipe tem rouxinol?

Veio da rede um grunhido:

– Rouxinol em Sergipe, Joel?

– Maviosíssimos.

E o Sabiá:

– Santa ignorância. Se você entendesse de passarinho, devia saber que rouxinol é pássaro de terra fria.

Realmente, eu tinha ido longe demais, de forma que, como recomendava a boa estratégia, eu devia solertemente mudar logo de assunto. Que os malditos rouxinóis cantassem onde bem entendessem! E foi aí que pulei de rouxinol para Lampião, uma perigosa guinada de 180 graus, e sem rede protetora lá embaixo. E fiz a pergunta:

– Você sabe, "seu" Braga, que Lampião nunca entrou em Sergipe, terra de meu pai e de Silvio Romero?

E o Sabiá:

Quer dizer que Lampião nunca entrou em Lagarto?

– Nunca! Tentou várias vezes, mas acabava sempre desistindo.

O Sabiá silenciou por alguns minutos, disse em seguida:

– Como é mesmo o nome verdadeiro de Lampião?

– Virgulino Ferreira da Silva.

– Pois forçoso é reconhecer que o Sr. Virgulino Ferreira da Silva, a quem presto homenagens, é um homem de grande sensatez e de acentuado bom gosto.

– Por quê?

– Me diga, que diabo o senhor Virgulino Ferreira da Silva iria fazer em Lagarto? Ouvir os rouxinóis?

E acrescentou, passando a tranca no assunto:

– Ninguém melhor do que você sabe que em Lagarto não se entra, sai-se.

E olhando para o pedação de Atlântico Sul defronte, sentenciou:

– Daqui a pouco o sudeste vai soprar.

– E dali a pouco o sudeste começaria a soprar, que de ventos o Sabiá sabia tudo.

*Jornal do Commercio* (RJ) – 10.09.2000

## PESQUISADOR TRILHA CAMINHOS DOS BANDOLEIROS

### Araujo Já Fez 41 Viagens ao Nordeste para Tentar Recompor a História de Lampião e de seu Bando

O interesse do adolescente, que não encontrou explicação suficiente para sua curiosidade, se tornou obsessão. Nos últimos 53 anos, Antônio Amaury Corrêa de Araújo fez 41 viagens ao Nordeste brasileiro. A última foi no mês passado, quando ficou mais de 30 dias revisitando locais por onde o bando de Lampião passou.

As próximas paradas estão agendadas para julho e outubro.

Apesar dos muitos anos de pesquisa, Araújo nunca teve a pretensão de se tornar um especialista. "Sempre gostei muito de história e procurei entender mais sobre o cangaço por satisfação pessoal. Só percebi o tamanho do meu conhecimento quando as pessoas começaram a me procurar para falar sobre o assunto."

Em 1959, no início da carreira de dentista, trabalhou no Sindicato de Construção Civil. O fim do cangaço havia trazido muitos nordestinos e foi entre os pacientes que Amaury conheceu mais de sete cangaceiros. "Havia 20 anos que Lampião havia morrido, que o cangaço e o ganha-pão deste povo havia acabado. Por isso, muitos vieram para São Paulo", explica.

O primeiro encontro marcante, no entanto, ocorreu em 1968 quando foi ao Nordeste para conhecer Sérgia Gomes da Silva, a Dadá. Queria que ela me acompanhasse em uma viagem e acabei trazendo-a para são Paulo. A personagem transformou-se em grande amiga e morou mais de um ano na casa de Araújo. Foi ele também que conseguiu uma prótese para Dadá, que perdeu a perna direita em sua última batalha, em 1940, quando o companheiro Corisco morreu.

União – Em 1969, o irmão de Lampião, João Ferreira, também veio para a cidade passar alguns meses na casa de Araújo. "Foi uma felicidade imensa poder hospedar pessoas tão importantes. Uma oportunidade que a maioria dos pesquisadores não teve", diz. Os laços com Mocinha e os dois filhos continuam estreitos. "Eles me têm como da família."

Recentemente, ele fundou a União Nacional de Estudos Históricos e Sociais, que conta com 60 associados. Na maioria, há interessados na história nacional. Muitos acompanham o pesquisador em viagens pelo interior do País. Muitas vezes, Araújo também promove reuniões em casa. "Trocamos ideias, e às vezes, convido alguns cangaceiros para participar." (R.G.)

*O Estado de S. Paulo* (SP) – 14.06.2002

## UM OUTRO LADO DO CANGAÇO

Marcos Bragatto

As aventuras de Lampião e seu bando armado ou mesmo outros cangaceiros é um tema recorrente no cinema brasileiro, sobretudo no cinema novo de Glauber Rocha. Mas a produção mais conhecida do grande público talvez seja a minissérie global estrelada por Nelson Xavier e Tânia Alves. O chamado banditismo social de Lampião ia além da crueldade geralmente apresentada nesses trabalhos, e somente um fotógrafo/videografista conseguiu registrar os momentos do bando em ação, o libanês Benjamim Abraão.

Sua história é contada em *Baile Perfumado* (Bandeirantes, 22h00), filme dirigido por Paulo Caldas e Lírio Ferreira, ambos radicados em Recife e contemporâneos da geração mangue beat de Chico Science e Fred 04, que participam da trilha sonora também do roteiro.

Na década de 1930, Benjamim Abraão (Duda Mamberti) é um jovem mascate e homem de confiança de Padre Cícero (Jofre Soares), que antes de morrer e ser considerado santo, exercia grande influência política na região, e era solicitado pelos pobres e cortejados pelos coronéis. Ele parte de Juazeiro para tentar registrar imagens do bando de Lampião. Com sua lábia de vendedor, ele recorre a favores de várias pessoas, entre elas o coronel Libório (Cláudio Mamberti), um velho amigo de Lampião. Outro artifício que ele usa é o de tirar retratos de pessoas influentes, com os quais mais tarde ele possa barganhar para obter informações.

Já no meio do bando de Lampião, ele vai aos poucos registrando momentos inusitados de um grupo de matadores, como quando eles dançam ao som de uma rabeca ou bebendo uísque e banhados por loção francesa, ao som da música "Baile perfumado" (Daí o título da fita). Passado o tempo e concluídas as filmagens, Benjamim não consegue exibir seu filme, censurado pela ditadura do Estado Novo de Getúlio Vargas.

Pressionado por credores, e sem dinheiro para pagar as dívidas, uma vez que não consegue recuperar os investimentos com a exibição pública do seu filme, Benjamim é brutalmente assassinado.

Baile Perfumado mostra o cangaço por um outro lado, onde Lampião aparece muito mais em momentos de lazer, e por isso mais festeiro, e menos em ação, quando a crueldade de seu bando é a tônica.

*Tribuna da Imprensa* (RJ) – 15.07.2002

## A CAVALARIA E O CANGAÇO

Alexandre Pilati*

*Lampião & Lancelote* é um daqueles objetos de arte que chegam a nossas mãos e resistem a qualquer tipo de classificação. Embora esteja encaixado no catálogo de infanto-juvenis da editora, certamente agradará também ao público adulto. Embora narre uma história, mesclando poesia e prosa, é, sobretudo, um belíssimo livro de arte. Uma coisa é certa: não há como não admirar a publicação pelo cuidado editorial e pelos encontros que promove entre tempos, espaços, personagens, artes, culturas, gêneros e técnicas.

A obra traz um enredo simples, mas de alta densidade simbólica. A medieval fada Morgana lança um feitiço que conduz Lancelote, personagem da Távola Redonda do rei Arthur, a uma viagem que o faz atravessar tempo e espaço. O cavaleiro, então, desembarca no século 20, no sertão nordestino, onde encontra Virgulino Ferreira, o famoso Lampião. Confrontados os dois "heróis", dá-se um duelo que começa em briga e termina em festa. Aventura, e das mais saborosas, é, portanto, o que se encontra no livro.

Aventura também foi a que se propôs o próprio autor na pesquisa e na execução do projeto. Fernando Vilela é premiado ilustrador e artista plástico. Com *Ivan Filho-de-Boi* (Cosac Naify, 2004), escrito por Marina Tenório, ganhou o prêmio Revelação Ilustrador 2004, da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLI). Entretanto, em *Lampião & Lancelote*, ele se aventura como autor literário. O resultado é excelente para um estreante. A narrativa é leve, descontraída, sutilmente bem-humorada e acessível. Vilela mantém rigoroso respeito aos parâmetros das influências literárias que buscou – o cordel e as narrativas de cavalaria – revigorando-as com um léxico atual e significativo. O texto destaca-se de suas fontes populares sem negá-las, artificializá-las ou torná-las meras notas pitorescas e usa, com adequação, nos momentos certos, a sextilha heptassilábica de cordel e o parágrafo altissonante do romance de cavalaria.

As ilustrações também são fruto de extensa e minuciosa pesquisa do autor. Para a elaboração das imagens do personagem do cangaço, Vilela valeu-se de pesquisas de xilogravuras populares, cordéis de Lampião e do contato com as verdadeiras indumentárias dos cangaceiros, da coleção de Frederico Pernambucano de Mello, exposta na Mostra do Redescobrimento. A composição gráfica de Lancelote foi baseada em observações e pesquisas no Metropolitan Museum de Nova Iorque, nos gabinetes de estampas da Biblioteca Nacional de Paris e nas coleções de iluminuras medievais da British Library em Londres. As técnicas utilizadas pelo autor, extremamente adequadas à intenção expressiva da narrativa, são os carimbos e a xilogravura. Os carimbos, utilizados na construção dos personagens, são feitos com gravuras em borracha escolar comum, com desenhos cuja inspiração está nos motivos banais e nas gravações decorativas de armaduras medievais. A xilogravura é utilizada para o painel de fundo do Nordeste e em alguns momentos no personagem Lampião.

O resultado dessa reunião de gêneros textuais, plasticidades, técnicas e culturas é um choque de explosiva beleza entre o "cobre", que representa o sertão das "armaduras" cangaceiras, e o "prata" das armas medievais. O fundo negro que aparece diversas vezes destaca os personagens do tempo e do espaço, reforçando a ambiência mítica do encontro entre Lancelote e Lampião, além de criar a saborosa sensação de sala de cinema. Não bastasse a junção entre

literatura e artes plásticas, o formato pouco habitual do livro (35x24) lembra a dimensão da tela de cinema, o que é reforçado pelos ângulos das ilustrações. Cinema, literatura, imagens... No confronto de elementos díspares, tudo é epopeia condensada, escrita e publicada num momento da história humana em que o épico não está mais disponível.

A obra de Vilela, enfim, por tudo isso, valoriza o livro como objeto de cultura. Nessa época em que há migração de informação para os meios digitais, *Lampião & Lancelote* mostra como há inúmeras possibilidades artísticas, ainda parcamente exploradas, para o livro como suporte de textos e imagens. Na área da literatura infanto-juvenil, a elaboração de livros que unem as artes plásticas à literatura, é, cada vez mais, uma alternativa produtiva. Na literatura adulta, nem sempre se tem visto bons resultados dessa junção em favor de um todo significativo. Normalmente o que se vê é apenas livro ilustrado, ou ilustrações acompanhadas de poemas. Lampião & Lancelote é uma outra coisa; uma terceira margem para o rio.

Pelo seu potencial artístico, pode-se perceber que a obra de Fernando Vilela anuncia inúmeros caminhos a serem desbravados pela literatura e pelas artes plásticas em conjunção. Caminhos que se ligam a toda uma tradição ocidental de diálogo entre a literatura e as artes gráficas e que remontam a Mallarmé, a Apolinaire e aos dadaístas, por um lado, e por outro, às iluminuras medievais e às ilustrações dos cordéis nordestinos, de que tão bem se valeu o autor. Trata-se, pois, nesse caso específico, não apenas de promover o prazer pelo objeto-livro, mas sim explorar, em sentido amplo, as possibilidades artísticas, expressivas e críticas, inerentes a esse objeto que ainda respira, todavia pareça afogado no "informar".

* Professor de Literatura Brasileira e poeta. Autor de *SQS 120M² COM DCE* (NTC, 2004).

*Correio Braziliense* (DF) – 13.01.2007

## LAMPIÃO NÃO MORREU!

Ana Clara Brant

Depois de Elvis Presley, Raul Seixas e até Michael Jackson, quem diria, até Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião, considerado o maior cangaceiro de todos os tempos, não morreu! Quer dizer, pelo menos não da maneira como a maioria das pessoas conhece e que está relatada nos livros de história: durante um tiroteio, na emboscada da Angicos, em Sergipe, em 1938. Logo após esse célebre episódio, Virgulino Ferreira teria vivido como comerciante e fazendeiro no norte de Minas, e morreu com 96 anos, em 1993, em Buritis (MG). Isso é o que garante o escritor, pesquisador e fotógrafo José Geraldo Aguiar, 60 anos, que lança hoje à noite, em Brasília, o livro *Lampião, o invencível: duas vidas e duas mortes* (Editora Thesaurus).

Na obra, Aguiar expõe o 'outro lado da moeda' e mostra por meio de entrevistas, documentos e até depoimentos do suposto Lampião sobre como se deu essa sobrevida. "O que para o homem sábio é descoberta, para os outros pode ser loucura. Muita gente acha que sou louco, mas muitos acreditam em mim. Foram 17 anos de muita pesquisa e um árduo trabalho e eu tenho a convicção de que o homem que conheci e convivi durante cinco meses era realmente o Lampião", assegura o escritor.

José Geraldo Aguiar sempre foi um grande admirador do "senhor absoluto do sertão" e, vez por outra, ouvia rumores de que havia um homem em sua cidade, São Francisco (MG), à beira do rio de mesmo nome, que todos julgavam ser Lampião. "O Rio São Francisco era a estrada do sertão. Então, vários cangaceiros acabaram indo para essas bandas. Logo após a batalha de Angicos, em que ele foi dado como morto, Lampião fugiu, passou pela Bahia, Piauí, até que, em 1950, ele e Maria Bonita acabaram se estabelecendo em Minas. Ele viveu na clandestinidade e chegou a ter 13 identidades falsas", afirma o pesquisador.

Segundo a versão de Aguiar, Lampião era um sujeito muito astuto, inteligente e não condizia com seu temperamento ser morto da maneira que foi, com um tiro, e degolado, posteriormente. "Ele fugiu. Ele era uma pessoa de fama mundial. A morte dele foi uma farsa. Uma satisfação à sociedade. Ele disse a seus comandados que iria fazer uma grande viagem. E tenho inúmeros depoimentos no meu livro que comprovam essa versão de que ele realmente viveu em Minas até os 90 anos", enfatiza. E com relação à famosa cabeça que seria de Lampião e que foi, inclusive, fotografada? "Não era dele. Abordo isso no meu livro também. Temos até historiadores que afirmam que aquela cabeça pertencia, na verdade, a um outro cangaceiro, de nome Zé do Sapo, diz.

O autor defende com unhas e dentes sua versão sobre a outra morte do famoso capitão e narra com detalhes os seus encontros com ele. Não foram fáceis, mas a profunda admiração de Aguiar pelo cangaceiro foi o fator preponderante para que ele ganhasse a confiança definitiva de Lampião, como ele relata no livro:

*"Em meio aos comentários sobre gostos e costumes, soltei que a história de Lampião era a que mais me atraía. Ante a pronúncia do nome, olhou-me de maneira diferente e pediu que eu permanecesse mais tempo ali. Mas como não podia ficar, acompanhou-me até a porta, de onde, tirando os óculos escuros, convidou: "Volte amanhã, cabra. Ao virar para trás e acender o convite, percebi que seu olho direito era quase fechado."*

"Foi uma conversa muito difícil, ele não se revelou de cara. Era um homem muito sério,

sisudo e depois de algum tempo, disse que após a sua morte, eu estava autorizado a revelar ao mundo a sua sobrevida. Foi o que fiz, apesar de ainda hoje viver sob ameaça", revelou, sem querer entrar em detalhes.

Na obra, há um trecho em que a filha de Lampião e Maria Bonita, Expedita Ferreira Nunes, conta o motivo de ter se recusado a fazer um exame de DNA para comprovar que aquele senhor que vivia no sertão mineiro era o seu pai. Expedita declarou que não perderia tempo com aquela história e disse mais: "o meu pai, o que eu conheço pela história, era um homem, não um frouxo, nem um covarde para viver esse tempo todo fugindo".

Segundo Aguiar, é natural que os descendentes do cangaceiro não queiram falar no assunto, e que alguns deles realmente mudam de prosa quando se toca no nome de Lampião. Mas garante não se importar. "A história dele sempre teve muito mistério, afinal, é um mito. É normal a família não querer ficar remoendo nisso. Mas eu me sinto muito feliz e privilegiado de ter revelado toda essa história", garante.

MITO

O historiador Frederico Pernambucano de Mello, um dos maiores especialistas de Lampião e do cangaço no Brasil, revela que já ouviu algo a respeito dessa versão sobre a "nova vida" do capitão em Minas Gerais. Entretanto, afirma que as evidências são comprovadamente suficientes para indicar que ele realmente morreu durante um tiroteio na batalha de Angicos, em 28 de julho de 1938.

"Logo que sua cabeça foi cortada, ela foi exibida e várias pessoas, amigos de infância, conterrâneos, companheiros a examinaram e asseguraram que era sim a cabeça de Lampião. Temos pelo menos 40 depoimentos nesse sentido. Além do mais, fotos da cabeça foram comparadas com fotos dele. O corpo foi examinado também. Como historiador, não encontro nenhum motivo razoável para que ele não tenha morrido do jeito que conhecemos. Nada que atestasse sua morte foi oculto", destaca Pernambucano de Mello.

Ele acrescenta que é natural que sua morte e sua história provoquem controvérsia, assim como de outros mitos como Hitler, Elvis Presley, e que este é um tema a ser tratado muito mais por psicólogos do que por historiadores. "As pessoas gostam de fomentar essas histórias, criadas por quem admira essas figuras; faz parte da sobrevivência do mito. Com relação ao Lampião, eu mesmo já segui meia dúzia de pistas de que ele estava vivo e não deu em nada. Não li este livro, mas quero ler e examinar, e conhecer as razões que levaram o autor a acreditar nessa versão", afirma.

*Correio Braziliense* (DF) - 14.05.2010

## A ERA DO COURO

Carlos Marcelo

O Historiador Luiz Bernardo Pericás Lança Livro em que Ilumina Aspectos da Representação do Cangaço ao Longo do Tempo e Confronta Eric Hobsbawm ao Garantir: "As Principais Lideranças não Eram Bandidos Sociais"

*A culpa é de Glauber. Depois que assistiu a Deus e o Diabo na terra do sol, Luiz Bernardo Pericás guardou na memória as imagens emblemáticas, entre elas o antológico desfecho do encontro entre Antônio das Mortes (Maurício do Valle) e Corisco (Othon Bastos). "Saí do cinema quase em transe, com a sensação de que havia assistido a um filme genial, uma obra-prima. Aquelas imagens ficaram em minha mente por muito tempo", conta. Ali nascia o interesse do historiador pelo cangaço. O que ele conhecia, porém, eram as versões romantizadas nos livros, cordéis e nos cinemas. Pericás, então, resolveu aprofundar os estudos para tentar iluminar aspectos do fenômeno social que marcou a primeira metade do século 20. "Minha intenção não foi ser polêmico, mas apenas lançar luz a novas variáveis e enfatizar alguns aspectos do cangaço que por vezes foram negligenciados ou, pelo menos, pouco explorados por outros autores", conta. Após viagens para o agreste e sertão nordestinos, consulta de publicações e pesquisas em universidades no Brasil e no exterior, ele chegou ao resultado final: o livro Os cangaceiros – ensaio de interpretação histórica, lançamento da Boitempo Editorial. Em entrevista ao Correio, ele discorre sobre o trabalho, aponta distorções históricas, explica a razão de sua crítica ao conceito de "banditismo social" defendido pelo historiador britânico Eric Hobsbawm e indica livros sobre o assunto.*

—

Como Surgiu Seu Interesse no Tema?

Como a maioria dos brasileiros, o que eu conhecia sobre o assunto eram versões romantizadas da vida daqueles bandoleiros em livros e cordéis, e suas histórias (muitas vezes, mais próximas da ficção do que da realidade) contadas por nossos cineastas. O fato é que o cangaço está incrustado no imaginário social de nosso país. No Nordeste, a imagem do ator social cangaceiro é muito forte e continua gerando interesse a cada nova geração. Em torno de seis anos atrás, resolvi ler mais atentamente o que havia sido escrito sobre o tema e percebi que havia grandes possibilidades de avançar nos estudos sobre o cangaceirismo, mesmo que iluminando ou dando maior ênfase a um ou outro aspecto deste fenômeno social.

Nesse Processo, Qual a Maior Dificuldade?

A maior dificuldade ao longo do trabalho talvez tenha sido saber como fazer um estudo equilibrado. Este é um tema que provoca paixões, muitas discussões acirradas, até hoje. Não tive intenção de fazer uma biografia ou uma história apenas factual, mas, na prática, um estudo mais abrangente. Ou seja, um ensaio que fosse essencialmente de "interpretação" histórica, que pudesse trazer alguns questionamentos e análises interessantes sobre esse assunto.

## Como Surgem as Distorções Históricas?

É possível encontrar livros tendenciosos, alguns dos quais escritos na época em que o cangaço estava no auge, carregando nas tintas os atos dos bandoleiros e usando muitas vezes os argumentos dos governos locais para apoiar uma dura repressão àqueles bandos. Homens que lutaram nas Forças Volantes contra os bandoleiros ou escritores que apoiavam alguns políticos ou governos locais escreveram sua versão dos fatos, pelo lado da legalidade. Neste caso, Lampião e seus asseclas seriam indivíduos monstruosos, abomináveis. As descrições físicas que faziam de cada um daqueles *brigands* eram quase caricaturas. Já outros, como Eduardo Barbosa ou Frederico Bezerra Maciel (que produziu uma biografia de Virgulino Ferreira em seis volumes), tentaram mostrar o "rei" dos cangaceiros como um "herói" popular, quase um Robin Hood sertanejo, também distorcendo a realidade. Do final dos anos 1950 ao final dos anos 1960, autores como Rui Facó e Christina Matta Machado apresentaram o cangaço como uma revolta social inconsciente das massas sertanejas empobrecidas e exploradas. Seria uma forma de rebeldia contra as injustiças do sertão. Mais tarde, Antônio Amaury Corrêa de Araújo publicou diversos livros sobre o cangaço, em geral, baseando-se em depoimentos orais de ex-bandoleiros que entrevistou. Ou seja, ainda que textos bastante lineares, narrativos, eles são úteis aos pesquisadores, já que contam a história a partir da visão de alguns dos próprios ex-cangaceiros.

## Por Que Considera Questionável a Teoria do Banditismo Social Defendida por Eric Hobsbawm?

Para Hobsbawm, os bandidos sociais permaneceriam dentro da sociedade camponesa e em tese, seriam admirados e respeitados pela população mais humilde, que poderia chegar a considerá-los "heróis", "vingadores", "justiceiros" ou até mesmo "líderes de sua libertação". Esses bandidos, portanto, lutariam contra os "inimigos de classe" do campesinato: o Estado e os potentados rurais. Representariam, neste caso, um protesto social de caráter pré-político e inconsciente. Para o autor de *Era dos extremos*, o banditismo social não apresentaria organização ou ideologia, seria inadaptável aos modernos movimentos sociais, teria uma visão retrógrada e tinha por objetivo reconstituir uma ordem social tradicional. Essas são, em linhas muito gerais, algumas das facetas do banditismo social. Hobsbawm, sem dúvida nenhuma, é um intelectual por quem tenho o maior respeito, que produziu uma obra séria, ao longo de várias décadas. Mas creio que, especificamente em *Bandidos* (onde discute o cangaço), ele se propôs a elaborar uma teoria demasiadamente geral sobre o "banditismo social" (já esboçada em *Rebeldes primitivos*, muitos anos antes), comparando uma grande quantidade de casos de banditismo em todo o globo, usando como base, em grande medida, lendas e folclore popular, com escasso uso de documentos e uma bibliografia bastante limitada.

## Por Isso, Você Acredita que o Conceito do Banditismo Social é Insuficiente para Explicar o Cangaço?

A teoria do "banditismo social" parece não corresponder, pelo menos em sua totalidade, ao cangaço. Poderíamos discorrer aqui sobre cada uma das varáveis apresentadas por Hobsbawm para caracterizar o "banditismo social" e mostrar que, de maneira geral, elas não

correspondem ao cangaceirismo. Em outras palavras, alguns elementos da teoria podem estar presentes em um ou outro bandoleiro, e pode até haver alguns casos de exceção que estejam em conformidade com suas ideias, mas de maneira geral, não se pode dizer que aqueles criminosos se enquadrassem nos pressupostos apresentados por ele. Muitos líderes do cangaço tinham origem social relativamente abastada (eram "coronéis" ou parentes destes) e membros de famílias tradicionais sertanejas. Na prática, eles eram parte da "elite" local. Alguns eram latifundiários, descendentes de oficiais da Guarda Nacional e donos de escravos (ou filhos destes). E muitos daqueles bandoleiros conseguiram ganhar bastante dinheiro com extorsões, sequestros e roubos (dinheiro roubado tanto de ricos como de gente mais pobre, indistintamente) e que não era utilizado para melhorar a vida das populações mais humildes. Pelo contrário. Seu interesse era ficar com o butim para si. José Baiano, que costumava marcar mulheres com ferro em brasa com suas iniciais JB (o mesmo que se usava para marcar gado), é um desses casos. E Corisco, homem extremamente cruel, é outro que conseguiu guardar bastante dinheiro ao longo de sua carreira de crimes.

E como se dava a relação dos cangaceiros com os donos do poder?

Esses bandoleiros tinham, em várias instâncias, bom relacionamento com os "coronéis", policiais e políticos mais reacionários da região (de quem recebiam proteção, armas e munição); agiam e eram vistos por muitos cangaceiros de menor expressão (a "arraia miúda" do cangaço) como "patrões"; e na maior parte dos casos, não tinham nenhuma identidade de classe com o povo mais pobre do sertão. Preferiam estar na companhia dos "coronéis" do que de agricultores humildes ou de trabalhadores rurais, os quais, em muitos casos, foram torturados e assassinados por aqueles criminosos, sem nenhuma piedade ou remorso. Não podemos generalizar, é claro, há muitos casos que poderiam ser vistos com mais atenção. Mas de maneira geral, as principais lideranças do cangaço não eram bandidos sociais.

## Que Outras Ideias Perderam Força ao Longo do Tempo?

A ideia de que os cangaceiros representavam uma forma de rebelião pré-política e inconsciente também me parece equivocada. Primeiro, eles não estavam se rebelando contra os potentados rurais, mas em realidade, se pudessem, gostariam de se tornar um deles (e alguns, de fato, tinham a mesma origem de classe dos senhores rurais). Segundo, considerar suas ações como pré-políticas e inconscientes é ter visão apriorística destes indivíduos e do mundo em que viviam, além de decidir, unilateralmente e de antemão, como as pessoas devem agir e que caminho devem tomar. Em outras palavras, só porque eles não representavam um movimento social orgânico ou não se uniram ou formaram um partido político, não significa que eles simbolizavam "movimentos pré-políticos" e "inconscientes". Olhando a partir desta perspectiva é como considerar estes homens quase adultos infantilizados, sem coerência ou conhecimento do mundo a sua volta, incapazes de se organizar numa força política capaz de enfrentar o siste ma. Na verdade, eles sabiam exatamente quais eram as forças políticas e o ambiente social de sua região, eram muito hábeis em negociações políticas com os "coronéis", com os políticos e a polícia, e escolheram seu lado.

## Como a Figura de Lampião Ganhou Ares Míticos ao Longo das Décadas?

Lampião, sem dúvida, foi o mais importante de todos os cangaceiros. Tinha qualidades muito superiores a outras lideranças de sua época: inteligente, com grande resistência física,

demonstrava arrojo e ousadia em combate. Sabia estruturar e comandar com muita habilidade seu bando, conseguindo sobreviver por muitos anos em situações por vezes adversas, reconstituir seu grupo (quando, em momentos, tinha a seu lado poucos companheiros de armas), novamente robustecer suas hostes e continuar dentro das atividades criminosas com muito êxito. Seu bando atuou numa área muito ampla do sertão e agreste nordestinos: seu nome e fama, portanto, cruzaram fronteiras. Sinhô Pereira abandonou o cangaço; Antonio Silvino foi capturado e preso; mas Lampião permaneceu até o fim como um guerreiro. Já Lampião nunca se rendeu. Terminou a vida como líder cangaceiro. Em outras palavras, temos aqui um caso concreto de que um indivíduo fez, de fato, a diferença.

## E Como Lampião Foi Retratado Pela Mídia?

É bom lembrar que nos 1920 e principalmente na década de 1930, a mídia já estava bastante desenvolvida. Fotografias de Lampião posando na caatinga com seus companheiros apareciam em revistas e jornais brasileiros, nas principais capitais (inclusive no Rio de Janeiro), e imagens filmadas de seu bando foram registradas de forma muito favorável por Benjamin Abraão. O nome e a imagem de Lampião foram usados por lojas de chapéus e pílulas para prisão de ventre em seus anúncios, só para citar dois exemplos. Até mesmo a imprensa nos Estados Unidos chegou a falar dele. Toda a "estética" e a "imagem" do ator social cangaceiro são do período lampiônico. E finalmente a entrada das mulheres nos bandos, na década de 1930, também ajudou na mitificação do fenômeno. Os grupos eram nômades, tinha indumentária própria e muito característica, andavam juntos, levavam consigo mulheres, crianças e animais de estimação, dançavam, bebiam e criavam grande medo e confusão ao entrar nos povoados.

## Quem São os Maiores Responsáveis Pela Mitificação dos CangaceiroS?

Cumprem papel importante na divulgação e mitificação do cangaço (e todo o exotismo em torno dele) a história oral, os cordéis e também, é importante ressaltar, o cinema nacional. Os cangaceiros foram retratados por muitos cineastas importantes. Aqueles bandoleiros, assim, saem do mundo real e se transformam em personagens de ficção. A imagem do cangaceiro é manipulada e serve a todos os gostos. Ele pode ser o bandido, o justiceiro, o vingador, o herói. Serve para todos os públicos. Conversei com um cordelista certa vez e perguntei sobre a veracidade de algumas de suas narrativas. Ele me disse que em alguns casos foi fiel à reali

dade, mas em outros, simplesmente inventou. E assim, as histórias vão se transfigurando, se transformando, ganhando novos significados. Lampião e Antônio Silvino, portanto, acabam entrando em confronto com homens, com policiais, com "coronéis", mas também com seres míticos, com o diabo, dragões de várias cabeças, personagens do folclore nacional e etc. eles deixam de ser verdadeiras figuras históricas e se tornam também parte das lendas e do folclore sertanejo.

*Correio Braziliense* (DF) – 14.08.2010

## NO CANGAÇO ERA ASSIM

É no mínimo curioso que a insurgência popular dos cangaceiros, ocorrida no começo do século 20, nunca tenha sido tema de um estudo particular e profundo, apesar de ser assunto permanente no imaginário do povo brasileiro. Frederico Pernambucano de Mello, historiador especialista em violência rural, investiga a trajetória dos donos do sertão nordestino e preenche uma lacuna histórica no livro *Estrelas de couro: a estética do cangaço*, prefaciado por Ariano Suassuna e editado com mais de 300 imagens.

Em 1997, Mello decidiu iniciar o estudo devido a um incômodo estético, que costumava o afligir quando se deparava com peças de acervos públicos e privados. "Havia um requinte, um orgulho, uma imantação estética e em cada peça daquela, um conjunto de valores", avalia.

Segundo o pesquisador, o cangaceiro não é um criminoso comum. A composição dos trajes, que, além de punhais, rifles e pistolas, eram adornados com chapéu, bornais, cartucheiras e perneiras extravagantes, denuncia: trata-se de um bandido requintado, diferente do fora da lei urbano que protagoniza os noticiários. "O criminoso procura se mimetizar, se ocultar, e facilitar os seus golpes. Como a gente vê no criminoso da cidade, o próprio pistoleiro do sertão. O cangaceiro, não. Se você considerar a paisagem sertaneja, que não é a mais exuberante, a presença daqueles homens era um verdadeiro porre de cores. E eles eram vistos na caatinga como se fossem extraterrestres", afirma o pernambucano.

Eles andavam de lá pra cá pelo sertão, saqueando propriedades privadas e fugindo da polícia. Distante das definições que enquadram os cangaceiros ora como justiceiros ora como assassinos, Mello procura apenas conferir aos primeiros anos do cangaço o status de evento histórico importante. Para ele, o movimento liderado por Lampião e Maria Bonita se assemelha às revoltas de índios, mestiços e negros, no período colonial. "No tempo que ocorreram, os movimentos foram ilegais. Com o passar do tempo, havia algo relevante, com anseios de formação da nação brasileira. O cangaço é irmão do indígena, do quilombo e da revolta social, mas tem características curiosas. Primeiro, ele não é intermitente. E é metarracial: você podia ser caboclo, negro, sarará, ter olhos verdes; qualquer forma racial habilitava a fazer parte do grupo. É o grande irredentismo metarracial brasileiro. Isso, como tema histórico, reconcilia o cangaço com a história do Brasil, analisa.

Os uniformes decorados dos cabras da peste também tinham valor simbólico e místico. Os inconfundíveis chapéus, por exemplo, carregados de estrelas e moedas, serviam de amuleto de proteção contra males humanos e porventura espirituais. "Ele se cercava por todos os lados. Se fosse flagrado, estava protegido pelos vários sinais, que são pobres quando considerados singulares, porque são orientais e milenares, mas eram aproveitados pelo cangaceiro na composição, como arte de síntese. Pude ver o cangaceiro como o índio, o samurai ou o cavaleiro medieval europeu. Eles carregam consigo a arte popular. O cangaceiro, na aba do chapéu, na cartucheira, na pistola, até na perneira", comenta o escritor.

A conexão explícita do homem com a divindade, própria do homem primitivo, permanece nas narrativas do cangaço por meio do conjunto estético, que pode ajudar a entender de maneira menos preconceituosa os bandoleiros. "É preciso considerar as atenuantes culturais do fenômeno: o cangaceiro foi alguém que protagonizou uma tradição brasileira aberta no século 16, o irredentismo. Era um período em que não havia poder público muito definido no sertão. A justiça social tinha que ser administrada de algum modo", explica.

*Correio Braziliense* (DF) – 22.08.2010

# CANGACEIRO DE ITABAIANA

# LAMPIÃO ARRUDIANO ITABAIANA

Robério Santos*

## Ele Nunca Esteve Aqui, Mas Saiba os Fatos Relacionados a Itabaiana

O banditismo social, como é rotulado por muitos, é um fato que atravessa os séculos. Começou basicamente quando o colonizador europeu chegou por essas bandas no século XVI trazendo a corja de malfeitores que nos viam como simples objetos de lucro (mudou alguma coisa?), começou a montar suas barracas no litoral e explorando o interior em busca de ouro, prata, terra para o gado, lavoura e umas indiazinhas safadas para seu deleite. Em Itabaiana não foi diferente. Itapváma (segundo José Almeida Bispo, o v era colocado no lugar do u por dificuldades tipográficas), cresceu muito desde quando Simão Dias Francês nasceu debaixo da quixabeira no final do século XVI onde hoje fica a Igreja de Santo Antônio e Almas. Este recém-nascido era filho de um francês com uma índia daqui do agreste, se tornou o primeiro itabaianense e foi amamentado por uma cabra (Rômulo Dias ou Remo Dias?). Pronto, a mentira vem de longe. Mas, uma pergunta que sempre me fiz foi: por que o valente Lampião e seu bando nunca invadiram Itabaiana, já que aqui tinha tanta riqueza na década de 20 e 30? Será que por medo do que podia encontrar aqui ou por ter amigos coiteiros no local? Será que aqui a concorrência era grande por ter bandidos ou heróis demais? Qual a relação entre o cangaço e Itabaiana? Foi aí que fiquei encucado desde minha adolescência, quando comecei a bisbilhotar as ideias históricas da terra da cebola (e também uns engraçados que disseram que não há relação). Toca a procissão adiante. Comecemos por um cabra ruim virado na gota serena. Seu apelido (aqui não temos nomes de batismo): Mata Escura, parido em 1821 com o nome de (Santo) Antônio (São) José e (Simão) Dias.

Assassino e ladrão profissional, foi levado à forca aos 25 anos de idade no dia 08 de março de 1847 (primeira vez que a forca foi usada em Itabaiana) após assumir nove assassinatos e mais umas caridades (citado em *Vila de Santo Antônio de Itabaiana*, do escritor Vladimir Souza Carvalho. Pág. 252, 2009. Aracaju/SE). Seu enforcamento se deu em frente à Igreja Matriz de Santo Antônio e Almas de Itabaiana. Mas, qual a relação dele com o cangaço? Bem, Virgulino só nasceria 50 anos depois da execução de Mata Escura. Mas, dia 13 de março de 1918, nas brenhas de Saco Torto, então povoado de Itabaiana, nasce Antônio dos Santos, que onze anos mais tarde, ao viajar para a Bahia em 1929, dá de cara com Lampião e é convidado a ingressar no bando deste. Passa a ser chamado instantaneamente de Volta Seca e apelidado de "Menino". Com o passar dos anos, este mascote se mostra muito destemido e cruel, mas por um ato heroico tenta salvar um amigo baleado e é pego pela polícia baiana em 1932. Durante sua passagem pelo bando, acabou compondo uma música em ritmo de xaxado chamada "Sabino e Lampião".

Depois de sair da cadeia, casou-se e foi morar no Nordeste, quando recebe um convite para morar em São Paulo, do cineasta e diretor Lima Barreto, para assistir e criticar o filme, *O Cangaceiro* (1953), mediante uma gratificação. O ex-cangaceiro condenou a cena em que Lampião chicoteia um cabra na cara. Diz que nos sertões, não se faz isso com homem, se mata,

pois cara de homem no Nordeste é sagrada. Graças às novas amizades conseguiu emprego na Estrada de ferro Leopoldina, onde trabalhou por vários anos. Por essas desventuras, no ano de 1957, é chamado pela Rádio Nacional para gravar um disco que retratasse as músicas do cangaço. Entre uma faixa e outra, há ainda curtos trechos de narração de Paulo Roberto, o então apresentador da Rádio Nacional. Neles, o radialista dá as devidas introduções às canções, explicando-as com um tom romanceado característico dos anos 50. Antes da devida música, que citarei na íntegra adiante, ele fala: "Quando entrou para o bando de Lampião, Antônio dos Santos era um menino de apenas 11 anos. Passou desde logo a ser Volta Seca, um simples tratador de cavalos promovido mais tarde por merecimento a bandoleiro de fuzil marchetado, facão de três palmos e cartucheira cruzada. Agora, ele recorda a cantiga em que os cabras faziam uma brincadeira perigosa, mas fariam o mesmo de mexer com o Capitão Virgulino, o Terror do Sertão". Segue-se abaixo a letra da música:

Sabino e Lampião (xaxado)

*E lá vem Sabino*
*Mais Lampião*
*Chapéu de couro*
*E fuzil na mão*
*Vem Sabino mais Lampião*
*Chapéu quebrado*
*E o fuzil na mão*
*Lampião diz que é valente*
*É mentira, é corredor*
*Correu da Mata Escura*[1]
*Que a poeira levantou*
*Lá vem Sabino mais Lampião*
*Chapéu de couro*
*E o fuzil na mão*
*Lampião tava dormindo*
*Acordou muito assustado*
*Deu tiro numa braúna*
*Pensando que era um soldado.*

(*Volta Seca, Cantigas de Lampeão*, São Paulo-SP, 1957)

Volta Seca cita Mata Escura como se fosse algo amedrontador, capaz até de botar para correr o Capitão Virgulino Ferreira da Silva, vulgo Lampião. Lógico, pode ter sido inconsciente, mas o terrorista itabaianense do século XIX era algo que servia de inspiração para os pais dizerem em tom de ameaça a seus filhos: "Vá pro mato não, Mata Escura te pega", da mesma forma que se fala de saci, caiporas e luzernas. Há também uma entrevista feita com Volta Seca pelo Grande cartunista, humorista, dramaturgo, escritor e tradutor, Millôr Fernandes para o *Pasquim* de setembro/outubro de 1973, nº 221. Em uma abertura simples e uma resposta seca inicia-se a entrevista:

"O *Pasquim* encosta na parede o 'Jesse James' do Nordeste:
Volta – o Cangaceiro Millôr – você morava a que distância de Aracaju?

Volta Seca – A seis Léguas. Em Itabaiana Grande."

—

## Lampião Estava com o Livro de Ranulfo Prata Quando Morreu

Viagem minha? Pode até ser, mas que é lógica é. Podem contestar. Vocês não viram nada ainda. Vamos para a próxima relação? O cinema. Pois é, o cinema... Segundo relata Joãozinho Retratista no jornal *O Serrano*, nº 187, de dezembro de 1972, na matéria História do Teatro e do Cinema em Itabaiana: "Nos meados da primeira década deste século (ainda no XX), um trio, composto por Santinho de Tetéu, Zezé da Lagoa e Oseas Preto, montou o primeiro cinema fixo em terras de Itabaiana. Funcionou ele, na Rua Tobias Barreto (Rua do Futuro), esquina com o General Siqueira, em casa especialmente para se servir de sede do cinema. Demorou pouco, e apesar da aceitação popular, o trio dispersou-se, e o cinema foi parar em Capela". Pois bem, agora o cinema estava instalado lá pra riba depois dos Enforcados (atual Nossa Senhora das Dores). Dando voltas em páginas dos livros sobre o cangaço, acabei me deparando com um fato interessante sobre Capela: o dia que Lampião foi ao Cinema. O lagartense Ranulfo Prata em 1934 já havia narrado este fato, mas foi mesmo no livro do jornalista Fernando Portela e do advogado carioca Cláudio Bojunga, no aclamado livro *Lampião, O Cangaceiro e o Outro*, de 1982, que encontrei mais detalhes sobre o evento. No capítulo VI, "Capela se rende e Lampião vai ao cinema", tem um trecho interessante: "O telegrafista de Capela estava no cinema, sentado ao lado do juiz de Direito. Era o dia 15 de outubro de 1929. (...) o filme se chamava *O Anjo das Ruas*. Janet Gaynor se agitava, portanto, na tela do único cinema daquela cidade (...), após entrar no cinema, a sombra de Lampião foi projetada na tela). Quem virou a cabeça (e todas se viraram) viu o Capitão Virgolino em pé, perto da última fila. Pavor, pânico, reboliço. Lampião gritou 'daqui num sai ninguém' (...) depois de umas conversas e de desafinar a banda) 'E agora, quero ver cinema'".

Compadre Ramos apagou a luz e Janet Gaynor voltou à tela. Por pouco tempo. Lampião não gostou (do filme). Os músicos se sentiram aliviados, alguns empunhavam o violino de cabeça para baixo (pg. 39 e 40). Coincidentemente, o filme fala de Ângela (Janet Gaynor) que é presa após tentar roubar dinheiro para pagar o remédio de sua mãe, mas consegue escapar do reformatório e se esconde em um circo. Lá conhece Gino (Charles Farrel), um pintor. Ângela quebra seu tornozelo e tem que se aposentar do circo, mas não pode voltar para Nápoles, onde ainda é procurada pelo roubo. Anos no futuro, em uma película de Paulo Caldas e Lírio Ferreira de 1996, chamada *Baile Perfumado* (filme centrado nas fotografias e filmes de Benjamim Abraão), há uma citação clara a Itabaiana. Era assim: "Ói, os firimento foram muitos. (...) O derradeiro (ferimento) foi coisa leve aqui no quadri, lá em Pinhão, 'Tabaiana', 1930". A descrição dos "ferimentos" de Lampião encontra-se também inserida no livro *Quem foi Lampião*, pg. 151, do renomado pesquisador/escritor, Frederico Pernambucano de Mello. Assim se deu a passagem pelo cinema de Capela com a aparelhagem de Itabaiana e no filme nacional. Acha pouco? Não viu nada, pule para o próximo parágrafo, cabra! Agora vamos aos coiteiros e intrigados. Segundo Luís Antônio Barreto em "Lampião em Sergipe II", publicado em 09 de julho de 2004, nas páginas do portal na internet, *Infonet*: "Antes de chegar a Poço Redondo em 29 de abril de 1929, Lampião esteve em Ribeirópolis, Pinhão e no povoado do Alagadiço, pertencente a Frei Paulo. Parecia procurar alguém ou reconhecer um terreno onde contava com amigos, como Otoniel Dória, de Itabaiana, terra de Volta Seca. A amizade entre Lampião e Otoniel Dória certamente evitou a entrada do cangaceiro e do seu grupo em Itabaiana. No dia

21 de abril Lampião estava em Ribeirópolis, de lá foi para Pinhão, voltou para Ribeirópolis, foi a Alagadiço, seguindo viagem até chegar a Poço Redondo, a terra que mais contribuiu com gente – homens e mulheres – para os bandos de cangaceiros". De Saco do Ribeiro (atual Ribeirópolis) Lampião manda uma piadinha para Itabaiana. Segundo Ranulfo Prata em *Lampião*, nas páginas 84 e 89, de 1934, diz: "Do Saco do Ribeiro-SE, lugarejo da fronteira (com Itabaiana), telefonou ao delegado de polícia e chefe de Itabaiana/SE, Otoniel Dórea, chamando-o de 'colega'. – Colega, por quê? indaga intrigada a autoridade. Explica Lampião: - Pruquê você é cego de um ôio cumo eu!", finalizou esse bate papo produtivo de mangações entre os dois cangaceiros (agora fui eu quem zoei kkkkkk).

Ainda em outros dois livros e em uma memória nada enferrujada, acabei encontrando outros fatos relacionados ao bando de Lampião à Itabaiana. Lendo há alguns anos um livro de semiverdades chamado *Os Tabaréus do Sítio Saracura*, de um amigo itabaianense chamado Antônio Francisco de Jesus (pense num cabra gente boa esse tal de Chico Saracura, fã de Breguedela), li um relato semifantasioso na página 116 chamado "Lampião no oitão da Tenda". O conto falava da passagem do Capitão pelo povoado Flechas, a poucos quilômetros de Itabaiana. Também, claro, poderia ser o bando de Zé Sereno ou de Corisco separados do grupo principal, como também o de Zé Baiano (que inclusive mataram-no aqui perto de Itabaiana no povoado de Frei Paulo, Alagadiço). Um trecho do conto (se quiser ler todo, compre o livro, oras): "Nessa passagem pelas Flechas, Lampião não fez mal a ninguém, a não ser a surra que deu na mulher de João de Ioiô, da Água Branca. Foi logo na chegada! O bando parou na bodega sortida, com a intenção de comprar algum mantimento. A mulher do bodegueiro afobou-se e desacatou o chefe com impropérios, pois era conhecida como abusada mesmo. Lampião mandou um cabra segurar a malcriada, levantou-lhe a saia e deu-lhe vinte rebengadas com gosto". Ao ser indagado sobre o fato, Tonho disse: "Rapaz, o povo conta, né?" Quem mora por essas bandas sabe muito bem como é isso.

—

Segundo relato citado em livros sobre Itabaiana e o cangaço é no livro autobiográfico de Ilda Ribeiro de Souza, mais conhecida como a Cangaceira Sila, esposa de Zé Sereno. O livro me foi cedido por Fefi que provavelmente será um dos primeiros a ler este texto. No livro de 1995, publicado no Recife e de nome *Sila, Memórias de Guerra e Paz*, ela relata algo extraordinário sobre Itabaiana. Segue-se adiante partes do capítulo que narra os fatos de 1938, depois da Tragédia de Angico, página 54, 55 e 56:

"(...) Ficamos no mato, nas terras de Sergipe, aquela cena triste não saia da nossa imaginação, andamos muitas horas sem trocar nenhuma palavra (...). Fomos para a fazenda de Etelvino (Mendonça), um fazendeiro de Itabaiana; era de confiança, amigo nosso e valente, porque para ter amizade com cangaceiro, precisava ser destemido e valente.

Zé Sereno disse a Etelvino, que eu precisava fazer um tratamento dentário. E indagou se podia fazer. Etelvino disse que eu podia ficar lá em Itabaiana, pois teria todo cuidado, em não atacarem. Então Zé disse a Etelvino, que eu ia me preparar e Etelvino ficou de marcar a hora, o dia do dentista (...). Fui para a casa de Etelvino, como estava combinado. Zé Sereno continuou no mato (...). Todo dia eu ia ao dentista com Etelvino. O dentista, porém, cheio de curiosidade, começou a me indagar:

– Onde você estudou? Onde comprou essas roupas? De onde você é? (Itabaiana nunca muda mesmo).

Saí da casa de Etelvino e fui para a casa de Fonseca, que também era amigo de Zé Sereno e delegado de Itabaiana. Terminei o tratamento.

Zé Sereno organizou um baile de despedida do cangaço, em Pinhão; como a força sergipana estava contra os cangaceiros, principalmente contra Zé Sereno (porque ele se entregaria às forças da Bahia), houve um tiroteio e um soldado foi morto.

Os macacos observaram e viram que eu não estava presente. Começaram então a me procurar. Fonseca soube dessa notícia.

Chegando em casa, contou-me sobre o tiroteio em Pinhão e falou: Em minha casa eles só tiram você se passarem por cima do meu cadáver.

Seguiu para a rua. O ambiente já estava calmo. Recebemos uma carta de Zé Sereno, avisando que ia mandar um coiteiro me buscar. Para sair da cidade, foi muito difícil; todos já sabiam que eu estava na casa de Fonseca e podiam me atacar para se vingar de José. O coiteiro chegou à casa de Fonseca, ele havia deixado os animais fora da cidade, para ninguém desconfiar. Saímos pelos fundos da casa à noite, pegamos os animais e seguimos. Zé Sereno já estava em um local me esperando (...)".

Segundo o advogado Bosco Carvalho, o dentista que tratou Sila foi Dr. Alfredo e segundo Fefi, o delegado Fonseca (mais conhecido em Itabaiana como Fonsequinha), foi indicado de "Dorinha", ou melhor, Otoniel Dórea. Outro comentário foi feito pelo ilustre Mozart Fonseca. Este jura de pé junto que o tal dentista que tratava cangaceiros era o senhor Antônio Agostinho de Oliveira, seu pai, que na época também era promotor público. Um fato marcante de nossa Itabaiana, esquecido pela cidade e lembrado na memória da já falecida ex-cangaceira e sócia-honorária da Sociedade Brasileira de Estudos do Cangaço (SBEC), Ilda Ribeiro de Souza, conhecida como Sila de Zé Sereno. Faleceu em São Paulo no dia 15 de abril de 2005. Ela era natural de Poço Redondo-SE e tinha 80 anos quando foi para o céu dos carneirinhos.

Lampião esteve pela primeira vez no Pinhão, que pertencia a Itabaiana nas décadas de 20 e 30. Segundo Juarez Conrado (*in memoriam*), no seu recém-lançado *Lampião: Assaltos e Mortes em Sergipe*, ele fala no capítulo 11 que "(...) Lampião esteve a 22 de abril de 1929 no lugarejo Pinhão, onde, embora não cometendo qualquer atrocidade, em companhia de Ponto Fino, Moderno, Corisco, Luís Pedro, Mariano, Arvoredo, Volta Seca (Menino), Labareda e Fortaleza, promoveu grande saque". Um personagem que guardou muito bem esse fato se chama Joãozinho Veneno que foi matéria do jornal *Cinform* em 06 de maio de 2001, na edição 942. João Batista da Costa, conhecido em Pinhão como Joãozinho de Danona ou Joãozinho Veneno, nascido em 04 de julho de 1914, no povoado Lagoas. Ele foi duas vezes vereador, caminhoneiro e delegado, tudo em Itabaiana. Pelas bandas de Itabaiana ele era conhecido como Joãozinho da Padaria, como relata Fefi e Zé Almeida ao serem perguntados se conheciam o cabra. Falecido em 05 de janeiro de 2007, viveu a vida inteira narrando os fatos da passagem de Lampião por duas vezes no Pinhão. "De dez palavras que falava, ele tinha que pôr Lampião no meio", relatou Zé Almeida. Um dos fatos mais marcantes, relatado por Joãozinho foi o seguinte: "Na passagem do bando de Lampião em 14 de outubro de 1938, o cangaceiro Zé Sereno matou o soldado José Paes da Costa". Com emoção ele continua seu relato: "Quando chegou a volante, que veio brigar aqui à noite, o Zé Sereno pediu ao soldado José Paes, que era amigo deles, para tirá-los da cidade, porque eles não conheciam muito bem a região. Zé Paes saiu com os cangaceiros e, mais adiante, depois de tê-lo guiado, sem mais nem menos Zé Sereno atirou nele, pelas costas, na traição. Não tinha motivo, foi só maldade", trecho da matéria do *Cinform*.

Voltando ao capítulo 11 do livro de Juarez Conrado: "(...) Entre os mais entusiasmados

pelo bando destacava-se o garoto Joãozinho, que aliás, fez amizade com o temível Zé Baiano, coisa impensável, em se tratando de um bandido cruel e sanguinário como ele". Pois é, o livro foi lançado dia 14 de abril de 2011, Joãozinho Veneno não se viu eternizado nas páginas do já falecido jornalista baiano que foi conversar com São Pedro aos 79 anos no dia 25 de outubro de 2010. Tá vendo? Era verdade de Joãozinho, muitos diziam que era lorota.

—

Mas não para por aqui as relações de Itabaiana com o cangaço. Agora vamos para Terezinha Teixeira Lobo, filha do ilustre retratista itabaianense João Teixeira Lobo, o Joãozinho Retratista. Segundo Dona Terezinha: "Papai tinha os negativos fotográficos que ele fez do bando de Lampião. Ele passou a vida inteira contando essa história e mostrando as placas de vidro em contraluz. Ele não os tinha revelado ainda, mas contava que seu Etelvino Mendonça o chamou na época (1929 e eu nem era nascida ainda) para tirar foto dos cangaceiros na fazenda deste. Chegando lá e vendo o bando, papai que não gostava de armas (nunca precisou de uma em toda sua vida), ficou amedrontado. Tanto foi que na hora de se fazer um dos retratos, papai disse ao ver as armas apontadas para ele em pose de foto, disse: 'virem essas armas pra lá, senão não faço a foto'; o medo das armas apontadas era maior que o temor ao bando naquele instante. Muitos anos depois ele sai de casa novamente para fazer umas fotos das cabeças do bando morto que passaram em cima de um caminhão por Itabaiana. Papai morreu em 1982 e junto com ele uma caixa de madeira contendo esses negativos que sumiram, ninguém sabe onde foi parar", finaliza pela décima vez dona Terezinha, senhora de boa prosa e feliz de quem tem alguns minutos com ela para um bom papo. Todas as vezes que me conta essa história eu fico pensando "onde estariam os negativos?"

Já sonhei inúmeras vezes com esse achado. Imaginem se achássemos e revelássemos as fotos do nosso Benjamim Abrahão Tupiniquim? Isso seria o achado fotográfico do século. Outro fator é que, Etelvino pode ter chamado Joãozinho para sua fazenda no Pinhão em 1929, este com 33 anos já e no auge da carreira de fotógrafo. Já em 1938 ele pode ter ido fazer fotografias de Sila, em sua passagem por Itabaiana ou até mesmo ido a Maceió ou Salvador fazer fotografias das cabeças recém arrancadas no fatídico 28 de julho de 1938. Terezinha era uma jovem de apenas oito anos de idade, mas cresceu ouvindo o pai contar essas histórias que foram enterradas pelo tempo.

Por fim, em 2009, em oficina de cinema do Curso e Colégio Alternativo, eu e um grupo de alunos produzimos um *stopmotion* de doze minutos chamado *Lampião em Itabaiana*, usando quatro maquetes, 120 bonequinhos de barro e mais de 4.000 fotografias para dar movimento a uma fictícia invasão de Lampião à Itabaiana em 1930. O filme está completo no YouTube em duas partes no www.youtube.com/roberioxiquita.

Cangaço, tema que nunca se esgota. Seja em livro, filmes, novelas, cordel, prosa popular, músicas, memória, desenhos, cicatrizes, capitalismo, linguagem, roupas, mentiras, piadas, comida, toadas, xilogravuras ou qualquer que seja a forma cultural de se localizar em meio ao cangaço, ele sempre estará presente. Seria assim o nosso *bang-bang do Old-West* norte-americano. Mas, se for assim, os cangaceiros seriam os índios Pele Vermelha e os mocinhos bonitões que atiram rapidamente sem pestanejar seriam José Osório de Farias, o famoso Zé Rufino e seu bando? Pensando dessa forma, será que Lampião foi bandido ou herói? Eu mesmo não me atrevo a me posicionar, só sei que se Virgulino tivesse vindo para Itabaiana ele teria sim asilo político e ai de quem mexesse com ele, tendo uns cabras valentes (citando Wanderlei da

Marcela), como General João Pereira, Otoniel Dórea, Manoel Leite Sampaio, Etelvino Mendonça e o delegado Fonseca. Imagine a cena, um novo bando de cangaceiros seria formado em Itabaiana. Bem, olhando o corpo do texto e relendo, vejo que nada mudou, pois Itabaiana ainda aporta assassinos, desocupados e coisas ruins. Os *Lampiões* existem e os *coiteiros* mais ainda. Proteção política e assassinatos são o que não falta na nossa Sucupira Sergipana que teima em continuar parada. *Hasta luego, fiducansos*!

* Robério Santos, sergipano de Itabaiana, é jornalista, professor, pesquisador e escritor, membro da Academia Itabaianense de Letras.

*Revista Omnia* (SE) – Maio, junho e julho de 2011

## HOMENAGEM A MARIA BONITA

Mariana Moreira

Desde criança, a jornalista e pesquisadora Vera Ferreira se debruça sobre as reminiscências da família. Ela é neta de Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião, e sua parceira constante, Maria Bonita. Depois de duas obras dedicadas à vida do avô, Vera agora esmiúça a biografia da avó, batizada como Maria Gomes de Oliveira. "Em todos os eventos relacionados a eles, minha avó foi coadjuvante. A figura de meu avô se sobrepõe à dela", avalia. Um ano depois de seu centenário, a dama do cangaço ganha homenagem à altura: o livro *Bonita Maria do Capitão*, organizado por Vera e por Germana Gonçalves de Araújo, será lançado hoje, às 17h30, no estande da editora Arco-Íris, na 1ª Bienal Brasil do Livro e da Leitura.

Foram três anos de pesquisas, que resultaram em um calhamaço de 325 páginas, com 42 colaboradores, nomes do quilate de Bráulio Tavares, Carybé, J. Borges, Jessier Quirino, Mino, Rachel de Queiroz e a atriz Tânia Alves. O recheio foi dividido em duas partes: a primeira contém informações biográficas, formando espécie de painel dos acontecimentos marcantes da breve biografia, já que a companheira de *Lampião* foi morta aos 27 anos.

Uma das preocupações, além de fugir do tom didático, é desmistificar passagens polêmicas que se consolidaram sobre o cangaço. "Há relatos de que meu avô entrou em uma vila no sertão, cometeu atrocidades e minha avó, não satisfeita, teria bebido sangue humano. Visitamos a região e os mais velhos nos disseram que o bando de Lampião nunca passou por lá", afirma Vera, atribuindo parte das histórias ao imaginário dos opositores do movimento e até da imprensa da época: clássico caso em que mito e personagem se confundem. Mas a intenção não é transmitir a ideia de que o bando era formado por anjos." Mataram sim, mas precisamos entender o porquê. Essa trama precisa ser entendida dentro de um contexto histórico", defende.

A outra metade reúne toda forma de expressões artísticas que tiveram Maria Bonita como tema ou inspiração. São fotografias raras, xilogravuras, cordéis, músicas, cenas de filmes, peças de artesanato. Entre elas, desenhos que Aldemir Martins criou para a peça Lampião, de Rachel de Queiroz, em 1953, e o desfile organizado pela estilista Zuzu Angel, na Nova Iorque de 1969, inspirado na estética do cangaço.

YOKO ONO

A pesquisa feita com cordéis é um capítulo à parte. Foi preciso vasculhar extenso material, já que esse tipo de literatura, mais uma vez, centra os holofotes no marido da homenageada. Mas alguns exemplares foram encontrados e incluídos no material. O mais divertido remete a uma batalha entre Maria Bonita e a japonesa Yoko Ono, mulher de John Lennon. Até mesmo o marcador do livro, um tecido com aplicações florais em vermelho e amarelo, reproduz o bordado das luvas que a sertaneja usava.

Além disso, uma exposição, com 24 imagens (disponíveis no livro) plotadas em tecido percorre o país. São objetos de uso pessoal, como joias, réplicas de roupas, copos, punhais e até uma arma da sertaneja mais arretada de que se tem notícia. Também está exposta uma manequim que reproduz a célebre foto de Maria Bonita, sentada em um banco, com chapéu pousado sobre as pernas, a expressão altiva. A boneca ganhará aplicação de cabelo natural e estampará o rosto e as mãos da cangaceira. A abertura foi em Salvador, no estado natal de Maria, e a previsão é passar por Aracaju, Maceió, Caruaru e pelas grandes cidades do país, incluindo Brasília.

*Correio Braziliense* (DF) – 14.04.2012

## TRAIÇÃO E MORTE NO CANGAÇO

Archimedes Marques*

Consta da história que o sanguinário e impiedoso cangaceiro Zé Baiano, chefe de um dos grupos de Lampião, atuava principalmente na região de Frei Paulo e adjacências, no nosso querido Estado de Sergipe, inclusive era um rico bandido que tinha a audácia de também ser um forte agiota, emprestando vultuosas quantias dinheiro a juros exorbitantes para fazendeiros e comerciantes daquelas cercanias. Dizem que alguns enriqueceram às custas do dinheiro sujo de Zé Baiano e fizeram nome no cenário sergipano, vez que com a sua morte acabou-se as dívidas, ou seja, tais dívidas foram perdoadas pela "Providencia Divina".

O famoso bandoleiro ferrador Zé Baiano, apesar da sua feiura em todos os sentidos, tinha o privilégio de ter como companheira a mais linda e atraente das cangaceiras, Lídia Pereira de Sousa, uma linda cabocla mestiça da região de Glória, hoje Paulo Afonso, na Bahia, uma jovem que teve antecedentes "raceados" com estrangeiros, por isso ser "loira amanteigada" e de pele "rosa caramelizada".

Contaram os remanescentes do cangaço, mais de perto os então cangaceiros sobreviventes e alguns ex-coiteiros e protetores de Lampião, que a estonteante Lídia era daquelas mulheres de "fechar quarteirão", de deixar todos os cabras-machos "babando" de desejo, principalmente quando se apresentava saindo dos rios ou lagoas em vestido molhado e colado ao seu estrutural corpo. Diziam ser um verdadeiro deslumbre de se ver a cangaceira Lídia no seu andar provocante e "reboculoso" a balançar as suas bem torneadas curvas, enfim, "quando Deus a desenhou ele estava namorando". Trocando em miúdos, Lídia era um espécime raro dos sertões, mas que infelizmente não há uma fotografia sequer para assim comprovar tão provocantes prerrogativas

Por isso era admirada e desejada por todos os cangaceiros, mas ninguém se atrevia a dar uma "cantada" na moça, até porque, apesar de todos ali serem bandidos perigosos, havia muito respeito dentro do acampamento. Essa era uma das regras impostas e prova inconteste da liderança e comando de Lampião, ou seja, exigia o chefe, acima de tudo, que todos se respeitassem mutuamente e que só houvesse sexo entre os casais devidamente conquistados e efetivados. Além disso tudo, o próprio Zé Baiano, pela sua crueldade, era dos mais respeitados dentro do bando e mais ainda fora do acampamento, onde quer que chegasse. O seu nome fazia arrepiar e tremer de medo qualquer um, talvez até mais do que o próprio Lampião que era bem mais complacente e compreensivo. Um temível cangaceiro acostumado a ferrar mulheres com ferro em brasa com as iniciais JB nos seus rostos, virilhas ou nádegas somente pelo simples fato delas usarem cabelos curtos, maquiagens ou roupas decotadas. Enfim, um psicopata impiedoso, ignorante em todos os sentidos que matava, estuprava, roubava e torturava as suas vítimas sem dó ou piedade.

Ocorre, porém, que o desejo da carne terminou sobrepondo todos os perigos possíveis e assim a linda cangaceira Lídia terminou por ceder ou mesmo procurou os encantos do cangaceiro apelidado por Bem-te-vi, de nome próprio Ademorcio, um conhecido da sua infância e com ele passou a cometer adultério em eloquentes e quentes encontros sexuais dentro do mato quando da ausência de Zé Baiano no acampamento. No entanto, o cangaceiro Coqueiro que também já estava de olho em Lídia há algum tempo e até desconfiado que ela traia Zé Baiano com o Bem-te-vi, certo dia seguiu os dois quando eles entraram disfarçadamente na mataria, pegando-os em flagrante na hora do esbraseante sexo. Daí fez uma proposta para a Lídia que se ela também

mantivesse relações sexuais com ele, o segredo ficaria somente entre os três, caso contrário ele contaria tudo a Zé Baiano. Indignada, a corajosa Lídia retrucou agressivamente com palavras de baixo calão o cangaceiro Coqueiro e sua indecente chantagem.

Então, naquela mesma noite, quando todos estavam reunidos em volta a uma fogueira, contando e recontando as diversas histórias de Trancoso, histórias de assombração, histórias de botijas e histórias diversas das guerras do cangaço, o bandido flagranteador Coqueiro provocou a Lídia que apesar de tudo não arrefeceu mostrando força, coragem e determinação mesmo sabendo que tal gesto poderia valer a sua própria vida.

Presentes estavam os maiorais do cangaço que "lavaram as suas mãos" sem interferirem na decisão, a exemplo do supremo chefe Lampião com a sua companheira Maria Bonita e de outros da sua inteira confiança como Corisco e sua companheira Dadá, Luís Pedro, Moreno, Virginio e Labareda, além do próprio traído, cangaceiro Zé Baiano. Corajosa, afoita, determinada, atrevida no atrevimento suicida das mulheres decididas da época e até mesmo inconsequente para o momento, Lídia repeliu o seu companheiro surpreso e enlouquecido de raiva e ódio, Zé Baiano, exclamando em alto e bom som: Estive com ele, sim!... Que tem isso?... O que é meu eu dou a quem quero!...

Enlouquecido em místico de vergonha, raiva, ódio e desespero ao mesmo tempo, Zé Baiano arrastou Lídia até uma árvore ali perto e após amarrá-la, matou-a impiedosamente a cacetadas e depois chorou copiosamente a perda do seu grande amor, enterrando o seu tão desfigurado corpo do que antes tinha sido uma linda mulher, a sublime cangaceira dos "chamegantes" olhos esverdeados. Para ele a sua honra fora lavada com o sangue da traidora. A partir de então Zé Baiano que já era malvado ficou ainda pior, principalmente contra as mulheres.

Já o cangaceiro delator, Coqueiro, foi morto ali mesmo por ordem de Lampião no momento em que Lídia disse que ele assim tinha denunciado o fato em contrapartida dela não ter aceitado também transar com ele. Por sua vez, o cangaceiro Bem-te-vi logo no início da conversa, de um pulo, tal qual uma Jaguatirica, tratou de fugir na escuridão, mato adentro em desabalada carreira para nunca mais se ter notícias dele.

Segundo os historiadores, tão feroz "feminicídio" (aos olhos de hoje), ocorreu próximo ao riacho Quatarvo, localizado nas terras da fazenda Paus Pretos, de propriedade do grande coiteiro de Sergipe, Antônio Caixeiro, pai do então governador Eronides Ferreira de Carvalho. Infelizmente, também ninguém encontrou a provável cruz da Lídia, enterrada nas cercanias.

Era um tempo atroz em que não se aceitavam traições femininas em hipótese alguma e quem assim se atrevesse a contrariar as regras pagava com a sua própria vida.

* Archimedes Marques. Escritor, pesquisador e Conselheiro do Movimento Cariri Cangaço. archimedes-marques@bol.com.br

## LAMPIÃO: ESTRATÉGIA E PERMANÊNCIA HISTÓRICA

Rangel Alves da Costa*

A verdade é que a história não escolhe cenários, paisagens ou contextos para produzir os seus feitos. Do mesmo modo, ela não escolhe os homens, os personagens e aqueles que mais tarde estarão nos seus anais e reconhecidos como vultos. Os percursos e as ações vão ditando os acontecimentos e o reconhecimento dependerá da forma como o indivíduo se situou perante as situações. Contudo, homens existem que parecem nascidos para influenciar no seu tempo e entrar para a história.

E assim ocorreu com Lampião, numa junção de diversos fatores. A importância histórica de Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião, não se perfaz apenas no homem, no líder, mítico e estrategista, mas principalmente no contexto social, humano e geográfico, onde assentou sua fama e reconhecimento. Desse modo, a importância histórica conquistada pelo maior dos cangaceiros deve ser reconhecida como fruto de um contexto – terra e luta – e não apenas pelas suas ações de comandante do famoso bando.

Há de se reconhecer – ainda que tal concepção divirja do pensamento de muitos estudiosos do cangaço – que o sertão enquanto espaço social e geográfico foi o maior responsável pela fama conquistada por Lampião. E não apenas o contexto social e a terra sertaneja, mas o que nela estava germinada e proliferou: o mando, a pobreza, a injustiça, os arranjos políticos e a submissão de um povo. Um fosso terrível entre o poder político e coronelista e o pobre e subjugado homem da terra.

Tem-se, pois, que o rei do cangaço agiu dentro de um cenário completamente tomado por injustiças, por descontentamentos e profundas e problemáticas divisões sociais, pavio embebido para revoltas e vinditas sangrentas. Quer dizer, com Lampião ou sem Lampião o cenário já estava devidamente montado para o surgimento de insurgências e estopins, de contestações e confrontos. E qualquer sertanejo destemido podia chamar para si a responsabilidade da luta, como já havia acontecido com outros líderes de bandos primitivos.

O que o Capitão Virgulino fez – e aí talvez esteja seu maior reconhecimento – foi utilizar com maestria aquele cenário de descontentamento para levar adiante uma guerra que nasceu de cunho pessoal, familiar, a partir de rixas sangrentas de vizinhança na sua terra natal. Mas ele, já tendo feito parte do bando de Sinhô Pereira, não podia mais arregimentar homens com motivos de vinganças pessoais, eis que seu inimigo agora era outro: era o poder corruptor, opressor, injusto.

Desse modo, além das armas próprias, tomou como artilharia a seu favor o próprio sertão. Sua fama de comandante, de líder, de estrategista, está aí. Inegável o seu poder de convencimento, a sua mítica atraindo jovens descontentes para suas hostes, a sua força para justificar uma luta aparentemente impossível de ser vencida. E de repente a maior parte da população sertaneja, mesmo que o temendo, se sentindo também reconhecida naquela luta.

Não são todos os homens, mesmo conhecendo caatingas, veredas, esconderijos e sendo protegido pelos do lugar, que conseguem reinar imbatíveis durante tantos anos. E foram cerca de vinte anos nas brenhas, atacando, fugindo, saindo vitorioso diante das maiores armadilhas

do inimigo. Mas nada disso foi conseguindo ao acaso, por golpes de sorte ou pela ajuda de informantes sertanejos.

A sabedoria de Lampião estava em todas as vertentes, desde o trato com o humilde homem da terra ao coronel dono do mundo. Chamou para o seu lado uma leva de coiteiros que não apenas indicavam os lugares mais seguros para o repouso do bando, como serviam de mensageiros e traziam até os coitos tudo aquilo que os cangaceiros precisassem. Era também amigo dos fazendeiros e lideranças de cada região, tendo as portas abertas assim que despontasse nos arredores.

Contudo, nada incomparável à sua inteligente teia de relacionamentos com pessoas politicamente influentes e coronéis poderosos. Foi das mãos do Padre Cícero que recebeu a patente de Capitão, ordenada pelo próprio Estado, numa inútil tentativa que combatesse a Coluna Prestes. Mantinha correspondência com a nata coronelista e por ela era recebido quando bem desejasse. O poderio bélico do bando não seria possível sem a ajuda desses senhores do latifúndio e do mando.

Neste aspecto, até que se poderia ter como incoerência uma luta contra as injustiças praticadas pelo poder e ao mesmo tempo deste receber benefícios. Ora, também uma estratégia de Lampião, a sobrevivência e a permanência da luta, ainda que com as armas do inimigo a ser combatido. Até no episódio de sua morte o líder cangaceiro deixou vestígios de sua descomunal tática de deixar rastros imprecisos por onde passasse.

Por mais que historicamente se tenha o 28 de julho de 38 como o dia em que foi emboscado e morto junto com Maria Bonita e mais nove cangaceiros, na chamada chacina de Angico, até hoje as controvérsias afloram acerca desse fato. Alguns até afirmam que ele não estava mais lá quando a volante cercou o bando, outros dizem que suas sete vidas permitiram que fugisse ileso. E a partir daí, e por muitos anos, vivesse gracejando de sua própria morte.

Fato é que é o homem ainda continua vivíssimo na História. E deixando uma leva de historiadores e pesquisadores atabalhoados em seus rastros.

*Rangel Alves da Costa é advogado e escritor Membro da Academia de Letras de Aracaju blograngel-sertao.blogspot.com

*Jornal Do Dia* (SE) – 02/07/2014

## LAMPIÃO: AS FACES E AS VERSÕES

Rangel Alves da Costa

O cangaço, enquanto fenômeno social dos sertões nordestinos, ainda hoje é construído e reconstruído segundo as muitas versões surgidas. Atrás de seu conceito sempre persistem indagações que vão sendo preenchidas segundo as vertentes abraçadas pelos historiadores.

É como se tivessem existido vários mundos dentro do próprio mundo cangaço. Tanto

assim que os fatos vão sendo sempre recontados de forma diferenciada, como se negando verdades nascidas desde outros tempos. E quando se trata sobre Virgulino Ferreira da Silva, o Capitão Lampião, então tudo se desanda mesmo.

Existiram quantos Lampiões dentro de um só Lampião? Sim, aquele mesmo nascido Virgulino Ferreira da Silva, quantos existiram? Quantos homens couberam num só corpo e numa só feição daquele nordestino arretado que um dia se insurgiu contra o mundo dos poderosos (ao menos em parte)?

Ora, ante o emaranhado que se tornou a história do cangaço, perante os labirintos que a todo dia colocam a saga dos homens das caatingas, há de se perguntar quantos Lampiões existiram naquele único e famoso Lampião. Assim há de ser sob pena até se duvidar sobre a sua real existência. Ora, por vezes chega a parecer que nem se fala de homem, mas de um ser mítico, imaginado na crendice popular.

Diante das histórias e mais histórias, ante as lendas e os mitos que se propagam a seu respeito, diante das inúmeras versões para os mesmos fatos, não há como não perguntar quantos Lampiões existiram naquele rei cangaceiro, naquele Lampião desgarrado de seu Pernambuco, de sua Vila Bela, e tomando o mundo nordestino de assalto.

As datas sobre alguns eventos de sua vida são tão discordantes que até parecem se tratar de pessoas diferentes. Igualmente com relação à sua infância, ao seu batismo, à sua criação. Para muitos até Lampião já nasceu cangaceiro. Até mesmo filmes enveredam num imaginário difícil de acreditar.

Vários, muitas pessoas, num só ser humano. Assim com Virgulino Ferreira da Silva, mas principalmente com Lampião. O herói, o bandido, o religioso, o facínora, o covarde, o estrategista, o líder, o dominado, o carrasco, o comedido, tudo isso numa só pessoa.

Tudo isso numa só pessoa, num só Lampião, por que é assim que sua imagem é propagada, segundo a intuição da pessoa que de um modo ou outro o concebe. O mais espantoso é que dificilmente Lampião é visto a partir dele mesmo.

Comumente, a história trata o homem pela sua saga e não pela sua sina. Desse modo, Lampião é quase sempre estudado e definido como o cangaceiro. Apenas. Lampião cangaceiro, líder de bando, carrasco, a frieza peçonhenta das matas.

Mas também como o injustiçado, como o ferido desde o seio familiar, como o odioso levado pela vingança. Ainda neste sentido, o homem já gestado em meio à violência e, portanto, o cabra marcado a se eximir de si mesmo para conviver com outra realidade.

Daí uma indagação: Quantos pesquisadores, estudiosos do cangaço e pesquisadores, já se voltaram mais para Virgulino, o homem, e não priorizaram tanto Lampião, o cangaceiro? A verdade é que a história do mito de vez em quando se esquece da origem.

E assim por que além do Lampião em si, o cangaceiro das caatingas, existia um homem chamado Virgulino Ferreira da Silva. E somente se conhecendo a história do homem é que se pode chegar ao desvendamento daquilo que o destino lhe reservou.

A construção da história do homem através da história do mito, invariavelmente provoca a construção de identidades diferentes, contraditórias, até que se negam a si mesmas.

Uma hora Lampião é o devoto e temeroso dos castigos de Deus, outra hora é o que observa passivamente crianças sendo lançadas ao alto para serem apanhadas pela ponta do punhal.

Nada de exagero. É assim que dizem, seja mentiroso ou não. O Lampião devoto de Padre Cícero e de Nossa Senhora, mas ao mesmo tempo aquele que consentiu com as maldades de Zé Baiano, o carrasco ferrador.

Então, quantos Lampiões dentro de Lampião existiram? Há o Lampião que foi morto na chacina do Angico, há o Lampião que foi envenenado, há o Lampião que sequer estava no coito sangrento naquele alvorecer sertanejo, há o Lampião que fugiu, há o Lampião que morreu já centenário lá pelas Minas Gerais. Então: quantos cangaceiros existiram num só homem?

Dizem até que Lampião foi comunista. Dizem e tentam provar. E também aquele Lampião "amulezado", segundo a insanidade de alguns. Contudo, o mais difícil mesmo parece mesmo é conhecer aquele Virgulino antes de se tornar Lampião.

Afirmar simplesmente de seu banditismo é prova maior do total desconhecimento de sua história, principalmente familiar. Afirmar de seu heroísmo é igualmente desconhecer das maldades consentidas e pactuadas enquanto líder maior de seu bando.

Então, quantos Lampiões na face de Lampião existiram? Tal resposta certamente jamais será obtida. Prova maior é que todo dia surge um novo livro contando a história de um Lampião diferente.

*Jornal O Dia* (SE) - 18/06/2017

## IMAGEM DO CANGAÇO

Elise Jasmin
Tradução André Teles

PERSEGUIDOS SEM TRÉGUA durante aproximadamente 20 anos pelas forças da ordem, Lampião e seu bando de cangaceiros atravessaram, devastaram e saquearam o sertão do Nordeste. Desafiaram não só as autoridades policiais e políticas da região, como também o poder central do Brasil.

Guerreiros valentes para uns, brutos sanguinários para outros, os cangaceiros sob o comando de Lampião atuaram de 1922 a 1938, data em que as forças da ordem puseram fim ao seu reinado de terror.

Surpreendidos numa emboscada, Lampião, sua mulher e nove de seus companheiros encontraram a morte em 28 de julho de 1938, na grota do Angico, no Estado de Sergipe. Foram todos decapitados. Suas cabeças foram levadas de cidade em cidade e expostas em praças públicas com uma *mise-en-scène* estuda. Em seguida, foram examinadas por médicos-legistas, que nelas tentaram detectar estigmas de monstruosidade, e depois exibidas no museu ligado ao Instituto Nina Rodrigues, da Bahia, até 1969, quando grandes multidões se deslocavam para vê-las. [...]

Nascido em 1898 no sertão de Pernambuco, na região do Pajeú, que foi o berço do can-

gaço e de onde saíram seus ilustres predecessores – Cabeleira, Antônio Silvino, Sinhô Pereira, Casimiro Honório –, Lampião, a princípio, é fruto de uma sociedade marcada pela violência, na qual é forte a tradição do banditismo de honra.

Lampião, em 1922, toma a frente de um movimento que, sob muitos aspectos, ele revolucionará. Chefe de bando, instituíra rituais, valores e um estilo de vida bem específico no seio do grupo. Fez do cangaço um modo de vida, até mesmo uma profissão; percorreu, dominou e devastou um imenso território à frente de um grupo que contou até cem homens, fragilizando o equilíbrio político e econômico do Nordeste brasileiro e colocando em perigo a autoridade e a legitimidade do poder de Estado no sertão.

À frente de seu bando de cangaceiros, Lampião atacava e arrasava propriedades e vilarejos, extorquia parte da população, introduzindo o rapto em seus métodos crapulosos e jogando sutilmente com os antagonismos de clã entre os potentados locais. O recurso a uma violência sem limites, à castração, às mutilações, à marcação com ferro em brasa permitiu a Lampião aterrorizar os sertanejos que não o apoiavam e consolidar sua reputação de crueldade.

## Lampião em Filme

Enquanto as forças da ordem não conseguiam agarrar o Rei do Cangaço em seu antro, este último teve o topete de aceitar a oferta do fotógrafo e cameraman Benjamin Abrahão para fazer um filme sobre a atividade de seu bando. [...]

[Nas cenas], os cangaceiros aparecem nas mais diversas atividades, dançando, rindo, Lampião costurando, lendo um livro de Edgar Wallace, sendo penteado por Maria Bonita, dando ordens, exibindo com orgulho o armamento do grupo e demonstrando sua capacidade militar, acariciando dois cães, escrevendo uma carta com uma pena, passando em revista seu estado-maior [...]

Nessa época de sua vida, Lampião não tem mais como única ambição ser um chefe guerreiro; exerce também outras funções no seio do grupo: introduziu a leitura do ofício religioso, é encarregado das relações com os potentados locais e os ricos fazendeiros a quem recebe em audiência, como um monarca; arbitra os litígios no âmbito do grupo, lê, para seus companheiros, poemas de cordel e artigos de jornais, sobretudo os que lhe concernem. [...]

Lampião insistia em ser fotografado com um livro ou uma revista na mão, lendo artigos sobre si próprio. Para um homem com pouca instrução, mas que alcançara grande notoriedade, emulava os notáveis e políticos importantes do sertão, conquistara um território e falava de igual para igual com as autoridades governamentais do Nordeste, era de extrema importância mostrar que sabia ler e escrever.

Lampião lia muito; escrevia em média três cartas por dia, a maioria pedidos de resgate, cartas de ameaça ou desafios aos inimigos. A escrita de Lampião era quase fonética e evocava o sotaque nordestino, confinando-o à sua região e à sua classe social, o que fazia a alegria dos jornalistas e escritores da época. Totalmente consciente do fosso existente entre sua escrita e a dos livros ou jornais, nunca sentiu vergonha por isso e continuou a se comunicar por escrito. [...]

Publicadas na imprensa, as fotografias de Lampião e seus cangaceiros constituíam uma verdadeira provocação e foram certamente percebidas pelas autoridades policiais e governamentais como um desafio ao qual era preciso reagir.

## Batalha de Imagens

Às fotografias ilustrando os sucessos, a riqueza e a invencibilidade de Lampião cumpria então opor imagens eficazes, indicando nitidamente onde estavam o poder e a ordem. Ao espetáculo de um bandido invulnerável, a despeito de perseguido durante duas décadas, respondiam imagens traduzindo uma vontade férrea e uma autoridade implacável.

Ao lermos os jornais do litoral nordestino, fica claro que a fotografia desempenhou um papel não desprezível na instalação dessa relação de forças entre Lampião e seus adversários. Ao mito de Lampião irão opor um contramito: o do oficial e soldado das volantes disposto a destruir uma das formas mais espetaculares de barbárie do sertão. Depois de mais de 20 anos no cangaço, Lampião podia se gabar de ter se tornado um personagem público.

No fim dos anos 1930, não sobrevivia mais graças a seus feitos guerreiros, e sim porque tinha conseguido tecer toda uma rede de relações de clientela e corrupção no interior do Nordeste. Parecia quase evidente que as forças policiais acomodavam-se a esse estado de fato.

Essa rede, todavia, não foi capaz de resistir ao sistema autoritário imposto pelo Estado Novo a partir de 1937. Para o regime de Getúlio Vargas, com efeito, era inadmissível que Lampião pudesse continuar a desafiar não só as autoridades policiais, como todo o sistema político centralizador sobre o qual repousava a ditadura recém-instaurada.

A pretexto de impedir qualquer manifestação de desordem no território nacional, o Estado Novo, em 1937, incluiu Lampião e seus cangaceiros na categoria dos "extremistas". A sentença não demorou a sair: a ordem era mata-los.

## Espetáculo da Morte

Em 28 de julho de 1938, Lampião e parte de sua tropa foram surpreendidos pela volante do tenente João Bezerra, em consequência da traição de um de seus coiteiros. Uma vez "terminado o massacre", a força volante decapitou os cadáveres e partiu com as cabeças em direção à cidade de Piranhas (AL), onde o povo pôde finalmente "regozijar-se" com o fim de Lampião, "a própria encarnação da morte".

Numa espécie de resposta à alegação de onipotência e invulnerabilidade do célebre cangaceiro, exibiram as cabeças como troféus, a fim de mostrar aos olhos do mundo que aquele corpo fechado, impermeável às balas e ao facão, podia ser fragmentado.

A morte de Lampião foi encenada, e seus adversários recorreram a todo tipo de simbólica religiosa: transportaram as cabeças de Lampião e de seus companheiros de cidade em cidade, de vila em vila, numa espécie de procissão macabra, misturando tradições solenes e manifestações de um entusiasmo mais ou menos espontâneo, fogos de artifício e banda de música acompanharam o cortejo macabro.

Uma das primeiras preocupações dos organizadores e jornalistas presentes foi fotografar os diferentes momentos daquela cenografia sinistra e repassar as imagens para a imprensa. Uma das mais célebres, ilustrando a tragédia final, é incontestavelmente a que mostra as cabeças de Lampião e de seus companheiros dispostas no adro da igreja de Sant'Ana do Ipanema: essa fotografia é produto de uma *mise-en-scène* bastante elaborada.

As cabeças dos 11 cangaceiros foram dispostas num pano branco estendido sobre os degraus da igreja. Em volta de todas essas cabeças foram distribuídos, com grande esmero na simetria, as armas, cartucheiras, embornais e chapéus dos cangaceiros, bem como duas máquinas de costura.

A disposição das cabeças não foi aleatória: a de Lampião, o chefe, o instigador, o ar-

quiteto, o "Rei do Cangaço", foi isolada das dos outros, está no primeiro plano, na base da composição. Os símbolos da riqueza e da força guerreira dos cangaceiros estão ali, moldura e ao mesmo tempo cenário de uma espécie de natureza-morta macabra. Esses vestígios – bordados, ornamentos, moedas de ouro – de um brilho que nos dizem estar definitivamente perdido contrastam violentamente com as cabeças cortadas, remetendo infalivelmente aquele que observava ao ato de decapitação e profanação do cadáver.

Entretanto, a despeito da vontade de perenizar a morte física e a destruição de Lampião mediante imagens irrefutáveis, o mito da imortalidade desse herói persiste, expandindo-se ainda nos dias de hoje: mesmo diante das cabeças dos cangaceiros mortos, alguns sertanejos não acreditaram na morte de Lampião. Não acreditaram no que lhes era apresentado como uma evidência: nenhuma imagem-prova, nenhum suporte visual, seja qual for, pode resistir à força da crença.

*Trecho do artigo sobre a iconografia de Lampião que integra conflitos: *Fotografia e Violência Política no Brasil 1889-1964*, com organização de Heloisa Espada e Angela Alonso

*Folha de S. Paulo* (SP) – 03.12.2017

## A ETERNIDADE DE LAMPIÃO

Rangel Alves da Costa

A 28 de julho, como em todos os anos, muitos eventos relembraram o tragédia vespertina que pôs fim ao cangaço e este ano, de modo específico, os oitenta anos da Chacina de Angico ou da morte de Lampião. Com efeito, naquela fatídica manhã de 28 de julho de 1938, na Gruta do Angico, em Poço Redondo, sertão sergipano, a volante alagoana cercava o coito e disparava uma rufada de balas para, a partir daí, cravar o cangaço de vez na história. E também para tornar Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião, em verdadeiro mito. Mito eterno, imorredouro, pedra fincada na história, e disso não há que duvidar. Ou um mito encravado num labirinto tão perfeitamente tecido pelo próprio cangaceiro maior, que até hoje sua chama se revela se que ninguém consiga decifrar todas as suas vertentes. E quanto mais o tempo passar mais Virgulino Lampião, O Capitão do Sertão, permanecerá como estátua imponente nos livros, nas memórias e principalmente nas indagações.

Naquele 28, o fatídico dia, morreram Lampião, sua Maria Bonita e mais nove cangaceiros. Pelo lado dos atacantes (volantes), apenas um: o soldado Adrião. Mesmo em meio às inúmeras histórias fantasiosas e das constantes indagações surgidas sobre o episódio, a verdade é que a morte do cangaceiro maior apenas fez nascer o mito. E o mito imortalizado. Ora, Lampião continua mais vivo do que nunca, continua mais presente do que nunca, continua mais fincado nos sertões do que nunca. Nem as armas, as munições, o punhal e a degola conseguiram matar completamente Lampião. E se todo um exército disparasse contra ele – e

somente ele –, ainda assim não conseguiriam dizimá-lo de vez. Todos os exércitos do mundo jamais colocaria fim ao cangaceiro maior.

Quanto mais morto mais vivo ele está. Quando mais se passam os anos da chacina mais ele é avistado e visitado não só no Angico como por todo o Nordeste. Todo mundo procura Lampião, todo mundo segue os passos de Lampião, todo mundo dialoga com Lampião. Pode-se, então, dizer que um homem deste morreu?

Não morreu e certamente não morrerá. E a cada ano parece que ele rejuvenesce, fortalece-se ainda mais. Nunca se procurou tanto por Lampião como agora. Nunca se escreveu tanto sobre o cangaço e o seu líder maior como agora. Nunca abraçaram a saga cangaceira como agora. A bem dizer, o cangaço deixou de ser um fenômeno acadêmico, de temática mais afeita ao estudioso e pesquisador, para se tornar de intenso interesse popular.

A popularidade que o cangaço vem alcançando é fato verdadeiramente espetacular. Os eventos realizados (principalmente aqueles que levam a marca Cariri Cangaço) demonstraram bem o interesse do povo, do homem comum, da terra, pelo seu passado e pela saga percorrida na sua estrada. Lampião já não é visto como "bicho-papão", como figura aterradora, como o "além-inexplicável".

Lampião popularizou-se de tal forma que todos agora querem ter a "honra" de guardar consigo ao menos uma pequena lembrança daquela história. Por isso mesmo que as missas do cangaço são tão concorridas, que centenas de pessoas se embrenham nas matarias e carrascais para homenagear o Capitão e os demais que com ele tombaram. E são jovens, adolescentes, pessoas cujo interesse maior é apenas vivenciar, ao menos agora, aquele misto de realidade trágica com trama aventureira.

Por que fazem assim? Simplesmente pelo descortinamento da outra face do cangaço. Demorou muito, mas aos poucos foram entendendo que o cangaço não foi somente o mal, o sangue jorrando, a atrocidade, a covardia, a morte e o medo. Foram compreendendo, sim, o cangaço enquanto história, enquanto realidade vivenciada por um por um povo do seu mesmo berço sertanejo e nordestino.

E Lampião deixou de ser o cangaceiro, apenas o cangaceiro, para se transformar num homem que, mesmo odiado, merece ser reverenciado pela luta e pela tenacidade. Já não se discute apenas se foi herói ou bandido, e sim a motivação e o contexto de sua luta, mas principalmente seu poder e força em ser aquilo o que foi: indiscutivelmente um homem que fez da luta bandida uma ação heroica.

Um homem que viveu o seu tempo para eternizá-lo e eternizar-se, fincando para todo o sempre a imorredoura estátua da instigante presença. Daí que já não se fala em amores ou ódios por Lampião. A unanimidade agora é apenas Lampião. O todo tão vivo e tão buscado. Aquela presença que está em Angico, está nos livros, está na mente de cada um. Aquele que esteve, aquele que está e sempre estará. Se fosse apenas a maldade em pessoa continuaria com tamanha presença?

Ele ainda está e continuará por que foi além de todo o bem e de todo o mal. Eterniza-se, pois, o homem de mil ou de todas as vidas, o Virgulino, o Lampião, o Capitão.

*Jornal O Dia* (SE) – 19.08.2018